



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO

REGIANNY LIMA MONTE

**Cidades sobrepostas: o processo de
modernização e segregação urbana em
Teresina (1990-2010)**

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Regianny Lima Monte

3. Título do trabalho

Cidades sobrepostas: o processo de modernização e segregação urbana de Teresina (1990-2010)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **REGIANNY LIMA MONTE, Discente**, em 21/10/2021, às 21:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio De Menezes, Professor do Magistério Superior**, em 22/12/2021, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2120129** e o código CRC **7CF27F3F**.

Referência: Processo nº 23070.008292/2021-33

SEI nº 2120129

REGIANNY LIMA MONTE

**Cidades sobrepostas: o processo de
modernização e segregação urbana em
Teresina (1990-2010)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História em 2021, da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG) como requisito para obtenção de Doutora em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Poder, Sertão e Identidades

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio de Menezes

GOIÂNIA
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

MONTE, Regianny Lima

Cidades sobrepostas [manuscrito] : o processo de modernização e segregação urbana em Teresina (1990-2010) / Regianny Lima

MONTE. - 2025.

CCCLIX, 359 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio de Menezes.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2025.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui mapas, fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Cidade. 2. Modernização. 3. Segregação Urbana. 4. Pós Modernidade. 5. Teresina. I. Menezes, Marcos Antônio de, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº **009/2021** da sessão de Defesa de Tese de **Regianny Lima Monte** que confere o título de Doutor(a) em **História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **vinte e seis dias do mês de fevereiro do ano de dois e vinte e um**, a partir da(s) **14h**, via **videoconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada “**Cidades sobrepostas: o processo de modernização e segregação urbana de Teresina (1990-2010)**”. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Marcos Antônio de Menezes (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Francisco Alcides do Nascimento (UFPI)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Eliézer Cardoso de Oliveira (UEG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Murilo Borges Silva (UFG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Aguinaldo Rodrigues Gomes (UFMS)**, membro titular externo. Durante a argüição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do **trabalho**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Marcos Antônio de Menezes**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e seis dias do mês de fevereiro do ano de dois e vinte e um**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Jiani Fernando Langaro, Coordenador de Pós-graduação**, em 07/04/2021, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio De Menezes, Professor do Magistério Superior**, em 07/04/2021, às 12:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Murilo Borges Silva., Professor do Magistério Superior**, em 14/04/2021, às 11:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1876048** e o código CRC **2E1257F9**.

Referência: Processo nº 23070.008292/2021-33

SEI nº 1876048

À Helena

Agradecimentos

Um trabalho de Pós-Graduação *Stricto Sensu* é antes de tudo fruto de um desejo muito particular e individualista, dificilmente faz parte de um projeto idealizado por um número maior de pessoas, sequer é compreendido pelas demais pessoas que nos rodeiam. Fica limitado aos quadros da academia e do circuito da ciência. Esses têm passado por tempos difíceis, com ataques frequentes de uma corrente que desacredita nos potenciais da pesquisa e seus resultados para a sociedade. Ainda assim, concluir mais uma etapa da vida acadêmica, oferecendo resultados empíricos sobre uma dada realidade é um mérito, atingindo, não de forma individualizada, mas, sim pela ação coletiva, resultado da participação de muitas instituições e pessoas.

Inicialmente gostaria de agradecer aos meus familiares, minha base ao longo desses últimos cinco anos, foram muitos os momentos que precisei de apoio emocional e físico para chegar ao fim dessa trajetória. Sou grata ao meu esposo Jonathas, meus pais e minhas irmãs pela compreensão nos momentos que tive que me ausentar e me afastar do convívio familiar, bem como nos momentos que puderam dividir comigo as responsabilidades com minha filha Helena, para que ela sentisse minimamente minha ausência. A maternidade ainda é encarada com estranheza no mundo acadêmico, infelizmente, nem todos podem contar com uma rede de apoio durante esse percurso.

Um texto dessa envergadura não é resultado apenas de uma pessoa. Pelo contrário, é resultado dos muitos contatos que tivemos ao longo desse percurso. Seja no contato com as fontes, nas instituições em que realizamos a pesquisa, seja com os referenciais bibliográficos no qual nos apoiamos, como um referencial de escrita, leitura e discussão, seja com o contato com pessoas. Nesse grupo, venho deixar minha gratidão àqueles que foram fundamentais na constituição desse trabalho.

Aos professores e demais servidores do Programa de Pós-Graduação em História da UFG, em especial àqueles com os quais tive mais contato, seja durante as disciplinas nos cumprimentos dos créditos, como os professores Dr. Eugênio Rezende de Carvalho e Dr. Luiz Sérgio Duarte Silva, seja, na orientação dessa pesquisa realizada pelo Dr. Marcos Antônio de Menezes, sempre cordial e gentil, ampliando meus horizontes de interpretação à cerca dos limites e possibilidades desse trabalho, foi generoso e compreensivo nos momentos que passei por problemas de saúde, sempre me estimulando para a conclusão da tese. Deixo também minha gratidão aos membros que participaram da banca de qualificação deste trabalho, os professores Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira, Dr. Francisco Alcides do Nascimento, Dr. Manoel Gustavo de

Souza e Dr. Murilo Borges Silva, pela leitura precisa, com sugestões e críticas que foram valorosas na composição do texto final dessa tese.

Minha gratidão a todas as instituições de pesquisa e aos seus funcionários que me receberam e me ajudaram na localização do material pesquisado, sem o trabalho dessas pessoas, esta pesquisa seria inviável. Deste modo, expresso meus sinceros agradecimentos aos funcionários do Arquivo Público do Piauí – Casa Anísio Brito e das bibliotecas da Fundação CEPRO/SEPLAN, da Prefeitura Municipal de Teresina, da Câmara Municipal de Teresina, da Universidade Federal do Piauí – Jornalista Carlos Castelo Branco, além das bibliotecas Abdias Neves e Cromwell de Carvalho. Nesse espaço, gostaria de deixar os meus mais profundos agradecimentos a Wanderson Aldimar Alves Moraes, com um olhar atento, sensível e treinado realizou parte da pesquisa de campo quando estive impossibilitada de ir até às instituições.

Ao amigo e professor Dr Francisco Sampaio Melo, que, gentilmente, aceitou fazer a correção ortográfica desse trabalho e ao geógrafo Romário Gonçalves da Silva, pela presteza e confecção dos mapas.

Finalmente, agradeço ao Instituto Federal do Piauí- IFPI, pela minha liberação, sem a qual não seria possível a realização desse sonho e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG, pela bolsa de pesquisa que pude contar durante a maior parte do período da elaboração dessa tese.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (TABELAS, MAPAS E FOTOS)

Tabela 01 – Renda per capita e percentual de extremamente pobres em Teresina e no Piauí (1991, 2000 e 2010).....	73
Tabela 02 – Unidades habitacionais construídas pela COHAB/IAPEP – 1996	111
Tabela 03 – Áreas de atuação do Projeto Lagoa do Norte	179
Tabela 04 – Taxa de homicídio a cada 100 mil habitantes	313
Mapa 01 – Localização da Vila Irmã Dulce – Zona Sul de Teresina, Piauí	135
Mapa 02 – Principais Parques Ambientais de Teresina	185
Mapa 03: Áreas verdes em torno do Rio Poti no perímetro urbano de Teresina	191
Mapa 04 – Pontes em Teresina-PI, década de 1980.....	250
Mapa 05 – Ponte em Teresina-PI, décadas de 1990-2010	260
Foto 01: Fonte luminosa da Av. Frei Serafim utilizada como lavanderia.....	40
Foto 02: Favela próxima ao Centro Administrativo do Governo do Estado do Piauí.....	46
Foto 03: Visão parcial da Vila Irmã Dulce	140
Foto 04: Construção de Casa de pau-a-pique na Vila Irmã Dulce.....	140
Foto 05: Mutirão na construção da Escola na Vila Irmã Dulce	143
Foto 06: Vista parcial da Vila Irmã Dulce, em 2000.....	145
Foto 07: Vista aérea do Parque Encontro das Águas.....	170
Foto 08: Parque Linear Lagoas do Norte	181
Foto 09: Rua Simplício Mendes – Centro de Teresina em 1997	205
Foto 10: Sobrado situado na rua Félix Pacheco, no Centro de Teresina.....	208
Foto 11: Maquete do Shopping da Cidade	214
Foto 12: Shopping da Cidade em 2010	214
Foto 13: Pescador no Rio Poti e ao fundo a Ponte Mestre João Isidoro França	254
Foto14: Pista de gelo na praça de eventos do Shopping Rio Poty em 02 dez. 2015	269

Foto 15: Vista aérea do Shopping Riverside Walk em 2012	271
Foto 16: Teresina Shopping em 1997	273
Foto 17: Teresina Shopping em 2014	273
Foto 18: Vista aérea do Bairro Ilhotas – Zona Central em 2011	283
Foto 19: Vista do Bairro Ilhotas.....	301
Foto 20: Contraste na Av. Marechal Castelo Branco em 1991	302
Foto 21: Roça no perímetro urbano de Teresina.....	303
Foto 22: Contraste urbano no bairro Noivos	304
Foto 23: Pichação em muro residencial no bairro Fátima	318
Foto 24: Xarpi no topo da torre propaganda do Teresina Shopping.....	321
Foto 25: Pichação no Portal do Parque Nova Potycabana	321
Foto 26: Picho “Atalho para o vazio”	322
Foto 27: Picho “Atalho para a Liberdade”	322

RESUMO

Esse trabalho é uma análise do processo de modernização e segregação urbana ocorrido na cidade de Teresina entre os anos de 1990-2010. Esse processo resultou em intervenções postas em prática com a finalidade de aproximar Teresina dos demais centros urbanos, que reservadas às suas proporcionalidades, foram responsáveis pela inserção da cidade nos parâmetros internacionais das cidades globais e por esse motivo passou a vivenciar problemas gerados por essa nova maneira de estar no espaço urbano típico da pós-modernidade. Novas espacialidades foram criadas para atender as demandas do setor, com a abertura de shoppings centers e condomínios fechados. O poder público atuou no sentido de direcionar as ações, aparelhando a cidade, de equipamentos urbanísticos que respondiam as necessidades de uma nova forma de habitar e de consumir a cidade. Nessa nova maneira de estar na cidade é marcado pela individualidade e pela volatilidade das relações sociais. Os espaços públicos e civis são substituídos por espaços marcados pela questão mercadológica, nos quais as questões ligadas à cidadania são substituídas por uma relação de consumo. Porém, essa nova maneira de estar na cidade não é acessível a todos. Uma parte considerável da população não tem acesso a essa cidade do mercado e é excluída duplamente, perdeu os espaços de participação comunitária e impossibilitada de participar da cidade do capital. Entretanto, a cidade não é construída sem embates, os excluídos desse processo ou os aversos à maneira como ele foi implantado vão deixar registrados suas impressões sobre todas essas mudanças que ultrapassaram os muros da cidade e deixaram seus reflexos nas múltiplas formas de vivências possíveis dentro do espaço urbano. O aporte teórico, no qual essa pesquisa foi ancorada, foi os estudos de Michel de Certeau, no que tange aos conceitos de representação e apropriação dos espaços urbanos e nos escritos de Zygmunt Bauman e suas reflexões sobre o momento da pós-modernidade, nomeadas por ele de modernidade líquida. O caminho metodológico contou com uma considerável cabedal de fontes que vão de documentos oficiais dos Executivos estaduais e municipais à jornais impressos de circulação diária.

Palavras-Chave: Cidade. Modernização. Segregação Urbana. Pós-Modernidade. Teresina.

ABSTRACT

This work is an analysis of the process of modernization and urban segregation that occurred in the city of Teresina between the years 1990-2010. This process resulted in interventions put in place with the purpose of bringing Teresina closer to the other urban centers, which, reserved for its proportions, were responsible for the insertion of the city in the international parameters of global cities and for this reason started to experience problems generated by this new way of being in the typical urban space of postmodernity. New spaces were created to meet the demands of the sector, with the opening of shopping centers and closed condominiums. The public authorities acted to direct actions, equipping the city, with urban equipment that responded to the needs of a new way of inhabiting and consuming the city. This new way of being in the city is marked by individuality and the volatility of social relations. Public and civil spaces are replaced by spaces marked by the market issue, in which issues related to citizenship are replaced by a consumption relationship. However, this new way of being in the city is not accessible to everyone. A considerable part of the population does not have access to this city from the market and is doubly excluded, has lost the spaces for community participation and is unable to participate in the capital city. However, the city is not built without clashes, those excluded from this process or those averse to the way it was implemented will leave their impressions of all these changes that have gone beyond the city walls and left their reflections on the multiple forms of possible experiences within the city. urban space.

Key-Words: City. Modernization. Urban Segregation. Post-Modernity. Teresina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. TERESINA E OS ENTRAVES PARA O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA CIDADE	33
1.1 O rural no urbano: embates em torno da (im) possibilidade de transformar Teresina em uma cidade moderna.....	38
1.2 Reflexos do moderno: planos e estratégias de desenvolvimento do estado do Piauí e a modernização da capital Teresina	46
1.3 Crescimento espacial da cidade: agentes propulsores e entraves no zoneamento urbano de Teresina	67
1.3.1 Adensamento populacional e intensificação dos problemas urbanos e a espetacularização da pobreza em Teresina	71
1.3.2 O processo de ocupações irregulares – a inserção no espaço da cidade	89
1.3.3 Ações governamentais direcionadas ao problema habitacional em Teresina	102
1.3.4 Vila Irmã Dulce: a luta por moradia e a história de resistência.....	134
2. DE CIDADE MODERNA À CIDADE PÓS-MODERNA: OS PROCESSOS DE INTERVENÇÃO DE TERESINA NA DÉCADA DE 1990 A 2010 REALIZADO PELAS ADMINISTRAÇÕES ESTADUAL E MUNICIPAL	155
2.1 Cidades sustentáveis: discursos em torno de uma consciência ecológica e preservação ambiental	158
2.2 (Res) significando a cidade: o projeto de revitalização do centro de Teresina	194
2.2.1 O processo de desvalorização do Centro de Teresina.....	195
2.2.2 As intervenções no sentido de revalorizar o Centro de Teresina – o Projeto de Revitalização	209
2.3 Mobilidade Urbana: construção, ampliação e prolongamento de pontes, avenidas e viadutos; modernização e gerenciamento do transporte coletivo.....	248
3 “TERESINA: CIDADE FUTURO”: NOVAS ESPACIALIDADES E SOCIABILIDADES COM A INSERÇÃO DOS <i>SHOPPING CENTER</i> E CONDOMÍNIOS FECHADOS (1990-2010)	267
3.1 A inserção dos <i>shoppings centers</i> na cidade: novas espacialidades e sociabilidades	268
3.2 Os condomínios fechados e busca por segurança e distinção social.....	305
3.3 Medo urbano: sentimento de pertencimento e participação na cidade e alteridade	225
3.4 (Des)encantos com o processo de modernização de Teresina: lembranças do passado, sentidos do presente.	
319	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	341

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	347
APÊNDICE.....	359

Introdução

Teresina está inserida no processo de globalização que outras cidades brasileiras também passaram nas últimas décadas, como a questão do aumento populacional, processos de modernização e segregação urbanas acompanhando, reservadas as distinções entre elas, os demais centros urbanos de porte médio. Com uma população de 814.230 mil habitantes, conforme dados do último Censo Demográfico, em 2010, do IBGE, Teresina ainda não é uma metrópole, porém, ensaia participar dessa nova classificação por meio da introdução de aparelhamentos urbanos que vem modificando consideravelmente não apenas sua paisagem como também a forma de vivências de seus moradores. Um aspecto desse processo é a inserção de novas praças comerciais como os *shoppings centers*, reconfigurando não apenas o comércio local, como também forjando novas sociabilidades. Outro aspecto está ligado à verticalização urbana que a cidade vem passando, com o surgimento dos prédios de condomínios e mais recentemente a construção de condomínios horizontais, ambos fechados e fortemente vigiados. A capital do Piauí é marcada pela mudança, pela busca do novo, do moderno, da modernização. Idealizada e construída para sediar a nova capital do Piauí, carrega consigo esse estigma. Por outro lado, convive com traços de ruralidades, perceptíveis na permanência de algumas práticas ao longo dos tempos. Práticas essas ligadas a estruturas identitárias do próprio estado, como a agricultura e a pecuária. De modo que encontramos estruturas de repetições que perduraram ao longo dos anos de forma ritualizada, enriquecendo culturalmente gerações, que assimilaram e repassaram certas práticas. Mas, por outro lado, essas mesmas práticas são vistas por parte da população da capital como prejudiciais à composição de imagem de cidade moderna e desenvolvida.

Ela vem passando por intensas transformações nas últimas décadas, inaugurando um novo modelo de urbanização e de viver em ambiente citadino. São transformações que estão associadas à mudança de mentalidade em torno da forma de apropriação dos espaços inseridos em um contexto de globalização. A convivência na cidade grande trouxe modificações substanciais aos seus moradores, a falta de tempo, o andar apressado, o trânsito caótico, o isolamento social, a indiferença, a violência, a perda da liberdade, são marcas desses novos tempos, repletos de turbulências provocadas pela velocidade dessas mudanças. Nesse sentido, faz-se necessário um estudo mais consistente para o trato analítico dessas transformações que vêm marcando profundamente o viver urbano em Teresina nas últimas duas décadas, uma vez que

O mundo moderno, caracterizado por uma temporalidade frenética e em permanente transformação, vive um processo de desenraizamento. A memória

tende a perder sua função de entrecruzamento de múltiplos tempos. À História, conquanto processo cognitivo, do qual o homem é o principal sujeito, cabe recuperar os lastros dessa dinâmica temporal, fazendo do próprio homem sujeito reconhecedor de suas identidades, por meio de sua integração na dinâmica sincrônica da vida em coletividade.¹

As inquietações em torno dos problemas urbanos são vistas de maneiras diferenciadas, dependendo da classe social a qual pertence cada grupo. Se, por um lado, os menos afortunados preocupam-se fundamentalmente em ter uma moradia própria, mesmo que esta seja em um terreno irregular, vulnerável, seguindo o modelo de autoconstrução, sem infraestrutura, distante dos grandes centros, utilizando-se de um transporte público precário; por outro, os segmentos de maiores rendas estão preocupados em manter seu *status*, sobretudo via manutenção da segregação dos espaços. As formas de mobilização também são evidenciadas pelas diferenças sociais. Enquanto as populações mais pobres unem-se em formas de associações comunitárias de bairros e reivindicam do poder público: moradias decentes, melhoramentos urbanísticos como pavimentação das ruas, iluminação pública, saneamento, transporte público eficiente, além de acesso a uma rede de saúde e educação de qualidade, ou seja, o atendimento das suas necessidades básicas; os mais afortunados têm outras preocupações, como, por exemplo: segurança pública e uma melhor mobilidade urbana, para que possam desfrutar dos seus bens de consumo, como o automóvel e outros.

O objetivo central dessa pesquisa é analisar o processo de modernização e segregação ocorrido na cidade de Teresina entre os anos de 1990 a 2010. De modo que, alguns questionamentos permearam a realização dessa pesquisa. Como as intervenções urbanísticas postas em prática em Teresina foram pensadas não só pelas elites, mas também pelos demais setores da sociedade civil? Qual o papel desempenhado pelo Estado no processo de produção do espaço urbano da capital, seja como propiciador das condições gerais de reprodução do capital, seja no gerenciamento dos conflitos sociais? Como essas pessoas avaliam as mudanças que estavam ocorrendo no tecido urbano da capital? De que maneira a sociedade absorveu as transformações urbanas e sociais que estavam ocorrendo com essa nova maneira de pensar o viver urbano? Quais sensações e sentimentos foram provocados por essas mudanças, sobretudo, no âmbito das relações cotidianas?

A inserção no estudo das cidades e em seus processos de modernizações ocorreu, nesse primeiro momento, na iniciação científica pela participação, como bolsista do PIBIC/UFPI e CNPq, no período de agosto de 2005 a julho de 2007, sob a orientação do professor Dr.

¹ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 50.

Francisco Alcides do Nascimento, do Departamento de Geografia e História da Universidade Federal do Piauí.² Essa experiência foi decisiva para a escolha da temática e do desenvolvimento de nossa monografia de final de curso.³ Os resultados das pesquisas realizadas na graduação foram fundamentais para o desenvolvimento de nossa dissertação de mestrado⁴, que tinha como objetivo geral compreender como a cidade de Teresina, na década de 1970, foi pensada não só pelas elites, mas também pelas camadas pobres, analisando como essas pessoas avaliavam e caracterizavam as mudanças que estavam ocorrendo no tecido urbano da capital. Procuramos identificar como essas mudanças afetaram suas vivências, analisando, também, as representações elaboradas pelos setores menos favorecidos e identificando quais sensações e sentimentos foram provocados por essas mudanças, sobretudo, no âmbito das relações cotidianas.

O envolvimento acadêmico com o estudo das cidades brasileiras e seus processos de modernização e segregação urbana, em especial Teresina, encontra uma nova motivação: a atual dinâmica histórico-espacial suscitada nas duas últimas décadas que nos leva a propor um estudo sobre a capital do estado do Piauí, tendo, como “fio de Ariadne”, a (re) produção do espaço urbano, expressa nas contradições das sociedades atuais, e visível na segregação estampada na paisagem. Essa paisagem é também humana, histórica, social, uma vez que é o *locus* dinâmico de atividades exercidas por pessoas, e que não se deu sem conflitos, posto que seus habitantes possuem interesses contraditórios. Submetemos essa proposta de análise ao ProAgrupar-IFPI, programa de financiamento de pesquisa para servidores do Instituto Federal do Piauí, intitulado “Cidades sobrepostas: o processo de modernização e segregação urbana em Teresina (1990-2010)”, entre os anos de 2014 e 2015, no qual podemos entrar em contato com a documentação introdutória da temática e verificamos a complexidade da problemática em questão para apenas um ano de pesquisa. Dessa forma, levamos a proposta para o desenvolvimento de uma tese de doutoramento.

O recorte temporal abarcado por essa pesquisa corresponde às décadas de 1990 e 2000, período em que a capital do Piauí reconfigurou o seu perímetro urbano, através do surgimento

² Projeto de Pesquisa intitulado “Teresina dos anos dourados aos anos de chumbo: o processo de modernização e intervenção do Estado autoritário”.

³ MONTE, Regianny Lima. *Teresina sob os anos de chumbo: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – UFPI, Teresina, 2007.

⁴ MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (re) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. Dissertação. (Mestrado em História do Brasil). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – UFPI, Teresina, 2007. A pesquisa foi financiada pela CAPES e orientada pelo professor Francisco Alcides do Nascimento. Em 2017, a dissertação foi publicada por meio da concorrência no Edital 007-2016 do Programa de Auxílio à Publicação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí – FAPEPI, com o título “Vidas incertas: o processo de modernização e segregação urbana de Teresina na década de 1970”.

de novos bairros, da multiplicação dos edifícios residenciais, intensificando assim a segregação espacial, na medida em que foram surgindo condomínios fechados de alto padrão em áreas nobres da cidade. Esse período também foi marcado pela intervenção do poder público, de forma institucionalizada, na construção de novos espaços, situados geralmente na franja urbana do município, destinados em sua maioria para os grupos sociais mais pobres da cidade. Delimitamos o nosso recorte temporal entre os anos de 1990 a 2010, entretanto, o próprio percurso do trabalho pode nos levar a recuar e/ou avançar em alguns anos para estabelecer um estudo mais significativo em torno da conjuntura política, econômica, espacial, jurídica, cultural e social que favoreceu a esse processo de transformações urbanísticas pela qual a capital passou nos últimos anos, influenciando de forma significativa as novas formas de vivência e sociabilidades dos seus cidadãos.

O estudo sobre as cidades não se caracteriza como uma novidade para os historiadores, havendo uma ampla produção acumulada nesse campo, particularmente, no que diz respeito a uma abordagem econômica-social. O que cabe destacar é a abordagem introduzida pela Nova História Cultural na qual os estudos sobre a cidade são ampliados, incluindo as representações que se constroem sobre ela, na medida em que se trabalha com o imaginário urbano, o qual pode ser caracterizado pelas formas de percepção, ou seja, das representações.⁵ A cidade é um espaço, por excelência, de constituição de representações, carregada de simbologia e de força imaginária, trazendo à tona uma complexa rede de realidades sensíveis.

Roger Chartier propõe um conceito de representação no qual permite articular as relações constituídas entre os indivíduos e grupos com o mundo social, mediado por signos que visam reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira única de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma ordem, um poder a partir da constituição do que seria o outro.⁶ Esses signos aparecem em um jogo de alteridade constituído entre aquilo que representa (o representante) contrapondo o que é representado. Esse conceito se apresenta como uma relação ambígua entre ausência e presença e tem como chave de interpretação a noção de apropriação.

Os diversos atores sociais que ocupam a cidade elaboram representações sobre si mesmo e, principalmente, sobre os outros. São elaborações marcadas por uma relação de poder e alteridade frente ao estranho, o diferente, o desconhecido, o não igual. Este pode ser representado pelo pobre que perambula pela periferia da cidade em busca de fincar moradia, pelo desconhecido que passa a provocar pânico por não se saber sobre suas intenções e sua

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, campos e fontes: uma aventura da História. In: *História e História Cultural*. 2.ed. São Paulo: Autêntica, 1998.

⁶ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

índole. Ao passo que esses habitantes não grados também elaboram suas próprias representações sobre si mesmos e sobre os outros, bem como das imagens que compõem o desenho urbano atual e aquele desfeito pelo tempo e reconstituído apenas pelo trabalho metódico da memória.

Nesse espaço, constituído de desejos conflitantes, se encontram, segundo Pesavento, a “História Cultural do Urbano”, na qual é possível acessar os modelos de intervenção urbana centradas no formato clássico de cidades modernas, ou seja, que segue os imperativos do mundo capitalista, redesenhando seu espaço em função da técnica, da higiene e da estética. Mas, que, por outro lado, também centra seus estudos nos planos e utopias construídas sobre a cidade sonhada, imaginada e desejada, inscrita, não só nos projetos urbanísticos das elites dirigentes, como também presentes na mente daqueles que almejam se inserir, mesmo que de forma transgressora, criando outras tantas cidades.⁷ De modo que,

Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que celebravam, fosse pelas imagens que celebravam, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidades presentes naqueles que habitavam. As cidades reais, concretas, visíveis, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, correspondem a tantas outras cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra essa que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.⁸

A cidade emerge como centro das atividades humanas, como um palco em que os cidadãos encenam e contracenam, suas vivências e sociabilidades, cada qual ocupando seu espaço reservado na *urbe*. Ela sempre foi um espaço de realizações, de novas sensibilidades, oriundas da capacidade imaginativa do homem. Ele produz seus espaços, estabelece lugares demarcados por códigos e posturas de civilidade a serem cumpridos pelos demais habitantes da cidade. O ser cidadão é envolvido por uma vida dinâmica, oferecida por um ambiente em constante transformação. Mas, essa “cidade real” vivenciada por seus consumidores convive com as “cidades imaginárias” dos produtores do espaço, detentores da técnica e do poder de intervenção, ou ainda dos excluídos do sistema, que configuram na história de forma genérica,

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*. vol. 27, n.53, jun.2007, p.11.

como “povo”, “massas”, “pobres”. A cidade, dessa forma, configura-se por meio de inúmeras leituras, imagens e representações.

Autores como Michel de Certeau centram seus estudos nos usos e nas práticas que os habitantes fazem do espaço, especialmente o da cidade, como em *Práticas de espaços*, mostrando como os *transudentes* apropriam-se, ao seu modo, dos códigos e dos lugares que lhes são impostos, subvertendo as regras e compondo formas próprias de se inserir na cidade. Para o autor, essa é uma forma alternativa de analisar a cidade, pretendendo enveredar por outro caminho que não seja apenas o dos discursos:

Analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o plural desses procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítimada, desenvolvidos e insinuados nas redes da vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividade sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos.⁹

A inserção dos centros de consumos, como os *shopping centers*, nos principais centros urbanos, tem por finalidade principal vender essa nova forma de vivência, voltada, sobretudo, para o consumo e marcada pela segregação social. As novas elites globais estão inseridas em um comércio dinâmico e volátil de consumo e de descarte de produtos produzidos em escala mundial, com acesso disponível em qualquer parte do mundo. Esse tipo de comércio quebrou as fronteiras territoriais, aproximou os consumidores e homogeneizou o mercado. Mas, por outro lado, criou um fosso entre os habitantes dos centros urbanos, que vêm perdendo gradativamente o sentimento de participação coletiva, do viver em comunidade. Essa é uma das mais significativas mudanças da vida urbana contemporânea. Entendemos também que

A segregação das novas elites globais; seu afastamento dos compromissos que tinham com o *populus* do local no passado; a distância crescente entre os espaços onde vivem os separatistas e o espaço onde habitam os que foram deixados para trás; estas são provavelmente as mais significativas das tendências sociais, culturais e políticas associadas à passagem da fase sólida para a fase líquida da modernidade.¹⁰

⁹ CERTEAU, Michel de. Práticas de espaço: caminhadas pela cidade In: *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 175.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: 2009.

Essas transformações estão ligadas diretamente a dois conceitos inerentes a esse período: o de modernidade e de modernização. Ambos carregam consigo o estigma do “novo”, do “moderno”, do “atual”. Reinhart Koselleck informa que esses conceitos são marcados por uma carga semântica que não podem ser utilizados ou compreendidos sem uma articulação linguística entre os extratos de uma experiência histórica. Nesse sentido, entendemos que essa expressão leva a uma interpretação que o tempo atual se opõem ao tempo passado, e por outro lado, “o novo pode indicar uma reivindicação qualitativa, de ser novo no sentido inteiramente diferente, ou até mesmo melhor do que o tempo anterior. Então o novo tempo indica novas experiências que jamais haviam sido experimentadas dessa maneira”.¹¹

Entretanto, as transformações ocorridas ao longo do século XX levaram estudiosos a ampliarem o conceito de modernidade. As intensas mudanças iniciadas com a Segunda Guerra Mundial, seus horrores e pavores levaram a uma mudança de pensamento nas mais diversas áreas do conhecimento. As certezas e o pragmatismo oriundos do racionalismo iluminista foram postos em xeque. O progresso, com bases sólidas na ciência e na razão, não conseguiu assegurar o desenvolvimento e estabelecer o bem estar social. Pelo contrário, o uso da ciência e seus desenvolvimentos tecnológicos foram largamente utilizados na Segunda Guerra Mundial e no período que se sucedeu a ela, não em prol de um progresso coletivo, mas, pelo contrário, a descoberta da energia nuclear e seu potencial destruidor e até mesmo exterminador da própria humanidade levou muitos autores a crer que estávamos inaugurando uma nova era da modernidade. O término melancólico da Guerra Fria, no final dos anos de 1980, que teve na Queda do Muro de Berlim o fato emblemático do fim de uma era e o início de uma nova fase que começava a se forjar. Assim, emerge, aos poucos, uma nova modernidade, uma nova maneira de pensar, marcada principalmente pelo individualismo, predomínio do capitalismo, da globalização, do consumismo, dentre outras características.

Coube aos sociólogos, inicialmente, a reflexão sobre como identificá-la, caracterizá-la e sobretudo nomeá-la. A busca por uma conceituação para esse período que se sucedeu a dita modernidade, logrou *insights* quanto aos seus aspectos mais problemáticos. Ainda, em 1960, Daniel Bell, nomeou esse período como pós-industrial, e tinha como características a transição de um capitalismo de produção, que teve seu auge com o fordismo, para o capitalismo financeiro, marcado exatamente pela crise do sistema idealizado pelo industrial Henri Ford, com a constatação de que a produção em alta escala não conseguiria chegar a um consumismo no mesmo nível. Bell, ainda faz conjecturas com a chegada da era da informatização que

¹¹ KOSELLEK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p.274.

mudaria para sempre as formas de pensar, de agir e de viver em sociedade. Todas essas mudanças estariam influenciando a instauração de uma nova fase da modernidade, a pós-industrial.¹²

Mas, diante da intensa velocidade com que viam ocorrendo essas mudanças no final do século XX, levou aos estudiosos, principalmente, os sociólogos, a questionar-se se estariam vivendo uma fase nova da modernidade ou já se tratava de uma nova etapa denominada por alguns deles como pós-modernidade. O final dos anos de 1980 foram efervescentes em relação à discussão sobre esse novo período que se instalava e como deveríamos denominá-lo. Sociólogos da corrente marxista, como Pierry Anderson, Terry Eagleton e Frederic Jameson, anteciparam em utilizar o termo “pós-modernidade” na tentativa de fomentar interpretações para a crise vivenciada em torno de teorias fundantes como capitalismo industrial, socialismo e o novo papel que tanto Estados como a sociedade como um todo deveriam ocupar nesse contexto, ainda novo, inesperado e de conjecturas imprevisíveis.

Outros sociólogos adotaram o termo “pós-modernidade” em seus trabalhos como o norte-americano David Harvey¹³, o polonês Zygmunt Bauman¹⁴, o francês Jean-François Lyotard¹⁵, e, fora da sociologia, temos os trabalhos do filósofo italiano Gianterio Vattimo¹⁶. Em decorrência da própria análise dos estudos referente a esse momento de intensas transformações, alguns autores elaboraram outras nomenclaturas para designar esse mesmo processo. Sendo assim, autores que já adotaram o termo pós-modernidade em alguns trabalhos, veem a necessidade de criar outras denominações, que para eles possuem uma significação mais coerente com os trabalhos que passaram a desenvolver. Nesse sentido, Jameson passa a denominar esse período de “capitalismo tardio” ou “terceira fase do capitalismo”¹⁷, Bauman, passa a falar em “modernidade líquida”¹⁸. Autores como o sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett e o sociólogo britânico Anthony Giddens também criam suas próprias expressões em substituição ao termo pós-modernidade. O primeiro denomina de

¹² BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial*. São Paulo: Cultrix, 1973.

¹³ HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

¹⁵ LYOTARD, Jean-François. *A Condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

¹⁶ VATTIMO, Gianterio. *O Fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

¹⁷ JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1991.

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

“capitalismo flexível”¹⁹ e o segundo de “modernidade reflexiva.”²⁰ Conforme Ana Maria Nicolaci da Costa,

Essas diferenças de nomenclatura refletem, ao menos em parte, as divergentes ênfases dadas por esses analistas aos vários aspectos que fazem parte do atual processo de mudança. Para alguns, os avanços tecnológicos são determinantes do quadro de mudanças atual. Para outros, esse papel central é desempenhado por fatores econômicos. Para muitos, a mudança representa uma ruptura com o que veio antes; para outros tantos, essa mesma mudança é apenas um outro estágio da velha ordem.²¹

Independentemente do termo utilizado para designar esse novo período histórico de vastas transformações epistemológicas, econômicas, políticas, sociais e culturais, seja ele modernidade pós-industrial, líquida, reflexiva, capitalismo tardio, flexível, terceira fase do capitalismo ou simplesmente pós-modernidade, faz-se necessário compreender esse período por meio dos elementos que foram possíveis elencar diante da dificuldade de trabalhar com um período marcado pelas incertezas, pela transitoriedade, difusa, que não se deixa por entrever por conceitos ou por definições fechadas e clássicas. É possível conjecturar que uma das raras convicções trazidas pela pós-modernidade é o questionamento do paradigma moderno. Diante disso, podemos afirmar que

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. (...) vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiosincrasias e à coerência de identidades.²²

Nesse celoma conceitual, por outro lado, surge uma nova controvérsia semântica: pós-modernidade ou pós-modernismo. Alguns estudiosos utilizam-se deles de forma sinônima, já outros preferem demarcar suas diferenciações. Uma análise mais apurada dos elementos históricos que forjaram o nascimento de tais conceituações o termo modernidade é entendido

¹⁹ SENNETT, Richard. *A Corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

²⁰ GIDDENS, Anthony GIDDENS. A vida em uma sociedade Pós-Traducional. In: BECK, Ulrich.; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (orgs). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

²¹ COSTA, Ana Maria Nicolaci da. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade In: *Psicologia, ciência e profissão*. Brasília v.24, n.1, 2004, p.

²² EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 07.

como o período em que foi introduzida uma série de modificações tanto econômicas, políticas e sociais que tiveram reflexos na cultura e na maneira de pensar, já o modernismo estaria mais especificamente ligado à esfera artístico e cultural, sendo um movimento mais tardio, que emerge apenas no final do século XIX, portanto, estaria dentro do grande evento da modernidade, fazendo parte dele.

Nesse paralelo, conforme Frederic Jameson, a pós-modernidade seria o conjunto das transformações que a sociedade vem passando após a Segunda Guerra Mundial, e, mais especificamente, com o fim da Guerra Fria, como marco inicial de uma nova era, em que a globalização se consolida, com mudanças significativas nas áreas tecnológicas, comunicacionais e econômicas, que vão ter reflexos na sociedade, ou seja, na fomentação de estruturas, sendo mais abrangente. Por outro lado, o pós-modernismo restringe-se a um estilo artístico-cultural, que surgiu inicialmente na arquitetura e se espalhou para as artes e literatura, portanto, mais um estilo, próprio da pós-modernidade, como o individualismo, pluralidades de ideias e pensamentos, liberdade de expressão, dualismo entre real e imaginário, ou seja, enquanto estilo é algo ainda mais efêmero, muda com mais facilidade.²³

Outros termos aparecem, constantemente, relacionados como sinônimos, principalmente em discursos que tomam os termos de maneira generalizante. Entre eles o mais comum é utilização dos termos modernidade e modernização. O primeiro muitas vezes, como foi abordado anteriormente, é posto de forma genérica para indicar o período compreendido e designado como pós-modernidade. É comum, nos discursos jornalísticos da imprensa local, a utilização da expressão modernidade de maneira genérica, associada, principalmente, inserção de elementos de modernização como a chegada de *shopping centers* e dos condomínios fechados.

Para Zygmunt Bauman, essas mudanças ocorridas na sociedade, com a fluidez das relações humanas, facilmente dissolúveis e voláteis, que encontramos, sobretudo, no final do século XX e início do século XXI, portanto, marcas identitárias do nosso tempo, refletem diretamente na constituição dos espaços urbanos. O momento é marcado pela instabilidade, pela perda das referências sólidas de uma modernidade centrada nas grandes estruturas, que vem cedendo lugar para um mundo volátil, inconstante. Estaríamos vivendo, nos termos de Bauman, uma modernidade líquida, fluida, leve e que tem como características moldar-se às estruturas presentes. Essas mudanças têm como cenário a introdução de uma nova fase do

²³ JAMESON, 1991.

capitalismo, com a chegada da era digital. Essas transformações vão ter reflexo imediato nos centros urbanos, palco de toda encenação do mundo pós-moderno.

Para Zygmunt Bauman, estamos vivendo um novo formato de modernidade, contrária àquela que se sustentava em estruturas sólidas, típicas de um capitalismo comercial, contrária ao modelo atual centrado na fluidez das relações comerciais do mercado financeiro. Esse novo modelo de capitalismo moderno traz um sentimento de insegurança quanto à posição social, incertezas sobre a sobrevivência no futuro, dirigido pela urgência de substituir a tradição pelo novo. Essa modernização transforma os espaços, e as referências espaciais perdem-se na dinâmica do tempo, os homens perdem seus elos, sua base identitária e a substância de suas histórias.²⁴ A sociedade passa a ser cada vez mais marcada pelo individualismo, as relações sociais passam por reconfigurações até então não experienciadas.

Observamos que, nesse novo modelo, o viver em comunidade recebe uma sentença de morte, principalmente quando associado aos novos espaços ocupados pelas elites dominantes. Utilizamos aqui o termo “comunidade” como espaço de convivência mútua, de relações de reciprocidades e autoajuda, de confiança e liberdade, de reconhecimento de uma identidade marcada por interesses em comum a um determinado grupo. Essa nova sociedade, pelo contrário, apresenta-se marcada pelo distanciamento, indiferença e desengajamento. Nela as pessoas vivem isoladas em pequenos “burgos” cercados, intensamente guardados e vigiados eletronicamente.²⁵

Num quadro de arrefecimento das relações comunitárias, o pequeno grupo dos “burgos” busca reconstruir os elos perdidos do que seria viver em comunidade. Dessa forma, surgem outras modalidades de habitar na cidade: os condomínios horizontais de luxo fechados, que oferecem uma vida mais próxima da natureza, com conforto, segurança e liberdade, distante das mazelas sociais, protegida dentro dessa redoma fortificada. Mas, ao contrário do que se propagandeiam, esses espaços guardam significativas distâncias em relação àquilo que sócio-antropologicamente podem ser qualificadas como comunidades humanas.

Alguns estudiosos vêm dedicando-se a essa temática. O estudo realizado pela antropóloga Teresa Pires do Rio Caldeira, “Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo”, é um dos precursores ao oferecer uma análise profunda dos padrões de segregação espacial da vida moderna da cidade de São Paulo e sua relação com o aumento da violência, da criminalidade e da sensação de insegurança dos seus habitantes. Caldeira faz uma análise das vivências em condomínios fechados revelando as novas configurações não só de moradia, como

²⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

²⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

também de vivência e sociabilidade em espaços fechados. A autora ainda põe em xeque os obstáculos para a consolidação da democracia no Brasil e dos múltiplos impasses que a sociedade civil enfrenta na luta por seus direitos diante do desengajamento social.²⁶

A nível de produções locais sobre as novas configurações socioespaciais da cidade de Teresina, temos os trabalhos de Francisco Alcides do Nascimento ao lidar com processos de modernização implementados em Teresina, em trabalhos e períodos distintos, ambos em regimes ditatoriais, durante o Estado Novo (1937-1945) e na Ditadura Civil-miliar (1964-1985). No primeiro trabalho, o autor aborda o processo de modernização e higienização que foi posto em prática na cidade, bem como evidencia a ocorrência de incêndios criminosos que varreram das áreas centrais uma série de pequenos casebres de palhas, afastando seus moradores para a periferia da capital.²⁷ No segundo, Nascimento aborda o modelo de intervenção urbana adotado pelos administradores da cidade, reformulando espaços, sobretudo os centrais, e também afastando para periferia, moradores pobres, na medida em que suas casas eram derrubadas para ceder espaço para implantação de equipamentos urbanísticos modernos como pontes, avenidas, dentre outros, evidenciando uma série de ressentimentos provocados nesses moradores.²⁸

Por fim, temos também como referência local o trabalho realizado por Antônia Jesuíta de Lima, em que ela toma como objeto de análise os pobres urbanos de Teresina, tendo como recorte temporal a década de 1990, período que há uma verdadeira explosão de ocupações na cidade que resultam na disseminação descontrolada de vilas e favelas na capital. Seu foco de análise desloca-se do econômico e do social e parte para a dimensão cultural e simbólica. O objetivo central desse estudo é compreender a pobreza de uma forma multidimensional, tomando como foco de análise não apenas as condições de vida desses moradores, mas também as representações que são elaboradas sobre eles, para evidenciar as referências simbólicas mediadoras da compreensão de sua existência como pobres na sociedade.

A cidade não é só visível, concreta, palpável, mas invisíveis, imaginárias que são construídas e reconstruídas cotidianamente. Cabe, portanto, ao historiador, a árdua tarefa de escamotear o passado e desvendar as inúmeras cidades contidas nele, sobrepostas pelo tempo. Fruto da elaboração dos diversos grupos que nela estiveram inseridos, elaborando espaços reais

²⁶ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*: Editora EDUSP, 2000.

²⁷ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina 1937-1945*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

²⁸ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, vol.27, n.53, jan-jun., 2007; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Teresina: modernização, pobreza e ressentimentos (1950-1970). In: Raimundo Nonato Lima. (org.). *As cidades de Clio: abordagens históricas sobre o urbano*. Teresina: EDUFPI, 2014, v. 01, p. 263-275.

ou imaginários. Nesse sentido, lançamos mão de um conjunto de fontes que vão de dados estatísticos, passando por uma documentação oficial, tendo como base estudos realizados pela Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação do Município de Teresina– SEPLAN, dados do Censo Demográfico – IBGE, produzida no sentido de abarcar e compreender a realidade local mediada por números e estatísticas, passando às fontes hemerográficas produzidas por periódicos impressos e estratos literários que abordavam o cotidiano da cidade, que vão dos mais diversos aspectos como o social, o político, o econômico e o cultural, além de um acervo iconográfico composto por fotografias e mapas que retratam a realidade visível buscando alcançar os mais variados discursos em torno da cidade de Teresina e seus habitantes.

Este trabalho teve, inicialmente, como suporte, uma documentação de cunho oficial, composta por projetos e planos de governo²⁹, que trouxeram dados específicos e variados sobre a realidade habitacional e condições de sobrevivência de uma população que vivia em precárias condições de existência. São os documentos oficiais de planejamento urbano de que a cidade dispõe que é possível localizar os diagnósticos da realidade local, identificar os principais entraves para o crescimento e melhoramento urbanístico, bem como as projeções realizadas com uma perspectiva futura para cada período, elucidando os principais discursos, conflitos e soluções adequadas em função dos problemas da cidade da perspectiva dos administradores urbanos.

O jornal é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe relações de poder, agindo não apenas no presente, mas também no futuro, pois seus produtores engendram imagens de uma dada sociedade, de tal modo que elas poderão ser reproduzidas em outras épocas. De acordo com Bethânia Sampaio Correia, “A análise do discurso jornalístico se faz importante e necessária já que este, enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: *capta, transforma e divulga* acontecimentos, opiniões e ideias da atualidade” e, assim, “legítima, enquanto passado – memória.”³⁰

Desse modo, fizemos uma leitura dos discursos expressos nos jornais, o que nos permitiu acompanhar o movimento das ideias que circularam na época, bem como elucidar as práticas por meio do confronto das falas dos demais representantes da imprensa piauiense que deixaram

²⁹ o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Teresina, elaborado pelo Instituto Nacional de Administração para o Desenvolvimento – INAD, Fundação Joaquim Nabuco, em 1983, para os 10 anos seguintes, II Plano Estrutural de Teresina – PET- 1998, a Agenda 2015 (Plano de Desenvolvimento Sustentável de Teresina), de 2002, o Plano Decenal de Teresina, de 2003, o Plano Diretor de Transportes e Mobilidade Urbana. Também faz parte desse aporte um trabalho inédito feito pela Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT, o Censo das Vilas e Favelas (1991,1996 e 1999).

³⁰ MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Os Primórdios da Imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória) In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

registradas suas impressões sobre o cotidiano da cidade, sobretudo, aquelas relacionadas às mudanças dos hábitos tidos como necessários ao cidadão, obedecendo aos novos imperativos da pós-modernidade. Esse arcabouço metodológico permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que, orientados por interesses específicos, elaboraram representações de si mesmos, como os membros de uma elite, e dos outros, os pobres excluídos desse processo.

Mas, os discursos e as imagens elaborados sobre a cidade não são apropriados apenas por esses tipos de fontes. Eles também estão presentes nos discursos dos literatos, que, com seu olhar sensível, deixaram suas impressões sobre a cidade e as mudanças pelas quais estava passando. Nesse sentido, nos apropriamos de um determinado tipo de literatura, caracterizada por alguns como de “menor valor”: a crônica. Antônio Cândido informa que

ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretenção, humaniza, e esta humanização lhe permite, como compreensão sorrateira recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado. [...] A crônica está sempre ajudando a estabelecer e restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos cadentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas.³¹

O autor revela que essa despretenção ocorre porque a crônica originalmente é feita para “não durar”. Publicada originalmente em jornais, possui as características comuns a uma redação de qualquer periódico de circulação regular. Aborda assuntos de forma direta, traz reflexões sobre o dia-a-dia da cidade, impressões e opiniões sobre os assuntos diversos, conta com os artifícios da linguagem para prender a atenção do leitor, com a leveza e a sensibilidade que uma matéria jornalística jamais conseguirá por não possuir essa licença poética de produção textual. Por outro lado, ao serem publicadas em formatos de livros, de forma isolada ou reunidas em uma obra única, as crônicas ganham outros *status*, passam a “durar” mais do que um dia, alcançam novos leitores e interlocutores. Por vezes, tornam-se símbolos dos períodos vividos nas cidades, rememorados em datas comemorativas ou pelo ofício do historiador que as analisa enquanto uma fonte fecunda sobre o passado das cidades.

Outra fonte utilizada foi a fotografia. Ela é tomada, aqui, não como mera ilustração dos fatos narrados. Pelo contrário, ela é entendida tendo como foco de análise a construção dos sentidos em que foi produzida. Entendendo que

³¹ CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônica*. Vol. 5. São Paulo: Ática, 2003, p.89.

O historiador não pode prescindir de métodos de análise que partam das especificidades da imagem, mas que devem alcançar sempre uma perspectiva plural, quer dizer, relacionando-as com outras. Além disso as fontes fotográficas sozinhas não se bastam. A problemática histórica é que deve guiar a abordagem das fontes. [...] O esforço teórico caminha no sentido de compreender a fotografia como um conjunto variado de possíveis códigos sociais. Sua força representacional é construída no momento da produção de sentidos e não anteriormente a ela. Assim, não se trata de entender a fotografia como uma representação que apenas ‘reflete’ interesses estabelecidos anteriormente à prática da significação.³²

Entendendo que a imagem constitui mais um discurso sobre a cidade. Os códigos que ela compõem precisam ser apreendidos por meio da análise do seu contexto, ou seja, das intenções de sua produção, sem perder de vista a construção dos sentidos e das mensagens que almejam passar por essa imagem. Mas do que isso, devemos estar atentos aos discursos que ela contém e as formas de apropriação que são feitas sobre ela. “A natureza da fotografia desloca-se da relação entre referente e imagem para os mecanismos socialmente estruturados de produção de sentidos.”³³ Em outros momentos, ela funciona como “mapa espacial’ da cidade, utilizada como uma melhor maneira de visualizar as intervenções urbanísticas que foram postas em prática em Teresina nas últimas décadas. Além da elaboração de mapas específicos para melhor compreender as intervenções urbanísticas realizadas na cidade.

Aceitamos o desafio de trabalhar com essas múltiplas cidades que compõem a capital do Piauí, ocultas, esquecidas e sobrepostas pelo tempo, na esperança de poder reavivá-las, ainda que, em partes, por meio dos registros deixados por seus habitantes, pois, como afirmou Ítalo Calvino, “a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.”³⁴ Partindo desse pressuposto teórico e metodológico, nos propomos realizar este estudo sobre o processo de modernização pelo qual tem passado Teresina nas duas últimas décadas e identificar as múltiplas representações elaboradas pelos diversos setores sociais sobre essas mudanças que têm reconfigurado não só os espaços físicos da cidade, como também as apropriações que se faz dele.

³² LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografia: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 44 e 45.

³³ LIMA; CARVALHO, 2012, p.43.

³⁴ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 27.

Esse trajeto foi dividido em três capítulos, nos quais procuramos evidenciar as aventuras e desventuras no processo de modernização de Teresina e seus significados para os mais diversos atores sociais envolvidos.

No primeiro capítulo, apresentamos os inúmeros discursos em torno de tornar a cidade de Teresina em uma capital pós-moderna e discutimos os entraves que a cidade apresenta para um crescimento estruturado. É evidenciado também as práticas e permanências sociais rurais como elementos conflitantes nesse processo. Por outro lado, fizemos um levantamento das intervenções realizadas de forma paliativa e localizada pelos poderes públicos federal, estadual e municipal. Dessa forma, foi possível mapear as ações no sentido de procurar dar resolutividade ao problema habitacional na capital. Diante da ineficiência diante da tamanha demanda por moradia na cidade, houve uma intensificação no processo de ocupações irregulares nas mais diversas zonas da cidade que geraram uma série de embates entre o poder público, proprietários privados e os ocupantes. Como resultado, temos, como foco de nossa análise, a formação da Vila Irmã Dulce, ocorrida em 1998, à época classificada como maior ocupação da América Latina.

Já no segundo capítulo, abordamos os processos de intervenção do poder público tanto municipal quanto estadual no intuito de sanar os principais problemas enfrentados na cidade. Em um primeiro momento, buscamos inter-relacionar as medidas adotadas pelos gestores locais com as demais intervenções que vinham ocorrendo nas demais cidades tidas como globais. Foi possível identificar que uma correlação de projetos de intervenção urbanísticas entre elas que possuem como principal semelhança um modelo de intervenção sustentável, com a preocupação com a recuperação de áreas verdes, espaços destinados ao lazer e à prática de atividades físicas, bem como na recuperação de áreas tidas como degradadas e abandonadas como é o caso do Centro de Teresina, analisamos como se deu esse processo, seus principais embates e resultados para os habitantes da cidade, uma vez que os espaços escolhidos para tal intervenção só beneficiava uma determinada classe social, excluindo a maioria da população dessas melhorias.

No terceiro capítulo, evidenciamos as mudanças ocorridas na cidade com a implementação da nova maneira de habitar e viver na cidade, com a inserção dos *shoppings center* e dos condomínios fechados em Teresina, como elementos fundamentais do processo de modernização que estava sendo implantado na cidade, seguindo o modelo das demais cidades globais. Esse processo é marcado por incongruências e incompletudes, uma vez que a cidade ao implantar ícones urbanos dos novos tempos, dando ar de desenvolvida e pós-moderna, tem que conviver, por outro lado, com as desigualdades sociais que se tornam visíveis disputando

lado a lado os espaços da cidade. Esse processo de mudança ocorrido na cidade acaba por transformar também as formas de consumo, sociabilidades e lazer e deixam marcas intensas no modo de ver a cidade. Essas mudanças são interpretadas de maneira diferenciada por alguns setores sociais, que vão desde cronistas a pichadores que interpretam e deixam suas impressões sobre esse processo.

1. Teresina e os entraves para o processo de modernização da cidade

Muitas cidades têm suas trajetórias marcadas por relações de gênero. Não apenas pelo próprio vocábulo cidade ser feminino, nem mesmo por sua etimologia grega derivada de pólis, mas pela associação direta ao ser feminino, mais especificamente a mulher. Teresina é representada como mais feminina ainda, devido à origem de seu nome, uma homenagem a Teresa Cristina, Imperatriz do Brasil. As associações de gênero marcaram, assim, o olhar e a escrita de cronistas, poetas e admiradores da cidade. Capital jovem, no período, contava com apenas cento e vinte poucos anos de história. Desde sua fundação era considerada uma menina, tanto pelo aspecto temporal como pelas características de cidade pequena, acanhada, provinciana, que ainda não vivera o necessário para seu desenvolvimento.

Nessa analogia à imagem feminina, Teresina foi crescendo e adquirindo feições de menina-moça, com o aparecimento dos primeiros sinais de que deixará de ser menina e já ostentava ares de mulher vistosa, desenvolvida. As transformações que iam se processando na cidade trabalhavam na óptica de encantar o outro, conquistá-lo, de modo que as mudanças ocorridas no seu aspecto físico a tornavam cada vez mais bela e atraente.

As cidades também têm sexo, amam e são amadas, fascinam e têm o raro dote de prender as pessoas. Teresina, nos seus 119 anos de existência, é ainda uma cidade menina, menina-moça, faceira e cheia de brejeirice. É uma amante dos enamorados eternamente entrelaçada pelo complexo ardente dos dois rios que lhe trazem um ar de graça, formosura e a tornam sempre desejada. É uma cidade cada dia menos verde - o asfalto chega em profusão – mas na medida em que o tempo passa é cada vez mais cidade, chegando à metrópole, com os ares de cidade-mãe, irmã e esposa.³⁵

O cronista anônimo, da citação acima, enfoca a cidade na perspectiva da sensualidade, ou seja, dos jogos de sedução que ela possui, não só no seu jeito “faceiro” de menina-moça, mas também já no “desejo” que desperta em seus admiradores. Essa imagem se reforça na sua própria cartografia, moldada, em sua formação inicial, por dois rios, Poti e Parnaíba, que a fechavam em um “complexo ardente”, que “fascina” e “prende” as pessoas. Conforme Bernardo Pereira de Sá Filho, ela é “uma cidade ainda muito jovem [...] e já experimentando um forte processo de erotização.”³⁶

³⁵ TERESINA Menina Moça. *Jornal do Piauí*, Teresina, ano XX, n. 3.410, p.1, 16 ago 1971.

³⁶ SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do Prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. Dissertação de Mestrado – UFPI. 2006. Teresina. p. 71.

Um outro aspecto que observamos nesse fragmento diz respeito à modificação da imagem associada à Teresina de “cidade verde”, imortalizada pelo escritor maranhense Coelho Neto, em uma rápida visita que fez a essa cidade, imagem que foi confirmada um pouco depois por outro visitante ilustre, Francisco de Assis Iglésia, o qual a chamou de “cidade das esmeraldas”. Por outro lado, o cronista do *Jornal do Piauí* afirma que é “uma cidade cada vez menos verde”, pois Teresina estaria perdendo uma de suas características identitárias. Mas o que surpreende é a forma positiva com que é mostrada essa modificação, já que o fato de as áreas verdes estarem sendo substituídas por asfalto representava, na visão do cronista, um passo expressivo para o progresso e desenvolvimento da capital, tornando-a “cada vez mais cidade, chegando à metrópole”.

Podemos ainda fazer mais uma observação quanto ao gênero feminino associado à cidade, pois esta é caracterizada também como cidade-mãe, ou seja, aquela que está sempre de braços abertos, acolhedora, para os filhos que aqui chegam, sempre receptiva aos inúmeros migrantes que por essas terras aportaram. Teresina é enfocada também como cidade-irmã da antiga Flores, hoje Timon-MA, pois ambas sempre estiveram juntas, unidas e separadas por um rio, acompanhando o crescimento uma da outra. É, por último, cidade-esposa casada com o progresso, fiel ao seu relacionamento, submissa ao ideal de modernidade.

Outra dessas descrições de gênero sobre Teresina pode ser observada na declaração de Jairo Pinto de Araújo, vice-presidente da Associação Paulista de Imprensa, ao passar por aqui a trabalho:

Sou um enamorado de Teresina. Por ela fiz-me piauiense por adoção e me tornei, na minha São Paulo, um arauto das belas qualidades desse povo e do futuro grandioso desta terra. Quando voltei, pela segunda vez, em 1969 por ela me apaixonei. E agora que retorno em romagem sentimental, e a vejo bela, cativante, moderna, faceira, vou regressar cheio de ciúmes ...
Por que Teresina constato, é cidade bem amada. Nos seus juveníssimos 120 anos, transformou-se em uma menina-moça encantadora. E porque nela reside gente hospitaleira, amável, altiva, trabalhadora, prevê que será dentro de pouco tempo, uma das mais agradáveis capitais brasileiras.³⁷

A cidade é evidenciada por Jairo Pinto por um outro prisma, adquirindo um aspecto sentimental e romanesco, num relacionamento amoroso que se iniciara já algum tempo, mas que se intensificara na medida em que a cidade vai se embelezando, modernizando-se, tornando-se ainda mais “encantadora”. É ressaltada ainda uma outra característica marcante de

³⁷ ARAÚJO, Jairo Pinto de. Teresina bem amada. *O Estado*. Teresina, n. 319, p. 3, 19 set 1973..

Teresina: a receptividade e a hospitalidade de sua gente, aliados a particularidade de ser “trabalhadora”, colocando-a, aqui, como um dos responsáveis por seu futuro próspero.

Igualmente enamorado por essa cidade, natural de Barras, no Piauí, desde quando aqui chegou em 1932, o intelectual e jornalista combativo Arimatéia Tito Filho destacou-se também como cronista, principalmente, exaltando a terra que escolheu pra viver e que o cativou. Em 1973, faz uma homenagem a Teresina com a publicação do livro “Teresina Meu Amor”. Trata-se de uma edição com poucas páginas, mas que traz um segundo “Roteiro Sentimental de Teresina”³⁸. A publicação revela o afeto que o autor mantém pela cidade, descrevendo fatos históricos, situações pitorescas e lugares, revelando ainda os hábitos dos cidadãos. O cronista analisa o crescimento espacial da cidade e as transformações por que tem passado nos últimos anos, sem se esquecer de suas singularidades.

Muitos dizem que Teresina tem sofrido mudanças notáveis, em todos os aspectos. A cidade cresceu. [...] atravessou o Poti, onde surgiram novos bairros, e caminha nesse sentido, acompanhando o asfalto [...]. em cento e um anos de existência, naturalmente que surgiram bairros por todos os cantos e recantos, praças, as ruas ficaram mais compridas para os duzentos e cinquenta mil viventes. Cresceu muito, mas espiritualmente continua a mesma Teresina de amor, alegre nos vestidos de chita das suas caboclas proletárias e de classe média, acolhedora, apadrinhada de santas e santos bons. A mesma Teresina de ontem. E ontem como hoje: *Tranquila, Afetiva e Pitoresca*.³⁹ [grifo do autor]

Teresina, sem dúvida, modificara sua feição, e a intensidade dessas transformações era perceptível não só aos seus habitantes, que observavam essas mudanças no seu dia a dia, mas, sobretudo, ao olhar do outro, dos visitantes. Para além do que era alardeado na imprensa, essa é uma impressão mais individual, com marcas pessoais da forma de ver e sentir a cidade. Podemos nos arriscar em dizer que eram impressões mais descomprometidas em relação ao discurso oficial e traziam consigo sentimentos múltiplos e diversificados sobre tais transformações.

A capital do estado do Piauí possuía, ainda, um aspecto acanhado, com ruas sem calçamento e asfalto bem como a presença de mendigos e animais no centro. Dessa forma, o Piauí, em razão do péssimo estado em que se encontrava sua capital no que diz respeito à questão urbanística, fazia parte de chacotas por parte da imprensa nacional. Esse fato ficou mais

³⁸ Esse é o título de uma publicação de H. Dobal, intelectual e literato piauiense, de 1952, em homenagem ao centenário da cidade. DOBAL, Hindemburgo. Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina. In: *Prosa reunida*. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.

³⁹ TITO FILHO, Arimatéia. *Teresina Meu Amor*. Teresina: COMEPI, 1973.

evidente em 1969, com a publicação da revista *Realidade*, pertencente ao grupo Abril, de circulação nacional, na qual se apresentava uma reportagem cujo título era “Piauí existe?”. Nesse texto, se denunciaram, impietosamente, as mazelas e as carências do estado estampando-se nas páginas da revista, os índices gritantes de pobreza e os flagrantes de miséria da capital piauiense. Essa reportagem significava não apenas a exposição, em nível nacional, das dificuldades do estado, mas evidenciava a impotência de se negar ou transformar tal situação, chegando a arrasar a autoestima dos piauienses e, em especial, dos teresinense. Alguns exemplares da revista chegaram a ser queimados em praça pública, em Teresina, como sinal de protesto.

Apesar de possuir o status de capital, Teresina aproximava-se mais a uma cidade pequena, interiorana do que de uma metrópole. A única capital do Nordeste que não está situada no litoral, entretanto, dispunha de uma vasta área verde e de rios e lagoas em seu perímetro urbano. Essa ligação com elementos da natureza sempre foi uma marca presente na constituição dos espaços da cidade, no direcionamento do crescimento das zonas da cidade como foi abordado anteriormente. Essa relação também possibilitava a presença de práticas rurais ligadas a esses elementos, como a prática da pesca, da agricultura e o cultivo de árvores frutíferas nos quintais das residências. Essas práticas eram marcas presentes no cotidiano da cidade, mas, que por hora, chegava a gerar incômodo por dar um ar provinciano à capital que ensaiava galgar ares de metrópole.

As modificações pela qual a cidade passou, nas duas últimas décadas, com o adensamento populacional e a consequente expansão espacial da *urbe*, com a criação de novos bairros, vias de acesso, com largas avenidas e pontes interligando-a, com a instalação de *shoppings center* e condomínios fechados ocorreu de uma forma muito rápida e intensa. A cidade buscava elementos da vida urbana que a caracterizavam como uma cidade pós-moderna. Mas, por outro lado, ela como as demais cidades globais contemporâneas passavam por vários problemas de ordem urbanística: como desemprego, falta de moradias, mobilidade urbana, poluição e etc. Esses eram apenas alguns desafios que a cidade encontrava para aquisição desse *status* de cidade desenvolvida.

Até pouco tempo atrás, a capital do estado do Piauí era muito diferente, seu espaço urbano era impregnado pelas práticas e representações ligadas ao mundo rural. A sobrevivência dos seus moradores estava vinculada ao cultivo agrícola, a criação de animais e à pescaria, uma vez que a cidade se encontra situada nas margens de dois rios, além de possuir também inúmeras lagoas naturais. Dessa forma, as atividades cotidianas que marcavam a rotina de boa parte da população teresinense estavam ligadas diretamente aos ciclos da natureza. Esses traços de

ruralidade eram comuns e marcavam o cotidiano da cidade e eram resultados de críticas e chacotas em torno do aspecto acanhado que essas práticas geravam à cidade, acompanhados, ainda, dos problemas habitacionais.

Alguns estudiosos lançaram seu olhar para as desigualdades sociais que se intensificaram no final do século XX, com o processo de globalização vigente. O sociólogo Zygmunt Bauman denominou esse período e suas transformações de modernidade líquida, marcada pela substituição do sistema capitalista industrial pelo financeiro e toda uma gama de substituições que foram implantadas tanto a nível social, como político e cultural. O resultado foi a substituição do pensamento coletivo por uma supervalorização do individualismo, da ordem pelo caos, do controle pela fluidez, da estabilidade pela volatilidade, da rigidez pela flexibilidade, da longa para a curta duração.⁴⁰ No mundo líquido-moderno descrito por Bauman, a “corrosão” e “dissolução” das estruturas rígidas atingiram todos os níveis da vida em sociedade, formando uma nova maneira de estar no mundo. Os resultados do processo de globalização e de todas as mudanças trazidas por ele gerou o que o autor denomina de “danos colaterais”⁴¹. Nesse novo sistema, o aumento das desigualdades sociais seriam os danos colaterais do processo de globalização.⁴²

Nesse sentido, é possível conjecturar que boa parte das distorções sociais que Teresina apresentava estavam associadas ao processo de urbanização, ou seja, a inserção da cidade na esfera da globalização. Os problemas urbanos são vivenciados de uma maneira mais evidente em sociedades de economia dependente, como a em análise. A precarização nas relações de trabalho, com a insuficiência da oferta do mercado formal de emprego, e a consequente pauperização de sua população. Essas pessoas buscavam sua sobrevivência na informalidade, ocupando ruas, praças e calçadas, como vendedores ambulantes, perambulavam pela cidade em busca de pequenos biscates que lhe assegurassem a sobrevivência diária. Excluídos do mundo abundante do capital, essas pessoas ocuparam diversas áreas urbanas formando um emaranhado de vilas e favelas ao longo de toda malha urbana da capital.

Ao longo desse capítulo, iremos abordar vários discursos em torno de tornar Teresina em uma cidade moderna e pujante, bem como os entraves encontrados para que ela seja vista como uma cidade progressista e desenvolvida. Veremos como as transformações que a capital passou ao longo das últimas décadas geraram uma série de problemas de ordem urbanística, em

⁴⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁴¹ A expressão “danos colaterais” está ligada a ações militares que involuntariamente trazem danos, sobretudo humanos. Mesmo sendo resultado de ações planejadas os males causados por eles são inevitáveis.

⁴² BAUMAN, Zygmunt. *Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

especial na apropriação do solo urbano e a configuração de submoradias que compunham vilas e favelas, assim como as ações do poder público no sentido de tentar intervir nessa realidade habitacional e social.

1.1 O rural no urbano: embates em torno da (im) possibilidade de transformar Teresina em uma cidade moderna.

A manutenção de alguns aspectos da vida rural no meio urbano é constatada em vários elementos que compõe a paisagem urbana, os hábitos e tradições de parte da população teresinense. Os aspectos vão desde à presença de áreas verdes situadas ao longo do perímetro urbano, ou até mesmo ligadas a práticas rurais, como o hábito de fazer roças ou ainda ao aspecto rústico de algumas edificações feitas de taipa e cobertas de palha. Essas características foram consideradas um empecilho ao processo modernizador idealizado para cidade por seus gestores ao longo dos anos

Muitos acreditam que a acunha de “cidade verde” devia-se por aos inúmeros pomares situados nos quintais das residências, onde é comum aproveitar o espaço para fazer uma horta e/ou pomares de espécies frutíferas típicas da região, como mangueiras, goiabeiras, sirigoelas, cajueiros, abacateiros, mamoeiros, etc. Outros defendem a tese de que o poeta se referia ao fato de a cidade ser recente, verde no sentido de ainda não ter experimentado muitas experiências urbanísticas. Seja qual sentido for o fato que a acunha de “cidade verde” serve-se até os dias atuais, assim como no imaginário de seus poetas.

Mar de copas verdes
 inebriadas
 à carícia dos ventos
 dóceis ou violentos.
 Emergentes,
 cúmplices da beleza
 suavemente rubra,
 os tetos-ilhas
 do antigo casario.
 arranha-céus ao fundo,
 concretudes de progresso,
 o asfalto
 frenético das vias.
 [...]
 e em tudo
 um sabor

de alumbramento.⁴³

Os quintais verdes iam sobrevivendo ao processo de urbanização mais intensa, em pontos mais localizados, ou ainda em bairros distantes onde era possível também a criação de pequenos animais como porcos e galinhas que ajudavam nas dietas alimentares. “Eu tinha um tio que morava no bairro São Pedro, em uma casa bem grande e de quintal imenso, com quase tudo que se pode imaginar de fruteiras. Havia poucos moradores por perto. Meu tio sentia-se como se estivesse no interior. E de fato era um homem das brenhas.”⁴⁴

Há um entrelaçamento de temporalidades e costumes. Nesse sentido, os hábitos adquiridos na cidade são incorporados aos já existentes e as práticas socioculturais estabelecem continuidades principalmente em relação a comportamentos tradicionais, que dão identidade a um grupo. São práticas, modos de fazer que constituem experiências diversas que envolvem o passado e o presente. Por outro lado, principalmente para os migrantes que passam por “um contexto de transformações intensas, as novidades nem sempre derrubam, da noite para o dia, as práticas sociais, como as práticas culinárias, alimentares e de sociabilidades; há permanências; ocorrem sobreposições de percepções de mundo e de valores.”⁴⁵

Um hábito alimentar típico do teresinense é apreciar o caldo de cana-de-açúcar, também conhecido como garapa, presente em quase todas as lanchonetes da cidade, mas, se concentram, principalmente, nas do Centro. A bebida doce é servida gelada acompanhado inicialmente com pão, posteriormente substituído por pastel, serve como um frescor e ameniza os desconfortos provocados pelas altas temperaturas comuns na cidade. A presença dessas garapeiras é um resquício de como os engenhos resistiram, com algumas diferenças e adaptações, como a substituição dos letárgicos bois que faziam funcionar as engrenagens das rústicas moedas pelas moedas movidas a energia elétrica.

Nesse sentido, entendemos que parte da manutenção dessas práticas rurais são heranças do crescimento demográfico que a cidade passou, em decorrência do processo migratório ocorrido em décadas anteriores⁴⁶, no qual se verificou uma transferência de pessoas da zona

⁴³ PROENÇA FILHO, Domicio. Teresina. In: MARANHÃO, Salgado (Org.). *Teresina: um olhar poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009. p. 49 e 50.

⁴⁴ BORGES, 2001, p.11.

⁴⁵ MORAIS, Luciana Patrícia de. Cultura alimentar e patrimônio: ressignificações do cotidiano. In: BORGES, Maria Eliza Linhares. (Org.). *Campo e cidade na modernidade brasileira: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008, p.70.

⁴⁶ Em nível regional, Teresina desponta, entre os anos de 1960/1970, como a capital do Nordeste com maior taxa de crescimento da população urbana, apresentando uma taxa média de 6,3% ao ano, ficando à frente de Fortaleza, com 5,8%, e de São Luís, com 5,1%. Em valores concretos, a capital do estado do Piauí contava, em 1970, com 220.487 habitantes, sendo que 181.062 residiam na zona urbana, dos quais 67.594 eram originários de outras localidades, ou seja, os migrantes representavam 37% da população urbana da capital. Em 1980, a população

rural do próprio município e de outras cidades e até mesmo de outras estados, tendo em vista a posição estratégica que ocupa a capital do Piauí, encravada no sertão, portanto, agi como um ponto de atração para migrantes oriundos, em sua maioria, da zona rural e trazem consigo seus hábitos e costumes.

Embora sendo uma cidade já avaliada como de médio porte, mas com ares de cidade grande, em Teresina, como vimos, o urbano e o rural conviviam ora de forma harmoniosa e necessária, ora como fator de tensões e conflitos. Esse último mais ligado aos discursos que giram em torno de forjar uma cidade moderna, e nesse sentido, tudo que negasse ou interferisse nesse projeto, podia ser visto com maus olhos por parte de determinados setores sociais, levava a constantes polêmicas ventiladas na imprensa local. A população pobre de Teresina e suas práticas cotidianas desafiavam os administradores e urbanistas que buscavam inserir a cidade em um novo modelo de urbanidade. Idealizava-se uma cidade que não contasse com práticas ligadas ao mundo rural ou que desse a imagem de cidade pequena, acanhada. Na imagem a seguir, temos o flagrante de uma dessas situações de apropriação do espaço urbano pela população mais pobre, e os usos que faz desses espaços no intuito de suprir suas necessidades, pouco preocupando-se com as normas ditadas por esse novo urbanismo.



Foto 01: Fonte luminosa da Av. Frei Serafim utilizada como lavanderia

Fonte: Jornal “O Dia”, Teresina, 25 jan. 1991, p.01.

urbana já era de 333.405 habitantes, sendo 43% dela composta por migrantes, ou seja, pouco mais de 150.000 pessoas. MARTINS, Agenor de Sousa et al. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003, p. 174.

Na imagem, temos uma apropriação do espaço público de uma fonte luminosa, situada na Avenida Frei Serafim, construída na década de 1970 para fazer parte do cartão postal da capital, sendo utilizada por moradores de rua para lavar roupa, em pleno centro da capital. Contrariando as normas estabelecidas na legislação vigente: Capítulo II intitulado: “Da higiene e conservação dos logradouros públicos”, em seu artigo 3º “Para preservar a estética e a higiene pública, fica vedado: I – lavar roupas ou animais em logradouros públicos; II – banhar-se em chafarizes, fontes ou torneiras públicas.”⁴⁷ Ainda é possível ver na imagem os automóveis passando ao fundo, evidenciando os contrastes existentes em Teresina, quando seus administradores almejavam torná-la em uma cidade com ares de metrópole, entretanto, as práticas de parte dos seus habitantes ainda eram contrárias a isso.

Era comum a presença de animais nesses logradouros, que traziam uma série de transtornos, tendo que ser recolhidos pelos fiscais da prefeitura de Teresina, porém enquanto os fiscais não as recolhiam elas acabavam comendo a grama e as demais plantas, além de deixarem muita sujeira e ainda oferecer perigo para as pessoas que por ali passassem.⁴⁸ Da mesma forma tentava-se combater a prática de vender comida a céu aberto no Mercado Central. A imprensa também dá conta de reclamações sobre a presença de vacarias no perímetro urbano da capital, localizadas, principalmente pelas péssimas condições higiênicas de tais locais.

As reclamações se baseiam no fato de que o mau cheiro proveniente da falta de requisitos e aparelhamento para um funcionamento perfeito, não se ajustam mais ao ritmo de crescimento de uma capital do porte de Teresina. que já se fala em esgotos sanitários e tantos outros serviços de defesa da saúde pública, à altura do nosso desenvolvimento.⁴⁹

Uma dessas polêmicas envolveu uma típica e já conhecida da paisagem urbana de Teresina, as carroças puxadas a burro. Elas disputavam espaço com os automóveis nas principais avenidas de tráfego intenso na cidade. Para alguns moradores, atrasavam o fluxo, causavam acidentes, já para outros, simbolizavam atraso, sobretudo no olhar do viajante que por ali passasse, levando uma péssima impressão da cidade. Em meio a essas discussões, em 1997, o então governado do estado, Francisco de Assis de Moraes Souza⁵⁰, conhecido

⁴⁷ TERESINA, Prefeitura Municipal de. Código de Posturas do Município de Teresina, 1990.

⁴⁸ VACAS são capturadas na praça: em número de três elas causaram transtornos na praça do Liceu até a chegada dos garis. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 10. 758, p. 09, 16 mar. 1995.

⁴⁹ LIMPEZA Urbana. *Jornal do Piauí*. Teresina, ano XX, n. 3.380, p. 8, 13 jul 1971.

⁵⁰ Nasceu na cidade litorânea de Parnaíba, no estado do Piauí em 13 de outubro de 1942. Formado em Medicina pela Universidade Federal do Ceará, com especialidade em cirurgia geral pelo Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira política filiando-se no MDB, mas foi pela ARENA, que ocupou seu primeiro cargo eletivo, como deputado estadual em 1978. Pelo PSD concorreu à prefeito nas eleições municipais de Parnaíba, em 1982 sem lograr êxito e foi eleito prefeito da referida cidade em 1988, para o pleito de 1989-

popularmente por Mão Santa, acunha que recebeu dos pacientes quando do exercício da profissão de cirurgião, lança sua candidatura de reeleição em um almoço no Palácio de Karnak, sede da administração do governo do estado, oferecido aos carroceiros.⁵¹ A medida tinha um cunho populista e simbólico, uma vez que o então governante não fazia parte das tradicionais oligarquias piauiense que se revezavam no poder a mais de dois séculos, e dessa forma queria demonstrar que seu governo era voltado para os mais pobres e não para os tradicionais “bem nascidos”. A imagem do pátio do palácio totalmente preenchido por carroças, tinha como finalidade afrontar o grupo opositor ao seu governo, representado na figura do então prefeito de Teresina, Firmino da Silveira Soares Filho⁵², que vinha empreendendo uma série de reformas na cidade com o intuito de aproximá-la aos grandes centros urbanos.

Como as estações do ano não são bem definidas nessa região, sobressaindo-se apenas dois períodos, um chuvoso, que ocorre durante o verão e outono, entendido de forma invertida pelo nordestino como inverno, compreendido entre os meses de dezembro a maio, na medida em que oferece temperaturas mais amenas e um outro período de estiagem, entendido como verão, mas que na verdade ocorre entre o inverno e a primavera, que compreende os meses de junho a novembro, onde não há presença pluviométricas significativas, somadas ainda à altas temperaturas. Portanto, essas diferenças climáticas, marcavam e ainda marca a vida dos moradores de Teresina em suas mais diversas atividades, seja ela de trabalho, renda, na alimentação ou ainda nas manifestações culturais.

Traços dessa ruralidade aparecem com certa constância na cidade, visível na construção de casas de taipa, cobertas por palha de coco babaçu. Esse tipo de edificação, com paredes erguidas com caibros de madeira rústica amarrados que dão a sustentação, preenchidas com

1992. Em 1994, deixa o partido PPR (sucessor do antigo PDS), após desentendimentos para ocupar a vaga de vice-governador na chapa da aliança situacionista. Ingressa no PMDB, e sai candidato ao governo do estado pela coligação “Resistência Popular”, vencendo as eleições para o pleito de 1995-1998. Em 1998 é reeleito no segundo turno pela coligação “O Piauí em boas mãos” para o pleito de 1999-2002. Entretanto, teve seu mandato cassado pelo Tribunal de Justiça Eleitoral, em 06 de novembro de 2000, por abuso de poder econômico durante a campanha eleitoral. Em 2002 foi eleito Senador da República. Em 2006, concorre ao governo do estado mais uma vez com coligação de nome idêntico à campanha de 1994. Em 2010 filia-se ao PSC e lança candidatura ao Senado novamente. Ambas sem lograr êxito.

⁵¹ CARROCEIROS comem feijoada com o governador no Karnak. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.703. p. 3, 06 dez. 1997.

⁵² Nasceu na cidade de Teresina, em 16 de dezembro de 1963. É formado em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco, com mestrado na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. Funcionário do Tribunal de Contas da União e Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Piauí. Iniciou sua vida pública aos 30 anos, como Secretário Municipal de Finanças de Teresina, no período de 1993-1996. Filiado ao PMDB, tornando-se presidente do partido no estado do Piauí, candidatou-se, em 1996, à prefeitura de Teresina para o pleito de 1997-2000, sendo reeleito para o pleito seguinte de 2001-2004. Eleito vereador de Teresina entre 2009 e 2010, quando renuncia ao cargo para assumir como deputado estadual entre 2011 a 2012, quando renuncia ao cargo para concorrer à prefeitura de Teresina, para o quadriênio de 2013-2016, concorreu à reeleição em 2016, sendo reeleito pela quarta vez, 2017-2020.

adobe, com portas e janelas de madeira ou palha entrançadas, de piso de chão batido, ou ainda, de ladrilhos, de compartimentos básicos, fez presente desde a fundação da cidade. Em decorrência da pressa e do material precário com que foram edificadas os primeiros prédios da nova capital, construída em 1852, a cidade surgiu sob um aspecto acanhado, como evidenciou Monsenhor Chaves:

Teresina, não obstante ter sido construída para capital da Província, cresceu com todos os defeitos inerentes a um desenvolvimento prematuro e apressado. Embora em 1852 alguns edifícios públicos já estivessem em construção, as repartições do Governo foram todas instaladas em casas alugadas. O emprego do trabalho escravo e de material improvisado nas construções e a falta de uma sistemática técnica apropriada, imprimiram-lhes um não sei o quê de precariedade de que se ressentiam todas elas ao completar a cidade os seus dez primeiros anos de existência.⁵³

Como foi evidenciado por Monsenhor Chaves as primeiras edificações da capital deixavam muito a desejar, tanto em arquitetura, como pelo próprio material utilizado nas construções, carecendo de reformas já nos primeiros anos de construção. Com o intuito de normatizar a ocupação do espaço urbano e disciplinar a construção das edificações da nova capital, foi aprovado em 1867 o primeiro Códigos de Posturas Municipais. No artigo 42, ficava expressamente proibido a “edificação ou reedificação de casas de palha dentro dos limites da décima urbana.”⁵⁴ No ano seguinte, o deputado Davi Moreira Caldas, apresentou à Assembleia Provincial um projeto de lei estabelecendo que anualmente o Governo gastasse uma verba de 2 contos de réis para a substituição das famigeradas palhoças. O projeto foi considerado inexecutável e arquivado.

O aspecto de cidade pequena e provinciana ficou registrado em relatos de viajantes que estiveram por Teresina em meados do século XX. O engenheiro agrônomo Francisco de Assis Iglésias, afirmava que

Teresina – Cidade Verde – como a denominou Coelho Neto, é a Capital do Piauí. De todas as capitais que eu conheço é a menor, e, talvez, a menos favorecida pelo progresso. Tem, mais ou menos umas 500 casas de alvenaria e o resto tudo de pau a pique, ou simplesmente de palha de palmeira babaçu ou ‘coco de macaco’. Há ruas inteiras de casas de palha. Quando pega fogo numa casa, o incêndio se propaga com rapidez incrível pela rua toda, pois além do fogo ser verdadeiramente de palha, não havia bombeiros na cidade. [...] A cidade ainda era iluminada a lampião de querosene. Esse fato, justamente à

⁵³ CHAVES, Monsenhor. Teresina – subsídios para história do Piauí. In: *Obra Completa*. 2ª ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p.27 e 28.

⁵⁴ CHAVES, 1998, p.38.

tarde de nossa chegada, nos impressionou muito mal; não estávamos mais acostumados a ver iluminação tão obsoleta.⁵⁵

Embora tratasse de observações feitas entre os anos de 1913 e 1919, período de sua estada na capital do Piauí, elas só vieram ao público na década de 1940, quando da publicação da obra “Caatinga e Chapadões”. Mesmo passadas mais de duas décadas, essa, ainda, era uma realidade presente na paisagem urbana da capital. A presença desse tipo de habitação começou a desagradar a elite teresinense, em meados da década de 1940, que vivia um surto de modernidade provocado pelos lucros advindos do extrativismo vegetal⁵⁶, que financiou um processo de modernização e instalação de equipamentos urbanos modernos, no qual estava a abertura da Avenida Frei Serafim e a edificação de sobrados luxuosos em seu entorno. Foi nesse período, que ocorreram uma série de incêndios criminosos na cidade, que atingia sobretudo essas edificações rústicas. Essa tragédia atingiu intimamente a população mais pobre da cidade, que sofreram com percas materiais e humanas. Porém, chegou a envolver outros setores sociais, acusados de participação nos incêndios criminosos, como representantes do poder público, supostamente interessados em extirpar essas edificações precárias da paisagem urbana teresinense, que davam à capital um aspecto acanhado, e, por outro lado, pessoas tidas como “comunistas”, com interesse de incriminar representantes políticos locais. Muitas pessoas foram presas e torturadas, mas o crime nunca foi esclarecido.⁵⁷ O certo é que esses episódios marcaram profundamente o imaginário da cidade, presente na memória de seus habitantes, escritores e cronistas.⁵⁸ Para o escritor Geraldo Almeida Borges,

Mesmo expelidas da paisagem urbana, as casas de palha perduram no universo cultural de Teresina, só que acompanhado de um novo aspecto social chamado folclore. Elas agora renascem como relíquias, fantasmas, presença pitoresca em certos locais. Edifica-se uma aqui, outra acolá, cobertura de bares e restaurantes. Palhoças. Quem não se lembra da Prainha à beira do rio Parnaíba? Uma vila de bares e restaurantes cobertos a maioria com telhados de palha? Era chique.⁵⁹

⁵⁵ IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e Chapadões*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015, p. 47.

⁵⁶ Nesse período o Estado do Piauí passou por um surto de exportação em decorrência da valorização de produtos extrativistas como a cera de carnaúba, olho de babaçu e borracha de maniçoba. Sobre o assunto ver: QUEIROZ, Teresinha. *Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: APeCH/UFPI, 1993.

⁵⁷ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina 1937-1945*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

⁵⁸ Temos como uma amostra o conto “Fogo” de Vitor Gonçalves Neto e o romance “Palha de Arroz” de Fontes Ibiapina. GONÇALVES NETO, Vitor. *Fogo*. Teresina: Corisco, 2002; IBIAPINA, Fontes. *Palha de Arroz*. 5 ed. Teresina: Oficina da Palavra, 2007.

⁵⁹ BORGES, Geraldo Almeida. *Província submersa: crônicas teresinenses (século XX), personagens, mitos e movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2011, p. 46 e 47.

Edificações com esse estilo espalham-se pela cidade, mas como o escritor colocou, com um conceito de sofisticação, mesclando elementos rústicos, como o teto de palha, à uma arquitetura arrojada, como o presente no Palhoça, um escritório de arquitetura e no restaurante de frutos do mar da franquia nacional Coco Bambu, um dos mais requintados do setor em Teresina, ambos situados na valorizada e badalada Zona Leste. Embora, nunca tenha deixado de ser associadas a moradias de pessoas empobrecidas que faziam dessas habitações construídas de pau-a-pique, revestidas de barro e coberta por palha, em geral de coco babaçu, ou simplificarmente denominadas de “casas de taipa” uma presença marcante na paisagem urbana da capital, em diversos períodos de sua história, presentes em áreas centrais ou periféricas, dando um aspecto acanhado à cidade.

Uma delas era a Favela do Centro Administrativo. Situada no terreno em frente ao Centro Administrativo do governo do Estado onde estavam os prédios da administração pública estadual e suas secretarias. Projetado, em 1979, pelos arquitetos Raimundo Dias, Marcus Vinícius, Márcio Barros, Raul de Largos Cirne, para abrigar as atividades governamentais do estado do Piauí, que se encontravam espalhadas pela cidade, constituía-se um dos edifícios mais importantes da arquitetura moderna em Teresina. O projeto era inovador por propor uma harmonia entre a estrutura física, projetada em concreto armado em blocos maciços, e o meio ambiente. “O seu conjunto arquitetônico possui uma distribuição espacial no terreno de modo a ressaltar o caráter monumental das edificações, possibilitando entre as mesmas, um passeio aos usuários e um envoltório verde.”⁶⁰ Só que esses espaços foram apropriados de maneiras diferentes como podemos observa na imagem a seguir:

⁶⁰ SILVA, Valério de Araújo; MACHADO, Cíntia Bartz. *Centro Administrativo do Piauí: relação do edifício moderno com a capital contemporânea*. Documento em PDF. Disponível em: <https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/073-1.pdf>. Acessado em 07 de janeiro de 2021.



Foto 02: Favela próxima ao Centro Administrativo do Governo do Estado do Piauí
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 04 abr. 1990, p.09.

Composta por cerca de sessenta casebres de taipa cobertos de palha, sem contar com nenhuma estrutura de saneamento básico. Essas moradias eram extremamente precárias, insalubres, estavam situados em um terreno inapropriado, próximo de uma lagoa que nos períodos de chuva transbordava e invadia as moradias, que pela fragilidade do material desabavam. Outro grande risco era de incêndio, uma vez que a fiação era completamente irregular feita pelos próprios moradores, com o uso de postes de madeira improvisados. Os moradores, sobretudo crianças, estavam infectados por doenças em virtude da precariedade das condições sanitárias e pela ingestão de água do rio Parnaíba sem nenhum tratamento.

1.2 Reflexos do moderno: planos e estratégias de desenvolvimento do estado do Piauí e a modernização da capital Teresina

Teresina nasceu, pois, sob a égide do moderno, cidade planejada, com suas ruas retas em forma de “tabuleiro de xadrez”, para ser a nova sede da capital da Província. Em 1852, o então presidente da Província, Antônio Saraiva, transferiu todo o aparato burocrático administrativo da antiga capital, Oeiras, para Teresina, nova capital que se erguia.⁶¹ Essa transferência da capital foi apontada como a primeira e mais importante decisão política em vista de um projeto de desenvolvimento para o Piauí. Teresina foi tradicionalmente interpretada por suas elites como cidade moderna, aberta a inovações e projetada para tal. Nesse sentido, a

⁶¹ CHAVES, Monsenhor. Como nasceu Teresina In: *Teresina: subsídios para a história do Piauí*. Obra Completa. 2. ed. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves. 1998.

cidade era entendida como mediadora do novo, base para as transformações materiais e culturais do estado, sendo a modernização de seu traçado a “verdadeira” e única via para o seu crescimento, que, em parâmetros locais, era entendido como sinônimo de progresso.

Jacques Le Goff, na discussão que faz sobre o par “antigo/moderno”, observa que o termo “moderno” assinala a tomada de consciência de uma ruptura com o passado. Por outro lado, não está carregado de tantos significados como seus semelhantes “novo” e “progresso”.

Novo implica um nascimento, um começo que, com o Cristianismo, assume o caráter quase sagrado de batismo [...]. Mais do que uma ruptura com o passado, ‘novo’ significa esquecimento, uma ausência de passado [...] Mas ‘novo’ tem, antes de mais nada, o sentido de recém-aparecido, de nascimento, de puro.⁶²

Partimos da ideia de efemeridade do novo, o que é considerado moderno apresenta-se, no futuro, como antigo, superado. De modo, a cidade de Teresina, por ser filha do moderno, foi sempre alvo de constantes mudanças, intrínsecas à condição em que foi criada. Como afirmou Marshall Berman, esse tipo de espaço caracteriza exatamente pelo ambiente de mudança e transformação constante de tudo, buscando a novidade e o mais novo permanente. O progresso era entendido pelas elites locais como sinônimo de modernidade, quando, de fato, tratava-se de uma de suas faces. Segundo Berman, a modernidade não se relaciona apenas às transformações materiais, e estas podem ainda não acontecerem em sua totalidade, entretanto, as incongruências desse processo são visíveis e perduram por um longo tempo.⁶³

O estado do Piauí teve, ao longo de sua história, sua imagem associada à pobreza e à miséria, principalmente em função do atraso em relação aos outros estados brasileiros. Alguns fatores são apontados como essenciais na compreensão dessa realidade, dentre eles estão as relações sócio-políticas pautadas em mecanismos de controle social. Historicamente, o estado foi governado por uma pequena parcela da sociedade, detentores de latifúndios, que tinham suas ações centradas em sistemas oligárquicos, e para a manutenção de seu *status quo*, governavam por interesses próprios o que corroborava para a pauperização dos outros segmentos sociais. Essa situação se refletia na imagem de desalento da própria estrutura física das cidades, carentes de políticas urbanísticas e de recursos para realizá-las. Os dados alarmantes de atraso e pobreza eram severamente criticados por alguns intelectuais do estado.

⁶² LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno In: *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003, p. 173.

⁶³ BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Bois, vacas e caprinos exportados, praticamente extinto os rebanhos; ciclo da cera de carnaúba cumprido; potencial hidrelétrico inexplorado, com toda sua indústria dando ocupação apenas a 1.264 operários; três escolas superiores funcionando, com um total de 341 universitários, mais de 70% da população escolarizável fora das escolas, por falta de verbas, prédios e professores; renda PER CAPITA anual de Cr\$ 7.710; endemias rurais e doenças de pauperismo matando milhões de pessoas [sic]; com apenas duas cidades em todo o Estado possuindo esgotos sanitários – O Piauí tem agravado o seu STATUS precaríssimo pela atuação desonesta de políticos mesquinhos e corruptos, que se atiram como urubus às minguidadas dotações orçamentárias federais.⁶⁴

De acordo com Francisco Alcides do Nascimento, a década de 1950 é expressiva para a construção da imagem do estado do Piauí como pobre e atrasado no contexto nacional. Imagem que refletia negativamente na capital Teresina, descrita por visitantes e até mesmo pela imprensa local como acanhada, pequena e atrasada. Foi nesse período que os dados totais de arrecadação do estado revelaram a triste posição de última colocação entre os estados na nação, situação bem diferente da apontada na década anterior, em que o estado do Piauí se encontrava na 18ª posição, ultrapassando estados como Alagoas, Sergipe, Goiás, Mato Grosso e Amazonas.⁶⁵ Esse período marca o fim do ciclo extrativo vegetal vegetal (cera de carnaúba, óleo de babaçu e a borracha de maniçoba), que durante meio século, foi a principal fonte na receita orçamentária do Piauí.⁶⁶ A partir de então, a economia do estado passou a uma dependência permanente dos recursos federais. Isso se deu, sobretudo, pelo fato de o estado não conseguir se inserir na política desenvolvimentista com a implementação de um processo de industrialização que tivesse peso nas receitas internas, substituindo o ciclo extrativista.

A década de 1950 também é marcada pela tentativa de reação a essa situação de atraso no Piauí. No governo do intelectual e agropecuarista Jacob Manoel Gayoso Almendra⁶⁷ (1955-

⁶⁴ Esdras do Nascimento, romancista piauiense de projeção nacional, escreveu esse depoimento nas orelhas do livro “Rio Subterrâneo” do também piauiense O. G. Rego de Carvalho, em 1971. FILHO, A. Tito. Cadernos de Anotações. *Jornal do Piauí*. Teresina, p.2, ano XXI, n. 3.522, 1º/2 jan 1972.

⁶⁵ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Imprensa e imagens: a construção de representações do Piauí e de Teresina através de jornais diários da década de 1970. *CLIO – Revista de Pesquisa Histórica*. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, v.28, n.1, 2010.

⁶⁶ QUEROZ, Teresinha. *A economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: APeCH/UFPI. 1993.

⁶⁷ Jacob Manoel Gayoso e Almendra nasceu em 03 de outubro de 1899, em Teresina- PI. Seguiu carreira militar, ingressou na Escola Militar do Realengo (1918-1921). Foi comandante e chefe da Polícia Militar no Piauí (1924-1926), combateu à Coluna Prestes, quando de sua passagem pelo Piauí. Tornando-se General de Brigada em 1947. Na vida política foi deputado estadual em duas legislaturas (1926-1930 e 1935-1937), governador do Estado do Piauí (1955-1959), deputado federal pelo Estado do Piauí (1963-1967). Agropecuarista e industrial, criou a Associação dos Criadores Piauienses, presidiu a Agroindústria do Piauí S/A (AGRINPISA). Destacou-se também no mundo das letras, ocupando a cadeira de n. 20 da Academia Piauiense de Letras, em 1976, autor dos livros: “O vale do Rio Parnaíba”, “Casa da Torre no Piauí” e “Propriedade no Piauí”. Faleceu em 10 de maio de 1976. CAMILO FILHO, José. Gayoso e Almendra - biografia. Teresina: EDUFPI, 2003.

1959), foi criada a CODESE⁶⁸ (Comissão de Desenvolvimento do Estado), em 1956. Com essa comissão objetivava-se elaborar planos a longo prazo para a administração do Estado, tendo por finalidade estudar e propor diretrizes para o desenvolvimento do Piauí. Foram criadas as seguintes empresas de economia mista: Frigoríficos do Piauí/SA (FRIPISA), em 1957; Banco do Estado do Piauí S/A (BEP), em 1958; Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA), em 1959; Agroindústria do Piauí S/A (AGRINPISA), em 1959; Telefones do Piauí/SA (TELEPISA), em 1960 e Águas e Esgotos do Piauí /SA (AGESPISA), em 1962.

A implantação de um sistema industrial foi apontada, sobretudo, a partir da década de 1950, como possibilidade de desenvolvimento do estado, pois o setor industrial mostrava-se atrofiado, com uma participação ínfima na receita do estado, com cifras de 3,7%, em 1950, e 5,7%, em 1960, o que demonstra um alto grau de dependência externa de produtos industrializados. As discussões em torno do estabelecimento de um processo de industrialização levaram a estudos que pudessem apontar os motivos de tanto atraso. Em 1960, a CODESE apontou como características limitantes ao surgimento de estabelecimentos industriais: a falta de energia elétrica e a inexistência de créditos industriais de logo prazo. Também foi destacada a inércia do Governo estadual, que dispunha de uma legislação pouco estimulante à implantação de indústrias no estado, visto que praticava taxas exorbitantes sobre esse setor. Por fim, a pesquisa ainda apontou a escassez de pessoal especializado na área.⁶⁹

A construção da Usina Hidrelétrica de Boa Esperança⁷⁰, ao contrário do que se esperava, não trouxe mudanças significativas para economia do estado e, por si, só não promoveu o desenvolvimento do parque industrial. Aconteceu que “Boa Esperança, apesar de ser velha aspiração dos piauienses, não foi planejada com largueza de visão, não sendo posta a questão da proficiência e tampouco a da necessidade de outros fatores complementares para que os benefícios polivalentes da energia pudessem ser apropriados”⁷¹. Por falta de recursos que complementassem o projeto, com a construção de eclusas para um maior aproveitamento do potencial hidrelétrico, em 1970, quando foi inaugurada, a usina contava apenas com 37% de

⁶⁸ Em 1971, a CODESE foi transformada em Secretaria do Planejamento – SEPLAN, por meio da Lei n. 69, de 26 de novembro de 1971. MORAES, Adolfo Martins de. Algumas singularidades do planejamento do estado do Piauí. In: *Carta CEPRO*, Teresina, Fundação CEPRO, v. 22, n. 01, jan/jun 2003.

⁶⁹ MARTINS, Agenor de Sousa e et. al. *Piauí: Evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003, p. 144-147.

⁷⁰ A barragem hidrelétrica de Boa Esperança, localizada no município de Guadalupe, foi construída no governo do General Castelo Branco e inaugurada oficialmente pelo presidente Garrastazu Médici, em 07 de abril de 1970. A usina foi operada inicialmente pela COHEBE (Companhia Hidrelétrica de Boa Esperança), passando para a administração da CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) em 1974. Sua produção energética atual é de 150 megawatts. TAVARES, Zózimo. *100 fatos que marcaram o século 20*. Teresina: Hally, 2000. Sobre o assunto ver também MENDES; Op. Cit., 2003.

⁷¹ MARTINS, Op. Cit., p. 249.

seu potencial. A obra permanece, até os dias atuais, inacabada e, por esse motivo, é pouco representativa na produção energética que abastece o estado.

No final da década de 1970, a Fundação CEPRO (Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí) publicou uma pesquisa apontando outros fatores ainda não evidenciados em relação ao retardamento da implantação do setor industrial. Os estudos revelaram motivos estruturais internos, como a pequena dimensão do mercado urbano, sendo que em 1960, somente 292 mil habitantes moravam em centros urbanos, concentrando-se nas cidades de Teresina e Parnaíba, com 98 mil e 39 mil habitantes, respectivamente. Na mesma década, houve um pequeno crescimento na indústria de produtos químicos, com destaque para cidade de Parnaíba, ou seja, cresceu mais a indústria que possuía mercado fora do estado. O baixo poder aquisitivo da população também foi apontado como um dos responsáveis pelo desestímulo ao surgimento de grandes indústrias locais.⁷²

No final dos anos 1950 e início da década seguinte, o Brasil teve como Presidente da República Juscelino Kubitschek (1956-1961), cuja proposta era promover o desenvolvimento econômico de forma acelerada, o que acendeu, em alguns setores da sociedade brasileira, o desejo de transformação do país. Desse modo, procurou-se estimular a industrialização mediante associação com o capital estrangeiro. Por meio do “Plano de Metas”, o governo apontava as áreas prioritárias para o investimento estatal: energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação. Nesse contexto, a construção de Brasília trazia a imagem simbólica de novos tempos, com arquitetura moderna e arrojada, imprimindo na sociedade o ideário de progresso. Mas, a região beneficiada com investimentos de envergadura, provindos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, foi a Sudeste, concentrando, nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, cerca de 76,0 %. Ao Nordeste, destinaram-se apenas 3,1%. Dessa forma o Piauí, alijado dos recursos federais, não vivenciou o ritmo de crescimento em que o presidente imprimiu no país.

Diante das disparidades regionais quanto ao crescimento econômico, sobretudo com um considerável *déficit* da região Nordeste, Juscelino Kubitschek, em 1959, enviou ao Congresso Nacional um projeto de lei propondo a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). O novo órgão tinha por finalidade estudar e propor diretrizes para o desenvolvimento do Nordeste, assim como supervisionar, coordenar e controlar a execução de projetos realizados pelo governo federal na região, além de executar os projetos de desenvolvimento que lhes fossem atribuídos.⁷³

⁷² Ibidem, p.147.

⁷³ MENDES, Op. Cit., p. 201.

Mais uma vez o Piauí esteve fora dos planos de desenvolvimento do governo federal, pois as ações empreendidas pela SUDENE e pelo Banco do Nordeste, de acordo com o economista Felipe Mendes, concentraram-se em apenas três estados – Bahia, Pernambuco e Ceará, excluindo-se, de forma semelhante, o Piauí da ação de outros órgãos, como o DNOCS, que privilegiou o Ceará, e a CODEVASF, que beneficiou principalmente a Bahia e Pernambuco.⁷⁴ Dos quatro Planos Diretores do Desenvolvimento do Nordeste elaborados pela SUDENE, o Piauí foi excluído de três deles, e só no terceiro conseguiu a implantação da Barragem de Boa Esperança, como vimos, uma obra inacabada que quase não teve peso para o desenvolvimento do estado.

A inexistência de um sistema industrial dinâmico fez com que se aprofundasse a dependência dos recursos federais repassados ao governo estadual. Este, por sua vez, criava órgãos e fundos de desenvolvimento de efêmera existência, para que o dinheiro fosse aplicado e redistribuído. Porém, os recursos que seriam para fomentar o desenvolvimento do Piauí, via industrialização, se perdiam nos mecanismos de controle de uma determinada classe que estava à frente de tais instituições, sendo feita a partilha internamente, entre seus membros. Outra via de desperdício dessas aplicações federais era a construção dos conhecidos “elefantes brancos”, obras inacabadas e inúteis que engoliam o que sobrava dos recursos direcionados ao desenvolvimento do estado.⁷⁵

Apesar das restrições pelas quais o estado passou quanto aos projetos nacionais, a euforia desenvolvimentista das décadas de 1950 e 1960 fomentou entre os investidores do setor secundário e o Estado um sentimento de organização e articulação que levou a alguns processos de institucionalização do setor industrial. A primeira a ser implantada foi a Federação das Indústrias do Estado do Piauí (FIEPI), criada em 1954. Já na década de 1960 o destaque é para a criação da Associação Industrial do Piauí (AIP), em 1966, e o Fomento Industrial do Piauí (FOMINPI), em 1965, que, posteriormente passaria, a chamar-se de Companhia de Desenvolvimento Industrial do Piauí (CODIPI). Entretanto, a criação dessas empresas tinha como objetivo também criar mais cargos e assim fomentar ou fortalecer grupos políticos. Apesar dos esforços, conforme Antônio Cardoso Façanha, “o setor industrial mostrou-se frágil em Teresina, devido a uma fraca articulação com outras cidades, um restrito mercado local e deficiências na sua infraestrutura.”⁷⁶

⁷⁴ Ibidem, p. 197.

⁷⁵ MARTINS, Op. Cit., p.279.

⁷⁶ FAÇANHA, Antônio Cardoso. *Desmistificando a geografia: espaço, tempo e imagens*. Teresina: EDUFPI, 2004, p. 184.

Mas, é na década de 1970, que os discursos em torno de desenvolver o estado do Piauí e, assim, poder proporcionar um processo de modernização para capital Teresina são adotados de uma maneira mais contundente. Essa euforia foi aguçada com o reordenamento político vivenciado em 1964, a partir da chegada dos militares no poder. A implantação do Estado autoritário em 1964, que tinha como objetivos norteadores assegurar os interesses de uma determinada classe ligada ao modelo capitalista de desenvolvimento dependente⁷⁷, refletia em nível local como uma nova oportunidade para a realização dos sonhos de progresso. Propagandeava-se que era chegada a hora da arrancada para o desenvolvimento, e que o Piauí crescia junto com o Brasil. Notadamente, os projetos de implantação de uma infraestrutura básica (energia elétrica, abastecimento de água e transporte) estavam nas principais pautas governamentais, juntamente com a modernização e embelezamento da capital do estado.

Para a realização desse ideário foi indicado dois engenheiros para assumir o Executivo estadual e municipal, Alberto Tavares Silva⁷⁸ e Joel da Silva Ribeiro⁷⁹, respectivamente. As expectativas em torno do novo governo aumentaram ainda mais quando este expôs seus planos no sentido de transformar a feição urbanística da capital, que até então, como demonstrado era motivo de gozação nacional.

Teríamos que colocar Teresina em primeiro plano [...] transformá-la numa cidade arejada, bela, moderna, atraente, habitável. Já sentimos algo de novo, as ruas da cidade respiram ares de motivação e otimismo, as chacotas pararam

⁷⁷ ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Trad. Clóves Marques. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

⁷⁸ Nasceu em Parnaíba-PI, no dia 10 de novembro de 1918. Formando em Engenharia Civil, Elétrica e Mecânica pela Escola de Engenharia em Itajubá. Foi nomeado engenheiro-chefe dos Serviços de Transporte Elétricos da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro (1941-1947). Foi eleito Prefeito de Parnaíba em 1948, em 1950 foi eleito Deputado Estadual do Piauí, cargo que renunciou para assumir a direção da Estrada de Ferro de Parnaíba (1951-1953). Eleito Prefeito de Parnaíba pela segunda vez para o mandato de 1955-1958. Em 1960, retorna à direção da respectiva estrada de ferro, no ano seguinte assumiu a direção da Companhia de Força e Luz de Parnaíba. Quando de sua indicação para assumir o Governo do Piauí em 1970, encontrava-se em Fortaleza, dirigindo a Companhia de Energia do Ceará (1962-1970). Após deixar o Governo do Estado em 1975, coordenou o Programa de Desenvolvimento Industrial e Agrícola do Nordeste (POLONORDESTE). E em 1976, foi nomeado presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (UBTU). Chegou a ocupar os cargos de Deputado Federal em 1994 e em 2006, Senador em 1979 e em 1998, e mais uma vez Governador do Piauí (1986-1989). Apesar da longa trajetória como político e como engenheiro, encerrada em 28 de setembro de 2009, aos noventa e um anos, Alberto Silva nunca ocupou o cargo de Prefeito de Teresina, mesmo tendo se candidatado seguidamente em 1992 e em 1996, sem lograr êxito. TEXEIRA, Francisco Tomaz. *Alberto Silva: mito e político – o que eu vi, ouvi e aprendi*. Teresina: Halley, 2010.

⁷⁹ Engenheiro Militar e Político. Oficial do Exército Brasileiro transferido para reserva no posto de Major. Formado pelo Instituto Militar de Engenharia – IME (1959-1963), no Rio de Janeiro. Com larga experiência em construções, sobretudo no setor de estradas, adquirida no Primeiro Batalhão Ferroviário, no Rio Grande do Sul, ainda como Oficial de Engenharia. Sua notoriedade como homem público na sociedade piauiense veio quando assumiu, em 1963, a direção do Segundo Batalhão de Engenharia e Construção. Como político foi nomeado Prefeito de Teresina de 1971-1975, presidiu as Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA) de 1975-1978 e elegeu-se Deputado Federal para a legislatura de 1979-1983. RIBEIRO, Joel da Silva. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, dez. 2006.

no Sul do país [...] na certeza que será, em poucos anos, uma das capitais mais bonitas do Nordeste.⁸⁰

Desse modo, tendo à frente o chefe do Executivo estadual o novo governador, passou-se a acreditar que a equipe que compunha o governo tinha uma atuação especial, principalmente os técnicos produtores desse novo espaço. Mesmo antes de assumir o cargo, Alberto Silva já tinha montada sua equipe, bem como elaborado um “Plano de Metas” para o seu quadriênio, sendo que este só foi apresentado ao público algum tempo depois de Silva ter assumido a direção do Estado. A crença da sociedade piauiense no projeto de mudança do novo Governo pode ser representada na seguinte produção da poesia popular.

Vai acabar a época do choro
E também o eterno sofrimento.
Com a equipe do ‘Chapéu de Couro’
Vamos marchar para o desenvolvimento.

São promessas do nosso Governador
E de sua equipe do ‘Chapéu de couro’
Bom engenheiro, honesto e trabalhador.
Suas METAS são para nós um estouro!

O Piauí que estava dormindo
Quando Alberto aqui chegou.
Acordou cantando e sorrindo
Pelo bom presente que ganhou!⁸¹

Assim, foi criada a ideia de que, com o pulso firme de um governante empreendedor, e a participação de sua equipe na construção do novo projeto para o Piauí, era possível concretizar o desenvolvimento, sendo que a imagem de Alberto Silva, por vezes, foi associada também à de redentor do estado. Nesse sentido, as ações das elites, juntamente com a imprensa, asseguravam essa construção de “mito político” no imaginário popular. O governador era tido como um mandatário capaz de soerguer o estado e tirá-lo da posição desfavorável em que se encontrava. Para o jornalista Tomais Teixeira,

Alberto Silva tinha um propósito: acabar com a imagem criada pela revista Realidade, que disse que o estado era provinciano, que a nossa bandeira era um couro de bode e que o povo foi ao aeroporto para beijar um avião Caravelle, aeronave a jato que na época começou a operar no Piauí, reportagem que causou indignação aos piauienses. [...] Alberto Silva entendia que a capital do Piauí, não podia ter aspecto nômade, provinciana, sem uma demonstração de que seu povo também tinha cultura e bom gosto. Afinal, o

⁸⁰ ALBERTO: chegou a vez de Teresina. *O Estado*, Teresina, s/n. Ano XX, p. 7, 14 ago 1971.

⁸¹ FOLHA da Mãe Ana: “A marchinha do chapéu de couro”. *O Dia*, Teresina, n. 3260. p.8. Cad. 2, 4/5 abr 1971.

aspecto de uma cidade, segundo ele, reflete a cultura de sua gente e da sua história. [...] Assim, Alberto Silva começou a introduzir as mudanças que Teresina estava a exigir e merecer. Era o começo de uma nova era de progresso e desenvolvimento.⁸²

Dessa forma, verifica-se, na política empreendida no Piauí, no início da década de 1970, pelas elites e tecnocratas do regime militar a pretensão de construir um “Piauí Novo”, partindo do embelezamento de sua capital e das transformações trazidas por obras estonteantes, com que se buscava não só modernizar o seu traçado urbano, mas, acima de tudo, “apagar” a insígnia de Piauí pobre, atrasado. Além desse especial destaque ao discurso progressista, com o apoio das classes dirigentes e da participação popular na efetivação desse ideal, “era indispensável inculcar na comunidade piauiense o sentido do otimismo e das grandes certezas, pois sem aspirações coletivas não há desenvolvimento”⁸³. A imprensa era considerada uma aliada importante nesse processo.

Em períodos de ditaduras, a liberdade de imprensa restringe-se ainda mais, pois, em nome da ordem, a vigilância se amplia e atinge todos os jornais, e nenhuma contestação ao sistema implantado é aceita, nem mesmo a crítica isolada. A charge e a caricatura, que tem um poder de comunicação direta e divertida, portanto, de fácil compreensão e penetração nas massas, tornam-se cada vez mais raras nos periódicos. No caso de Teresina, nenhum jornal se posicionou contra o regime militar, embora, em alguns, houvesse a crítica isolada e direcionada aos administradores locais, mas não se estendia ao regime. Pelo contrário, era comum a exaltação ao novo sistema, na medida em que imprensa e elites defendiam os mesmos interesses, ou seja, assegurar o desenvolvimento do estado e o progresso da nação, adotando-se a via da industrialização, para, desse modo, inserir-se o estado no contexto nacional.

Nesse contexto, houve jornais que se beneficiaram com o novo regime, e, em troca de apoio ao governo, conseguiram expandir suas empresas. O caso mais expressivo, no Piauí, foi o do jornal *O Dia*, que se posicionou a favor do projeto desenvolvimentista e modernizador adotado pelos representantes do regime militar no estado. *O Dia*, juntamente com *Jornal do Piauí* e *O Estado*, compunha a “grande” imprensa, que trabalhava no sentido de fomentar na opinião pública uma euforia provocada pelas transformações processadas, sobretudo, na década de 1970, nos diversos níveis da vida social, associando-as às ações empreendidas pelo governador Alberto Silva.

⁸² TEXEIRA, Francisco Tomaz. *Alberto Silva: mito e político – o que eu vi, ouvi e aprendi*. Teresina: Halley, 2010, p.61, 66 e 67.

⁸³ PIAUÍ, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1972*. Teresina, 1972, p.03.

O Jornal *O Dia* foi o primeiro a assumir concordâncias político-ideológicas com os militares, sendo comuns matérias reverenciando o aniversário da Revolução e as transformações que iam se processando sob a égide dos militares e editoriais como: “Surto de progresso é obra da Revolução”, “O Brasil novo começou com a Revolução de março de 64”, “A Revolução é a esperança do Piauí”, “O Piauí cresce com o Brasil”. É evidente o discurso progressista e ufanista enaltecendo o regime militar, o qual, por sua vez, é apontado como uma nova porta para a realização dos sonhos de progresso e desenvolvimento do Estado. Em 1971, o periódico enaltece a obra levada a cabo pelos militares.

Há 7 anos, os destinos do Brasil eram uma incógnita. A subversão imperava. Os homens encarregados de manter a ordem e zelar pela hierarquia embriam-se com agitadores e pelegos. A economia do País sofria os efeitos da irresponsabilidade. A iniciativa privada se retraía e o povo já não encontrava motivação para o trabalho. Era o caos que ameaçava afundar o Brasil. [...] Os desonestos e ímprobos foram afastados, à medida em que uma nova consciência arrimada nos primados da decência e do patriotismo ia se plasmando. O inesquecível Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco começou a obra. Costa e Silva consolidou-a e, agora, sob a orientação firme e reta de Garrastazu Médici, marcha o Brasil, célebre, para alcançar os seus grandes destinos.⁸⁴

Esse aspecto era evidenciado na imprensa principalmente em datas comemorativas do aniversário da cidade, 16 de agosto, de um ano de administração 15 de março e da implantação do regime civil-militar denominado por eles de “Revolução de 1964”, 31 de março. Eram também publicados cadernos especiais nos periódicos que seguiam a linha do governo, financiados por este, no qual associavam o “surto de progresso” pelo qual passava a capital à ação empreendida pelo chefe do Executivo estadual. Também era constante esse tipo de prática na comemoração do aniversário dos jornais, como ocorria frequentemente com os jornais *O Dia* e o *Jornal do Piauí*. Na matéria abaixo, podemos observar essa relação feita entre as transformações na cidade e a ação do governador, publicada por ocasião do aniversário da capital:

Aos 122 anos Teresina já passou da fase de menina-moça como foi chamada puerilmente por poetas de inspiração barroca [...] antigamente cidadezinha pacata de ruas mal iluminadas, hoje a capital do Piauí é pujança e predestinação para atingir um nível cada vez mais elevado de metrópole. [...] antes do governo do engenheiro Alberto Silva a cidade aparecia ainda tímida e com traçado rural. As ruas geralmente desprovidas de asfalto, apresentavam

⁸⁴ O FUTURO é. Editorial. *O Dia*. Teresina, n. 3.256, p.3, 31 mar 1971.

ainda típicas ‘bodegas’ do interior [...] Teresina é uma cidade que cresce nova.⁸⁵

A inserção dos militares no centro das decisões políticas do país era apontada como a solução para as “desordens” provocadas pelo sistema democrático e pelo o que eles denominavam de “excesso de liberdade”, vistos pelos responsáveis pelo jornal como prejudicial. Nesse sentido, na opinião deles, o país necessitava de um governo firme em suas decisões e comprometido com um projeto desenvolvimentista para o país, mesmo que, para isso, se abrisse mão dos direitos conquistados até então.

Em meados da década de 1970, o regime político instalado passou por uma reformulação no âmbito administrativo, sendo novas metas estabelecidas e estratégias adotadas. Alguns projetos foram retomados, como Política de Integração Nacional (PIN) executada durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), com o retorno da doutrina nacional-estatista, centrada no intervencionismo federal, repercutiu no processo de transferência de recursos para o Piauí, o que assegurou recursos para a implantação de um projeto de modernização da capital Teresina. Essa política do governo central também ficou conhecida como “federalismo de integração”, sendo principal objetivo “desenvolver a ação direta e enérgica contra o desnivelamento econômico que separa os Estados do contexto federativo e compromete a unidade nacional.”⁸⁶ Nesse sentido, o governo federal passou a escolher os representantes da esfera estadual com a intenção de pôr em prática essa proposta. As regiões Norte e Nordeste eram, sem dúvida, as menos integradas ao restante do país e, por esse motivo, foram foco de tal medida.

Seguindo esse intento de integração nacional, foi levado à frente um projeto de proporções imensas e desastrosas, que foi a construção da Transamazônica, uma rodovia em plena floresta amazônica que tinha por finalidade aproximar os brasileiros e facilitar a exploração de seus recursos, os quais viriam a contribuir com o engrandecimento do país. O projeto, apesar de ter custado aos cofres públicos uma imensa despesa, não chegou a se concretizar. Ao Nordeste caberia a arrancada para o desenvolvimento com a implantação de um sistema industrial que dinamizasse a economia regional, contribuindo dessa forma com o projeto nacional de desenvolvimento integrado. A preocupação com a integração entre as demais regiões do Brasil esteve presente na construção de um sistema viário que integrasse as demais regiões ao restante do país. Em nível, local foi construída a PI-4, também conhecida

⁸⁵ TERESINA, 122 anos de fundação, hoje. *O Dia*, Teresina, n. 3984. p.3. Cad Especial, 16 ago 1974.

⁸⁶ GOVERNO e consciência. Editorial. *O Dia*. Teresina, n. 3.243, p.3, 15 mar 1971.

como Trans-Piauí, que ligava Teresina ao sul do Estado, dando acesso à Brasília. Essa via de tráfego foi chamada de “Grande Y” da integração nacional, na medida em que interligava as capitais Fortaleza-Teresina-São Luís à capital do país.

Antônio José Medeiros faz um histórico do processo de integração nacional por que passou o país e o divide em dois ciclos. O primeiro vai da emancipação política à desagregação da ordem social escravocrata. O segundo perpassa todo o período republicano, acentuando-se em determinados momentos. Essa política de integração nacional passa a contar, desde a segunda metade da década de 1950, com uma dependência cada vez mais frequentes de recursos federais. A partir de 1964, intensifica-se essa dependência, transformando as transferências federais em elemento quase estruturador da economia estadual. O aumento dessa dependência pode ser observado nos seguintes dados: em 1967, 42,98% da receita orçamentária estadual advinha do governo federal; em 1975, esse índice subiu para 71,79%.⁸⁷

No final da década de 1960, tendo à frente o Fomento Industrial do Piauí- FOMINPI, houve um redirecionamento no que diz respeito a outras estratégias para atração de indústrias para o estado. Desta vez, o foco central era a oferta de uma infraestrutura favorável à implementação do setor industrial, seguindo os modelos nacionais, com o incentivo ao processo de descentralização da indústria no país, rumo às cidades de médio porte que oferecessem essas condições. A criação de Distritos Industriais foi uma medida largamente utilizada e tida como imprescindível para a instalação de um parque industrial. O pressuposto era de que oferecer áreas preparadas, com terraplanagem, de fácil acessibilidade, água, esgoto, energia elétrica e até mesmo incentivos fiscais, seria o ponto atrativo para que as indústrias fossem instaladas com maior economia de tempo.

A escolha por esse tipo de sistema se deu em diversas cidades que propunham se inserir no processo de industrialização que o país vivenciava naquele momento. Os administradores locais também viam na implantação de um Distrito Industrial uma saída para atrair mais empresas para Teresina e dessa forma alavancar o setor secundário, gerando emprego e renda na capital. De modo que a criação do Distrito Industrial de Teresina (DIT), ocorrida ainda no final da década de 1960. A área escolhida, que contava com 196 hectares, localizava-se na zona Sul.⁸⁸ O intuito era transformá-lo em um bairro operário e industrial e, desse modo, os futuros indústrias poderiam contar com uma mão-de-obra farta e de baixo custo.

⁸⁷ MEDEIROS, Antônio José Medeiros. *Movimentos sociais e participação política*. Teresina: CEPAC, 1996, p.51.

⁸⁸ FAÇANHA, 2004, p. 184.

O chefe do Executivo estadual, Alberto Silva, fez um trabalho de divulgação das vantagens oferecidas pelo Estado com a implantação do Distrito Industrial, sobretudo na imprensa nacional, convocando os empresários a investirem no Piauí. Segundo o governador, era necessário que o Estado mudasse sua face, principalmente extirpando do imaginário da sociedade e, principalmente, dos investidores nacionais a ideia de atraso e pobreza, pois só dessa forma seriam atraídos investimentos ao setor industrial.

A imprensa de oposição ao governo do estado, por outro lado, passou a veicular críticas à publicidade exagerada, afirmando que veiculavam informações distorcidas da realidade, como em uma entrevista ao jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, na qual o governador Alberto Silva afirmou que, somente no ano de 1973, foram instalados, no Distrito Industrial de Teresina, vinte novas indústrias. De acordo com o diário *A Hora*, que dispunha de dados do FOMINPI, o Distrito contava no momento com dezesseis indústrias, sendo que apenas quatro delas foram instaladas naquele governo.⁸⁹ Outro periódico também lançou críticas ao posicionamento do governador.

A ‘imagem do Piauí’ é colocada acima dos interesses do Estado, que de tesouro combalido, paga, a peso de ouro, reportagem na imprensa, principalmente na Imprensa do Sul, páginas e mais páginas de jornais e revistas são cobradas, às vezes por centena de milhares de cruzeiros para mostrar a tal ‘imagem’, que é na verdade uma imagem distorcida, uma realidade que a cada dia se torna mais grave e que a cada dia se torna mais difícil de encobrir.⁹⁰

Essas iniciativas em torno de industrializar o estado, com implantação de fábricas na capital tiveram poucos resultados na década de 1970. Trouxe uma pequena dinamização do setor no Estado, que se concentrava na capital, com destaque para a construção civil, reflexo das políticas habitacionais de âmbito federal, da cerâmica, de confecções, de alimentos, de pasteurização, de colchões, de móveis e de bebidas⁹¹. Neste último ramo, destaca-se a implantação da fábrica da *Coca-cola*, em 1971, fruto de um acordo com a fábrica de refrigerante e água mineral da firma *Carlos Henrique de Aragão Indústria e Comércio*. Mas, apesar do crescimento evidenciado no setor secundário, este ainda era considerado incipiente e não conseguia produzir um número de empregos significativo.

Mesmo sem o crescimento econômico esperado e tão almejado progresso chegasse de fato para mudar a realidade do estado e a feição urbanística de sua capital, uma série de reformas

⁸⁹ PIAUÍ só tem 16 indústrias no Distrito. *A Hora*. Teresina, n. 405, p.1, 27 jul 1974.

⁹⁰ A IMAGEM do Piauí. *Correio do Povo*. Teresina, ano I, n. 23, p.1, 14/20 jan 1974.

⁹¹ FASÇANHA; Op. Cit., 2004, p. 185.

empreendidas na malha urbana também se estendiam ao aspecto físico dos logradouros públicos. Ruas estavam sendo pavimentadas; as principais praças cívicas, como a Marechal Deodoro (Praça da Bandeira), a Rio Branco e a Pedro II passaram por uma remodelagem completa, sendo que esta última compunha um dos eixos culturais, por estar situada à frente do Teatro 4 de setembro, o qual também foi reformado, e o Cine Rex teve seu feitiço completamente modificado. A reforma e modernização do Hotel Piauí e do Palácio de Karnak, sede do executivo Estadual, também estavam inseridas na política de implantação de uma infraestrutura para o turismo, que visava à preparação da cidade para vender uma boa imagem. Verificava-se, assim, a necessidade de um hotel de referência no estado, com acomodações modernas e adequadas aos novos modelos de hotelaria.

Outra iniciativa modernizadora foi a tentativa de inserir o Piauí nas competições nacionais de futebol, motivada ainda pela euforia da conquista do tricampeonato mundial, na copa de 1970, com a construção de um estádio de futebol, com capacidade para 60 mil espectadores, situado na zona Sul da cidade, o Alberto Tavares Silva, o Albertão. Apesar do projeto audacioso, as obras ficaram inconclusas, por falta de recursos orçamentários. Nesse sentido, o estádio apresentou-se mais como um desejo, uma “fantasia” de progresso do que como a concretização dos “sonhos” de modernidade. Suas formas, apesar de grandiosas, apareciam como uma imagem deformada do que foi projetado no imaginário coletivo. Carecendo do acabamento final, trouxe consigo os traços “grosseiros” da não plenitude da modernização em países subdesenvolvidos. Mesmo assim, a obra foi largamente utilizada como uma maneira de elevar a autoestima dos piauienses, em especial dos teresinenses.

Dentre os favoráveis à construção do estádio estava João Carnaúba, que afirmava ser “um grande passo na modificação do aspecto de nossa capital, e uma motivação para que venham de fora brasileiros e brasileiras, de longe e de perto, aplaudir uma nova era que se inicia em nosso Piauí.”⁹² Do outro lado, estavam os que eram contrários a essa construção, principalmente pelos vultuosos gastos para implementação de um estádio de tais proporções, o que não podia ser, portanto, prioridade para um estado carente. Nessa postura encontrava-se o jornalista Armando Basílio, que combatia a construção do estádio, afirmando que “não se desenvolve um Estado com campo de futebol nem com turismo! [...] se desenvolve um Estado é com educação de seu povo, com energia boa e barata, com transportes bons e baratos.”⁹³ Outro

⁹² CARNAÚBA, João. Continue Dr Alberto. *O Dia*. Teresina, n. 3.270, p.5, 18/19 abr 1971.

⁹³ BASÍLIO, Armando. O Povo Crítica. *Estado do Piauí*. Teresina, ano. XLIII, n. 1411, p.1, 11 nov 1971.

jornalista, A. Tito Filho, também se insere nesse grupo, manifestando-se da seguinte maneira: “o Albertão será um ELEFANTE BRANCO, um PÊSO-MORTO na vida do Piauí”⁹⁴

Outro ícone da modernidade, símbolo de urbanismo de cidades que aspiram ao novo, ao moderno, ao progresso é a abertura de avenidas largas e arborizadas, que sejam tecnicamente projetadas com o uso dos últimos saberes da engenharia. Num entrecruzamento de tradição e modernidade, caso os elementos tradicionais tenham sido realizados pelos imperativos do moderno em sua época, é possível preservar e inovar na reconstrução desse tipo de espaço. Livre das políticas do “bota abaixo”, tão evidentes em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo quando se apresentavam aspirantes de metrópole, Teresina, por ser historicamente planejada para o novo, usa, em parte, a arquitetura já existente. A Avenida Frei Serafim, uma das principais artérias de tráfego, é um exemplo desse tipo de remodelagem, pois aproveitou a estrutura larga com duas vias, bem como sua arborização na construção do novo projeto. O projeto contava com implantação de cinco fontes luminosas, reestruturação de calçadas e redirecionamento do trânsito, transformando o tradicional cartão de postal da cidade, nos parâmetros modernos vigentes.

As transformações espaciais que estavam ocorrendo também com implantação de uma nova arquitetura voltada para a verticalidade, aproximavam Teresina dos grandes centros modernos que tiveram nos edifícios sua marca distintiva de metrópole. Essa moderna arquitetura, ainda que incipiente, não agia somente como uma materialidade de uma nova estrutura urbana, mas representava, acima de tudo, uma nova fase na vida da cidade.

De repente a cidade cresceu. A sua imagem bucólica desaparece a cada dia. Os velhos casarões cederam lugar aos edifícios e na marcha do progresso ali mesmo a forma arquitetônica tradicional das igrejas foi colocada à margem pelo arranha-céu em construção. É assim que acontece em Teresina. A visão da Igreja do Amparo foi interrompida na Rui Barbosa, por um edifício em construção, aparecendo apenas a crista da torre, como que resistir à caminhada do progresso da ‘cidade verde’.⁹⁵

Nessa perspectiva, o poder público interferiu na produção desse novo aspecto, com a implantação da infraestrutura necessária, agindo com dois objetivos principais: primeiro, a urbanização propriamente dita, pragmática e segundo, a criação de símbolos na paisagem. Percebe-se, portanto, que havia uma investida rumo à marginalização de espaços considerados arcaicos pelas elites e a preocupação com a teatralidade e as aparências, na montagem de um

⁹⁴ TITO FILHO, Arimatéia. Cadernos de Anotação. *Jornal do Piauí*. Teresina, ano XXI, n. 3.522, p. 2, 1º jan 1972.

⁹⁵ SOBRE a “Cidade Verde”. *O Dia*, Teresina, n. 3374. p.1, 18/19 jul 1971.

quadro que refletisse, acima de tudo, uma imagem nova, moderna, a qual apagasse definitivamente da memória dos habitantes, e principalmente, dos visitantes de Teresina, a imagem de atraso, decadência e pobreza.

Podemos notar que essas representações partem de uma perspectiva individual, porém há toda uma configuração que possibilita construir uma imagem coletiva de que esse período foi marcado por transformações que, substanciadas ou não, mexeram com os sentidos, provocando sensações, sobretudo, de mudança, com a chegada do progresso. Essas representações perpassadas no imaginário coletivo tinham de fato instigado essas modificações, principalmente, de olhar para a cidade como um lugar de possibilidades, onde o progresso individual poderia ser alcançado a partir do “progresso” do lugar.

Onze anos separava a imagem que Francisco da Cunha e Silva Filho tinha guardado em sua memória da cidade pacata e acanhada que o viu nascer, bem diferente, daquela construída e reformulada que encontrou ao retornar da temporada que passara no Rio de Janeiro. Filho do renomado e respeitado cronista piauiense Francisco da Cunha e Silva⁹⁶, saíra de Teresina, em 1963, para concluir seus estudos no Rio de Janeiro, só retornando em 1974. As impressões que teve da “nova” cidade ficaram registradas na coluna de seu pai.

[...] Aquela cidade de ar provinciano não existe mais. [...] A pacata cidade vive apenas nas minhas lembranças dos meus tempos de infância e adolescência, aquele feitio de cidade atrasada e interiorana se desfez. Teresina meu berço natal de coração, me fez uma surpresa. Ofereceu-se o asfalto nas ruas, o Parque da Bandeira, as linhas de ônibus modernos, as construções suntuosas, como o Banco do Brasil e tantas outras, o Hotel Piauí modernizado, que não fica devendo nada a nenhum outro país em termos de requinte e conforto. [...] As novas avenidas, pontes, novos bairros apareceram, fazendo com que a cidade acanhada se estendesse, se ampliasse, adquirindo traços comuns de cidade civilizada.⁹⁷

Esse processo de mudança presente em Teresina, visível, principalmente, nos projetos que propunham modificar seu traçado urbano, modernizando-a fazia parte do projeto adotados pelas lideranças locais de negar o passado arcaico e atrasado da cidade e evidenciar aspectos de uma modernidade que era sentida por meio da implantação de alguns aparelhamentos urbanísticos na capital. De acordo com um cronista da época, “Teresina é fora de qualquer

⁹⁶ Cunha e Silva escrevia matérias em diversos jornais da cidade, tendo uma coluna permanente no jornal *Estado do Piauí*, como no *Jornal O Dia* e o *Jornal do Piauí*, era conhecido pelo caráter independente e denunciativo de suas reportagens, foi um intelectual de destaque de seu tempo.

⁹⁷ SILVA FILHO, Francisco da Cunha e. Impressões da Cidade. *Estado do Piauí*. Teresina, n. 1.684, 25 jan 1974. p.1.

dúvida uma cidade que oferece, já, alguma coisa de belo. Mas há necessidade de esmerá-la, na qualidade de cartão de visita do Piauí, pelo fato de ser a capital do Estado”.⁹⁸

Osita Bitar também deixou na imprensa suas impressões sobre o que encontrou após vinte anos sem retornar a sua terra natal. Residente em Belém, ao visitar Teresina, afirmou que “não tinha um objetivo científico e sim sentimental” e, portanto, neste aspecto, “olhava as coisas como se fossem perfeitamente minhas e como se tivesse bem de perto acompanhado seu desenvolver”.

Teresina, capital onde nasci e onde fiz meus estudos secundários, está agora mais bela que nunca, com seus belos jardins públicos, suas fontes luminosas, seus chafarizes majestosos a desafiar a secular escassez da água agora brilhantemente superada. Com isso desapareceram da paisagem seus velhos jericos que transportavam a água para as casas, proveniente do rio Parnaíba. Realmente a paisagem está modificada, parece até que mudou a topografia da terra.⁹⁹

Notamos que as memórias de Osita estão associadas a um determinado fato. Na sua infância e adolescência, o abastecimento d’água era realizado por animais que circulavam na cidade, marcando, portanto, o seu olhar para as transformações por que passava a capital. Percebemos também, que com a implantação de “fontes luminosas” e “chafarizes majestosos”, mudaram não só a paisagem, mas os costumes, como o de carregar água em animais, chegando ainda a refletir-se na própria topografia, ou seja, a técnica de transformar o meio. Outras medidas ligadas ao saneamento urbano foram implantadas seguindo o exemplo das principais capitais brasileiras, várias medidas em nome da “higiene social” e da “saúde pública” pelo poder público. As ações estavam voltadas inicialmente para o setor de saneamento básico, com a implantação de um sistema de abastecimento de água e esgoto que, na medida em que foram sendo implantados, davam ao centro de Teresina uma nova feição. O leite natural, bem como a carne dita de “moita” ou “verde” tiveram a comercialização proibida, só sendo permitido o consumo de leite pasteurizado e da carne inspecionada pelo FRIPISA (Frigoríficos do Piauí S.A).

A imprensa nacional passou a olhar para o Piauí com outros olhos. Em novembro de 1973, o estado foi capa da revista *Veja*, do Grupo Abril¹⁰⁰, com o título “O governador e o novo estado”. Na reportagem intitulada: “O Piauí vai ficar rico”, se mencionavam as mudanças ocorridas no estado e a

⁹⁸ HENRIQUE, Paulo. Embelezamento da cidade. *O Dia*, Teresina, n. 3.277, p. 5, 29 abr 1971.

⁹⁹ Matéria transcrita do jornal *O Liberal*. BITAR, Osita O Piauí tem pressa. *Jornal do Piauí*. Teresina, ano XXIII, n. 5.157, p. 7, 14/15 jul 1974.

¹⁰⁰ Observe que a revista *Veja* pertence ao mesmo grupo da revista *Realidade*, que, em 1969, publicou uma matéria denunciando a situação de atraso do estado, como demonstramos anteriormente.

sua nova imagem, fomentada pelo governador cuja forma chegava ao eixo Rio-São Paulo. Referindo-se a essa matéria e ao prêmio de “Melhor Governador do Ano”, o jornalista Sebastião Nery faz o seguinte comentário no semanário *Politika*, de circulação nacional:

O governo mudou a face e o pulmão do Estado. Como se estivesse dopado, o Estado lança-se a programas de estradas, de educação, de investimentos, como se, de repente, acordasse de um pesadelo. Foi Alberto Silva quem despertou e orientou as energias adormecidas do Piauí. [...] O fenômeno Alberto Silva, em função da boa administração realizada, explodiu este ano. Há seis meses atrás Alberto era considerado mais um Silva. Mas aos poucos, empresários e homens da administração federal começaram a chamar a atenção da opinião pública para o milagre que estava ocorrendo no Piauí.¹⁰¹

Essa é uma matéria que resume bem a imagem que o próprio governador ajudou a construir do Piauí e de si mesmo, com ecos fora do Estado, inserindo o Piauí, finalmente, no contexto nacional. Alberto Silva fez da imprensa sua principal aliada na construção do que ele chamara de imagem de “Piauí Novo”. As transformações que estavam ocorrendo eram estampadas nas principais revistas e jornais de circulação nacional, embora muitos críticos apontassem que nem sempre o que era visível nas matérias era palpável na realidade. O jornalista piauiense Carlos Castello Branco, por exemplo, manifestou-se faz o seguinte comentário no *Jornal do Brasil*:

O governador é uma personalidade discutida, mas o fato é que sua atuação gerou na opinião pública uma imagem altamente favorável. Há os que vêm nele o benefício das verbas federais nem sempre empregadas criteriosamente, mas há os que o consideram um realizador imaginoso e versátil que tanto se entrega às obras de infraestrutura como no faraonismo dos estádios. O Piauí vem progredindo e acredita-se ao Governador a onda de entusiasmo que sacode o Estado.¹⁰²

Esse foi, portanto, o caminho escolhido pelo governador discurso da mídia, que, de fato, ajudou-o a divulgar o seu projeto de governo e, por vezes, também foi fundamental para ele se conciliar com a opinião pública, principalmente em momentos críticos de seu governo. Os reflexos de tal escolha podem ser vistos *a posteriori*, sendo que Alberto Silva não construiu apenas uma imagem sua e de seu governo no imaginário popular, ele construiu uma memória, mediada pela imprensa, sobre esse período. A imagem que a cidade estava deixando de ser um lugar atrasado e retrógrado passara por um processo de desconstrução. Entretanto, a capital passou a despertar o interesse não só de empreendedores e visitantes abastados. Ela passou a ser vista também por uma população empobrecida que vivia em péssimas condições de existência no interior do próprio estado e de estados vizinhos.

¹⁰¹ Matéria transcrita do *Jornal Politika*. NERY, Sebastião. Por que Alberto é o “Governador do Ano”. *O Estado*, Teresina, n.382, 25/26 dez 1973.

¹⁰² Matéria transcrita do *Jornal do Brasil*. BRANCO, Carlos Castello. A sucessão no Piauí. Coluna do Castello. *O Estado*, Teresina, n. 383, 28 dez 1973. p. 9.

O Piauí já começou a pagar um pesado ônus pelo seu progresso. As notícias de que aqui se implanta um novo pólo de desenvolvimento não despertaram as atenções apenas dos investidores. [...] E esse seria o lado ideal do progresso. Mas, evidentemente, o desenvolvimento não se limita só ao mundo das comutações econômicas. Em decorrência delas se processaram alterações sensíveis no setor social que alcançaram desde o ciclo dominante das elites ao mundo mais amplo das camadas inferiores. O progresso tem cheiro, portanto, de esperanças novas e confortantes, mas também de uma realidade aberta a perspectivas socialmente conflitantes. [...] O progresso, portanto, tem sido o grande responsável pelas transformações totais que Teresina ganha em todos os planos da vida moderna.¹⁰³

A matéria aponta para as ambiguidades trazidas por esse processo, pois o progresso, sendo um objetivo das classes dirigentes, despertava o interesse não apenas de produtores do espaço, nesse caso os investidores, que proporcionariam o crescimento econômico da cidade, mas também das camadas menos favorecidas. Oriundas do campo ou de cidades do interior, essas pessoas representavam uma ameaça para o projeto de modernização da cidade. Já que havia uma clara oposição entre o cotidiano das camadas populares, com hábitos herdados das sociabilidades interioranas, e a cidade moderna, com hábitos tidos como civilizados e ordeiros. Essa visão dicotômica da cidade pode ser observada na seguinte matéria:

Com a implantação de novas obras, todas elas no sentido de mudar a feição urbanística da cidade, Teresina vai renovando suas feições, mas não consegue ainda esconder traços destoantes e aspectos acanhados, que se contrastam com esse novo amanhecer de progresso. E entre esse quadro de novas avenidas e belas construções, desafiando a argúcia do administrador, persistem as favelas, o amontoado de mocambos que acolhem, entre a ruína da sua pobreza, as populações marginalizadas. Ali, na beira do Parnaíba, hostilizando-se com a nova paisagem da Avenida Maranhão.¹⁰⁴

Os exemplos até aqui expostos servem para evidenciar qual era a ótica dos mais diversos setores que compunham a sociedade teresinense, no período em estudo. Os discursos sobre a cidade e as apropriações que dela foram feitas desempenharam um papel ideológico de escamotear a dominação de uma determinada classe, ao tempo, em que deixavam de ser apenas deste grupo, na medida em que criavam a expectativa de participação coletiva no progresso urbano. Por outro lado, a cidade assume uma característica metafórica, na qual os conflitos, as contradições e as ambiguidades cedem lugar a uma representação simbólica de homogeneidade e harmonia, presentes no discurso oficial.

¹⁰³ O LADO amargo do doce progresso. *O Dia*, Teresina, n. 3.782. p.7, Cad. 2, 04 dez 1973.

¹⁰⁴ O TRISTE lado da cidade. *O Dia*, Teresina, n. 3578, p. 1, 29 mar. 1973.

Essa série de reformas só foram possíveis pela injeção de recursos do governo federal, oriundos do “milagre” econômico brasileiro, ou seja, com transferência direta de recursos que, como já cometamos, fazia parte da política de integração nacional adotada pelos governos militares. Esse processo de modernização que a cidade de Teresina passou durante a década de 1970 não foi resultado de um desenvolvimento ocorrido no estado, uma vez que o setor industrial, apontada no período como o responsável por alavancar o desenvolvimento econômico e trazer o progresso, não teve tanto destaque, como esperavam alguns setores da sociedade piauiense (elites, intelectuais, empresários, jornalistas e políticos).

Esse discurso progressista, registrada na imprensa, demonstrando calorosas discussões políticas e dando suporte a inúmeras representações sociais, não era correspondida pela concretização da dinâmica econômica local e estadual. Havia, assim, um hiato entre desejos/discursos e a realidade apresentada. Nesse sentido, o discurso sobre a construção de uma cidade moderna, exerceu sobre essas elites uma forte pressão, no sentido de transformar a realidade da cidade. Porém, a cidade imaginada e desejada não se deixa absorver apenas pelos discursos, ainda que tenha neles suas bases, mas pelas práticas, rompendo com a relação entre imaginários sociais e aquilo que chamamos de realidade de fato, imbuída de adversidades e conflitos.

Por outro lado, outras medidas foram tomadas e tiveram resultados mais concretos com o intuito de fomentar o desenvolvimento do estado, como a criação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, ocorrida em 1º de março de 1971. Resultado da união dos esforços de diversos setores da sociedade, que envolvia não apenas a classe política, mas representantes diversos de setores educacionais e da classe estudantil. Para Fonseca Neto, devido à importância da implantação da universidade para o desenvolvimento do Piauí, houve uma disputa pela “paternidade” da instituição.¹⁰⁵ Segundo Felipe Mendes, a instalação da UFPI marcou definitivamente uma nova era no processo de desenvolvimento no Piauí. De acordo com o autor, o resultado do “demorado processo de criação da Universidade piauiense é outro exemplo de que somente a união de forças políticas e da sociedade em defesa dos interesses do Estado é capaz de assegurar uma conquista de tamanha significação.”¹⁰⁶

Felipe Mendes afirma que o progresso sempre demorou a chegar no Piauí, pois é entendido como o responsável por transformar a vida social e econômica de um modo geral por meio de acumulação de riquezas materiais e de conhecimentos, sendo constantemente confundido com o crescimento e com o desenvolvimento econômico. Com o processo de

¹⁰⁵ SANTOS NETO; Op. Cit., p.18.

¹⁰⁶ MENDES, Op. Cit., p.196.

integração do Estado ao modelo econômico brasileiro, a partir de 1970, o “progresso continuou a chegar atrasado”.¹⁰⁷ Teve-se, evidentemente, reduzido o tempo da chegada das inovações, mas continuou a demora para que os benefícios trazidos por elas chegassem à população como um todo, principalmente às classes menos favorecidas.

Assim como o conceito de progresso, o de modernidade também se apresenta de forma destoante do seu significado original. Associada ao progresso, a modernidade é vista como a superação de um passado agrícola, retrógrado, por uma nova etapa de desenvolvimento associado, no caso, à industrialização¹⁰⁸. Entretanto, em economias periféricas como a do Brasil, a modernização não se apresenta em sua plenitude. Marshall Berman analisa a modernização ocorrida na cidade de Petersburgo, na Rússia do século XIX, compara-a ao processo implementado nos países de Terceiro Mundo do século XX. A aproximação é feita pelo fato de que a modernização de países subdesenvolvidos tem seus significados alterados, apresentando-se carregada de contradições.¹⁰⁹

Segundo Otavio Ianni, os governos federais dos anos de 1964-1970 adotaram diretrizes econômicas semelhantes, como um plano de integração nacional, incentivo à criação e ampliação de um parque industrial, estímulo à modernização das estruturas urbanas, dentre outras. O autor chama a atenção para os objetivos da política econômica adotada pelos militares, mostrando que “em nenhum caso pretendeu-se, especialmente, modificar as estruturas sociais e políticas. Em geral, adotaram diretrizes destinadas a assegurar a viabilidade e a prosperidade do sistema econômico vigente na forma concebida pelos governantes.”¹¹⁰

Um outro autor, Francisco de Oliveira, que também se dedicou a estudar o crescimento econômico ocorrido no país em período ditatoriais, afirma que os projetos nacionais de desenvolvimento não atingiram seus objetivos pelo abismo existente entre a burguesia dominante e os setores populares, o que acaba por cortar as possibilidades de um desenvolvimento autônomo para o país.¹¹¹ Esse sistema era baseado concentração de renda, que gerava um quadro constante de desigualdade social, onde, por um lado, havia pontos de modernização, como as reformas urbanísticas que Teresina passou e por outro, uma população

¹⁰⁷ MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 2003, p. 119.

¹⁰⁸ FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. O progresso chega ao “Fim do Mundo”. In: “*Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada*”: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo: HUCITEC, 1998. p. 31.

¹⁰⁹ BERMAN, 1986.

¹¹⁰ IANNI, Otavio. *Estado e Planejamento na Economia do Brasil (1930-1970)*. Col. Retratos do Brasil, v. 83, São Paulo: Civilização Brasileira, 1971. p. 252.

¹¹¹ OLIVEIRA, Francisco de. Ditadura Militar e Crescimento Econômico: a redundância autoritária In: *O Golpe e a Ditadura Militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Org. REIS, Daniel Aarão e et. al. Bauru: EDUSC, 2004. p. 123.

extremamente empobrecida vivendo em precárias condições de existências, visíveis na presença de pontos de favelização.

Assim, a consolidação do dito “progresso” em Teresina era considerada fruto desse amálgama social, engendrada pelo desejo de transformá-la em uma verdadeira metrópole, refletindo, fundamentalmente, na construção dessa nova imagem. Podemos, também, associar esse discurso a uma tentativa de camuflar as adversidades desse “progresso”, na medida que “convocava” o povo a participar do processo de modificação não só da estrutura física da cidade, mas da própria mentalidade social, passando-lhe uma falsa impressão de participação, quando na verdade era excluído das decisões e escolhas políticas. Nesse sentido, a cidade era pensada a partir das perspectivas das elites. Práticas e representações desse grupo unidimensionavam o espaço urbano, predefiniram as prioridades da cidade e excluíram outros segmentos sociais de grande parte dos investimentos públicos. A beleza e a sedução do moderno instalado em alguns lugares tinham se opunha a uma quantidade de bairros carentes de inúmeros serviços públicos, de infraestrutura, bem como dos equipamentos urbanos dessa modernidade.

Se por um lado, as mudanças ocorridas na cidade, sobretudo àquelas direcionadas no sentido de afastar ou até mesmo extirpar da paisagem urbana esses aspectos de ruralidade ainda presentes, se faziam necessárias. E nesse sentido, estavam relacionadas à inserção de aparelhamentos modernos e suas infraestruturas de funcionamento, vistas de forma positiva pelos moradores que desejavam uma cidade “moderna”, “desenvolvida”, rejeitando, portanto, tudo que impedisse ou atrapalhasse esse projeto modernizador para cidade. Por outro, temos um grupo de pessoas avessas a essas modificações ou a maneira como elas estavam sendo postas e/ou impostas aos moradores.

1.3 Crescimento espacial da cidade: agentes propulsores e entraves no zoneamento urbano de Teresina.

Teresina nasceu encurralada entre dois rios, com o processo de expansão da cidade uma das saídas era para além do rio Poti, tendo em vista que o outro rio, o Parnaíba, era o limite não só geográfico, como físico entre os estados do Piauí e Maranhão. A zona centro é considerada tanto por seu valor histórico como econômico, como a mais valorizada da cidade. Nela está situado o bairro Centro, composto pelo centro histórico e suas adjacências. O centro sofreu com a falta de espaço, com o passar dos anos ele não deixou de ser o centro econômico e administrativo da cidade e foi necessária a reutilização dos espaços por via da descaracterização, sobretudo arquitetônica. Prédios passaram por processos de modificações

para se adequar às novas exigências, assim como residências passaram por adaptações para servirem cada vez mais ao comércio crescente. Enquanto que outros espaços foram colocados a baixo para ceder lugar para estacionamentos de veículos.

Sua primeira expansão deu-se para o leste nas décadas de 1940 e 1950, com o deslocamento de famílias abastadas para os palacetes com dois pisos da Avenida Frei Serafim, recém construída para ser o cartão de visitas da capital, expulsando uma infinidade de pequenos casebres feitos de taipa e cobertos de palha de seu perímetro. Uma segunda zona de expansão se deu ultrapassando os limites da linha férrea, para os bairros Porenquanto, Cabral e Ilhotas, estes dois últimos passaram por um intenso processo de valorização durante as décadas de 1980 e 1990, sendo uma área ocupada predominantemente por prédios de condomínios, voltados para uma população mais abastada.

A zona norte, possui características de excentricidade para a cidade. É a área de ocupação mais antiga, até mesmo anterior a fundação da capital. Denominada de Vila do Poti, ela foi responsável pela escolha para sediar a nova capital, por situar-se nas margens do rio Parnaíba, porém como já sofria de constantes alagamentos, a capital recuou mais ao sul, seguindo a margem direita do rio Parnaíba e sendo instalada na Chapada do Corisco, uma área mais plana.¹¹² Mas diante da própria expansão da cidade, a zona norte passou a compor a periferia do que é hoje denominado centro histórico de Teresina, passando a localizar o bairro Poti Velho, oriundo da antiga Vila do Poti. Por muito tempo, a zona norte teve seu crescimento delimitado pelos rios Poti e Parnaíba, aliadas ao fato de estar situada em uma área de forte presença de lagoas e por esse motivo está sujeita à alagamentos, esta zona é a que menos teve expansão. Outra característica que também contribuiu para sua estagnação foi a presença do aeroporto de Teresina, Petrônio Portela, além do próprio terreno onde está situado ser uma necessidade básica para as suas instalações, interfere em um possível crescimento vertical. E por último, as instalações da EMBRAPA, mas ao leste da zona também ajudou na estagnação do crescimento local.

Outros bairros passaram a se formar nessa zona, como a Matinha, Matadouro, Mafuá, esses mais antigos e ligados a atividades como abastecimento da capital, no caso de carnes (Matadouro) e frutas, leguminosas entre outras na feira do Mafuá. Nas décadas de 1940 a 1950, bairros populares seguiram o processo de ocupação da área como Pirajá, Vila Operária, Vila Militar, por meio da edificação de conjuntos habitacionais. Em meados da década na 1970, o

¹¹² CHAVES, Monsenhor. Como nasceu Teresina. In: *Obra Completa*. 2ª ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

processo de remanejamento de população do centro e de parte da zona sul para ceder local para construção de novas avenidas corroborou para ocupação leste dessa zona, com a construção dos bairros Buenos Aires e Água Mineral, e na década de 1980, a implantação do Conjunto Habitacional Mocambinho, direcionaram a ocupação dessa área.

Composta em sua maioria por uma população mais desprovida que buscavam se instalar nas áreas de riscos, como nas margens das lagoas e dos próprios rios que as circundavam, eram comuns, em toda a extensão da zona norte, a presença de inúmeras vilas e favelas. Um novo impulso ao crescimento dessa área deu-se na década de 1990, com a construção da ponte Mariano Gayoso sobre o rio Poti, que possibilitou um rápido processo de urbanização de antigos povoados como Santa Maria da Codipi e Santa Rosa e a implantação de conjuntos habitacionais na área.

A zona leste expandiu-se para além do rio Poti em meados da década de 1960, quando esta área deixa de ser apenas ocupada por xácaras destinadas ao lazer nos fins de semana para se tornar a mais nova opção de moradia da cidade. Os percussores da ocupação dessa área foram famílias abastadas que migraram do centro para essa zona da cidade. A área é referenciada como zona nobre de Teresina. Os principais bairros que sediam esse tipo de população são compostos pelos Conjuntos Habitacionais de alto padrão como Fátima, Jockey Clube e São Cristóvão, seguido pelo Horto Florestal e Morada do Sol, destinado à classe média, além de uma outra zona de expansão que se dá no sentido da BR-343, interligada pela Avenida João XXIII, com a presença maciça de condomínios horizontais, assim como no prolongamento da Av. Presidente John Kenedy, no sentido da rodovia PI-112, no bairro Morros, também seguindo essa mesma característica.

A área teve como propulsores de expansão a instalação do aras Jockey Clube do Piauí, de propriedade do coronel Otávio Miranda, proprietário do jornal “O Dia”, que passou a funcionar como a mais nova área de lazer dessa zona e a implantação do Campus da Universidade Federal do Piauí – UFPI, em 1974. O adensamento populacional é recente, uma das características é a presença de muitos terrenos ociosos, que servem ao interesse de especulação imobiliária. Mas, que também contribuiu para o processo de ocupação de forma irregular que deram origem a vilas nas áreas mais afastadas da zona leste, como a Vila Bandeirante, com bastante adensamento populacional, chegou a atingir o número de 8 mil famílias, em meados da década de 1990 e conjuntos habitacionais de caráter mais populares também chegaram a serem instalados, sobretudo, em uma área mais íngreme, como Piçareira, Satélite, Planalto e Uruguai. Outras pequenas vilas e favelas também foram instaladas em áreas de ocupação nessa zona, no final da década de 1990 2000.

Essa área caracteriza-se pelo alto grau de segregação residencial dado ser voltada para classes alta e média, com moradias de alto padrão. A área passou por esse processo de valorização com o apoio do poder público que agiu no sentido de dotar a região de infraestrutura o mais rapidamente, o que contribuiu para a valorização da área e a consequente expropriação do solo urbano. De modo que, trata-se de uma área de intensos contrastes, na qual conviviam uma população de alto poder aquisitivo, cuja renda possibilitava habitar bem, ao lado de uma outra desprovida das mínimas condições de habitabilidade. Um dos resultados era a constante remoção da população de menor poder aquisitivo para outras áreas menos valorizadas e mais distantes desses aparelhamentos urbanos. Essas pessoas viam-se obrigadas a se deslocar para regiões periféricas, dando início a formação de vários bairros. Um exemplo foi a construção do Conjunto Habitacional Itararé no final da década de 1970, posteriormente, denominado de Dirceu Arcoverde, a sudeste da zona.

Diante da expressiva expansão dessa área, com o maior adensamento populacional da cidade, foi desmembrada da zona leste, passando a constituir uma nova zona denominada de sudeste, por meio do Decreto-Lei de n.º 1.934 de 16 de agosto de 1988, passando a cidade a contar com cinco zonas administrativas: Centro, Norte, Sul, Leste e Sudeste. A força motora de ocupação dessa zona foi a instalação das mais de sete mil unidades do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde, que tinha como claro objetivo retirar a população mais empobrecida que ocupavam de maneira irregular terrenos na zona leste. Em torno desse conjunto foram instalados uma série de outros conjuntos habitacionais destinados a uma população de baixa renda durante as décadas seguintes, a exemplo do Conjunto Habitacional Renascença I, II e III, Novo Horizonte, Redonda dentre outros nas décadas de 1980 e 1990. Essa área também sofreu constantes ocupações irregulares, formando vários núcleos de favelas e vilas, de forma mais expressiva entre os anos de 1998 a 2008, a exemplo da Vila Alto da Ressureição, a maior ocupação dessa zona.

Outra área que passou por expressiva expansão foi a zona sul. Seu crescimento inicial se deu nas décadas de 1940 e 1950, com a incorporação de novos bairros nesse perímetro urbano, como o Vermelha, São Pedro, Tabuleta e Piçarra, seguiram o direcionamento da Avenida Barão de Gurgueia. Uma segunda área de expansão era composta por bairros de uma população mais pobre, como Três Andares, Cidade Nova, Macaúba e Monte Castelo. Nas décadas de 1960, mas, sobretudo, de 1970 e 1980, essa zona passou a experimentar um crescimento espacial intenso. Direcionado pela abertura da Avenida Miguel Rosa que se interliga com a BR-316 e a implantação do Distrito Industrial do Piauí, no final da década de 1960, com uma área de 196 hectares, na BR-316 na saída sul de Teresina, bem como a

implantação dos conjuntos habitacionais Parque Piauí, Bela Vista, Lorival Parentes, Saci e PROMORAR, no final da década de 1970 e 1980. O espaço vazio situado dentro do perímetro urbano era de três quilômetros, o que favoreceu a existência de grandes faixas ociosas, onde uma população de baixo poder aquisitivo chegou a se instalar, constituindo vilas e favelas no local. De acordo com Antônia Jesuíta de Lima, Teresina, até meados dos anos de 1970, “não se configurou como uma cidade com grandes e numerosas favelas, posto que ainda não se evidenciara o processo de favelamento propriamente dito, o qual somente adquiriria visibilidade em fins da década, ampliando-se nos anos subsequentes.”¹¹³

À medida que o processo migratório campo-cidade se ampliava, a capital Teresina parecia concentrar as condições favoráveis ao assentamento dessa população migrante tanto por seu posicionamento geográfico, mais central por não se situar em regiões litorâneas, como as demais capitais do Nordeste, como também pela facilidade de acesso por meio de vias de entroncamento e ligação de vários estados que interligava à capital.

A população de Teresina cresceu muito nos últimos anos e é grande o número de imigrantes procedentes do interior do Piauí, Ceará, Maranhão, Pará e de outras regiões que procuram um meio de vida na capital do Piauí. A maioria deles é de nível educacional muito baixo e encontra dificuldades para se enquadrar nas poucas opções de emprego que a cidade oferece. Os migrantes se deparam com problemas de moradia e de saúde. De modo que via de regra, sem escolaridade, saúde muito comprometida e família numerosa. [...] Teresina recebe muito migrantes e há dificuldades para estender diversos serviços urbanos para essa população, a nossa prática não tem sentido discriminatório: acolhemos essa população com a maior preocupação humanitária possível.¹¹⁴

1.3.1 Adensamento populacional e intensificação dos problemas urbanos e a espetacularização da pobreza em Teresina

Essa população excedente que passou a compor a população de Teresina, com o processo migratório, era um reflexo das condições de vida do próprio piauiense e do nordestino como um todo. Até meados da década de 1990, a única maneira de medição do nível de desenvolvimento de uma determinada população era o Produto Interno Bruto – PIB¹¹⁵, e, como

¹¹³ LIMA, Antônia Jesuíta de. *Favela COHEB: uma história de luta por habitação popular*. 2.ed. Teresina: EDUFPI; Recife: Bagaço, 2010, p.74.

¹¹⁴ MIGRAÇÃO prejudica e desestrutura Teresina. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 1.122. p. 09, 04 maio 1991.

¹¹⁵ O PIB representa o valor dos bens e serviços produzidos ao longo de um ano que pode ser de um país, região, estado ou município. Ele é que permitia dizer o grau de desenvolvimento de uma região, sua riqueza e, conseqüentemente, o nível de bem estar dos seus cidadãos. Entretanto, essa forma de mensurar o nível de desenvolvimento de uma região ainda se revelava insuficiente tendo em vista uma gama de variáveis que esses

vimos, o estado do Piauí teve, ao longo das últimas décadas, um decréscimo considerável, chegando ocupar a última posição no país. Esse fator contribuía consideravelmente para o baixo Índice de Desenvolvimento Humano IDH, que em 1991, atingia o ínfimo número de 0,494 (Índice de Esperança de Vida - 0,628, Índice Educação - 0,614 e Índice PIB - 0,240). As mesmas características se observavam nos dados do Índice de Desenvolvimento da Família – IDF - 2001, o estado do Piauí aparece com 0,62, abaixo do Nordeste que é de 0,64 e do índice nacional que é de 0,73. Em nenhum das seis variantes verificados no IDF, o Piauí apresenta resultados superiores à média regional. Na média da dimensão dos estados do Nordeste, só fica à frente do Maranhão, que apresentou um índice de 0,61. Os índices que mais pesam para achatar o IDF do estado do Piauí são: o acesso ao trabalho, a baixa remuneração e as más condições habitacionais.

Em 1990, de acordo com a Secretaria Municipal de Planejamento de Teresina, segundo dados obtidos a partir de uma pesquisa realizada naquele ano, denominada de Pesquisa Sócio-Econômica de Teresina, a capital do Piauí contava com 60% de sua população entre desempregados e subempregados. O contingente de pessoas que sobreviviam na condição de desempregados era de 42% e de subempregados era de 18%. A pesquisa constatou também que 32% eram assalariados e cerca de 8% aposentados.¹¹⁶

Teresina cresceu, passou de 377.774, em 1980, para 590 mil habitantes em 1990, conforme o censo realizado pelo IBGE. Neste período de dez anos a cidade não aumentou suficientemente seus serviços hospitalares, de moradia e de educação. A cidade cresceu de maneira desordenada. [...] Na estrutura social a cidade estagnou e economicamente ficou pior ainda. A massa de mão de obra desempregada é grande. O aumento da população e a redução da atividade econômica trouxe o processo de ‘favelização’ e de ‘camelolização’ de Teresina. [...] Os teresinenses enfrentam falta d’água, de energia, são 300 mil ligações e a rede está sucateada. Há pelo menos dez mil pessoas esperando pela aquisição de uma linha telefônica. A rede de esgoto da cidade cobre

dados podem esconder, principalmente, tendo em vista o forte grau de desigualdade e distribuição de renda comuns em países de economia periférica como no Brasil, na qual uma minoria é detentora de grande parte da riqueza gerada, enquanto, uma esmagadora maioria é desprovida das benesses dessa renda. Dessa forma, a partir de 1990, o Programa das Nações Unidas lançou uma alternativa à mensuração meramente econômica, o Índice de Desenvolvimento Econômico – IDH, passando a analisar além da renda *per capita*, a expectativa de vida e os dados relativos à educação – mensurada pela taxa de alfabetização dos adultos e pela taxa combinada de matrículas nos níveis de ensinos fundamental, médio e superior. A soma desses três indicadores era considerada em um índice único em uma escala que ia de 0 a 1, quanto mais alto fosse o valor do indicador, mais elevado o nível de desenvolvimento. Em 2002, foi implantado no Brasil outra forma de mensurar a qualidade de vida de seus habitantes, com indicadores mais específicos e variados, o Índice de Desenvolvimento da Família – IDF. O IDF utiliza seis indicadores para análise: vulnerabilidade, acesso ao conhecimento, acesso ao trabalho, disponibilidade de recursos, desenvolvimento infantil e condições habitacionais. FORTES, Antônio Cezar Cruz. Medições do Nível de Desenvolvimento – PIB, IDH e IDF. In: *Carta CEPRO*. Teresina, v.22, n.01, jan/jun 2003. p. 23-36.

¹¹⁶ AMBULANTE: o improvisado em busca da cura. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.524. p.09, 31 jan 1991.

apenas 4% da zona urbana. Os distritos policiais estão desaparelhados e cresce a violência.¹¹⁷

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil - 2013, a renda per capita em Teresina, em 1991, era de apenas R\$ 346,37, passando para R\$ 498,40, em 2000, e chegando a atingir a cifra de R\$ 757,57, em 2010. Havendo um crescimento da renda per capita, ao longo desses vinte anos, em torno de 118,7% na capital do estado do Piauí. Esse crescimento estava abaixo da média estadual que foi de 149,6%, entretanto, verifica-se que a renda per capita é maior no município do que no estado comparado os valores referentes aos mesmos anos R\$ 167,03, em 1991, R\$ 254,78, em 2000 e R\$ 416,93 em 2010. Nesse mesmo período, houve uma redução em 16,44 pontos percentuais, quando se leva em conta a população em um percentual de extremamente pobres em Teresina, 47,87%, em 1991, 32,51%, em 2000 e 18,77%, em 2010, conforme é possível verificar na tabela a seguir.¹¹⁸

Tabela 01: Renda Per Capita e Percentual de Extremamente Pobres em Teresina e no Piauí (1991, 2000 2010)

		1991	2000	2010
Renda Per Capita (R\$)	Teresina	346,37	498,40	757,57
	Piauí	167,03	254,78	416,98
Percentual de Extremamente Pobres (%)	Teresina	47,84	32,51	18,77
	Piauí	20,88	11,67	4,44

Fonte: Atlas Brasil 2013.

Por meio da análise dos dados levantados acerca da renda per capita de Teresina e do estado do Piauí temos em números a realidade de boa parte em que se encontrava a sua população. Por ser a capital do estado e concentrar maior oferta de empregos, a renda média dos teresinenses aparece a cima em comparação ao do piauiense, apesar de ambos terem passado por crescimento. Entretanto, no que diz respeito ao percentual de pessoas em situação de extrema pobreza, a capital lidera com quase a metade de sua população em situação crítica, 47,84%, em 1991, enquanto que o estado possui uma posição menos gritante, 20,88%, em relação ao mesmo ano. O que se observa nas décadas seguinte é uma redução do número de

¹¹⁷ SEM ESTRUTURA, Teresina torna-se inabitável. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 931. p. 04, 89 dez 1990.

¹¹⁸ ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL 2013. Evolução do desenvolvimento humano dos municípios brasileiros. Fundação João Pinheiros – Instituto de Pesquisas Econômicas aplicadas, 2013. In: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/data/rawData/idhm-do-brasil.pdf>>. Acessado em: 13 de outubro de 2019.

peessoas vivendo em situações precárias nos dois níveis, tanto municipal, quanto estadual. Mas é visível que essa redução se deu de forma mais lentamente na capital, que chegou a alcançar a percentagem de 18,77, em 2010, em contrapartida o estado ficou com apenas 4,44 % de sua população em estado de extrema pobreza.

Fabiana Rodrigues de Almeida Castro realizou um estudo sobre o mercado de trabalho e as relações de empregabilidade no estado do Piauí e na capital Teresina, abarcando o mesmo recorte temporal dessa pesquisa (1990-2010). Ela estuda com afinco as transformações no mercado de trabalho que ocorreram nessas duas décadas, além de trazer dados sobre as flutuações na ocupação. O setor de serviço é o maior empregador da capital, devido a demanda por serviços médico-hospitalares, educacionais, hotelaria e comerciais. Mas, a informalidade era uma característica marcante das formas de trabalho de Teresina, em 2010, cerca de 126 mil pessoas viviam na informalidade¹¹⁹, ou seja, realizavam um tipo de ocupação e recebia alguma remuneração, mas não estavam segurados, sem carteira de trabalho assinada e sem contribuir para Previdência Social.

Calçadas lotadas, ruas congestionadas com veículos que trafegam cada vez mais devagar, lojistas que insistem em expor produtos fora de suas lojas, ocupando os espaços que deveriam ser dos pedestres, vendedores ambulantes que espalham todo tipo de mercadoria em suas bancas e nos arredores dela. Outros que passam com carrinho de lanche no meio do calçadão. Dificultando ainda mais a passagem. Este é o retrato da área central de Teresina hoje.¹²⁰

A falta de emprego regular levava boa parte dos moradores para a informalidade. Essas pessoas tinham no comércio ambulante a única forma de sobreviverem na cidade. Entretanto, a presença desses comerciantes informais trazia uma série de transtornos, dificultando, principalmente, a mobilidade no Centro da capital, uma vez que calçadas e praças do centro da cidade estavam ficando praticamente intrafegáveis. Os problemas causavam polêmica entre os transeuntes e os vendedores ambulantes. Para alguns usuários dos logradouros públicos, além de obstruir a livre passagem, as barracas do comércio ambulante traziam um péssimo aspecto ao centro da cidade. A ocupação por conta desse tipo de comércio não se restringia apenas às vias pública, mas estendiam-se também para as praças situadas também no Centro da Cidade.

De local de encontro de casais apaixonados a anos atrás, a praça Saraiva, um dos logradouros mais tradicionais de Teresina, se transformou em um

¹¹⁹ CASTRO, Fabiana Rodrigues de Almeida. *Piauí: (des)emprego e mercado de trabalho (1990-2010)*. Teresina: EDUFIPI, 2016, p. 122.

¹²⁰ MARANHÃO, Natacha. Projeto de revitalização do Centro beneficiará toda a cidade. *Diário do Povo*. Ano XIX, n. 6.976, p. 11, 20 nov 2005.

verdadeiro mercado. Lá os camelôs vendem desde de verduras a refrigerantes, prejudicando os passeios e a grama, além do piso que fica cheio de carvão e gordura, devido aos fogareiros para fazer os conhecidos espetinhos. [...] As pessoas que costumam visitar a praça diariamente a praça Saraiva reclamam da quantidade de camelôs existente e dizem que o logradouro não é lugar para o comércio e cobram da prefeitura providências.¹²¹

Outras praças como a Marechal Deodoro da Fonseca, conhecida popularmente por praça da Bandeira também foram ocupadas pelo comércio ambulante. “A praça está tomada por vendedores de frutas. Muita gente faz comida e até suas necessidades fisiológicas. A praça virou um banheiro público, onde o cheiro é desagradável.” O logradouro em questão e a Igreja Nossa Senhora do Amparo que faz parte do marco zero da cidade, sendo a primeira edificação da capital, um importante patrimônio histórico. A reportagem também denuncia que as calçadas da igreja “foram tomadas por camelôs, que as transformaram em ‘boutiques’ a céu aberto. Centenas de peças de roupas são oferecidas aos transeuntes.”¹²² Infelizmente, não eram apenas esses problemas que as praças estavam passando.

Nem mesmo as calçadas dos prédios públicos eram poupadas da ocupação por vendedores ambulantes. Cerca de 80 camelôs instalados nas calçadas do Museu do Piauí atrapalham a visita pública, segundo funcionários, que já fizeram inúmeras denúncias aos fiscais da prefeitura de Teresina, sem que nenhuma providência tenha sido tomada. E informam ainda, “esses camelôs que ocupam o setor não são cadastrados na prefeitura e já ocupam a área por mais de um ano.” Por outro lado, os vendedores que ocupam o espaço, saem em sua defesa, informando que “a visita continuou normal, o que falta é a divulgação da direção do museu, pois muita gente nem sabe o que existe. Temos que sobreviver, e o brasileiro que visita museu ou não está acostumado com miséria, uma a mais ou a menos não vai fazer diferença.”¹²³

A população da capital do estado do Piauí sofria com inúmeros problemas de mobilidade urbana. Partes destes problemas estavam relacionados às vias de tráfego, consideradas em sua maioria insuficientes, as principais avenidas de acesso dos bairros ao centro da cidade estavam constantemente congestionadas. O aumento de veículos não foi seguido na mesma proporção de investimentos para as vias de tráfego.¹²⁴ Estas necessitavam de ampliação das já existentes

¹²¹ PRAÇA Saraiva virou um mercado. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 943. s.p., 25/26 dez 1990.

¹²² CALÇADA de igreja vira “boutique”. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 964. p. 08, 20/21 jan 1991.

¹²³ CALÇADA do museu invadida. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 933. p. 08, 12 dez 1990.

¹²⁴ De acordo com dados do IBGE, coletados a partir de 2006, referente a frota de veículos dos municípios, dentre eles Teresina, revela que em 2006, a cidade contava com 171.012 veículos em sua frota, sendo 88.660 de automóvel. Em 2010, a frota de veículos passou para 282.220, sendo 131.674 de automóvel. Observa-se que a quantidade de veículos em circulação em Teresina quase que duplicou em quatro anos, com um acréscimo de 111.208 veículos, sendo 43.014 de automóvel. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

e a abertura de novas que interligassem melhor o sistema proporcionando uma maior fluidez ao trânsito. Soma-se a isso a má conservação de ruas e avenidas que desafiava as habilidades dos motoristas e transeuntes pela cidade, além do estancamento do trânsito próximo às pontes sobre os rios Poti e Parnaíba.

Por meio da análise dos dados referentes à maneira de deslocamento mais utilizada pelo teresinense revela algumas características importantes para compreender a evolução do sistema de mobilidade urbana do município. Em uma divisão modal resultada de levantamentos feitos em 2007, que levava em consideração os sistemas motorizados e não motorizados temos os seguintes dados: 56% (31% transportes privados e 25% transportes públicos), contra 44% (32% a pé e 12% de bicicleta) respectivamente. Também é interessante ressaltar que a maneira de locomoção mais utilizada é a individual, com um percentual de 56%, contra 44% coletiva. Essa tendência é extremamente prejudicial para a mobilidade urbana nos grandes centros urbanos, pois tem como consequências a formação de congestionamentos, aumento da poluição atmosférica e sonora, além dos constantes acidentes. O transporte coletivo é a escolha de apenas 1/4 da população, em grandes centros urbanos no mundo esse percentual chega a ser muito mais alto, como 67,2% em Nova York, 80% em Singapura e até de 90% em Hong Kong.¹²⁵

O sistema de transporte público é precário e a tarifa uma das mais caras do país. Teresina conta com oito empresas de ônibus, que transportam diariamente cerca de 230 mil passageiros. O teresinense reprova o serviço das empresas de ônibus, como ficou comprovado em recente pesquisa realizada pelo Instituto Piauiense de Opinião Pública – IPOP. A idade média dos ônibus é de sete anos. [...] Os ônibus circulam superlotados e a população não suporta os reajustes.¹²⁶

Esses dados revelam que o transporte coletivo tem perdido usuários ao longo dos últimos anos, alguns fatores são decisivos para essa perda, como, por exemplo: o alto valor cobrado na tarifa, o sucateamento da frota, o que gera desconforto no deslocamento e a frequência de ônibus nos ramais que é considerada muito baixa, o que atrasa consideravelmente as viagens nesse tipo de transporte. Em contrapartida, houve um aumento do transporte motorizado, tendo destaque para as motocicletas, de custo de valor e manutenção bem inferior ao do automóvel e de circulação mais rápida do que este, tem sido a preferência do teresinense.

– IBGE. Cidades – Teresina – Pesquisa – Frota de veículos, 2010, In:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/teresina/pesquisa/22/28120>>. Acessado em 31 de outubro de 2019.

¹²⁵ SILVA, Fernando Nunes da. Mobilidade urbana: os desafios do futuro. In: *Cadernos Metrópole*. São Paulo. Vol.15, n.30, 2010.

¹²⁶ TRANSPORTE precário. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 980. p. 01, 10/11 fev 1991.

Outro destaque é dado para a circulação não motorizada, responsável por 44% dos deslocamentos na capital. A modalidade pedonal responsável por 32%, usada principalmente nos bairros periféricos da cidade, por conta de as distâncias, ainda, serem consideradas pequenas e pela questão da renda da maioria da população que não tem recursos suficientes para pagar os custos dos transportes motorizados. Por fim, temos destaque para o transporte cicloviário, que entre os anos de 1960 e 1970, fora o meio de transporte mais utilizado, a quantidade expressiva de sua frota trouxe o título à Teresina de cidade com maior número de bicicleta do Brasil. Alguns fatores contribuíram para essa tendência: o terreno relativamente plano, disposição das vias radiais em direção ao Centro, baixo custo de aquisição e manutenção, além da precariedade do sistema de transporte coletivo.

Foi-se o tempo que andar de bicicleta denunciava apenas disposição para o lazer ou para um bom condicionamento físico. Hoje em dia, aqui em Teresina, a prática do ciclismo está se firmando como alternativa de trabalhadores para fugir do auto valor cobrado pela passagem de ônibus. Está aumentando consideravelmente o número de pessoas que se dirigem ao centro da cidade utilizando bicicletas, enquanto diminui assustadoramente o volume de passageiros nos coletivos. O vendedor ambulante Alcides Resende afirma que seu veículo é uma bicicleta, ‘com ela eu não preciso passar horas esperando em parada. Eu chego mais rápido do que quem vem de ônibus e ainda por cima sem gastar nada.’¹²⁷

Dados de 2007, revela que o modo de deslocamento cicloviário era escolhido por cerca de 12%. Observa-se uma queda considerada na sua utilização, muito em decorrência das escolhas dos governantes em incentivar o transporte motorizado, e as vias de acesso não possuem ciclovias ou as que possuem estarem em estado precário de conservação, com a presença de vários pontos interrupções, a inexistência de bicicletário em regiões como o Centro. As altas temperaturas e os constantes riscos de acidentes, na disputa desleal por espaço com os automóveis, ônibus e motocicletas, têm desestimulado ainda mais o uso desse modo de deslocamento.¹²⁸

De todo modo, a mobilidade urbana, principalmente no Centro da cidade estava completamente estagnada e exigia um plano de intervenção urgente, estruturado e integrado. Esse planejamento perpassava por uma ação conjunta que abarcasse várias dimensões e setores, envolvendo não apenas os poderes públicos municipal e estadual, como também a o setor

¹²⁷ TERESINENSE troca o ônibus por bicicleta: passagem está cada vez mais cara e população dos bairros prefere a bicicleta como meio para ir ao trabalho no Centro. *O Dia*. Teresina, ano XLI, n. 9.907. p.07, 14 maio 1992.

¹²⁸ TERESINA. *Plano Diretor de Transporte e Mobilidade Urbana de Teresina*. Prefeitura Municipal de Teresina, 2008.

privado e a sociedade como um todo. Tinha que buscar soluções para os principais problemas que a cidade enfrentava e que eram visíveis na degradação urbana que os espaços de maior visibilidade como o Centro da capital revelavam.

Teresina é uma cidade que cresce a cada dia, com isso os problemas aumentam e a qualidade de vida da população de mais de 600 mil habitantes diminui. As ruas e praças do centro foram invadidas que buscavam um meio de sobrevivência vendendo diversos produtos a preços mais acessíveis. A maioria dessas pessoas vivem em precárias condições de habitações e higiene. Algumas moram embaixo de pontes, próximos a valas, em morros, sob fios de alta tensão e sem água, luz e calçamento.¹²⁹

A essas pessoas restavam perambular pela cidade a procura de um local para fincar moradia. A ocupação de terrenos foi a mais comum, tendo em vista que Teresina ainda dispõe de um estoque considerável de terras urbanas. Uma parte considerável desses espaços vazios eram de propriedade do governo do estado do Piauí e da Prefeitura de Teresina. Mas, essas ocupações não se limitavam apenas a esse tipo de propriedade. Os estabelecimentos privados, que se encontravam abandonadas ou sem uso também eram alvo das ocupações. Buscava-se uma inserção na cidade mesmo que de forma temporária e irregular, montando barracos improvisados em calçadas, nas proximidades da linha férrea ou buscando um abrigo debaixo de pontes.

Na favela¹³⁰ sob a ponte do rio Poti, no Centro, cerca de 40 famílias, sobrevivem em barracos feitos de papelão, em muitos deles moram mais de uma família. Lá, há residências com apenas quatro metros quadrados. A palavra mais usada pelos moradores é ‘fome’, a segunda é ‘desemprego’ e a terceira é ‘medo’. Na favela moram principalmente cearenses, e uma característica é a presença de muitas mulheres sem marido e com vários filhos. Maria da Conceição de Sousa, 52 anos, viúva, que tem oito filhos e cria oito netos que estão passando fome: ‘__Eu e os outros não comemos nada, para o almoço não temos nada. Amanhã não sei como vai ser.’ Lamentou. Ela afirmou que faz carvão para vender, mas o dinheiro não dá para o sustento. [...] Maria Teresa Alves mora na favela a dois anos, o seu barraco feito de papelão e amarrado em estacas tem apenas 9 metros quadrados. Ela tem muito medo de atear fogo em seu casebre.¹³¹

Esses moradores encontravam nos firmes pilares da ponte e na cobertura maciça de concreto armado uma aparente “segura” opção de moradia. Longe da ameaça de processos de

¹²⁹ TERESINA, uma cidade cheia de problemas. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 980. p. 01, 10/11 fev 1991.

¹³⁰ O termo favela é usado para designar esse grupo de casebres de papelão que foram feitas sob a ponte.

¹³¹ FAVELADOS enfrentam todos os tipos de dificuldades. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 1.167. p.09, 28 set 1991.

desapropriação reivindicada pelos donos dos terrenos, livre do risco iminente de desabamentos ou alagamentos. Por outro lado, a fome, o desemprego e a insegurança eram vivíveis nas paredes de papelão que funcionavam como divisórias revelavam a verdadeira vulnerabilidade em que essas pessoas estavam submetidas. Mas os problemas enfrentados por essa população estava longe de se resumir somente a fome, o desemprego e a insegurança.

Outras formas de inserção na cidade também eram bastante utilizadas, como por exemplo, a ocupação de residências, prédios e estabelecimentos abandonados que se encontravam abandonados. Essa situação foi verificada na sede esportiva do Clube dos Diários, no bairro Jockey Clube, zona leste de Teresina.

Abandonada em uma das áreas mais nobre de Teresina, a antiga sede esportiva do Clube dos Diários, que já foi palco de bailes em fins de semana divertidos da sociedade local, agora é um verdadeiro ‘condomínio’. Aproveitando toda a área do desativado clube, cerca de 20 famílias estão alojadas no local, utilizando toda a estrutura do prédio, que está praticamente em ruínas. As duas piscinas servem de depósito de lixo, onde as crianças se divertem, ao lado de porcos e brincando de escorregar. [...] Sem energia elétrica, os moradores do ‘Condomínio Clube dos Diários’ tem em casa locais onde ficavam os lustres dos salões de festas. ‘___ Construimos as casas aproveitando a estrutura. Primeiro, fizemos as divisórias de papelão, mas depois colocamos tijolos nas paredes.’ Explica Maria de Fátima Salvino Candeia, que mora há trezes anos no clube.¹³²

O leito de ruas e calçadas também serviam como abrigo para os mais desvalidos. Como o senhor Francisco Andrade Silva, 67 anos, aposentado, que ergueu sua moradia em uma calçada na Rua 1º de Novembro entre os quarteirões da Avenida Frei Serafim e a Rua Álvaro Mendes, no centro da cidade. “A ‘casa’ tem uma parte coberta por lona, mas não tem paredes, apenas os ‘cômodos’ divididos por pedaços de madeira”.¹³³ Situação semelhante ocorria com outras duas famílias que viviam ao relento, em um terreno entre a Avenida Maranhão e o Rio Parnaíba. “Todos os seus pertences estão guardados em sacos amontoados pelo acampamento, que fica embaixo de uma amendoeira. O desempregado José Caetano e sua família montaram seu acampamento em uma área infectada e bem próxima a um local de despejo de lixo.”¹³⁴

A situação em que se encontrava muitas famílias em Teresina era calamitosa. Em decorrência das péssimas condições em que essas pessoas estavam submetidas, sobretudo,

¹³² SEDE esportiva de clube é transformada em favela. *Diário do Povo*. Teresina, ano V, n. 1.404. p. 09, 17 jun 1992.

¹³³ SEM TER onde morar, homem constrói casa numa calçada. *Diário do Povo*. Teresina, ano VIII, n. 2.921. p.05, 17 jan 1997.

¹³⁴ DUAS famílias vivem debaixo de uma árvore. *Diário do Povo*. Teresina, ano VIII, n. 2.915. p.03, 11 jan 1997.

relacionadas à falta de saneamento básico e alimentação precária, eram mais vulneráveis a doenças. Gripe, pneumonia, cólera, hepatite, calazar e dengue eram as doenças mais comuns que atingiam os moradores das vilas e favelas de Teresina.¹³⁵

Para além de uma população pobre (sobre)vivendo nas periferias da capital, temos os moradores de rua, vivendo em situação mais precária ainda, ao relento, perambulando pelas ruas da cidade, mendigando o sustento mínimo diário. Essas pessoas não constavam nos dados estatísticos do poder público, não fazem parte de nenhum programa de assistência de governo. São invisíveis para a maioria da população, só não passam completamente despercebidos pelo incômodo que provocam em muitos passantes pelas ruas. O Jornal O Dia, traz um editorial sobre o assunto, alertando o poder público para um tema tão complexo e muito recorrente nos centros urbanos.

Alguns já não tem qualquer noção do que fazer para sair da mendicância. Passam o dia pedindo esmolas, ou fazendo pequenos serviços para se alimentar e à noite não tem para onde ir. São indigentes, vivem na pobreza mais extrema, que a sociedade civilizada pode suportar. [...] Ao contrário do que se poderia imaginar, as pessoas que vivem nas ruas, não são, necessariamente, velhos abandonados pelas famílias ou doentes que não tem noção da vida que levam. São homens ainda jovens em condições de trabalhar. Estão nessa situação mais pelas circunstâncias do que por acomodação própria. É uma das facetas mais terríveis da má distribuição de renda do Brasil.¹³⁶

Esses mendigos, conforme dados levantados pela Secretaria Municipal de Assuntos Comunitários – Semtac, em 1996, são oriundos de outras cidades, cerca de 80% são migrantes, dos quais 31,33 proveniente do interior do Estado do Piauí e, 20,48% dos estados vizinhos do Maranhão e do Ceará. Ainda de acordo com essa pesquisa, essas pessoas chegam à capital do Piauí à procura de emprego, sem possuírem parentes ou conhecidos acabam ficando nas ruas, passando por toda sorte de infortúnios, são assaltados, perdem os documentos, dificultando ainda mais o acesso ao emprego formal. Muitos, ainda, passam a ter envolvimento com drogas e álcool e na impossibilidade de sobreviverem passa a mendigar pelas ruas da cidade, vivendo no relento, no abrigo de praças e calçadas principalmente do Centro da cidade.¹³⁷

O jornal ainda traz uma reportagem sobre os menores de rua, que vivem em condições igualmente precárias, agravadas ainda pela imaturidade e a falta de assistência que compromete

¹³⁵ HEPATITE e calazar na Carlotas Freitas. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 10.729, p. 01, 08 fev 1995.

¹³⁶ GUEDES, Mussoline. Sombras que habitam as ruas de Teresina. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 11.077, p. 09, 12 jan. 1996.

¹³⁷ EM BUSCA de uma vida mais digna: este é o motivo que traz muitas pessoas a Teresina. Sem oportunidades elas terminam indo morar nas ruas. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 11.077, p. 11, 12 jan. 1996.

não só sua existência diária, como também o futuro que elas terão quando virarem adultas. Em pleno período de formação social e de caráter, esses meninos e meninas são entregues ao descaso e a indiferença, comprometendo as gerações por vir.

Muitos filhos para poucos pais. As ruas de Teresina ganharam inúmeros pequenos habitantes deslocados da engrenagem social. Os meninos estão cheirando cola, pedindo esmolas, fazendo biscates, vivendo a idade adulta antes do tempo. Todos os projetos e abrigos não foram suficientes para evitar o abandono dos menores. Mas eles são crianças na rua, e ainda brincam, mergulhando nas fontes públicas o que não pode ser escondido. Entre o incômodo de ter crianças nas ruas e a impossibilidade imediata de resolver o problema encontra-se um pacto silencioso de indiferença travado entre os menores e a sociedade.¹³⁸

Shara Jane Holanda Costa Adad, ao debruçar-se sobre o mundo socioafetivo desses menores de rua, não buscou enveredar pela lógica da carência, da discriminação ou da punição. Mas, buscou ver o espaço das ruas, onde vivem esses sujeitos, como um lugar por excelência do próprio estigma, utilizada por esses menores como espaço para suas múltiplas sociabilidades, marcadas pela mundanidade e pelos perigos de viver na margem do que se tornou-se convencional a priori. Para a autora, eles “tornam-se atores por excelência das novas dinâmicas urbanas, identificam-se com as áreas de maior movimento e a visibilidade são suas referências, refletindo o nosso tempo, sendo protagonistas desse final de século.”¹³⁹

A oferta de emprego também faz parte da análise dos índices socioeconômicos dos teresinenses. Conforme dados do Cadastro Central de Empregos do IBGE, que leva em consideração não apenas os empregos formais, mas também os informais, houve um aumento na taxa de empregos na cidade de Teresina em 5,1%, entre os anos de 1996 e 2004. Entretanto, esse aumento ocorria de forma concentrada nas zonas Centro e Leste, passando de 44,41% para 51,86%, entre os anos de 1998 a 2007, do total dos empregos da capital. Por outro lado, as áreas periféricas apresentaram uma queda da participação de empregos, passando de 12,26% para 8,73% na zona Norte e de 13,80% para 11,64%, na zona Sul, no mesmo período em questão. No que diz respeito à questão da renda média mensal por chefe de família o vetor Centro-Leste também concentra as maiores rendas.¹⁴⁰

¹³⁸ ALVES, Siljane; ANDRADE, Samária. Teresina: 139 anos. *O Dia*. Teresina, ano XL, n. 9.686. p.09, Cad. 2 - Cidade, 16/17 ago 1991.

¹³⁹ ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *Corpos de rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

¹⁴⁰ IBGE. Cadastro Geral de Empregos.

Um desses empecilhos está diretamente relacionada à concentração de renda. O Atlas de Desenvolvimento Humano de Teresina de 2013, revela as desigualdades sociais, no qual os 20% da população mais pobre detinham 2,77% de toda a riqueza do município, enquanto os 10% mais ricos detinham 51,06% de toda a riqueza. Comparados aos índices do Piauí, onde os 20% mais pobres possuíam 1,65% de toda a riqueza do estado, enquanto os 10% mais ricos possuíam 49,91% de toda a riqueza. Observamos uma ampla concentração de renda em ambas, sendo um pouco mais intensa na capital.¹⁴¹

As áreas onde há a concentração de uma população de maior renda per capita são as tradicionais áreas nobres da cidade, compostas pelos bairros como o Frei Serafim, no Centro e pelos bairros Jóquei, Fátima, São Cristóvão, Horto, Morada do Sol e Ininga, na zona Leste, com renda familiar acima de R\$ 5.000,00. Na outra extremidade, temos os bairros periféricos onde se encontram as pessoas com menor renda per capita da cidade, ou seja, inferior a R\$ 1.000,00, como Redenção, São Raimundo, Santo Antônio, Angelim, Parque Jacinta, na zona Sul; São Raimundo, Beira Rio, Gurupi, Flor do Campo, na zona sudeste; Pedra Mole, Cidade Jardim, Verde Lar, Novo Uruguai, na zona leste e Olarias, Nova Brasília, Santa Rosa, Santa Maria, Parque Brasil, na zona norte. Um dado relevante para a análise, é o fato de não estar representado no mapa, as áreas de ocupação que compõem vilas e favelas da cidade.

Com o objetivo de diagnosticar a realidade da questão habitacional em Teresina, a Prefeitura Municipal de Teresina realizou pesquisas de caráter censitário ao longo da década de 1990. A primeira ocorreu em 1991, que resultou no documento intitulado Perfil de Teresina, o primeiro a trazer dados oficiais sobre as submoradias em áreas irregulares. Em 1993, Primeiro Censo de Vilas e Favelas foi elaborado em Teresina e, entre setembro de 1995 e maio de 1996, a Secretaria Municipal do Trabalho, Cidadania e Assistência Social – SEMTCAS realizou o Segundo Censo de Vilas e Favelas. Em 1999, a Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo – SEMHUR realizou o Terceiro Censo de Vilas e Favelas. Nesses documentos, estão o perfil socioeconômico das vilas e favelas de Teresina, o que nos proporcionou uma análise do crescimento e expansão dessas áreas, bem como acessar as condições de vida dessa população.

Para uma melhor análise, a Prefeitura Municipal de Teresina distingue e caracteriza favelas, vilas e parques e residenciais. As favelas são tidas como aglomerados humanos situados em área de ocupação irregular do solo que se caracterizam pela precariedade da construção das moradias, ausências de urbanização e saneamento, inexistência ou confusão no arruamento, localizam-se em áreas insalubres, leito de rua, áreas de risco, impróprias à moradia,

¹⁴¹ ATLAS BRASIL, 2013.

demandando, por parte do poder público municipal, remoção das famílias para área de assentamento. Já as vilas consideradas também como áreas de ocupação irregular do solo, caracterizadas inicialmente, pela ausência de infraestrutura e precariedade da construção dos domicílios, mas que apresentam condições para regularização fundiária e urbanização. Por fim, os parques e residenciais que eram áreas de assentamento planejado e executado pela prefeitura, em loteamento de interesse social, observando a legislação de parcelamento do solo em vigor. Diferenciam-se pela tipologia dos domicílios que, nos parques, são inicialmente de taipa/telha e construídos pelas famílias em regime de autoconstrução enquanto que nos residenciais são construídos predominantemente de alvenaria/telha, em regime de mutirão familiar. São áreas beneficiadas com infraestrutura básica bem como regularização fundiária.¹⁴²

Em 1991, a capital contava com 56 vilas e favelas localizadas principalmente nas zonas Leste e Norte.¹⁴³ Essas zonas concentravam o número de favelas em decorrência de duas características principais e distintas. A zona Leste, região mais valorizada da cidade, dominada pela especulação imobiliária, com estoques de terras e a zona Norte por se tratar de uma área de crescimento estagnado em decorrência da presença de lagoas, sujeita a inundações e a presença do aeroporto de Teresina, o que limitou o crescimento dessa área, como vimos anteriormente. Em apenas cinco anos, Teresina praticamente triplicou o número de vilas e favelas, passando para 149, destas 110 vilas e 39 favelas distribuídas por todas as áreas da cidade, segundo dados da Secretaria Municipal de Planejamento. No levantamento feito pela prefeitura, foram divididas em 12 bolsões de pobreza, das quais destaca-se a Sul 3 com os piores índices de pobreza, incluindo o Distrito Industrial e os bairros Santa Cruz e Santo Antônio, situados na Zona Sul, com 13 favelas, totalizando 10.750 pessoas.¹⁴⁴ A seguir, uma análise do Censo das Vilas e Favelas feito em 1996, publicado na imprensa local.

A população de Teresina ficou mais pobre nos últimos três anos e muitas famílias que moravam nos bairros e conjuntos habitacionais na área central, pressionados pela crise econômica, passaram a invadir terrenos, fixando residências em vilas, favelas, assentamentos e casas financiadas por cooperativas e construtoras em locais bem distantes do perímetro urbano. [...] a maior surpresa da pesquisa foi o empobrecimento dos teresinenses além de uma acelerada expansão da área urbana e com a consequente especulação imobiliária, beneficiando os empresários do setor.¹⁴⁵

¹⁴² AGENDA TERESINA 2015, p. 22.

¹⁴³ TERESINA. *Censo das Vilas e Favelas* - Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT – 1991.

¹⁴⁴ TERESINA. *Censo das Vilas e Favelas* - Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT – 1996.

¹⁴⁵ HOLANDA, Montgomery. População de Teresina fica mais pobre. *Diário do Povo*. Teresina, ano VIII, n. 2.923. p.07, 19 jan 1997.

As 149 vilas e favelas estavam distribuídas nas quatro zonas da capital, sendo um número maior situadas na zona leste. Essas áreas abrigam um total de 14.542 famílias, ocupando 14.077 residências, o que representa 10,52% dos domicílios do município. A renda média mensal familiar é de até um salário mínimo, o que reflete em um acentuado nível de precarização das condições de existência, como habitação, saneamento, acesso à saúde e educação. O que pode ser constatado na própria estrutura das moradias, 39,22% delas são construídas de taipa com cobertura de telha. Seguida de 37,45% dos domicílios construídos de taipa e cobertura de palha. Somente 8,70% dos domicílios são construídos de alvenaria e coberto por telhas e outras 0,54% de material inapropriado para moradia.¹⁴⁶

A situação piora quando se analisa as condições sanitárias dessas moradias subnormais. Ainda de acordo com o Censo das Vilas e Favelas de Teresina, de 1996, 51,24% dos domicílios, os destinos dos dejetos correm a céu aberto, enquanto apenas 17,32% utilizam-se de fossas sépticas. No que se refere ao destino do lixo, 49,44% são jogados em terrenos baldios e apenas 10,61% dispõem de serviço público de coleta. Já os serviços de distribuição de energia e abastecimento de água, são 53,90% e 54,80%, respectivamente.¹⁴⁷

Com esse quadro, cresceu muito a proliferação de favelas pela cidade. No ano de 1999, Teresina contava com 117 vilas, 24 favelas e 9 parques residenciais, onde moravam 38.852 famílias, 133.857 pessoas que representavam 18% da população urbana do município. Conforme os dados da Prefeitura Municipal de Teresina, apenas 30% da população das vilas e favelas são de teresinenses, 51% são oriundos do interior do Piauí e 29% de outros estados, a maioria do Maranhão e do Ceará.¹⁴⁸ Conforme os dados, houve um aumento da quantidade de vilas e na proporção inversa o de favelas. Estas reduziram de 49 em 1993 para 39 em 1996 e em 1999 caiu para 24.

Já as vilas houve um acréscimo considerável, saindo de 7 para 117 ao longo de uma década. Podemos inferir que esse último dado é resultado tanto das políticas públicas municipais voltadas para o melhoramento urbanístico de ocupações ocorridas na cidade, como o processo de entrega de título de posse da terra e implantação de programas como o Vila-Bairro, que analisaremos mais detalhadamente, a seguir, como também por uma maior

¹⁴⁶ TERESINA. *Censo das Vilas e Favelas* - Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT – 1996.

¹⁴⁷ TERESINA. *Censo das Vilas e Favelas* - Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT – 1996.

¹⁴⁸ TERESINA. *Censo das Vilas e Favelas* - Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT – 1999.

organização das ocupações em torno de associações e coletivos, que passaram a ocupar vastas áreas da cidade que não se configuram como locais insalubres ou de risco, que posteriormente poderiam recorrer junto ao poder público pela regularização da ocupação.¹⁴⁹ Esses fatores podem ter contribuído para o aumento considerável de vilas em detrimento de favelas.

Como vimos, o problema habitacional em Teresina mostrou-se muito grave por conta do número cada vez mais crescente de uma população empobrecida que não tinha condições de encaixar-se nos programas tradicionais de habitação oferecidos pelos governos em parceria com bancos públicos como a Caixa Econômica Federal. Esse excedente acabou por formar inúmeras vilas localizadas em áreas que futuramente poderiam ser beneficiadas com obras de urbanização. Ao contrário das favelas que eram áreas totalmente inapropriadas para a moradia, que seria necessária a remoção de sua população para outras áreas seguras da cidade. Nesse sentido, observou-se, ao longo dessa pesquisa, que as ocupações passaram a ser mais organizadas e até planejadas com o intuito de passar futuramente por processos de assentamento e melhorias urbanas. Uma das características foram os espaços estabelecidos para arruamento e a implantação de aparelhamentos urbanos como escolas, postos de saúde, praças, mercados, etc.

Outro dado relevante na análise desse processo trata-se do número do déficit habitacional no capital. De acordo com dados do Censo de 2010, há um déficit de aproximadamente 112 mil unidades no estado do Piauí, sendo 75.796 imóveis na área urbana e 36.473, na rural.¹⁵⁰ Quando o cálculo é feito tendo como ponto de análise o déficit habitacional em relação à renda familiar, temos a percentagem de 91,3% das pessoas que necessitavam de moradia faziam parte das famílias que recebiam até três salários mínimos.¹⁵¹ Em Teresina, havia um déficit de 55 mil moradias, ou seja, praticamente a metade do déficit habitacional do estado encontrava-se na capital. Os dados sobre a ocupação da população economicamente ativa e a renda familiar mensal dos moradores da capital ajudam a explicar essa situação. Metade da população economicamente ativa se encontrava desempregada ou na informalidade. Mesmo aqueles que estavam inseridos no mercado formal de atividades, 80,7% da população recebiam até três salários mínimos. Na prática, isso significa dizer que uma parte considerável da

¹⁴⁹ Nos tópicos seguintes, retomaremos essa discussão de forma mais detalhada.

¹⁵⁰ FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estatística e Informações. Déficit Habitacional no Brasil 2013: resultados preliminares. Belo Horizonte, 2015. In: < FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estatística e Informações. Déficit Habitacional no Brasil 2013: resultados preliminares. Belo Horizonte, 2015. Acessado em 16 de outubro de 2019.

¹⁵¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -IBGE. Censo Demográfico de 2000. Déficit Habitacional no Brasil, 2000. 2001.

população de Teresina não possuía renda suficiente para atender as suas necessidades básicas, dentre elas o acesso à moradia.¹⁵²

Esses dados nos oferecem um panorama de como se encontrava a situação habitacional em Teresina, e, a partir deles, como o poder público tanto federal, como estadual e municipal intervieram na tentativa de solucionar o problema do déficit habitacional na capital, por meio da aplicação de recursos direcionados por programas e projetos voltados para assegurar moradia, principalmente, para os mais necessitados. Por outro lado, a cidade não é construída apenas pelos agentes produtores governamentais, mediante políticas públicas de intervenção e pelos produtores imobiliários. Ela é autoconstruída pelas pessoas que são excluídas dos processos formais de ocupação do solo urbano, que impossibilitados de participar da cidade do capital, buscam, ao seu modo, inserir-se na cidade por meio de ocupações que eclodiram em vários pontos da cidade.

Autores como Michel de Certeau centram seus estudos nos usos e nas práticas que os habitantes fazem do espaço, especialmente o da cidade, como em *Práticas de espaços*, mostrando como os *transudentes* apropriam-se, ao seu modo, dos códigos e dos lugares que lhes são impostos, subvertendo as regras e compondo formas próprias de se inserir na cidade. Para o autor, essa é uma forma alternativa de analisar a cidade, pretendendo enveredar por outro caminho que não seja apenas o dos discursos:

Analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o plural desses procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítimada, desenvolvidos e insinuados nas redes da vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividade sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos.¹⁵³

Na acepção de Certeau, no espaço tecnocraticamente construído com uma determinada funcionalidade é transgredido pelas práticas cotidianas, o que ele denomina de estratégias e táticas. Na definição do autor, “estratégia” é como “o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’”. Ele postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta.” Enquanto que “tática” é

¹⁵² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, Censo Demográfico 2010, 2011.

¹⁵³ CERTEAU, Michel de. Práticas de espaço: caminhadas pela cidade In: *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 175.

“um cálculo que não pode contar com ele próprio, nem portanto com uma fronteira, que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância.”¹⁵⁴

São “performances operacionais” que apresentam “continuidades e permanências”. Por meio do poder das “práticas cotidianas ordinárias”, da qual descreve Certeau, é possível que os mais fracos se sobreponham aos mais fortes, em uma constante “inversão e subversão”. Para tal, o “habitante ordinário”

tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos, [...] mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ‘ocasião’.¹⁵⁵

Entendemos, portanto, que as práticas cotidianas, as estratégias e táticas de que nos fala o autor podem ser aplicadas aos pobres urbanos de Teresina, sobretudo, em que pese os seus modos de agir ou reagir às condições imposta a eles pelo sistema capitalista. Suas estratégias estão presentes na forma como reagem à exclusão do parcelamento urbano, criando interfúgios por meio das ocupações ou reagindo e criando novas táticas de ação nos processos de desapropriações. De modo que, mesmo no campo das ideias, os mais fragilizados ainda conseguem alterar a ordem dominante, fazendo funcionar, ao seu modo, os seus códigos e preceitos.

O processo de pauperização da população de Teresina, mesmo já ocorrendo desde sua fundação, deu-se de uma forma mais intensa durante a década de 1970. Esse fenômeno foi vivenciado a nível nacional, resultado do processo migratório campo-cidade, quando pela primeira vez a população urbana passou a ser maior que a rural. O êxodo rural foi intenso também no estado do Piauí, refletindo principalmente na capital, uma vez que a imagem da vida citadina começou a ser veiculada como um local de oportunidades e alternativa à miséria da vida no campo.¹⁵⁶ Nas décadas seguintes, 1980 e 1990, esses centros urbanos não conseguiram absorver a quantidade de pessoas que para eles se direcionaram nas últimas décadas e Teresina, como as demais capitais, passou a vivenciar sérios problemas urbanos, com um excesso de

¹⁵⁴ CERTEAU, Michel de. Introdução Geral In: *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 46.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 47.

¹⁵⁶ MONTE, Regianny Lima. *Vidas incertas*: o processo de modernização e segregação urbana de Teresina na década de 1970. Teresina: Instituto Federal do Piauí-Campus Teresina Zona Sul, 2017.

população empobrecida vivendo em precárias condições de existência que passou a fazer parte do dia a dia da cidade.

Teresina é uma cidade que cresce a cada dia, com isso os problemas aumentam e a qualidade de vida da população de mais de 600 mil habitantes diminui. [...] A maioria dessas pessoas vivem em precárias condições de habitação e de higiene. Nos mais diversos pontos de Teresina, surgiram e surgem construções irregulares. Algumas famílias moram embaixo de pontes, vivem sob fios de alta tensão, em morros e próximos a valas, sem água, luz e calçamento. Nos bairros de periferia as condições de precariedade são visíveis, mas não se resumem a eles. A zona leste é um exemplo do desnível da organização da cidade. Ali, estão localizados os bairros mais nobres e os mais carentes, como o Jóquei e o Satélite.¹⁵⁷

Se, nas décadas de 1970 e 1980, a capital do estado do Piauí teve sua população duplicada a cada década, com a chegada de migrantes oriundos, na sua maioria da zona rural de outros municípios e estados, reconfigurando sua malha urbana, na década de 1990, a espetacularização da pobreza não se limitava apenas nas áreas periféricas da cidade. Dessa forma, passou a fazer parte da paisagem urbana da cidade um cenário de miséria presente nos mais diversos pontos da cidade. A pobreza urbana na capital não se concentrava mais apenas na periferia da cidade, ela estava presente no leito de ruas e avenidas, debaixo de pontes e viadutos, que foram projetados para acelerar o desenvolvimento urbano, serviam de abrigo, assim como pátios e jardins de áreas públicas e privadas, em terrenos ociosos, ou ainda em morros, encostas, nas margens de lagoas ou dos rios Parnaíba e Poti, lugares impróprios para moradia.

Cerca de 200 famílias lotearam o terreno que margeia a lagoa do bairro Nova Brasília, na zona Norte de Teresina. A maioria dos favelados residia na rua Campo Maior, outro aglomerado de casebres construídos ao lado do muro do aeroporto [...] A lagoa da Nova Brasília todos os anos transborda, o que obriga os moradores do setor a construir uma cerca de proteção, para impedir que as crianças tomem banho. Também são grandes os riscos de doenças, porque na lagoa são lançados dejetos de toda ordem.¹⁵⁸

Em terrenos baldios fruto da especulação imobiliária de propriedade particulares ou do governo municipal ou estadual, a pobreza urbana de Teresina não era mais localizada, mas apresentava-se como um problema crônico, como um triste e melancólico espetáculo diário no qual não só a sociedade como o poder público faziam vista grossa para o problema. Os níveis

¹⁵⁷ TERESINA, uma cidade cheia de problemas. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 933. p.08, 12 dez 1990.

¹⁵⁸ FAVELADOS ocupam margem de lagoa no Nova Brasília. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 914. p.07, 17 nov 1990.

de pobreza, o alto índice de desemprego e a informalidade foram apontados pela comissão que elaborou o Plano Estrutural de Teresina - Agenda 2015¹⁵⁹ como os principais problemas enfrentados na cidade. Isso refletia diretamente na questão habitacional. O que gerava um déficit habitacional intenso e uma população extremamente empobrecida que recorriam a ocupações formando vilas e favelas pela cidade.¹⁶⁰

Para o urbanista Giulio Carlos Argan, há um descompasso entre o planejamento urbano implementado nas últimas décadas, sob a égide de planos de intervenção urbanística pautados pela lógica ecológica, com a preocupação com a recuperação e a preservação do meio ambiente, com o intuito de forjar um desenvolvimento sustentável nos grandes centros e o que ocorre de fato na melhoria da qualidade de vida de seus habitantes. Isso acontece, sobretudo, porque há uma substituição dos cidadãos pelos consumidores e usuários, promovida pela lógica do capital. Essas intervenções, que carregam como propósito a melhoria das cidades para os seus cidadãos, habitantes, acabam por favorecer as condições do mercado. São projetos que delimitam as áreas que passarão por intervenções no sentido de valorizá-las, voltadas em muitos casos para o turismo, ou seja, mais uma vez para o comércio.¹⁶¹

A cidade é vista como mercadoria, e não como local para se viver melhor. Essas intervenções, em sua grande maioria, carregam consigo um caráter excludente e segregador, sobretudo, com os mais pobres, que permanecem à margem de programas que valorizem realmente suas condições de vida, como habitação, saneamento e acesso a outros aparelhamentos urbanos. Nesse sentido, os menos favorecidos buscam inserção no espaço da cidade de forma irregular como nas ocupações de terrenos urbanos, sejam eles de domínio da prefeitura, do Estado ou de particulares. Ou ainda, procuram fincar residências em margens de rios ou lagoas, estando sujeitos constantemente a inundações, encostas ou nas margens de ruas e avenidas.

1.3.2 O processo de ocupações irregulares – a inserção no espaço da cidade

Na segunda metade da década de 1990, houve um aumento considerável na ocupação em terrenos particulares, passando de 7,9 % em 1996 para 24,30% em 1999, conforme dados

¹⁵⁹ Analisaremos de forma mais detalhada esse plano de intervenção urbanística e seus desdobramentos no segundo capítulo dessa tese.

¹⁶⁰ TERESINA. *Plano Estrutural de Teresina – Agenda 2015*. Teresina, 2002.

¹⁶¹ ARGAN, Giulio Carlos. Urbanismo, espaço e ambiente. In: _____. *A história da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

dos Censos das Favelas de 1996 e 1999.¹⁶² Esse aumento se dá pelo fato dos terrenos públicos, sejam eles do município, do estado ou da união, estarem cada vez mais escassos, uma vez que foram os primeiros a serem ocupados, tanto pela localização, como pelas facilidades de uma possível regularização fundiária. Como reflexo, as ocupações se intensificaram após 1997 em áreas de expansão da cidade, distantes e sem infraestruturas como foi o caso das vilas Alto da Ressurreição, Cidade Leste, Avião e Irmã Dulce.

De acordo com os dados do trabalho elaborado pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal - IBAM para a Caixa Econômica Federal no âmbito do Programa CAIXA Melhores Práticas de Gestão Local, em 2002, sobre os resultados do Programa Vila Bairro, notou-se que inúmeras vilas situavam-se próximas a Conjuntos Habitacionais, e que muitos dos seus moradores eram antigos mutuários da CAIXA, que não conseguiram pagar suas mensalidades e perderam seus imóveis por meio de ações judiciais.¹⁶³ Com os constantes reajustes, que chegavam a 600% em apenas três meses, uma prestação de Cr\$ 60 mil passou para Cr\$ 360, sendo que não houve o aumento do salário mínimo na mesma proporção. Inúmeras matérias, retratando a perda da condição de pagamentos desses imóveis, foram veiculadas na imprensa local¹⁶⁴, bem como informando de ocupações de terrenos baldios ou até loteamentos privados situados nas proximidades dos conjuntos habitacionais, como revela a matéria a seguir:

Mais de 15 famílias já invadiram o loteamento Parque Jurema, localizado entre os conjuntos habitacionais Dirceu Arcoverde II e Tancredo Neves na zona sudeste de Teresina. O terreno foi loteado pela Imobiliária Jurema, são 715 lotes, cada um com 10 metros de frente e 25 de fundo e todos já foram vendidos. [...] As pessoas que invadiram a área já começaram a construir os casebres. Mas já estão morando no local antes de terminar a construção, pois não arriscam perder o local para outros invasores, já que o problema de moradia vem aumentando nos últimos anos em Teresina, com a formação de favelas e ocupações de áreas públicas e particulares.¹⁶⁵

Para representantes dos movimentos sociais ligados à busca por moradia, as ações tomadas pelo poder público ainda eram ineficientes diante do tamanho do problema que a maior

¹⁶² TERESINA. Censo das Vilas e Favelas, 1996; TERESINA. Censo das Vilas e Favelas, 1999.

¹⁶³ FIRME, Denise Penna; SANTOS, Alexandre e BARATTA, Tereza Cristina. *Estudo de caso: projeto vila-bairro: Teresina-Piauí – versão condensada*. Rio de Janeiro: IBAM, 2002.

¹⁶⁴ AUMENTO da casa própria revolta mutuários. *O Dia*. Teresina, ano XLI, n. 9.841, p. 07, 21 fev 1992. COHAB vai tomar apartamentos dos mutuários inadimplentes. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.0106. p.1, 05 out 2000. FAVELADOS voltam a invadir Mocambinho. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 872. p.07, 17 set 1990.

¹⁶⁵ AMEAÇA de morte em invasão de terreno. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 875. p.04, 30 ago 1990.

parte da população estava inserida, sobretudo, no que diz respeito à moradia. Segundo o presidente da FAMECC, Dino Pereira, “a ausência de sintonia entre as políticas dos governos estadual e municipal prejudica a cidade.” Segundo ele, a prefeitura realizou o Programa Minha Casa que resultou na construção de cinco mil residências, esse número poderia ser maior se tivesse uma contrapartida do poder público estadual. Já para o presidente da Associação dos Moradores do Itararé, Antônio Batista de Araújo, “o problema era a falta de uma política habitacional continuada. A questão é que as pessoas estão mais envolvidas com seus partidos políticos do que com os problemas sociais”.¹⁶⁶

A problemática da habitação recai sobre os segmentos mais empobrecidos da sociedade e gera um campo de luta, embate e resistência em busca de uma inserção na formação urbana de Teresina. Esses segmentos de baixa renda buscam por meio de ocupações, seja de modo organizado por entidades e movimentos, ou realizada por grupos de desfavorecidos que se unem em torno da mesma causa, uma alternativa para instalarem-se na cidade que os excluía, uma vez que, sem posses, eram impossibilitados de participarem do parcelamento do solo urbano mediante a compra. Como visto, a luta pela ocupação do espaço citadino caracteriza-se tanto por uma ação coletiva, como por um ato cotidiano individual.

Os movimentos reivindicatórios eclodiram na segunda metade da década de 1980, com o fim do regime civil-militar. A abertura política permitiu o retorno dos sindicatos, das associações de moradores, dos movimentos dos sem-terra e dos sem-teto entre outros que passaram a se organizar e se mobilizar em torno de suas reivindicações. Nesse contexto, está situada, a nível local, a Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários – FAMCC, ligada ao Movimento Nacional de Luta por Moradia – MNLM. Durante toda a década de 1990, a FAMCC esteve à frente de muitas ocupações em Teresina. A luta por moradia sai de uma perspectiva individual e isolada, para uma perspectiva coletiva e participativa.

Como uma das consequências das altas taxas de desemprego na capital está a questão da moradia. Esse problema reflete diretamente na quantidade de ocupações de terrenos ocorridos em quase todas as zonas da cidade, sobressaindo-se as áreas situadas na periferia da cidade. Os jornais noticiam quase que diariamente esses processos de ocupações irregulares e os inúmeros transtornos provocados por elas tanto aos proprietários dos terrenos, como para a população que tenta fixar moradia nesses locais.

¹⁶⁶ TERESINA faz 145 anos com vários problemas. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 4.017. p.09, 16 ago 1997.

Duzentas e sessenta e uma casas e casebres erguidas na área de invasão Parque Francisco Alencar, na Zona Sul de Teresina, foram derrubados ontem por dois tratores contratados pela empresa Alga Empreendimentos Imobiliários. A destruição das casas foi marcada por conflitos e agressões entre soldados da Polícia Militar e invasores. Os moradores tinham invadido a área de 19 hectares há dois meses e estavam erguendo suas casas. Cem casas já estavam erguidas e com alguns móveis. O restante ainda estava em fase de construção. [...] Durante o despejo houve o incêndio de alguns casebres, lamento e choro de mulheres que viram suas casas sendo destruídas pelos tratores.¹⁶⁷

As ocupações não raramente acabavam em processos de desocupação marcados pela violência e o uso de forças policiais na ação de reintegração de posse por ordem judicial. A força pública era acionada para garantir a retirada dos ocupantes ilegais. Estes por sua vez resistiam como podiam à ordem de despejo. Um desses episódios foi registrado pela imprensa local. Trata-se de uma ocupação de cerca de 500 famílias ocorrida em uma área de 30 hectares situada atrás do clube de lazer *Atlantic City*, na zona leste da cidade. O fato corriqueiro e muitas vezes dramático nesses casos, como podemos verificar na reportagem anterior, era a perda dos poucos bens que essas pessoas possuíam como utensílios domésticos, vestuário, etc. Além dos poucos recursos que eram aplicados em materiais de construção que eram postos a baixo. Essas pessoas ficavam desamparadas e desorientadas ao verem tratores derrubarem seus pequenos projetos de sonhos edificadas em paredes e tetos postos abaixo repentinamente. “Sebastião Oliveira Fortes não aguentou quando o trator derrubou sua casa e chorou silenciosamente entre a confusão. Ele disse que estava triste e desanimado com a vida e que iria buscar forças para acompanhar o movimento.”¹⁶⁸

Quando o processo de ocupação se dava em terreno público, da municipalidade ou do governo do estado, as ocupações se prolongavam durante anos. Entretanto, com a demora no processo de aforamento, os moradores residiam nesses espaços com total falta de infraestrutura urbana.

Os moradores de uma vila que foi ocupada há cerca de dois anos na zona leste continuam convivendo com uma situação de completa falta de infraestrutura habitacional. O ‘Morro do Garricha’, como é conhecido, é uma vila localizada próxima a Avenida Presidente Kennedy que não possui água encanada, fossas sépticas, calçamento, escola, sistema de recolhimento de lixo e muitos outros requisitos básicos para a qualidade de vida. A vila possui cerca de 150 casas

¹⁶⁷ RIBEIRO, Efrém. Despejo: justiça leva à revolta. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.330. p.09, Cad. Dia-a-Dia, 26 out 1996.

¹⁶⁸ SITUAÇÃO desesperadora. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3.040. p.09, 22 maio 1997.

e diariamente eles percorrem cerca de 200 metros em busca de água, que é fornecida por uma torneira localizada no bairro mais próximo.¹⁶⁹

Um lugar sem energia elétrica, água encanada, linhas de ônibus urbanos, serviços de saúde e com graves problemas de segurança. Essa é a vila Alto da Ressurreição, na zona sudeste de Teresina, situada no bairro Gurupi, nas proximidades do Cemitério Jardim da Ressurreição, que deu nome à ocupação. Essa foi a descrição feita pelo jornal “Diário do Povo” sobre a nova vila que se formava na capital. Uma das maiores da cidade, eram cerca de três mil famílias que se instalaram nessa região em setembro de 1996, em uma área que compreendia quatro loteamentos, dentre eles estão o Parque Gurupi I e o Ouro Branco, totalizando uma área de 114 hectares. A prefeitura tentou negociar a compra dos terrenos que já estavam ocupados. Era umas das maiores ocupações até então, com um ano de existência, já contabilizava quatro mil famílias. Um dos principais problemas era a falta de fossas sépticas, menos de 5% das residências contava com essas instalações, o que ocasionavam muitas doenças.¹⁷⁰

A Vila Nova Parnaíba, situada na Zona Sul de Teresina, onde residem aproximadamente 900 famílias também passava por esse impasse, com cerca de quinze anos de existência, os moradores lutam por serviços urbanos como calçamento, galerias, redes de abastecimento de água e energia elétrica. Segundo o periódico local, a prefeitura afirma que a não construção das melhorias na vila se dá pelo fato de ela estar situada em uma área irregular pertencente ao governo do estado, sendo necessária primeiramente a regulamentação do terreno.¹⁷¹

Em períodos de chuvas, os moradores das ocupações aumentam seu sofrimento por conta da frágil estrutura de suas casas e pelos locais inapropriados onde são situadas.

Quem passa uma noite de chuva em uma casa bem aplainada e segura, não imagina o tormento que deve ser acordar e ver objetos domésticos boiando sobre poças de água e lama. É isto que acontece com os moradores da vila Mocambinho, que há cerca de oito meses invadiram um terreno baldio localizado na zona Norte de Teresina, onde existe uma lagoa que, com a estação chuvosa, vem retomando aos poucos seu território habitado agora pelos invasores. [...] o pior é que, com as chuvas intensas que caem sobre a capital do Piauí, o risco de desabamentos na Vila Mocambinho é muito

¹⁶⁹ COMUNIDADE: abandono na zona leste. Moradores do Morro do Garrincha não têm água encanada, calçamento, escolas, recolhimento do lixo doméstico e outros benefícios. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.320. p.09, Cad. Dia-a-dia, 16 out 1996.

¹⁷⁰ ALTO da Ressurreição: maior favela de Teresina só tem problemas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.231. p. 09, 1º abr 1998.

¹⁷¹ MORADORES querem garantir casas em vila na Zona Sul: PMT não faz galerias e calçamentos porque o terreno é do governo do estado. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.132. p.11, Cad. Cidade, 11 abr. 1996.

grande, onde há várias casas de taipa, mal assentadas, construídas precariamente.¹⁷²

O material utilizado na maioria dessas edificações é o barro, talos de coco babaçu, com cobertura de palha ou telhas. Com as fortes chuvas, é comum que esses barracos venham a baixo ou fiquem com sua estrutura abalada. Com casas situadas em locais impróprios para a moradia, como encostas, nas margens de rios ou lagoas, esses moradores estão ainda mais sujeitos a sofrerem com inundações nesse período do ano. Conforme um morador de uma dessas áreas, “muitos moradores do terreno abandonaram suas casas. Só quem não saiu foi quem realmente não tinha para onde ir”, informou o sem-teto João Evangelista. “A gente sabia que era uma área de alagamento, mas quem está no meio da rua quer uma casa de qualquer jeito”.¹⁷³

Após uma relativa estabilidade entre os anos de 1996 e 1997, o processo de ocupações em terrenos urbanos voltou a crescer. O surgimento de várias ocupações nos anos de 1998 e 1999 não estava relacionado à taxa de crescimento populacional, que se manteve um pouco mais de 1%. O que houve, na verdade, foi uma rotatividade da população dentro do perímetro urbano. Isso se deu, sobretudo, em decorrência do alto índices de desemprego que impossibilitou as famílias de pagarem seus aluguéis ou prestações de financiamentos habitacionais. A solução encontrada por essas pessoas foi a participação em processos de ocupação em diversos pontos da cidade. Em 1998, foram cerca de oito ocupações de grande porte envolvendo milhares de famílias, a maioria delas ocorreu na zona sul, como a maior delas ocorrida na Vila Irmã Dulce, com a participação de cinco mil pessoas. Também ocorreram na zona norte, principalmente na região da Santa Maria da Codipi.¹⁷⁴

De modo que os movimentos de ocupação foram intensificando-se e espalhando-se pelas mais diversas zonas da cidade. Registrou-se, durante o mês de julho de 1998, inúmeras ocupações, das quais três serão descritas a seguir. Uma delas ocorrida em um terreno nas proximidades do Terminal Rodoviário de Teresina, no bairro Redenção, na zona Sul, onde cerca de 100 famílias participaram da invasão. A outra ocorreu em um terreno que seria destinado à construção de uma praça no loteamento Morada do Sol, na zona Leste, próximo da favela Padre Cícero. E a terceira ocorreu em um terreno localizado no bairro Monte Verde, na zona Norte da cidade. Diferente das outras duas ocupações, esta não foi organizada pela FAMCC, partiu dos próprios moradores do bairro e da vizinhança.

¹⁷² DESABRIGADOS recolhem objetos que ficam na lama da chuva. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.126. p.08, 13 jan 1999.

¹⁷³ CHUVA forte gera destruição. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.080. p.09, 25 nov 1998.

¹⁷⁴ PROCESSO de favelização é crescente. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.780. p. 09, 10 ago 1999.

No primeiro, a ocupação foi barrada, pois o vigia da Praça do Viajante deu conhecimento do movimento aos proprietários do terreno e estes acionaram as autoridades. “Vários piquetes em veredas abertas no mato serviram de demarcação para ruas e lotes, agilizou o policiamento para efetuar a retirada dos invasores e dar segurança ao local, frustrando a invasão.”¹⁷⁵ No segundo, a ocupação ocorreu, mesmo com protestos dos moradores da Favela Padre Cícero.

Segundo a doméstica Maria dos Anjos, 36 anos, a maioria das pessoas que participaram desta invasão são moradores da Favela Padre Cícero, localizada ao lado do terreno invadido. Ela disse também que grande parte dos moradores da favela é contra a invasão do terreno, pois ele é destinado à construção da praça e de instituições, que deveria beneficiar à população. ‘Sem terreno não podemos reivindicar das autoridades: hospitais, colégios e creches, é somente alguns desocupados que estão nessa invasão.’ Disse Maria dos Anjos.¹⁷⁶

Na terceira, cerca de cem famílias ocuparam um terreno de 150 hectares de propriedade da Engenharia do Nordeste limitada – ENGENE. O local era um matagal e não estava cercado, conforme os moradores, era usado por criminosos e usuários de drogas. Na visão de uma moradora do bairro, a invasão traria benefícios para aquela região e seus moradores, “a maioria não tem onde morar. O bairro também é muito perigoso e destruindo esse matagal os marginais não terão onde se esconder.” Uma das tentativas de reintegração do local ocorreu de forma arbitrária e com o uso da violência. Conforme o depoimento de alguns moradores, cerca de 20 homens usaram da força para expulsar os moradores. “Os barracos foram destruídos assim como foram apreendidos facões e foices utilizados no desmatamento da área, segundo os invasores houve agressão por parte dos ‘policiais’. São covardes. Só vêm aqui no horário que só tem mulher e criança. Destroem tudo.”¹⁷⁷

Como não havia um documento de reintegração de posse, os moradores reagiram e nos meses seguintes reconstruíram os barracos novamente. A vida dessas pessoas era marcada pela insegurança e pela instabilidade constantes, o que fazia de suas ações uma permanente obra de recomeços e reconstruções a cada processo de reintegração de posse das áreas ocupadas, como ocorreu meses depois.

¹⁷⁵ TERESINA sofre nova ameaça de invasão. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.957. p. 09, 25 jul 1998.

¹⁷⁶ TERESINA sofre tentativa de duas invasões em apenas três dias. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.959. p. 07 27 jul 1998. MONTEZUMA garante impedir novas ocupações em Teresina. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.961. p. 06, 29 jul 1998.

¹⁷⁷ TERESINA sobre nova invasão: desta vez foi o bairro Monte Verde. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.962. p. 09, 30 jul 1998.

Eram cinco horas da manhã quando o sem-teto José Francisco da Silva acordou assustado com os gritos que ouvia por toda parte. Ao abrir a porta de seu barraco, viu policiais protegidos com escudos e armados de revólveres, cassetetes e motosserras. Eles davam início ao despejo e colocavam a baixo tudo que viam pela frente. ‘Nunca tinha visto uma cena tão assustadora’, disse José. Ele e seus colegas, que ocupam um terreno na localidade Monte Verde, na zona norte de Teresina, não puderam reagir. Segundo os sem-teto, os policiais foram até o local em dois caminhões e em uma perua. Outros estavam a cavalo e dispersaram os ocupantes rapidamente. ‘Isso não é justo’, disse inconformada a sem-teto Maria Antônia Nunes dos Santos. ‘Fomos pegos de surpresa enquanto ainda estávamos dormindo.’¹⁷⁸

A ação da polícia foi pensada no sentido de evitar a resistência dos moradores à desocupação da área. A forma truculenta com que foi realizada a ação foi criticada pela Ordem dos Advogados do Brasil – OAB-PI, que não questionava a execução do mandado de desapropriação e reintegração de posse, mas a forma como foi posta em prática. A arbitrariedade, conforme o presidente da OAB-PI, Nelson Neri, estava no horário, cinco horas, sendo inapropriado para a ação, conforme o Código Penal assegura a inviolabilidade do lar, não permitindo a retirada dos pertences dos moradores ou ainda o material utilizado nas construções, além de colocar em risco a vida dessas pessoas, uma vez que foi posto fogo em um barraco enquanto um morador ainda dormia dentro.

Apesar da agressividade e da violência utilizadas no processo de desocupação da área, os sem-teto enfrentavam mais esse contratempo na luta por moradia com resiliência, como era perceptível na fala do sem-teto João da Silva Moura: “Eu ainda não consigo acreditar no que ocorreu aqui. Mas amanhã a senhora pode vir aqui que vai estar tudo em pé novamente.”¹⁷⁹ Garantiu ele a reportagem. Para Rosa Maria Cortês de Lima, o ato de resistir implica pôr em xeque uma relação de forças em oposição, que podem assumir tons de confronto, violências ou, pelo contrário, pode exprimir um agir passivo, lento, porém persistente. Segundo ela,

Resistir corresponde à negativa do ceder. Entretanto, a resistência incorpora, muitas vezes, formas diversas de negociação, processo de ida e vinda que, embora possam sugerir a ideia de recuo que na vida cotidiana representam, sobretudo, avanço e campo de conquista. Lançam mão de estratégias e táticas variadas na insistente busca de avanço para suas conquistas.¹⁸⁰

¹⁷⁸ TERROR na calada da noite: os moradores tiveram suas casas destruídas durante a madrugada de ontem. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.073. p. 09, 18 nov 1998.

¹⁷⁹ *Ibidem*.

¹⁸⁰ LIMA, Rosa Maria Cortês de. *A cidade autoconstruída*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 86.

A rotina de ocupações vivenciadas na cidade era acompanhada no mesmo ritmo dos processos de reintegrações de posse dos terrenos ocupados. Conforme levantamento da FAMCC, apenas no mês de novembro de 1998, estava previsto a reintegração de posse de seis ocupações na capital.¹⁸¹ A entidade realizava reuniões constantemente com objetivo de resistir aos mandados de reintegração de posse e fortalecer o movimento com intuito de pressionar as autoridades e o poder público, sensibilizando-os para a questão.

A reintegração de posse de uma área próxima ao bairro Santa Maria da Codipi, de cerca de 100 hectares, ocupada por 840 famílias, foi considerada uma das mais violentas ocorridas naquele ano.

Ao raiar do Sol de mais um dia, aproximadamente às 4h da manhã de ontem, 840 famílias de uma ocupação foram acordadas com a ameaça de serem queimadas juntamente com seus barracos, construídos a pouco mais de dois meses. A ameaça de despejo, através da força e do fogo, foi sustentada por um mandado de reintegração de posse procedente por uma ação movida por Francisco Manoel Luz. Fora do expediente de trabalho, às 4h da manhã, um oficial de justiça e 126 policiais militares, além do reforço de 70 civis, deram início a uma das mais violentas ações de despejo dos últimos anos em Teresina. Os moradores, todos de baixa renda, foram expulsos de seus casebres sem direito a nada. Não tiveram tempo nem de recolher seus objetos pessoais, móveis, ou salvar parte do material recém comprado para a construção da moradia: madeira e, em alguns casos, telhas.¹⁸²

A cidade é palco de inúmeros embates, como vimos, a luta por moradia era o principal deles. Envolto por meandros e processos ligados à disputa pela posse da terra. Ocupações, desapropriações e uso da violência física, policial e psicológica eram frequentes como vimos. Porém, outros embates surgiam dessas relações conflituosas relacionadas à posse do espaço urbano. Ocorria que alguns indivíduos estavam sendo acusados de participar de movimentos de ocupação e tão logo a área fosse reconhecida e passasse pelo processo de aforamento, sendo regularizada a situação do imóvel, essas pessoas revendiam suas residências e passavam a fazer parte de outras ocupações. Havia denúncias, na imprensa escrita, das mais variadas formas em que isso acabava ocorrendo.

As invasões em Teresina acabam se transformando em especulações imobiliárias, como é o caso da Vila da Paz, localizada em frente ao Terminal

¹⁸¹ Vila Nossa Senhora da Guia, 15 famílias; Monte Alegre, 400 famílias; Planalto Uruguai, 400 famílias, Mocambinho, 600 famílias e Vila Irmã Dulce, 5.500 famílias. SARAIVA, Polyana. FACC prevê mais despejos em Teresina. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.067. p. 08, 12 nov 1998.

¹⁸² MOURA, Joelma. Violência marca despejo em ocupação. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.061. p. 08, 6 nov 1998.

Rodoviário. As famílias que inicialmente ocuparam a área acabaram mais tarde vendendo o terreno por um preço irrisório a especuladores, que hoje ergueram grandes comércios e até hotéis nas favelas. Os casebres cedem lugar a edifícios que abrigam drogarias. Os antigos invasores da favela acabaram vendendo o terreno e se infiltrando em outras invasões. [...] A especulação imobiliária está descaracterizando a vila, afirmam os antigos moradores que criticam a onda de invasões que vem ocorrendo em Teresina, com objetivos especulativos.¹⁸³

A Vila da Paz foi criada em 1986 por cerca de 110 famílias que ocuparam uma área acidentada da cidade, por onde passa um grotão, situada nas margens do terminal rodoviário de Teresina, na zona Sul. A localização sempre foi considerada um atrativo. Inicialmente para a população empobrecida que migrava de outras cidades do interior e até mesmo de outros estados em busca de uma vida melhor na capital, que, ao desembarcarem no Terminal Rodoviário Lucídio Portela, não tinham para onde ir, viam na vila uma possibilidade de fincar moradia.¹⁸⁴ Por outro lado, apesar de bastante acidentado, os trechos mais valorizados estavam voltados para a BR-343, em frente ao Terminal Rodoviário, que, como vimos, chamou a atenção de especuladores que viram a oportunidade de estabelecer uma rede de negócios, aproveitando a localização favorável, implantando estabelecimentos comerciais, incluindo hotéis. Mas essas medidas, se por um lado trazia benefícios para um pequeno grupo, acabava por prejudicar os demais moradores da vila que enfrentavam sérios problemas de saneamento básico e violência urbana, que contavam com o descaso do poder público, prejudicando os moradores que realmente necessitavam de uma moradia.

Denominada de “indústria da favela”, conforme tachou o presidente da associação dos moradores da Vila Paraíso, Deusimar Nascimento dos Santos, tal comportamento prejudicava, inclusive, a chegada de melhorias para as áreas em decorrência dos conflitos entre os moradores residentes na área e aqueles que apenas se aproveitavam da situação para angariar lucros com a especulação imobiliária.

A Vila Paraíso é mais uma favela que surgiu em Teresina, e como todas as favelas é repleta de problemas, a começar pela especulação imobiliária que é feita pelos próprios moradores. Muita gente que invadiu os terrenos já possui outras moradias, ou em alguma favela da cidade ou mesmo em conjuntos residenciais tradicionais de Teresina. Essas pessoas que se apossaram dos terrenos naquela localidade e que já possuem moradias estão prejudicando o andamento de regularização da favela que já poderia estar pronto. [...] Finaliza

¹⁸³ INVASÕES são usadas para especulação imobiliária. *O Dia*. Teresina, ano XL, n. 9.563. p. 01, 21 mar 1991.

¹⁸⁴ SILVA, Karina Viana da. *A Vila, o Padre e a Cidade: a Vila da Paz e suas histórias na luta por moradia* (Teresina, 1986- 1990). 2019. 175f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

o presidente da associação de moradores, enquanto não terminar a especulação imobiliária, a onda de violência e as brigas entre moradores por causa de terreno não acabar, fica difícil conseguir saneamento básico, água e energia.¹⁸⁵

Os embates em torno das ocupações com supostos interesses de especulação imobiliária, porém não se limitavam apenas aos moradores. Tomavam uma proporção maior ao passo em que envolvia além dos gestores tanto municipal, quanto estadual, a opinião pública dos mais diversos setores da sociedade. Os representantes da grande imprensa foram os primeiros a se posicionar e a pressionar os governantes e demais políticos para a tomada de decisão sobre o assunto. Conforme o editorial de um dos jornais de maior circulação do estado, *O Dia*, o que estava ocorrendo era

a violação do direito de propriedade, que tem se constituído uma rotina e um vício perigoso em Teresina. [...] os invasores – liderados por figuras conhecidas nessa prática sistemática e delituosa – na sua grande parte, já são proprietários de imóveis e utilizam-se desse artifício para auferirem lucro fácil. Infiltram-se nas invasões e partem para técnicas mais sofisticadas. [...] os líderes dos invasores conhecem a estratégia e a história mescladas de bajulações e as utilizam para alcançar seus objetivos, embora saibam que estão ferindo a lei e levando prejuízos a terceiros e à sociedade.¹⁸⁶

O editorial segue informando que muitos dos líderes são pessoas, que, segundo ele, são mais “intelectualizadas” e que utilizam como estratégias, a escolha do nome das ocupações. Ele usa como exemplo as vilas Risoleta Neves e Carlota Freitas, criadas em meados da década de 1990, que são nomes de esposas de reconhecidos políticos como Tancredo Neves e do então governador Freitas Neto. Conforme o periódico, essa estratégia funcionaria no sentido de sensibilizar a população e os próprios políticos para a causa e assim buscar uma saída mais rápida para o reconhecimento da área ocupada. Essa estratégia foi utilizada na própria fundação da cidade. Quando o então presidente da Província do Piauí, Conselheiro Saraiva, com o intuito de conseguir o apoio do Imperador Dom Pedro II para sua causa mudancista de transferir a capital de Oeiras para a Vila Nova do Poti, homenageou a imperatriz Teresa Cristina, batizando a nova sede do governo de Teresina, resultado de da aglutinação TERES mais INA.

Por outro lado, a Federação das Associações de Moradores do Estado do Piauí – FAMEPI se defendia, informando que tomava precauções para evitar a ação de pessoas que já possuíam imóveis e estavam participando de novas ocupações com o intuito de especulação

¹⁸⁵ EPECULADORES predominam em nova favela da cidade. *O Dia*. Teresina, ano XXXL, n. 9.346. p. 14, 20 jun 1990.

¹⁸⁶ EDITORIAL – Violação do direito. *O Dia*. Teresina, ano XL, n. 9.563. p. 06, 21 mar 1991.

imobiliária. A entidade não só reconhecia que havia esse tipo de problema, como chegou a tomar algumas iniciativas como a ocorrida na ocupação no bairro Recanto das Palmeiras, zona leste da cidade. Em parceria com a Prefeitura Municipal de Teresina, foi feito um levantamento das pessoas participantes dessa ocupação e solicitada a certidão negativa de posse de imóveis em cartórios da capital, além do cruzamento de dados com a Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo dos processos de aforamento em andamento de 148 vilas existentes. O resultado foi a identificação de cerca de duzentas das quinhentas famílias já possuíam imóvel. O trabalho conjunto entre a FAMEPI e a Prefeitura de Teresina visava “por meio desse trabalho de triagem para beneficiar com lotes de terreno apenas as pessoas sem moradia”¹⁸⁷, uma vez que seriam remanejadas para um outro terreno adquirido pela municipalidade para assentar essas famílias.

Os próprios moradores passaram a se organizar no sentido de combater a “especulação imobiliária” em vilas e favelas por parte de pessoas que já possuísem terrenos na capital. Um periódico local publicou uma foto de uma placa feita pelos próprios moradores da Vila Paraíso posta na entrada da ocupação com os seguintes dizeres: “A Associação de Moradores da Vila Paraíso, fundada em 15 de março de 90, zona sul de Teresina. Aqui é proibido [sic] venda de casas, agradece a presidência”.¹⁸⁸ Os residentes das vilas e favelas da capital passaram a se organizar com a formação de associações de moradores, como uma maneira de se constituir institucionalmente em torno da elaboração de pautas reivindicatórias como a regularização dos terrenos e melhorias urbanísticas junto ao poder público. Diante das discussões sobre a especulação imobiliária realizada nas ocupações da cidade, muitos moradores buscavam demonstrar para os demais setores da sociedade que isso ocorria de forma isolada e que era amplamente combatida dentro do movimento por moradia na cidade.

Mas, enquanto os melhoramentos urbanos não chegavam, as vilas e favelas de Teresina careciam de quase tudo. “Ruas esburacadas, falta de saneamento básico, graves problemas no abastecimento de água, a maioria feita por chafariz, setor de transporte público precário, ‘gambiarra’ na rede elétrica.”¹⁸⁹ Esses eram alguns dos problemas enfrentados pelos moradores desses locais. Em um levantamento das condições sanitárias feito por agentes de saúde da Prefeitura Municipal de Teresina realizada com cerca de 50 mil pessoas que viviam em vilas e favelas da cidade, no ano de 1997, chegaram-se às seguintes conclusões:

Existem em Teresina dez mil famílias vivendo em precárias condições de saúde, todas elas convivendo diariamente com fezes e urina, outras nove mil

¹⁸⁷ FAMEPI descobre 200 famílias com casas. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3.047, p. 05, 29 maio 1997.

¹⁸⁸ ENTRADA da Vila Paraíso. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.420, p.01, 17 out 1990.

¹⁸⁹ MORADORES exigem melhorias nas favelas. *Diário do Povo*. Teresina, ano VIII, n. 2.915, 10 jan 1997.

vivem sem a coleta de lixo periódica, o lixo é enterrado, queimado ou fica a céu aberto, ainda quase quatro mil consumindo a água sem tratamento ou apenas fervida. Esse quadro é desolador. [...] A ausência de saneamento básico foi fator primordial para grande incidência das principais doenças coletivas que afetam principalmente as crianças.¹⁹⁰

Aliados à falta de saneamento e outros aparelhamentos urbanos que atingiam a população de vilas e favelas, estava a falta de segurança. “Muitas das favelas estão localizadas distantes das delegacias da Polícia Civil e a ronda da Polícia Militar raramente passa por elas. Ruas escuras favorecem a ação dos marginais.”¹⁹¹ Por essa razão, esses locais também são escolhidos pelos traficantes para implantar seus pontos de venda de drogas, denominados popularmente de “bocas de fumo”. Aliados à pobreza generalizada, onde na maioria das residências falta até mesmo o básico, o tráfico de drogas encontra mão-de-obra farta para entrar no crime, sendo um grande desafio enfrentado pela municipalidade, reduzir os altos índices de criminalidades nessas regiões.

As ocupações por se darem na maioria das vezes em terrenos impróprios para a moradia, acabavam por gerar não só problemas habitacionais, como também problemas relacionados ao meio ambiente, uma vez que degradavam de forma desordenada o local para a efetivação da ocupação do local e a implantação de suas moradias. Foi o que ocorreu na ocupação de um babaçal no bairro Socopo, zona leste de Teresina. No local foram erguidos cerca de quatrocentos barracos, à custa da derrubada de milhares de coqueiros, que utilizavam da própria palha, talos e troncos das árvores para construir suas habitações. A ação desordenada acarretara inúmeros problemas como desabamentos, por se tratar de um terreno arenoso que tinha na cobertura vegetal sua proteção.¹⁹² Para Fábio Scopel Vanin

A realidade urbana no Brasil acaba por colocar parte expressiva da população, de baixa renda, em ocupações em desacordo com as especificações legais e em condições indignas de sobrevivência. A ausência de estrutura, a precariedade dos serviços e a baixa qualidade dos loteamentos são algumas características desses assentamentos. Não bastasse a condição precária, essas ocupações acabam, muitas vezes, por ocupar exatamente localidades mais frágeis ambientalmente e que, em virtude desse aspecto, jamais deveriam ser ocupadas, colocando frente a frente à problemática do impacto ambiental e as questões sociais.¹⁹³

¹⁹⁰ DEZ MIL famílias vivem sobre fezes e lixo. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3059, p. 09, 12 jun 1997.

¹⁹¹ FALTA de segurança é problema nas vilas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.577, p. 11, 29 mar 1999.

¹⁹² FORMAÇÃO de favela na Socopo devasta babaçal. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.479. p.07, 05 dez 1990.

¹⁹³ VANIN, Fábio Scopel. *Direito e política urbana: gestão municipal para a sustentabilidade*. Caxias do Sul: Educ, 2015, p.52.

Outro problema ligado ao saneamento e a proliferação de ocupações pela cidade foi a vila Lagoa da Cerâmica, localizada entre os bairros Alto Alegre e Poti Velho, zona norte, é utilizada como “depósito de lixo”. Várias pessoas, reclamando de não ter onde morar, resolveram aterrar parte da lagoa, para, em seguida, construir casas. “Diariamente, são transportadas cerca de oito carradas de lixo, vindas de vários pontos da cidade e que são jogadas ao longo de toda a margem da lagoa.”¹⁹⁴ Essas ações acabavam por intervir diretamente nas condições ambientais urbanas e geravam problemas ainda maiores. Diante da situação, as três esferas do poder público buscaram intervir na questão habitacional na capital do Piauí, oferecendo algumas alternativas para o problema, como as que veremos a seguir.

1.3.3 Ações governamentais direcionadas ao problema habitacional em Teresina

Os programas habitacionais de grande envergadura do Governo Federal, como vimos anteriormente, foram ínfimos durante os anos de 1990. O país dava os primeiros passos no processo de redemocratização e reorganização de sua estrutura orgânica socioeconômica. Centrados na abertura do mercado ao capital estrangeiro e na adoção de um programa nacional de desestatização, seguido os preceitos do neoliberalismo econômico, mergulhou em uma crise política e econômica no governo de Fernando Collor de Melo, que acabou por aprofundar a recessão econômica, colaborada pela extinção, em 1990, de mais de 920 mil postos de trabalho e uma inflação na casa dos 1.200% ao ano, junto a isso, denúncias de corrupção política envolvendo o tesoureiro de Collor, Paulo César Farias, levaram ao processo de *impeachment* do presidente. Coube ao governo seguinte, de Itamar Franco (1993-1994), conter a inflação e reestabelecer a economia, com a Implantação do Plano Real. O período conturbado politicamente não permitiu uma atuação mais contundente na política habitacional no país.

Os anos seguintes foram marcados por maior estabilidade política e econômica. Mas, não houve uma política habitacional de envergadura por parte do governo federal, que se restringiu apenas a apoio a projetos estaduais e municipais por meio de financiamentos da Caixa Econômica Federal. Durante o primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), houve uma reorganização do aparato institucional relegando à Caixa Econômica Federal o agente operador dos recursos do FGTS e agente financeiro do Sistema Financeiro Habitacional – SFH. Os dois principais programas federais desse setor foram o Pró-Moradia e o Habitar-

¹⁹⁴ LAGOA é aterrada para a construção de moradias. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.490. p.09, 19 dez 1990.

Brasil, ambos destinados a financiamento de propostas municipais e estaduais e de características bem semelhantes.

O Pró-Moradia, implementado entre 1995 a 1998, previa a concessão de financiamento a estados e municípios, utilizando recursos do FGTS, destinados à construção de moradia para setores de baixa renda, que se encontravam em situação de risco, como falta de segurança e insalubridade. Exigia em contrapartida, a comprovação da capacidade de endividamento/pagamento do mutuário, além de 10 a 20% de recursos iniciais do investimento e quitação com o FGTS por parte dos mutuários (estado e município). Essas exigências acabaram por conter inúmeras contratações que não conseguia seguir à risca as exigências estabelecidas, gerando um verdadeiro fracasso e atingindo diretamente os mais necessitados que ficavam impossibilitados de adquirir um imóvel nessas condições.¹⁹⁵

O Habitar-Brasil, também destinado aos estados e municípios, com exigências semelhantes de contratação entre os mutuários, subsidiários e financiadores, diferenciava-se em dois pontos principais do primeiro: utilizava como fonte de recursos o Orçamento Geral da União – OGU e deixava livre a canalização de recursos externos, como o do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que alocava recursos para melhoria das condições de habitabilidade e da qualidade de vida de famílias que viviam em áreas de risco, degradadas e insalubres, ou seja, impróprias para moradia. Juntos, o Pró-Moradia e o Habita-Brasil investiram cerca de dois bilhões de dólares entre os anos de 1995 e 1998, em habitação em todo o país. Esses recursos foram responsáveis pela implantação dos programas habitacionais estaduais e municipal que chegaram 310 mil unidades habitacionais a nível nacional, entre 1995 a 2000.¹⁹⁶

Outras políticas habitacionais marcaram a gestão de Fernando Henrique Cardoso, como o Programa Carta de Crédito e o Programa de Arrendamento Residencial – PAR. O primeiro era voltado para a população de renda de até doze salários mínimos. Tratava-se da liberação de um crédito direto ao cidadão para aquisição de uma residência nova ou usada, reforma ou ampliação da existente, de compra de lotes de terrenos urbanizados ou de material para a construção com recursos do FGTS. Porém, o alcance social desse programa ficava limitado à renda, restringindo, dessa forma, o acesso aos mais necessitados. O Programa de Arrendamento Residencial vinha atender à parte dessa lacuna. Criado em 1999, priorizava o atendimento às famílias com renda mensal de até seis salários mínimos. Uma das características da aquisição

¹⁹⁵ OLIVEIRA, Maria Cristina. *Política de Habitação Popular no Brasil: passado e presente*. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 2000.

¹⁹⁶ OLIVEIRA, 2000.

de imóveis através desse programa era o sistema de arrendamento, após o pagamento de um determinado número de prestações, a pessoa poderia fazer a opção pela compra, caso contrário era desfeito o vínculo com a Caixa Econômica sem prejuízo para ambas as partes, funcionando como uma espécie de aluguel com a possibilidade de aquisição em uma determinada parte do contrato.¹⁹⁷

Apesar das iniciativas, verificou-se, nas políticas habitacionais de Fernando Henrique Cardoso, que não foi possível romper com o caráter excludente. Uma vez que a população mais necessitada, ou seja, aqueles que estavam desempregados, eram trabalhadores informais e de baixíssima renda e mais uma vez excluídos dos programas habitacionais, perpetuando uma situação de precariedade habitacional, marcada pela ilegalidade da posse e das péssimas condições de habitabilidade e de serviços de melhoramento urbanísticos, como saneamento, entre outros.

Em meados de 2003, após vinte anos de fundação, o Partido dos Trabalhadores – PT, que compunha a esquerda no país, chega ao poder no Executivo federal com seu principal líder e fundador, o ex-operário e sindicalista, Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006), na presidência da república. Sob sua gestão, os programas habitacionais, sobretudo, voltados para uma população de baixa renda, são retomados. O governo adotou uma política de crescimento econômico aliada à distribuição de renda. O país recuperou o dinamismo econômico e o rendimento das famílias cresceu, com o aumento real do salário mínimo e a inserção de 12 milhões de famílias no programa Bolsa Família, com a inclusão bancária de milhões de brasileiros, permitida pela redução dos gastos do PIB com a dívida pública que caiu cerca de 15%. Simultaneamente, houve a redução de 30% da pobreza absoluta no país, sendo 21,8 milhões de pessoas que saíram da linha de extrema pobreza, ou seja, aquelas que sobreviviam com menos de um quarto do salário mínimo. No estado do Piauí, a transferência no rendimento médio das famílias chegou a atingir 31,2 %, em decorrência da economia social adotada.¹⁹⁸

A política habitacional ganhou centralidade em níveis até então não vistos no país, ampliando de maneira significativa os subsídios e efetivamente beneficiando setores de baixíssima renda, historicamente excluídos das políticas governamentais. Por outro lado, também foram favorecidos o setor imobiliário e as empreiteiras na lógica da financeirização que trouxeram consequências urbanas, muitas vezes de baixa qualidade nos empreendimentos.

¹⁹⁷ PAULA, Caco de. Política Urbana In: LAMOUNIER, Bolívar e FIGUEREDO, Rubens. *A Era FHC: um balanço*. São Paulo: Cultura, 2002.

¹⁹⁸ POCHMANN, Márcio. Políticas públicas e situação social na primeira década do século XXI. In: SADER, Emir (org.). *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.

Quase quatro quintos do mais de 1 trilhão de reais do investimento previsto pelos PAC 1 e 2 estão direcionados à energia e à infraestrutura urbana. Somente na programação de desembolsos ao saneamento e à habitação popular se colocou 75% dos recursos provenientes da Caixa econômica Federal, com objetivo de reduzir o enorme déficit de moradia que atinge a base da pirâmide social e de urbanizar favelas dos grandes centros metropolitanos do país.¹⁹⁹

O programa denominado, inicialmente, de Minha Casa, Minha Vida foi lançado em 23 de maio de 2009, pelo então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, que tinha como objetivo reduzir o déficit habitacional no Brasil, com a proposta de construção de um milhão de habitações, das quais 2,2% seriam destinadas ao estado do Piauí, o que totalizava 21.837 unidades. O programa apresentava uma novidade na maneira de funcionamento, uma vez que fazia parceria com empresas privadas da construção civil. Estas apresentavam o projeto habitacional para a agência financiadora, que analisava e liberava o valor para a construção dos imóveis. Os prazos para execução dos projetos eram estipulados em doze meses com a prorrogação máxima de seis meses. Os imóveis eram voltados para setores de baixa renda, uma renda mensal de até seis salários mínimos, com uma taxa de financiamento de 6% ao ano. O governo federal entraria com subsídios inversamente proporcionais à renda dos compradores, ou seja, quanto menor a renda maior seria o subsídio na compra do imóvel.²⁰⁰

O Governo Federal também lançou um Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, que tinha como finalidade realizar obras de infraestrutura de grande porte que proporcionassem um desenvolvimento mais eficaz em diversos setores. Os investimentos foram intensificados na construção de rodovias e ferrovias, que permitissem o escoamento mais rápido da produção interligando os mais diversos pontos do país. Investimentos em energia elétrica e desenvolvimento urbano. Nesse setor, destacavam-se as obras de mobilidade urbana com liberação de recursos para construção de pontes, viadutos e avenidas e também obras voltadas para a habitação. Raquel Rolnik chama a atenção para o contexto em que foi possível a realização desses investimentos:

Cabe também destacar o papel dos bancos e fundos públicos na provisão de créditos e na alavancagem dos investimentos públicos e privados, por meio de programas como o Programa de Aceleração do

¹⁹⁹ POCHMANN, 2013, p. 153.

²⁰⁰ LUCAS, Cíntia. “Minha Casa” dá os primeiros passos no Piauí. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.258, p. 05, 07 jun 2009.

Crescimento (PAC) e o Minha Casa Minha Vida.²⁰¹ Enquanto o primeiro incluí grandes obras de infraestrutura de logística e energia, investimentos em saneamento e urbanização de favelas, o segundo ampliou significativamente os subsídios públicos para a construção de casas. [...] Dessa forma, podemos afirmar que, sob o comando do PT, o Brasil realizou, na prática, a agenda do crescimento associado ao combate à pobreza, incluindo no mercado parcelas até então totalmente alijadas dele, mas também ampliando a capacidade de consumo, via valorização dos salários e ampliação de créditos para as famílias.²⁰²

O déficit habitacional provocado principalmente pela inexistência ou ineficiência de programas voltados para o atendimento das classes mais pobres, aliado ao desemprego e pobreza extrema, contribuiu sobremaneira para agravamento do problema habitacional em Teresina nas duas últimas décadas, analisado aqui como um problema de viés histórico. De 1966 a 1990, a COHAB-PI, agente promotora da política habitacional do BNH, criada no período da Ditadura Civil-Militar, foi a maior promotora de habitação na capital do Piauí, com unidades destinadas às mais variadas classes sociais. Sob o período de sua gerência, foram construídas pouco mais de 35 mil unidades habitacionais, distribuídas em 41 Conjuntos Habitacionais em Teresina.²⁰³

Sob iniciativa do Governo Federal e cooperação com o poder público estadual, no início dos anos de 1990, foi colocado em prática o Plano de Ação Imediata para a Habitação- PAIH, para construção de casas populares, do tipo embrião, com a utilização dos recursos do FGTS, destinadas a uma população pobre, com renda mensal de cerca de Cr\$ 280, em parcelas mensais que variavam de Cr\$ de 20 a 76 mil, além de um depósito de Cr\$ 300 mil no ato da assinatura do contrato, com acesso por meio de financiamento bancário.²⁰⁴ O projeto previa a entrega de vinte e cinco mil unidades para o estado do Piauí, sendo sete mil para Teresina. Distribuídos em conjuntos habitacionais: 600 unidades no Redonda, zona sudeste; 616 no Santa Sofia, zona norte; 1.460 unidades no Porto Alegre, 500 no Esplanada, zona sul e 1.496 no Planalto Uruguai, 500 no Giovane Prado, zona leste.²⁰⁵

²⁰¹ Na capital do Piauí, foi lançado o maior investimento do PAC nesse setor, o Residencial Jacinta Andrade, em uma área de 172 hectares e mais de quatro mil residências, dotadas com infraestrutura urbana. JACINTA Andrade terá entrega antecipada. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.264. p.09, 13 jun 2009.

²⁰² ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.

²⁰³ No Apêndice I, estão descritas as unidades, a quantidade e o ano de entrega de cada uma delas.

²⁰⁴ POPULAÇÃO de baixa renda terá casas populares. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.515. p.07, 20/21 jan 1991.

²⁰⁵ GOVERNO reativa programa de habitação popular construindo mais de 7 mil casas. *O Dia*. Teresina, ano XLI, n. 9.861. p.05, 18 mar 1992.

Apesar da iniciativa, o plano foi um fracasso de vendas, devido ao alto valor das prestações e por se tratar de casas extremamente populares, com apenas 28 metros quadrados de área construída e sem acabamento nas paredes e no piso, além de serem situadas em locais distantes e sem infraestrutura. Das 1.460 unidades disponibilizadas no Conjunto Habitacional Porto Alegre apenas 400 foram efetivadas em contratos com mutuários. Conforme a análise do diretor técnico da COHAB-PI, João Sá, “Essas casas possuem um baixo padrão de qualidade e foram construídas para uma população de baixa renda. Mas as pessoas carentes não podem pagar essa quantia.” E concluía afirmando que “esse programa vai atingir uma gravidade tão grande que em breve será preciso estudar uma nova forma de construção de casas populares ou então extinguir de uma vez essa atividade.”²⁰⁶

Para aqueles que já tinham adquirido um imóvel pelo Sistema Financeiro de Habitação, a dificuldade era manter em dia as prestações mensais, uma vez que os reajustes eram constantes, como o que ocorria no Conjunto Habitacional Novo Milênio: “os mutuários estão vendendo a desistências de suas casas, porque não podem pagar as prestações. Eles afirmam que as prestações subiram muito, os salários não acompanham os reajustes e não há outra alternativa. Muitos que oferecem sua desistência não conseguem compradores.”²⁰⁷

Com o encerramento das atividades em decorrência do fechamento da COHAB, a capital passara por um ostracismo de cinco anos sem políticas habitacionais de envergadura, contribuindo sobremaneira para o agravamento da questão habitacional na capital, que passou a vivenciar uma explosão de ocupações irregulares. Essas ocupações foram fonte de inúmeros conflitos urbanos, com frequentes transtornos nos processos de desapropriações, reintegrações de posse e correlatos. Somente em 1995, os programas habitacionais são retomados com recursos do Instituto de Assistência e Previdência do Estado do Piauí – IAPEP ou do Governo Federal (Programa Habitar Brasil) ou ainda através de autogestão ou autofinanciamento. Nessa última fase, foram edificadas 4.086 unidades, distribuídas em 22 unidades habitacionais²⁰⁸, até 1998, número ínfimo comparado com a demanda habitacional da capital.

Se por um lado a oferta habitacional era pequena, menor ainda era a renda da maioria das pessoas que necessitavam de uma residência. Os projetos na área de habitação lançados pelo governo na sua totalidade não atendiam a população de baixa renda que não tinha condição de pagar o valor das prestações da casa própria. Ao tratar-se de um financiamento, os

²⁰⁶ INICIATIVA privada fracassa na construção de casas populares. *O Dia*. Teresina, ano XLI, n. 9.872. p.09, 31 mar 1992.

²⁰⁷ MUTUÁRIOS desistem de casas no Novo Milênio. *O Dia*. Teresina, ano XLI, n. 9.900. p.07, 06 maio 1992.

²⁰⁸ No Apêndice II, estão descritas as unidades por conjuntos, quantidade, fonte de financiamento e o ano de conclusão de cada uma delas.

compradores precisavam declarar renda suficiente para aquisição das residências, como poucas eram as pessoas que possuíam uma renda fixa e que ultrapassasse um salário mínimo. O problema habitacional em Teresina aumentou de forma assustadora, os conjuntos habitacionais do sistema financeiro de habitação, como vimos, não estavam acessíveis ao rendimento da população. A única possibilidade era encontrar uma alternativa para fincar moradia na capital.

Os altos preços dos conjuntos adotados pela COHAB e também pelo Instituto Habitacional de Cooperativa Habitacional, instituições responsáveis pela construção de moradias, provocam o número de favelas em Teresina. As pessoas não têm condições de conseguir os financiamentos e acabam optando por invadir terrenos. Mudar para as favelas onde, aos poucos, vão tentando melhorar de vida. [...] Para Francisco Agnelo de Sousa, que trabalhou durante trinta anos em uma olaria do Poti Velho, e hoje vive de um pequeno comércio não dá nem para pensar em uma casa de conjunto. ‘__Como posso dizer que tenho renda? Estou desempregado e o meu sustento é dessa mercearia,’ ressaltou. Morando com a família em um pequeno barraco, onde funciona também a venda, ele conclui ‘__Acho que os pobres deveriam ter mais orientação para conseguir uma casa.’²⁰⁹

Ao contrário do que se viu durante os anos de 1970 e 1980, houve uma drástica redução do número de conjuntos habitacionais. Essas edificações passaram a ser pontuais e bem mais limitadas, contando ainda com o sistema de financiamento pela Caixa Econômica Federal. No entanto, sem incentivos fiscais, essas residências, mesmo que bem simples e populares, mantinham prestações consideradas altas tendo em vista o baixo poder de compra da maioria da população da capital que vivia de biscates ou estava desempregada, afastando os possíveis compradores. Esses residenciais ainda contavam com falta de infraestrutura e isolamento por serem construídos em áreas distantes e isoladas da cidade. O Conjunto Habitacional Vila Maria, na zona Leste, era um desses exemplos.

Os primeiros moradores do conjunto habitacional Vila Maria, na zona leste da cidade, estão apavorados com o isolamento do conjunto, que foi construído pela Inocoop, num terreno após a Vila Bandeirantes. As famílias reclamam não só da falta de infraestrutura básica e transporte como também do isolamento. Das quinhentas unidades habitacionais liberadas, apenas 20 estão ocupadas, dispersamente. Para se proteger de ladrões, dona Ivoneide tratou de colocar grades de proteção nas duas

²⁰⁹ FAVELAS viram um bom negócio em Teresina. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 1.124. p.08, 07 ago 1991.

portas. ‘__A prestação é muito alta para casa tão pequena,’ reclamou, lembrando que nesse mês vai pagar Cr\$ 212 mil à Caixa Econômica e não dispõe de todos os itens para uma moradia perfeita e segura.²¹⁰

O Governo do Estado do Piauí também esteve à frente de intervenções no setor habitacional em Teresina, como na entrega de títulos de aforamento, assistência aos mais necessitados mediante ações realizadas pelo Serviço Social do Estado – SERSE e uma política habitacional própria voltada para os servidores públicos do estado, realizada com os recursos oriundos do regime próprio de previdência. O projeto de regularização fundiária foi criado inicialmente para servir de assentamento de vítimas das enchentes de 1995, que foram remanejadas para áreas desapropriadas. Desde então as famílias aguardavam pela regularização dos imóveis, que foi realizada pelo Instituto de Terras do Piauí – INTERPI, aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado do Piauí. Mais de seis mil famílias seriam beneficiadas com a regularização de seus imóveis. Entre os novos bairros beneficiados estavam Santa Maria da Codipi, Vila Mandacaru, Vila Coronel Carlos Falcão, Nova Parnaíba, Jerusalém, Santa Maria Sul, Parque Industrial e Santa Isabel.

A entrega de títulos de posse de terra, realizada pelo então governador Francisco Moraes de Sousa, conhecido popularmente por Mão Santa, era utilizada como ferramenta de autopromoção pessoal e de sua administração. A entrega dos títulos de posse era marcada por festividades que geravam intensa aglomerações nas zonas periféricas da cidade, como a ocorrida na entrega de 770 títulos de aforamentos no Parque Mão Santa, na zona Leste de Teresina. De acordo com o periódico, a festa que contou com a participação do governador Mão Santa e da presidente do SERSE, Adalgisa Moraes Souza, esposa do então governador, e reuniu mais de cinco mil pessoas que comemoraram a entrega das escrituras dos imóveis do bairro.²¹¹

A política populista era evidenciada desde a nomenclatura do próprio bairro, “Parque Mão Santa”, recurso imensamente utilizado na personificação da construção da memória do mandatário. O próprio slogan de governo, “O Piauí em Boas Mãos”, servia nesse sentido. Assim como, o uso do Serviço Social do Estado, como amparo e assistência aos mais necessitados, papel desempenhado pela primeira dama do Estado, Adalgisa Moraes Souza. Outros programas assistenciais que seguiram esse modelo de auxílio aos mais necessitados, com caráter populista e personalista eram os refeitórios populares, intitulado de “Sopa na Mão”, no qual eram servidos

²¹⁰ ISOLAMENTO coloca famílias em perigo na Vila Maria. *Diário do Povo*. Teresina, ano V, n. 1.352. p. 09, 22 maio 1992.

²¹¹ MORADORES do Parque Mão Santa recebem títulos de terras do INTERPI. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12. 113. p.02, 30 dez 1998.

diariamente sopas aos mais necessitados. O centro de distribuição ficava localizado em um prédio ao lado do Palácio de Karnak. Também eram distribuídas em regiões periféricas da capital e outras cidades do estado, seguindo o mesmo modelo propagandista de assistência aos mais necessitados.

Esse recurso também foi utilizado em um outro programa do governo intitulado de “Luz Santa”. Criado em 1995, pelo então governador Mão Santa, através da Secretaria de Serviço Social do Estado do Piauí- SERSE, a isenção ou desconto na taxa de energia elétrica dos consumidores de baixa renda. O órgão chegava a gastar cerca de R\$ 760 mil mensais com o programa que atendia famílias em todo o estado, entretanto, a maioria dos beneficiários residia em vilas e favelas da capital. Esse valor era repassado integralmente para a Companhia de Energia Elétrica do Estado²¹² e era calculado em decorrência do baixo consumo de energia das residências.²¹³

No âmbito habitacional, o governo do Estado também lançou mão do Programa Mutirão Habitacional, uma parceria feita entre a Companhia de Habitação do Piauí – COAHB-PI e o Instituto de Assistência e Previdência Privada do Estado do Piauí – IAPEP, com recursos originários do Orçamento Geral da União. O Programa contava com a participação dos servidores públicos estaduais como mão de obra para a construção de casas populares que seriam distribuídas entre os participantes da obra. Os servidores inscritos e convocados poderiam escolher em qual residencial desejavam que fosse edificada sua casa. Em 1995, foram construídos sete protótipos dessas casas em regime de mutirão e, em 1996, o Programa entregou 1.717 unidades, distribuídas conforme mostra o quadro a seguir:

²¹² Até 1997 a distribuição de energia elétrica era de uma empresa de economia mista, Central Elétrica do Piauí - CEPISA, da qual o Governo do Estado do Piauí era o acionista majoritário, quando foi privatizada e passou a ser de responsabilidade da ELETROBRÁS-PI. Desde 2010, seguindo o Plano de Transformação das empresas controladas da ELETROBRÁS, a CEPISA passa a se chamar Eletrobrás Distribuição Piauí, como parte do plano de modernização da gestão das empresas da *holding*. Atualmente é administrada pelo Grupo Equatorial Energia.

²¹³ PROGRAMA Luz Santa será redirecionado. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4. 997. p. 11, 09 jun 2000.

Tabela 02– Unidades habitacionais produzidas pela COHABIAPEP – 1996

Conjunto	N. de Unidades
Renascença II - 4ª etapa	223
Mocambinho IV	78
Bela Vista III	422
Vamos ver o Sol I	184
Vamos ver o Sol II	290
Saturno I	233
Nova Teresina II	74
Dignidade I	87
Deus Quer I	126
Total	1.717

Fonte: Teresina Agenda 2015. A cidade que queremos. Diagnósticos e Cenários – Habitação.

A implantação do Programa Mutirão Habitacional não ocorreu sem transtorno para os moradores. Uma vez que muitos critérios para um bom funcionamento do bairro não ocorreram como o planejado. Algumas unidades foram entregues sem rede de abastecimento de água e distribuição de energia. As ruas não possuíam pavimentação, agravando ainda mais problemas de acesso às residências, principalmente, em períodos de chuvas. As casas situadas em bairros isolados, com comunicação precária, transporte público ineficiente.²¹⁴ O conjunto residencial Vamos Ver o Sol, localizado na Zona Sul de Teresina, foi construído em regime de mutirão por servidores do estado. Antes de eles levantarem as casas, pensavam que suas vidas mudariam para melhor, mas isso não ocorreu na realidade.

A situação contraria padrões que unem urbanização com qualidade de vida. O vento alastra a podridão exalada do Aterro Sanitário de Teresina, que fica a cerca de 1,5 quilômetros do local. Nas ruas do Vamos Ver o Sol, só se ouvem reclamações sobre a poluição do ar, a proliferação de muriçocas, ratos e baratas, a precariedade da linha de ônibus e das ruas esburacadas.²¹⁵

Esses moradores passaram a conviver com uma série de transtornos. Vendo o sonho da casa própria virar pesadelo. O mesmo ocorreu no Nova Teresina, onde “os moradores atravessam crateras que dominam várias ruas. Não existe calçamento.”²¹⁶ Esse fato trouxe

²¹⁴ GOVERNO inaugura residencial sem água e luz. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.235, p. 09, 05 abr 1998.

²¹⁵ PODRIDÃO no Vamos Ver o Sol. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.683, p.11, 12 jul 1999.

²¹⁶ FALTA tudo no Nova Teresina. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.683, p.4, 12 jul 1999.

problemas ainda maiores quando começou o período chuvoso, quando sete casas chegaram a ter sua estrutura danificada apresentando rachaduras e, em alguns, houve desmoronamento parcial do imóvel, provocadas pela falta de drenagem das águas.²¹⁷ Nos residenciais Bela Vista III, Herbert de Sousa – Betinho, na zona sul, Parque Wall Ferraz, Mocambinho e Primavera na zona norte e Frei Damião na zona sudeste, “tudo é difícil nesses locais: transporte coletivo, segurança, saneamento, telefonia, assistência médica, escolas.”²¹⁸ Outra dificuldade apontada era a demora na entrega dos residenciais, por se tratar de sistema de mutirão, havia atrasos nas obras uma vez que a mão de obra utilizada era movida a hora extra do trabalhador.

Conforme uma pesquisa feita pela Companhia de Habitação do Piauí – COAHAB-PI, em 2001, existia uma lista de espera composta por 55 mil pessoas que aguardavam serem contemplados em programas habitacionais em Teresina. No mesmo ano, a Caixa Econômica Federal informou que possuía 17.893 imóveis desocupados em Teresina. Nos últimos cinco anos, de acordo com dados coletados, o número de imóveis fechados teve um aumento de 17%.²¹⁹ Esses dados revelam o empobrecimento da população teresinense, com uma renda baixa, acabam sendo impossibilitados de participar dos programas habitacionais ou até mesmo pagar um aluguel. Essas pessoas excluídas dos sistemas regulares de habitação recorrem a processos irregulares de ocupações de terrenos em regiões periféricas, distantes e sem infraestrutura, agravando ainda mais as condições de moradia e habitabilidade na capital.

Em 2002, o governo do estado lança outro programa de melhoria habitacional para moradores de baixa renda, que recebessem até três salários mínimos. Intitulado de “Cheque Cidadão” era voltado para os mutuários da COAHAB-PI que estivessem com as prestações em dia. O projeto consistia em cadastrar pessoas que tivessem interesse em fazer reformas em suas residências e que cumprissem os critérios citados anteriormente. Após o cadastro, era feita a visita técnica ao imóvel por engenheiros e assistentes sociais, na qual era verificada *in loco* as reais necessidades dos imóveis e averiguando também a situação financeira dos inscritos. Em caso de aprovação do cadastro, o engenheiro fazia o cálculo sobre a quantidade de material de construção necessária para a realização da obra de melhoria habitacional. Após esta análise, era emitido o Cheque Cidadão, cujo valor era trocado nas casas de venda de material de construção por mercadorias a serem utilizadas nas obras. Como uma forma de incentivo para a participação

²¹⁷ CASA de mutirão da COHAB cai com chuvas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.164, p.09, 23 jan 1998.

²¹⁸ ALVES, Gilmário. Mutirões são baratos, porém lentos. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.682, p.12, 11 jul 1999.

²¹⁹ ESTOQUE de imóveis fechados mostra pobreza da população. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.341, p.09, 27 maio 2001.

dos empresários da construção civil no projeto, eles teriam uma redução do pagamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS.²²⁰

Criada através da Lei Ordinária nº 5.644, de 12 de abril de 2007, a autarquia ligada à Secretaria das Cidades, a Agência de Desenvolvimento Habitacional do Piauí – ADH-PI vinha cobrir um déficit de gerenciamento da questão habitacional no estado do Piauí. Tinha como missão realizar estudo dos problemas habitacionais em todo o estado do Piauí, com vistas à execução de obras e programas de construção e melhorias de unidades residenciais com atendimento à população de baixa renda, priorizando projetos tanto na área de habitação, quanto em saneamento básico. Na prática, ela veio suprir a lacuna deixada pela extinção da COHAB-PI, ou seja, atuava em parceria com o governo federal, sobretudo, na captação de recursos e na execução de projetos e programas habitacionais.²²¹

Dentre os empreendimentos lançados pela ADH-PI, destaca-se o Residencial Jacinta Andrade, com 4.300 unidades, na zona Norte da cidade, entregues em etapas entre os anos de 2010 a 2015, pelo programa do Pró-moradia vinculado ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Já as obras de infraestrutura do residencial contaram com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC. Conforme a diretora geral da ADH-PI, Gilvana Gayoso, “o impacto social do Residencial Jacinta Andrade foi muito grande na região da Santa Maria da Codipi. É a maior obra de habitação do Programa de Aceleração do Crescimento do Brasil.”²²²

As ações intervencionistas da Prefeitura Municipal de Teresina voltadas para uma classe menos favorecida da população de Teresina limitavam-se, no início da década de 1990, a ações e intervenções de pouca envergadura, mais voltada para o assistencialismo. O Então prefeito Heráclito de Sousa Fortes²²³, com recursos oriundos do reajuste feito no IPTU, instituiu alguns programas desse cunho, como Programa de Melhoria das Condições Urbanas na Periferia, com a construção de passarelas e calçamento de ruas em bairros periféricos da cidade, Programa de

²²⁰ MELHORIA habitacional: Cheque Cidadão atrai multidão à COHAB. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.850, p. 01, 28 set 2002.

²²¹ GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. Agência de Desenvolvimento Habitacional do Estado do Piauí – Histórico. In.: <<http://www.adh.pi.gov.br/historico.php>>. Acessado em: 15 de outubro de 2019.

²²² GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. Agência de Desenvolvimento Habitacional do Estado do Piauí – Notícias: Governo entrega últimas casas do Jacinta Andrade na segunda-feira. In.: <<http://www.adh.pi.gov.br/noticia.php>>. Acessado em: 15 de outubro de 2019.

²²³ Nasceu em 1º de agosto de 1950, em Teresina-PI. Foi um político de carreira, ocupando o cargo de deputado federal por seis legislaturas (1979-1982), (1983-1986), (1987-1988), (1995-1998), (1999-2002) e (2015-2018), não sendo reeleito em sua última disputa eleitoral em 2018. Ocupou o cargo de presidente do Instituto de Seguridade Social da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos entre os anos de 1993 e 1994. Esteve à frente da Prefeitura Municipal de Teresina no quadriênio (1989-1992). Foi eleito senador da república em 2002, para o pleito (2003-2010).

Assistência Funerária e o programa de gêneros alimentícios da cesta básica a baixo custo intitulado “Cestão do Povo”.²²⁴ Esse último recorria a um velho artifício utilizado nas democracias populistas, ao adotarem nomes populares aos programas assistenciais buscavam não apenas o atendimento das necessidades básicas da população, mas também carregavam a ideia de proximidade entre o governante e o povo.

Esse artifício foi utilizado pelo então prefeito nas propagandas publicitárias de seu governo, especialmente na composição do *slogan* “Unidos seremos mais fortes”. A frase escolhida, apesar de veicular uma mensagem voltada para a coletividade, para a participação popular, típicas da recém (re)construída democracia, um chamado para que todos se unissem em defesa dos interesses maiores dos teresinenses, ao que parece a palavra “fortes” presente no *slogan* não parece ser uma simples coincidência com o “Fortes” do sobrenome do prefeito. A semântica na língua portuguesa permite o jogo de palavras que confere sentido dúbio, nesse caso personalista. A ideia era promover também o nome do político, com vimos, um recurso muito utilizado no Brasil, sobretudo em governos de cunho populista. Por tratar-se de publicidade paga com o dinheiro público, o caso foi contestado juridicamente.²²⁵

Uma personalidade com experiência administrativa local toma a cena política novamente, mas, dessa vez, com uma proposta de gestão moderna, atuante e voltada para políticas assistencialistas como a habitação para setores populares. Raimundo Wall Ferraz²²⁶, um intelectual com múltiplas formações e áreas de atuação, como no campo do direito e da

²²⁴ FORTES FILHO, José. *De Saraiva a Heráclito*: pesquisa sobre a história de Teresina. Teresina: Academia Piauiense de Letras. s/data.

²²⁵ A Segunda Turma do Supremo Tribunal Federal manteve a decisão do Tribunal de Justiça do Piauí, que havia condenado o então prefeito de Heráclito Fortes a ressarcir os cofres públicos municipal com os gastos com publicidade oficial, quando ficou caracterizado promoção pessoal, em 2012, a defesa recorreu e ainda se encontra aguardando julgamento. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Acompanhamento processual. RE-281012 - Recurso Extraordinário - RECTE.(S) Heráclito de Sousa Fortes.

²²⁶ Nasceu em Teresina no dia 14 de março de 1932. Fez graduação em Direito, Geografia e História pela Universidade Federal do Piauí, onde também foi professor. Lecionou no Instituto de Educação Antonino Freire, foi membro do Conselho Estadual de Educação e atuou, ainda, como advogado. Ingressou na vida política como vereador de Teresina (1955-1963), assumiu o Executivo dessa cidade por três vezes (1975-1979, 1986-1989, 1993-1995), a primeira por indicação e as duas seguintes subsequentes pelo voto direto, além de ocupar o cargo de Secretário de Educação do Governo do estado do Piauí (1971-1975) e Deputado Federal (1983-1985). Apesar de manter relações políticas e de parentesco com a tradicional elite política do estado, sendo cunhado do ex-governador Dirceu Mendes Arcoverde, e tendo ocupado cargos e funções durante o regime civil-militar (1964-1985), inclusive filiando-se a Arena, em seguida ingressou sucessivamente no Partido Progressista – PP e no Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB, rompeu com seu grupo político e liderou uma desistência partidária, recrudescimento que o fez ingressar no Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, levando consigo todo seu grupo político e inaugurando uma era administrativa tucana na capital do Piauí, que se perdura por quase três décadas. Faleceu no auge de sua carreira política, enquanto exercia o seu terceiro mandato como prefeito de Teresina, em 1995. CASTRO, José Olímpio Leite de. *Wall Ferraz: a trajetória do mito*. Teresina: Gráfica Aliança, 2009.

educação. O ambiente acadêmico possibilitou-lhe a convivência com professores retornados dos cursos de pós-graduação, com mestrado e doutorado, que traziam ideias progressistas e revisionistas que influenciaram sua maneira de administrar. Aliadas a isso, estava a experiência política vivenciada por ele na Câmara Federal, onde teve contato com o pensamento progressista de esquerda liderado por Miguel Arrais, Jarbas Vasconcelos, Roberto Freire entre outros, Wall Ferraz foi um político inovador que revolucionou a maneira de administrar, tornando-se um líder populista, com respaldo entre seus pares e admiração por parte de populares.

Foi um político com dinamismo, soube intermediar conflitos e interesses internos com propostas ousadas, sobretudo, nas áreas de educação e assistencialismo aos segmentos populares menos favorecidos. Expandiu o ensino com a implantação de escolas nas regiões periféricas da cidade, incentivou a cultura por meio de projetos e criação de bibliotecas públicas municipais. Buscou solucionar o problema habitacional da capital por meio da entrega de títulos de aforamento de áreas ocupadas por pessoas excluídas do sistema fundiário tradicional. Em um período em que houve uma verdadeira explosão de ocupações pela cidade, em decorrência do baixo poder aquisitivo de boa parte da população e da quase inexistência de programas habitacionais populares de grande envergadura, a proposta do então prefeito era vista como uma possibilidade de acesso à moradia para muitas pessoas.

Por este motivo, Wall Ferraz sofreu várias críticas por parte de seus opositores que o acusavam de “favelizar” Teresina, ao passo que cresciam os movimentos de ocupação nas mais diversas zonas da cidade, havendo um considerável aumento das áreas periféricas da cidade com a formação de vilas e favelas. O passo seguinte do projeto de Ferraz era a urbanização dessas áreas. Sua morte prematura em 1995, em pleno mandato, não possibilitou que visse realizado seu plano, que não foi inviabilizado por seus sucessores, que, pelo contrário, o transformaram em programa contínuo dos governos subsequentes. A importância da análise dos ideais propostos por Wall Ferraz é fundamental para a compreensão das políticas públicas adotados por esse grupo político, ao darem continuidade aos seus projetos e na maneira de administrar que se autodeclaravam herdeiros dos propósitos arquitetados por ele.

E se Teresina é hoje um exemplo de uma construção de uma ideia isso se deve à obstinação e a dedicação de um homem que sempre governou com projetos, nunca com a cumplicidade de uma elite que quer do Estado apenas a manutenção do *status quo* para que com isso seja preservado seus privilégios. [...] Primavera por um discurso que mesclava propostas de esquerda com um socialismo democrático. Sem pragmatismo e proselitismo. [...] Um homem de sensibilidade fora do normal para ver os problemas de Teresina, sentir os

problemas da cidade e, sem ser piegas, enxergar as coisas de uma forma racional. Claro que ele se incomodava com a pobreza, sempre, porém, procurando tomar atitudes mais dedicadas para os problemas que surgiam.²²⁷

Parte da imprensa local enaltecia as características de Wall Ferraz enquanto político engajado no seu ideal. “O estilo de Wall era único, assim como era único o seu modelo administrativo. Sempre indignado com a miséria, a pobreza e a falta de perspectiva da população mais pobre. Ganhou a simpatia da população sem precisar ser demagogo.”²²⁸ De modo que sua maneira de pensar a administração pública influenciou os projetos de seus sucessores ao logo dos anos subsequentes. A ponto de eles chegarem a se autodeclarar “herdeiros” de Wall Ferraz, como fez o então prefeito Firmino da Silveira Filho, que “reforçou o compromisso que a prefeitura de Teresina tem com as comunidades mais carentes. O que, segundo ele, é uma das heranças mais preciosas de Wall Ferraz e que continuou sendo honrada em todas as administrações do PSDB.”²²⁹

A política de aforamento, apesar de já ser uma prática utilizada desde a década de 1970, quando o prefeito Joel da Silva Ribeiro cedeu uma área foreira para moradores desapropriados formando os bairros Buenos Aires e Água Mineral, zona norte da cidade, na gestão do prefeito Wall Ferraz, esse processo ocorreu de uma forma mais intensa. Tinha uma outra característica da primeira gestão: agia de forma institucional e organizada. Já nas seguintes, o processo seguia a lógica das ocupações que ocorriam em vários pontos da capital. Nos dois primeiros anos de seu mandato, foram entregues 3.200 títulos de aforamento para moradores de diversas favelas, entre as beneficiadas estavam a Vila da Paz, Cel. Carlos Falcão, Bagdá, São José da Costa Rica, Ferroviária, Carlos Feitosa, Padre Eduardo, Apolônia entre outras.²³⁰

Além da regularização das ocupações que eram realizadas, como as descritas anteriormente, havia, ainda, as regularizações feitas no sentido de atender aos moradores de áreas impróprias para moradia que passavam por situações de desabamento e inundações, como a ocorrida no verão de 1995, quando cerca de 1.700 famílias tiveram suas residências atingidas pelas enchentes. Das quais, 450 receberam lote de terra e um auxílio para a construção de outra moradia em local seguro, em lotes urbanizados nos bairros Planalto Uruguai e Santa Maria da Codipi. A municipalidade buscava intervir de maneira contundente nesse problema.

²²⁷ FONTENELE, Paulo. O político da unanimidade piauiense. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.473. p. 03, 22 mar 1997.

²²⁸ EDITORIAL: uma perda irreparável. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.473. p. 03, 22 mar 1997.

²²⁹ PROGRAMA vai ajudar 2,5 mil famílias. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.913. p.08, 03 mar 2000.

²³⁰FAVELADOS têm benefícios: Prefeitura distribui títulos de terra. *Diário do Povo*. Teresina, ano VII, n. 2.167. p. 05, 10 fev 1995.

Para as famílias da vila Beira Rio e Porto, que estão construindo casas nos assentamentos, a prefeitura tem mantido um rigoroso critério de seleção. Antes de habitar a nova casa construída com material fornecido pela prefeitura em local seguro, cada família tem que derrubar a casa velha na presença de fiscais. Os documentos dos imóveis nos assentamentos serão fornecidos por etapas. Primeiro as famílias recebem a certidão de número fornecida pela Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo. Depois será fornecido o título de posse e uso real do imóvel. Sem direito à venda, aluguel ou sessão. Por último, depois de um prazo de cinco anos, será autorizado e fornecido o título de posse definitivo para devido registro em cartório.²³¹

A regularização da posse da terra por meio dos títulos de aforamento, além de proporcionar a estabilidade para os moradores, também era fundamental no processo de instalação de aparelhamento urbanístico nesses locais, como pavimentação poliédrica das ruas, implantação de linhas de ônibus, assim como a participação em programas e projetos de melhoramento habitacional. Dentre os projetos de assistência oferecida pela Prefeitura Municipal de Teresina, na gestão do então prefeito Wall Ferraz, estava o Projeto Telhamento, que pretendia substituir o teto de palha por telha em 650 residências na Vila Cidade Jardim, na zona leste.²³² Instalação de fossas sépticas através do Programa de Melhoramento Sanitário executado pela Prefeitura de Teresina. O programa era destinado às famílias carentes e visava melhorar as condições de saúde da população; com recursos da Prefeitura e do Ministério do Bem-Estar Social, beneficiou 2.320 famílias em vilas das zonas leste, sul e norte. Também fazia parte do programa a entrega de filtros de água e campanhas educativas sobre práticas de higiene com a população.²³³

Ao assumir a Prefeitura Municipal de Teresina, Firmino da Silveira Filho deu continuidade aos projetos já adotados por seus antecessores, mas dando ênfase aos seus programas de governo, centrados mais nos bairros da capital, no plano de metas denominado “Teresina tem futuro”. Dentre eles, estavam: Prefeitura nos Bairros, que tinha por finalidade ouvir da própria população quais as principais prioridades a serem colocadas em prática de acordo com a comunidade, onde os recursos seriam melhor aplicados, isso foi operacionalizado por meio do Orçamento Popular de Teresina; o Vila-Bairro que pretendia dotar as vilas de Teresina de melhor infraestrutura e o Projeto Lagoas do Norte, como vimos no segundo

DESABRIGADOS reconstroem barracos em vilas e favelas. *Diário do Povo*. Teresina, ano VII, n. 2.228. p. 09, 10 maio 1995.

²³² PREFEITURA distribui telhas: mais de 80 famílias foram beneficiadas. *Diário do Povo*. Teresina, ano VII, n. 2.141. p. 04, 14 jan 1995.

²³³ VILAS têm serviço de saneamento. *Diário do Povo*. Teresina, ano VII, n. 2.167. p. 04, 10 fev 1995.

capítulo, pretendia revitalizar uma das áreas mais pobres da cidade, composta por inúmeras vilas e favelas, além de ser uma região em que a população sofria constantemente com o problema das enchentes e alagamentos; dessa forma, pretendeu-se a urbanização dos bairros dessa região, com o foco no tratamento das lagoas ali existentes.

A busca por soluções para o problema habitacional em Teresina, principalmente para os grupos mais empobrecidos, foi se consolidando com o processo de implantação da regularização fundiária implementada pela Prefeitura de Teresina, iniciada no período de 1975 a 1979, através de ações de reconhecimento e institucionalização das ocupações de loteamentos irregulares e de terras públicas municipais, retomados entre os anos de 1986, 1988 e em 1993. Conforme um levantamento feito pela prefeitura, em 1996, já tinha sido desapropriado 766.211 hectares de terras e distribuídos 3.906 títulos de concessão de posse e uso de terras na capital. Entretanto, o número era insuficiente, diante das demandas por moradias.²³⁴

Os recursos muitas vezes advinham do poder público federal e buscavam amenizar a precariedade das habitações e os riscos para os seus moradores. O Programa de Melhoria Habitacional, implantado pela Prefeitura Municipal de Teresina, em 1990, é um desses exemplos. Esse programa previa a implantação de fossas nas casas, a substituição do piso de terra batida por cimento, da cobertura de palha pela de telha e o revestimento das paredes.

A Vila Bandeirante, considerada uma das maiores favelas de Teresina, apresentando um alto índice de doenças infantis e calazar, devido à falta de saneamento básico e às péssimas condições de moradia, começa agora a receber as primeiras melhorias habitacionais. Cerca de 800 casas de taipa vão ganhar um teto de telha e terão suas paredes rebocadas. Uma outra conquista será a instalação de fossas. Depois de quatro anos de ocupação, só agora a vila bandeirante começa a receber as primeiras melhorias.²³⁵

Apesar de noticiada na imprensa escrita a implantação do programa, ao término do ano, poucas unidades foram contempladas. Como informa uma outra reportagem: “a prefeitura prometeu implantar o programa em duzentas moradias nos bairros Buenos Aires e Água Mineral, mas se limitou à distribuição de telhas, nesses dois bairros.”²³⁶ Os moradores da vila receberam a notícia de melhoramentos com entusiasmo, entretanto, reclamavam por meio da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários – FAMCC da falta de

²³⁴ Conforme levantamento feito FAMEC, a demanda por moradia nesse mesmo ano, 1996, era de 35 mil habitações. (Procurar matéria).

²³⁵ DIÁRIO dos bairros. *Diário do Povo*. Teresina, ano V, n. 1.376. p. 07, 12 jun 1992.

²³⁶ NÚMERO de invasões caiu em Teresina este ano. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.496. p. 09, 27 dez 1990.

participação dos moradores na distribuição dos recursos e na execução das melhorias habitacionais, que ficavam a cargo do Serviço Social do Estado – SERSE, que tinha como presidente a primeira dama Carlota Freitas. O morador da vila, Antônio Luís da Silva Oliveira, afirmava que “foi solicitado ao SERSE uma participação mais ativa, uma vez que os recursos são oriundos do governo federal e precisam ser bem administrados, mas não obtive resposta do órgão.”²³⁷

Uma segunda etapa desse programa ocorreu em 1995, denominado de Programa de Melhoria Sanitária, também em parceria entre a Prefeitura Municipal de Teresina e o governo federal, por meio do Ministério do Bem-Estar Social. O programa beneficiaria 2.300 famílias por meio da instalação de fossas sépticas, com o objetivo de melhorar as condições de saúde da população da periferia da cidade. As vilas beneficiadas pelo programa foram: Apolônia, Padre Eduardo, Carlos Feitosa, Dagmar Mazza, Ciac, Tiradentes, Poti e Divina.²³⁸

No início da década de 1990, a questão habitacional passou a preocupar os administradores municipais, tendo em vista a drástica redução das políticas habitacionais de nível federal como já vimos anteriormente. Com o intuito de minimizar essa situação e organizar uma política habitacional municipal, foi criada a Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo de Teresina, que não logrou êxito nos primeiros anos de existência em decorrência da carência de recursos financeiros de grande envergadura para pôr em prática projetos destinados à população de baixa renda. Apenas em 1997, as ações foram mais eficazes, quando foram criadas diretrizes para implementação de política habitacional em assentamentos subnormais baseadas em ações integradas sistematizadas que incluía uma ação conjunta de diversos setores que resultou na criação do Projeto Multissetorial Integrado Vila-Bairro, implantado pela Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação – SEMPLAN.

O Projeto Vila-Bairro, como ficou popularmente denominado, tinha por finalidade transformar as vilas e favelas de Teresina em bairros, por meio da inserção de equipamentos urbanísticos mínimos essenciais, como pavimentação de vias públicas e distribuição de rede de abastecimento de água e implantação de iluminação pública, coleta de lixo, construção de creches e postos de saúde, quadras poliesportivas entre outras ações. Esse projeto foi inspirado no Projeto Favela-Bairro implantado na cidade do Rio de Janeiro em 1994, que tinha como finalidade edificar ou complementar a infraestrutura urbana essencial como saneamento e melhoramentos de acesso em favelas da cidade, ou seja, eminentemente voltado para a recuperação das vias das áreas e equipamentos públicos, não havia proposta de intervenção nos

²³⁷ DIÁRIO dos bairros. *Diário do Povo*. Teresina, ano V, n. 1.376, p. 07, 12 jun 1992.

²³⁸ VILA tem programa sanitário. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 10.731, p. 02, 10 fev. 1995.

domicílios.²³⁹ Em Teresina, o projeto estendeu-se para a questão habitacional, mediante a adoção de uma série de medidas de regulamentação fundiárias a projetos de edificação e melhoria sanitária de residências.

Dessa forma, o primeiro passo dava-se no âmbito da regularização fundiária, com os processos de aforamento em casos de terras públicas ou compra por meio da implantação do Banco de Terras Municipais – BTM.²⁴⁰ Em seguida, as melhorias urbanas que não se limitavam à infraestrutura urbana, mas também contava com a melhoria habitacional que era implementada de forma isolada, como os projetos Morar Legal, Lotes Urbanizados, Minha Casa e Casa Melhor. Todos estavam relacionados a questões de melhoramento urbanísticos e habitacional, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo - SEMHUR. O Projeto Morar Legal tinha por finalidade fazer o levantamento de áreas ocupadas ou em processo de ocupação, que houvesse a possibilidade de regularização do terreno mediante a entrega de títulos de cessão de posse e uso das terras aos moradores dessas áreas. Esse documento reconhece os moradores como legítimos proprietários do terreno, podendo no prazo de cinco anos registrar o imóvel no cartório. Entre os anos de 1997-2000, o projeto beneficiou cerca de seis mil famílias.²⁴¹ O Projeto Lotes Urbanizados baseava-se na venda de lotes urbanizados mediante condições especialmente facilitadas de financiamento visando ao assentamento de famílias selecionadas. São projetados e implementados em glebas provenientes do BTM com unidades mínimas de 160m².

Já o Projeto Minha Casa estava direcionado mais especificamente à questão da moradia, pois tinha como finalidade desenvolver um sistema de edificação convencional, realizado em regime de mutirão e autoconstrução, uma parceria entre a Caixa Econômica Federal e a Prefeitura Municipal de Teresina, contando com recursos financeiros para a construção de habitações padronizadas do tipo embrião em áreas urbanizadas ou em processo de urbanização provenientes do BTM. O projeto tinha por finalidade suprir uma lacuna habitacional, uma vez

²³⁹ BURGOS, Marcelo Baumann. Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (org.). *Um século de favela*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

²⁴⁰ “Estabelecimento de reserva de glebas urbanizáveis / urbanizadas dentro do perímetro urbano, destinadas prioritariamente ao assentamento de famílias selecionadas em áreas de risco ou conflito potenciais. Formado por terras provenientes do patrimônio público municipal e particulares. É administrado pela Prefeitura Municipal de Teresina através das SDU’s que, após a aprovação pelo Conselho Municipal de Habitação, promove o acesso da população-alvo às terras disponíveis.” TERESINA. *Teresina Agenda 2015: a cidade que queremos*. Diagnósticos e cenários – Diagnósticos e cenários: habitação. Teresina, 2002. Disponível em <http://www.teresina.pi.gov.br/portalpmt/orgao/SEMPPLAN/doc/20080924-160-599-D.pdf> Acessado em 14 de fevereiro de 2017.

²⁴¹ OCUPAÇÕES: PMT vai regularizar situação fundiária. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.923. p.04, 25 mar 2000.

que se destinava a quem possuísse uma renda inferior a três salários mínimos, geralmente, pessoas com esse perfil eram excluídos dos financiamentos tradicionais que exigiam uma renda maior. Outro grupo que fazia parte eram as famílias que moravam em área de risco, como em regiões de alagamento, e que foram beneficiadas por esse programa. Cerca de 500 famílias que viviam em casas construídas no leito de ruas nos bairros Horto Florestal, Planalto Ininga, Morada do Sol e Ilhotas foram remanejadas para casas construídas no formato de mutirão.²⁴²

A prefeitura entraria com o terreno e assessoria de engenheiros e a Caixa Econômica com recursos para a compra de material e os mutuários entrariam com a mão de obra em regime de mutirão. As residências eram financiadas em 20 anos, a novidade ficava por conta da prestação fixa no valor de R\$ 33,00, para tanto o mutuário não poderia ter débitos no comércio.

Na primeira fase desse programa de melhoria habitacional foram reformadas cerca de 2.500 casas. O prefeito Firmino Filho afirmou que pretende dar continuidade ao programa, beneficiando mais três mil famílias em diversos bairros de Teresina. Em uma solenidade foram entregues mais casas beneficiadas com o programa nas vilas Bagdá e Pe. Luís, ambas na zona leste da capital.²⁴³

O Casa Melhor era um projeto de melhoria habitacional, proporcionado pelo fornecimento de material de construção para famílias com moradias em estado construtivo-sanitário precário, dessa forma muitas casas de taipa coberta de palha foram substituídas por residências de alvenaria, com cobertura de telhas. Também fazia parte do projeto a instalação de 2.300 fossas sépticas incluídas aparelhos sanitários distribuídas em onze vilas e bairros da periferia da cidade.²⁴⁴ Era uma ação integrante do Projeto Vila-Bairro, a primeira etapa do projeto foi implantada na Vila Santa Maria da Codipi, zona norte da cidade, onde 400 casas foram beneficiadas. A escolha pela área se deu por se tratar de uma área com predominância de residências precárias, resultado de uma ocupação de grande porte ocorrida há alguns anos.²⁴⁵ Entretanto, a zona Sul de Teresina foi a área da cidade que mais teve intervenções seja pelo projeto Casa Melhor ou pelo Minha Casa. Também foram beneficiados moradores da zona leste da capital.²⁴⁶

²⁴² FAMÍLIAS saem do meio das ruas até julho. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.224. p. 11, 25 mar 1998.

²⁴³ PROGRAMA vai ajudar 2,5 mil famílias. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.913. p.08, 03 mar 2000.

²⁴⁴ SANTA Maria da Codipi ganha fossas sépticas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.211. p. 02, 13 mar 1998.

²⁴⁵ MORADIA: Projeto Casa Melhor beneficia 180 famílias. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 5.018. p.04, 30 jun 2000.

²⁴⁶ PMT constrói mais de duas mil moradias. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.875. p.04, 30 jan 2000.

Para ser beneficiada por esse programa, a família deve residir em casa de taipa e nas áreas de execução do Projeto Vila Bairro e comprovar que é proprietária legítima do imóvel. Cada família recebe um kit de material de construção no valor de R\$ 1 mil. Metade desse valor é doado pela prefeitura e a outra metade (R\$ 500,00) é devolvida pela família beneficiada em parcelas de R\$ 5,00. O dinheiro devolvido é destinado ao Fundo Municipal de Habitação para novos investimentos.²⁴⁷

A ideia era criar um Fundo Municipal de Habitação que beneficiaria outras famílias em uma rede de cooperativismo autossustentável. Entretanto, a inadimplência que chegou a atingir cerca de 50% dos beneficiários dos programas Minha Casa e Casa Melhor. Inviabilizado, dessa forma, a expansão desse beneficiamento para outras famílias. O secretário de Habitação e Urbanismo Kleber Montezuma afirma que “estamos resolvendo o problema de pessoas pobres, permitindo o acesso a moradias dignas. Mas nos deparamos com esse entrave cultural de atraso, onde não existem as noções de cooperativismo e de solidariedade.”²⁴⁸

Mesmo diante das dificuldades apresentadas pela municipalidade, o programa teve prosseguimento, a exemplo do Residencial Mário Covas, situado no bairro Santo Antônio, no qual foram construídas 632 casas para moradores de baixa renda no sistema de mutirão. Os moradores recebiam um kit de material de construção no valor de R\$ 2.700. Parte desse valor era subsidiada pelo Governo Federal e o restante do montante dividido em 72 parcelas de R\$ 20,00 a serem pagas pelos mutuários. Cabia, ainda, à municipalidade as obras de terraplanagem dos lotes, abertura de ruas e, em parceria com o governo do estado, levar redes de distribuição de água e energia elétrica.²⁴⁹

Além de trazer diversos melhoramentos urbanísticos nos bairros e vilas mais pobres da cidade, esses programas também acabavam por fomentar empregos para uma população que vivia sem ocupação. Uma vez que as obras de infraestrutura, como calçamento de paralelepípedo, praças, centros comunitários, quadras de esportes, escolas e creches, demandavam um grande número de mão de obra, que era absorvida na própria comunidade. A exemplo, estavam as obras realizadas nas vilas do Avião, Nova e Meio Norte na região da Pedra Mole, zona norte da capital, que geraram cerca de 1.200 empregos diretos e indiretos.²⁵⁰

²⁴⁷ PROGRAMA Habitacional vai beneficiar 1.000 famílias. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.863. p.05, 18 jan 2000.

²⁴⁸ INADIMPLÊNCIA chega a 50%, revela Semhur. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.683, p.4, 12 jul 1999.

²⁴⁹ FAMÍLIAS recebem o material para casas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XV, n. 6.88. p. 07, 03 jul 2003.

²⁵⁰ VILA-BAIRRO cria mais de 1.200 empregos só no Pedra Mole. *Diário do Povo*. Teresina, ano XV, n. 6.184. p. 02, 06 set 2003.

Dessa maneira, o Projeto Vila-Bairro, que passou a funcionar de forma integrada, trouxe resultados mais significativos para o problema habitacional em Teresina, embora não lograsse êxito em toda cidade em decorrência do constante déficit habitacional existente na capital. Mas muitas vilas foram beneficiadas trazendo melhorias urbanísticas para muitas delas. O Projeto teve destaque nacional, chegando a ser recomendado pela Fundação Getúlio Vargas, como modelo de intervenção na questão habitacional a ser seguido pelos demais estados e capitais do país, em decorrência dos resultados alcançados e por se tratar de uma política voltada para a população carente, durante o Encontro Nacional de Políticas Públicas, ocorrido no Rio de Janeiro, nos dias 05 e 06 de novembro de 1998.²⁵¹

O Projeto Vila Bairro também foi reconhecido como um dos dez melhores projetos do Brasil, no concurso Caixa Melhores Práticas, programa da Caixa Econômica Federal que reconhece e premia as melhores parcerias entre poder público e a comunidade. A escolha recorreu “pela sua eficácia em promover o desenvolvimento urbano, a infraestrutura e a geração de emprego e renda mudando a realidade de comunidades inteiras.”²⁵² Esse mesmo programa foi escolhido para representar o Brasil no concurso internacional Melhores Práticas de Liderança Local promovido pela Conferência das Nações Unidas para Assentamentos Urbanos – Habitat.²⁵³ O projeto foi apresentado no painel intitulado “Futuro das Cidades”, na cidade de Nairóbi, no Quênia, que tinha por finalidade apresentar experiências e indicadores que mostram como as cidades estão se programando para o futuro, bem como prognósticos de políticas estratégicas que poderiam ser discutidas para conduzir os destinos a uma realidade desejada.²⁵⁴

As melhorias eram visíveis e sentidas no dia-a-dia de algumas vilas da cidade, pois proporcionava melhoramentos urbanísticos que refletiam nas condições físicas dos locais, mas também nas sanitárias e na saúde dos moradores dessas áreas. Em contrapartida, fornecia emprego para uma população que se encontrava ociosa, e, dessa forma, também proporcionando um incremento à renda dessas famílias. O projeto era tido, por esse motivo, como fomentador de um desenvolvimento integrado voltado para classes menos favorecidas, atuando na redução das disparidades econômicas e sociais entre os moradores da capital. O Projeto Vila-Bairro tornou-se projeto carro chefe de sua administração e de seus sucessores na capital do estado do Piauí.

²⁵¹ PROGRAMA habitacional é modelo nacional. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.040. p.11, 16 out 1998.

²⁵² CAIXA dá prêmio ao Programa Vila Bairro. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.896. p.05, 24 fev 2000.

²⁵³ VILA BAIRRO: de Teresina para o mundo. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.896. p.05, 24 fev 2000.

²⁵⁴ VILA-BAIRRO: projeto será destaque em encontro da ONU. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 6.065. p.01, 07 maio 2003.

Com a implantação do Programa Vila-Bairro, houve o processo de urbanização de cerca de 40 vilas das 117 existentes em Teresina nos anos de 2000. Essas vilas ganharam status de bairros por conta do grande volume de obras que receberam durante esses primeiros anos do projeto. Foram obras de calçamento, de abastecimento de água, construção de escolas, creches e postos de saúde, além de melhorias habitacionais com a substituição de paredes de taipa por alvenaria, cobertura de palha por telhas e implantação de instalações sanitárias. O Programa foi orçado em R\$ 65 milhões, dos quais 30 milhões foram firmados com convênios com a Caixa Econômica Federal e o restante com o BNDES e recursos próprios da prefeitura. Entretanto, as ocupações que ocorreram depois da implantação do Vila-Bairro, ou seja, após 1997, ficaram fora desses projetos de intervenção, cabendo a municipalidade buscar outras formas de recursos para intervir nessas áreas. Foi o caso da Vila Irmã Dulce que analisaremos mais detalhadamente em breve.

O Programa Hortas Comunitárias implantado pela Prefeitura Municipal de Teresina tinha como objetivo combater o desemprego, gerar renda e incrementar o padrão alimentar da população, e, conseqüentemente, melhorar as condições de vida de muitas famílias residentes em vilas e favelas de Teresina. Por outro lado, reduziria a importação de hortaliças de outros estados e municípios. Nesse sentido, a iniciativa funcionava como geradora de renda e propulsora do desenvolvimento local sustentável. O programa, dirigido pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento Municipal, beneficiava 2.442 famílias, compreendendo uma área de 121.800 hectares. Os locais escolhidos para implantação das hortas foram locais subaproveitados, áreas de propriedade da Prefeitura, da União, da Chesf, Cohab, Embrapa, UFPI e CEPISA. A implantação ocorreu com a utilização de recursos do Programa Vila Bairro.

Alguns periódicos locais acusavam o prefeito Firmino Filho e seus assessores de utilizar o Programa Vila-Bairro como medida eleitoreira, o que era feito, segundo eles, nas solenidades de entrega de títulos de posse ou inauguração de obras de beneficiamentos nesses locais, como praças, postos de saúdes ou unidades escolares. Durante o mês de aniversário de Teresina no ano de 1998, período de inúmeras ocupações na cidade, foram entregues 354 títulos de cessão de posse e uso para moradores de 15 vilas. A emissão dos títulos foi possível por meio do Projeto Morar Legal, implantado há dois anos, que, após ser criado, já havia regularizado a situação de 1.200 famílias.²⁵⁵ Em outro periódico, foi veiculado a entrega dos títulos de posse em vila da capital, em 1998.

²⁵⁵ MORADORES recebem título de posse de terra. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.995. p.11, 4 set 1998.

Os moradores da Vila Nossa Senhora da Guia, na Zona Sudeste, receberam com entusiasmo o anúncio do prefeito Firmino Filho de que a prefeitura vai construir uma praça em frente à Igreja Católica e aproveitaram para agradecer as obras e os serviços já realizados no local. Foi durante a solenidade de entrega de 133 títulos de cessão de posse e uso a famílias que habitam na vila. [...] A representante do grupo de mães da Vila Nossa Senhora da Guia, Cleide, falou em nome da comunidade, lembrando o apoio que a vila tem recebido da Prefeitura. ‘Desde o tempo do professor Wall Ferraz, que a prefeitura se faz presente. Conquistando o local para morar. Depois veio o calçamento, os agentes comunitários de saúde. O médico da família e agora estamos recebendo os títulos de posse de nossas casas. É a conquista definitiva do teto, graças ao prefeito Firmino Filho a quem somos gratos’, falou.²⁵⁶

A Prefeitura Municipal de Teresina procurava aproximar-se dos mais diversos bairros da cidade. Com o Projeto Prefeitura nos Bairros, propunha ações que redirecionasse o espaço urbano por meio de intervenções por meio da realização de obras de urbanização e implantação de serviços essenciais em bairros que não tiveram uma estruturação e uma expansão de serviços de uma forma mais intensa. Mas, com a implantação do Orçamento Popular de Teresina, em 1997, pelo então prefeito Firmino Filho, houve uma mudança no redirecionamento da aplicação dos recursos do município.

Era a nova maneira de administrar, convocando a população para participar das decisões a serem tomadas na cidade. A experiência surgiu na cidade de Porto Alegre em 1989, na gestão petista de Olívio Dutra (1989-1992), e foi copiada em quase todas as cidades de médio e grande porte do país e até mesmo do exterior como Paris, Barcelona e Toronto. Caracteriza-se por ser um instrumento de planejamento municipal, no qual o governo discrimina detalhadamente sua previsão de receita e fixa as despesas para o ano seguinte, de forma a evidenciar sua política econômico-financeira e seu programa de trabalho e apresenta à comunidade.²⁵⁷ Essa participação se dava pela escolha de delegados em assembleias realizadas nos bairros e também em comunidades da zona rural. Essas pessoas eram responsáveis por elencar as principais necessidades em seus locais de origem e levar para ser discutida a viabilidade da implantação conforme a disponibilidade de recursos por parte da municipalidade. De acordo com o então prefeito, “através dele sabemos quais são as prioridades para a população, que conhece, como ninguém, as necessidades de seu bairro.”²⁵⁸ Calçamento e asfaltamento de ruas e de avenidas da cidade, construção de galerias, escolas e creches, conservação e reestruturação de vias

²⁵⁶ MORADORES recebem 113 títulos de posse. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.997. p.11, 1º set 1998.

²⁵⁷ O QUE é Orçamento Popular. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.125, p. 05, 03 ago 2004.

²⁵⁸ ORÇAMENTO Popular de Teresina tem sua primeira reunião hoje. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.124, p. 04, 02 ago 2004.

vicinais na zona rural eram algumas das obras realizadas por meio do Orçamento Popular de Teresina.

Ao término de seus dois primeiros mandatos, à frente da Prefeitura Municipal de Teresina, nos quais chegou a realizar cerca de quatrocentas obras, com o investimento de R\$ 40 milhões, Firmino Filho propôs que a política se tornasse lei, na capital, e fosse dada continuidade aos trabalhos por serem bem aceitos pelos teresinenses na avaliação da prefeitura.²⁵⁹ Por outro lado, o projeto também sofreu críticas por parte de alguns setores, que não o consideravam inclusivo o suficiente.

Percebe-se que poucos são os espaços para a participação direta do cidadão. Cinco seminários, em uma cidade com pouco mais de setecentos mil habitantes. E ainda por cima, os seminários nada decidem, apenas discutem. Quem classifica as prioridades é uma comissão. Esta, no entanto, possui uma composição ridícula: vinte membros, sendo seis indicados pelo prefeito, onze cabos eleitorais escolhidos por vereadores e três representantes de entidades. Ao selecionar as demandas, a comissão as remeterá para o Conselho do Orçamento que é quem, de fato, resolve se as considera ou não, para efeito de incorporação orçamentária. O Conselho do Orçamento que detém todos os poderes, é, por sua vez, composto de sete membros, sendo quatro por indicação do prefeito, um da Câmara Municipal e apenas dois das entidades populares. Logo se vê que está instituída uma retórica do orçamento popular. Na prática, o prefeito quer reunir o povo para bater palmas, os seminários são peças decorativas desse embuste. As comissões organizadoras de cada seminário e o tal Conselho do Orçamento demonstram que de popular o Orçamento do Governo Municipal terá pouco e, de participativo, absolutamente nada. [...] A propaganda oficial, certamente, tratará de convencer a população de que ela está realmente participando.²⁶⁰

O Orçamento Popular Participativo, embora possuísse no próprio termo a ideia de participação do povo, ou seja, um espaço para decisões coletivas, de envolvimento de diversos setores da sociedade, esse era um instrumento de participação democrática ainda falho, pois não assegurava aquilo que verdadeiramente interessava à população, que viessem das suas reais necessidades. A participação efetiva deve partir da população por meio de lutas e reivindicações que devem ser constantes e contínuas junto ao poder público, independentemente das conquistas adquiridas, a participação deve ser ativa tanto na avaliação dos resultados alcançados, como no reordenamento das prioridades para novas conquistas, em um trabalho incessante de lutas e recomeços. Para Álvaro Ferreira, João Rua e Regina Célia de Matos,

²⁵⁹ ORÇAMENTO popular será transformado em lei. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.125, p. 05, 03 ago 2004.

²⁶⁰ ORÇAMENTO Participativo. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.481. p. 05, 31 mar 1997.

Participação não significa reunir algumas dezenas ou centenas de pessoas e apresentar-lhes um projeto de intervenções urbanas ou apresentar-lhes o que será realizado. Isso definitivamente não é participação; é praticamente apenas uma forma de publicidade em duplo sentido: a primeira ao apresentar as propostas do governo, e a segunda, no sentido de fazer crer que o governo implementa a participação popular.²⁶¹

A participação popular efetiva nas decisões acerca da produção do espaço urbano da capital do estado do Piauí não chegara a ser implementada mediante esse instrumento legal implementado para tal fim. Ela teve que buscar outros caminhos, enveredar por meios diversos de acesso à posse do espaço urbano, criando suas próprias estratégias de pressionar o poder público para criar políticas voltadas para suas reais necessidades, como a moradia e condições mínimas de habitabilidade em espaços ocupados de forma legítima ou não. Nesse campo, as pessoas em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica passam a participar de ocupações, seja de maneira isolada ou aliando-se em agrupamentos reivindicatórios por moradia. Essas pessoas, no nosso entendimento, também são agentes produtores do espaço urbano, pois atuam duplamente, seja na ocupação efetiva do espaço urbano, tornando-se visíveis aos olhos do poder público e da sociedade como um todo, seja pressionando os administradores urbanos a adotarem medidas que viabilizassem sua permanência no espaço ocupado, como foi verificado nos processos de assentamento urbano, legalização da posse da terra por meio dos títulos de aforamento.

Entretanto, os administradores locais não se limitaram a intervir no sistema habitacional apenas para os mais necessitados. O então prefeito Firmino Filho incluiu em seu plano de governo os funcionários públicos municipais que ainda não possuíam residência fixa em um programa habitacional. Com convênio com a Caixa Econômica Federal, foram construídos casas e apartamentos destinados aos funcionários que tivessem uma renda mensal entre R\$ 1.400,00 a R\$ 1.875,00. Essas pessoas poderiam se inscrever para casas com a prestação de R\$ 387,00, ou apartamentos com prestação de R\$ 260,00. Os imóveis foram financiados em um prazo de 20 a 25 anos com uma taxa de juros de 8% ao ano. As primeiras unidades foram entregues em 1999, nos residenciais Hortência, no bairro Morada do Sol, zona leste e o Teresa Cristina, no bairro Angelim, zona Sul.²⁶²

²⁶¹ FERREIRA, Álvaro. RUA, João e MATTOS, Célia. (Org.). Apresentação In: *O espaço e a metropolização: cotidiano e ação*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

²⁶² PROJETO habitacional da PMT vai beneficiar funcionários. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.673, p.4, 04 jul 1999.

Em 2000, uma nova proposta de financiamento habitacional chegou à capital do estado do Piauí. O Programa de Arrendamento Residencial – PAR da Caixa Econômica Federal em parceria com a Prefeitura de Teresina era destinado às famílias com renda de até seis salários mínimos. O projeto previa a entrega de 2.335 unidades, constando na primeira etapa cerca de 1500 imóveis entre casas e apartamentos. Observa-se uma preponderância da oferta de apartamentos em relação às casas, seguindo uma tendência de verticalização que a cidade apresentava.²⁶³ Os valores dos empreendimentos variavam entre R\$ 12.600 a R\$ 19.869. Para se cadastrar no PAR, o arrendatário não poderia ser proprietário, promitente comprador de imóvel residencial ou detentor de financiamento habitacional em qualquer lugar do país. Os imóveis têm uma área mínima de 37 m² e não poderia ultrapassar o valor de vinte mil reais.²⁶⁴

Um dos problemas dos programas habitacionais era a falta de infraestrutura. A reportagem a seguir traz uma denúncia sobre a ameaça de invasão e as precariedades do Residencial de Apartamentos Morada Nova, entregue em meados dos anos de 1990.

O Morada Nova enfrenta uma série de problemas. Os moradores reivindicam da Cohab a conclusão do posto médico, que está depredado e que transforme um dos blocos numa delegacia policial. Na praça do conjunto, não há iluminação, o sistema de transporte é precário e não existe saneamento. A associação de moradores avalia que muita gente desistiu de residir no Morada Nova II pela precariedade de serviços. O asfalto implantado pela prefeitura de Teresina melhorou o aspecto urbanístico do conjunto, mas o mau cheiro é grande, logo após a entrada de acesso pelo acúmulo de lixo e também pela inacabada cqwertyuiop [análise do esgoto sanitário].²⁶⁵

Aliados a isso estava, como já abordamos anteriormente, a questão do alto valor das prestações e os constantes reajustes das mensalidades. Esse fato levou muitos mutuários a entrarem com uma ação cível pública na Procuradoria da República contra a Caixa Econômica Federal para obrigar a instituição a renegociar o valor das prestações dos imóveis.²⁶⁶ Outras medidas foram adotadas no sentido de reduzir o valor das parcelas das prestações dos financiamentos, como, por exemplo, a criação do Sistema de Amortização Crescente – SACRE,

²⁶³ A primeira do PAR, entregue em 2000, contava com apenas com 4 residenciais (Parque Sul, Santo Antônio, Dom Elder, Santa Rita), em contrapartida, oferecia 13 condomínios de apartamentos (Torquato Neto, Vila Romana, Vila Itália, São Pedro, Montese, Ilhotas, Monteserrat, Barcelona, Jardim do Sul, Santídio Soares, Lyon, Parque Leste, Manoel Elias. PRIMEIRA Etapa do Programa de Arrendamento Residencial – 2000. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.4962, p. 03, 05 maio 2000.

²⁶⁴ INSCRIÇÕES para o PAR vão começar nessa quinta. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.961, p.4, 04 maio 2000.

²⁶⁵ APARTAMENTO do Morada Nova estão sendo ameaçados de invasão. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 873. p. 04, 28 ago 1990.

²⁶⁶ MUTUÁRIOS exigem redução na prestação. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.963. p. 07, 06 maio 2000.

ao final do primeiro ano de contrato, as prestações baixam de valor progressivamente.²⁶⁷ Além da revisão dos contratos de financiamento de imóveis, objetivando-se adequar os valores dos encargos mensais de cada mutuário à sua renda mensal, não podendo ultrapassar 30% da renda bruta familiar, o que ocorreu no Residencial Morada Nova, no qual havia contratos que comprometia até 50% da renda do mutuário.²⁶⁸

Outras dificuldades estavam relacionadas ao pagamento de impostos, como o Imposto de Transmissão de Bens e Imóveis – ITBI, correspondente a 2% do valor venal do imóvel. Apenas a título de amostra, das 498 residências do Conjunto Taquari, 68% dos imóveis não são mais dos mutuários originais, sendo que 23% desse montante não requereram a taxa de ITBI, por não terem como pagar o valor de R\$ 450,00 e noventa e cinco moradias encontravam-se abandonadas. Para a então vereadora do Partido dos Trabalhadores - PT, Flora Isabel, “o ITBI é injusto e segregacionista pois exclui os cidadãos de baixa renda do direito legítimo à moradia.” Segundo ela, “esses números comprovam a falta de uma política habitacional voltada para as reais necessidades do cidadão. Criando, assim, um estado de angústia na população.”²⁶⁹

A proposta de isenção do referido imposto foi levada à Câmara Municipal de Teresina e aprovada em junho de 1997. De acordo com a nova legislatura, ficavam isentas do pagamento do ITBI as pessoas que adquirissem imóvel em área considerada carente. Era considerada área carente aquela que não detivesse pelo menos dois dos seguintes equipamentos: rede de esgoto, escola, rede de energia elétrica, abastecimento de água e limpeza pública. Para garantir a isenção, o imóvel só poderia possuir no máximo 40 metros quadrados e uma área de até 200 metros quadrado de terreno. Muitos dos conjuntos habitacionais em construção se encaixavam nesses requisitos, o que contribuiu em parte na regularização dos imóveis.²⁷⁰

A Caixa Econômica Federal buscava alternativas para diminuir o alto índice de inadimplência por parte dos mutuários. Além das já utilizadas negociações para reduzir os valores dos juros acumulados, o órgão também lançou mão de sorteios de eletrodomésticos como geladeiras, aparelhos de TV, fogões e etc. A maior inadimplência ocorreu no ano de 1994 quando atingiu a cifra de 85%.²⁷¹ Outra medida adotada pela empresa era descontos de 30 a 50% sobre o saldo devedor na quitação das parcelas do Sistema Financeiro de Habitação, em

²⁶⁷ PRESTAÇÃO da casa própria começa a cair com o SACRE. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.988. p. 04, 31 maio 2000.

²⁶⁸ JUSTIÇA manda Cohab baixar valor da prestação. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.981. p. 11, 24 maio 2000.

²⁶⁹ MUTUÁRIOS abandonam o Conjunto Taquari. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3052, p. 02, 03 jun 1997.

²⁷⁰ IMENDA reduz ITBI dos bairros carentes. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3.083. p.04, 12 jul 1997.

²⁷¹ COHAB-PI sorteará prêmios com quem paga a casa em dia. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3053, p. 05, 04 jun 1997.

contratos com maior tempo de realizado, por meio de medidas provisórias assinadas pelo governo federal, davam a possibilidade de redução dos juros e amortização do financiamento.²⁷²

Uma evidência do limitado poder aquisitivo da população teresinense foi a baixa procura na segunda etapa do Programa de Arrendamento Residencial – PAR. As inscrições para apartamentos que já se encontravam prontos chegaram a ser prorrogadas porque o número de inscritos era inferior à quantidade de unidades oferecidas. Eram 880 apartamentos divididos em seis condomínios situados em vários bairros de Teresina.²⁷³ Fato semelhante ocorreu com o Residencial Zequinha Freire, situado no loteamento Vila do Gavião, zona Leste de Teresina, no qual eram oferecidas quinhentas unidades, e apenas 77 servidores públicos haviam feito a inscrição, o que obrigou a Caixa Econômica Federal a ampliar para demais categorias, não limitando apenas a servidores públicos, que cumprissem os requisitos de possuir renda entre R\$ 600,00 e R\$ 1.200,00, não ser proprietário de imóvel residencial no município ou possuir financiamento imobiliário e não estar com o nome restrito em cadastro de crédito.²⁷⁴

A municipalidade não enfrentou nenhuma solução de descontinuidade dos seus projetos no que tange à questão habitacional, nas administrações subsequentes, uma vez que o mesmo grupo político se manteve no poder, com o médico eleito prefeito Sílvio Mendes de Oliveira Filho²⁷⁵, que também era do PSDB. Nesse sentido, os projetos elencados para as intervenções na cidade, como o Projeto de Revitalização do Centro de Teresina²⁷⁶ e os programas habitacionais tiveram continuidade na nova gestão, resguardadas as devidas diferenciações na forma de governar daqueles representantes do poder Executivo municipal.

O prefeito Sílvio Mendes assumiu seu governo tendo como prioridade acabar com as moradias em área de risco na capital e enfrentar a política de ocupações irregulares em Teresina. A implementação da política municipal habitacional foi desenvolvida por meio dos projetos Vila-Bairro, Morar Melhor, Programa de Subsídio à Habitação de Interesse Social – PSH e Lagoas do Norte. Foram ao todo cerca de 13 mil famílias atendidas com políticas habitacionais, entre construções e melhoramentos residenciais durante o seu mandato. Os investimentos nesse

²⁷² CAMPANHA facilitará quitação de imóvel. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 4.043. p.09, 12 set 1997.

²⁷³ MARTINS, Delano. Baixa procura faz CEF prorrogar inscrições do PAR. *O Dia*. Teresina, ano LV, n. 14.692, p. 03, 23 fev 2006.

²⁷⁴ COHAB estende prazo de inscrições do PA. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.431, p. 05, 26 fev 2007.

²⁷⁵ Nasceu na cidade de Campo Maior, norte do estado do Piauí, em 31 de agosto de 1949. É formado em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco, Especializado em Ortopedia na [Universidade de São Paulo](#). Foi presidente da Fundação Municipal de Saúde nas gestões dos prefeitos [Raimundo Wall Ferraz](#) (1993-1995) e [Francisco Gerardo](#) (1995-1996), e nos dois primeiros pleitos de [Firmino Filho](#) (1996-2004). Eleito prefeito de Teresina para o quadriênio (2005-2008), sendo reeleito para o seguinte (2009-2012). TERESINA. Prefeito Sílvio Mendes. Acervo Digital. Disponível em: <http://200.23.153.37/acervodigital/autor/prefeito-silvio-mendes>. Acessado em 08 de janeiro de 2021.

²⁷⁶ Veremos esse projeto de forma mais detalhada no 2º capítulo.

setor chegaram a R\$ 121 milhões. Tais recursos não eram destinados apenas às moradias, mas toda a infraestrutura que envolve esse setor. As intervenções eram integradas às infraestruturas físicas e urbanas, implantação de equipamentos comunitários, ações de educação ambiental e sanitária associada à capacitação profissional.²⁷⁷

O programa Vila Bairro consolidou as vilas existentes em Teresina em verdadeiros bairros, como já foi demonstrado anteriormente, eram ações integradas com padrões mínimos de urbanização, orientado para o desenvolvimento socioeconômico. Além da construção e melhoramento habitacional, o programa também incluía implantação de redes de abastecimento de água e energia elétrica, pavimentação, construção de creches, escolas, quadras de esportes e centros comunitários.

O programa Morar Melhor tinha a finalidade de proporcionar moradia digna àquelas famílias que possuíam um terreno regularizado, mas não tinham condições de construir uma casa dentro dos padrões normativos de habitação. De modo que a municipalidade financiava a substituição de paredes de taipa e teto de palha por casas de tijolos e telhas, além de instalações sanitárias. As obras eram realizadas em sistema de mutirão. Em cooperação com a Caixa Econômica Federal, a Prefeitura de Teresina beneficiou cinco mil residências, atendendo pessoas que moravam em situações precárias. Após cadastramento e avaliação realizada por assistentes sociais, as famílias recebiam a quantia de R\$ 10,4 mil, que seriam pagas em setenta e duas parcelas fixas de R\$ 25,00. Para tanto, era exigida que a casa fosse feita em terreno regularizado que já possuísse instalações de energia elétrica e água, e renda de um salário mínimo.²⁷⁸

Por outro lado, as obras feitas com recursos do BNDS, através do programa de Subsídio à Habitação de Interesse Social – PSH, as famílias cadastradas recebiam um lote de terreno urbanizado pela prefeitura e o material de construção foi financiado também pela prefeitura para os moradores. Assim como o Programa Morar Melhor, as casas foram construídas no regime de autoconstrução e as obras coordenadas por técnicos da Prefeitura de Teresina.²⁷⁹ Havia ainda as residências que foram construídas através do Programa Lagoas do Norte. Estas habitações eram destinadas a um público específico, ou seja, destinadas a moradores que viviam em áreas de risco de alagamento na zona Norte de Teresina, na área abrangida pelo programa. A construção e entrega das moradias ocorreram por etapas, sendo a primeira delas o Residencial 1.

²⁷⁷ PREFEITURA prioriza habitação em Teresina. *O Dia*. Teresina, ano LVI, n. 15.391, p. 04, 27 jan 2008.

²⁷⁸ PROJETO vai construir cinco mil casas. *Diário do Povo*. Ano XIX, n. 6.968, p. 04, 17 nov 2005.

²⁷⁹ Vila-Bairro leva estrutura a localidades. *O Dia*. Teresina, ano LVI, n. 15.391, p. 04, 27 jan 2008.

Esse residencial era composto por 327 unidades habitacionais situadas na rua Rui Barbosa, no terreno da antiga usina de asfalto da Eturb, zona Norte da capital. Construído para abrigar as famílias que ocupavam áreas de risco às margens de lagoas e canais dos bairros São Joaquim e Matadouro. Cada residência saiu ao custo de R\$ 22 mil reais, sendo entregues com todas as instalações de sistemas hidráulicos, elétricos e sanitários, além da urbanização da rua, com pavimentação e iluminação pública. A obra foi orçada em R\$ 7,4 milhões. Um diferencial nessas construções foram as particularidades dos tipos de moradias que foram respeitadas e atendidas suas especificidades, como, por exemplo, em vinte e uma casas tiveram um espaço reservado ao comércio, respeitando as atividades econômicas já realizadas pelos moradores beneficiados. Outras três casas foram adaptadas para atender às necessidades dos proprietários que possuíam deficiência física, suprindo as dificuldades de locomoção dessas pessoas.

O prefeito Sílvio Mendes comenta os impactos esperados com a entrega do residencial às famílias.

Essa obra tem uma grande simbologia para Teresina, já que vai abrigar famílias que sofrem com enchentes. A construção é de boa qualidade, com uma excelente localização, na rua Rui Barbosa, principal via da região, que tem movimentação intensa e com transporte coletivo facilmente acessível. [...] O poder público está investindo muito nessa região e não vamos permitir que as pessoas retornem para as áreas de risco ou vendam o imóvel que estão recebendo.²⁸⁰

Foi no primeiro quadriênio em que a cidade de Teresina foi governada pelo então prefeito Sílvio Mendes (2005-2008) que medidas mais contundentes foram tomadas no sentido de barrar o crescimento do número de ocupações irregulares na capital. Ao assumir o mandato, uma das primeiras propostas do prefeito foi a criação do projeto de lei proibindo a Prefeitura de Teresina de desapropriar imóveis ocupados de modo irregular. Conforme o prefeito, o objetivo era combater a “indústria da invasão” e garantir os direitos da propriedade privada. Dessa forma, outra medida, também nesse sentido, era a realização de um cadastro rigoroso das famílias sem-teto, para evitar que a ocupação de imóveis fosse utilizada como uma atividade rentável. Constava ainda no projeto de lei, que a prefeitura estaria proibida de realizar qualquer obra de infraestrutura nesses terrenos. Para ele, “a prefeitura não vai gastar dinheiro com

²⁸⁰ ETAPAS do Lagoas do Norte será inaugurado em agosto. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.264, p. 09, 13 jun 2009.

invasões, seja onde for.”²⁸¹ Tudo isso com o objetivo de coibir as ocupações de terrenos na cidade.

A medida foi recebida com indignação pela FAMEPI. De acordo com o presidente Dino Pereira, “essa proibição vai dificultar a regularização das terras na maioria das vilas de Teresina”. Ele ainda afirma que as ocupações foram responsáveis por gerar moradia para cerca de quarenta e cinco mil famílias e que o déficit é de setenta mil moradias. Dessa forma, para Pereira, com essa medida, “a prefeitura estava omitindo o seu papel de buscar moradia digna para os sem tetos.”²⁸² Os embates nesse campo foram acirrados ainda mais, no momento em que a questão da moradia era um dos principais problemas enfrentados pela maioria dos moradores da capital. Esse assunto será analisado em outro tópico desse capítulo de forma mais detalhada.

As intervenções realizadas pelos representantes dos governos estadual e municipal em parceria com o governo federal trouxeram algumas mudanças em relação à questão habitacional na capital. Programas como o Vila Bairro e de regularização fundiária, como vimos, trouxeram alguns resultados, pois possibilitaram trazer alguns equipamentos urbanísticos para as localidades mais pobres da cidade, bem como algumas melhorias habitacionais, entretanto, a questão da moradia ainda se mostrava como uma questão desafiadora, uma vez que os níveis de empregabilidade e geração de renda eram extremamente baixos, arrastando uma parte considerável da população teresinense para pobreza extrema. Essas pessoas vão à procura de inserção no espaço urbano por meio de processos de ocupações irregulares que, como vimos, espalharam-se, de forma intensa na cidade.

1.4 Vila Irmã Dulce: a luta por moradia e a história de resistência

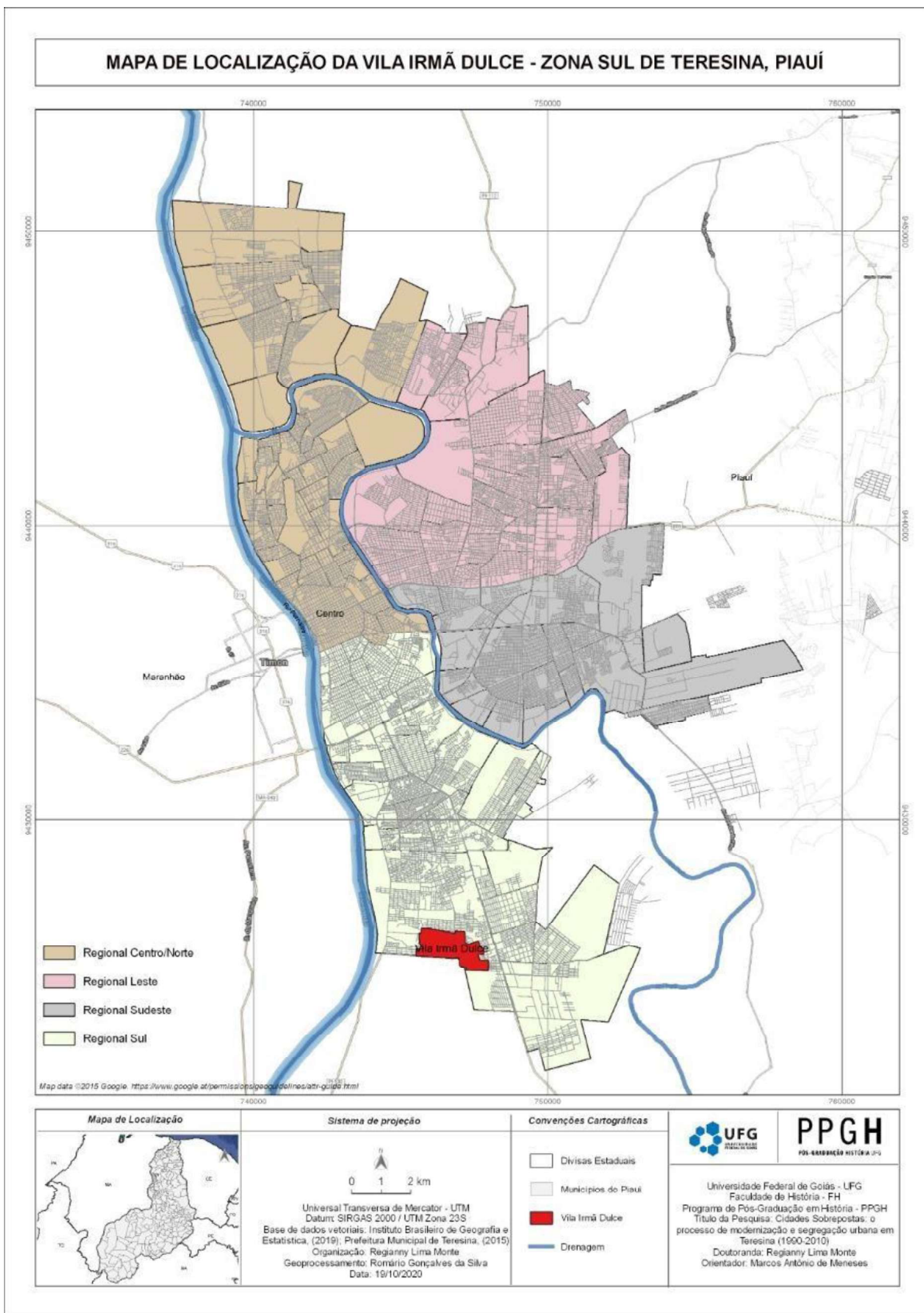
Teresina, assim como nas demais capitais brasileiras, como vimos, passava por intensos processos de ocupações e os consequentes conflitos por moradia durante os anos de 1990. Nesse contexto, insere-se a ocupação da Vila Irmã Dulce, ocorrida em 1998, na zona Sul da capital. Situada no perímetro do bairro Angelim, em um terreno nas proximidades do Residencial Esplanada, compreendendo cerca de 118 hectares, onde estava previsto para a construção de uma nova etapa de um Conjunto Habitacional, o Residencial Esplanada, distante cerca de 15

²⁸¹ PREFEITO proíbe infraestrutura em terreno invadido. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.525, p. 03, 08 set 2005.

²⁸² SENA, Yala. Sílvio apresentará lei que proíbe desapropriação de imóveis invadidos. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.322, p. 05, 16 fev 2005.

quilômetros do centro da cidade. O terreno era de propriedade de *Ciro Nogueira Lima Filho*²⁸³, *The Construções*, *Júlio Soares* e *Banco do Estado do Piauí*. No mapa a seguir é possível visualizar

²⁸³ Nasceu em 21 de novembro de 1968, em Teresina. Formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ. Membro de uma família com larga tradição política no estado do Piauí. Também seguiu carreira na política. Foi deputado federal em quatro legislaturas (1995-1998, 1999-2002, 2003-2006 e 2007-2010). Eleito Senador da República por duas vezes, em 2010 e 2018, (2011-2018 e 2019 – 2026). Foi filiado ao Partido da Frente Liberal-PFL e atualmente segue a sigla do Partido Progressista-PP.



De acordo com Ângela Oliveira Vieira e Antônio Cardoso Façanha, o processo que deu origem à ocupação Vila Irmã Dulce é reflexo de uma ação conjunta que vinha se fortalecendo por todo o Brasil sobre ocupações urbanas, não se tratava de um movimento espontâneo de ocupação de terrenos devolutos por sem-teto, muito comum em Teresina. Pelo contrário, tratava-se de uma ocupação organizada pela Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários (FAMCC), seguindo as orientações do Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN). A data marcada para a ocupação foi, propositalmente, 03 de junho de 1998, dia em que ocorreriam, simultaneamente, diversas ocupações em vários Estados da Federação. O propósito era chamar atenção do poder público para o problema da moradia.²⁸⁴

Em entrevista ao Jornal *O Dia*, o diretor de Formação Política da FAMCC, Oriosvaldo Raimundo Ferreira informou como se deu o processo de organização da ocupação da Vila Irmã Dulce.

Nesta invasão, segundo Ferreira, a federação recolheu todos os levantamentos feitos por associação de bairros das zonas leste, sul e norte de Teresina, além da cidade de Timon, no Maranhão, para cadastrarem mais de cinco mil famílias que agora ocupam aquelas terras que foram divididas em cinco mil lotes de 10m x 20m, com áreas para infraestrutura e lazer como praças e quadras de esporte e também para escola e posto médico. Tudo como manda as normas da prefeitura, até as ruas e avenidas com tamanhos e padrões, obedecendo ao código de postura da cidade. No local, há uma estimativa de que trinta por cento já estão com casas levantadas ou em início de construção. ‘Nós ocupamos esse terreno no dia três de junho deste ano, a uma hora da manhã, com três mil e quinhentas famílias cadastradas e já desmatando toda a área,’ completou Raimundo. Ele acrescentou que em seguida mais mil e quinhentas famílias foram cadastradas de várias regiões da cidade.²⁸⁵

A ocupação também contou com o apoio de várias entidades sociais como a Igreja Católica, Sindicatos, Movimentos Sociais, ONGs, Partidos Políticos, Comissão Pastoral da Terra (CPT), dentre outros. Para Rodrigues Neto, o fato de as famílias contarem com uma forte base organizacional tanto de apoio jurídico, como político, na qual as entidades envolvidas mediavam as “negociações” com o poder público, especialmente com os governos municipal e estadual, uma vez que cabe à prefeitura a organização do uso e da ocupação do solo urbano,

²⁸⁴ VIEIRA, Ângela Oliveira; FAÇANHA, Antônio Cardoso. Ocupação Vila Irmã Dulce: uma experiência na luta urbana de Teresina (PI). *XI Encontro Nacional da ANPEGE – a diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação*. Presidente Dutra, 2005. Acessado em 31 jan 2017. <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/8/236.pdf>>

²⁸⁵ COELHO, Marcelo. FAMCC planejou ocupação por seis meses: a invasão do terreno de 64 hectares, que fica ao lado do Esplanada, por cinco mil famílias foi bem organizada. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.945. p.06, Cad. Cidade, 13 jul 1998.

sendo o terreno também de propriedade do governo do estado.²⁸⁶ Para Antônio Cardoso Façanha,

Essa ocupação de terra teve um significado diferente e particular, representando uma conquista dos setores envolvidos na luta urbana. A concretização do sonho da moradia ocorrida na vila não foi uma conquista individual, e sim, coletiva, cristalizando na história e no tecido urbano da cidade um momento ímpar em que a ordem social foi alterada em defesa da moradia, da terra, da cidadania e da vida.²⁸⁷

Entretanto, o processo de ocupação não ocorreu sem embates, principalmente entre os moradores e os proprietários do terreno que recorreram à justiça reivindicando a reintegração de posse da área. A primeira ação judicial deu-se apenas 48 horas após a ocupação. Os proprietários do terreno entraram com uma ação conjunta solicitando a reintegração de posse junto à 2ª Vara Cível. O movimento responsável pela ocupação organizou uma manifestação em frente ao Fórum Cível no sentido de pressionar o juiz, sensibilizando-o para a situação. O movimento solicitou uma inspeção judicial ao local, juntamente com o pedido de suspensão do processo de reintegração de posse. As solicitações foram atendidas pelo juiz Dr. José Ramos Dias Filho. Entretanto, os proprietários, após o término do prazo da liminar, entraram novamente com o pedido de reintegração de posse e desta vez foram atendidos.²⁸⁸

Nesse ínterim, o movimento de ocupação da Vila Irmã Dulce buscou junto ao poder público municipal e estadual uma solução para a questão. Em uma ação conjunta realizada no dia 20 de julho de 1998, ocuparam simultaneamente a sede do governo estadual o Palácio de Karnak e a sede da Prefeitura Municipal de Teresina. A ocupação foi marcada por tumulto e agressões físicas entre os manifestantes e a polícia militar, mas teve como resultado uma audiência pública realizada no mesmo dia.²⁸⁹ Estiveram presentes, além do governador Mão Santa e o prefeito Firmino Filho, a presidente do Serviço Social do Estado, Adalgisa Moraes Sousa, o Secretário de Segurança, Juarez Tapety, o comandante da Polícia Militar do Piauí, coronel Valdílio Falcão, o Secretário Municipal de Saúde, Sílvio Mendes e o chefe de gabinete da Prefeitura, Charles Silveira. Além de lideranças políticas como o deputado estadual

²⁸⁶ RODRIGUES NETO, Edmundo Ximenes. *Governo municipal e movimentos sociais na gestão da moradia em Teresina: um exame das experiências das Vilas Alto da Ressurreição e Irmã Dulce*. 2005. 155f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Políticas Públicas do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

²⁸⁷ FAÇANHA, Antônio Cardoso. A evolução urbana de Teresina: passado, presente e ... In: *Carta CEPRO*. Teresina, v.22, n.01, jan/jun 2003. p. 66.

²⁸⁸ EMPRESÁRIOS pedem a expulsão das famílias. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.299, p. 09, 09 jun 1998.

²⁸⁹ TUMULTO em invasão de sem-teto à prefeitura. Tanto o Palácio de Karnak quanto a sede da Prefeitura Municipal foram ocupados pelos sem teto, fato que acabou resultado em tumulto. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.951. p.06, 21 jul 1998.

Wellington Dias e as vereadoras Francisca Trindade e Flora Isabel, juntamente com os líderes do movimento.²⁹⁰

O governo do estado propôs remanejar todas essas famílias para um assentamento em uma gleba de terras de 89 hectares, área equivalente à ocupada em área, no Povoado Santa Teresa, zona rural de Teresina, comprometendo-se a fazer a limpeza e divisão dos terrenos, assim como se responsabilizando em realizar a transferências dos moradores em caminhões. Entretanto, as tentativas de negociação foram frustradas, pois os manifestantes recusaram-se a migrar para zona rural justificando que não teria oportunidade de trabalho para todos, além do fato da área ocupada poder oferecer futuramente uma infraestrutura urbana.²⁹¹

As ocupações nas sedes dos poderes Executivo municipal e estadual dividiram opiniões. No editorial do Jornal *O Dia*, o posicionamento foi o seguinte:

São lamentáveis as cenas que ontem vimos acontecer no Palácio de Karnak e no Paço Municipal. Naturalmente que incentivadas, famílias inteiras de sem-teto invadiram os dois ambientes dispostas, previamente, a espalhar destruição, pânico e caos. Resta saber agora quem será responsabilizado pelos prejuízos que o grupo espalhou por onde passou. [...] A tensão social urbana é um fato com o qual nos vemos obrigados a conviver parecendo o contraproducente que a falta de escrúpulos políticos tenta agravar ainda mais, criando cenários superficiais, pouco justificáveis. A não ser o fato de estarmos em ano de disputa eleitoral e, portanto, propício a manobras de massas em nome de objetivos políticos.²⁹²

O então prefeito de Teresina, Firmino Filho também se posicionou sobre a ocupação e as manifestações que ocorreram na luta por moradia: “as ocupações de terrenos são grandes problemas para a população, pois geram bolsões de pobreza onde não existem serviços de infraestrutura. Por causa disso, a prefeitura não fará mais desapropriação de terras ocupadas.” O prefeito considerou, ainda, as ocupações como “manobras eleitoreiras, pelo fato delas só ocorrerem durante as campanhas políticas e ainda contarem com a participação de especuladores.”²⁹³ Já os representantes da FAMCC avaliaram como positiva a ocupação do Palácio do Karnak e a sede da Prefeitura Municipal de Teresina. Conforme Francisco de Sales, diretor de habitação da entidade, “o processo de ocupação realizado por essas cinco mil famílias

²⁹⁰ ESTADO e PMT em parceria pelos sem-teto. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.951. p.03, 21 jul 1998.

²⁹¹ SEM-TETO não aceita terreno na zona rural. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.308, p. 09, 18 jun 1998.

²⁹² PONTO de vista da Redação. Editorial. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.951. p.03, 21 jul 1998.

²⁹³ TERESINA terá mais de 50 bairros no ano de 2000. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.305. p. 09, 15 ago 1998.

na ‘Vila Irmã Dulce’ estava ‘parado’. A partir da ocupação dos centros do poder estadual e municipal de Teresina, foram reabertas as negociações em torno da regularização da posse da terra.”²⁹⁴

Esse processo de ocupação da Vila Irmã Dulce reacendeu uma série de discussões em torno do problema da habitação em Teresina, dividindo opiniões em torno dos constantes movimentos com essa finalidade ocorridos na cidade. Os principais periódicos traziam seus posicionamentos, acirrando ainda mais as discussões em torno da situação.

É verdade que há muito sem teto no Brasil, mas também há muitos aproveitadores que se infiltram no movimento para tirar proveito político, ou mesmo para conseguir mais um terreno para si. Enquanto outros mais, que realmente precisam de um teto, ficam na rua da amargura. A Prefeitura Municipal de Teresina não pode pregar o olho diante de tal situação. Sabe-se que há aqueles que burlam a fiscalização, portanto, que a PMT não tome nenhuma decisão favorável a esse contingente, sem antes fazer uma fiscalização rigorosa. A coluna não pretende ser a palmatória do mundo, nem tão pouco tomar partido contra A ou B, mas simplesmente alertar no sentido de que pessoas inescrupulosas tirem vantagem do movimento, prejudicando aqueles que estão lutando pelo direito a um lugar para repousar sua cabeça.²⁹⁵

As discussões em torno dos processos de ocupações ocorridos em diversas áreas da cidade desde o final da década de 1980 e por toda a década de 1990 não tratavam do problema da falta de moradia, que atingia, de maneira mais crucial, a população mais empobrecida da cidade. Mas, recaía novamente sobre a suspeita da especulação imobiliária realizada por algumas pessoas que já possuíam moradia e se infiltravam nos movimentos de ocupação. O periódico cobrava do poder público municipal uma atuação mais enérgica contra essas pessoas. A municipalidade, por sua vez, manifestou-se em resposta ao editorial do jornal: “a prefeitura de Teresina não está apoiando e nem fomentando a ocupação de áreas livres na cidade, pelo contrário, pretende desenvolver uma ação efetiva para impedir ocupações de espaços verdes e institucionais,”²⁹⁶ afirmou o Secretário Municipal de Habitação e Urbanismo, Kleber Montezuma.

Enquanto os embates sobre o processo de ocupação irregulares em Teresina, como a Vila Irmã Dulce, ficavam cada vez mais acirrados entre a imprensa, o poder público e outros

²⁹⁴ FAMCC: positiva ocupação de Karnak e PMT. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.952. p.04, 22 jul 1998.

²⁹⁵ ESTRANHOS no ninho. Roda Viva da Redação. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.952. p.02, 22 jul 1998.

²⁹⁶ MONTEZUMA garante impedir novas ocupações em Teresina. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.961. p. 06, 29 jul 1998.

agentes sociais, o processo de ocupação não parava, pois os moradores daquela área buscavam, mesmo na instabilidade em que estavam inseridos, fincar moradia. Ter um teto, mesmo que incerto e provisório era o sonho da maioria dessas famílias. “No domingo não há tempo para descanso nos terrenos ocupados pelos sem-teto. Dia e noite os barracos vão sendo construídos e tomando aspecto de vilas.” Os moradores invertem a ordem do processo de ocupação do solo urbano: ocupam, edificam e depois buscam a regularização do terreno. “São meses de esperança e impaciência quanto à demora da justiça. Alguns acreditam que o terreno já está ganho. Outros pensam que vão ter que sair do local devido à falta de interesse dos governantes em resolver a situação.”²⁹⁷



Foto 03: Visão parcial da Vila Irmã Dulce.
Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 06 out.1998, p.01

Foto 04: Construção de Casa de pau-a-pique na Vila Irmã Dulce.
Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina 24 ago 1998, p.9

Nas imagens, ressalta-se o material utilizado nas edificações das residências na vila, a madeira e as palhas extraídas de palmeiras como carnaúba e coco-babaçu e o barro abundantes no local, a técnica de construção desse tipo de habitação era de domínio de boa parte da população pois se tratava de uma herança colonial, muito utilizada para fazer “mocambos” nas regiões Norte e Nordeste²⁹⁸, por seu baixo custo foi amplamente adotada na construção de vilas e favelas na capital. Outro elemento visualizado na imagem é o ordenamento e alinhamento das casas, dispostas em formato de quadras, com espaços destinados para a abertura de ruas. Conforme a Lei Complementar n. 3.561-2006, que dispõe sobre Parcelamento do Solo Urbano do Município de Teresina e dá outras providências, no Art. 55, todo loteamento é obrigado a

²⁹⁷ SEM-TETO esperam por posse de terra. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.987. p.08, 24 ago 1998.

²⁹⁸ FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 16. ed. São Paulo: Global, 2006.

destinar da área total, objeto do plano de arruamento ou loteamento, onde serão destinados, no mínimo: 35% das terras à disposição da Prefeitura, onde 20 % serão destinadas a ruas e avenidas, 10% para áreas verdes e praças e 5% para área institucional.²⁹⁹ A Vila Irmã Dulce obedecia a essas especificações como uma maneira de facilitar o requerimento da regularização da posse da terra, com aforamento dos terrenos e futuras aquisições urbanísticas, como praças, creches, escolas e unidades de saúde.

Dessa forma, dava-se o processo de ocupação na cidade de Teresina, marcado por polêmicas, discussões, incertezas. Mas, também, pela busca de inserção na cidade. Para Antônia Jesuíta de Lima, que se deteve em estudar os processos de ocupação do solo urbano de Teresina e a forma de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos da capital durante os anos de 1990, é,

na luta obstinada pela casa própria, [que] se revela menos o desejo de realização de um valor fundamentalmente da sociedade burguesa, a propriedade privada, que a necessidade de construir referências espaciais mais duradouras, de territorializar-se, de ter um lugar no mundo, de dar sentido à existência, para romper com o nomadismo e as relações sociais como fato banal da vida cotidiana. [...] Por isso, conquistar o pedaço de chão representa, para esses sujeitos, a possibilidade de enfrentar com menos sofrimento as circunstâncias adversas, de pensar um futuro melhor e elaborar um sentido diferente sobre a existência.³⁰⁰

A luta por melhorias e assistência dos governos eram uma constante, que envolvia os mais diversos setores sociais que eram acionados ou mobiliados pelas demandas do dia-a-dia. Com três meses da ocupação, o Ministério Público foi acionado. Ocorreram duas audiências públicas com os representantes do Executivo estadual e municipal, com a finalidade de discutir os problemas de acesso à saúde e à educação do local. De acordo com a Promotora da Infância e da Adolescência, Leida Diniz, que entrou com uma representação junto à Prefeitura de Teresina, no sentido de dar garantia ao acesso à educação, pelo menos, a trezentas crianças, que, segundo ela, “estão sendo privadas do direito à educação e à saúde. São obrigações básicas

²⁹⁹ TERESINA. *Lei Complementar n. 3.561 – Parcelamento do solo urbano do Município de Teresina e dá outras providências*. Teresina, 20 de outubro de 2006.

³⁰⁰ LIMA, Antônia Jesuíta de. *As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina: Halley, 3003. p.222 e 223.

que o Governo e a Prefeitura devem conceder. A situação é preocupante e não queremos que essas crianças se juntem àquelas que perambulam pelas ruas”.³⁰¹

Apesar da intensa participação, os moradores da Vila Irmã Dulce foram proibidos, nas duas ocasiões, de participarem das audiências no Ministério Público, além de serem duramente reprimidos pela Polícia Militar que foi acionada para o local. Caminhões levando os demais manifestantes também foram barrados.³⁰² Em nota, entidades e instituições que apoiavam o movimento reivindicatório lançaram uma moção de repúdio contra a truculência utilizada por representantes do poder público contra os moradores que reivindicavam melhorias, ao impedirem-nos de participar da audiência. Assinaram a nota de repúdio a Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários – FAMCC, Movimento de Meninos e Meninas de Rua – MMR, Cáritas, Associação dos Professores da Universidade Federal do Piauí – ADUFPI, Movimento Sem-Terra – MST, Grêmio Estudantil Anísio de Abreu, dentre outros.³⁰³

Cansados de esperar por uma intervenção do poder público, os moradores da vila Irmã Dulce edificaram, em regime de mutirão, uma escola construída com paredes de pau-a-pique e taipa e coberta por telha. A unidade contava com três salas de aulas e pretendia receber inicialmente cerca de 300 alunos. As aulas seriam ministradas nos três turnos, manhã e tarde destinados ao ensino regular das crianças carentes e, à noite, a Educação de Jovens e Adultos – EJA, por sete professores voluntários. Todo material didático era resultado de doações, sendo considerado insuficiente para demanda, carecendo inclusive de mobiliário como carteiras, armários e bebedouros. O estabelecimento escolar foi inaugurado em 28 de outubro de 1998, recebendo a nomenclatura de Escola Alternativa Três de Junho, em referência à data da ocupação da vila. A inauguração contou com a participação da promotora Leida Diniz e do médico pediatra Antônio de Noronha, que ministrou uma palestra sobre cidadania na ocasião, além de outras lideranças como a presidente da FACC, Lucineide Barros e da vereadora Francisca Trindade.³⁰⁴

³⁰¹ REPRESENTANTE de sem-teto é expulsa da prefeitura. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.995. p.09, 1º set 1998.

³⁰² SEM-TETO barrado no Ministério. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.012. p.09, 18 set 1998.

³⁰³ MOÇÃO de Repúdio. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.012. p.09, 18 set 1998.

³⁰⁴ SEM-TETO inauguram escola. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.053. p.09, 2 out 1998.

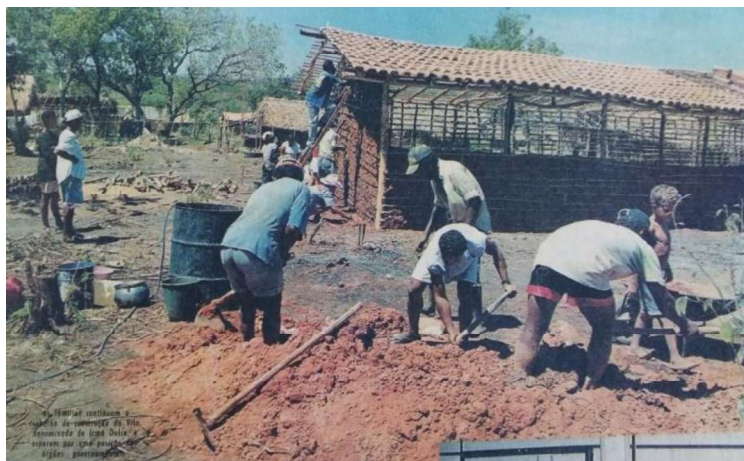


Foto 05: Mutirão na construção da Escola na Vila Irmã Dulce.
Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 1º set 1998, p.09

Duas características que se sobressaem na imagem e são típicas das formações de vilas na cidade de Teresina. Primeiramente, observamos o material precário utilizado nas edificações como o barro e o pau-a-pique, além da palha de coco-babaçu visível nas residências ao fundo, a telha vista na cobertura já é um diferencial por tratar-se de uma unidade escolar construída com material doado. A segunda característica é o trabalho em mutirão. Na ausência do poder público, o ditado “a união faz a força” possui um significado mais expressivo nessas situações, pois, no agrupamento, são tomadas decisões, na realização de tarefas como, por exemplo, na edificação retratada na imagem. O trabalho coletivo possibilita a realização das atividades ao mesmo tempo que funciona como uma etapa do processo democrático e participativo entre os membros da comunidade, o que fortalece o espírito de luta e união no processo de reivindicações junto ao poder público.

Apenas após dois anos do início da ocupação na Vila Irmã Dulce, o poder público passou a atuar de maneira mais efetiva, com a construção de uma unidade escolar e de um centro de saúde. A escola municipal é fruto da luta da comunidade em parceria com o Ministério Público que estabeleceu um prazo para que a Prefeitura Municipal de Teresina entregasse a obra pronta.³⁰⁵ O projeto da unidade de ensino dispunha de 16 salas de aula, sala de vídeo, laboratório e quadra de esportes distribuída em uma área de pouco mais de 7 mil metros quadrados.³⁰⁶ O centro completo de saúde com consultórios, salas de vacina, ambulatório e *holl* de espera foi

³⁰⁵ FAVELA Irmã Dulce completa dois anos e está cheia de problemas. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.991. p.05, 03 jun 2000.

³⁰⁶ OBRAS da escola da Vila Irmã Dulce está um mês atrasada. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.913. p.05, 15 mar 2000.

possível por meio da Empresa Teresinense de Desenvolvimento Urbano – ETURB. A obra foi orçada no valor de 190 mil reais e prazo de entrega em cinco meses.³⁰⁷

Os resultados desse tipo de assistência vieram em seguida. A Unidade de Ensino Dom Helder Câmara atendia alunos do ensino fundamental nos turnos da manhã, tarde e noite. A vila também já contava com uma creche. A Secretaria Municipal da Cidadania, Trabalho e Assistência Social em parceria com a Fundação Wall Ferraz oferecia vários cursos de capacitação nos fins de semana. As melhorias também chegaram ao setor de saúde. Havia três equipes do Programa Saúde da Família, compostas por médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e agentes de saúde que realizavam atendimento domiciliar e no Centro de Saúde Irmã Dulce, onde eram realizados procedimentos preventivos, como pré-natal, aplicação de vacinas e etc.³⁰⁸

Por outro lado, os embates relacionados à Vila Irmã Dulce ocorriam também em torno da vida cotidiana. Após um ano da ocupação, conforme dados do Censo de Vilas e Favelas, constatou-se a presença de 3.047 domicílios, somando um total de 3.019 famílias cadastradas na área, totalizando 9.757 pessoas.³⁰⁹ O que revela a dinâmica do processo de ocupações ocorridas em Teresina, marcada pelas constantes mudanças dos ocupantes, na procura por um local que oferecesse melhores condições de sobrevivência. A demora na implantação dos serviços públicos e na regularização do terreno contribuía para essa sazonalidade.

A presidente da FAMCC, Lucineide Barros, fez um desabafo à imprensa: “morar não é só ter um teto, mas sim toda a estrutura pra viver bem como um cidadão de direito. A Vila Irmã Dulce representa a triste situação de pessoas que não têm onde morar e lutam por um teto.”³¹⁰ Diante da irregularidade em relação à posse do terreno, muitos benefícios como a implantação de uma rede de distribuição de água encanada no local, pavimentação das ruas e iluminação pública tiveram que esperar.

A Vila Irmã Dulce, na Zona Sul, não tem uma rua calçada, nem água encanada. As ruas foram abertas pelos próprios moradores e a maioria não tem condições para o tráfego de carros. São intrafegáveis. Quem mora na rua principal, por onde passam os ônibus da frota de transporte coletivo, reclamam da poeira. As crianças adoecem com facilidade. De

³⁰⁷ VILA Irmã Dulce vai ganhar um centro de saúde esse ano. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.917. p.05, 19 mar 2000.

³⁰⁸ FAVELA tem serviços de qualidade. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.951. p.05, 09 jan 2003.

³⁰⁹ TERESINA. *Censo das Vilas e Favelas* - Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT – 1999.

³¹⁰ MAIOR favela completará um ano no dia três. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.617. p. 02, 10 maio 1999.

todas acerca de seis mil casas hoje construídas, apenas 15% possuem fossas sépticas.³¹¹

Enquanto isso, a população padecia com a falta desses serviços essenciais. O acesso à água só era possível mediante duas torneiras que forneciam o líquido para todas as famílias. No local, formam-se longas filas de moradores que carregavam a água até suas residências. Como uma medida paliativa, foram perfurados doze poços artesianos pelos próprios moradores, entretanto a água sem tratamento é imprópria para o consumo. Essa escassez tem provocado o surgimento de inúmeras doenças.³¹² Apenas após dois anos de existência, a empresa de energia elétrica do Piauí – Centrais Elétricas do Piauí – CEPISA deu início a instalação da rede elétrica da localidade. A obra foi feita por etapas e tinha por finalidade extinguir as “gambiarras” que ofereciam um grande perigo para a população. “A maioria das famílias ainda não tem energia em casa e grande parte da vila durante a noite fica completamente no escuro, facilitando a ação dos bandidos.”³¹³



Foto 06: Vista parcial da Vila Irmã Dulce, em 2000.
Fonte: Jornal *Diário do Povo*, Teresina, 11 jan 2000, p.05.

Na imagem, há um retrato das dificuldades vivenciadas no âmbito da vida cotidiana dos moradores da Vila Irmã Dulce: os moradores transitando pelas ruas sem calçamento, carregando água para o abastecimento diário de suas casas; o emaranhado de postes dando

³¹¹ A VILA Irmã Dulce não tem uma rua calçada. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.104, p.2, 03 out 2000.

³¹² OCUPANTES vivem sem condições de moradia. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.044. p.09, 20 out 1998.

³¹³ SEM-TETO cobram da CEPISA o fim das gambiarras em vila. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.961, p.5, 04 maio 2000.

sustentação à rede elétrica improvisada pelos moradores para levar o serviço mesmo de forma irregular aos seus lares. Mas do que a escassez dos serviços públicos, a imagem revela também a resiliência da população, ao buscar resolver com suas próprias mãos os problemas que surgiam em seu cotidiano, mostrando como a população da periferia da cidade também constrói a cidade.

A espera pela implantação de um sistema regular de abastecimento de água na vila demorou um pouco mais. Apenas quase quatro anos depois de iniciada a ocupação, foram instalados 60 km de encanamento e dois reservatórios que assegurariam a chegada desse líquido tão desejado às residências dos moradores da Vila Irmã Dulce, com 5.380 ligações, garantindo abastecimento para cerca de 30 mil moradores.³¹⁴ A moradora Maria do Carmo Coutinho, de 35 anos, afirma que, com água encanada, já pensa em ter mais conforto em sua residência. “Só em pensar que vou ter água em casa à noite, sem pegar fila, é bom demais, com a obra da AGESPISA, vou poder colocar um chuveiro em casa.”³¹⁵

Entretanto, com o crescimento vegetativo da própria comunidade, esses aparelhamentos mostraram-se insuficientes para cobrir toda a demanda. Em 2005, a comunidade já contava com quase sete mil famílias e de acordo com o presidente do grêmio comunitário, José William Ferreira dos Santos, toda a população da Vila Irmã Dulce era atendida apenas por um posto de saúde, uma unidade escolar e uma creche. “Nossas crianças precisam ir para outros bairros vizinhos para estudarem, pois, a escola que fica aqui não consegue atender todo mundo. Precisamos de pelo menos mais uma escola para que todas as crianças possam estudar aqui.”³¹⁶

A precariedade do saneamento básico da vila gerava uma série de doenças. Parte das ruas chegaram a ser pavimentadas, a maioria com paralelepípedo e apenas a avenida principal teve um dos trechos asfaltado. O resultado era muito mato e buracos que acumulavam águas servidas no leito das ruas. A coleta de lixo era precária. Em decorrência do estado em que se encontravam as ruas da vila, a prefeitura não disponibilizava carros coletores de lixo. Em vez disso, contratava carroceiros locais para recolher o lixo das residências. No relato do carroceiro Francisco Lucas, é possível observar os problemas ali enfrentados diariamente pela população. “A cada dia que se passa, a situação das ruas piora ainda mais, e algumas já estão praticamente

³¹⁴ VILA Irmã Dulce ganha água encanada. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.553. p. 01, 03 mar 2002.

³¹⁵ ÁGUA encanada chega a 5.380 residências na vila. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.553. p. 03, 03 mar 2002.

³¹⁶ MORADORES da Vila Irmã Dulce sofrem com falta de estrutura. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.438, p. 07, 18 maio 2005.

intrafegáveis, a lama, muitas vezes, faz com que os pneus da minha carroça fiquem atolados e acabo perdendo tempo de recolher os lixos.”³¹⁷

Após quase quatro anos de existência, através do decreto 5.292, de 07 de agosto de 2002, as 115 ruas e uma avenida da Vila Irmã Dulce receberam denominações. O decreto foi assinado pelo prefeito Firmino Filho e fez parte das ações de comemoração do Sesquicentenário de Teresina, no qual também foi assinada a denominação de mais 175 ruas e avenidas nos mais diversos bairros da capital. A maior parte das ruas e da avenida principal da Vila Irmã Dulce receberam nomenclaturas de santos e religiosos ligados à causa dos menos favorecidos. Seguindo a linha de escolha do próprio nome da vila, Irmã Dulce³¹⁸, uma religiosa que dedicou toda sua vida em favor de ajudar os mais pobres e necessitados, os santos e santas compuseram as denominações das ruas e da avenida principal, esta denominada de Santa Madre Paulina.³¹⁹ As Nossas Senhoras das Graças, do Porto, do Rosário, dos Navegantes estavam entre as homenageadas. Apóstolo Simão, São Lázaro, São Domingos, Santo Isidoro também emprestavam seus nomes para as ruas, além das ruas do Criador e da Cristandade. Dentre outras denominações, estavam, ainda, as ruas Felicidade, Das Flores, Futuro, Ética e Livramento, representando desejos e aspirações da população introjetadas na nomenclatura das ruas que cortavam a vila, e até mesmo inusitadas como Disney e Caribe, conhecidos destinos turísticos de férias de pessoas mais abastadas.³²⁰ Nenhumas delas beneficiadas com calçamento ou asfaltamento até então.³²¹

Apesar de parecer de menor importância diante de tantos aparelhamentos urbanos reivindicados pela população local, a nomeação das ruas representava muito para os moradores que lutaram tanto por um espaço na gleba urbana. Nomear ruas constitui um passo a mais na conquista daqueles moradores, uma vez que é um reconhecimento oficial do poder público de

³¹⁷ MARTINS, Delano. Moradores reclamam da falta de estrutura na Irmã Dulce. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.647, p. 09, 05 jan 2006.

³¹⁸ Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes, Irmã Dulce, nasceu em [Salvador-BA](#), em [26 de maio](#) de [1914](#), ganhou notoriedade por suas obras de caridade e de assistência aos pobres e necessitados. Ela também criou e ajudou a criar várias instituições filantrópicas: uma das mais importantes e famosas é o [Hospital Santo Antônio](#). Atualmente o hospital é uma referência no tratamento de câncer e atende diariamente mais de cinco mil pessoas. Foi uma das mais importantes, influentes e notórias ativistas humanitárias do [século XX](#). Suas obras de caridade são referência nacional e ganharam repercussão pelo mundo. Seu nome é sempre relacionado à caridade e amor ao próximo. Foi indicada ao [Prêmio Nobel da Paz](#) no ano de 1988. Faleceu em 13 de março de 1992 e foi canonizada e declarada a primeira santa nascida no Brasil pelo Vaticano em 13 de outubro de 2019.

³¹⁹ Dedicou sua vida em prol de crianças órfãs e de ex-escravizados abandonados, recentemente canonizada, em 19 de maio de 2002, pelo papa João Paulo II. Mesmo não tendo nascido no Brasil, é considerada a primeira santa brasileira.

³²⁰ RUAS DO BRASIL. Lista de ruas Vila Irmã Dulce, Teresina In: <https://ruas-brasil.openalfa.com/vila-irmã-dulce_teresina>. Acessado em 13 de outubro de 2019.

³²¹ RUAS da Vila Irmã Dulce sob a proteção de todos os santos. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.816. p.01, 23 ago 2002.

que aquele espaço foi ocupado definitivamente, representa mais uma segurança. Mas, acima de tudo, traz um significado ainda maior. Possuir um endereço, nome de rua, número de casa, CEP traz-lhes uma cidadania negada durante muitos anos. Insere-os oficialmente no espaço urbano. Esses moradores agora podem receber uma correspondência, um objeto adquirido mediante a compra no comércio varejista, em sua residência. É um momento marcante para esses moradores.

Após cinco anos do início da ocupação, cerca de um terço dos aproximados 150 hectares que foram ocupados ainda permaneciam sem regulamentação. A Prefeitura Municipal de Teresina já havia regularizado 107 hectares por meio de negociações com os proprietários dos terrenos, uma vez que a região já havia recebido inúmeros beneficiamentos urbanos. Dessa forma, a regularização fundiária da vila era de interesse do poder público municipal, uma vez que o local já havia passado por beneficiamentos urbanos e evitaria que esses moradores ocupassem outras áreas, que gerariam mais custos para os cofres públicos.³²²

As manifestações de protestos e reivindicações junto ao poder público estadual e municipal repetiram-se por vários anos, fazendo parte do cenário da cidade com o objetivo de chamar a atenção da sociedade para o problema habitacional vivenciado por aqueles sem-teto que haviam participado de várias ocupações nos mais diversos pontos da cidade e que reivindicavam uma solução para o problema.³²³ Havia uma apreensão em torno de dar garantias a essa população, não apenas enquanto direitos desses cidadãos, mas como uma espécie de controle sobre esses moradores.

Após cinco anos de sua criação, a Vila Irmã Dulce volta ao contexto nacional quando então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006) assume a presidência do Brasil e elenca como principal meta de governo erradicar a fome no país. Sua equipe de governo toma como referência dados do IBGE, que afirmam ser os municípios de Guaribas e Acauã no estado do Piauí como os mais pobres, ou seja, com IDHs mais baixos do país, para o lançamento oficial do Programa denominado de “Fome Zero”. Inicialmente, a proposta era que o presidente e sua comitiva formada por técnicos e ministros visitassem esses municípios. Entretanto, por uma questão de logística, foi substituída por uma vila na capital do estado. Diante da repercussão nacional da Vila Irmã Dulce, essa foi escolhida para a visitação e lançamento do programa. Mas algumas pessoas posicionaram-se contrárias a essa escolha, como o jornalista Edinaldo Cícero Freitas, editor do caderno de cidades do Jornal Diário do Povo.

³²² PMT regulariza lotes da Irmã Dulce. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.958. p.05, 01 fev 2003.

³²³ SEM-TETO reivindicam moradia. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.074. p.09, 19 nov 1998.

Escolhida para receber a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Vila Irmã Dulce, na zona sul, não é um referencial maior da pobreza de Teresina, a ponto de substituir os municípios de Guaribas e Acauã, no sul do estado. Existem na capital favelas em pior situação, onde o presidente da república presenciaria, com maior crueza, a miséria enfrentada pelo piauiense. Temos favelas em pior situação, onde a população não tem água encanada, energia elétrica, ruas calçadas e outros serviços básicos. [...] As favelas Santa Joana d'Arc e Madre Teresa de Calcutá, na zona leste; Vila do Avião e Parque Brasil, na zona norte, por exemplo, possuem os mais graves bolsões de pobreza de Teresina.³²⁴

Já para os residentes da vila, a visita do presidente dava-se pelo contexto de luta e resistência na qual foi criada a vila e representava mais uma oportunidade de reivindicar melhorias, especialmente habitacionais e a legalização da posse das residências.³²⁵ Apesar das divergências, no dia 10 de janeiro de 2003, o presidente e sua comitiva estiveram na Vila Irmã Dulce, onde foram recepcionados por moradores e outras autoridades políticas. O representante comunitário José Levy Lima entregou ao presidente um documento com as principais reivindicações dos moradores da vila. Entre elas, estava a geração de emprego e renda, habitação popular, programas de infraestrutura e maior investimento em educação e saúde.³²⁶ O presidente Lula entrou em algumas casas da vila e, durante seu discurso, ficou consternado com a situação de miséria em que se encontravam muitas famílias e comprometeu-se em dar resolutividade aos problemas ali encontrados.³²⁷

A visita do então presidente à Vila Irmã Dulce deu visibilidade nacional para aquela que foi considerada a maior ocupação organizada da América Latina. A questão da moradia sem dúvida era um dos principais problemas da Vila Irmã Dulce, das aproximadamente cinco mil residências, cerca de 4 mil eram inapropriadas para a moradia. Possuíam infraestrutura deficitária, feitas em sua maioria de taipa e pau-a-pique. Uma das saídas encontradas pelo então governador do estado Wellington Dias (2003-2006) foi um convênio com a COHAB-PI para a construção inicialmente de 1.133 residências. Foi criada uma comissão composta por engenheiros e assistentes sociais para classificar as famílias mais necessitadas. As residências

³²⁴ FREITAS, Edinaldo Cícero. A fome no Piauí: Vila Irmã Dulce já não é a mais pobre. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.950. p.09, 08 jan 2003.

³²⁵ MORADORES querem melhorias habitacionais: os favelados esperam que a visita de Lula à Vila Irmã Dulce represente a chegada de mais conforto e segurança. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.952. p.09, 10 jan 2003.

³²⁶ COMITIVA de Lula se assusta com a miséria. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.953. p.01, 11 jan 2003.

³²⁷ FREITAS, Edinaldo Cícero. Compromisso: Lula garante melhorias para vilas e favelas. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.953. p.09, 11 jan 2003.

eram de 48m², divididos em cinco cômodos, com dois quartos, uma sala, um banheiro e cozinha.³²⁸ O custo total da casa, com material de construção e mão-de-obra, chegava a R\$ 5.700,00 e o morador iria pagar uma prestação mensal de R\$ 17,00, em 75 parcelas. Além da melhoria habitacional, o projeto também garantiu emprego e renda para cerca de 500 pessoas.³²⁹

Entretanto, a construção dessas residências, que também contava com recursos do governo federal, por meio do Programa de Subsídio Habitacional, passou por alguns problemas.

Várias denúncias foram feitas a respeito de desvio de materiais de construção a superfaturamento da obra³³⁰, a materiais de qualidade inferior, a atrasos na entrega das construções³³¹ e ainda do número ser insuficiente conforme a demanda.³³² Logo após a entrega de algumas unidades, verificou-se a presença de rachaduras em cerca de cem residências. Muitos moradores tiveram que deixar suas casas porque elas corriam o risco de cair, segundo o presidente da Fundação de Ação Social em Prol da Vida da Vila Irmã Dulce, José Borges de Sousa Leal.³³³ Mas o presidente da COHAB-PI, Marcelo Mascarenhas, afirma que apenas três casas apresentaram problemas de infraestrutura por conta da instabilidade do terreno em que foram construídas.³³⁴

A visita do presidente e seus ministros também deixou como legado a construção de uma adutora que levou água para aquela região da zona sul, beneficiando não só os moradores da Vila Irmã Dulce, mas cerca de cem mil pessoas que residiam em bairros próximos. A obra foi feita por meio de uma parceria do governo do estado do Piauí e o Ministério das Cidades, que investiram, respectivamente, R\$ 500 mil e R\$ 4,5 milhões. “Esta obra é mais uma etapa das promessas do presidente Lula, que veio ao estado no início de seu governo prometendo melhorar a qualidade de vida da população da vila.”³³⁵ Outras ações também passaram a serem feitas após essa visita, como o programa de alfabetização e cursos profissionalizantes.³³⁶

³²⁸ CASAS da Irmã Dulce podem cair. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.979. p.05, 06 fev 2003.

³²⁹ COHAB fará 4 mil casas na Vila Irmã Dulce. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 6.092. p.11, 04 jun 2003.

³³⁰ DENUNCIADO superfaturamento de casas na Vila Irmã Dulce. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVI, n. 6.188. p. 05, 10 set 2003.

³³¹ FALTAM materiais na Vila Irmã Dulce. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVI, n. 6.216. p.09, 08 out 2003. MORADORES da Vila Irmã Dulce exigem a conclusão de obras. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVI, n. 6.228. p. 09, 21 out 2003.

³³² CASAS para favelados não passam de promessas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVI, n. 6.378. p.09, 22 mar 2004.

³³³ COELHO, Luciano. Casas da Vila Irmã Dulce estão rachando e corre o risco de cair. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVIII, n. 6.838. p.05, 03 jul 2005.

³³⁴ PRESIDENTE da COHAB nega acusações. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVIII, n. 6.838. p.09, 03 jul 2005.

³³⁵ ADUTORA da Vila Irmã Dulce será concluída em julho. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.057, p 05, 28 maio 2004.

³³⁶ OLÍVIO Dutra visita obras de adutora na Vila Irmã Dulce. *O Dia*. Teresina, ano LII, n. 13.919, p 03, 10 jan 2004.

Uma das reivindicações dos moradores com a visita do presidente estava ligada à construção de uma área de lazer tendo em vista que a população não contava com nenhum aparato recreativo ou esportivo. A construção de um ginásio poliesportivo, financiado pelo Ministério dos Esportes, veio atender a essa carência. Entretanto, as obras foram iniciadas no mesmo ano, mas ficaram paradas nos anos seguintes.³³⁷ A imprensa local denunciava que as obras só tinham andamento quando um fato novo ocorria, a exemplo, uma outra visita do presidente à vila.

Um verdadeiro canteiro de obras, é assim que a Vila Irmã Dulce, zona Sul de Teresina, vem sendo descrita pelos moradores. Lá existem vários peões trabalhando em ritmo acelerado, para a inauguração do ginásio poliesportivo e o sistema de abastecimento de água. O processo de terraplanagem e revestimento das ruas e o levantamento de casas construídas também estão sendo feitas de forma intensa desde a semana passada. [...] Estão fazendo isso só porque o presidente está vindo. Depois que ele sair vai continuar tudo do mesmo jeito.³³⁸

Entretanto, quase quatro anos após a visita do presidente da república à Vila Irmã Dulce, pouca coisa havia mudado. Muito das obras de melhorias não foram entregues à comunidade, como uma creche e um mercado, anunciadas pelo presidente. A pavimentação de ruas e a insegurança no bairro eram as principais reclamações dos moradores. “Estão só fazendo rua, mas não fazem calçamento. Não adianta nada calçar meia rua e deixar o restante na poeira,” afirma a dona de casa Maria da Cruz Lopes. Conforme a estudante Paula Roberta, que recebeu a visita do presidente Lula em sua casa, quando da inauguração do sistema de abastecimento de água da vila, após dois anos, informa que “água não falta, mas a criminalidade na região está do mesmo jeito ou ainda pior.”³³⁹

O presidente da Associação dos Condutores de Veículos de Tração Animal, denominada pelos moradores de Associação dos Carroceiros, Raimundo Nonato de Freitas, enumera alguns problemas: “o maior problema que a vila tem é a falta de segurança. Quando dá 22h, a gente corre o risco de ficar sem a roupa do corpo, porque é muito perigoso. Eu sinto falta de um policiamento ostensivo. Teria que ser algo que desse realmente segurança para a nossa

³³⁷ MORADORES querem conclusão de quadra. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVIII, n. 6.746. p.05, 02 abr 2005.

³³⁸ PAIXÃO, Alisson. Vila Irmã Dulce é ‘maquiada’ para a vinda do presidente Lula. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVIII, n. 6.849. p.09, 15 jul 2005.

³³⁹ MELHORIAS foram apenas promessas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.580. p.09, 26 jul 2007.

população.”³⁴⁰ O morador Edivaldo Nunes informa que “as pessoas daqui não têm um campo de futebol para se divertir. Eu acredito que se tivesse mais opções de lazer para a nossa comunidade, a violência daqui seria menor.”³⁴¹ Em resposta a esses anseios da comunidade, o secretário de Segurança Pública do Estado do Piauí, Robert Rios Magalhães, providenciou a abertura de um distrito policial na Vila Irmã Dulce, o 23º. O objetivo era dotar essa região de um aparato policial que desse assistência e segurança aos moradores do local. A nova delegacia passou a funcionar onde havia um posto de policiamento ostensivo da Polícia Militar, que passou por reformas e ampliação.³⁴²

Essas informações atestam a problemática da política urbanística das cidades, sobretudo, nas periferias, onde as demandas por serviços de infraestrutura não possuem soluções miraculosas, mas um projeto de longo prazo voltado para essas áreas e que seja implantado de uma forma estruturada, seguindo um planejamento e um cronograma de entrega de obras finalizadas, o que não vinha ocorrendo na Vila, onde era constante a presença de obras inacabadas ou abandonadas. Conforme dados da Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação de Teresina – SEMPLAN, foram investidos R\$ 1.658.947,95 do Projeto Vila-Bairro, até dezembro de 2004, na Vila Irmã Dulce, em infraestrutura física e comunitária. Foram construídos um NAICA, uma escola, uma creche, uma unidade de saúde e, em termos de melhoria habitacional, foram construídas apenas 1.174 unidades sanitárias.³⁴³

A maior favela de Teresina, a Vila Irmã Dulce, na Zona Sul, está um verdadeiro caos. Várias ruas estão intrafegáveis, as casas recém-construídas pela COHAB estão desabando, falta saneamento básico e segurança para a comunidade. As ruas esburacadas dificultam o acesso de ambulâncias. [...] Um dos maiores problemas da vila é a formação de enormes buracos nas ruas que ameaçam ‘engolir’ as casas. No início do ano, alguns grotões foram tapados apenas com areia, mas sem galerias, quando chove eles aparecem maiores ainda.³⁴⁴

³⁴⁰ VILA Irmã Dulce enfrenta problemas em todas as áreas. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.304, p. 09, 28 jan 2005.

³⁴¹ JANSEN, Pedro. Posto de saúde é pequeno para a vila. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.304, p. 10, 28 jan 2005.

³⁴² OSMAR Júnior e Robert Rios visitam distrito na Irmã Dulce. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.335, p. 07, 01 mar 2005.

³⁴³ TERESINA. *Projeto Vila-Bairro: cada ação vale a transformação / projeto multisetorial integrado* – Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação de Teresina - SEMPLAN. Teresina. 2001.

³⁴⁴ Ruas da Irmã Dulce estão esburacadas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVIII, n. 6.57, p. 05, 13 abr 2010.

Em resposta às reivindicações, a Prefeitura Municipal de Teresina autorizou a realização de obras de recuperação da pavimentação de várias ruas na Vila Irmã Dulce. Iniciando os serviços de terraplanagem para recuperar as áreas atingidas pela erosão provocada pelas chuvas, que chegou a desabrigar dezenas de famílias que tiveram suas residências interditadas pela Defesa Civil por risco de desmoronamento.³⁴⁵ As obras de recuperação da pavimentação das ruas foram feitas com recursos do Orçamento Popular de Teresina, na ordem de R\$ 600 mil. Para o prefeito Silvio Mendes, “o poder público municipal assumiu a obra como uma forma de compromisso com a comunidade da Vila Irmã Dulce. [...] sabemos que não é o suficiente, mas queremos oferecer o melhor conforto aos moradores com a conclusão do asfalto da avenida principal.”³⁴⁶

A Vila Irmã Dulce também recebeu ajuda filantrópica, como da Fundação Marcelo Dinsmore, com sede na Carolina do Sul, nos Estados Unidos. A fundação realiza trabalhos solidários pelo mundo e escolheu a Vila Irmã Dulce para a realização da ação social, investindo quarenta mil dólares em construção de casas, além de realizarem um dia de atendimento médico-odontológico com parceria com o Ministério da Saúde que disponibilizou remédios. Além de ajuda financeira feita à creche ali existente.³⁴⁷

Foi possível observar, durante esse percurso de lutas, embates ocorridos ao longo do processo de formação da Vila Irmã Dulce, algumas características distintivas dos demais processos de ocupação que vinham ocorrendo na capital do Piauí. A primeira delas diz respeito ao processo organizacional e quantitativo, sendo a maior realizada desde então, o que envolveu a participação de diversos setores na dinâmica operacional da ocupação. Em seguida, temos o acirramento do poder público com os processos de ocupação na cidade, o que gerou muitos embates entre o poder público e os ocupantes. E, por fim, temos as ações coletivas dos moradores envolvidos que marcaram não só o processo de ocupação desse espaço, como permearam nas lutas pelas melhorias na vila.

Quando falamos da vitalidade de relações da favela com a cidade, não estamos afirmando a existência de uma integração solidária entre favelas e bairros formais, ou entre moradores de um e de outro espaço. Os discursos da classe média, voltados especialmente para a violência e o medo desencadeados pela presença dos vizinhos favelados, confirmam uma cisão, além de urbanística e

³⁴⁵ PREFEITURA vai recuperar ruas na Vila Irmã Dulce. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVIII, n. 6.67, p. 09, 23 abr 2005.

³⁴⁶ VILA Irmã Dulce: Prefeito visita obras de pavimentação na zona Sul. *Diário do Povo*. Ano XIX, n. 6.980, p. 11, 29 nov 2005.

³⁴⁷ BRANCO, Cláudia Castelo. Estrangeiros ajudam a construir casa na Vila Irmã Dulce. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.438, p. 09, 13 jun 2005.

social, subjetiva desses dois mundos, mas esse fato, por certo expressivo, não anula os demais aspectos da reprodução da vida naqueles locais, nem mesmo as interações cotidianas ‘extra violência’ que se desenvolve no ‘asfalto’, protagonizadas por atores de lá e de cá. Ao contrário, tamanha diversidade de situações envolvendo as favelas e seus habitantes, apenas confirma a tese de que não existe ‘a favela’, mas favelas; que, dentro de cada comunidade, coexistem mundos muito diferenciados, o que traduz uma realidade diversa do retrato ‘em tons monocromáticos’ de uma vida social ‘exótica, improdutiva e brutal, que tanto parece impregnar os discursos emitidos a média e longa distância.³⁴⁸

A experiência vivenciada pelos moradores da Vila Irmã Dulce é um exercício de participação democrática mais efetiva dentro do espaço urbano da capital, com o fortalecimento das relações sociais entre os envolvidos que funcionam na formação dos elementos mais coesos que compõem uma comunidade. Reunidos em torno de uma causa: a busca por inserção do espaço físico da capital por meio da aquisição da moradia, essas pessoas experienciam as mais variadas formas de participação coletiva dentro do espaço urbano, seja nos processos reivindicatórios por melhorias, seja na convivência cotidiana entre iguais.

³⁴⁸ MAIOLINO, Ana Lúcia Gonçalves. *Espaço urbano: conflitos e subjetividade*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008, p.126.

2. De cidade moderna à cidade pós-moderna: os processos de intervenção de Teresina na década de 1990 a 2010 realizado pelas administrações estadual e municipal.

A pós-modernidade envolve vários aspectos da condição social, política e econômica. As cidades não ficaram à parte dessas mudanças, elas também ingressam nessa nova condição, já que passaram por mudanças tão intensas nas últimas três décadas que conceitos destinados à sua caracterização, usadas até então, não podem mais serem usados tão facilmente para tradicionais designações do espaço urbano. O contexto é, radicalmente, outro. As alterações foram tão profundas no tecido social dos centros urbanos, nas formas de ver e estar na cidade, mas, principalmente, na maneira de habitar essa cidade pós-moderna, fruto de um processo de modernização incompleto e inacabado, que no lugar de trazer respostas às principais questões urbanas, introduziu mais dúvidas e incertezas, marcadas ainda pela crescente fragmentação e descentralização. Apesar dessa radicalização, que vem delineando os espaços da cidade, velhos problemas da cidade moderna não só permanecem como são intensificados, como a segregação social, a violência e mobilidade urbana.

Muitos aspectos tem contribuído para essa condição urbana pós moderna, dentre elas está em xeque o de gentrificação³⁴⁹, resultado dos processos de intervenção urbana pontuais que buscam valorizar determinadas áreas da cidade. Uma dessas intervenções está relacionada a áreas ambientais, não é a busca por uma preservação ambiental da cidade, é preciso que fique claro isso, mas uma intervenção em áreas com potencial ambiental, como orlas marítimas e ribeirinhas, lagoas, áreas verdes, parques ambientais. Esses espaços passam por intervenções no sentido de aproveitar esse potencial, tão caro às cidades modernas, que vivenciaram a experiência de “capitalismo selvagem” que deixou um rastro de destruição tanto nas áreas verdes da cidade, como na poluição dos seus mananciais, no sentido de recuperá-lo. Essas áreas, após passarem por um minucioso processo de intervenção que incluem projetos de despoluição

³⁴⁹ O termo gentrificação é uma derivação do termo *gentrification* (de *gentry*, “pequena nobreza”), conceito criado pela socióloga britânica Ruth Glass (1912-1990) em *London: Aspects of Change* (1964), para descrever e analisar transformações observadas em diversos bairros operários em Londres. Ele refere-se, inicialmente, à processos de mudanças nas paisagens urbanas, referente aos usos e significados que elas passam, quando sofrem intervenções urbanísticas no sentido de requalificar regiões tidas como degradadas, porém com potencial de requalificação. Geralmente, são zonas centrais e/ou portuárias que perderam sua funcionalidade original, com a migração do capital urbano para outras áreas da cidade e foram ocupadas por pessoas de menor poder aquisitivo. Com os processos de revitalização dessas áreas realizada em sua maioria pelo poder público imbricado com os interesses privados, há um retorno do capital, que revaloriza essas áreas e acaba por praticamente expulsar a população que ali havia se instalada. Com o processo de requalificação dos usos do espaço, acompanhado pela expansão do turismo, do mercado imobiliário, e de intensos investimentos na região, torna-a uma das mais valorizadas da cidade, contribuindo, sobremaneira, para o processo de segregação nos centros urbana. ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. Gentrificação In: *Enciclopédia de Antropologia*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/>>. Acessado em 01/10/2020.

de rios e lagoas, implantação de sistemas de drenagem, urbanização de parques ambientais e projetos de reflorestamento, dentre outras, passam a constituir novas centralidades urbanas, com a valorização desses espaços.

Na pós-modernidade não se busca a concretização e a realização prática de algo. As medidas tomadas pelos governantes não são no sentido de recuperar o meio ambiente e reduzir os impactos das intervenções humanas nos centros urbanos ao longo dos anos. Mas se buscava passar a sensação de que dentro da cidade, que ainda carrega consigo problemas típicos do meio moderno como poluição, violência e esses espaços construídos seriam usados pela população como uma válvula de escape dos problemas urbanos, um espaço integrado à elementos da natureza, áreas arborizadas, porém prontamente urbanizadas. Essas intervenções por sua vez formam novos processos de gentrificação, já que não estão disponíveis, pela questão da proximidade e localização, aos demais habitantes da cidade.

Outra tendência está ligada à requalificação de áreas específicas da cidade, com a tendência de recentralização mediante os processos de revitalização de áreas que se encontravam em processos de desvalorização e até mesmo abandonadas, como áreas centrais e/ou portuárias, que tem contribuído para intensificação da fragmentação social das cidades pós-modernas. Da mesma maneira que as áreas ambientais da cidade, essas áreas após passarem por processos de revitalizações dão um novo significado e uso por parte dos frequentadores, que resultam em processos de gentrificação e construção de novas centralidades urbanas.

Essa tendência de gentrificação, enquanto processo específico de recentralização socialmente seletiva nas áreas centrais da cidade, tem contribuído para a fragmentação social e residencial do espaço urbano contemporâneo. A chegada de novos moradores à cidade centro, portadores de um estilo de vida muito próprio, introduz profundas alterações no tecido social e produz uma apropriação social pontual e reticular do espaço da cidade. É da recentralização seletiva e da substituição social que a gentrificação enquanto processo de recomposição urbana envolve, que devemos reter o tributo para a construção para uma cidade crescentemente fragmentada.³⁵⁰

Por fim, surge um terceiro processo de requalificação urbana típica das cidades pós-modernas – a gentrificação dos espaços periféricos com a construção dos condomínios fechados em formato de enclaves urbanos. Esses novos espaços da cidade estão ligados diretamente à formação de novas centralidades que seguem uma lógica favorável às classes dominantes, favorável à reprodução do capital. É interessante ressaltar que os aparelhamentos urbanos

³⁵⁰ MENDES, Luís. Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado. In: *Cad. Metrop.* São Paulo, v.13, p. 475, jul-dez 2011.

chegam mais rápido nesses empreendimentos do que nos bairros que compõem zonas periféricas da cidade.³⁵¹

Para interligar essa cidade composta por vários pontos de novas “centralidades” que foram sendo forjadas no espaço urbano, torna-se necessária uma intervenção no sentido de dar maior mobilidade ao trânsito, constantemente caótico e congestionado. Na cidade pós-moderna, agilidade e fluidez não devem ser termos apenas metafóricos. Ao contrário do homem moderno descrito por Charles Baudelaire e interpretado por Walter Benjamin, que vagava pela cidade absorto pelo espetáculo urbano e as incertezas da modernidade, à flunar pelas ruas e becos da cidade³⁵², o homem pós-moderno, encontra-se em um espaço difuso, no qual as ruas passam a ser o “não lugar” de que nos fala Marc Augé.³⁵³ A mobilidade urbana passa a ser a peça fundamental no processo de requalificação dos espaços da cidade. Ela possibilitará a fluidez necessária para os meios de transporte motorizados, tanto individuais, como coletivos e passam a fazer parte do planejamento dos dirigentes locais que tem esse desafio em suas administrações.

A pulverização do tecido urbano na era pós-industrial fez com que nessa ‘metrópole transacional’ a produção e circulação de mercadorias fossem substituídas pela troca de informação independente do lugar e da distância física entre os participantes do processo. Assim, a diluição das atividades da cidade nessa rede de relações pouco pessoais e localizadas, corresponde à diluição de seu sentido tradicional, para se reconfigurar como um espaço de fluxo constante, mas pouco visível, “que tudo permeia, mas se mantém elusivo, e que, em última análise, permanece inacessível ao observador individual.”³⁵⁴

Teresina como as demais cidades globais também estava passando pela experimentação desses novos modos de viver urbano, contrários às formas rígidas e massificantes do período moderno, que tinha na construção dos conjuntos habitacionais de grande porte, os elementos comuns desse modelo como a relação centro-periferia. Nesse novo urbanismo, marcado pela flexibilidade e pela construção de novas centralidades urbanas, as intervenções urbanas eram realizadas buscando agilidade e funcionalidade dos novos espaços que deveriam seguir planos diretores estratégicos. “O planejamento urbano deve ser mais pragmático, participativo e

³⁵¹ Diante da extensão e complexidade dessa temática retomaremos as discussões sobre esse assunto no terceiro capítulo dessa tese.

³⁵² BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: _____. *Obras Escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 3.

³⁵³ AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

³⁵⁴ MASSAGLI, Sérgio Roberto. Da cidade moderna à megalópole pós-moderna: novos lugares, novas práticas espaciais e textuais. In: *Olho d'água*. São José do Rio Preto, v. 3, 2011, p. 23

elástico promovendo a miscigenação funcional e a polivalência.”³⁵⁵ É seguindo esse viés interpretativo que esse capítulo foi construído.

2.1 Cidades sustentáveis: discursos em torno de uma consciência ecológica e preservação ambiental

O crescimento das cidades ao longo do tempo levou a uma redefinição na forma de como os gestores devem proceder para administrá-las. Seja por meio de projetos, programas ou planejamento estruturado, centrados em um diagnóstico local, intervenções permeadas por técnicas e saberes múltiplos, escolhas políticas, decisões administrativas que deixaram suas marcas no tecido urbano, modificando espaços, (re) produzindo-os e (res) significando-os, seguindo os imperativos da sociedade que os moldam.

Desse modo, fortalece-se aqui a necessidade de compreender a produção desse espaço, considerando como mote o fenômeno urbano através do entendimento do que é a sociedade hoje e dos problemas que emergem no dia-a-dia do habitante da cidade, seu modo de vida, de pensar, de morar, de agir, de consumir, suas angústias e suas perspectivas de realização como seres humanos ocupantes desse espaço tendo em vista que “habitar não significa apenas um ato isolado, localizável na carta, mas uma prática [social]”.³⁵⁶

Ana Fernandes informa que, nas últimas décadas do século XX, tendência que continua a ser seguida nas primeiras décadas do século XXI, mediante a crise vivenciada nos grandes centros urbanos, tornou-se consenso no sentido das generalizações em torno das intervenções urbanísticas, apoiado na generalização dos conceitos. Essa nova ótica tem como finalidade lidar com problemas urbanos perceptivo em escala global, como problemas ambientais, com a poluição de rios, o lixo urbano, insegurança, mobilidade urbana, favelização, isolamento e perda das referências identitárias de comunidade, memória e identidade com os espaços urbanos tradicionais da cidade. O que é evidente é a mesmice dos processos de intervenções realizados com intuito de sanar esses problemas, como a recuperação de espaços centrais, valorização de espaços ambientais como orlas marítimas, proximidades de rios e lagos, agora ambientados, transformados em pontos turísticos das cidades. A busca de ligações simbólicas e identitárias locais, ícones que podem trazer essa singularidade capaz de reunir uma carga de sentidos para os habitantes locais, ao passo em que agregue valor ao turismo local.³⁵⁷

³⁵⁵ MENDES, 2011, p. 477.

³⁵⁶ CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP-SP, 2008. p. 24.

³⁵⁷ FERNANDES, Ana. Consenso sobre a cidade? In: BRESCIANI, Maria Stella. (Org.) *As palavras da cidade*. Porto Alegre: 2001.

Na economia do consumo, em que a aquisição contínua de mercadorias, que assegura a reprodução do capital, que são reproduzidos de uma maneira a homogeneizar o consumo de produtos que demonstram singularidade e distinção, mas que se tornam obsoletos em pouquíssimo tempo, com o auxílio de campanhas publicitárias, que tornam esses produtos com um ciclo de vida cada vez mais curtos. Em alguns casos, não há mais tanta preocupação com o a qualidade do material, como no setor de vestuário, sendo que será substituído tão logo aquela estação passe e chegue os lançamentos das próximas. Ou até mesmo no caso dos eletrônicos mais sofisticados e de alta tecnologia como os *smartes fones*, *tabletes* e *not books*, são adquiridos e repostos mais pelo consumismo exacerbado do que por sua durabilidade.

Termos como “novo” e “moderno” parecem dominar a cena do consumo com ainda mais voracidade de que quando foram criados no século XVIII. Nesse novo discurso, temos uma novidade típica da pós-modernidade: a valorização do tradicional e do clássico são retomados e associados. E isso reflete diretamente na (re)construção das cidades, que se tornaram mercadorias e estão inseridas em uma disputa frenética por capitais. Nesse sentido, promotores imobiliários e gestores utilizam-se de termos como “revitalização”, “renovação” para justificar suas intervenções no sentido de destruir velhos prédios ou residências, antigas fábricas, zonas portuárias, que estão situadas em áreas valorizadas da cidade, seguindo os preceitos mercadológicos e não a busca por soluções para os problemas que afligem a maioria da população, como falta de moradias, precariedade dos serviços urbanos como transporte público e saneamento urbano.

Esses projetos de revitalização promovem a especulação imobiliária e a revalorização dessas antigas áreas, buscando colocar essas cidades em um padrão internacional, melhorando seu aspecto físico, no sentido de atrair investimentos, tornando-as competitivas. Entretanto, essas modificações nem sempre contribuem para a melhoria de vida da maioria dos cidadãos, que, não raro, são expulsos de seus locais para ceder espaço para as ditas inovações imobiliárias. Ou seja, esses empreendimentos imobiliários contam com incentivos fiscais, isenção de impostos, uma boa contrapartida do estado que se responsabiliza pela infraestrutura e pela maior parte dos riscos do empreendimento transformam a cidade para ser vendida a mercados mundiais e não para o uso de seus habitantes. Visitantes, turistas, ou seja, pessoas externas usufruem de equipamentos e serviços comerciais, gastronômicos e culturais que também deveriam ser pensados para o usufruto dos habitantes locais. A rede hoteleira é um exemplo disso, pois, na sua maioria, é composta por capital estrangeiro que instala seus estabelecimentos usufruindo de toda uma infraestrutura ali montada para atender a essa nova demanda.

Ao descrever a experiência empreendida na cidade de Baltimore, nos Estados Unidos, mais especificamente em uma feira, David Harvey faz uma análise da tentativa dos líderes americanos de promover o desenvolvimento urbano por meio da celebração dos laços de vizinhança e em contrapartida afastar o medo e a sensação de insegurança tornando aquele lugar em um local de atração de investimentos e de turistas. Eles procuravam um símbolo em torno do qual pudesse construir a ideia de cidade como comunidade. Dessa forma, foi construído, aquilo que o autor denominou de “arquitetura do espetáculo”, na qual estava incutido uma “sensação de brilho superficial, e de prazer participativo transitório, de exibição e de efemeridade”.³⁵⁸

Essa experiência foi considerada um sucesso, constituindo-se em um modelo a ser reproduzido por diversas cidades do mundo. Não fazia parte dos objetivos dos administradores das cidades resolver questões ligadas aos impactos da pobreza urbana, como a falta de habitação adequadas, saneamento básico, precarização dos serviços de atendimento à população como saúde, educação, segurança e mobilidade urbana. Eles estavam mais preocupados em construir uma imagem para a cidade, organizando espaços urbanos de maneira espetacular, com a finalidade de atrair capital e pessoas (do tipo certo) em um período marcado pela competição interurbana e de empreendimentos urbanísticos intensificados. Revelando que: “quando a pobreza e a falta de moradia são servidas para o prazer estético, a ética é de fato dominada pela estética, convidando, por conseguinte, à amarga colheita da política carismática e do extremismo ideológico”.³⁵⁹

Mas, a experiência implantada em Barcelona ditou as regras para a renovação urbana no mundo e conseqüentemente nas cidades brasileiras. Implantado em meados da década de 1980, ela tinha como objetivo a criação e/ou a reabilitação de espaços públicos, com ênfase no retorno às ruas, praças e parques, que reformulados e seguros transformavam-se em locais agradáveis voltados para os usos dos seus habitantes. Inicialmente com um foco local, esse projeto também estava voltado para a reabilitação de moradias em áreas centrais, pautadas na preservação de seus prédios históricos. Esse modelo inicial contou com intensa participação dos moradores que participavam intensamente dos debates e formulações de propostas, escolhendo e definindo as áreas de intervenção.

Entretanto, no início dos anos de 1990 que o “Modelo Barcelona”, agora focado em operações urbanísticas em escalas imensamente maiores ligadas a grandes eventos, como, por

³⁵⁸ HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998. p.91.

³⁵⁹ HARVEY, 1998, p. 301.

exemplo, as Olimpíadas de 1992 e o Fórum de las Culturas, realizado em 2004. Esses eventos demandavam por uma infraestrutura maior, além das tradicionais construções para sediar as inúmeras modalidades do evento, como estádios e ginásios, eram necessárias vias expressas, rede de hotelarias, aeroportos modernos, etc. Outra novidade foi o Projeto da Vila Olímpica. Esta foi projetada dentro do perímetro urbano, situada em uma antiga área industrial, com infraestrutura portuária e ferroviária que se encontravam subutilizadas. O projeto visava, dessa maneira, criar uma nova centralidade, ao remodelar e modernizar essa área dando-lhe um novo uso, ao passo que era uma área próxima ao antigo centro histórico da cidade que também passou por uma remodelagem, com a reforma de prédios e logradouros públicos, preservando o seu contexto histórico e servindo para atrair turistas que ficariam agora em seu entorno.

Em pouco tempo, o projeto ganhou ares tão sofisticados que atraiu o mercado imobiliário de alto padrão, valorizando sobremaneira aquela área da cidade, deixando para trás a ideia inicial de tornar a Vila Olímpica em uma área para moradia de classes menos favorecidas, que foram praticamente excluídas do projeto. Em seu lugar, a iniciativa privada tomou a frente dos empreendimentos, após a área estar dotada de infraestrutura proporcionada pelo poder público, que incluía o complexo Maremagnum, no qual contava com *shopping center*, salas de cinema e um imenso aquário, essa área portuária degradada passou por um forte processo de *gentrificação*, com uma área marítima acrescida de uma infinidade de prédios de hotéis, escritórios e residências destinadas às classes mais abastadas.

No Brasil, esse modelo foi seguido à risca na cidade do Rio de Janeiro, dada as semelhanças com Barcelona, uma cidade marítima, que também sediou grandes eventos como a Rio-92, onde ocorreu a Conferência dos Líderes Mundiais – a Cúpula da Terra –, os Jogos Pan-americanos de 2007, a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Para o geógrafo Álvaro Ferreira, que fez um estudo sobre esse assunto, ao analisar o Projeto Porto Maravilha do Rio de Janeiro, deixa claro a opção dos governantes pela mercadificação da cidade, na qual a cidade é produzida para ser vendida. O objetivo era melhorar a infraestrutura da área para atrair empresas e fomentar o turismo da região, com a construção de um complexo de empreendimentos como o Museu de Arte do Rio (MAR), Museu do Futebol, AquaRio – Aquário Marinho do Rio, Museu do Amanhã. Obras de mobilidade urbanas também estavam presentes no projeto, como o VLT – Veículo Leve sobre Trilhos. Uma série de reformas em praças e prédios públicos situados na área onde ficava o centro histórico da cidade também faziam parte das propostas de intervenções. Estava incluído, ainda, no planejamento

um projeto habitacional, com a construção de apartamentos para população de baixa renda, o que não chegou a ser aplicado na prática.³⁶⁰

Esse tipo de intervenção urbanística não contou com a participação popular nas escolhas e decisões, ficando a população, em sua grande maioria, à parte do que está ocorrendo, sendo excluídas dos benefícios que essas intervenções poderiam trazer para a comunidade, ou quando não, são expulsas pelos empreendimentos privados. Segundo ele

Por trás de grande parte das propagandas de sucesso, é possível observarmos o acirramento de problemas sociais nas cidades. Gentrificação atroz e pobreza crescente, por exemplo. Assim, por quanto tempo continuaram acreditando que basta criar centros de convenções, grandes estádios esportivos, shoppings centers e zonas portuárias renovadas. [...] Temos de olhar o mundo, ver o que se faz em outros lugares e as políticas aplicadas. Entretanto, é preciso ter em conta a própria realidade, não seguir acriticamente modelos externos, mas partir do próprio lugar, das especificidades locais.³⁶¹

Mesmo não tendo as semelhanças necessárias como no caso do Rio de Janeiro com Barcelona, esse modelo foi amplamente utilizado nas demais cidades brasileiras seguindo a mesma lógica de montar uma paisagem para adequar-se às lógicas do processo de mercadificação das cidades, montando-as para um processo de espetacularização, na qual é vendida uma imagem criada para o consumo por meio da fomentação do turismo em cada área. Nesse viés, cada cidade apresenta seu potencial turístico seja ele ambiental, cultural, de negócios, onde a cidade passa a ser montada, produzida, maquiada, para servir a esse espetáculo.

Essa nova política generalizante de intervenção urbanística utiliza-se de termos muito aceitos ao atual contexto das cidades globais, como “desenvolvimento sustentável”, preocupação com áreas verdes, orlas marítimas, margens de rios e lagoas que banham as cidades e que se encontram degradadas tem um forte poder apelativo. Afinal ninguém vai ser contra a um projeto que se autoproclama “sustentável” e defenda a preservação do meio ambiente. As intervenções realizadas nessas áreas são voltadas para o atendimento de afluxos externos, típicos das atividades turísticas, entretanto, provocam profundas alterações nas dinâmicas sociais e ambientais locais.

Esses territórios, anteriormente, pacatos e desconhecidos do grande público são transformados em destinos turísticos, nos quais há toda uma construção material e simbólica

³⁶⁰ FERREIRA, Álvaro. *A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço*. Rio de Janeiro: Consequência, 2011, p.28.

³⁶¹ FERREIRA, 2011, p.28.

que buscam acolher e conquistar o visitante. Nos catálogos, são exibidos os pontos turísticos, com passeios por belezas naturais, com direito a saborear a culinária local e a participar de apresentações culturais tidas como típicas da região. Quando, na verdade, são montadas para uma exibição que agrade ao forasteiro e o convença superficialmente que eles vivem daquela maneira ali encenada. Mitificam os significados, forjam noções de identidade, território e interação com o meio ambiente, de certa forma, homogeneizada em nome da venda de uma imagem. A exemplo, temos duas capitais litorâneas com forte apelo para o turismo: Fortaleza, no Ceará (Praia do Iracema)³⁶² e Florianópolis, em Santa Catarina (Praia de Jurerê e Jurerê Internacional) ou ainda cidades serranas como Campos do Jordão, em São Paulo e Gramado no Rio Grande do Sul.

Por outro lado, conforme Maria Isabel Vieira Branco, nas cidades que não possuem um desses potenciais turísticos, ou onde os objetos naturais (água e vegetação) são escassos, é necessário forjá-los. Criam-se festivais, ou até mesmo parques e zoológicos. Um exemplo emblemático dessas tipo de intervenção ocorreu em Paulínia, um município brasileiro no interior do estado de São Paulo, pertencente à mesorregião de Campinas, com uma população com um pouco mais de 100 mil habitantes. Já foi um importante polo industrial e petroquímico, que se encontra, atualmente, desativado. Com a finalidade de possibilitar o desenvolvimento de um novo segmento econômico para o município que gerasse emprego e renda, seus administradores fizeram uma opção pela implantação de mega obras como o Rodoshopping (58 milhões), Teatro Paulínia (53 milhões) e um Polo Cinematográfico (Projeto Paulínia Magia do Cinema -2006), sua estrutura apresenta estúdios, museus, escritórios, salas de imprensa, uma estrutura de produção de audiovisual de parâmetro nacionais e internacionais.³⁶³

³⁶² Situada na antiga zona portuária da cidade, a Praia de Iracema denominava-se Praia do Peixe, em decorrência da principal atividade comercial ali desenvolvida, habitada por pescadores que se lançavam ao mar em suas jangadas em busca do produto que lhe garantiria sua sobrevivência. Ainda em 1930, o local assume o atual nome, por meio de um concurso. Mas foi durante a década de 1990 com obras de restauração e revitalização da área Portuária de Fortaleza que ícones da política de turistificação do local foram identificadas. Histórias locais foram ressignificadas e seus principais personagens ganharam novas roupagens e homenagens seguindo o viés de identificações simbólicas e identitárias locais, como a personagem Iracema de que dá título ao romance do escritor cearense [José de Alencar](#), que compõe a trilogia indigenista brasileira e o Dragão do Mar, ou Chico da Matilde, Francisco José do Nascimento foi um líder [jangadeiro](#), prático mor e [abolicionista](#), com participação ativa no [Movimento Abolicionista](#) no [Ceará](#). Parte da área portuária revitalizada compõe o Centro Cultural Dragão do Mar, onde abriga hoje importantes instalações e instituições da cidade, como o [Seminário da Prainha](#), a Caixa Cultural de Fortaleza, a Fundação Joaquim Nabuco, a Biblioteca Pública Estadual do Ceará, o Porto Iracema das Artes, o complexo comercial da Avenida Monsenhor Tabosa, a Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará, o Acquário Ceará, além de [boates](#), [bares](#), [hotéis](#) à [beira-mar](#) e centros de [lazer](#). Sobre o assunto ver: BENEVIDES, Marinina Gruska. *Direito à cidade: administração pública, justiça social, consciência ecológica e desenvolvimento sustentável*. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

³⁶³ BRANCO, Maria Isabel Vieira. As atuais intervenções urbanas e seus impactos na gestão da cidade de Paulínia (SP): o caso das megaobras. In: BORTOLOZZI, Arlêude (Org.). *Cidades reivindicadas: territórios das lutas urbanas, das utopias e do prazer*. São Paulo: Olho d'Água. 2011.

De modo que os administradores da cidade fizeram a opção pela criação de uma megaestrutura que servisse ao ideal de criar uma alternativa ou um fato novo, que incentivasse o turismo e dinamizasse a economia. Entretanto, deixando a maior parte da população completamente à parte das decisões. O projeto não era visto com bons olhos por conta de estar voltado apenas para as classes mais abastadas, que, junto com o poder público, fizeram a opção de fazer da cidade um polo cultural e artístico, mas sem levar em consideração as reais necessidades da população local.

Os administradores de Teresina não ficaram indiferentes a essas mudanças, que, diga de passagem, também são globais. Ditadas pelo capital, tem no Concílio de Washington suas diretrizes delineadas para os países em desenvolvimentos em 1989. Uma carta de recomendações internacionais para os países subdesenvolvidos que tinha como finalidade assegurar a política neoliberal, ditando uma série de sanções obrigatórias como ajustes fiscais, reformas tributárias e políticas de privatizações. Caso os países se recusassem a cumprir essas normas, encontrariam dificuldade de receberem investimentos externos e ajuda internacional por partes dos EUA e do FMI.

Portanto, essa abertura política e econômica do Brasil para o capital externo, que já havia sido ensaiado nas décadas de 1960 e 1970, encontra novas ferramentas de articulação dos grandes empresários e banqueiros, detentores de capital, que viriam a ditar também as intervenções urbanísticas que seriam implantadas nas cidades desses países em desenvolvimento. É a legitimação da cidade enquanto mercadoria para cumprir à risca as exigências do mercado mundial. Sem essa análise inicial, não seria possível compreender o sentido das intervenções urbanísticas que marcaram nossas cidades no final do século XX e meados do XXI. Uma parte significativa dos empreendimentos postos em prática nas cidades brasileiras foram financiadas por órgãos mundiais, como o BID, BIRD, do FMI.

No Brasil, essa nova forma de pensar a gestão ocorreu na Conferência dos Líderes Mundiais – a Cúpula da Terra – realizada durante a Rio-92, na cidade do Rio de Janeiro, que reuniu 170 países com o compromisso de buscarem um desenvolvimento sustentável, da qual resultou um documento intitulado *Agenda 21 Global*, cujo lema era: “Pense globalmente, aja localmente”. Dessa forma, para atingir tais objetivos, caberia a cada cidade elaborar a Agenda 21 Local por meio de um processo participativo e multissetorial, visando à elaboração de um plano de ação para o desenvolvimento sustentável do município que levasse em consideração aspectos econômicos, ambientais e sociais.

Teresina só apresentaria sua Agenda 21 com um atraso de 10 anos, intitulada “Agenda Teresina 2015”, tendo ela surgido de uma iniciativa do poder público municipal, durante o

“Congresso da Cidade”, que foi realizado em agosto de 2001, sendo a proposta da referida agenda concluída um ano depois e aprovada pela Câmara Municipal de Teresina em maio de 2003, como sendo o Plano Diretor de Teresina, mas preservou o nome inicial. Tal proposta envolvia gestores, tecnocratas e a sociedade civil, de modo a assegurar a participação dos mais diversos setores sociais, para conjuntamente levantar diagnósticos, cenários e por apresentar propostas a serem debatidas e daí resultar em um plano de ação para cidade, a partir de 2002, para os próximos 13 anos, como tentativas de minorar ou extinguir problemas da municipalidade teresinense.³⁶⁴

Durante a elaboração da Agenda 2015, foram consideradas seis dimensões para a construção de uma cidade sustentável: ambiental, social, econômica, política, cultural e urbanística. A finalidade era buscar o desenvolvimento com justiça social, melhorar a qualidade de vida no presente e preocupar-se com a preservação do meio ambiente para assegurar a vida das gerações futuras. Foram definidos 17 temas relevantes, levando-se em consideração “as potencialidades, as tendências atuais e a vocação da cidade”. A estrutura operacional do plano contava com um Conselho Estratégico e três grupos de trabalho: um consultivo, outro de coordenação e um temático, todos responsáveis por discutir, analisar e aprovar, em Seminários Temáticos, os itens que dariam suporte ao documento.

Questões ligadas à consciência ecológica e ao desenvolvimento sustentável passaram a fazer parte das políticas públicas urbanísticas de grande parte das cidades brasileiras, de uma forma mais consistente, a partir da década de 1990. Em Teresina, verificou-se algumas intervenções nesse sentido, mesmo antes da implantação da Agenda Teresina 2015. Essas intervenções seguiam o viés da preservação do meio ambiente e o aproveitamento dessas áreas para o lazer e para a fomentação do turismo na cidade.

Teresina não pode ser mais considerada uma cidade pequena. [...] De alguns tempos pra cá, Teresina tem aliado seu crescimento a humanização – o que a faz uma capital diferente das demais. A multiplicação das áreas verdes é uma prova concreta dessa vontade que as últimas administrações da prefeitura têm de incutir na sociedade teresinense, que vivemos numa capital luminosa, que não ficará poluída, como tantas outras, por esse projeto urbanístico que a faz desenvolvida, mas com ares bucólicos – como se ela estivesse inserida em um bosque. Para que essa ideia de humanizar a cidade não venha a desaparecer, é preciso que todos nós sintamos responsável e passamos a plantar mais árvores, a trabalhar pela conservação dos rios, dos parques, dos pomares e dos jardins. Nunca é tarde para demonstrarmos o amor que sentimos pela nossa Cidade Verde.³⁶⁵

³⁶⁴ AGENDA 2015 (Plano de Desenvolvimento Sustentável de Teresina). Teresina, 2002.

³⁶⁵ TERESINA, meu amor. Roda viva da redação. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.143, p. 02, 30 jan 1999.

Mesmo tornando-se uma cidade que aspirava a ares de metrópole, com um crescimento significativo nas últimas décadas, Teresina, ainda, preservava características de uma cidade de pequeno porte, com ares bucólicos proporcionados pela presença de áreas arborizadas dentro do seu perímetro urbano. O que é possível observar por meio desse discurso jornalístico é a mudança por parte dos governantes locais em incentivar um desenvolvimento sustentável, aliados à ideia de que a cidade se tornava mais “humana” não só por políticas que preservasse, mas incentivasse o incremento de áreas verdes na cidade, o que, para o autor, proporcionaria, ainda, uma redução da poluição e até mesmo amenizar o clima, por se tratar de uma “capital luminosa”. Mas, para isso, era necessário conchamar a população para fazer parte desse projeto, seja passando a “plantar mais árvores,” ou seja, na “conservação dos rios, dos parques, dos pomares e dos jardins”.

Apesar da cidade de Teresina dispor de elementos de integração com elementos da natureza, como uma considerável área verde e dispor da presença de dois rios perenes e de várias lagoas em seu perímetro urbano, eles eram pouco aproveitadas para o lazer na cidade, seja por falta de incentivo, uma política voltada para o aproveitamento dessas áreas, ou seja, por falta de recursos na implantação da infraestrutura. Essa mentalidade passa por mudanças a partir da década de 1990, quando políticas de implementadas no sentido de valorizar esses espaços na cidade, seguindo os parâmetros de urbanismos que vinham sendo implantado nas demais cidades a partir desse período.

Em 21 de setembro de 1990, foi inaugurado, o primeiro parque com grande infraestrutura de Teresina que aliava áreas verdes com áreas de lazer, o Parque Potycabana. Idealizado e construído pelo então governador do estado Alberto Tavares Silva³⁶⁶, sob o comando da Secretaria de Obras e Saneamento Básico do Governo do Estado, alçada em Cr\$ 80 milhões, o parque contava com uma área de 80 mil m². Situado na margem direita do rio

³⁶⁶ Formando em Engenharia Civil, Elétrica e Mecânica pela Escola de Engenharia em Itajubá. Foi nomeado engenheiro-chefe dos Serviços de Transporte Elétricos da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro (1941-1947). Foi eleito Prefeito de Parnaíba em 1948, em 1950 foi eleito Deputado Estadual do Piauí, cargo que renunciou para assumir a direção da Estrada de Ferro de Parnaíba (1951-1953). Eleito Prefeito de Parnaíba pela segunda vez para o mandato de 1955-1958. Em 1960, retorna à direção da respectiva estrada de ferro, no ano seguinte assumiu a direção da Companhia de Força e Luz de Parnaíba. Quando de sua indicação para assumir o Governo do Piauí em 1970, encontrava-se em Fortaleza, dirigindo a Companhia de Energia do Ceará (1962-1970). Após deixar o Governo do Estado em 1975, coordenou o Programa de Desenvolvimento Industrial e Agrícola do Nordeste (POLONORDESTE). E, em 1976, foi nomeado presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (UBTU). Chegou a ocupar os cargos de Deputado Federal em 1994 e em 2006, Senador em 1979 e em 1998, e mais uma vez Governador do Piauí (1986-1989). Apesar da longa trajetória como político e como engenheiro, encerrada em 28 de setembro de 2009, aos noventa e um anos, Alberto Silva nunca ocupou o cargo de Prefeito de Teresina, mesmo tendo se candidatado seguidamente em 1992 e em 1996, sem lograr êxito.

Poti, o novo parque era dotado de quadras de esportes com arquibancadas, de *play ground*, de núcleos de ginástica, de pista de skate, de piscina com ondas e toboágua, pistas de *cooper*, cicloviarias, jardins, bares e área administrativa, além de um mirante feito pelo arquiteto Gerson Castelo Branco.

A obra, conforme informou o secretário Murilo Resende, demandou uma infraestrutura de instalação vultosa, por se tratar de uma área ribeirinha e alagadiça, “compreendendo aterro hidráulico, preparação de praia, muro de arrimo em terra armada, contorno viário de acesso e iluminação pública.”³⁶⁷ Toda essa preparação para o solo tornou-se mais complexa pelo fato do parque situar-se na margem de um rio e todos os cuidados deveriam ser tomados para evitar possíveis alagamentos que pudessem danificar a infraestrutura do parque durante as periódicas cheias do rio.

A nova praça foi recebida pela população com festividade, pois mostrava-se uma opção de lazer nos fins de semanas na capital, inclusive com piscinas com ondas já que o litoral piauiense dista 350 km da capital, possibilitando, dessa forma, um acesso à “praia” àqueles que não podiam se deslocar para o litoral. Apesar da euforia provocada com a instalação do novo parque, as polêmicas em torno da obra eram intensas. Inúmeros problemas passaram a serem verificados logo após sua inauguração. O principal deles estava relacionado com a manutenção da própria infraestrutura do parque. O governo do estado não dispunha de recursos para sua manutenção, preservação e fornecimento de serviços demandados pela nova praça. A saída foi arrendar o parque para uma empresa privada. O Grupo Cobel foi o responsável pela administração e passou a cobrar taxas de entrada no parque e taxa extras para o acesso das piscinas. O fato decepcionou os usuários, sobretudo, aqueles de menor poder aquisitivo, que ficariam impossibilitados de acessar as áreas de lazer da Potycabana.³⁶⁸

Porém, a principal fonte de críticas recaía sobre o então governador que idealizou e pôs em prática a construção do parque, principalmente, por conta da situação financeira em que o Estado se encontrava, com atraso dos salários dos funcionários públicos, incapacidade de liquidar dívidas contraídas em empréstimos a bancos públicos e investimentos pífios em educação, saúde e segurança.

Questionado se não se sentia constrangido depois de inaugurar o pré-metrô de Teresina e a Potycabana, enquanto as escolas públicas estão paradas há quase três meses e os servidores públicos com seus salários atrasados, o governador Alberto Silva respondeu: ‘___Estas obras são do povo, cada vez que o povo

³⁶⁷ POTICABANA já está quase pronta. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.250, p. 07, 20 fev 1990.

³⁶⁸ LAZER na Potycabana agora só com pagamento de taxa. *O Dia*. Teresina, ano XL, n. 9.647. p.09, 02 jul 1991.

andar por essa obra, ele economiza dinheiro para comer. Eu não gastei 90 milhões de dólares e não joguei fora como eles dizem, é diferente.³⁶⁹

O governador entendia como “povo” piauiense, apenas o da capital, pois só eles poderiam usufruir das obras. Diferentemente do seu primeiro mandato, exercido no auge da política desenvolvimentista da ditadura militar, no qual foram liberados recursos para construções nas capitais e principais cidades do país, período em que o governador empreendeu uma série de reformas e construções vultosas em Teresina³⁷⁰, o estado passava por dificuldades provocadas por uma conjuntura nacional de crise agravada pela inflação, na qual o envio de recursos federais eram muito limitados. A escolha do governador por priorizar Teresina em detrimento do restante do estado foi severamente criticado. Para Cláudia Cristina da Silva Fontineles,

Teresina, por sua vez, que tanto abrigara elogios e comemorações e saudava a imagem de Alberto Silva como grande empreendedor e amante do novo, funcionando como verdadeiro ‘templo’ de sua memória, agora presenciava atozes críticas a ele e aos excessos cometidos para preservar esse que tinha se configurado em seu principal emblema: a inauguração de obras arquitetônicas de alto custo. A cidade que havia sido a caixa de ressonância de seu prestígio, agora emitia sons de protestos contra o governador e contra suas obras.³⁷¹

Apesar das críticas negativas em torno dos custos com as obras de construção, o Parque Potycabana tornou-se uma referência para a cidade de Teresina, ainda em meados da década de 1990 e perdurando por toda década, como uma forma de utilização moderna das áreas ribeirinhas na cidade, integrando-a à vida urbana. A implantação do parque também foi responsável pelo direcionamento do crescimento de uma área considerada estratégica para cidade, onde posteriormente foram instalados os dois primeiros *shoppings centers* de Teresina, propiciado pelas obras de infraestruturas ali instalados para sediar o novo parque. O que se

³⁶⁹ METROPOLITANO de Teresina: Piauí na era dos transportes modernos. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.470. p.09, 18/19 nov 1990.

³⁷⁰Obras de grande porte como a reforma do Palácio de Karnak, sede administrativa do governo do estado, da Avenida Frei Serafim e da Praça Pedro II, além da edificação do estádio de futebol Alberto Tavares Silva, o Albertão, com capacidade para 60 mil pessoas, fazendo da capital seu carro chefe de governo, muito elogiado pelos teresinenses como sendo o responsável por elevar a autoestima dos piauienses por meio da nova roupagem que dava à capital, sendo o cartão de visitas para o estado. Sobre o assunto ver MONTE, Regianny Lima. *Vidas incertas: o processo de modernização e segregação urbana em Teresina na década de 1970*. Teresina: IFPI – Campus Teresina Zona Sul.

³⁷¹ FONTENELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Tavares Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015, p.371.

verificou, nos anos seguintes, foi a valorização imobiliária do lado direito do rio Poti, com a instalação de prédios de apartamentos seguindo para a zona leste da cidade.

Em 1996, Teresina recebeu o diploma de “Município com Potencial Turístico” pela Empresa Brasileira de Turismo – Embratur. Contribuíram, sobremaneira, para concessão desse título os recursos turísticos naturais da cidade, o Encontro das Águas do Rio Poti e Parnaíba e a Floresta Petrificada. Tendo, também, colaborado o fato de a cidade já realizar eventos como feiras, congressos e seminários regionais e nacionais efetivos em seu calendário anual. Com esse título, a cidade pode concorrer, mediante projetos, a recursos federais e fomentar o desenvolvimento sustentável, mediante a intensificação do turismo e, dessa forma, gerar emprego e renda para os moradores.³⁷²

Seguindo essa lógica, nesse mesmo ano, sob intervenção municipal, foi criado o Parque Ambiental Encontro das Águas, na confluência dos rios Poti e Parnaíba. Situados em uma área histórica da cidade, onde está o bairro mais antigo, anterior até mesmo a fundação da capital, o bairro Poti Velho, ponto decisivo para a escolha da nova capital. Nesse espaço, o visitante pode dispor de uma pequena trilha de 250 m, um Centro de Atendimento ao Turista, com quiosques de venda de artesanato local e banheiros. Ressalta-se o fato de que a cobertura das edificações presentes no parque ser composta por palha de coco babaçu, com o intuito de trazer uma harmonia com o meio ambiente e um aspecto natural ao parque, além de seguir uma conhecida tradição das edificações de Teresina. Além disso, o turista ou visitante pode usufruir do Restaurante Flutuante (sobre o rio Poti) com cardápio de comidas típicas à base de peixe. Sendo a grande atração desfrutar do pôr do sol do mirante, de onde também é possível observar a cor escura do rio Poti se misturar com as águas turvas do rio Parnaíba.

³⁷² TERESINA recebe status de município turístico. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.108, p. 05, 16 mar 1996.

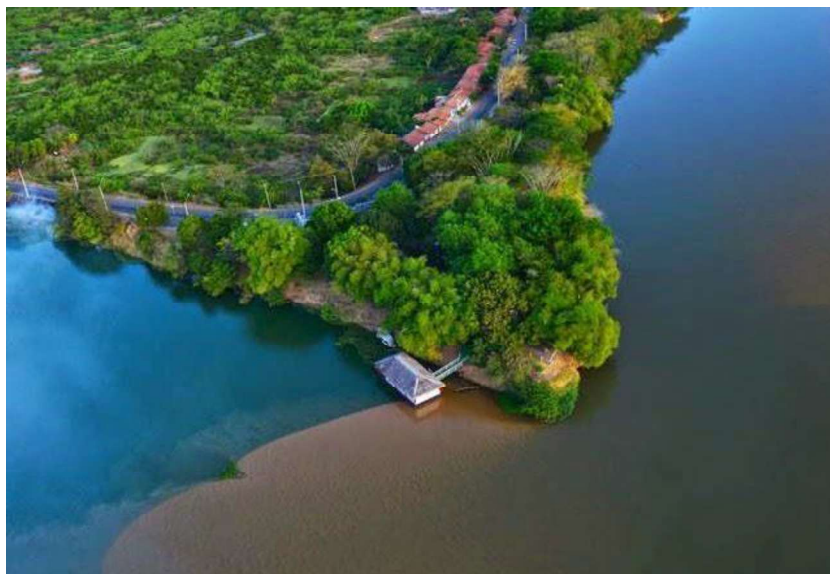


Foto 07: Vista aérea do Parque Encontro das Águas
 Fonte: Acervo pessoal de Juscelino Reis

A imagem é uma vista aérea do parque, onde é possível notar como a natureza, composta por uma vegetação densa e pelos rios ali situados, integrou-se à vida urbana, caracterizada pela presença da avenida asfaltada, os postes de iluminação pública e a presença de residências. O restaurante flutuante completava o cenário, dando um aspecto bucólico ao ambiente, onde os visitantes podiam sentir o balanço proporcionado pelo encontro dos rios, como se flutuasse sobre eles. A criação do parque modificou não apenas o aspecto físico da cidade, como também trouxe uma nova área de lazer e turismo ligado à valorização de aspectos da natureza, integrando o homem ao meio ambiente, como o presente no discurso a seguir.

O Parque Ambiental Encontro das Águas é uma das melhores opções de lazer e atração turística de Teresina. Aproveitando uma área propícia à preservação ambiental, no encontro dos rios Parnaíba e Poti. O Parque é um complexo esportivo e de lazer, voltado para esportes aquáticos vôlei de areia e passeios ecológicos. [...] No parque, foi instalado um posto de fiscalização e orientação dos visitantes, que receberão todas as informações educativas de preservação do meio ambiente.³⁷³

O parque também conta, em sua entrada, com um monumento ao Cabeça-de-Cuia, uma escultura do artista plástico Nonato Oliveira, referência a uma conhecida lenda da cidade que envolve a história de um pescador chamado Crispim, um jovem garoto que morava nas margens do rio Parnaíba e de família muito pobre. Conta a lenda que certo dia, chegando para o almoço, sua mãe lhe serviu, como de costume, uma sopa rala, com ossos, já que faltava carne na sua

³⁷³ PARQUE será entregue sábado à população. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.377, p. 03, 12 dez 1996.

casa frequentemente. Nesse dia, ele revoltou-se, e, no meio da discussão com sua mãe, atirou o osso contra ela, atingindo-a na cabeça e matando-a. Antes de morrer, sua mãe lhe amaldiçoou a ficar vagando no rio e com a cabeça enorme no formato de uma cuia, que vagaria dia e noite e só se libertaria da maldição após devorar sete virgens, de nome Maria. Com a maldição, Crispim enlouquecera, numa mistura de medo e ódio, e correu ao rio Parnaíba, onde se afogou, desde então passou a assombrar as águas do Velho Monge e a povoar o imaginário local.

O Parque Ambiental Encontro das Águas foi criado seguindo os novos parâmetros urbanísticos de intervenção, uma vez que seguia as linhas gerais apontadas por Ana Fernandes, ou seja, situava-se em uma área de preservação ambiental, na confluência de dois rios, que agora ambientados passaria a ser aproveitado o seu potencial turístico. Por outro lado, buscava resgatar as referências identitárias daquela comunidade ao retomar a lenda do Cabeça de Cuia, tornando-o ícone do Parque, ressaltado na entrada do parque, aguçando a memória e a identidade por meio dessa lenda, seguindo as normas de revitalização dos espaços urbanos da atualidade pelo viés do turismo ecológico e na busca das raízes tradicionais da cidade. Nesse sentido,

O Parque Ambiental Encontro dos Rios lançou o projeto Ecoturpedagógico, que tem o objetivo de implementar a visitação no lugar a partir da conscientização das pessoas para a importância dos atrativos naturais reunidos naquele ponto turístico. ‘Nossa intenção é fazer com que a visita ao Encontro dos Rios se transforme em uma aula. Queremos mostrar como a história da cidade começou aqui nesse bairro e o potencial que a região tem, seja através do turismo, seja através do artesanato. Temos ainda o poder hídrico do rio Parnaíba e Poti, enfim uma área muito rica em valores’, comenta Creusa Soares, coordenadora do parque. [...] Cerca de 200 pessoas participaram da iniciativa, entre estudantes, coordenadores de cursos, professores e membros da comunidade Poti Velho.³⁷⁴

Uma característica desses projetos de intervenção urbanística é o distanciamento da população com esses locais. Seus possíveis usos são constantemente estimulados pelo poder público, cabendo a ele a função de “educar” a população para a convivência produtiva desses espaços, seja por meio de campanhas incentivando o seu uso, seja no oferecimento de cursos e/ou oficinas. Esta é uma das dificuldades enfrentadas por esse tipo de projeto, voltado para vender a imagem para um público externo, de turistas em sua grande maioria e servindo pouco aos anseios da comunidade. Após apenas três anos da inauguração do Parque Encontro dos Rios, o poder público já falava em implementar medidas de revitalização da área para um

³⁷⁴ PROJETO visa movimentar Parque Encontro dos Rios. *O Dia*. Teresina, ano XLVIII, n. 12.190, p. 03, 19 mar 1999.

melhor aproveitamento do local pela comunidade. “A direção do parque aposta na promoção de atrações artísticas como corais, grupos de danças regionais, exposições, bandas de músicas entre outras para atrair os visitantes do parque que é hoje um dos principais cartões de visita da capital.”³⁷⁵

Compondo esse complexo turístico, também situado no Bairro Poti Velho, encontra-se o Polo Cerâmico Artesanal do Poty Velho, criado em 2004. Instituído com a finalidade de aproveitar a produção das olarias locais, que antes produzia apenas tijolos, modestos potes e filtros de água. O polo estava dividido em 23 unidades, nas quais as oficinas estavam interligadas às lojas, como uma maneira de facilitar a venda direta dos artesões para os clientes, como uma forma de valorização do trabalho e ainda não passar por intermediários, que reduziria seus lucros. Nesse sentido, o espaço foi todo construído com esse viés de integração dos ambientes, como dito, tanto na oficina-lojas, como também na exposição das peças, dentro da loja e nas calçadas, de forma convidativa ao visitante, situada nas margens da avenida que desembocava no Parque Encontro dos Rios. O espaço dispunha de estacionamento integrado às lojas. Os artesãos passaram por cursos de capacitação tanto na área de produção das peças de cerâmica, que passaram a ser diversificadas e sofisticadas, como em gestão e empreendimento. A produção artesanal da argila passou por uma transformação significativa, uma vez que foi modernizada, agregado valor ao produto voltada para o turismo, atualmente são vendidas para diversas áreas do país e para o exterior por meio de feiras e mostras artísticas e culturais.

“Plantar no presente a cidade futuro” foi com esse lema que o então prefeito Firmino Filho inaugurou mais um parque ambiental na capital piauiense, o Parque Beira Rio, situado à margem direita do rio Poti, em frente ao Shopping Riverside, nas proximidades da Avenida Raul Lopes. O parque foi projetado em um conceito aberto, integrando os diversos espaços que contavam com uma pista de *cooper*, área de camping, quadra de vôlei de areia, calçadões, bancos, áreas ajardinadas e trilhas. O espaço contava ainda com quiosques para um melhor atendimento ao visitante, com infraestrutura adequada, contando com instalações sanitárias. Os quiosques receberam denominações da flora local, como Caneleiro, Cajueiro, Carnaúba e Ipê.³⁷⁶ Todo esse aparato, objetivava proporcionar aos teresinenses e aos visitantes uma área verde, propensa a realização de atividades físicas ao ar livre, com espaços de encontros e de descanso no final das tardes quentes de Teresina. Um lugar aprazível, situado em uma área nobre da cidade.

³⁷⁵ ENCONTRO dos rios: PMT cria projeto para revitalizar o parque. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.684. p. 02, 13 jul 2000.

³⁷⁶ TERESINA ganha parque ambiental. *O Dia*. Teresina, ano XLVIII, n. 12.198. p. 09, 27 mar 1999.

Interligado a esse novo parque estava o Parque Potycabana e seguindo a margem do rio se encontrava o Parque Floresta Fóssil, que, ao contrário dos dois citados, estava completamente abandonado pelo poder público, mesmo sendo anterior a eles. Este último ocupava uma área de treze hectares. É o único do Brasil em área urbana, que tem árvores fossilizadas, com aproximadamente 250 milhões de anos. Possui olhos d'água subterrâneos, que ajudam o rio Poty a manter seu vigor em períodos mais secos. É também o único parque desse tipo em que as árvores fossilizadas se encontram em posição de vida. O parque, apesar de sua relevância histórica, encontrava-se praticamente abandonado e com inúmeros problemas. Contava apenas com um guarda para tomar conta de toda a área. A preservação ainda era prejudicada pela presença de lixo e fogueiras feitas por pescadores e caçadores que ali se instalavam e não raro acabavam provocando incêndios que se alastravam pelo parque, causando estragos irreparáveis. Para agravar ainda mais a situação do parque, os esgotos que escoam pelo parque, vindos do perímetro onde existe muitos prédios de apartamentos residenciais, contribuíam para a catastrófica degradação desse patrimônio.³⁷⁷

A criação de outros parques ambientais fazia parte das propostas para o município. Na zona norte, foi aprovada pela Câmara Municipal de Teresina, em 1997, a criação de um parque ambiental. A medida estava inserida nessa nova política de desenvolvimento sustentável para as cidades aprovada na Agenda 21, com a preservação e convivência necessária com áreas verdes em perímetros urbanos. O projeto apresentado pela vereadora petista Francisca Trindade tinha como objetivo utilizar de forma racional as áreas de preservação ambiental, utilizando-as como áreas de lazer e espaços culturais, uma vez que o parque seria dotado de infraestrutura para lazer, prática de esporte e atividades educativas com espaços para a realização de exposições sobre preservação ambiental. Conforme a vereadora,

[...] a questão da preservação ambiental é muito séria e o poder público tem a responsabilidade de cuidar e incentivar a preservação das matas, das plantas nativas. No local onde será criado o Parque existem inúmeras variedades de plantas. Aliadas à preservação ambiental existe também a necessidade de incentivo ao esporte e lazer, que o projeto prevê construindo áreas para prática desportiva, que beneficiará não somente os jovens dos bairros Buenos Aires, Risoleta Neves e Água Mineral, mas as pessoas que visitarão o parque, vindos dos mais distantes bairros e vilas de Teresina.³⁷⁸

³⁷⁷ PARA turista não ver: Parque da Floresta Fóssil é degradado com queimadas, lixo e esgoto. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.847, p. 01, 23 set 2002.

³⁷⁸ O DIA, 1997, p. 09.

Apesar da iniciativa em aumentar o número de parques ambientais na cidade, o número de frequentadores era considerado baixo, sobretudo, no período das férias escolares. Isso em decorrência de falta de programação que tornasse os parques atrativos para a população como um ambiente de lazer. A maioria dos parques possuíam uma característica educacional e preservacionista. Mesmo equipados com aparelhamentos que proporcionam interação social, a exemplo do Parque da Cidade, localizado na zona norte da capital, que possuía quadras de esportes, parque infantil e pista de *cooper*, ainda eram pouco frequentados para realização de atividades cotidianas ao ar livre. Dentro desse quadro, havia os parques que se encontravam completamente deteriorados e até mesmo fechados ao uso do público, como o Parque Potycabana. Este parque que foi símbolo de lazer e preservação ambiental quando foi construído no início década de 1990, encontrava-se, na década seguinte, completamente abandonado, com suas estruturas danificadas e sem uso adequado.

Um dos parques que deveria servir como uma opção de lazer para os teresinenses é o Parque Potycabana, que está fechado há anos. O local está abandonado e só é aberto ao público quando são realizados feiras e eventos. A parte recreativa do parque está se deteriorando e a piscina de ondas, por exemplo, hoje só serve como criatório de mosquito da dengue. A cerca de proteção do parque está danificada em vários pontos e parte do piso de concreto foi arrancado. O espaço que poderia ser utilizado para apresentações musicais também não é aproveitado. O parque é de responsabilidade do Governo Estadual.³⁷⁹

O Parque Potycabana era referência em lazer nos finais de semana e considerado um dos maiores locais de realização de eventos culturais em Teresina até início dos anos 2000, quando o parque foi perdendo espaço e popularidade, chegando a ficar desativado. O Parque Potycabana está na memória de muitos teresinenses pelo espaço que ocupou durante mais de uma década, principalmente por ser uma das poucas opções de lazer da capital, frequentado em sua maioria por populares que não tinham acesso a clubes privados ou piscinas particulares em suas residências. Em 2004, já com o parque aquático desativado, a administração do local passou para a iniciativa privada. Somente em 2008, retornou para a administração do Governo do Estado, após o encerramento do contrato.

A recuperação do parque foi iniciada no final de 2008. Entretanto, como se tratava de uma obra de grande envergadura em decorrência do péssimo estado de conservação em que se encontrava suas instalações, embargos ambientais e por falta de recursos, as obras de reforma

³⁷⁹ NOGUEIRA, Juliana. Parques não têm atrativos para as férias. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXI, n. 7.940, p. 01, 24 jul 2008.

arrastaram-se por mais de uma década. Inicialmente, foi realizada uma obra estrutural, que consistia em estabilizar o solo, considerado misto e irregular, sendo necessária a construção de muro de contenção, uma estrutura mais resistente às enchentes provocadas pelo aumento do fluxo das águas do rio Rio Poti no período chuvoso, no qual tinha seu nível elevado em até dez metros. Esses problemas eram intensificados pelo longo período sem manutenção adequada.³⁸⁰ A reforma ficou parada até janeiro de 2012 quando foi retomada. A licitação da obra foi orçada em R\$ 5,5 milhões.

O parque aquático foi desativado, as piscinas de ondas e o toboágua foram retirados. Foram construídas oito novas quadras de esportes, como futsal, vôlei, basquete, *badminton*, tênis, pista de *skate*, pistas de *cooper*, ciclovias, vestiários, espaço para eventos, com palco e anfiteatro. O novo espaço possuía uma praça de convivência e outra de alimentação, com três quiosques e um restaurante. Na reforma, constava também um projeto de arborização e ajardinamento, com a preservação das árvores de grande porte já existentes e a plantação de outras em todo o seu entorno, mais que duplicando a área verde, passando de sete mil metros quadrados para quinze metros quadrados dos quarenta e três metros quadrados que compunha o parque. Houve a colocação de bancos ao longo do parque que também recebeu uma iluminação completamente nova. A ideia era tornar o local mais agradável, que possibilitasse encontro de pessoas ao ar livre para prática de atividades esportivas, local de relaxamento e de lazer diversos.

O parque foi completamente reformulado, com um projeto adequado aos anseios e necessidades da cidade pós-moderna, seguindo o novo modelo de urbanismo vigente, ou seja, aproveitando a margem de rios, lagoas e orlas marítimas. Oferecendo uma área aberta, arborizada, ampla que possibilitava a prática de atividades físicas, uma vez que a preocupação com a boa forma do corpo era a nova tendência. Esse espaço também funcionava como válvula de escape do novo modo de viver moderno, em condomínios de edifícios fechados que não ofereciam esses espaços de contato com áreas livres e arborizadas. Anteriormente, o Parque Potycabana funcionava como um local de lazer apenas nos fins de semana, principalmente aos domingos quando as piscinas eram abertas ao público. Com a nova reconfiguração desse espaço, o parque passou a funcionar todos os dias da semana, aberto das cinco às vinte duas horas.

Outra novidade concatenada com os novos tempos diz respeito à implantação de três pontos de conectividade pela internet através de *wi fi*, com capacidade total de acesso

³⁸⁰ RECUPERAÇÃO da Potycabana está em ritmo lento. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.423, p. 11, 19 nov 2009.

simultâneo para seiscentas pessoas, com velocidade média de trinta megabytes. A presença de uma mascote no interior do parque funcionava no sentido de tornar o parque mais próximo dos visitantes, dar um ar carismático, que era representado, pela imagem de uma menina com plaquinhas com as instruções e localizações do parque, substituindo os tradicionais painéis informativos. O parque foi inaugurado em maio de 2013, pelo então governador Wilson Martins, e passou a ser denominada de “Nova Potycabana.” De acordo com Castro Neto, membro da Secretaria Estadual de Infraestrutura – SEINFRA, “a Nova Potycabana vai inserir Teresina em um conceito mais atual de qualidade de vida, já que outras capitais do Brasil possuem parques semelhantes e com o mesmo objetivo.

A construção de um amplo parque cultural e esportivo em uma área de oito quilômetros situado entre o prédio da Estação Ferroviária e o 2º Batalhão de Engenharia do Exército, na avenida Frei Serafim, ou seja, em pleno Centro da cidade também seguia os novos parâmetros de urbanismo voltada para a criação de áreas de preservação de espaços verdes agregados ao lazer. Essa área estava sob a guarda do Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, uma vez que a estação era tombada por esse órgão e o terreno em seu entorno preservado. Para o então prefeito, Elmano Férrer, “a estação é belíssima e irá compor esse complexo cultural. Iremos construir um equipamento social que irá beneficiar toda a cidade. Jovens, adultos, crianças e turistas visitarão o parque que irá representar um novo espaço de convivência e entretenimento da capital.”³⁸¹

A nova área de lazer recebeu o nome de Parque da Cidadania e foi inaugurada em 24 de junho de 2016. Obra do Ministério do Turismo em parceria com a Prefeitura Municipal de Teresina. Os recursos investidos chegaram a quase R\$ 10 milhões. O novo ponto turístico contava como pista de *skate*, ciclovia e espelho d’água. O local também oferece aos visitantes um anfiteatro, quiosques, área de recreação, um lago artificial e um estacionamento. A área contou, ainda, com projetos de paisagismo e estudos de impacto ambiental. O parque aberto ao público das 16h às 22h e utilizado para prática de esportes e atividades físicas, piqueniques e encontros de diversos grupos sociais.

Todas as intervenções urbanísticas vistas até o momento estavam em consonâncias com os parâmetros do novo urbanismo que se forjava no final do século XX. Período de inúmeras transformações socioespaciais que buscavam por meio de intervenções concatenadas com as novas necessidades sociais redesenhavam o espaço urbano. Diante de uma vida caótica, marcada por vários problemas urbanos como a poluição (atmosférica, hídrica, sonora, visual),

³⁸¹ TERESINA vai ganhar Parque da Cidadania. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.676, p. 03, 31 jul 2010.

mobilidade, com constante congestionamentos, aumento da violência, aumento do estresse e redução dos espaços públicos de convivência, os parques urbanos funcionavam como uma válvula de escape para uma sociedade que buscava sobreviver em meio a tantas situações problemáticas.

Os administradores públicos apropriaram-se dessas situações para incutir a ideia de que nos parques era possível o contato com a natureza, com o verde, respirar um pouco de ar puro, espaço onde as crianças poderiam brincar com um pouco mais liberdade e os adultos pudessem fazer atividades físicas, uma vez que a preocupação com o corpo e a aparência física estavam cada vez mais evidentes, os idosos poderiam caminhar com mais tranquilidade. Para o geógrafo Tadeu Alencar Arrais, “os parques são áreas cada vez mais valorizadas na ecologia urbana. Não porque abrigam uma fauna ou flora residual, mas porque oferecem conforto térmico diário para poucos e uma paisagem artificial desejada por muitos.”³⁸² Eram espaços construídos para suprir as necessidades da sociedade contemporânea, que abriu mão dos espaços públicos tradicionais, como ruas e praças, vistos agora como lugares perigosos e, por esse motivo, deveriam a ser evitados. Nos discursos dos dirigentes locais, é ressaltado apenas as virtudes desses espaços e os benefícios para seus usuários e visitantes. Por outro lado, os parques, apesar de serem tidos como espaços públicos, eram espaços de exclusão, funcionavam mais no sentido de criar cenários para a venda de uma imagem de uma cidade organizada, preocupada com a natureza e disciplinada.

Antes mesmo de tornar-se esse espaço de lazer caro aos urbanistas ávidos de natureza, o parque é uma ideia, um conceito, uma utopia, um desejo... Concebido como equipamento urbano recreativo, o parque público está ligado, sobretudo, a uma vontade política. A história de um parque começa sempre com uma comanda política, mas o caminho é longo até que ele possa deixar traços na paisagem urbana. [...] Os parques sempre cumpriram o papel de ‘emblemas’ do poder, mobilizando recursos consideráveis para sua concepção e implantação. Eles são vitrines e signos ostentatórios dos poderes constituídos, sem os quais não podem existir.³⁸³

Nesse sentido, os projetos dos novos parques se inseriam na lógica do mercado mundializado, funcionavam como *marketing* urbano, como símbolo das representações de poder econômico e político engravado nas cidades pós-modernas. Funcionavam mais no sentido de autopromover uma nova forma de vivência dos tempos contemporâneos, criando espaços segregados, uma vez que a imensa maioria desses espaços se localizavam em áreas nobres da

³⁸² ARRAIS, Tadeu Alencar. *Seis modos de ver a cidade*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2017, p. 49

³⁸³ SERPA, Ângelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2017, p. 70.

cidade, portanto, voltada para um determinado público frequentador. Os aparatos de vigilância e segurança assegurariam que o diferente, o indesejado ficasse sob constante controle. Por trás dos altos investimentos nesses espaços, estavam os bairros periféricos carentes de infraestrutura, onde a maioria da população vivia em precárias condições de existência.

Das intervenções postas em prática no sentido de recuperar áreas de preservação ambiental que se encontravam degradadas, seguindo essa nova lógica de intervenções urbanísticas que tinham como preocupações principais a preservação do meio ambiente e a harmonização entre a natureza e a ocupação do espaço urbano está o Projeto Lagoas do Norte. Criado em 1998, tinha como proposta norteadora a valorização dos aspectos ambientais, privilegiada por seu potencial hídrico e áreas verdes, e melhoria das condições sociais daquela zona da cidade. Inicialmente o projeto previa

Recuperar as áreas de lagoas existentes na zona norte de Teresina para o desenvolvimento de ações de preservação do meio ambiente, urbanização equilibrada (sistema viário, transporte, drenagem, saneamento, habitação, turismo, emprego e renda) faz parte do plano de metas da Prefeitura de Teresina até o ano 2000, com investimentos totais de R\$ 10 milhões. Várias secretarias estarão envolvidas no projeto, que prevê ainda o controle de inundações e criação de novas áreas adequadas à ocupação.³⁸⁴

O projeto tinha como objetivo preservar essa área ao tempo em que pudesse ser aproveitado o seu potencial econômico e turístico, na medida em que houvesse a despoluição das lagoas, elas seriam utilizadas como fonte de renda para os moradores, compostos em sua essência, como vimos anteriormente, por pescadores e oleiros que retiravam seu sustento nessa área, assim como trazer melhorias sanitárias tornando-a em uma área de lazer e atração turística da capital, evitando, ainda, os constantes episódios de alagamento das residências situadas nas proximidades comuns nos períodos de chuva, ou até mesmo situações calamitosas como ocorreram nas enchentes registradas nos anos de 1960, 1974 e 1985 quando toda essa área ficou inundada.

O Projeto Lagoas do Norte estava inserido na proposta de desenvolvimento sustentável para as cidades defendida na Agenda 21-Rio92, com uma valorização dos aspectos ambientais e melhoria das condições sociais. A zona norte da cidade de Teresina é a região com maior concentração de vilas e favelas da capital, onde as famílias são consideradas as de menor poder aquisitivo. Entretanto, essa área é privilegiada por seu potencial hídrico e áreas verdes. Situada na confluência dos rios Poti e Parnaíba, como vimos anteriormente, também possuía cerca de

³⁸⁴ LAGOAS da zona norte vão ser urbanizadas. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3.075, p.02, 03 jul 1997.

40 lagoas naturais, das quais apenas 9 sobreviveram ao processo de crescimento urbano que literalmente engoliu as lagoas por meio de aterramentos irregulares. Na estação chuvosa, as águas pluviais e o extravasamento dos leitos dos rios Parnaíba e Poti provocam inundações das lagoas e das áreas baixas, causando graves consequências para a população ali residente. Além disso, tem-se a permanente poluição das lagoas e das orlas dos rios e dos canais, devido à ocupação irregular e por serem áreas receptoras do lixo e dos esgotos lançados pela população. Ressalta-se que este cenário está situado há apenas 3 km do centro da cidade.

Esse projeto exigia um grande volume de recursos, que, após aprovação do governo federal, fora financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS), além de ações conjuntas de vários setores, principalmente os ligados ao meio ambiente, aos serviços urbanos, à saúde e ao planejamento. Diante da extensão financeira e administrativa do projeto, dez anos depois, transforma-se em Programa Lagoas do Norte - PLN, em 2008, para que fosse dada continuidade, por meio da ampliação das obras de intervenção na área. O programa compreende 13 bairros da zona norte, com uma área total de aproximadamente 1.198 ha, onde vivem mais de 92 mil pessoas sob influência direta das lagoas. Para fins operacionais, a área do Programa foi subdividida em 4 subáreas como especificado na tabela a seguir.³⁸⁵

Tabela 03: Áreas de atuação do Projeto Lagoas do Norte por bairros em Teresina

Área de Projeto	Bairros	População	Área	Densidade (pop/ha)
Área 1: “Canal do Padre Eduardo”	Acarape	3.018	44,90	67
	Matadouro	5.530	84,00	66
	Alvorada	5.387	53,20	101
	São Joaquim	10.558	11,32	933
Área 2: “Lagoa dos Oleiros – São Joaquim”	Nova Brasília	6.780	71,69	95
	Poti Velho	3.730	38,23	98
	Mafrense	6.492	73,01	89
	Olarias	1.561	101,02	15
Área 3: “Alto Alegre – Aeroporto	Aeroporto	7.567	236,41	32
	Itaperu	2.166	30,64	71
	Alto Alegre	5.389	86,42	62
Área 4: “Mocambinho”	São Francisco	5.453	39,48	138
	Mocambinho	28.385	327,70	87

Fonte: IBGE e PMT

³⁸⁵ O critério adotado para esta divisão levou em conta os limites físicos de cada uma das quatro bacias hidrográficas da área. < <http://semplan.teresina.pi.gov.br/lagoas-do-norte> > Acessado em 11/04/2015.

O Programa Lagoas do Norte foi concebido com a reafirmação de dois objetivos fundamentais: melhorar a qualidade de vida da população de baixa renda da região das Lagoas do Norte, e melhorar a capacidade de gestão da Prefeitura Municipal de Teresina, nas áreas financeira, urbana, ambiental, prestação de serviços e desenvolvimento econômico. Para o financiamento do Programa, a Prefeitura Municipal de Teresina firmou um acordo de empréstimo com o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD, em 24 de julho de 2008. O Acordo de Empréstimo N° 7523/BR com o Banco Mundial assegurou recursos orçamentários no valor de US\$ 44,47 milhões para serem aplicados, durante cinco anos, em ações integradas de cunho social, econômico, habitacional, de infraestrutura e de requalificação ambiental, visando ao desenvolvimento sustentável da Região das Lagoas do Norte. Desse montante, o Banco Mundial participa com 70% (US\$ 31,13 milhões) e a contrapartida local da Prefeitura Municipal de Teresina – PMT com 30% (US\$ 13,34 milhões), tendo como fonte recursos, a receita municipal e Orçamento Geral da União – OGU através do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC.³⁸⁶

Por meio da realização do projeto,

todas as lagoas serão interligadas por um sistema de drenagem que protegerá os bairros contra as enchentes. Suas margens ganharão calçadas, parques infantis, equipamentos de esportes e de lazer, espaços culturais e praças. As ruas e avenidas da zona norte serão alargadas, pavimentadas em paralelepípedo e revestimento asfáltico e ganharão ciclovias. Com isso a Prefeitura de Teresina abrirá novos corredores de tráfego. Será implantado um novo sistema de saneamento para a zona norte, com a ampliação da rede de abastecimento de água, corrigindo definitivamente a constante falta de água nas residências. A implantação de um novo sistema de esgotamento sanitário permitirá a Teresina dobrar o percentual, dos atuais 12% para 25%, de domicílios atendidos com rede de esgotos.³⁸⁷

O Programa Lagoa do Norte está estruturado em três componentes básicos: modernização da gestão municipal, desenvolvimento da cidade e gerenciamento do projeto; desenvolvimento urbano e ambiental integrado nas Lagoas do Norte; e desenvolvimento econômico e social nas Lagoas do Norte.

No primeiro componente, estão incluídas atividades para consolidar os esforços da PMT para melhorar os processos e a capacidade de gestão financeira e orçamentária, a prestação de serviços em abastecimento de água, saneamento e em educação, o processo e capacidade de gestão urbana e ambiental e por fim liderar o processo e o diálogo da visão e estratégia do

³⁸⁶ Programa Lagoas do Norte <<https://semplan.teresina.pi.gov.br/lagoas-do-norte/>>. Acessado em 11/04/2015.

³⁸⁷ TERESINA e o Projeto Lagoas do Norte. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.945, p. 05, 1º nov 2006.

desenvolvimento econômico e social local da cidade. O segundo componente contempla a urbanização da região – reestruturação do sistema viário, reurbanização dos bairros da região, implantação de loteamentos para reassentamento de famílias, construção e melhoria de unidades habitacionais e implantação de parques urbanos; a melhoria da infraestrutura de saneamento ambiental; a melhoria do sistema de abastecimento de água; a implantação do sistema de esgotamento sanitário; a melhoria do sistema de macrodrenagem das lagoas e a recuperação de áreas degradadas. Já o terceiro componente abrange intervenções complementares ao componente dois, incluindo atividades com ênfase para a educação sanitária e ambiental; instalação de melhoria de equipamentos sociais e comunitários; potencialização da capacidade de geração de emprego e renda; estruturação do comércio local, revitalização de núcleos de produção e comercialização e o fortalecimento do capital social.³⁸⁸



Foto 08: Parque Linear Lagoas do Norte

Fonte: <http://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/PLN-Acervo-Fotogr%C3%A1fico.pdf> Acessado em 11/04/2015.

Outro campo de intervenção do Projeto Lagoas do Norte foi no incentivo às atividades culturais, com a reforma e ampliação do Teatro do Boi, situado no bairro Matadouro, zona Norte da cidade, portanto, próximo ao bairro Poti Velho. Esse teatro foi criado pela iniciativa do então prefeito Wall Ferraz, ainda, em 1986, aproveitando o imponente prédio que sediava o antigo Abatedouro Público Municipal, que, com a expansão da cidade em todas as direções, foi

³⁸⁸ <<http://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/PAD-LagoasNorte.pdf>>. Acessado em 11/04/2015.

transferido de local, deixando como legados o nome do bairro e o prédio histórico situado ao lado dos aquedutos da Águas e Esgotos do Piauí S/A - AGESPISA. Nesse espaço, eram realizadas oficinas de teatro, dança, música, nas quais reviviam danças típicas como o Bumba Meu Boi e Festivais de Cultura popular.

Em 2012, o teatro passou por uma ampla reforma, mas manteve a fachada original, portas, janelas e o piso de madeira que passaram por restauração. A instalação de uma caixa cênica com melhor estrutura técnica, além de som e luz de melhor qualidade. Novos espaços foram implantados, como uma sala auditório para 170 pessoas na plateia, um estúdio de dança, sala para oficinas de artes visuais, iniciação teatral, de música, laboratório e audiovisual, além de espaços administrativos. Destacava-se, ainda, uma ampla área externa, com um anfiteatro e estacionamento próprio e a Biblioteca Fontes Ibiapina. O projeto de revitalização do Teatro do Boi e o seu entorno foi financiado pela Prefeitura Municipal de Teresina e o Banco Mundial por intermédio do Programa Lagoas do Norte, passando a denominar-se de Complexo Cultural do Matadouro – Teatro do Boi.

A construção do Palácio da Música, antiga reivindicação, proposta, ainda, pelo ex-prefeito de Teresina, Wall Ferraz, fazia parte das reclamações de moradores não só preocupados com a preservação do patrimônio edificado, mas buscavam a inserção de mais espaços culturais e de lazer para a cidade. O local escolhido foi onde se situava o antigo Mercado do Cajueiro, localizado na rua Santa Luzia, esquina com a 13 de maio, Centro-Sul. A estrutura engloba espaços para ensaios, salas para estudos individuais, administração e auditório para 130 pessoas, uma biblioteca e uma instrumentoteca, além de um café. O palácio passava a abrigar a Orquestra, a Banda 16 de Agosto e o Coral da Cidade. “Um espaço destinado a estudos, apresentações e lazer, concentrando algumas das atividades da Fundação Cultural Monsenhor Chaves e servindo para disseminar a arte através da Orquestra Escola, oficina de música, workshops e concertos oferecidos ao público gratuitamente.”³⁸⁹

Com a finalidade de levar para os bairros espaços adequados às mais diversas práticas culturais, foi construído outro teatro pela municipalidade. Situado no Bairro Itararé, zona sudeste de Teresina, o Teatro João Paulo II foi inaugurado em 13 de agosto de 2005, por intermédio da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Além do espaço cênico totalmente ambientado e com a capacidade para 290 e espaço para cadeirantes, o teatro possui salas de aulas de dança e teatro, cabines com modernos equipamentos de som e luz, com o espaço todo climatizado. Esse novo espaço movimentou a vida artística não só do bairro com grupos

³⁸⁹ MERCADO do Cajueiro será novo Palácio da Música. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.531. p. 11, 07 jun 2007.

culturais que tiveram espaço como o Centro de Criação do Dirceu, Cia Teatro Renascer, Grupo Amigo de Teatro, Cia Eficiente de Dança, Hip Hop, Interação Ralé entre outros. Cercas de 200 alunos eram atendidos pelas oficinas oferecidas no espaço, como as de Breck Dance, Dança Contemporânea para Adolescentes e Crianças, Desenho e Pintura, Reciclagem de Roupas e Papel, Percussão, Teatro Artesanal, Teatro Físico e Teatro-Dança.³⁹⁰ Em 2018, o Teatro João Paulo II passou por uma reforma.

Também nessa área, foi construído uma infraestrutura para o balneário situado no rio Poti denominado Curva São Paulo, em 2006, passando a denominar-se Parque São Paulo. A denominação dada por populares dava-se pelas características geológicas do local, no qual o rio faz literalmente uma curva em seu curso logo após entrar na zona urbana do município de Teresina, São Paulo por conta do Residencial instalado em suas proximidades que possui essa nomenclatura. A área foi urbanizada, com a construção de 46 quiosques de venda de comida e bebidas, com espaço para apresentações culturais, calçadão, banheiros. O projeto seguia as diretrizes da nova concepção de intervenção urbanística, ou seja, voltado para a valorização e aproveitamento de espaços naturais, como a margem de rios. Inicialmente, teve uma ampla aceitação por parte da população local, com intensa movimentação.

Entretanto, o projeto não levou em conta o aumento das águas do rio no período chuvoso, por situar-se muito próximo à margem do rio, teve seu espaço inundado por diversas vezes, danificando a infraestrutura do local e afugentando os visitantes. Esse é um exemplo de intervenção urbana em que o planejamento não foi levado em consideração outros fatores como alterações dos próprios fenômenos da natureza e outro muito comum, a falta de manutenção dessas áreas. Ou seja, elas passam por uma valorização quando entregues, por contar com instalações novas e logo em seguida são abandonadas tanto pelo poder público como pelo próprios usuários daqueles espaços, o que gera danos para os espaços urbanos, que passam a conviver com áreas degradadas, que acabam sendo apropriadas, na maioria das vezes, por grupos indesejáveis, como moradores de rua e usuário de drogas.³⁹¹

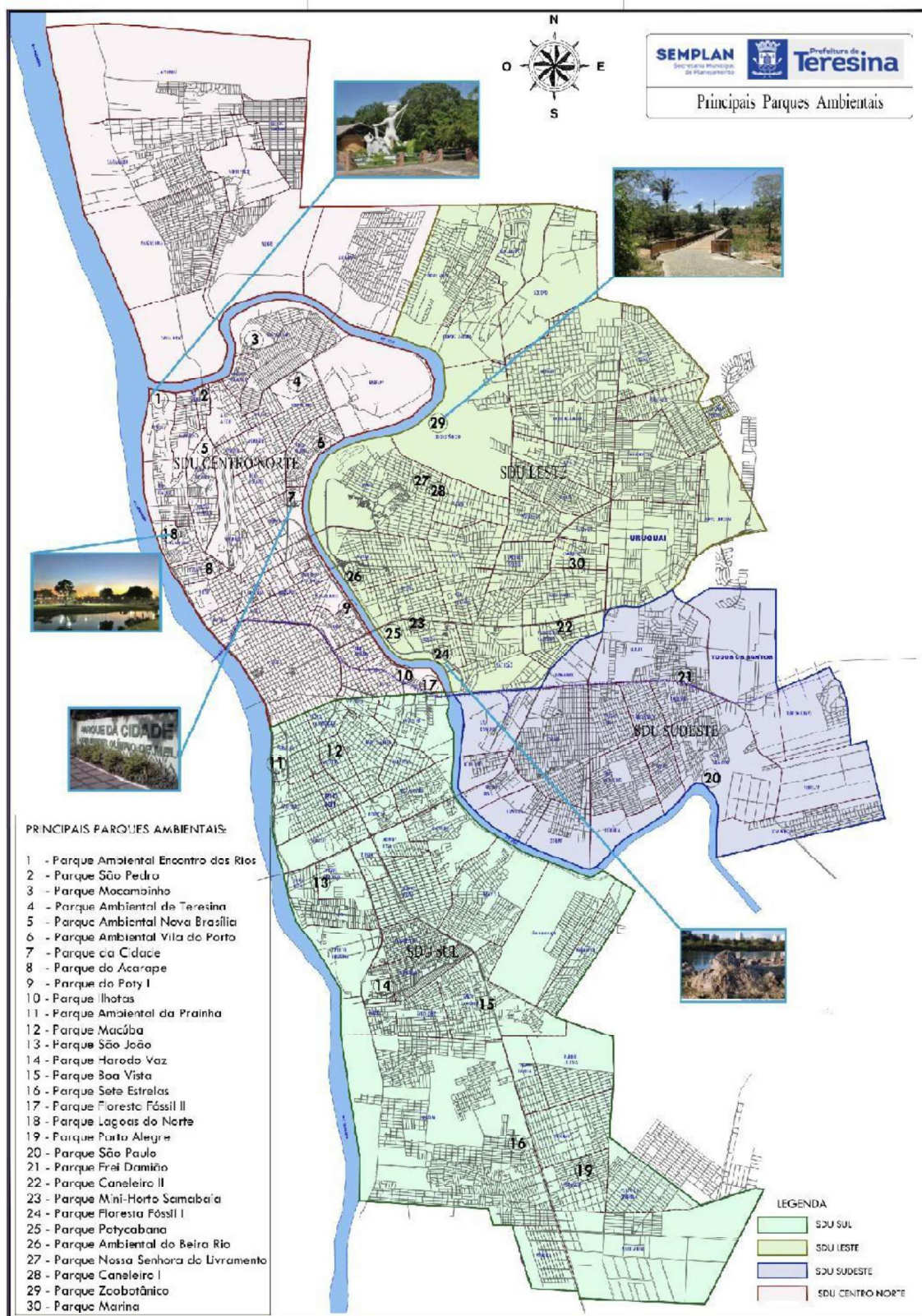
O que observamos com a análise do processo de requalificação das áreas urbanas centradas nas políticas de aproveitamento de espaços com recursos naturais para instalação de parques ao longo do perímetro urbano é que esses espaços seguem a lógica de um urbanismo típico de cidades pós-modernas. Sendo que Teresina dispõe de áreas propícias a esse tipo de

³⁹⁰ Teatro João Paulo II comemora seu segundo ano de existência. Teresina, 30 jul 2007. <<https://www.gpl.com.br>>. Acessado em 26 jun 2019.

³⁹¹ APÓS nove anos de criação, balneário Curva São Paulo está abandonado. Teresina, 20 jul 2015. <<https://www.gpl.com.br>>. Acessado em 19 out 2019.

intervenção, por possuir em seu perímetro urbano, como já informamos anteriormente, dois perenes e uma série de lagos. Esse aspecto natural foi aproveitado pelos dirigentes locais que fizeram intervenções seguindo o modelo das demais cidades globais, ou seja, de proporcionar espaços interligados com elementos da natureza e que passaram por processos de urbanização e apropriações de aspectos culturais.

Mapa 02: Principais Parques Ambientais de Teresina



Fonte: SEMPLAN Teresina.

No mapa a cima, temos a distribuição dos trinta parques ambientais presentes na cidade de Teresina até o ano de 2015, bem como sua redistribuição por Superintendências de Desenvolvimento Urbano - SDU³⁹². Estando assim distribuídos: 7 na SDU Sul, 9 na SDU Leste, 2 na SDU Sudeste e 12 na SDU Centro Norte.

É evidente a concentração de parques na SDU Norte Centro, 3 na zona Centro e 9 na zona Norte. As condições topográficas dessa região, com área ribeirinha, com dois rios que as circunscvem, além de inúmeras lagoas naturais e uma considerável área verde preservada contribuem para a concentração de parques ambientais em seu perímetro. Também é, nessa área, que estão situados os parques de maior importância histórica, ambiental e turística para a cidade, como o Parque Encontro dos Rios, o Parque Floresta Fóssil II, o Parque da Cidade e o Parque Lagoas do Norte. Em seguida temos a SDU Leste, com 9 parques, também de elevado valor histórico, ambiental e turístico como o Floresta Fóssil I, Parque Potycabana, Parque Beira Rio e Parque Zoobotânico, tendo como característica fundamental a proximidade da maioria desses parques com o rio Poti. Somados o total de parque, também, é a que possui maior número de área verde. As SDUs Sul e Sudeste são as que apresentam o menor número de parques da cidade. São parques de implantação mais recente, e de menor potencial histórico, ambiental e turístico.

Diante dessa análise, é possível inferir que uma parte expressiva desses parques estão localizadas em áreas nobres ou próximas a elas. São parques que passaram por implantação de equipamentos urbanísticos por meio de obras de construção e reformas e, por esse motivo acabaram por contribuir para o processo de valorização dessas áreas. Enquanto os demais, que são menores em quantidade e menos expressivos, estão situados na periferia da cidade. A área destinada ao lazer em área livre e arborizada é extremamente reduzida, nesses espaços, como também o espaço para a prática de atividades físicas e esportivas. Dessa forma, os parques ambientais, apesar de essenciais para o viver cidadão, por ser um espaço público, de usos diversos também se apresenta como espaço de segregação social. Estando eles em maior quantidade e mais bem aparelhados situados em áreas nobres enquanto, os moradores da periferia não podiam contar com a mesma oferta e qualidade.

Já na área do saneamento, outros projetos também foram postos em prática na capital. Dentre eles, encontra-se o Projeto Sanear, no qual estavam obras de saneamento e melhoria de abastecimento de água postos em prática inicialmente na zona leste da capital. Nesse projeto, obras como a construção de um reservatório de água no bairro Planalto Uruguai, uma região de

³⁹² Para uma melhor administração dos bairros em Teresina a cidade foi dividida em SDUs: Sul, Leste, Sudeste e Centro Norte.

topografia mais elevada, a obra possibilitaria 1.300 novas ligações beneficiando bairros carentes como Vila Bandeirante I, II e III, Cidade Jardim, Vila Maria, Conjunto Taquari e Parque Mão Santa. O Projeto Sanear compreendia, ainda, a construção de 200 km de rede de esgoto e a ativação de mais 40 km já existente, beneficiando cerca de duzentas mil pessoas, além da construção de uma lagoa de estabilização, com o objetivo de atender a 90% dos bairros da zona leste, com uma capacidade de receber 500 metros cúbicos de dejetos por segundo, fazendo um tratamento biológico que acarretaria em um índice mínimo de poluição ao rio Poty. Os bairros beneficiados eram Planalto Ininga, São João, São Cristóvão, Morada do Sol, Jockey, Noivos e Recanto das Palmeiras.

O projeto, apesar de necessário³⁹³, foi imensamente criticado por parte dos opositores à administração municipal, uma vez que a área escolhida para a implantação do Projeto Sanear foi a zona Leste, uma das áreas mais ricas da cidade. Os questionamentos recaíam pelo fato de a cidade possuir uma infinidade de bairros carentes de abastecimento de água e demais aparelhamentos de saneamento.

A segunda etapa do Projeto Sanear deu-se no centro, com a construção de 13 km de rede coletora, o equivalente a 1.400 novas ligações, complementando a já existente, e compreendeu alguns bairros da zona Norte, com a construção de 50 quilômetros de esgoto sanitário, beneficiando 4.700 domicílios situados nos bairros Marquês, Matadouro, Vila Operária e Acarape, além da construção de duas lagoas de estabilização, do bairro Pirajá, na Avenida Maranhão, nas quais todo o esgoto lançado é decomposto e recuperado antes de ser despejado nos rios, com a finalidade de reduzir consideravelmente a poluição ambiental. Os recursos investidos foram de cerca de R\$ 11,5 milhões, oriundos do Orçamento Geral da União, através do PASS e da AGESPISA.³⁹⁴

Apesar dos benefícios proporcionados pela implantação do esgoto sanitário, o poder público teve que fazer campanhas esclarecendo a população dos benefícios de interligarem seu esgoto domiciliar ao sistema sanitário. “O sistema de esgoto ora implantado irá garantir melhores condições de vida, contribuindo deste modo para a saúde pública, pois o mesmo fará a coleta de dejetos e água utilizadas acabando de vez com os esgotos de céu aberto e fossas sépticas responsáveis por várias doenças.”³⁹⁵ Mas, para um resultado mais significativo na questão do saneamento urbano, era necessária a ampliação dos serviços de melhorias no sistema

³⁹³ No início dos anos de 1990 apenas 5% da área urbana de Teresina possuía esgoto sanitário. Uma década depois, não passava de 13 % a rede pública de esgoto sanitário. AGENDA 2015, 2002.

³⁹⁴ TERESINA recebe rede de esgoto. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.942. p. 09, 10 jul 1998.

³⁹⁵ SANEAR ligará 4,7 mil casa à rede coletora da Agespisa. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.680, p. 04, 09 jul 1999.

sanitário resultado da implantação do Projeto Sanear para as demais áreas da cidade, principalmente, nas regiões periféricas, onde as condições sanitárias eram mais precárias e não concentradas apenas nas zonas Centro e Leste.³⁹⁶ Outras medidas foram tomadas com o objetivo de tornar a capital do Piauí em um lugar mais agradável para se viver, como a preocupação com as áreas verdes.

As preocupações com áreas verdes aliadas às altas temperaturas registradas em Teresina, chegando aos 40° celsius, já faziam parte de diversos projetos implementados na capital. Em 1941, sob a gerência do diretor de obras públicas Luís Pires Chaves, o mesmo responsável pela elaboração do Código de Postura de Teresina de 1939, é publicado o Plano Regulador de Teresina no qual estabelecia diretrizes diversas para sanar os principais problemas de trânsito e circulação nas vias da capital, bem como, buscava solucionar também problemas relacionados à salubridade provocada pelas constantes altas temperaturas. Dentre outras medidas, deliberou sobre esses aspectos:

- a) definiu algumas medidas relacionadas à salubridade pública, sobretudo, em face ao clima quente da região: sombreamento das vias públicas através do plantio de árvores, arborização de praças, alargamento das ruas, retificação e abertura de novas vias públicas com dimensões especificadas e regulamentadas pela Diretoria de Obras Públicas Municipais;
- b) orientava a arborização das ruas de toda a cidade, fila dupla de árvores de pequeno porte para as ruas com orientação Leste Oeste; arborização unilateral “no lado do sol à tarde”, para as ruas com orientação Norte-Sul; e recuo progressivo das construções em dupla fila nas ruas orientadas segundo a direção Leste-Oeste.³⁹⁷

Em 1997, a Prefeitura Municipal a lança o “Projeto Avenida Verde”. Ele consistia na rearborização dos canteiros centrais das principais vias públicas da cidade como proposta de amenizar a temperatura e reduzir a poluição. Aliados, ainda, ao trabalho de limpeza diária dos canteiros. A prioridade do programa era o cultivo de plantas nativas como o caneleiro, o angico branco e o pau-d’arco, também denominada de ipê, entre outras, que eram cultivadas em um viveiro mantido pela Prefeitura de Teresina. Inicialmente, os ‘trabalhos foram realizados nas Avenidas Henry Wall Carvalho, na zona sul e John Kenedy, na zona leste e, posteriormente, para as diversas zonas da cidade. O projeto tinha como meta atingir a quantidade de oitenta mil

³⁹⁶ A implantação de um sistema de esgotamento da capital ocorreu de forma lenta e deficitária, em 2010,

³⁹⁷ SILVA, Ângela Napoleão Braz. *Entre rios: a modernização e o crescimento urbano de Teresina (1889-1940)*. Tese – Doutorado em Arquitetura e Urbanismo: Universidade Federal da Bahia, 2011. p.124.

árvores plantadas.³⁹⁸ Em 2010, cerca de 72% das vias públicas da capital encontravam-se arborizadas.³⁹⁹

Plano Diretor de Arborização de Teresina chegou a ser discutido em 2004. O plano fazia parte das atividades do Plano de Desenvolvimento Sustentável de Teresina, a Agenda 2015. A proposta era fazer um inventário das espécies vegetais plantadas na cidade e analisar quais apresentavam melhor adaptação com o clima de Teresina, além de definir os espaços para o plantio. No documento, deveria conter todas as especificações para orientar as formas de plantio e cultivo, poda e outros cuidados, o tamanho dos canteiros, os tipos de árvores adequadas para margem de vias públicas, praças e parques.⁴⁰⁰ Após o levantamento feito em alguns bairros, constatou-se o alto percentual de uma única espécie na arborização de ruas, a *Ficus microcarpa*, que tem se disseminado pelas vias públicas. Isso se deve pela intervenção dos moradores no plantio de árvores sem o conhecimento da recomendação adequada para esse tipo de arborização.

Com a conclusão do plano, a prefeitura de Teresina tomaria as providências necessárias na correção desse tipo de irregularidade, além de adotar políticas de preservação ambiental e ampliação de áreas verdes contribuindo para melhorar o clima e a qualidade de vida da população de Teresina.⁴⁰¹ A arborização da cidade virou uma atividade constante, pela demanda cada vez mais frequentes por áreas verdes e pela própria manutenção das já existentes. Conforme a Coordenadora geral da Agenda 2015, Carmem Neudélia, “Esse projeto - que será permanente – tem como principal objetivo amenizar as condições climáticas, em especial as altas temperaturas, bem como contribuir para a redução dos efeitos da poluição do ar, além do embelezamento da cidade.”⁴⁰²

Em uma pesquisa realizada por técnicos, chegaram à conclusão de que a árvore mais resistente ao calor era o oitizeiro, além de ser uma árvore frondosa e que não perdia suas folhagens durante o período mais seco do ano, como os ipês, por exemplo.⁴⁰³ Outras árvores também faziam parte da flora local além dessas escritas, como o caneleiro, que foi escolhida

³⁹⁸ PROJETO implantará mais de 80 mil árvores nativas. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.566. p. 09, 24 jun 1997.

³⁹⁹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -IBGE. Cidades – Teresina – Panorama – Território e Ambiente, 2010. In: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/teresina/panorama> > Acessado em 13 de outubro de 2019.

⁴⁰⁰ ARBORIZAÇÃO: prefeitura vai discutir plano. *Diário do Povo*. Teresina, ano XVIII, n. 6.579, p. 05, 22 out 2004.

⁴⁰¹ PREFEITURA vai ampliar as áreas verdes. *Diário do Povo*. Ano XVIII, n. 6.918, p. 05, 23 set 2005.

⁴⁰² VILARINHO, Marco. Agenda 2015: para ver Teresina crescer – o verde mais verde. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.243, p. 04, 27 jun 2010.

⁴⁰³ ARBORIZAÇÃO será intensificada para diminuir o calor. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.190, p. 03, 07 out 2004.

como árvore símbolo de Teresina.⁴⁰⁴ Uma outra medida era a realização de vistoria nas árvores existentes no centro da cidade, para verificação das condições em que se encontravam, se ofereciam riscos de queda, se possuíam algum tipo de infestação e etc.

A política de arborização foi dada continuidade na capital pelas administrações subsequentes, como o projeto “Teresina Verde Que Te Quero Verde”, que tinha como proposta o plantio de 150 mil novas árvores em toda a cidade, no período de dois anos, ou seja, de 2007 a 2008. Na execução do projeto, as árvores foram plantadas utilizando uma técnica chinesa, que consiste na transposição de árvores jovens ou adultas. A técnica é feita com a poda da muda e a manutenção dos torrões nas raízes e o caule envolvido em material permeável, para evitar a perda de umidade. Clóves Júnior, membro do Grupo Operacional de Arborização Urbana da Prefeitura de Teresina⁴⁰⁵ afirmou: “a grande vantagem dessa técnica é a economia que ela representa, evitando o desperdício de água e trazendo benefícios muito mais rápido. Em apenas um ano, ela oferece todos os benefícios que normalmente levaria cinco anos, como sombra e absorção de gás carbônico.”⁴⁰⁶ Paralelo às ações de transplante de árvores, havia o plantio de mudas de árvores nativas e frutíferas em praças, escolas, avenidas e parques da cidade. As mudas eram cultivadas em três viveiros situadas na cidade.

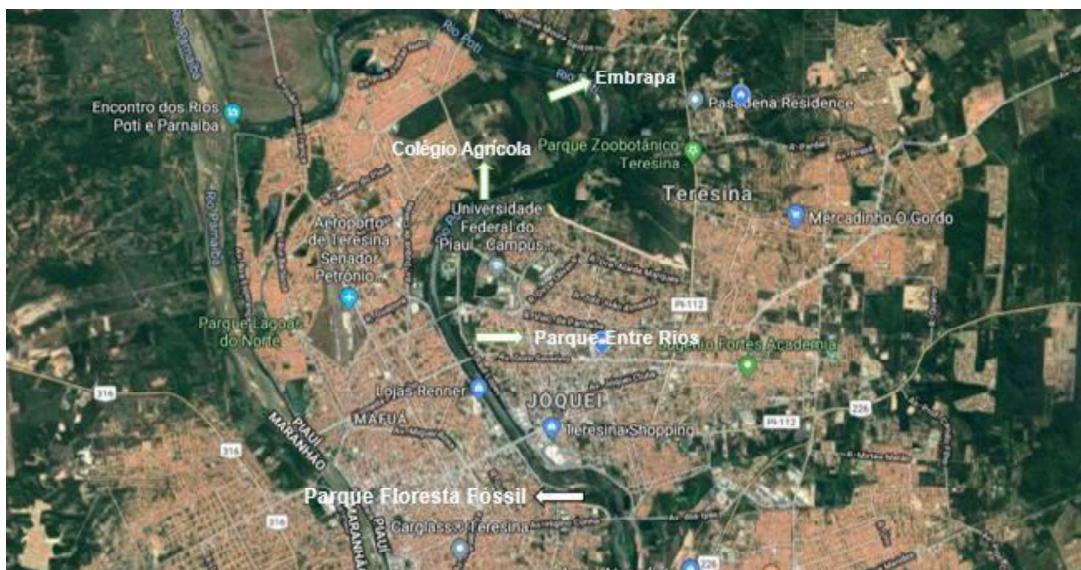
Havia também uma preocupação com o intenso processo de ocupação das margens do rio Poti, com o acelerado crescimento populacional ali verificado nas duas últimas décadas do século XX. A área, mesmo possuindo uma quantidade significativa de verde, principalmente nas margens do rio Poti, com a presença de parques, era necessária uma constante preservação. Nesse sentido, os administradores locais instituíram um “corredor verde”, salvaguardando áreas ainda intactas de matas ciliares que compunham a Floresta Fóssil, o Parque Beira Rio, Colégio Agrícola da Universidade Federal do Piauí, Parque Zoobotânico na margem direita do rio Poti e o Jardim Botânico na área da EMBRAPA na zona norte, na margem esquerda do rio, como é possível observar no mapa a seguir.

⁴⁰⁴ TERESINA, 2002.

⁴⁰⁵ O grupo foi criado através de decreto pelo prefeito Sílvio Mendes para planejar e coordenar as ações de arborização em Teresina. o grupo é composto por técnicos da SDUs e das secretarias municipais de Planejamento e de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Responsáveis pela elaboração do Projeto Verde Que Te Quero Verde, além de desenvolverem ações educativas em escolas, bairros e empresas, além de cursos de capacitação para técnicos e funcionários da prefeitura. GRUPO Operacional de Arborização de Arborização Urbana. *O Dia*. Teresina, ano LVI, n. 15.182, p. 03, 1º jul 2007.

⁴⁰⁶ POR UMA cidade mais verde: Teresina ganha quarenta e seis mudas de árvores nos seis primeiros meses de 2007. *O Dia*. Teresina, ano LVI, n. 15.182, p. 03, 1º jul 2007.

Mapa 03: Áreas verdes em torno do Rio Poti no perímetro urbano de Teresina.



Fonte: GOOGLE Mapas

Essa área verde, bem evidente no mapa, passaria a ser uma área de preservação permanente, com uma legislação mais rígida, que barrasse qualquer tentativa de ocupação que trouxesse resultados negativos para área. A ideia foi amplamente veiculada na imprensa local como uma forma de conscientizar e sensibilizar a população para a preservação desse “corredor verde”. Uma vez que, mesmo fazendo parte de áreas de proteção, era comum a ocorrência de queimadas, e até mesmo desmatamento.

Teresina é a capital do verde. Ela tem uma das maiores áreas verdes por habitantes no país. A criação de um ‘corredor verde’ em Teresina evitaria um desastre socioambiental. O rio Poti sofreria menos danos. Equilibrando o desenvolvimento ecologicamente sustentável na urbanização. [...] o ‘corredor verde’ e a criação de parques ambientais integra a cidade na causa ecológica de forma radical e responsável.⁴⁰⁷

As margens dos rios sofreram com uma ocupação desordenada, com vários prejuízos ambientais, como o aumento da poluição e o desmatamento da flora ciliar. Com a finalidade de reduzir os danos causados nessa área foi criado o Projeto Vida-Rios que propunha ordenar e racionalizar a ocupação e uso das margens dos rios Poti e Parnaíba em Teresina, privilegiando os aspectos ambientais, lazer, turismo, integração ao sistema viário básico e transporte. Dessa forma, Teresina estaria inserida no rol de políticas voltadas para a preservação ambiental, na

⁴⁰⁷ UM “CORREDOR verde”. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3.086. p.02, 15 jul 1997.

qual a convivência do desenvolvimento urbano e a conservação com áreas verdes e cursos de águas naturais como os rios.

Nesse sentido, foram criados parques entre as avenidas e as margens do rio Poti, como nas Avenidas Marechal Castelo Branco e Raul Lopes, com áreas de calçadas para prática de atividades físicas em áreas arborizadas da cidade, buscando uma integração entre a preservação da natureza ao passo em que esta também servia de usufruto para a população. Nas margens do rio Parnaíba, o destaque ficou por conta de obras de ampliação da urbanização da margem direita do rio Parnaíba com a construção de um calçadão, no trecho compreendido entre o Iate Clube e a Avenida Joaquim Ribeiro.⁴⁰⁸ A recuperação e a urbanização de lagoas também foi colocada em prática, como por exemplo, a lagoa situada nas margens do Centro Administrativo, zona Sul, nas margens da Avenida Maranhão.

A lagoa que foi contemplada com um belo projeto de urbanização, recebe 45 mil metros de água por dia, hospeda animais, patos, peixes, marrecos e até iguanas. Um ecossistema em perfeita harmonia em plena zona urbana. Nos fins de semana as famílias podem aproveitar a paz do local e levar as crianças para brincar ao redor. A lagoa dispõe de bancos, mesas e até churrasqueira, tudo a sombra de árvores frondosas. [...] A lagoa, até pouco tempo era poluída, e suas águas serviam apenas para acumular sujeira que poderia se transformar em doenças que atingiam crianças e adultos.⁴⁰⁹

Na urbanização da lagoa, foi realizada a implantação de um sistema de captação da água da chuva do bairro São Pedro, que foi canalizada para a lagoa, que passou a ter uma vazão de quase dois mil litros de água por hora, repondo o líquido que era evaporado. A lagoa passou a receber 45 mil litros por dia. As ligações e o sistema de controle foram feitos pela AGESPISA, que encontrou uma solução ecologicamente viável para o problema da poluição da lagoa, resultado do processo de urbanização desordenado pela qual passou, teve suas margens recuperadas e entregues para o uso da população de uma área agradável e limpa.

Outra preocupação dos governantes locais era com a limpeza urbana. As ações iam desde campanhas educativas ao disciplinamento por meio de uma legislação rigorosa em torno do assunto. O novo Código de Posturas do Município estabelecia multa e apreensão de documentos e de veículos dos motoristas que fossem flagrados jogando lixo em locais inapropriados, como terrenos baldios e vias públicas. A preocupação também passava com a

⁴⁰⁸ PREFEITO vistoria obras de urbanização. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 4.049, p. 05, 18 set 1997.

⁴⁰⁹ GOVERNO recupera lagoa que vira ponto turístico no Centro Administrativo. *Diário do Povo*. Ano XVIII, n. 6.918, p. 09, 23 set 2005.

varrição e coleta de lixo periodicamente das ruas da capital.⁴¹⁰ Essa foi uma política adotada em todos os governos do PSDB na capital.

No estudo que faz sobre as mudanças na maneira de administrar as cidades posta em prática nas últimas décadas, com um especial destaque para busca por justiça social, consciência ecológica e um desenvolvimento sustentável, com um claro objetivo de tornar a cidade atraente aos olhos do visitante, forjando uma valorização de determinadas áreas para a implementação do turismo nessas regiões, com especial destaque para Fortaleza, capital do Ceará, Marinina Gruska Benevides, afirma que

Os planos para construção de uma cidade justa parecem apontar na direção do futuro muito mais que do passado, sobretudo se considerado o estado de nossos monumentos ou o ‘novo roteiro cultural’ que se tenta construir. Mas, dependendo do campo de visão que nosso olhar alcança, dos focos abertos ou fechados, mais próximo, mais cotidianos, ou mais longe, passado e distância, é possível ver refletida a luta pela memória e a luta da lembrança contra o esquecimento. Aquilo que poderíamos chamar de *urbanificação turistificante*, ou seja, a medicalização dos males urbanos, para redução dos malefícios da urbanização e incremento dos seus benefícios do turismo, não deixa de trazer a reflexão sobre a necessidade de valorização do espaço público, como força viva a mover o presente, comportando todos os tempos e lugares de experiência urbana [grifo do autor].⁴¹¹

A proposta de preservação do patrimônio ambiental da cidade, para além de salvaguardar seus elementos constituintes, como rios, lagoas, áreas verdes para gerações futuras, uma valorização dessas áreas para o turismo, também está vinculada à necessidade de preservar a memória e a identidade de seus habitantes, como uma tentativa de estabelecer vínculos com o passado e de imortalizar o vivido. É situar o que deve ser lembrado, não só pelo sentido material e funcional, como também pelo sentido simbólico que possui, os espaços de experiências de moradores que possuem relações ali constituídas, revelando dessa forma, diversas modalidades de ser no mundo. Por fim, é refletir sobre o direito que é de todos de usufruir desses espaços consideradas as implicações à qualidade de vida, por hora, usurpado de seus consumidores natos: os moradores da cidade.

Mas, por outro lado, o processo de “urbanização turistificante”, para além da construção de novas áreas de lazer, com a preservação do meio ambiente, que dão novos contornos à capital do Piauí, há uma extensão daquilo que constitui apenas como espaços de memória e identidade

⁴¹⁰ PREFEITURA coleta lixo em 16 trechos numa só avenida. *Diário do Povo*. Teresina, ano VIII, n. 2.915. p. 01, 10 jan 1997.

⁴¹¹ BENEVIDES, Marinina Gruska. *Direito à cidade: administração pública, justiça social, consciência ecológica e desenvolvimento sustentável*. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009. p. 122 e 123.

da cidade. Isso é firmado na forma de falar, na música, nas danças, na produção literária, nas coisas que se vendem, nos cheiros e sabores da culinária. Todos esses aspectos passam por interferências, não é uma simples recuperação de práticas, de formas de fazer e de seus usos. Elas são recuperadas, mas sofrem mudanças, adaptações que são apresentadas como uma nova roupagem, com o claro intuito de agradar o cliente, o visitante ou o turista. Dessa forma, o contato com essa diversidade de espaços, de produtos e de práticas culturais vão engendrando novas identidades, frutos das relações sociais que são forjados cotidianamente pelos diversos atores sociais.

Otília Arantes faz uma análise das condições de vida nas cidades contemporâneas, em especial as brasileiras, e vê nela um reflexo da nova ordem mundial, com a consequente fragmentação do urbano, com uma subproletarização resultante de um aumento desmesurado da população vivendo em cidades, das precárias condições de existência da maioria de sua população, o que tem acarretado uma marginalização urbana em dimensões mundiais. No dizer da própria autora, não se trata mais de uma explosão urbana e sim de uma implosão. E o poder público não tem tomado providências significativas para a redução das desigualdades e para a melhoria das condições de vida desses grupos menos favorecidos.⁴¹²

Arantes, critica veementemente as políticas urbanísticas atuais, sobretudo, essas que segue a onda preservacionista, seja ela de cunho ecológico ou de revitalização, que seguem a lógica do mercado. Ela questiona o mero retorno de aspectos da arquitetura, que não levam em consideração o sentido simbólico daqueles espaços para a comunidade. A simples reconstituição desses espaços não é responsável pela recuperação das práticas ali realizadas anteriormente, recuperando as sociabilidades que desapareceram em decorrência do próprio processo de modernização pelas quais as cidades brasileiras tem passado ao longo das últimas décadas.⁴¹³

2.2 (Res) significando a cidade: o projeto de revitalização do centro de Teresina (1990-2010)

O Centro de uma cidade é mais do que um espaço localizado na cartografia da cidade. Em muitas cidades é o ponto inicial daquele assentamento urbano. Possui uma carga simbólica e patrimonial muito forte. Para Sandra Jatahy Pesavento:

⁴¹² ARANTES, Otília. *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: Edusp, 1998.

⁴¹³ ARANTES, 1998.

O centro é o núcleo original, o ponto de partida nodal de uma aglomeração urbana. O centro é, pois, o marco zero de uma cidade, o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem. Assim sendo, o centro é um espaço privilegiado no tempo. [...] Ser o núcleo mais antigo de um assentamento urbano implica poder contar, de forma visível ou não, com a certeza de ser o sítio portador do traçado original da urbe. Como núcleo de origem, os centros urbanos concentram os prédios mais antigos, ditos históricos e potencialmente referenciais para o passado da urbe; neste espaço central teve ainda início o processo de instalação dos primeiros equipamentos urbanos, assim como também tais sítios de origem são, via de regra, centros políticos, culturais, religiosos e, sobretudo, locais de intensa sociabilidade.⁴¹⁴

Conforme a autora, um centro urbano possui três componentes fundamentais na articulação entre espaço e tempo na cidade: primeiramente, os elementos estruturais de sua materialidade; em segundo, a apropriação que se fazem desses espaços no tempo, transformando-o em território, ou seja, espaço de experiências vividas, onde se estabelecem as relações de sociabilidades; e por último, a carga imaginária desse espaço-território no tempo, transformado em lugar portador do simbólico e das sensibilidades. Nesse sentido, as centralidades urbanas fazem parte do processo histórico da urbe, uma vez que possui uma carga de materialidades e significações para uma dada sociedade.

Em Teresina, capital do estado do Piauí não é diferente. A cidade foi planejada pelo conselheiro Antônio Saraiva e seguiu o modelo de tabuleiro de xadrez, no qual o projeto tem como ponto de partida um largo, hoje a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, em torno da qual se deu início a cidade, com os prédios públicos e religioso, como o Palácio da Cidade, sede administrativa e a Igreja Nossa Senhora do Amparo, onde se deu a pedra fundamental da cidade. Em torno dessa área, hoje considerado o Centro Histórico da cidade, ocorreu não só o crescimento urbano da capital, mas também foi o lócus de sociabilidades e vivências da maioria da população da capital por pelo menos cem anos de existência, nesse sentido iremos fazer um percurso pelos processos pelos quais o Centro tem passado ao longo das últimas décadas.

2.2.1 O processo de desvalorização do Centro de Teresina

O crescimento urbanístico e suas consequências, como adensamento populacional, é uma característica comum nas cidades desde o século XVIII, com o processo de industrialização em cidades europeias como Londres e Paris. Os centros urbanos sofrem um desgaste natural com a passagem do tempo, mudanças podem ocasionar alterações de uso desses espaços, que

⁴¹⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidades urbanas. *Revista Mosaico*, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008. p. 04 e 05.

por sua vez acarretam em perda ou alteração de significado prejudicando, sobremaneira, a memória construída em torno desses espaços. No Brasil, a situação é agravada ainda mais porque há poucas políticas de preservação patrimonial, o que prejudica a preservação dos centros urbanos. O mais comum é o processo de descaracterização dessas áreas por meio de demolições de prédios antigos e/ou adaptações grosseiras que contribuem para o processo de desvalorização econômica e patrimonial dos centros urbanos.

Teresina também passa por todas essas configurações espaciais. Mesmo sendo uma cidade moderna, com um pouco mais de 160 anos de história, projetada para ser a capital do Piauí, ainda, no império, não consegue preservar seu patrimônio histórico como muitas outras no Brasil. O Centro passou por constantes modificações, desde deixar de ser área residencial de alto poder aquisitivo, até mesmo entrar em um processo de desvalorização comercial. Desse modo, o Centro passou a ser cada vez mais um local vazio à noite, perigoso, degradado. Espaços antes reservados às principais atividades da cidade, polo administrativo, com comércio efervescente, espaços de sociabilidades e de lazer, como praças, cinemas e clubes, sedem lugar a ruínas onde habitam seus fantasmas.

Esse processo de desvalorização do Centro decorre por uma série de fatores que agem mutuamente agravando a situação nesses espaços. Primeiramente, há de se levar em consideração o próprio processo de crescimento e espacialização urbanos ocorrido em Teresina principalmente nas décadas de 1960 e 1970, em que praticamente a população dobrava a cada década, novas áreas surgem na cidade. Uma dessas áreas é a Zona Leste da Cidade, uma área nobre, voltada para uma população de alto poder aquisitivo que busca mais conforto e bem estar longe das áreas centrais e seus problemas comuns como barulho, poluição, congestionamentos e altas temperaturas.⁴¹⁵ Essa mudança para a Zona Leste segue os imperativos dos demais centros urbanos mundiais. Conforme Raymond Williams,

De fato, vem ocorrendo um movimento importante de afastamento da cidade em uma acepção mais antiga, com as grandes demolições nos centros da cidade para a construção de centros comerciais e administrativos e a construção de subúrbios, cidades planejadas e centros industriais em áreas rurais ou semirurais, como resultado de uma política de descentralização relativa. A cidade concentrada está sendo substituída, nas sociedades industriais, por uma verdadeira rede de transportes.⁴¹⁶

⁴¹⁵ Sobre o assunto ver ABREU, Irlane Gonçalves de. *O crescimento da zona leste de Teresina: um caso de segregação?* Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

⁴¹⁶ WILLIAMS, Reymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p.468.

De modo que a área do Centro, a partir de então, perde progressivamente o espaço de área residencial e passa ser eminentemente comercial, uma vez que a população de alto poder aquisitivo se transfere para zona leste da Cidade. Alguns estudiosos afirmam que a inserção dos automóveis também favoreceu a esse processo, uma vez que era possível por meio do veículo ter acesso à área comercial sem necessariamente morar nela. Outra mudança ocorreu no sentido de seguir os moradores mais abastados que migraram para essa nova zona, como, por exemplo, um comércio mais especializado e elitizado composto por joalherias, boutiques, lojas de brinquedos importados, concessionárias, supermercados, entre outros, situadas principalmente nas Avenidas Nossa Senhora de Fátima, Homero Castelo Branco e João XXIII. Uma estrutura voltada para o lazer também foi se estabelecendo na zona leste, como a instalação de clubes, restaurantes e bares para atender à nova clientela. Dessa forma, a vida social da cidade desse grupo de moradores se desloca do centro para a zona leste, modificando para sempre o uso de espaços do centro da cidade, como praças e clubes, antes *locus* de intensas sociabilidades.

A área residencial do centro da cidade passou por modificações para se adequarem à espaços comerciais ou foram postas a baixo para ceder espaços para estacionamentos de veículo, permanecendo no Centro apenas uma pequena parcela da população que relutava em permanecer nesse espaço. Essas famílias, na sua grande maioria, residem no mesmo local a mais de trinta anos, possuem relações afetivas com o local e com a casa, como a senhora Odett Maria da Silva, que reside em uma casa situada na Rua Jonathas Batista há 34 anos, afirma que “não pretende sair nunca de sua residência, porque gosta do lugar e considera o centro a área perfeita para morar.”⁴¹⁷ Outra moradora, a senhora Alice de Sousa, residente na Rua Félix Pacheco, também é relutante diante da possibilidade de mudança: “não me imagino morando longe daqui de modo algum. Aqui estou perto de tudo: bancos, lojas, supermercados, e, principalmente, da Igreja, que eu frequento com regularidade. Também acho o local muito seguro e nada me perturba estando dentro da minha casa.”⁴¹⁸

A permanência dessas famílias se dá principalmente com o apego à residência, à rua, e aos locais já tradicionais de convívio desses moradores. Essa ligação dá-se bem mais pelas questões afetivas do que pela financeira, sobressai também diante dos problemas ali enfrentados como barulho, tráfego intenso, aumento da violência, o que os obrigam a viver enclausurados em suas residências. Esses moradores que ainda resistem em sair do Centro da cidade sofrem com a especulação imobiliária e com as pressões desse setor, com constantes assédios para a

⁴¹⁷ MORADORES do Centro não abrem mão do espaço. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 10.868. p. 02, 17 jun 1995.

⁴¹⁸ *Ibidem*.

venda do imóvel tendo por finalidade a expansão de estabelecimentos comerciais, bancários ou para estacionamentos.

Com a saída da população de classes mais abastadas do centro da cidade, espaços de lazer e sociabilidades passam por modificações. É o caso de praças, como a Pedro II, o Teatro 4 de Setembro e o Clube dos Diários, importante eixo cultural da cidade. Uma vez que as formas de lazer eram substituídas por clubes e restaurantes situados na Zona Leste como o Joquey Clube. Em contrapartida, o Centro vai ficando cada vez menos movimentado, principalmente no período noturno e nos finais de semana.

Tarde de domingo no centro de Teresina é um verdadeiro deserto. As praças pairam de tanto silêncio. Até os namorados se ausentam, elas não são mais suas opções. Os feirantes e donos de bancas de jornal reclamam da solidão e do pouco lucro. [...] O centro de Teresina para no domingo. Fica uma tristeza. [...] O vendedor Roberto Carlos Pereira, da Banca do Joel, na Praça Pedro II, comenta que, no passado, Teresina tinha animação em suas praças na tarde de domingo, porém agora só tristeza.⁴¹⁹

Cedendo lugar para moradores de ruas e usuários de drogas que passam a fazer outros usos desses espaços. Dessa forma, fica ameaçada também a memória desses espaços, uma vez que, perdendo sua função original, suas práticas são cada vez menos presentes. Esses espaços são fundamentais para a construção da história da cidade, são carregados de identidades, nos dizeres de Pierre Nora são “lugares de memória”, que só fazem sentido na medida em que são identificados e rememorados por determinados grupos que repassam para as gerações futuras o significado daquele espaço em períodos históricos diversos.⁴²⁰ Um desses locais é a Avenida Frei Serafim.

A avenida Frei Serafim é, sem dúvidas, a principal avenida da cidade, não apenas por ser a principal via de acesso ao centro histórico da cidade, mas também pela sua importância histórica para a cidade. Foi no final da década de 1930 e meados de 1940, que a avenida Frei Serafim passou a contar com um traçado moderno e amplo, com um canteiro central imponente para a época. Foi nesse período que construções de larga envergadura, como o Hospital Getúlio Vargas passaram a configurar na nova paisagem ao lado das já tradicionais como o Palácio Episcopal, o Convento de São Bento e o Colégio Sagrado Coração de Jesus. Foi nesse período também que aristocratas locais construíram charmosos sobrados, intitulados pelos moradores

⁴¹⁹ AGITAÇÃO do Centro dá lugar ao abandono: a confusão dos dias úteis se transforma numa completa paralisia da região central. Cad. Cidade. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 10.847. p. 07. 26 jun 1995.

⁴²⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, 1993.

locais de bangalôs. Nas décadas de 1950 e 1960, com a construção da ponte Juscelino Kubitschek, em 1957, se consolidou a segunda etapa de urbanização da avenida, com a instalação de repartições públicas em prédios como EMBRATEL e do INSS.

A avenida possuía um pouco mais de cinco quilômetros de extensão e detentora do maior e mais arborizado passeio público da cidade apresentava vários problemas urbanos, como constantes engarrafamentos e depredação do seu espaço público. A última reforma pela qual passou foi durante a década de 1970, quando foram implantadas cinco fontes luminosas. Entretanto, essas fontes encontravam-se desativadas por conta de rachaduras e danos nas suas estruturas que não permitiam mais o funcionamento das bombas que possibilitavam os jatos coloridos de quando foram implantadas. No período das chuvas, chegavam a acumular água e viraram verdadeiros criatórios de mosquitos e depósito de lixo, “enfeitando” e trazendo risco para a população, dando um péssimo aspecto a esse logradouro.

Quase todos os caminhos da cidade levam à Frei Serafim. Dotada de uma rica história, já foi palco de encontros, desencontros, eventos sociais. A aristocracia morava nos bangalôs (sobrados) da mais movimentada avenida e principal via de acesso ao centro da cidade. A avenida revela elementos históricos, arquitetônicos e urbanísticos que estão sendo ‘engolidos’ por comércio, lojas, bancos que tornam, a cada ano, o local esteticamente feio, e, historicamente, sem vida.⁴²¹

A principal via de acesso ao Centro de Teresina encontrava-se completamente engarrafada. Com o aumento da frota de veículos para 180 mil na cidade e com uma média de dez mil novos carros por ano, a avenida Frei Serafim recebia cerca de setenta mil carros por dia. O que já fora símbolo de beleza e cartão-postal da cidade, encontrava-se completamente descaracterizada. A solução para o problema só seria possível com a realização de outras obras. Dentre elas, estavam a duplicação das Pontes Juscelino Kubitschek e Wall Ferraz, a entrega da Ponte Estaiada, que possibilitassem aos condutores novas rotas e a ampliação das já existentes para o centro da cidade.⁴²²

Outro ponto importante para análise do processo de desvalorização do Centro de Teresina diz respeito a uma tendência mundial: a abertura de *shoppings center*. Esses empreendimentos comerciais foram implantados em Teresina na segunda metade da década de

⁴²¹ ALVES, Katiúcia. Alargamento da avenida Frei Serafim causa polêmica. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.974, p. 09, 21 dez 2006.

⁴²² OBRAS na Avenida Frei Serafim facilita o fluxo de carros. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.529. p.03, 18 ago 2007.

1990. As primeiras praças comerciais dessa envergadura foram o Shopping Riverside Walk, inaugurado em 1996 e no ano seguinte o Teresina Shopping. Ambos situados na Zona Leste da Cidade. Esses empreendimentos reconfiguraram não apenas o comércio da capital, aproximando Teresina dos grandes centros mundiais, como também forjando novas espacialidades e sociabilidades.⁴²³

Durante a década de 1990, outro fenômeno traz impactos negativos para o Centro da cidade. Trata-se de um fenômeno denominado de “centralidade fragmentada”, com a espacialização da cidade em inúmeras direções, há o surgimento de “centralidades secundárias”. Para Glória Alves

A constituição da centralidade enquanto um atributo do espaço sob a perspectiva da reprodução do capital em nossa sociedade, se dá, invariavelmente, de forma hierarquizada e especializada. A centralidade é fragmentada na cidade e homogênea quanto a constituição de algumas formas. Essa tendência impõe mudanças na vida cotidiana das pessoas, a partir do grupo social da qual fazem parte. Compreender as centralidades a partir da vida cotidiana nos leva às centralidades secundárias.⁴²⁴

A autora discute o surgimento dessas centralidades secundárias nas regiões periféricas da cidade como uma necessidade decorrente do próprio processo de produção/reprodução desses espaços. A centralidade é entendida, aqui, pela autora, como a concentração de serviços, de bens, de comércio, constituindo uma centralidade local, que atrai pessoas e empreendimentos locais, concentrando ainda mais a população naquela área, de modo que “aparentemente, a caracterização de periferia como lugar de precariedade e de centro como concentração e sinônimo de centralidade caia por terra”.⁴²⁵

De maneira que não só áreas nobres passam a oferecer serviços e um comércio mais próximo dos moradores, como ocorreu na Zona Leste. Mas áreas tidas, anteriormente, como periféricas, situadas afastadas do Centro urbano, composta de uma população de baixo poder aquisitivo, com a precariedade de todos os bens e serviços sociais, criadas nas décadas de 1970, mas, sobretudo na década de 1980, com a construção dos Conjuntos Habitacionais distribuídos nas áreas mais afastadas da cidade como o Mocambinho, na Zona Norte, Itararé, na Zona Sudeste e Saci e Parque Piauí, na Zona Sul de Teresina, passaram por um longo processo de

⁴²³ Trataremos desse assunto com mais afinco no capítulo 3 desse trabalho.

⁴²⁴ ALVES, Glória. Transformações e resistências nos centros urbanos. In: CARLOS, Ana Fani Alessan. (org.). *Crise Urbana*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 149.

⁴²⁵ ALVES, 2015, p. 149.

reprodução do espaço urbano por modificações e reconfigurações em decorrência das próprias necessidades de sobrevivência nessas áreas.

O crescimento da cidade possibilitou o crescimento de novos núcleos comerciais fora do centro e com capacidade para atender a população dos bairros. Os grandes bairros contam com uma infraestrutura que vai de agências bancárias a supermercados. As pessoas podem adquirir nesses locais muita coisa que existe no centro da cidade, sem a necessidade de se deslocar até lá.⁴²⁶

Os pontos de comércio local foram sendo instalados ao longo das avenidas desses bairros, local de maior circulação, por conta do trajeto dos ônibus, e dessa forma também possuíam maior visibilidade. Inicialmente, foram instalados pequenas quitandas, bares, restaurantes, salões de beleza, barbearias e oficinas de reparos. Os serviços públicos como creches, escolas, postos de saúde e centros esportivos foram sendo instalados mediante organizações populares como centros sociais ligados a igrejas e a organizações não governamentais, ou ainda pela associação dos moradores dos bairros que de forma organizada reivindicavam do poder público melhorias.

Essas modificações trazem uma valorização desses espaços urbanos, atraem um comércio de maior porte com a instalação de lojas de departamento e supermercados que acabam por sufocar comerciantes locais de pequeno porte. Por conta das inúmeras demandas são instalados também agências bancárias e pontos de atendimentos de empresas de serviços básicos como de distribuição de energia e abastecimento de água que passam a disponibilizar suas agências para facilitar o atendimento aos usuários. O que se observa que essas áreas tidas, anteriormente, como regiões periféricas, dependentes dos serviços concentrados e oferecidos somente no centro da cidade, passam a ser, como vimos, novas centralidades ou segundas centralidades naqueles locais, atraindo também moradores de bairros próximos.

O Itararé, denominado popularmente de Grande Dirceu, ainda em 1995, era composto por cinco conjunto habitacionais de grande porte, Dirceu I e II, Renascença I, II e III, além de 27 vilas e favelas, já se destacava como núcleo urbano independente. Com um comércio intenso e serviços de atendimento ao público nos mais diversos setores como educacional, contando com creches e escolas, posteriormente com o ensino superior; na saúde com postos de saúde, hospital e maternidade; segurança com policiamento ostensivo, distrito policial, atividades bancárias com agências de bancos e Correios, além de intenso comércio na região. “A maioria das pessoas entrevistadas por *O Dia* na região do Grande Itararé, demonstrou satisfação de

⁴²⁶ BAIRROS ganham lojas e bancos com a expansão. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 2.992. p. 09, 03 abr 1997.

morar em uma área com características de cidade independente por contar com serviços nos mais diversos setores essenciais para a sobrevivência.”⁴²⁷

O que se percebe com essa reconfiguração urbana das periferias é uma necessidade cada vez menor de recorrer ao centro da cidade para o atendimento das necessidades diárias dos seus moradores. Entretanto, essas regiões não disponibilizam de um grande número de oferta de emprego, o que leva a população a se deslocar diariamente para o centro ou para outros bairros para trabalhar. Pode destacar-se também que muitos serviços públicos como os ligados aos setores administrativos tanto municipais como estaduais ainda se concentram no centro ou em suas proximidades, cartórios, além de serviços especializados, como clínicas e atendimento médico, ou ainda um comércio e serviço com maior variedade de produtos, principalmente voltado para uma população de menor poder aquisitivo, com lojas de departamentos populares e de vendedores ambulantes.

Com a saída dos moradores iniciada ainda na década de 1960 e 1970, o Centro passa a ser um bairro eminentemente comercial. Mas, com os processos de desvalorização, mesmo como região de comércio, ocorrida nas décadas de 1980 e 1990 com vimos anteriormente, essas áreas vão se deteriorando enquanto espaços urbanos. “Visitar o Centro de Teresina nos últimos anos tem sido um grande martírio para os consumidores. As ruas se encontram superlotadas, os camelôs tomam ruas e calçadas e a temperatura elevada da cidade deixa tudo mais insuportável.”⁴²⁸

Marcados agora pelo processo de descaracterização do seu patrimônio edificado, processos em série de demolições ou adaptação de antigas residências para sediar o comércio local ou simplesmente ceder espaço para estacionamentos de veículos fazem com que a região perca suas características originais. Essas áreas degradadas vão sendo associadas a lugar perigoso, violento, vazio nos finais de semana, o qual deve ser evitado, afugentam os investimentos nessa área, que são agora alocados para as novas centralidades.

No início do século residência de governador. Às vésperas do final, um estacionamento. Foi isso que aconteceu com a casa Antonino Freire, ao lado dos Correios. A família Pintos cuidou de demolir o prédio antes que a proposta de tombamento, já aprovada, se efetivasse, não houve tempo para salvar o patrimônio construído na segunda metade do século passado. Foi uma das destruições mais traumáticas da memória teresinense.⁴²⁹

⁴²⁷ SILVA, Edmilson. Grande Itararé ganha autonomia. Cad. Cidade. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 10.880. p. 09. 29 jul 1995.

⁴²⁸ “QUEREMOS devolver o Centro para a cidade. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.888. p.05, 16 jun 2009.

⁴²⁹ ALVES, Siljane; ANDRADE, Samária. *O Dia*. Teresina, ano XLI, n. 9.920. p.09, 29 maio 1992.

Dessa forma, a cidade entrava em uma corrida frenética pela mudança que atingia diretamente seu patrimônio edificado e conseqüentemente comprometia a memória histórica por meio dos bens edificados situados no centro da cidade. Os proprietários desses imóveis desconhecem o valor da preservação desses bens e temem o processo de tombamento por terem a responsabilidade de conservar as características originais e, dessa forma, preferem descaracterizar ou até mesmo demolir ao tombamento, e não perder valor econômico do imóvel. Muitos justificam que a responsabilidade da conservação recai apenas para o proprietário, não havendo contrapartida do poder público. Uma perda irreparável para o patrimônio histórico da cidade, que necessita de preservar um conjunto de bens para que tenha sentido e uso para a coletividade.

Mas, independentemente da preservação do patrimônio histórico presente nesses imóveis, outro problema que afligia os proprietários de imóveis no centro de Teresina era a precariedade das instalações elétricas, responsáveis pela sobrecarga de aparelhos eletrônicos que demandavam um grande consumo, como ar condicionados, que ocasiona os incêndios. Devido à antiguidade dos imóveis, essas instalações eram perigosas, e do material que eram construídos, casarões com grandes áreas em madeira, e até mesmo os produtos vendidos em lojas como roupas, calçados, móveis, plásticos e papéis, produtos altamente inflamáveis. Nesse sentido, o Centro era um verdadeiro “barril de pólvoras”, no que se tratava de possíveis ocorrências de incêndios na região. O Corpo de Bombeiros era responsável por fazer vistorias, inspeções e liberar alvarás de funcionamento no que se refere à segurança. No entanto, especialistas informavam que era necessário que esse trabalho fosse feito com maior frequência e em uma periodicidade menor de pelo menos a cada dois anos, devido às especificidades da área.⁴³⁰

Construída na segunda metade do século XIX, portanto, com ruas estreitas, planejada para passagem de pequenos veículos de tração animal, a capital era composta de ruas que se entrecortavam em ângulos retos compondo um “tabuleiro de xadrez”, área que posteriormente veio sediar o centro, que, com o crescimento urbano e o conseqüente aumento de veículos, agora automotivos, teve que conviver com dois graves problemas relacionados ao tráfego urbano: constantes congestionamentos e falta de locais para estacionar. “O fluxo de carros é elevado no Centro, o trânsito fica bastante lento, nos horários de pico. A escassez de vaga para estacionar os veículos leva os motoristas pararem em fila dupla, provocando os constantes

⁴³⁰ BARRIL de pólvora: Centro de Teresina oferece muitos perigos. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.391, p. 09. 14 set 2001.

engarraamentos. Com isso também aumenta o número de infrações.”⁴³¹ Outros problemas como a alto custo dos estacionamento privados e o assédio de “flanelinhas” e guardadores de carros que praticamente loteiam as poucas vagas de estacionamento público existentes no Centro, exigindo pagamento por meio de coerção, com ameaças e até mesmo chegando a danificar alguns automóveis daqueles que se recusam a fazer o pagamento exigido por eles.

A situação é caótica. Sem o planejamento adequado e pela explosão urbana sofrida nas últimas décadas, o Centro foi invadido por vendedores ambulantes, que se espalharam rapidamente pelas ruas, calçadas e praças sem a menor organização.

A cada dia aumenta o número de comerciantes nas praças da cidade. Os vendedores de frutas e de refeições são os principais ocupantes desses logradouros para fins comerciais e, em decorrência disso a população fica sem espaço até pra caminhar pelas praças, além de ter que conviver com a sujeira e os restos de refeições e cascas de frutas que são jogadas nesses lugares. A situação é mais grave nas praças do centro, principalmente a João Luís Ferreira, que muita gente deixou de frequentar por causa da situação de desprezo em que ela se encontra. Na Rio Branco, o grande número de vendedores de frutas também atrapalha as pessoas que passam por ali. Na opinião de muitos teresinenses, os comerciantes que trabalham nas praças precisam ser deslocados para outros locais. Mas há pessoas que entendem que o comércio deve continuar nas praças onde os vendedores fazem melhores negócios.⁴³²

O comércio ambulante no centro da cidade chegou a ocupar cerca de trinta quarteirões, ou seja, aproximadamente três quilômetros de comércio irregular, interrompendo em alguns casos, o tráfego em ruas importantes como a Simplicio Mendes e a Álvaro Mendes, transformadas em calçadas destinadas apenas para a circulação de pedestres. Como é possível observar na imagem a seguir, na qual o cinza do calçamento é sobreposto pelo colorido dos guarda-sóis utilizados por ambulantes para abrigar suas mercadorias. É quase impossível visualizar o próprio calçamento tamanha a ocupação das barracas dos vendedores ambulantes.

⁴³¹ ESTACIONAMENTO é problema grave. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 2.966. p. 05, 05 mar 1997.

⁴³² VENDEDORES ocupam e sujam as praças de Teresina. *Diário do Povo*. Teresina, ano V, n. 1.400. p. 09, 12/13 jul 1992.



Foto 09: Rua Simplicio Mendes – Centro de Teresina em 1997
 Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 03 mar 1997, p. 01

A livre circulação nessas ruas tanto para pessoas, como veículos especiais como o Corpo de Bombeiros e ambulâncias, principalmente na rua Simplicio Mendes, onde concentram-se maior parte dos ambulantes, ficava prejudicada. As reclamações recaíam pelo fato dessas vias públicas encontrarem-se totalmente obstruídas pelo comércio ambulante. Prejudicando não só a circulação de veículos de atendimento de urgência e de veículos da polícia, como também prejudicando o acesso de veículos para o abastecimento do comércio formal, além de impossibilitar a passagem de veículos de manutenção como o da coleta de lixo. Era necessária uma recuperação geral do calçadão dessas ruas que se encontravam esburacadas, sem manutenção das sarjetas, que frequentemente provocavam acidentes aos transeuntes.⁴³³

Os representantes do comércio formal também se ressentiam do crescimento descontrolado do comércio informal: “qualquer empresário da área deve se julgar um invadido. [...] Os comerciantes dos calçadões não podem mais enfeitar suas vitrines como faziam antigamente. Não há como, pois, com as barracas de camelôs tomando toda a rua, ninguém

⁴³³ CALÇADÃO atrapalha consumo: via exclusiva para consumidores, no centro comercial, está esburacada. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 10. 746, p. 2, 03 mar 1995.

consegue notar o que está sendo exposto.”⁴³⁴ As reclamações também eram feitas pelo fato de os comerciários disputarem os clientes de forma desigual tendo em vista que recaíam sobre eles uma série de impostos, legislação trabalhista além de custos com alocação dos espaços, com pagamento de energia elétrica e abastecimento de água enquanto os ambulantes estavam desobrigados desses compromissos. A pirataria, ou seja, a venda de produtos falsificados também era fonte de crítica dos comerciantes formais.

As barracas de vendedores ambulantes também se espalhavam pelas calçadas das praças, concentrando-se próximo às paradas de ônibus, trazendo uma série de transtornos para os usuários de transporte coletivo no centro da capital. “Eles ficam aqui o tempo todo, espalham mercadorias pelo chão e a gente fica com pouco espaço. Quando a parada [de ônibus] está lotada a gente fica no meio da rua, correndo o risco de ser atropelada.” Informava uma usuária em uma reportagem local. Os vendedores ambulantes oferecem uma variedade de produtos que vão de roupas, calçados, comidas e até vales-transportes. Conforme um deles “prefiro trabalhar perto do público, se a gente for pra outro lugar não vende nada.”⁴³⁵ Os vendedores ficavam no local desafiando a própria fiscalização da Prefeitura Municipal de Teresina. Diante da quantidade excessiva de vendedores em detrimento do número reduzido de fiscais, o próprio Código de Posturas do Município era claramente desrespeitado, no qual não era permitida a instalação de bancas de vendas nas calçadas das praças da cidade.⁴³⁶

Os vendedores ambulantes também eram acusados de contribuírem para o aumento da poluição sonora. Para atrair a atenção dos clientes, eles utilizavam aparelhos de som com volume muito além do permitido. Conforme a Curadoria do Meio Ambiente, é proibido o som em frente de prédios públicos, escolas, hospitais e clínicas.⁴³⁷ Outro problema do Centro era a quantidade de lixo depositado nas ruas. Além do aspecto desagradável, o lixo trazia mal cheiro, atraía animais transmissores de doenças como ratos, baratas e mosquitos, entupia bueiros e galerias e atrapalhava a livre passagem dos transeuntes.⁴³⁸ Teresina, mesmo estando em pleno século XXI, ainda não estava inserida nas novas políticas mundiais de preocupação com a preservação do meio ambiente. Ao que parece, essas eram práticas que demandariam ainda um bom tempo para ser absorvidas tanto pelo poder público como pela própria comunidade.

⁴³⁴ EXCESSO de camelôs causa problemas para empresários. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3.034, p. 04, 16 maio 1997.

⁴³⁵ CAMELÔS ocupam as paradas e atrapalham os usuários. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 4.006, p. 09, 05 ago 1997.

⁴³⁶ TERESINA, Prefeitura Municipal. *Código de Posturas do Município de Teresina*. 2007.

⁴³⁷ ROCHA, Sileli. Camelôs causam poluição sonora em frente a prédios públicos. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIX, n. 7.180, p. 04, 17 jun 2006.

⁴³⁸ FINAL de expediente no comércio transforma o cruzamento. *Diário do Povo*, Teresina, ano X, n. 7.128, 17 mar 1997, p. 09.

Engrossava o movimento pelas ruas e avenidas do Centro de Teresina, a explosão de pessoas que perambulavam pelas ruas em busca de sobrevivência. Eram em geral mendigos, pedintes, usuários de drogas, prostitutas, meninos de rua ou sem pessoas sem ocupação definida. Soma-se a isso o fato de muitos prédios abandonados terem sido utilizados como moradia por esses grupos menos favorecidos, que anteriormente haviam sido expulsos para a periferia e que retornam progressivamente para o Centro, reocupando este espaço, dando-lhes um novo uso, ressignificando-o. A imagem a seguir é de um antigo sobrado abandonado, que passou a funcionar como pequeno prostíbulo, situado na rua Félix Pacheco.



Foto 10: Sobrado situado na rua Félix Pacheco, no Centro de Teresina
Fonte: Margareth Leite⁴³⁹

A sacada de ferro serve como varal para secar as roupas dos novos residentes do imponente sobrado agora em ruínas. O contraste das formas altivas do prédio, mesmo desgastado, ao expor roupas para secar livremente, em pleno centro da cidade, dando um aspecto de acanhado ao local. De fato, o que ocorre nesses espaços, com a passagem do tempo e com o crescimento e espacialização da cidade, é um intenso processo de desvalorização e descaracterização desses ambientes. O Centro, sofreu ainda com alteração de usos, suas funções originais são desviadas ou destruídas. E por fim, todo esse processo acaba por interferir na perda do significado histórico desses lugares, uma vez que o significado e a memória construída em torno desses espaços são postos de lado, sofrendo pelo esquecimento e pela falta de sentido,

⁴³⁹ SALGADO Maranhão (Org.). *Teresina um Olhar Poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009.

que é acelerado pelos imperativos do presente, dos usos e necessidades desses espaços pelo agora. Assim, muitas centralidades urbanas agonizaram neste fim de século, fazendo surgir, por outro lado, inúmeras propostas de recuperação, revalorização e revitalização dessas áreas, com objetivo de preservar e dar novos sentidos e usos a esses espaços.

As praças de Teresina, incluindo as situadas no centro da cidade, importantes logradouros urbanos, por muito tempo tiveram seu papel como espaço de lazer e sociabilidades, encontravam-se completamente abandonadas e descaracterizadas. Praças históricas como Praça Marechal Deodoro da Fonseca, Rio Branco, Pedro II, Saraiva, Da Costa e Silva viraram pontos de pedintes, vendedores ambulantes, venda de drogas, com o espaço físico completamente comprometido, além de tornarem-se locais inseguros, devido aos constantes delitos de delinquentes como assaltos e pequenos furtos aos seus transeuntes. O relato de um vendedor ambulante que trabalha na calçada da Praça Marechal Deodoro da Fonseca atesta essa situação: “trombadinhas aproveitam as paradas de ônibus para praticarem pequenos furtos. À noite a situação é ainda mais grave, porque além da falta de iluminação há a falta de segurança, não existe um guarda por aqui, o jeito é encarar o medo e ficar à mercê dos bandidos.”⁴⁴⁰

Conforme uma matéria de outro periódico local,

A situação da praça Da Costa e Silva é a mais precária. A área de passeio da praça está depredada. A praça, que é um dos cartões postais da cidade, está com as placas com poemas pichadas e os bancos precisam de reformas. Outro problema é a falta de iluminação em alguns pontos da praça. [...] Não há nenhum vigilante da prefeitura porque existia um box da Polícia Militar no local, porém este encontra-se desativado a mais de quatro meses, servindo apenas como local de dormida para mendigos e casais de namorados.⁴⁴¹

Uma outra praça de valor histórico simbólico para a cidade era a Praça Rio Branco. Conhecida também como a praça dos aposentados, por conta da quantidade de senhores que ainda a frequentam em encontros matutinos para discutir sobre política, futebol, recordar os tempos antigos ou trivialidades do cotidiano. Relembra-los eles que “a praça era limpa, bonita e tranquila, que não havia a violência que existe hoje e nem a quantidade enorme de ambulantes e prestadores de serviços autônomos que há atualmente. Era um local de encontros e de lazer.”⁴⁴² Com o passar do tempo, ficou completamente descaracterizada. A praça foi praticamente ocupada por ambulantes e os poucos espaços que ainda restavam estavam

⁴⁴⁰ PRAÇA da Bandeira sofre com abandono. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.057, p 09, 28 maio 2004.

⁴⁴¹ DEPREDADAS praças históricas do centro de Teresina. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.581. p. 16, 31 mar 2002.

⁴⁴² MENDONÇA, Vanessa. Rio Branco vira estacionamento para motos e bicicletas. *O Dia*. Teresina, ano LV, n. 14.818, p 09, 06 jun 2006.

servindo de estacionamento para motos e bicicletas. O mau cheiro que se sente ao passar por este logradouro evidenciava que esta é utilizada como verdadeiro banheiro público, revelando a necessidade de instalações sanitárias para atender à população que frequenta o centro da cidade.

As fontes luminosas situadas nas praças e avenidas que outrora foram uma característica de beleza e de modernidade, chegando a ser cartões-postais da cidade, encontravam-se praticamente abandonadas. “As fontes como as das praças Marechal Deodoro, Rio Branco e Da Costa e Silva e ainda ao longo da Avenida Frei Serafim estão vazias ou imundas, verdadeiros depósitos de lixo, apresentando um péssimo aspecto paisagístico e servindo de culturas para proliferação de insetos.”⁴⁴³ Outra função das fontes era refrescar as pessoas que transitavam por avenidas e praças. “As que estão vazias deixam na lembrança dos teresinenses os bons tempos em que funcionavam atenuando o calor e refrescando pedestres e motoristas.”⁴⁴⁴ Lamentava um jornalista local a respeito do abandono em que se encontravam as fontes.

O que pudemos inferir por meio da análise da situação em que se encontrava o Centro de Teresina, não só as praças, mas os demais logradouros do Centro necessitavam de uma reforma geral dos seus espaços físicos para que pudesse voltar a ter uma função social, conforme era defendido por muitos jornalistas dos periódicos locais. É de se destacar que uma das características do período pós-moderno é a sobrevalorização dos aspectos do passado, se no período da modernidade as ações e pensamentos estavam voltados para um futuro, na era pós-industrial, era o contrário, buscava-se as raízes e tradições do passado, como maneira de tentar reviver parte desse passado. Entretanto, esse fato revelava-se mais uma quimera, pois a recuperação dos aspectos vividos no passado era praticamente impossível, pois a sociedade é outra, os habitantes são outros, não era possível a recuperação desse passado apenas com a restauração dos espaços físicos. Dessa forma, vivia-se mais um desejo, uma representação desse passado.

2.2.2 As intervenções no sentido de revalorizar o Centro de Teresina – o Projeto de Revitalização

As discussões em torno de um projeto de intervenção urbanística para o Centro da capital do estado do Piauí estavam, portanto, em consonância com o que estava ocorrendo nas demais cidades globais, ou seja, ligados aos projetos de requalificação dos espaços urbanos, no caso em questão, do projeto de “revitalização” do Centro. Esse projeto tinha que levar em

⁴⁴³ FONTES desativadas por falta de equipamentos. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 2.991. p. 03 abr 1997.

⁴⁴⁴ DESATIVADAS fontes viram depósitos de lixo. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.572, p 04, 25 out 2005.

consideração as transformações que estavam ocorrendo na cidade. Era necessário pensá-la de uma forma estratégica com relação aos desafios que se apresentavam naquele momento e àqueles que estavam por vir. Eram tempos em que a atividade comercial se descentralizava, sobretudo, com a abertura dos novos *shopping centers* e o crescimento comercial da zona leste da cidade, mais do que nunca era necessário estar atento às necessidades que se apresentavam ao poder público.

Nesse sentido, seguindo uma tendência mundial, os gestores municipais organizaram um evento para discutir os problemas e as propostas de intervenção principais para um melhor aproveitamento da área central, o Fórum de Revitalização do Centro de Teresina, realizado entre os dias 03, 04 e 05 de março de 1997. O projeto de revitalização do centro de Teresina englobava uma análise e propostas de intervenções nas mais diversas áreas, como na segurança, no trânsito, na recuperação de ruas e avenidas do Centro ou que dão acesso a ele, recuperação de praças e logradouros públicos com o intuito de preservar o patrimônio histórico-cultural, na questão polêmica dos espaços destinados aos estacionamento, na realocação do comércio ambulante, além dos problemas de infraestruturas de modo geral, como abastecimento de água, iluminação, coleta de lixo, etc. De modo que, o projeto visava atingir todos os aspectos urbanísticos que seriam avaliados com a finalidade de melhorar o comércio para consumidores e lojistas, estes formais ou informais.

A revitalização [do Centro de Teresina] é fundamental, porque, independente da perspectiva para a qual aponte as necessidades de um desenvolvimento urbano moderno, sempre haverá uma importância específica destinada ao centro da cidade. Teresina, especificamente, tem crescido, comercialmente, no sentido da zona leste e não parece lógico barrar essa tendência. O que não pode, de fato, é abandonarmos o centro, entregá-lo às moscas, abrindo mão de uma parte da nossa história. Para que isso seja evitado, porém, é necessário que se planeje o seu fortalecimento, ou refortalecimento, dentro, de bases que não prejudiquem o progresso da cidade.⁴⁴⁵

O objetivo era fortalecer a ideia que o centro comercial ainda era uma área promissora da cidade, tanto por seu passado histórico, ainda vibrante na arquitetura local, sediava órgãos importantes da administração pública, como um presente marcado pelo comércio ainda efervescente ali existente, seja ele formal ou informal. Nesse sentido, localizar os pontos de estrangulamento do seu crescimento e identificar os pontos cruciais que deveriam passar por intervenções, esse era a finalidade do Fórum de Revitalização do Centro de Teresina.

⁴⁴⁵ REVITALIZAR o Centro. Editorial. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.454, p. 2, 03 mar. 1997.

Os mais diversos setores da sociedade foram convidados a participar e dar suas contribuições em forma de sugestões. Desde comerciários e vendedores ambulantes, que opinaram sobre os limites dos espaços que deveriam ser ocupados por cada um deles, permitindo, principalmente, a livre circulação pelos logradouros públicos, reforma de calçadas, padronização de fachadas de prédios comerciais a órgãos públicos representados por suas correspondentes secretarias, como a Secretaria Municipal de Transportes Públicos que trouxe como sugestões para melhorar o trânsito como “a construção de um edifício-garagem, além de projetos para disciplinar o transporte coletivo no centro comercial, além de um projeto de ônibus executivo com objetivo de reduzir o número de carros.”⁴⁴⁶ Outra proposta era recuperar e disciplinar as fachadas dos pontos comerciais ali situados.

O projeto específico para as fachadas dos prédios vai colocar à disposição a arquitetura original dos prédios cuja maioria das fachadas está escondida por placas de publicidades. O projeto vai recuperar elementos de interesse histórico. Para aqueles que não tenham arquitetura tradicional será dado um tratamento moderno e arrojado. Suprimindo as placas de publicidade que causam a poluição visual no centro comercial. O projeto prever a criação de um manual das placas quanto tamanho e utilização. Para a reforma a prefeitura irá contar com o apoio da iniciativa privada para poder viabilizar as obras. No caso de prédios históricos, por exemplo, os proprietários vão receber incentivos fiscais, como a redução do Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU. O nosso centro está em um processo de depredação, necessita de investimentos públicos e privados.⁴⁴⁷

Nem tudo que foi sugerido foi de fato adotado, como o edifício-garagem por exemplo. Assim como as dificuldades para implementar a reforma nas fachadas dos pontos comerciais, ficando mais como um disciplinamento de usos de placas e letreiros do que uma recuperação de suas fachadas originais. Entretanto, buscaram-se conciliar os interesses dos mais diversos setores que tinham em comum a ideia de que o Centro necessitava de intervenções urgentes para recuperá-lo e voltar a atrair frequentadores e consumidores. A prefeitura mostrava-se como mediadora, “são os segmentos envolvidos com o Centro é que vão definir as alterações que devem ser feitas. A prefeitura irá apenas coordenar.”⁴⁴⁸ O que não deixava de ser uma tarefa difícil, uma vez que os conflitos de interesses afluíam nos mais diversos campos, cabendo, portanto, a municipalidade encontrar a melhor solução para os inúmeros problemas levantados sobre o centro de Teresina.

⁴⁴⁶ A REVITALIZAÇÃO do Centro. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 2.957, p. 09, 25 fev 1997.

⁴⁴⁷ PROJETO mudará paisagem urbana no centro. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.249, p. 15, 20 abr 1998.

⁴⁴⁸ DURANTE três dias, os segmentos envolvidos com a área vão discutir sugestões para os problemas do centro comercial. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 2.957, p. 09, 25 fev 1997.

Era necessário não apenas restaurar, mas requalificar o Centro de Teresina, no sentido de levar novos investimentos para o local, e torná-lo um dos pontos mais importantes da cidade, como já fora outrora. Para Júlio Medeiros, arquiteto responsável pelo projeto de revitalização do centro: “queremos resgatar o potencial do Centro de Teresina, que está em decadência. Queremos transformá-lo na área nobre da cidade, não apenas resgatando seu aspecto físico, mas atraindo investimentos como restaurantes e bares para esta região.”⁴⁴⁹

Uma amostra desse desafio estava em alocar os vendedores ambulantes. No Fórum de Revitalização do Centro de Teresina, foi discutida a proposta de criação de um shopping para os ambulantes. Este, posteriormente denominado Shopping da Cidade, proposto pela Prefeitura Municipal de Teresina tinha por finalidade oferecer uma estrutura adequada de trabalho para os ambulantes, com conforto e segurança e dessa forma liberar o tráfego nas ruas ocupadas por esses vendedores e suas mercadorias. A proposta era a construção de uma ampla área comercial e de serviços distribuídas em três pavimentos, com capacidade para abrigar 1300 lojas. O local escolhido foi o Terminal Rodoviário Rural, ao lado da Praça Marechal Deodoro da Fonseca – Praça da Bandeira, no marco zero de Teresina, portanto, no coração da cidade. Mas, a proposta não foi recebida pela população de forma homogênea, pelo contrário, gerou inúmeras discussões.

A primeira polêmica estava na transferência do Terminal Rodoviário Rural para as proximidades do Estádio Lindolfo Monteiro que gerou insatisfação por parte dos usuários e de pequenos comerciantes ambulantes do local. Criado em 1982, estimava-se que cerca de duas mil pessoas utilizaram esse terminal que contava com onze empresas de ônibus, distribuídas em 56 horários que atendiam cerca de cem localidades rurais de Teresina e de outros municípios vizinhos. A insatisfação do comerciante Benedito Ferreira que trabalhava a dezesseis anos no local ficou registrado na imprensa local.

A maioria das pessoas que vem do interior aproveita a localização da rodoviária rural para fazer compras no Mercado Central. Como que um pobre vai ter condição de pagar um táxi até o Lindolfo Monteiro? Eu não quero sair daqui, pois consegui criar meus filhos com o dinheiro que eu consegui aqui. Esta é a rodoviária do povo. Não há motivos para mudar. Vamos lutar até o fim. O camelô não quer vir para cá e nós não queremos sair.⁴⁵⁰

⁴⁴⁹ PREFEITURA projeta complexo para revitalização do Centro de Teresina. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.555, p. 04, 08 out 2005.

⁴⁵⁰ TRANSFERÊNCIA causa revolta em comerciante. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.814, p.11, 03 mar. 1998.

Havia uma resistência à mudança tanto por parte dos usuários do Terminal Rodoviário Rural, como por parte dos próprios ambulantes. Dessa forma, a segunda polêmica, ainda mais intensa estava na transferência dos ambulantes para outra área da cidade. Mesmo o local escolhido para sediar o Shopping da Cidade estando situado no Centro da capital, muitos vendedores reclamavam que perderiam clientes, uma vez que a característica do comércio ambulante é estar próximo do cliente que trafega pelas ruas do Centro.

Mesmo dentro do grupo dos ambulantes, havia aqueles que viam como positiva a mudança para o Shopping da Cidade. A vendedora ambulante Marta Oriana afirma que “todos os dias ficamos submetidos a sol e chuva, temos que montar e desmontar barracas. Com a nossa transferência para o Shopping da Cidade vai facilitar bastante, não correremos o risco de perder ou danificar as mercadorias, a segurança e as vendas serão melhoradas.”⁴⁵¹ “O shopping será um ponto turístico e comercial da cidade. Está sendo projetado para atrair pessoas da cidade e turistas. Além disso, vamos ficar próximo do metrô da cidade, o que vai aumentar o número de pessoas perto dos nossos pontos de venda.”⁴⁵² Declara o ambulante Antônio José Neres.

Por outro lado, os lojistas comemoravam as mudanças. Com a saída dos ambulantes, os comerciantes especulavam o aumento de 20% nas vendas, uma vez que contavam com o retorno das classes A e B, além de idosos e outras pessoas com dificuldades de locomoção, já que as ruas ficariam mais livres, facilitando a circulação.

Mesmo diante das polêmicas, o projeto de uma nova área para sediar o comércio ambulante de Teresina seguiu em frente. A área escolhida ficou determinada que seria mesmo o local do, até então, Terminal Rodoviário Rural, situado entre a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, conhecida popularmente de Praça da Bandeira, e a tradicional Avenida Maranhão, conhecida pelo comércio intenso ali realizado, por estar às margens do Rio Parnaíba, onde também se encontra a Ponte Rodoferroviária Metálica, um importante entreposto comercial da cidade. Tendo o Mercado Central, conhecida praça comercial de produtos artesanais, com a venda de frutas, verduras e carnes, além das famosas bancas com venda de comidas típicas da região, do lado direito do shopping e o Troca-troca, feira tradicional da cidade, onde se comercializar produtos usados, como eletrodomésticos, móveis, ferramentas e utensílios diversos, do lado esquerdo.

⁴⁵¹ AMBULANTES esperam ampliar as vendas. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XXI, n. 7.985. p.04, 07 set 2008.

⁴⁵² SHOPPING da Cidade divide opiniões de ambulantes e de lojistas. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.647, p. 09, 09 jan 2006.

O projeto arquitetônico de Júlio Medeiros, o Shopping da Cidade, contava com 14.200 m² de área construída. O complexo conta com três pavimentos, edificadas em dois blocos interligados por passarelas, escadas rolantes e elevadores. Com disponibilidade de 1.956 boxes para alocar os vendedores ambulantes, além de um amplo espaço destinado a diversos serviços como postos bancários, Correios, uma loja âncora, composta por um supermercado, praça de alimentação, banheiros, além de uma área com capacidade para 60 pessoas que poderá ser usado para reuniões e atividades de capacitação. O projeto do shopping foi pensado com o objetivo de oferecer condições dignas de trabalho para os ambulantes, mas também projetado no sentido de atrair o maior número possível de consumidores, por esse motivo foi diversificado o número de serviços ali oferecidos. Dessa forma, os usuários passavam a contar com uma área com mais conforto, comodidade e segurança. O investimento de R\$ 15 milhões foi disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Teresina.



Foto 11: Maquete do Shopping da Cidade



Foto 12: Shopping da Cidade em 2010

Fonte: <https://www.apontador.com.br/local/pi/teresina/predios_publicos/C4134780372F002F0B/shopping_da_cidade.html> . Acessado em 13 maio de 2017.

Uma composição de três pisos de concreto armado dava fim à fragilidade das barracas dos vendedores ambulantes espalhadas pelo centro da cidade, sujeitos às intempéries do clima, protegidos apenas pelos famosos guarda-sóis coloridos, que inspirou a logomarca do Shopping da Cidade, uma clara referência às antigas bancas. A proposta do prédio era fomentar a integração. Seja ela entre o passado e o presente, uma marca identitária do tipo de comércio que era exercido ali, um comércio popular, de vendedores ambulantes. Seja de espaços, uma vez que a nova praça comercial estava integrada à estação de Metrô Alberto Silva, ou ainda a integração de pessoas, já que o objetivo principal era a união de pessoas em um mesmo espaço que proporcionasse não apenas um ambiente de compras, mas também de encontros, um local de braços abertos para receber a todos como demonstra o painel da faixa do prédio.

Diante das inúmeras polêmicas, as obras do Shopping da Cidade se arrastaram por mais de uma década. Sendo inaugurado apenas em 29 de junho de 2009 pelo então prefeito Sílvio Mendes. A concretização do projeto do Shopping da Cidade foi recebida pela população com expectativas de melhoras para o comércio ambulante local. Conforme o ambulante Francisco Medeiros, vendedor desde de 1997, “estamos vivendo um momento de grande expectativa e de esperança por dias melhores que teremos com a abertura do shopping. O Shopping da Cidade é um presente para todos os teresinenses”. Para o ambulante João de Deus, “tudo vai melhorar com o Shopping da Cidade. Estávamos perdendo cliente por falta de organização. Agora passaremos a trabalhar inclusive com cartões de crédito e débito. Tudo isso passa maior credibilidade aos nossos clientes”.⁴⁵³

Conforme o primeiro levantamento feito pela Secretaria Municipal de Planejamento, o centro de Teresina contava com 1.663 vendedores ambulantes, em 2006. Mas era necessário que os vendedores ambulantes estivessem com situação regular com a Prefeitura, com licenciamento renovado a cada ano.⁴⁵⁴ E no ano da inauguração da nova praça comercial, já eram 2.115, ou seja, cerca de duzentos vendedores não seriam beneficiados com boxes na nova praça comercial. Esse fato gerou um conflito entre esses vendedores e o poder público municipal, que lançou mão da força policial para a retirada de todos os vendedores ambulantes dos logradouros do centro da cidade.⁴⁵⁵ Como uma medida paliativa para o problema, a Prefeitura de Teresina preparou outro espaço para acomodar os vendedores ambulantes excedentes, um galpão situado na rua Paissandu, também localizado no Centro. O local não possuía a mesma infraestrutura do Shopping da Cidade, mas era coberto e com banheiros. Também não dispunha de box, apenas os espaços para a colocação de 350 bancas para os vendedores ambulantes.⁴⁵⁶

Havia uma preocupação por parte do poder público de proporcionar não só um espaço físico adequado para esse tipo de atividade comercial, mas também possibilitar melhorias na forma de empreender e dar continuidade ao crescimento desse setor. Dessa forma, concomitante à entrega da obra, foram realizados cursos de profissionalização pela Prefeitura Municipal de Teresina. Os vendedores tiveram capacitação oferecida pela Fundação Wall Ferraz com cursos

⁴⁵³ Inaugurado o Shopping da cidade, em Teresina. Publicado em 29/06/2009 às 22h58. <http://www.cabecadecuia.com/teresina/47365/inaugurado-o-shopping-da-cidade-em-teresina>. Acessado em 21 maio 2016.

⁴⁵⁴ CARVALHO, Fátima. Camelôs já estão cadastrados para o shopping da cidade. *O Dia*. Teresina, ano LV, n. 14.731, p. 04, 04 abr 2006.

⁴⁵⁵ PREFEITURA treina força policial para retirada de camelôs. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.889, p. 05, 17 jun 2009.

⁴⁵⁶ CAMELÔS querem administrar novo Shopping da Paissandu: espaço não terá box, só bancas. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.951, p. 04, 19 ago 2009.

nas áreas de contabilidade e administração, higiene e limpeza, organização dos boxes e recursos humanos, marketing e empreendedorismo. Para o prefeito Sílvio Mendes, “o Shopping da Cidade não é apenas concreto, não basta apenas a obra física, é preciso ter produtos, ter qualidade e bom atendimento.”⁴⁵⁷

O Shopping da Cidade veio para resolver o drama dos vendedores ambulantes que durante décadas trabalhavam sob sol e chuva em barracas improvisadas no Centro da cidade, que passaram a contar com um local adequado para realizar suas atividades comerciais. Além de resolver a questão do local para o comércio dos ambulantes, também possibilitava a continuidade das obras de revitalização do centro da cidade, com o intuito de torná-lo mais agradável, tinha também como finalidade dar novo panorama para a dinâmica do comércio nessa região. Com a criação de um novo centro de compras para os vendedores ambulantes e a aberturas das ruas que antes eram ocupadas por eles, como Simplício Mendes, Álvaro Mendes e a Areolino de Abreu, ocupada no trecho entre o Mercado Velho e a Praça da Bandeira, que passaram por reformas.

O Mercado Central ou mais popularmente denominado de Mercado Velho passou por uma reforma que incluía todos os cem boxes, que tiveram o piso trocados, colocação de azulejo na parte de frutas, verduras e carnes, e toda reestruturação elétrica, além de pintura. A reforma foi dividida por etapas, para não prejudicar os feirantes, e teve início em 2004 e foi concluída apenas no ano seguinte.⁴⁵⁸ Entretanto, essa reforma foi apenas um paliativo para os inúmeros problemas que o mercado oferecia. “Ratos, sapos e insetos são bichos que podem ser encontrados facilmente em um local pouco adequado para sua sobrevivência, o Mercado Central de Teresina,” denunciava uma matéria de um jornal local, “bancas de frutas, verduras e refeições do mercado convivem em meio a sujeira e mal cheiro.”⁴⁵⁹ Uma reforma estrutural foi posteriormente iniciada e ainda se encontra em andamento, avaliada inicialmente em R\$ 12 milhões.

O mercado receberia um espaço especial para venda de artesanato e uma praça de alimentação. Pretendia também fazer uma restauração da fachada original, que havia sido modificada em outras ocasiões.⁴⁶⁰ Dentro do mercado foi feito o Restaurante Popular de Teresina, com capacidade de oferecer 1.200 refeições por dia, a preço popular. O público alvo

⁴⁵⁷ MEIRELE, Fábio. Shopping da Cidade é inaugurado com festa. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.902, p. 09, 30 jun 2009.

⁴⁵⁸ BASTOS, Mayara. Reforma do Mercado Central ficará pronta em 45 dias. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.889, p. 09, 17 jun 2009.

⁴⁵⁹ ROCHA, Pollyana. Sujeira no Mercado Central. *O Dia*, Teresina, ano LVI, n. 15.415, p. 05, 22 fev 2008.

⁴⁶⁰ MERCADO Central ganhará restaurante popular. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.555, p. 09, 11 nov 2005.

era feirantes, comerciantes e estudantes que frequentavam o centro da cidade.⁴⁶¹ O projeto de revitalização incluía, ainda, a construção de uma passarela interligando o Mercado Central ao Shopping da Cidade e a de mais um andar. Ambas propostas não chegaram a ser colocadas em prática. O objetivo era tornar o mercado em um ponto turístico da cidade. A reforma seguia um projeto já existente e estava estimada em oito milhões de reais.⁴⁶² A obra até o momento do levantamento dessa pesquisa ainda não havia sido concluída.

Outro ponto comercial tradicional da cidade, localizado nesse entorno, de pequeno porte, situando entre a Avenida Maranhão e o Rio Parnaíba, que também passou por reforma, foi o Troca-Troca. Onde era realizado comércio popular de produtos usados, que incluíam desde eletrodomésticos, eletroeletrônicos, bicicletas a utensílios domésticos. Na reforma, estava incluída a substituição do piso, recuperação do teto e das instalações elétricas, hidrossanitárias e banheiros.⁴⁶³ Observamos que as reformas partiram inicialmente dos pontos comerciais, com prioridade para o Shopping da Cidade, uma vez que para a realização das demais intervenções era necessário a liberação do espaço físico das ruas e praças que passariam por uma reestruturação seguindo o projeto de revitalização do Centro.

Outras intervenções foram sendo realizadas, como o programa de redirecionamento do tráfego das principais ruas e avenidas que cortavam o Centro da cidade. Muitas ruas que tinham mão dupla passaram a ter um único sentido. Outra mudança foi a reconfiguração do trânsito de ônibus que seguiriam pela rua Areolino de Abreu até avenida Maranhão, onde foram feitos quatro terminais para os ônibus, no trecho da rua que margeava a Praça da Bandeira. O objetivo era dar mais fluidez ao trânsito, evitando pontos de congestionamentos, uma vez que apenas os ônibus seguiriam por essa via, e, também, aumentar o fluxo de pessoas no Shopping da Cidade. Para tanto, foi necessário retirar as bancas de vendedores ambulantes que obstruíam completamente esse trecho da Areolino de Abreu, que foram remanejados provisoriamente para as ruas João Cabral e Firmino Pires até a construção do Shopping da Cidade ser concluída.⁴⁶⁴

Essa área de importante valor histórico - marco zero da cidade - e comercial, onde se situava o cais do Rio Parnaíba, importante entreposto comercial até a década de 1950. Esse trecho do Centro de Teresina passou por um intenso processo de descaracterização nas últimas décadas, sobretudo, com o declínio do comércio fluvial. “O cais do rio Parnaíba, Centro de

⁴⁶¹ ALVES, Katiúscia. Prédio do Mercado Central passará por reforma completa. *O Dia*. Teresina, ano LVI, n. 15.170, p. 09, 19 maio 2007.

⁴⁶² NOGUEIRA, Juliana. Reforma do Mercado Central vai custar R\$ 8 milhões. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.592. p. 05, 08 maio 2010.

⁴⁶³ TROCA-TROCA será reformado este mês. *Diário do Povo*. Ano XVIII, n. 7.281, p. 09, 06 out 2006.

⁴⁶⁴ AMBULANTES são transferidos. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.438, p. 07, 13 jun 2005.

Teresina, é apontado por comerciantes e frequentadores do local como o local mais feio de Teresina. O piso colocado no local há dezena de anos está todo estragado, a sujeira é geral, provocando mal cheiro insuportável.”⁴⁶⁵ Situado na Avenida Maranhão, o cais era apenas um desses locais em decadência, mas também todo o comércio que lhe circunscrevia, incluindo um tradicional espaço de comércio informal de produtos usados denominado de Troca-Troca. As reclamações eram inúmeras. Havia uma necessidade de recuperar essa área e devolvê-la para a população com um novo significado e uso.

Seguindo a lógica de integrar os espaços, o setor dos transportes públicos contou com a ampliação do percurso do “metrô”, uma espécie de trem de superfície que interliga o Centro com alguns bairros da cidade, com a inauguração da estação do metrô, com a estação Alberto Silva, interligada ao Shopping da Cidade. Foram feitas alterações também nos terminais de ônibus, com o intuito de reordenar o trânsito do centro urbano, uma vez que também o interligava com o novo projeto do Shopping da Cidade.

O projeto de prolongamento da linha do metrô foi projetado pela Companhia Metropolitana de Transportes Públicos – CMTP, e posta em prática em 2002, até a Praça da Bandeira, por meio de um elevador sobre a avenida Maranhão e fazia parte da Agenda Teresina 2015. O projeto gerou muitas discussões e polêmicas, uma vez que a construção da estação elevada do Metrô de Teresina na Avenida Maranhão poderia causar vários impactos ambientais e arquitetônicos. Uma delas era necessário a derrubada das tradicionais carnaúbas presentes no canteiro da Avenida Maranhão. Já para entidades de defesa do patrimônio histórico como o Instituto do Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN, a nova obra iria cobrir parcialmente a vista da Ponte João Luís Ferreira, denominada de Ponte Metálica, tida como um dos principais símbolos da cidade. Outros reclamavam dos altos custos aos cofres públicos da obra, uma vez que só atendia a uma parcela reduzida da população.⁴⁶⁶

Os Ministérios Públicos Federal e Estadual solicitaram o embargo da obra por meio da Curadoria do Meio Ambiente, justificando que o estudo de impacto ambiental não contemplou a preservação do patrimônio histórico da cidade. A medida cautelar com pedido de liminar visava à paralisação imediata da obra. Com essa medida visava-se, por exemplo, evitar a retirada de carnaúbas, para que não houvesse danos irreversíveis ao patrimônio do município. Forçar o poder público a realizar audiências públicas para discussão da real necessidade da obra, dos impactos diversos provocadas por ela, dos custos e benefícios que poderiam trazer

⁴⁶⁵ CAIS é a região mais feia do Centro comercial de Teresina. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.293, p. 11, 20 set 1996.

⁴⁶⁶ PROJETO do Metrô será acompanhado. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.706. p. 03, 05 maio 2002.

para a população. Tudo isso para que fosse tomada uma decisão em conjunto, ouvindo os mais diversos setores da sociedade, desde o usuário do transporte público a grupos especializados como historiadores, arquitetos, urbanistas e intelectuais da cena cultural da cidade.

Para a representante do IPHAN, Diva Figueiredo, para quem a ampliação da linha do metrô é prejudicial ao município. “A Ponte Metálica vai ficar escondida, bem como a fachada dos prédios antigos e também será afetada a Praça da Bandeira, que está prestes a ser tombada pelo IPHAN.” Para a Curadora Carmem Almeida: “é questionável que um trem de 1973, seja utilizado para ameaçar o patrimônio histórico da cidade. A ampliação é uma obra que pode afetar as estruturas dos prédios, o funcionamento do comércio na avenida, além de trazer prejuízos estéticos para o município.”⁴⁶⁷ O jornalista Nonato Medeiros também expressou sua opinião a respeito da obra.

A extensão da linha do metrô, da Matinha ao Troca-Troca, é mais um crime contra Teresina, que completa 150 anos de fundação em 2002. [...] Um troço desses, que muda radicalmente o núcleo histórico da cidade, não deve ser feito sem ampla discussão (as audiências públicas devem ser feitas em locais acessíveis e em horários fora do expediente, para que todos os interessados possam participar, inclusive com a presença de especialistas convidados, pessoas com notório saber). [...] Agora, com este ‘trambolho’, por um processo anárquico de modernização, perderemos o panorama da maravilha de cenário, a vista do poente (o teresinense vai ver o pôr da lua e do sol quadrados), babau a visão do rio, do barquinho, da ponte metálica (cartão-postal número um da capital), e em vez de uma alameda de carnaubeiras, teremos uma alameda de ‘pilares’, com estilo estético notadamente fascista. Monumento à magnificência, obra para matuto admirar. A poluição ambiental não vai se restringir apenas à atmosférica e à visual, com danos à paisagem. Haverá também a poluição sonora. Um absurdo.⁴⁶⁸

Um manifesto de repúdio à obra e a maneira como as decisões sobre sua implantação estavam sendo tomadas pelos representantes do poder público local foi assinado por várias personalidades, representantes de entidades civis e intelectuais contrários à sua execução. Dentre eles, estavam o religioso e historiador Monsenhor Chaves, o poeta e escritor Hindemburgo Dobal e o professor e escritor Cineas Santos. Denominado de “A Nossa Cidade”, o manifesto foi publicado nos principais jornais da cidade e teve cerca de 10 mil panfletos com o manifesto distribuído pela cidade. Um trecho do manifesto chamava a atenção do teresinense para a ausência da participação popular nas decisões referentes às mudanças implantadas na

⁴⁶⁷ PEDIDA a suspensão de obras do metrô. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.807. p. 01, 14 ago 2002.

⁴⁶⁸ AMPLIAÇÃO da linha do metrô, crime contra a cidade. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.826. p.04, 02 set 2002.

cidade e, dessa forma, o tradicional desrespeito com o patrimônio histórico e a preservação da memória da cidade por parte dos poderes públicos municipal e estadual.

A prática democrática da consulta popular nunca foi exercitada em Teresina pelos agentes políticos responsáveis pela administração da cidade quando do planejamento de obras e de serviços públicos. Por isso, sob pretexto de garantir melhoria de qualidade do serviço de transporte público urbano, os governos estadual e municipal, sem consulta prévia à população teresinense, pretendem, mais uma vez, perpetrar agressão contra os patrimônios histórico, arquitetônico, cultural e turístico e ao meio ambiente, com a construção do ramal ferroviário do ‘metrô de superfície’, [...] obra potencialmente causadora de danos irreparáveis.⁴⁶⁹

Diante das inúmeras polêmicas em torno do projeto de ampliação da linha do metrô, algumas alterações foram propostas, na tentativa de acalmar os ânimos e dar prosseguimento às obras. Uma delas era o remanejamento de noventa e quatro palmeiras de carnaúbas para outra área da cidade, seguindo um planejamento de retirada e replante das mesmas árvores. Outra proposta, defendida pelo engenheiro civil, especialista em transporte, Augusto Balísio, era a construção da linha férrea entre a ciclovia da Avenida Maranhão e a margem do rio Parnaíba. Para isso, seria necessária a redução da ciclovia em um metro e vinte e cerca de dois metros das calçadas, no trecho entre o Armazém Paraíba e a sede da Polícia Federal, reduzindo em cerca de trezentos metros o percurso do projeto original. Dessa forma, para os defensores dessa proposta, “os estragos seriam mínimos: não haveria agressão visual ao logo da avenida e seriam preservados o canteiro e a maior parte da vegetação ribeirinha.”⁴⁷⁰ Essa opção, entretanto, não foi a escolhida pelos dirigentes locais.

A CMTTP também chegou a cogitar mais duas mudanças para o melhor aproveitamento desse transporte público pelos usuários. Uma delas era a proposta de integrar as estações do metrô com as paradas de ônibus e dessa forma possibilitar o usuário realizar o percurso nos dois meios de transportes mediante o pagamento de apenas uma passagem.⁴⁷¹ Outra proposta era ampliar a linha do metrô até a zona sul da cidade e interligá-la com a sudeste e dessa forma fechar um anel ferroviário urbano e ampliando consideravelmente a quantidade de usuários atendidos. Essas propostas não chegaram a sair do papel.

⁴⁶⁹ MANIFESTO da cidade. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.833. p.09, 09 set 2002.

⁴⁷⁰ O METRÔ da discórdia: apresentados projetos tecnológicos alternativos. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.833. p.09, 09 set 2002.

⁴⁷¹ LINHAS de ônibus urbanos e o pré-metrô serão interligadas. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.954. p.11, 12 jan 2003.

Conforme o presidente da CMTF, o engenheiro Antônio Sobral, responsável pela obra de ampliação da linha do metrô, quatro alternativas foram levantadas para a ampliação da linha do metrô e a construção do elevador foi considerada a melhor opção apesar de ser também a mais cara, alçada em dez milhões de reais. Para ele, “o ideal seria fazer um subterrâneo, mas o valor triplicaria. A ampliação da linha do metrô não causará o impacto ambiental ao patrimônio histórico alegados pelo Ministério Público Estadual. Precisamos manter a história, mas também temos que conviver com o novo, o moderno.”⁴⁷² No período em que as obras do metrô estiveram embargadas, outras medidas foram sendo tomadas para dar prosseguimento ao projeto de ampliação da linha, como a reforma dos trens. Estes tiveram os motores revisados, a pintura renovada e a instalação de ar-condicionado nas duas composições.⁴⁷³

Em 29 de dezembro de 2003, o embargo à obra de ampliação da linha do metrô foi suspenso pelo Tribunal Regional Federal da 1ª Região. E dessa forma foi dado prosseguimento aos trâmites da obra, uma vez que demandava por recursos na ordem de 27 milhões de reais e só tinha cerca de cinco milhões resultados de emendas do senador Alberto Tavares Silva.⁴⁷⁴ Entretanto, logo em seguida, a obra foi embargada mais uma vez por conta de uma solicitação dos Ministérios Públicos Federal e Estadual. O procurador responsável pela ação, Tranvanvan Feitosa, destacou a previsão de recursos insuficientes e exigiu entre outras medidas um novo relatório de impacto ambiental e uma nova licitação da obra.⁴⁷⁵ Em 03 de junho de 2004, o Tribunal Regional Federal derrubou mais uma vez a liminar de suspensão da obras do metrô e ordenou que fossem retomados os trabalhos.⁴⁷⁶

As obras de prolongamento da linha e da estação do metrô ainda passaram por outras interrupções, dessa vez, por falta de recursos, sendo inaugurado em 18 de março de 2010. Os três vagões do trem que ainda eram os remanescentes dos trens húngaros que chegaram ao Brasil em 1974, passaram por uma reforma completa que incluía a parte interna e externa, revestimento, piso e bancos novos, letreiro digital, central de ar condicionado e vidros à prova de bala. Os custos totais desse empreendimento foram de R\$ 18,5 milhões, sendo R\$ 2,7 milhões só na estrutura da estação da Praça da Bandeira. A linha passou a ter treze quilômetros

⁴⁷² OBRAS do “metrô” tem sete meses para serem concluídas. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.835. p.09, 11 set 2002.

⁴⁷³ TREM do metrô é reformado e entra em operação esse mês. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.906. p.04, 27 nov 2002.

⁴⁷⁴ JUSTIÇA derruba embargo da ampliação do metrô. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XVI, n. 6.297. p.02, 30 dez 2003.

⁴⁷⁵ ESTADO terá que fazer nova licitação para reiniciar obras. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XVI, n. 6.408. p.01, 23 abr 2004.

⁴⁷⁶ OBRAS deverão ser reiniciadas em quinze dias. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XVI, n. 6.489. p. 03, 13 jul 2004.

de extensão, dispor de oito estações e com capacidade para vinte mil passageiros por dia. O tempo aproximado do percurso entre as estações inicial e final era de 24 minutos.⁴⁷⁷ Os passageiros beneficiados por esse tipo de transporte eram os residentes na zona sudeste, que possuía uma população de 180 mil habitantes. O transporte oferecia como diferencial a rapidez, o conforto e o baixo custo, já que valor da tarifa iria permanecer em R\$ 0,50.⁴⁷⁸

A inauguração foi marcada por uma viagem experimental que contou com a presença de autoridades, como o Ministro das Cidades, Márcio Fortes e o governador do estado Wellington Dias, e de populares que fizeram questão de prestigiar o evento. A população recebia a obra com entusiasmo. “Por onde ele passava, prendia a atenção dos populares ainda incrédulos. Muitos não acreditavam que, após sete anos de espera, a obra fosse concluída e entregue à população de Teresina.” Também havia a expectativa de que as vendas no Shopping da Cidade aumentassem, conforme afirmou Rosângela Maria, “as pessoas vão querer andar num transporte mais barato, então o número de pessoas aqui no shopping vai ser bem maior, daí acreditarmos no crescimento das vendas.”⁴⁷⁹

A estação foi batizada com o nome do seu idealizador Engenheiro Alberto Tavares Silva, *in memoriam*.⁴⁸⁰ A entrega da obra deixou parte dos vendedores ambulantes decepcionados, pois como a linha e a própria estação foram construídas em um elevador, acreditava-se que os passageiros desembarcariam no segundo piso do Shopping da Cidade, que era menos movimentado do que os outros. Para tanto seria necessária a construção de uma passarela entre a estação e o shopping, que não constava no projeto, que continha apenas a escada que levaria ao térreo.⁴⁸¹

Com a inauguração do prolongamento da linha do metrô e com a nova estação, a quantidade de usuários desse meio de transporte praticamente dobrou, passando de pouco mais de seis mil para doze mil passageiros diariamente. Os passageiros elencam alguns motivos pelos quais optaram pelo metrô, entre eles estão o tempo de percurso, o conforto, a rapidez e o baixo custo. “É mais rápido, não há engarrafamento, além disso é muito mais seguro e confortável do que o ônibus coletivo, não há aquela lotação, é mais tranquilo. [...] O valor da passagem é muito

⁴⁷⁷ TECNOLOGIA e humanização. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.106, p. 05, 07 fev 2010.

⁴⁷⁸ RODRIGUES, Aline. População do Dirceu será a principal beneficiada com a obra. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.751, p. 09, 25 abr 2010.

⁴⁷⁹ INAUGURAÇÃO gera expectativa entre os ambulantes. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.144, p. 05, 18 mar 2010.

⁴⁸⁰ PROLONGAMENTO do metrô é inaugurado com festa. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.145, p. 05, 19 mar 2010.

⁴⁸¹ NOGUEIRA, Juliana. Obras do metrô não têm passarelas e deixam camelôs descontentes. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.527. p. 11, 04 mar 2010.

mais em conta, o preço é ótimo.”⁴⁸² Entretanto, por só atender praticamente uma zona da cidade, o metrô não trouxe maiores impactos na melhoria da mobilidade urbana da capital como um todo. Outras medidas ainda eram necessárias. Sua reduzida utilização foi matéria na Folha de São Paulo, em maio de 2010, transcrita para a imprensa local pelo jornal Diário do Povo.

O metrô de Teresina é o que transporta menos passageiros no país, apenas 1,6% dos usuários de transporte público, o que corresponde a cerca de seis mil passageiros. [...] É diferente dos outros, é um metrô de superfície em alguns trechos foram construídos viadutos para evitar acidentes em cruzamentos. O metrô é a diesel e foi inaugurado em 1990, em área pouco populosa. O Sul mais populoso permanece isolado. Em Teresina, o metrô demora 55 minutos para percorrer 13 km e há somente uma composição.⁴⁸³

Em 2010, as locomotivas húngaras foram substituídas por VLT – Veículos Leves sobre Trilho. Esses trens eram mais econômicos e modernos, equipados com circuitos de TV e climatizados. Eram mais leves, sendo oito toneladas a menos por locomotiva e quatro por carro e sua nova concepção permitirá a formação de VLT com duas unidades – locomotiva e carro comando – ou com quatro unidades – locomotiva, carro, carro, locomotiva, funcionava a diesel. A previsão era a redução do tempo de espera que era de 55 para 30 minutos entre a passagens dos trens. Sendo o percurso feito do bairro ao centro, passando por 9 estações, realizado em 25 minutos. A intenção era aumentar a capacidade para 40 mil passageiros. O preço de R\$ 0,50 foi mantido.⁴⁸⁴

O trânsito era um dos principais empecilhos para a revitalização do Centro da cidade. Conforme o Superintendente Municipal de Transporte e Trânsito Geraldo Ferro, três elementos obstruem o trânsito de Teresina: a grande quantidade de carros particulares, muitos pontos de taxi e transportes coletivos, uma vez que toda a frota de ônibus municipal passa pelo centro da cidade. Ele ainda afirma que não há espaço para os pedestres, que disputam com veículos e vendedores ambulantes por espaços nas ruas do centro da capital.⁴⁸⁵ Era necessária a intervenção no sentido de reordenar do tráfego nesse local.

A situação caótica do trânsito é resultado do aumento do número de veículos circulando na capital, conforme o Departamento Estadual de Trânsito do Piauí - DETRAN/PI, no ano de 1997, a frota de Teresina teve um aumento de 11%, contabilizando 85 mil veículos, um para

⁴⁸² POPULAÇÃO volta a usar o metrô de Teresina. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.167, p. 01, 11 abr 2010.

⁴⁸³ METRÔ de Teresina é o que transporta menos usuário. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.602. p. 05, 18 maio 2010.

⁴⁸⁴ METRÔ: novo trem VLT será entregue nessa quinta-feira. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.311, p. 05, 02 set 2010.

⁴⁸⁵ REVITALIZAÇÃO: STRANS quer reduzir frota. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.591. p. 09, 29 abr 2002.

cada 8 habitantes. No ano de 1998, um estudo realizado pelo mesmo órgão revelou que foi vendido na capital uma média de 15 automóveis por dia, crescendo de forma vertiginosa a frota de veículo. Esse aumento deve-se em parte à estabilidade econômica resultado do êxito do plano real, à precarização do transporte público além de ser *status* social. Planejada como uma cidade de médio porte, as ruas do centro de Teresina já não conseguiam absorver o fluxo contínuo de automóveis em seus logradouros, sendo uma constante longos congestionamentos em horários de pico e além da ocorrência de muitos acidentes de trânsito, sobretudo, no centro da cidade.

Uma das propostas para melhorar o fluxo do trânsito no centro da capital foi remanejar os pontos de táxis de ruas mais movimentadas para ruas com menor movimento, como por exemplo a Rua Paissandu. Outra medida foi alterar o percurso das linhas de ônibus que anteriormente saíam da Rua Areolino de Abreu circunscrevendo a Praça da Bandeira, pelo lado esquerdo e pela rua Coelho Rodrigues até chegar na Avenida Maranhão, uma vez que o prolongamento da Rua Areolino de Abreu estava parcialmente obstruído por barracas de vendedores ambulantes. Com a mudança, os ônibus coletivos seguiriam direto pela Areolino de Abreu até a Avenida Maranhão. A mudança também requereu, além da retirada dos vendedores ambulantes da via, a construção de novas paradas de ônibus, já que essa área passou a ser o terminal dos ônibus que faziam linha para o Centro da cidade. A medida visava aproximar os transeuntes do Mercado Central e do local onde iria ser construído o Shopping da Cidade.⁴⁸⁶

Entretanto, essa mudança recebeu fortes críticas por parte dos artistas locais que viam no aumento do tráfego nessa região o perigo para o Museu do Piauí, situado nessa via. De acordo com a diretora do órgão, Dora Medeiros: “a abertura da rua Areolino de Abreu ao trânsito será muito prejudicial ao museu, por causa da poluição sonora, da fumaça que danifica as peças, da trepidação que abala a estrutura do prédio, além de afetar o próprio sítio histórico.”⁴⁸⁷ Com esse argumento, o Sindicato dos Artistas do Piauí fez uma manifestação em frente ao museu, interditando a rua. Vários artistas acorrentaram-se como forma de protestar contra a abertura da rua.⁴⁸⁸ Mas, apesar do ocorrido, a abertura da rua foi realizada. Ficando a parte asfaltada para a passagem de ônibus e a parte de paralelepípedo aberta para o trânsito

⁴⁸⁶ ITINERÁRIO dos ônibus vai mudar no Centro. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.216. p. 02, 19 mar 1998.

⁴⁸⁷ CARVALHO, Martha. Rua em frente ao Museu será aberta na quarta. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.731, p. 09, 04 abr 2006.

⁴⁸⁸ “ACORRENTADOS” protestam contra a abertura da Areolino de Abreu. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.740, p. 05, 13 abr 2006.

ocasional de veículos, como ônibus que fizesse em visita ao museu. Outra medida foi a proibição dos vendedores ambulantes nessa via e na calçada do museu.⁴⁸⁹

A ideia era devolver ao centro, através de diversas intervenções em diversos pontos, o vigor comercial e a vida noturna enfraquecidos com a expansão da cidade para a zona leste e o surgimento de empreendimentos comerciais como os shoppings centers. Nesse sentido, a rua Elizeu Martins passou por um projeto urbanístico de reformulação inédito, no trecho do quarteirão entre a Praça Rio Branco e a Rua Barroso. Conhecida pelas altas temperaturas, Teresina oferecia um clima causticante em determinadas épocas do ano, e os frequentadores do centro da cidade sofriam com altas temperaturas, que chegavam a afugentar compradores que passaram a dar preferência ao conforto dos shoppings centers, com suas áreas climatizadas.

A rua Climatizada, como ficou popularmente conhecida, além de receber uma cobertura, recebeu também equipamentos de refrigeração, em um sistema de vaporização de água, que reduz a umidade do ar, provocando uma redução de cinco a sete graus Celsius na temperatura ambiente. As instalações elétricas e telefônicas foram colocadas no subterrâneo da via. A rua também recebeu piso de granito com pedras portuguesas e cerâmica porto belo com formatos e cores diversas, dando uma composição harmoniosa ao local, que também recebeu jardineiras, fontes e bancos, proporcionando ao centro da cidade um local apazível e de alto valor estético.⁴⁹⁰

A rua trará beleza para o centro de Teresina. Será um ambiente agradável para fazer compras e uma atração turística no centro de Teresina. Esse projeto é pioneiro e será realizado nessa quadra como uma primeira experiência. Se der certo poderão ser criadas novas ruas climatizadas em Teresina, afirmou o engenheiro da Eturb, Antônio Rufino.⁴⁹¹

Outras medidas visavam melhorar o tráfego de veículos pelo centro de Teresina, como a realizada na rua Coelho Rodrigues no trecho entre a Rua Barroso e a Rua Rui Barbosa, que estava completamente obstruída sua circulação por conta dos vendedores ambulantes que ali se instalaram desde 1993. Cerca de 120 camelôs foram removidos da referida rua para um calçadão feito na Praça Rio Branco especificamente para sítiar os vendedores ambulantes. O calçadão possuía seis metros de largura compreendidos entre as ruas Aereolino de Abreu e Coelho Rodrigues. A medida era apenas paliativa, já que o problema só seria resolvido com a

⁴⁸⁹ MARTINS, Delano. Camelôs ficam impedidos de vender em frente ao Museu. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.751, p. 09, 25 abr 2006.

⁴⁹⁰ TERESINA terá primeira rua climatizada. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.668. p. 09, 27 jun 1999.

⁴⁹¹ OBRAS da Rua 24 horas começa essa semana. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.691. p. 08, 20 jul 1999.

construção de um espaço para abrigar esse comércio popular. Com a implantação da medida, objetivava-se que “o fluxo de pessoas aumentasse com a abertura da Coelho Rodrigues até a Rui Barbosa, porque os carros vão passar em frente a ela. Nosso objetivo é melhorar o aspecto do centro da cidade, atraindo o povo para fazer suas compras.”⁴⁹²

O Complexo Cultural da Praça Pedro II, composta pela Praça Pedro II, o Clube dos Diários, o Teatro 4 de Setembro, o Cine Rex e o Centro de Artesanato Mestre Dezinho, uma importante área histórica e cultural da cidade também foram incluídas nas obras de Revitalização do Centro de Teresina. Com exceção do Cine Rex, por se tratar de um prédio de propriedade privada, os demais passaram por reformas que tinha o Governo do Estado à frente dos serviços.

O Clube dos Diários, construído na década de 1920, foi palco de vários eventos culturais, um dos clubes de maior efervescência da capital, frequentado por uma elite econômica e política de seu tempo, teve seu auge nas décadas de 1950 e 1960, entrando no ostracismo nas duas décadas seguintes. A reforma empreendida nesse espaço de grande valor cultural e histórico da cidade tinha por finalidade recuperar seus traçados originais e transformar aquela antiga casa de festas da alta sociedade teresinense em um espaço cultural, um espaço destinado a oficinas e exposição das mais variadas formas de arte, reconfigurando dessa forma a sua função utilitária.

Em seguida, as reformas passaram para a Praça Pedro II, com ordem de serviço no valor de 1.745 mil reais. O projeto previa uma reforma total desse logradouro, objetivando resgatar seu traçado original de 1940, que havia sido modificado em uma polêmica reforma na década de 1970. Além disso, o projeto previa a implantação de instalações adequadas aos serviços oferecidos naquele local, como bancas de jornais, engraxates e vendedores de frutas. A finalidade da reforma era oferecer ao público uma área de lazer com segurança e organização, além do valor histórico que esse logradouro possui para a cidade. Essa característica ficou marcada no imaginário popular que recebeu a praça com êxtase e nostalgia em vê-la reconfigurada para o deleite dos mais velhos, que a conheceram e tiveram suas vivências encrustadas em cada canto da praça, como para a admiração dos mais jovens que poderiam agora visualizar as diversas histórias contadas sobre este logradouro, da qual os teresinenses têm uma grande estima e afeto, chamando carinhosamente de P2.

A praça é uma das mais antigas da cidade e mantém viva a história do povo piauiense e da cultura teresinense, foi toda reconstruída na arquitetura da

⁴⁹² CAMELÔS liberam ruas até o fim de semana. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.684, p. 2, 13 jul 1999.

década de 1940, conservando os saudosos banquinhos dos namorados e as luminárias que naquela época tinham hora certa para apagar.⁴⁹³

Agora, em 1998, voltam os jardins, o coreto, os degraus, as ruas divisórias. É historicamente recuperada, para salvar a memória dessa sociedade. Cada piauiense merece os cumprimentos, por esse encontro histórico entre século passado e milênio novo. Entre lembrança e descoberta.⁴⁹⁴

A Praça Pedro II foi reformada no estilo que lembra a época de ouro dos grandes eventos nesse local. A nova arquitetura estava marcada pela divisão da praça na parte alta e na parte baixa, cortada por uma rua na transversal. Essa divisão, anteriormente, não era apenas física, mas simbólica, pois separava as classes sociais, sendo a parte baixa destinada aos membros da alta sociedade que circulavam em sentidos contrário para facilitar o flerte. A parte alta às classes menos abastadas, frequentada por empregadas domésticas, vulgas curicas, e operárias que flertavam com os soldados do quartel. O movimento da praça encerrava-se às vinte e uma hora, quando a corneta do quartel avisava que as luzes seriam apagadas e que era chegada a hora dos seus frequentadores recolher-se.

Com o intuito de recuperar as singularidades dos espaços da praça e seus muitos significados, os arquitetos Júlio Medeiros e Lavínia Brandão basearam-se em um considerável acervo fotográfico e em entrevistas realizadas com frequentadores da antiga praça. Para eles, “a praça foi refeita porque a anterior não se identificava em nada com a população.”⁴⁹⁵ Para o presidente da Câmara do Dirigentes Lojistas de Teresina, Jesus Elias Tajra Filho, a reforma da praça, buscando seu traçado original, era uma proposta polêmica: “a classe cultural deve lutar para recuperação do traçado original da praça Pedro II. Deve ser feito um trabalho artesanal mesmo, mas não apenas para contemplação.”⁴⁹⁶ A preocupação era para a utilização dos espaços revitalizados do Centro, por meio de reformas, em algo que realmente trouxesse mudanças para a realidade desse local, trazendo um melhor aproveitamento para a população.

As bancas de jornais foram mantidas, mas passaram por reformulações no intuito de dar melhores condições de trabalho para os jornalheiros e mais conforto e comodidade para os consumidores. O projeto arquitetônico, também de Júlio Medeiros, trazia bancas padronizadas e com instalações elétricas e telefônicas, resultado de uma parceria entre governo do estado, Prefeitura Municipal de Teresina e sindicato dos jornalheiros.⁴⁹⁷ A reforma foi bem recebida por esses setores da sociedade, como o senhor Carlos Alberto Barros, conhecido popularmente por

⁴⁹³ PRAÇA Pedro II vai ser reinaugurada hoje. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.408, p.4, 30 set 1998.

⁴⁹⁴ PASSADO e futuro se encontram na praça. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 12.025, p. 16, 1º out. 1998.

⁴⁹⁵ PRAÇA Pedro II é reformada e entregue para a população. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.409, p.4, 1º out 1998.

⁴⁹⁶ REVITALIZAÇÃO do Centro de Teresina. *Diário do Povo*. Teresina, ano X n. 2.966, p.09, 06 mar 1997.

⁴⁹⁷ BANCAS da Praça Pedro II serão padronizadas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.416, p.4, 09 out 1998.

Ozires, proprietário de uma das bancas de revistas mais tradicionais de Teresina, Banca Ozires: coração da Praça Pedro II, para ele a reforma

Chegou em boa hora. Com a reforma da praça e todo o projeto de revitalização dessa área, a praça vai reviver e vamos voltar aos bons e velhos tempos da Pedro II. Com as novidades tenho certeza que os negócios vão melhorar significativamente, as pessoas irão voltar a ver a praça como uma área de lazer e se sentirem seguras para vir aproveitar o tempo livre e bater papo com os amigos.⁴⁹⁸

A fala do senhor Ozires revela que o processo de crescimento e modernização que a cidade passou nas últimas décadas trouxe mudanças não só para seus espaços físicos, como também para as sociabilidades de seus moradores. A falta de segurança e a vida apressada dos grandes centros impedem seus moradores de aproveitarem antigos espaços de lazer da cidade, como as praças, que, antes eram espaços de sociabilidades e na atualidade são espaços de passagens. Esperava-se, ingenuamente, que, com a reforma, esses antigos hábitos fossem retomados. Como vimos, o contraste entre o novo que reproduz o antigo suscitou diversas impressões e não faltaram comparações entre o desenho arquitetônico da praça original da década de 1940 e da atual. Os espaços urbanos são âncoras para nossa memória, na qual histórias são recontadas tendo agora como aporte o apelo visual físico, dando concretude a aspectos presentes apenas na lembrança dos mais velhos.

A maior e mais importante casa de espetáculos do Piauí foi o último desse eixo cultural a ser concluído. O Teatro 4 de Setembro foi fundado em 1884, mas não possuía espaço para cenários, camarins, mobiliário e decoração. Em 1952, passou por sua primeira reforma, por conta das comemorações do centenário da capital. Entre os anos de 1965 a 1973, funcionando quase exclusivamente como cinema. Na primeira metade da década de 1970, a casa de espetáculos passa por uma intensa reforma e ampliação que paralisa todas as atividades. Ressurge como um teatro moderno, ampliado e equipado com as inovações técnicas da época. Desde esta reforma, o Teatro passou a ser palco das principais representações artísticas exibidas em Teresina.⁴⁹⁹

Em 17 de junho de 1994, o Teatro 4 de setembro, através do Decreto nº 9198, passa a ser tombado pelo Governo do Estado. A partir de então, tornou-se possível a criação e execução

⁴⁹⁸ BANCAS serão retiradas hoje da Praça Pedro II. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.889, p. 6, 20 maio 1998.

⁴⁹⁹ CAMPELO, Aci. *Theatro 4 de Setembro, 120 anos: história e imagens de um símbolo cultural*. Teresina: s/ed, 2015.

do Projeto de Restauração da Praça Pedro II, culminando com uma reforma e revitalização completa do edifício nos anos de 1997 e 1998, através de recursos federais.

O projeto vai resolver definitivamente o problema das galerias. As poltronas vão ser trocadas por cadeiras menores. Com a estratégia, o Theatro, que hoje possui apenas 682 lugares, deverá passar para quase mil assentos, incluindo os que serão garantidos pela reforma dos dois pisos superiores que abrigam as bancadas. Toda parte elétrica do Theatro também será trocada. [...] A novidade que será mais comemorada pelo público, com certeza, com certeza, será a nova central de ar-condicionado com potência suficiente para resfriar todo o prédio.⁵⁰⁰

Essa última reforma priorizou, ainda, os seguintes itens: reequipamento da caixa cênica com a instalação de novos equipamentos de som, luz e vestimenta cênica; e efetivar a integração do Teatro ao prédio do Club dos Diários. Passando, assim, o Teatro, a ser novamente o centro das manifestações culturais da cidade.

Centro de Artesanato Mestre Dezinho está situado na rua Paissandu em frente à Praça Pedro II. O prédio foi sede do Comando da Polícia Militar do Piauí até 1978. Após uma pequena reforma realizada na década de 1980, passou a abrigar a central de artesanato. Dispondo de 34 lojas de produtos artesanais confeccionados à base de fibras, madeira, buriti, bordado, rendas, cerâmicas, além de produtos alimentícios como doces, comportas, castanhas e bebidas tradicionais como cachaças e cajuína. Passou a contar com escola de música, de artesanato e de dança, onde eram oferecidos cursos gratuitos para a população. Possui ainda um auditório, espaços para apresentação artísticas e culturais, uma praça de alimentação.

Compondo o eixo cultural e lazer, estava a reforma das demais praças situadas no centro da Cidade no projeto de Revitalização do Centro de Teresina. Na sequência, estava a reforma da Praça São Benedito, situada no largo da Igreja São Benedito, que possui esta denominação no trecho situado à esquerda do templo, na confluência das ruas Paissandu com a 24 de Janeiro e a Avenida Frei Serafim e, à direita, recebe a denominação de Praça da Liberdade, na Paissandu com a Avenida Frei Serafim. A obra previa uma mudança substancial no desenho urbanístico do logradouro, dando-lhe um novo formato. A começar pela construção de duas ruas circunscrevendo a igreja, seguida da implantação de novos passeios e canteiros, sendo a mudança mais significativa a retirada de um grande número de vagas de estacionamento que ocupavam uma parte considerável da praça. Como solução para isso foi transformado o antigo

⁵⁰⁰ GALLAS, Anna Kelma. Theatro vai melhorar atendimento: obras devem começar no início do primeiro semestre e devem terminar em outubro. Cad. Agite. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.147, p. 17, 26 abr 1996.

“Beco do Prazer”, uma pequena rua que separava a praça do Convento Beneditino em estacionamento de veículos. O objetivo era retomar a área destinada ao lazer, tornando-a em um local aprazível e não apenas mais um corredor de passagem.

Nesse sentido, foram implantados 88 bancos de madeira com ferro, bem convidativos para transeuntes distribuídos de forma estratégica aproveitando a arborização existente. Ainda foi realizada a retirada do canteiro em formato de mapa do Piauí, situado na parte da Praça da Liberdade e em seu local foi construído um palco de quarenta metros quadrados para atividades culturais.⁵⁰¹ Completando as mudanças, a reforma da Igreja São Benedito, uma parceria da prefeitura com algumas empresas privadas locais, foi possível com a realização da pintura interna e externa, implantação de iluminação especial na parte externa com o intuito de dar mais visibilidade a esse importante templo de Teresina.⁵⁰²

A Praça João Luís Ferreira localizada na confluência das ruas David Caldas, Eliseu Martins, Álvaro Mendes e Gabriel Ferreira também passou por reformas. Sua denominação é uma homenagem ao ex-governador do Piauí (1920-1924). A praça pode ser caracterizada como um jardim público, de lazer passivo e de conotação contemplativa. Os postes de ferro, com caracteres e estilos antigos, reforçam o caráter bucólico da praça. Por este motivo, as obras feitas nesse local tiveram mais um caráter de restauração. Todo o passeio foi substituído, bancos e postes de iluminação foram restaurados. A maior mudança ficou por conta da implantação de plantas ornamentais na composição dos jardins da praça. As obras desse logradouro e da Praça São Benedito foram feitas pela Empresa Teresinense de Urbanismo – ETURB, com recursos oriundos de impostos arrecadados junto à Telemar, por cada torre implantada em Teresina.

A Praça Marechal Deodoro da Fonseca, popularmente denominada de Praça da Bandeira, por conta de um parque situado no interior da praça com animais de pequeno porte, como aves e répteis desativados em uma reforma ocorrida na década de 1970, estava encravada entre as ruas Areolino de Abreu, Coelho Rodrigues, Rui Barbosa e Avenida Maranhão. Já teve como outra denominação a Praça da Constituição. Classificada como Jardim Público, construída de equipamentos de lazer passivo e também ativo, pela presença de um anfiteatro, lá existente. A praça é de grande porte e de trânsito intenso. Um misto de jardim recreacional e cultural, possui cercadura confeccionada com gradis de ferro e tapagem de cercas vivas de hibiscos. Compõe o largo inicial da construção da capital, no entorno da praça estão situados os prédios mais antigos da cidade, como a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, o Palácio da

⁵⁰¹ PRAÇAS do Centro serão reformadas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.974. p. 09, 17 maio 2000.

⁵⁰² PRAÇAS do centro da cidade serão reformadas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.663. p. 03, 23 jun 1999.

Cidade, o Museu do Piauí e o Mercado Central. Possui árvores frondosas, dando um aspecto de verdadeiro bosque. Na praça, encontra-se, ainda, um busto de Henrique Couto, estátua de Domingos Fonseca, patrono dos Violeiros e uma modesta coluna de mármore carrara.

As obras de recuperação e revitalização da Praça da Bandeira foram iniciadas em novembro de 2004, em uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Teresina e o Governo do Estado do Piauí, além de recursos do Ministério do Turismo. A praça recebeu novas vias de circulação interna, cortando-a no sentido norte-sul, e leste-oeste, está na transversal, interligando os principais portões de acesso a ela. A medida visava, também, possibilitar uma maior circulação e acesso ao Shopping da Cidade que estava em construção. Houve a recuperação da arborização e do piso de pedras portuguesas e a recolocação de bancos de concreto e madeira. O logradouro também recebeu painéis que retratam fatos históricos da cidade. O anfiteatro foi mantido e também passou por reformas.⁵⁰³

Com o objetivo de completar a revitalização desse trecho importante da cidade, os prédios públicos tiveram suas fachadas reformadas, como o Palácio da Cidade, uma construção de 1924, prédio em estilo neoclássico que já abrigou a Escola Normal, hoje sedia a Prefeitura Municipal de Teresina, tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual. Outro prédio é onde funciona a sede da Fundação Wall Ferraz, inaugurado em 1903, para ser a Intendência Municipal, também foi a primeira sede da Prefeitura e da Academia Piauiense de Letras. Além da Superintendência de Desenvolvimento Rural e do Mercado Velho, que já estava incluída na programação de reforma do próprio prédio. As obras ficaram orçadas em R\$ 200 mil, sendo os recursos do Ministério do Turismo.⁵⁰⁴

Outras duas praças que também estavam situadas no centro da cidade, mas que não faziam parte do rol das mais conhecidas e citadas pelos moradores eram as praças Landri Sales e a Demóstene Avelino. A Primeira, também conhecida por Praça do Liceu, possuía esse codinome por localizar-se em frente ao Colégio Liceu Piauiense Zacarias de Góes. Situada no quadrilátero formado pelas ruas Benjamin Constant, Simplício Mendes, Desembargador Freitas e Barroso, era uma praça de lazer passivo e recreacional, classificada como de médio porte e de trânsito moderado. Uma das mais antigas da cidade, possuía uma boa arborização, mas que, por falta de cuidados, perdeu alguns exemplares da flora centenária. O logradouro encontrava-se em pleno século XXI, completamente abandonado, conforme uma matéria em um periódico

⁵⁰³ REVITALIZAÇÃO começa na Praça Deodoro. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 6.649, p. 05, 23 dez 2004.

⁵⁰⁴ FACHADAS de prédios históricos serão recuperadas. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.760, p. 05, 03 maio 2006.

local “a praça estava sendo destruída pelos vândalos, bancos quebrados, pisos com buracos e pedras soltas, parapeito da parte alta quebrado, gramado destruído. Até o busto do governador Landri Sales desapareceu. Este é o retrato da praça.”⁵⁰⁵ A situação agravara-se ainda mais depois que a praça passou a sediar a feira de livros usados.

O segundo logradouro, também denominado de Praça do Fripisa, por esta ter sediado em seu centro um prédio da empresa de economia mista Frigoríficos do Piauí S/A – FRIPISA, que permanece até os dias atuais. Era caracterizada como lazer passivo e recreacional, classificada como de pequeno porte e de movimentação moderada. Circunscrita pelas ruas Arlindo Nogueira, Coelho Rodrigues, Doutor Area Leão e Elizeu Martins era frequentada por estudantes do antigo Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí – CEFET, atualmente Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Piauí – IFPI, funcionava mais como local de passagem, por sediar paradas de ônibus coletivo em parte de seu entorno.

O logradouro teve sua estrutura física completamente reformada pela municipalidade, na qual foram investidos R\$ 350,00. Além da troca do piso, da iluminação, colocação de novos bancos e ajardinamento dos canteiros, a praça recebeu uma cobertura de metal de uma área de 600 m² e a instalação de oitenta boxes com cobertura termo acústica, em um trecho que serviria para sediar a feira dos livros, que fora retirada da Praça Landri Sales, e outros eventos. Também foi feita uma baía recuada para paradas de ônibus coletivos.⁵⁰⁶ Além disso, parte do espaço da praça, duas de suas laterais, foram destinadas para a implantação de vagas de estacionamento, o que era pouco comum nas obras de revitalização desse tipo de logradouro. A escolha recaiu pela nova característica da praça voltada para a realização de eventos.⁵⁰⁷

As duas praças, tanto a do Liceu como a do Fripisa possuíam semelhanças entre si: não eram tão famosas como as demais do centro de Teresina e estavam localizadas próximas a centros educacionais. Ambas se encontravam extremamente degradadas. Suas reformas estavam previstas no Plano de Revitalização do Centro de Teresina. A Praça Landri Sales foi reformada no ano de 2005, com recursos oriundos do Orçamento Participativo, na ordem de aproximadamente duzentos mil reais. Toda a praça foi reformada, teve todo o piso trocado por um mais resistente, seguindo o modelo adotado nas demais praças que estavam passando por reformas, com piso em formato de mosaico em pedra portuguesa, intercaladas com lajotas. Na

⁵⁰⁵ VANDALISMO: bancos, piso e gramado de praça são destruídos. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.906, p. 01, 25 nov 2002.

⁵⁰⁶ MARANHÃO, Natacha. Frei Serafim e Praça do Fripisa passarão por nova reforma. *O Dia*. Teresina, ano LVI, n. 15.170, p. 05, 19 jun 2007.

⁵⁰⁷ REFORMA da Praça do Fripisa será antecipada. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.613. p.05, 04 set 2007.

reforma, também foram implantados novos bancos e feito um replantio de árvores. Estava incluída ainda a troca da iluminação e a preservação e restauração do coreto e de um bar situados na praça.⁵⁰⁸

A Praça Rio Branco, localizada na confluência das ruas Coelho Rodrigues, Areolino de Abreu, Simplício Mendes e Rui Barbosa, também passou por reformas. A praça possuiu outras denominações anteriores, Praça do Comércio e Uruguaiana, até possuir a nomenclatura atual em homenagem ao barão e historiador José Maria Paranhos Júnior, o Barão de Rio Branco, fidalgo da casa imperial e conselheiro de D. Pedro II. O Barão de Rio Branco é homenageado ainda com um busto de bronze situado na Praça. De valor histórico imensurável, esta praça, que já foi um dos principais locais de encontro e de sociabilidades diversas da cidade, estava situada ao lado do Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, não só padroeira da capital, como também seu templo é o marco zero de Teresina.

Esta praça é classificada como jardim público, de lazer passivo, recreacional, de porte médio e de trânsito intenso. O jornalista Edson Costa fez a seguinte descrição sobre como este logradouro encontrava-se: “Vista de longe, a praça Rio Branco, pode formar um complexo caleidoscópico urbano, devido às incontáveis cores das barracas, frutas, pessoas e tudo mais que compõe seu cenário. Essa quantidade de elementos, entretanto, não esconde os vários problemas do local.”⁵⁰⁹ No período em questão, a praça encontrava-se descaracterizada pela ocupação de vendedores ambulantes, que ofereciam diversos produtos, mas sendo a comercialização de refeições o mais presente. Outra atividade realizada na praça era a de engraxate, que também realizavam pequenos reparos em calçados e bolsas. Nesse período, a Praça já não contava mais com o coreto, que a caracterizava, possuía fontes luminosas, que foram implantadas na década de 1970, mas que se encontravam malconservadas.

Apesar do processo de descaracterização e abandono, com bancos quebrados, mal iluminada e com o passeio esburacado, essa praça era o ponto de encontro de senhores que ainda residiam no centro da cidade que se reuniam ali todas as manhãs para reencontrar os amigos e colocar as conversas em dia. Este grupo de senhores de terceira idade resistiam às modificações pelas quais a cidade passou nas últimas décadas, a praça, para eles, era um lugar de sociabilidade e lazer era cada vez mais escasso, mas eles persistiam com a teimosia daqueles que insistem em não aceitar as mudanças que foram impostas na cidade. Eram verdadeiros

⁵⁰⁸ REFORMA da praça do Liceu deve ficar pronta em 100 dias. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.519, p. 02, 02 set 2005.

⁵⁰⁹ COSTA, Edson. Praça Rio Branco se transforma em feira aberta e desordenada no Centro. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 15.431, p. 04, 08 mar 2008.

guardiões não só daquele espaço que se encontrava completamente depredado e descaracterizado, mas das histórias de tempos passados ainda presentes em suas memórias. Eram referências para estudantes e escritores que consultavam constantemente sobre o passado dessa praça e das incontáveis vivências ali experienciadas.

A reforma só ocorreu no ano de 2006, depois que os vendedores ambulantes foram retirados, com recursos do ministério das cidades, por meio de emendas parlamentares, que asseguraram recursos na ordem de R\$ 150 mil. No projeto elaborado para a praça Rio Branco, estava uma proposta de remodelagem seguindo o modelo que a praça possuía há anos atrás, tendo como referências fotografias da praça da década de 1930. As fontes luminosas foram retiradas, os canteiros rebaixados ao nível do passeio, padronizado os espaços para sediar atividades comerciais tradicionais da praça como as bancas de jornais, um espaço coberto para os sapateiros e engraxates, além da implantação de um bicicletário. A praça também recebeu uma nova iluminação e bancos, rampas de acesso para cadeirantes e piso tátil.⁵¹⁰

A reforma deu uma nova configuração a este logradouro. Apenas a coluna de sustentação do relógio, conhecido como Coluna da Hora, foi reformada e o relógio permaneceu parado até 2010 quando foi realizado a substituição da máquina por uma nova, mas foram preservados a parte externa como ponteiros, mostruário, para manter a sua identidade histórica.⁵¹¹ Ao contrário do relógio que ficou anos esperando ser consertado, o grupo de idosos que frequentavam a praça acabou por se dispersar, não retornando mais após a reforma. Suas práticas deixaram de fazer parte do cotidiano da praça para ficar guardado apenas na memória daqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-los.

A Praça Saraiva situada no paralelogramo das ruas Felix Pacheco, Barroso, Olavo Bilac e Rui Barbosa faz parte da composição do patrimônio histórico da cidade. Sua nomenclatura é uma homenagem ao fundador de Teresina, o engenheiro Conselheiro Saraiva. O logradouro é classificado como espaço de lazer contemplativo, uma vez que oferece uma das áreas mais arborizadas do centro da cidade. Composta por árvores centenárias que foram plantadas ali com a finalidade de torná-la em um verdadeiro bosque. Outra característica é a diversidade das espécies, que foram trazidas das mais diversas áreas do estado do Piauí. Cercada por gradis de ferro.

⁵¹⁰ REVITALIZAÇÃO resgatará características históricas da Praça Rio Branco. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 16.058, p. 05, 05 dez 2009.

⁵¹¹ CLOUD, Filipi. Relógio, conhecido como Coluna da Hora voltará a funcionar. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.312, p. 05, 03 set 2010.

Durante a semana, é frequentada por lavadores de carros, flanelinhas, vendedores ambulantes e estudantes. É um local de passagem para inúmeras pessoas por estar próxima a várias paradas de ônibus que interligam as zonas sul e sudeste ao centro da capital. Nos fins de semana, a frequência é marcada por pessoas que se dirigem ao templo católico de Nossa Senhora das Dores. Entretanto, de frequência assídua e indesejada estão os mendigos, pedintes, meninos de rua e usuários de drogas que acabam por afugentar do local os demais moradores. Para o ambulante, Gerson Ferreira da Silva, “acho que deveria ter um movimento que pudesse revitalizar essa praça e reavivar um pouco dessa história. Eu passo pela praça Pedro II e vejo aquela movimentação lá por conta do teatro e tudo mais. Aqui tem a igreja, mas as pessoas não estão mais vindo à praça, está abandonada.”⁵¹²

A última reforma pela qual havia passado foi durante a década de 1970, quando deixou de ser um ponto rodoviário e recebeu gradis de ferro. Estes encontravam-se com as estruturas de sustentação deterioradas, prestes a cair, algumas foram arrancados por flanelinhas que estavam utilizando o espaço de forma irregular para estacionamento de veículos.⁵¹³ Além da recuperação das grades e das muretas, os passeios e bancos também foram revitalizados. Após polêmica em torno da derrubada de algumas árvores centenárias, foi feito um projeto de arborização para a praça, sem a derrubada de nenhuma espécie e ainda foram plantadas novas árvores, e para uma melhor preservação, os canteiros foram alargados e o piso elevado. Os custos com a reforma ficaram em torno de R\$ 150 mil, uma vez que a iluminação havia sido toda trocada há pouco tempo da reforma no valor de R\$ 438 mil.⁵¹⁴

Finalmente a Praça Da Costa e Silva, que constantemente fazia parte dos reclames da população quanto ao seu abandono, passou por uma reforma bem mais acanhada perante às demais praças que foram foco de projetos de reformas e revitalização. Esse logradouro foi construído na década de 1970, com projeto arquitetônico de Acácio Gil Borsóí, e paisagístico de Burle Marx. Situada na Avenida Maranhão, sua construção tinha por finalidade melhorar o aspecto urbanístico da área, uma vez que, com a construção da galeria pluvial da Avenida José dos Santos e Silva, que retirou a zona de baixo meretrício da cidade à época, denominada de Palha de Arroz, procurou-se, com a execução daquela obra, evitar que a área fosse novamente ocupada por esse segmento social. A praça homenageava um renomado escritor piauiense, Antônio Francisco da Costa e Silva, responsável, dentre tantas obras pela composição do hino

⁵¹² PRAÇA Saraiva está em situação de abandono. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.630. p.05, 14 set 2007.

⁵¹³ GRADES da Praça Saraiva tiveram que ser retiradas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXI, n. 7.918. p. 05,02 jul 2008.

⁵¹⁴ PRAÇA Saraiva passa por reforma. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.323, p. 05, 14 set 2010.

do Piauí. A praça foi denominada Praça-Monumento Da Costa e Silva, por possuir painéis com dez poemas do homenageado em bronze, onde os amantes das letras poderiam deleitar-se com sua leitura e aproveitar a beleza e tranquilidade desse espaço.

Era a praça de construção mais recente do centro da cidade, comparada às demais, todas centenárias. Passados pouco mais de trinta anos da sua construção, a praça encontrava-se completamente abandonada e descaracterizada. Os painéis com os poemas foram furtados e uma estátua do homenageado depredada. Além de bancos, gradis, canteiros, luminárias quebradas. As fontes luminosas existentes estavam danificadas e sujas, servindo como criatório para mosquitos. Era frequentada por mendigos, usuários de drogas e moradores de rua. A praça era considerada perigosa, as pessoas evitavam passar pelo local com medo de serem assaltados. À noite, a situação era ainda pior com a precariedade com que se encontrava o sistema de iluminação.

A primeira etapa da reforma da praça ocorreu com o processo de limpeza da área para posteriormente passar para reforma propriamente dita. Os gradis, muretas e meio-fio foram recuperados, assim como o busto de Da Costa e Silva e os painéis contendo os poemas, feitos agora em acrílico. Novos bancos foram instalados em substituição aos existentes. A iluminação da praça também foi recuperada. Uma das dificuldades encontradas durante a reforma foi em relação ao piso. O original era composto por uma rocha conhecida pelos piauienses como pedra de Piripiri, por ser encontrada nesse município, mas devido à intensa extração já não era encontrada facilmente. A Superintendência de Desenvolvimento Urbano Centro-Norte colocou vigilantes diuturnamente para evitar que as obras fossem depredadas.⁵¹⁵

As praças do centro de Teresina, além de fazerem parte da construção da história e do patrimônio cultural da cidade, no que tange ao lazer e as sociabilidades, eram também espaços de preservação de áreas verdes, extremamente importantes na composição da paisagem urbana, como espaços aprazíveis, necessários para quem convivia com altas temperaturas durante quase todos os meses do ano.⁵¹⁶ Mas, por outro lado, os gastos empenhados na reformas desses logradouros estavam longe de ser uma unanimidade. Muitas críticas foram feitas por conta da distribuição dos recursos angariados por medidas provisórias encabeçadas por deputados e senadores. Uma delas afirmava que os benefícios desses recursos ficariam concentrados mais

⁵¹⁵ PRAÇA Da Costa e Silva ganha reforma estrutural. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.662. p. 04, 17 jul 2010. PMT vai refazer memorial do poeta Da Costa e Silva. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.676. p. 09, 06 ago 2010.

⁵¹⁶ PRAÇAS preservam áreas verdes da cidade. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.809. p. 09, 16 ago 2002.

uma vez na capital, no centro mais especificamente. Enquanto que o restante do estado ficaria sem participar das benesses de tais recursos.

Há que considerarmos que um governante de um estado como o Piauí, que não é dos mais fortes, economicamente, precisa olhar para os aspectos sociais dos seus investimentos a partir de uma visão focada no aspecto socioeconômico destes. As praças uma vez reformadas e as ruas do centro desobstruídas trazem, indubitavelmente, mais conforto para a população da capital. Porém, as estradas, uma vez recuperadas, trazem, por outro lado, benefícios para a população de todo o estado. Diante disso, fica posto o dilema: praças embelezadas ou estradas recuperadas. Então, é caso de indagarmos: qual governante consciencioso e sensato priorizaria as praças? Eis a questão.⁵¹⁷

Outras críticas que recaíam na escolha do centro para a aplicação de recursos vinham dos movimentos por moradia como a Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários – FAMCC. Segundo seus representantes, a capital do estado do Piauí passava por sérios problemas de habitação, falta de saneamento, o que era visível na explosão de vilas e favelas que Teresina passou a contar nas últimas décadas. A opção dos governantes recaía por uma área que teria mais visibilidade aos olhos dos teresinenses e visitantes, seguindo a lógica de tornar a cidade agradável na visão do outro. A escolha era imposta de uma forma vertical. Não cabia a população decidir onde esses recursos seriam mais eficientes e cobririam as reais necessidades da população.

A reforma dessa da Avenida Frei Serafim foi uma das últimas obras do projeto de revitalização do Centro de Teresina. Os trabalhos foram iniciados com as obras de alargamento da via em dois metros e meio e, em alguns pontos mais críticos, as paradas de ônibus foram recuadas para deixar as faixas livres. O alargamento seguiu um estudo criterioso, o espaço foi retirado das calçadas, nas quais os donos dos imóveis atingidos foram prontamente indenizados, com a retirada de 25 espécies que foram transplantadas para outras áreas da cidade. Todo o asfalto da avenida foi recuperado. Esse alargamento tinha por finalidade melhorar o tráfego e desafogar o trânsito. Outra medida adotada, nesse sentido de dar fluidez ao trânsito, foi a implantação de um sistema de controle semafórico que proporcionava o sincronismo sequenciado.⁵¹⁸

Entretanto, apesar de visar à melhoria do tráfego nessa via, a ampliação da avenida Frei Serafim não foi vista de forma unânime pela população. A retirada de algumas árvores e a

⁵¹⁷ MORAES, Anselmo de. Praças ou estradas? *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.650, p. 02, 12 jan 2006.

⁵¹⁸ FREI Serafim: plano de intervenções. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.974, p. 06, 21 dez 2006.

redução do passeio das calçadas eram as críticas mais contundentes. Para o vereador João Cláudio Moreno: “a obra visava atender os interesses de uma determinada classe, não poderia privilegiar apenas carros, mas os pedestres também.”⁵¹⁹ Já para a curadora do meio ambiente, Rita Moreira Sousa, que entrou com uma ação de embargo à obra, “a obra é inviável porque não resolverá o problema, mas trará outros males para a população. Estão retirando o local de passagem do pedestre, reduzindo de cinco para dois metros. Os pedestres ficarão exprimidos nas paradas de ônibus como bois.”⁵²⁰ Outra reclamação foi feita pelos vendedores ambulantes e donos de bancas de jornais que se recusavam em sair, já que com a reforma as calçadas seriam reduzidas.⁵²¹

As obras de revitalização da Avenida Frei Serafim e de seu canteiro central custaram aos cofres públicos cerca de R\$ 1,5 milhão. As obras de alargamento da avenida foram entregues primeiro. A criação de recuos para paradas de ônibus coletivos e corredores específicos para esse tipo de transporte, de acordo com a Superintendência de Desenvolvimento Urbano (SDU) Centro-Norte, amenizou o problema do congestionamento da via.

A opção adotada pelo então prefeito Sílvio Mendes e sua equipe para o canteiro central da avenida Frei Serafim foi pela remoção de quatro das cinco fontes e, em seus lugares, foram feitas passarelas que permitiam a livre circulação de pessoas, readequando a última que permaneceu nas proximidades da Ponte Juscelino Kubistchek. Margeada por jardins instalados no nível do calçadão ou em pequenos canteiros em formatos de jarros distribuídos ao longo do passeio. O piso foi refeito com pedras portuguesas, para preservar a memória da última reforma feita no canteiro. Foram colocados bancos novos e a iluminação foi toda modificada com a implantação de postes em altura abaixo das copas das árvores. Os tradicionais oitis, que sombreiam o canteiro, foram preservados, assim como os pedestais com o busto de Getúlio Vargas e a estátua do prefeito Wall Ferras, bem como um cruzeiro que recebe ex-votos. Em trechos em que a arborização era mais escassa, foi feito o replantio de 180 espécies, mas preservando o espaço livre, muito utilizado em manifestações populares.⁵²² Outra preocupação era com o espaço reservado para os pedestres.

O espaço de segurança para os pedestres no canteiro central da Avenida Frei Serafim está sendo ampliado pela prefeitura, antes utilizada como corredor de

⁵¹⁹ PROJETO é a maior mutilação da avenida. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.974, p. 07, 21 dez 2006.

⁵²⁰ CURADORA diz que pedestres ficarão exprimidos como bois. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.974, p. 07, 21 dez 2006.

⁵²¹ AMBULANTES não poderão mais ficar nas calçadas da avenida. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.974, p. 07, 21 dez 2006.

⁵²² MARTINS, Delano. Fontes da Frei Serafim serão transformadas em jardins. *O Dia*. Teresina, ano LIV, n. 14.663, p. 05, 25 jan 2006.

tráfego de pessoas, a calçada lateral do canteiro, de aproximadamente 2 metros de largura, será substituída pela área central, de seis metros de largura, possibilitando maior segurança para os teresinenses. Um dos principais objetivos da revitalização da Avenida Frei Serafim é colocar os pedestres em primeiro plano, abrindo o canteiro para se tornar em um espaço agradável, de ponto de encontro das pessoas, além de possibilitar o acesso aos portadores de deficiências, com a implantação de rampas na altura dos cruzamentos e de piso tátil para melhor orientar os deficientes visuais, sem esquecer de preservar a área verde do canteiro.⁵²³

A inauguração do canteiro central da Avenida Frei Serafim ocorreu no dia 14 de novembro de 2007. A última etapa da revitalização da Avenida Frei Serafim foi a implantação de novas paradas de ônibus. Ao todo foram instalados vinte e oito abrigos, que contavam com novo desenho arquitetônico. Algumas alterações foram realizadas na escolha do material das novas estruturas, como a colocação de telhas termoacústica e de bancos com assento e encosto de madeira, em substituição aos de metal. Conforme o diretor da superintendência Municipal de Transportes e Trânsito- STRNS, Sebastião Ferraz, “os novos abrigos vão trazer mais conforto aos usuários de transporte público da capital, pois a colocação de assentos de madeira é proporcional ao clima de Teresina, além das dimensões serem maiores.”⁵²⁴ Entretanto, as paradas receberam críticas por parte de alguns usuários que informam que, apesar de serem cobertas, não evitam as intempéries do clima, já que são abertas. A solução para esse problema era a implantação de paradas em formato de tubos, como as existentes em Curitiba, nas quais não há necessidade da colocação de ar-condicionado devido ao clima mais ameno, o que não compete a Teresina. Os responsáveis pela obra afirmam que esse modelo se torna inviável pelos custos de implantação e manutenção de pontos de paradas de ônibus climatizadas.

Desde sua construção, a avenida Frei Serafim tem sido palco das mais variadas manifestações urbanas da capital do Piauí. Desde eventos políticos: como passeatas, comícios; cívicos, como a Parada do Sete de Setembro e desfiles cívicos estudantis, como o realizado nas comemorações do Sescentenário de Teresina; passando pelos religiosos: Procissão do Dia de São Cristóvão⁵²⁵, Caminhada da Fraternidade⁵²⁶; chegando aos movimentos profanos: os

⁵²³ REVITALIZAÇÃO de avenida prioriza pedestre. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.529. p.03, 15 jun 2007.

⁵²⁴ DOS ANJOS, Edienare. Começa as obras das novas paradas da Avenida Frei Serafim. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.549. p.04, 30 mar 2010.

⁵²⁵ Santo protetor dos motoristas, a procissão era realizada em formato de carreata.

⁵²⁶ Evento da igreja católica, idealizado e coordenado pelo Monsenhor Tony Batista, com início em 1996, com um percurso de sete km, saindo da Igreja São Benedito, percorrendo, portanto, toda a extensão da avenida Frei Serafim, ao Campus Da Universidade Federal do Piauí, Petrônio Portela. O evento é marcado pela grandiosidade e pelo cunho de solidariedade envolvidos. Todo ano é abordado um tema humanitário, como caridade, respeito ao próximo. A venda dos kits de camiseta e boné são responsáveis pela realização de inúmeras obras de caridade.

tradicionais desfiles de carnaval. Ainda por conta da visibilidade e acessibilidade a um maior número de pessoas, a avenida Frei Serafim também tem sido, principalmente após o processo de redemocratização do país, utilizada também para as mais diversas manifestações contestatórias das classes trabalhadoras e estudantil. Dentre eles estão movimentos grevistas das mais diversas entidades de classe e de movimentos sociais como a Romaria da Terra e da Água, a Marcha das Margaridas, Parada da Diversidade.

Nela, ocorreram as mais diversas formas de manifestação popular, movimentos contestatórios da ordem estabelecida, como o Movimento dos Sem-teto, que ocupavam o símbolo da cidade que ensinava ser moderna ou até mesmo pós-moderna, denunciando as mazelas enfrentadas, pelos moradores da periferia, por exemplo. Apesar de palco para muitas manifestações, nem todas ocorreram sem conflitos, que não raros resultaram em embates e enfrentamentos entre manifestantes e agentes do poder público municipal ou estadual, como a ocorrida na descrição a seguir:

A avenida Frei Serafim em função de sua visibilidade e da facilidade de acessos, é constantemente palco de manifestações públicas, a maioria é pacífica, apesar de quase todas incluírem protestos e criarem transtornos no trânsito. Os conflitos são inevitáveis pela salvaguarda do igualitário direito de todos se movimentarem e a impiedosa responsabilidade de preservar o bem público. Nestes primeiros anos da reforma da avenida, os confrontos foram mais frequentes tendo em vista as restrições de uso. Dois destes eventos merecem destaque pela repercussão que alcançaram: o protesto dos estudantes pelo aumento do preço das passagens no transporte coletivo e a proibição da realização do São do Humor na avenida Frei Serafim.⁵²⁷

Os dois fatos citados, anteriormente, pelo autor, tratam-se de movimentos que tinham como características comuns um caráter contestatório. O primeiro referia-se ao aumento do preço da tarifa das passagens de ônibus coletivo autorizado pela Prefeitura Municipal de Teresina, de R\$ 1,60 para R\$ 1,75, a partir do dia 1º de janeiro de 2009. Entidades estudantis como a UNE, UBES, DCE da UFPI e da UESPI acampando em barracas da avenida Frei Serafim, que passaram recentemente por reforma completa. A prefeitura ordenou a retirada imediata do acampamento usando como justificativa o risco dos pisos e jardins serem danificados. Apesar dos diversos protestos e manifestações de repúdio por parte dos estudantes, as barracas foram retiradas e o aumento do preço da tarifa de ônibus mantidos.

⁵²⁷ MATOS, Martins Augusto de Oliveira. *Avenida Frei Serafim: lembranças de um tempo que não acaba*. Teresina: W LAGE – Alínea Publicações Editora, 2011, p.239.

No segundo caso, diz respeito também a utilização do canteiro central da avenida para sediar o evento Salão Internacional do Humor do Piauí.⁵²⁸ Os organizadores do evento expuseram suas obras sem a autorização prévia dos órgãos responsáveis da municipalidade. Estes, por sua vez, ordenaram a retirada do material e proibindo terminantemente de ocorrer a tradicional exposição no canteiro central da avenida. Apesar dos protestos dos artistas e de parte da sociedade teresinense, a exposição do material teve que ser realocada para outros locais, como praça Pedro II.

Diante dos fatos descritos, dois aspectos sobressaem na nossa análise. Ambas manifestações ocorreram logo após a reforma da avenida Frei Serafim, ou seja, no ano de 2009. O discurso proibitivo utiliza-se do discurso preservacionista/conservacionista para justificar a não utilização do espaço da avenida como espaço de manifestação, de caráter contestatório. Contrariando o objetivo principal do novo projeto arquitetônico do espaço que era criar um espaço voltado para “valorizar o encontro das pessoas; foram criadas áreas livres para a realização de pequenos eventos, corredores de passagem para conversas descontraídas nas laterais.”⁵²⁹ Esse fato traz a tona o sentido das reformas dos espaços urbanos nas principais cidades : possui um caráter segregador e disciplinador em sua concepção, como uma tentativa de também disciplinar seus moradores para os códigos de condutas vigentes, nos quais não há espaço para o contraditório e o contestador.

Mas a avenida Frei Serafim era bem maior do que apenas um espaço controlado e disciplinado que imaginavam os administradores da cidade. Era antes de tudo um espaço público, de usos variados, de apropriações múltiplas, um dos últimos redutos ainda com vida pulsante em qualquer hora da vida da cidade. Era o espaço onde estavam os prédios mais caros e mais valorizados da cidade, onde pulsava boa parte da vida econômica e financeira da cidade, onde homens e mulheres de “negócio” passavam apressadamente em seus carros particulares de luxo, com ar condicionado, ignorando às altas temperaturas, os cheiros desagradáveis provocados pela poluição e o vai e vem de pessoas, os ônibus coletivos lotados. Esse espaço também era ocupado por trabalhadores e estudantes que se dirigiam apressadamente dos pontos de ônibus para os seus destinos ao longo do dia e que no final do dia também se permitiam sentar no passeio público da avenida, conversar, marcar encontros, que também poderia ser nos inúmeros barzinho que iniciava seus trabalhos ao anoitecer, ocupando calçadas e até o passeio

⁵²⁸ É um evento presente no calendário cultural da cidade, que conta com a participação de cartunistas, caricaturistas e outros artistas plásticos de renome não só local, como nacional e também de fora do país. A organização do evento elege um tema a cada ano e os artistas apresentam suas obras ao público ao ar livre, em logradouros públicos no Centro da cidade.

⁵²⁹ MATIAS, 2011, p.267.

público com mesas e cadeiras a espera dos clientes fiéis. Ou poderia ser, ainda, o local no qual mendigos, meninos de rua e profissionais da noite disputavam ponto.

A avenida Frei Serafim possuía esse misto de pessoas, de tempos e de funções. Ela assemelha-se à Nevski na São Petersburgo de Nicolau I.

onde todas as classes existentes se reuniam, da nobreza cujos palácios e casas embelezavam a rua no seu ponto inicial perto do Almirantado e do Palácio de Inverno, aos artesões pobres, prostitutas, desamparados e boêmios, que se amontoavam nos pulgueiros e tabernas ordinárias próxima à estação de trem na praça Znaniemski, onde a Nevski terminavam. A rua os uniu, os arrastou em um turbilhão e deixou-os fazer o que pudessem de seus encontros e experiências. Os petersburguenses amavam a Nevski e a metificaram inesgotavelmente, pois ela lhes abriu, no coração de um país subdesenvolvido, uma vista de todas as promessas deslumbrantes do mundo moderno.⁵³⁰

Presente e pulsante na vida dos moradores da cidade, a avenida Frei Serafim foi imortalizada nos textos de literatos e artistas da cidade. A avenida foi cenário para escritores, romancistas, cronistas, poetas e compositores deixarem registrados suas impressões, seja como cenário para atuação de personagens, ou sendo a própria avenida o sujeito principal, evidenciando as mais variadas percepções de tempo e sentidos que se foram construindo sobre esse espaço emblemático da cidade.

Calmaria

Tire esse medo da cara, não diga nada
Largue esse gosto amargo do seu colar
Que eu cheguei foi pra ficar,
Se chorei foi de saudade, amor,
Não foi de dor não,
Se eu briguei foi só maldade,
Mas agora é só calmaria

Quando eu chegar na Frei Serafim
Laços de fita, meu bem, acene pra mim
Não quero dinheiro, mas me vendo por inteiro
Pois seu beijo é um pretexto
Pra eu ficar no Piauí
Não quero dinheiro, mas me vendo por inteiro
Pois seu beijo é um pretexto
Pra eu morar no Piauí

Fonte: Letra e música do cantor e compositor piauiense Vavá Ribeiro

⁵³⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras: 1986, p. 221.

Havia uma grande preocupação por parte do poder público com a manutenção das reformas que vinham sendo empreendidas no centro da cidade. Assim como havia uma preocupação com a questão da limpeza de seus logradouros públicos. Nesse sentido, foram colocadas cerca de 330 lixeiras em diversos pontos do centro da cidade. As novas lixeiras eram feitas de polietileno, mais modernas e funcionais, com capacidade para 50 litros de lixo, e substituiu as velas coletoras de lixo de concreto com tampas de ferro, pouco funcionais, atrapalhando a livre circulação pelas ruas da capital. A aquisição custou aos cofres públicos a quantia de vinte e sete mil reais. A coleta de lixo e a limpeza das lixeiras eram feitas diariamente, no período da noite, de modo a não atrapalhar o trânsito e nem o fluxo de pessoas, além de evitar infortúnios e acidentes. A substituição dos coletores visava dar mais funcionalidade e praticidade evitando que as ruas do centro virassem depósitos de lixo a céu aberto.⁵³¹

Outras ações também foram implantadas no Centro de Teresina. As ruas Simplício Mendes, no trecho entre as ruas Riachuelo e Desembargador Freitas, e Álvaro Mendes, no trecho entre as ruas Riachuelo a 13 de maio, por serem as mais prejudicadas pelo comércio ambulante, foram completamente reformadas. Foram investidas nessas ruas R\$ 2,5 milhões, a rede elétrica substituída, passando a ser subterrânea, todo o pavimento foi trocado, receberam novas calçadas com piso em bloquetes, rampas de acessibilidade para cadeirantes e nova sinalização, para deficientes visuais, dando tanto um melhor aspecto físico, no que tange ao embelezamento das ruas, como uma melhor funcionalidade. Apesar da reforma das calçadas ser de responsabilidade dos proprietários, a prefeitura abriu essa exceção como uma forma de incentivar os demais comerciantes a reformarem suas calçadas, uma vez que estando esburacadas e mal cuidadas além de darem um ar negativo para o acesso às lojas, ainda provocava acidentes aos transeuntes.⁵³² Outra mudança no desenho urbanístico foi a criação de espaços de convivência situados nas esquinas, com banquinhos, lixeiras, floreiras e guarda-corpos. A intenção é criar um espaço agradável para os pedestres.⁵³³

O tráfego de veículos foi todo reorganizado, com o intuito de dar maior fluidez ao trânsito, entretanto, com a redução de velocidade em determinados pontos, para que a prioridade

⁵³¹ PREFEITURA Municipal de Teresina instala 50 novos coletores de lixo. *Diário do Povo*. Teresina, ano XII, n. 4.742. p. 10, 10 set 1999.

⁵³² CALÇADAS do Centro de Teresina devem ser padronizadas. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.861, p. 05, 20 maio 2009.

⁵³³ ROCHA, Polyana; PEDROSA, Robert. Projeto prioriza acessibilidade, paisagismos e segurança geral. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.900, p. 04, 28 jun 2009.

fosse dada à circulação de pedestres.⁵³⁴ Com o intuito de proporcionar maior segurança e melhores condições de trafegabilidade às ruas e avenidas do centro da cidade, foi posto em prática o recapeamento asfáltico, assim como a recuperação de vias que se encontravam quase intrafegáveis, seja pela presença de buracos, falta de manutenção de bueiros ou presença de lixo e mato.⁵³⁵ Vias por onde circulam os transportes coletivos e nas praças que possuem pontos de paradas de ônibus, como, por exemplo, as praças João Luís Ferreira, Demóstenes Avelino, Praça Saraiva e Marechal Deodoro da Fonseca, receberam novos abrigos, com estrutura metálica, bancos e maior espaço coberto.⁵³⁶ As ruas do Centro também receberam nova sinalização semafórica, vertical e horizontal. Também ocorreram mudanças de tráfegos em algumas ruas. Entre as ruas que tiveram tráfego invertido ou modificado estão a Coelho Rodrigues, a Senador Teodoro Pacheco, Álvaro Mendes, Firmino Pires, Riachuelo e João Cabral.⁵³⁷

As mudanças ocorridas no Centro da capital, por meio do Projeto de Revitalização, estavam em sintonia com as demandas surgidas nos novos tempos. Nesse sentido, a instauração de um sistema de monitoramento por câmeras instaladas em pontos estratégicos e de intensa movimentação de ruas e praças tinha uma finalidade dupla: um recurso a mais para manter a segurança e evitar a ocupação indevida desses espaços, evitando o retorno de vendedores ambulantes, por exemplo. O sistema foi adquirido pela Fecomércio e pela Sindilojas em parceria com a Prefeitura Municipal de Teresina, que ficaria responsável pela instalação e manutenção. Seu funcionamento ocorria por meio da transmissão das imagens de forma *online*, via internet, que seriam disponibilizados e armazenadas para análise de uma equipe treinada integrada com o policiamento local.⁵³⁸

Outro problema do Centro de Teresina era a falta de espaços para estacionamento de veículos. Uma proposta contida no projeto de Revitalização do Centro de Teresina era a construção de edifícios garagem. Entretanto, não chegaram a ser colocados em prática. Apenas ações paliativas foram implantadas, como a criação da Zona Verde de estacionamento nas ruas do perímetro do Centro da cidade. Essas zonas previam uma rotatividade maior de veículos e

⁵³⁴ PMT faz a sinalização das ruas do centro de Teresina. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.202, p.04, 03 mar 1998.

⁵³⁵ ETURB intensifica as obras de recapeamento asfáltico. *Diário do Povo*. Teresina, ano XI, n. 4.234. p.05, 04 abr 1998.

⁵³⁶ OBRAS de revitalização começam em julho. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.251. p. 09. 31 maio 2009.

⁵³⁷ PREFEITO assina hoje ordem de serviço para obras no centro de Teresina. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXI, n. 8.338. p. 04. 26 ago 2009.

⁵³⁸ NOGUEIRA, Juliana. Centro será monitorado por vinte câmeras. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.338. p. 01. 26 ago 2009.

dessa forma aumentar o número de vagas disponível. Mas a ineficácia da fiscalização fez o projeto fracassar em pouco tempo. Por outro lado, vagas consideradas especiais, como de deficientes e idosos foram reorganizadas e feita, a devida sinalização, bem como os espaços destinados a motocicletas.⁵³⁹

A orla do rio Parnaíba teve seus momentos áureos no auge da exportação de produtos extrativos como a borracha de maniçoba, a cera de carnaúba e o óleo de babaçu, que ocorreu até a segunda metade do século XX, que escoavam via navegação. Com o decaimento desse comércio, toda a área entrou em decadência. Sendo recuperada sua posição de destaque na paisagem urbana da capital com a implantação do Shopping da Cidade e da estação de metrô Alberto Tavares Silva, houve a necessidade de urbanização da orla do Rio Parnaíba. Foi recuperado o calçadão da avenida Maranhão, no trecho compreendido entre a rua Joaquim Ribeiro e a Ponte João Luís Ferreira, que também foi reformada, recebendo nova iluminação.⁵⁴⁰ Ficava situado nesse trecho a Praça Da Costa e Silva que passou por reforma e o Troca-Troca, um tradicional ponto de comércio popular da cidade, com a recuperação do piso e do teto, além das instalações sanitárias e a padronização das 102 bancas.⁵⁴¹ Portanto, a recuperação do calçadão visava melhorar o acesso a esses pontos turísticos desse trecho do centro da cidade e ao passo que estaria também embelezando e recuperando essa orla.

Buscava-se melhorar não só o aspecto físico do Centro, como também o acesso a ele. Essas alterações juntamente com as demais, sobretudo, estruturais, como a construção do Shopping da Cidade, que possibilitou a retirada dos vendedores ambulantes de ruas como a Simplicio Mendes e a Álvaro Mendes e praças, a exemplo da Praça Rio Branco, e as reformas nas demais praças trouxeram ao centro um novo aspecto. As obras de revitalização do Centro de Teresina chegaram ao custo de R\$ 32,488 milhões.⁵⁴²

Nos últimos dez anos, o Centro de Teresina vem passando por constantes mudanças estruturais e de restauração da memória artística e urbana. É difícil passar por algum ponto e não presenciar obras realizadas em praças, ruas, iluminação pública, calçamento e de melhoramento no tráfego de veículos. O Centro sempre foi alvo de transformações e foi símbolo de várias épocas. Começou como moradia, passou para ponto de cultura e agora abriga um comércio cada

⁵³⁹ READEQUAÇÃO deve melhorar o trânsito. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.331. p. 05. 19 ago 2009.

⁵⁴⁰ COMEÇAM a construção de novas calçadas no Centro. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.618. p. 05, 03 jun 2010.

⁵⁴¹ CONCLUÍDA a primeira etapa da reforma do troca-troca. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.405, p. 09, 30 jan 2007.

⁵⁴² OBRAS do Shopping da Cidade encerram sábado. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.268, p. 01, 17 jun 2009.

dia mais pulsante. As intervenções são necessárias para o desenvolvimento de qualquer cidade e toda mudança propicia resistência a princípio.⁵⁴³

Se por um lado a retirada das barracas dos vendedores ambulantes das ruas e praças do Centro possibilitou a reforma e recuperação desses logradouros, dando um aspecto visivelmente melhor para o centro da cidade, outras mudanças não tiveram o mesmo sucesso na sua implementação. A exemplo temos a preservação do patrimônio arquitetônico de prédios antigos que continuou a desafiar o poder público que não conseguiu encontrar o equilíbrio entre a necessidade de implantação de novos prédios e a convivência harmônica com os antigos e históricos. Outra incompletude do projeto de revitalização está na migração do comércio e assim como de moradores para outras zonas da cidade, permanecendo o centro como um local perigoso e vazio durante à noite, assim como violento e inseguro durante o dia.

É inegável que houve melhorias, sobretudo, no ordenamento do tráfego, no acesso às lojas, restaurantes e demais estabelecimentos comerciais, com a liberação de ruas que tinham seu tráfego obstruído como as ruas Simplício Mendes e Álvaro Mendes. Porém, velhos problemas persistem até os dias atuais.

A depredação dos espaços públicos era um outro problema enfrentado pela prefeitura de Teresina. O vandalismo nesses espaços era presente em vários pontos da cidade, visível principalmente em praças, até mesmo naquelas que haviam passado recentemente por reformas. Conforme a repórter Juliana Nogueira, “a reforma em algumas praças de Teresina conseguiu resgatar alguns traços históricos, mas não devolveu a esses lugares a tranquilidade de antigamente. A insegurança afasta os frequentadores e dá lugar aos vândalos e usuários de droga.”⁵⁴⁴ Bancos arrancados, portões e gradis quebrados, canteiros e passeios esburacados, lâmpadas estilhaçadas e até mesmo com fios e placas roubados. Monumentos e estátuas pichadas. Esse era o retrato do centro da cidade. O gerente de obras da Superintendência de Desenvolvimento Urbano (SDU) Centro-Norte, Weldon Alves, estimava que o gasto anual na recuperação de das dez praças do centro da capital chega a R\$ 150 mil. Para ele, “a prefeitura desperdiça muito dinheiro que poderia ser utilizado para outros fins.”⁵⁴⁵

⁵⁴³ DOS ANJOS, Edienare. Centro de Teresina muda, mas continua uma referência histórica. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.614 p. 09, 30 maio 2010.

⁵⁴⁴ NOGUEIRA, Juliana. Praças são reformadas, mas a tranquilidade não retorna. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.370. p. 05. 27 set 2009.

⁵⁴⁵ NOGUEIRA, Juliana. Gasto com vandalismo é de 150 mil. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.681, p.05, 04 nov 2007.

A população reclamava da falta de iluminação nas praças durante a noite, também se ressentiam da violência nesses locais. As reivindicações eram por mais policiamento no fito de proporcionar maior segurança nesses espaços. As reclamações recaíam para as duas esferas do poder Executivo. Ao estadual era cobrado maior efetivo de policiais nas ruas e ao municipal a implantação de uma guarda municipal. O trabalho conjunto de ambas era apontado como necessário para resolução desse problema, na medida em que a polícia militar atuaria no policiamento ostensivo e a guarda municipal na preservação e conservação do patrimônio público já que não possui poder policial.⁵⁴⁶

A antropóloga norte americana, Jane Jacobs, faz uma crítica contundente dos princípios e dos objetivos que modelaram o planejamento urbano e os processos de reurbanização modernos e ortodoxos.⁵⁴⁷ Ainda que publicado em 1961, seus estudos apontam problemas muito visíveis nas cidades da atualidade. Isso se deve ao fato dos projetos de intervenção urbanística não terem passado por grandes modificações e nesse sentido ainda não apresentam soluções para velhos problemas urbanos, como a falta de segurança nas ruas, congestionamentos e áreas urbanas que sofrem com degradação. Para ela, um dos erros ocorre na implantação de programas de revitalização que buscam preservar edifícios, praças e monumentos de forma isolada. Não se pensa no conjunto, pretende-se somente recuperar o seu uso original. “É tolice planejar a aparência de uma cidade sem saber que tipo de ordem inata e funcional ela possui.”⁵⁴⁸

Para florescimento e a recuperação de uma área, é necessário levar em consideração a diversidade de usos que se faz desse espaço nos mais variados níveis. Como a mesclagem de prédios antigos e novos, a presença de área residencial e comercial, de padrões de rendimentos altos, médios e baixos, que ofereça movimentação nos mais diversos horários do dia. Essa variedade, conforme Jacob, é o que trará uma revitalização efetiva e consistente por meio de um processo dinâmico ano após ano, que possam coexistir o novo e o velho de forma harmônica. Apesar dos esforços feitos pelos administradores da capital do Piauí, as decisões tomadas por eles no sentido de revitalizar o centro não surtiram os efeitos esperados. E como podemos ver ao longo desse capítulo, foram muito diferentes das ações sugeridas pela autora.

Para o historiador Eliézer Cardoso de Oliveira,

[...] o homem pós-moderno quer trazer de volta alguns valores do mundo tradicional, quando se vivia mais próximo da natureza e da sua comunidade.

⁵⁴⁶ SEGURANÇA deve ser feita pela guarda. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.370. p. 05. 27 set 2009.

⁵⁴⁷ Fazer nota explicativa falando dos principais princípios do urbanismo ortodoxo.

⁵⁴⁸ JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 14.

Só que agora, tudo se torna objeto de consumo. Então, ele *compra essas formas tradicionais*, tira-as de seu contexto natural e artificializa. Ele tenta fabricar a tradição, mas tradição fabricada não é tradição. Daí, ele se contenta com esses hologramas da realidade.⁵⁴⁹

A cidade de Teresina, portanto, é um espaço propício para a análise das intervenções pós-modernas e de seus significados. Uma vez que, criada sob a égide do moderno, como a nova capital da Província do Piauí, contrapondo-se à antiga e tradicional Oeiras e seus inúmeros problemas de estanques para o desenvolvimento de uma capital, edificada no sertão do Piauí, com dificuldade de comunicação com as demais províncias, isolada na sua pequenez e tradicionalismo. Teresina mostrava -se aberta ao progresso do mundo moderno, interligada às demais pela navegação do Rio Parnaíba, mas marcada pelo provincianismo, por uma população relativamente pequena e uma sociedade fechada nos primeiros cem anos de existência. Teve no final do século XX, suas estruturas de cidade, que ainda buscava se afirmar como moderna, abaladas pelas incertezas e inconcretudes de uma cidade que experiencia cada vez mais uma nova fase: a da pós-modernidade.

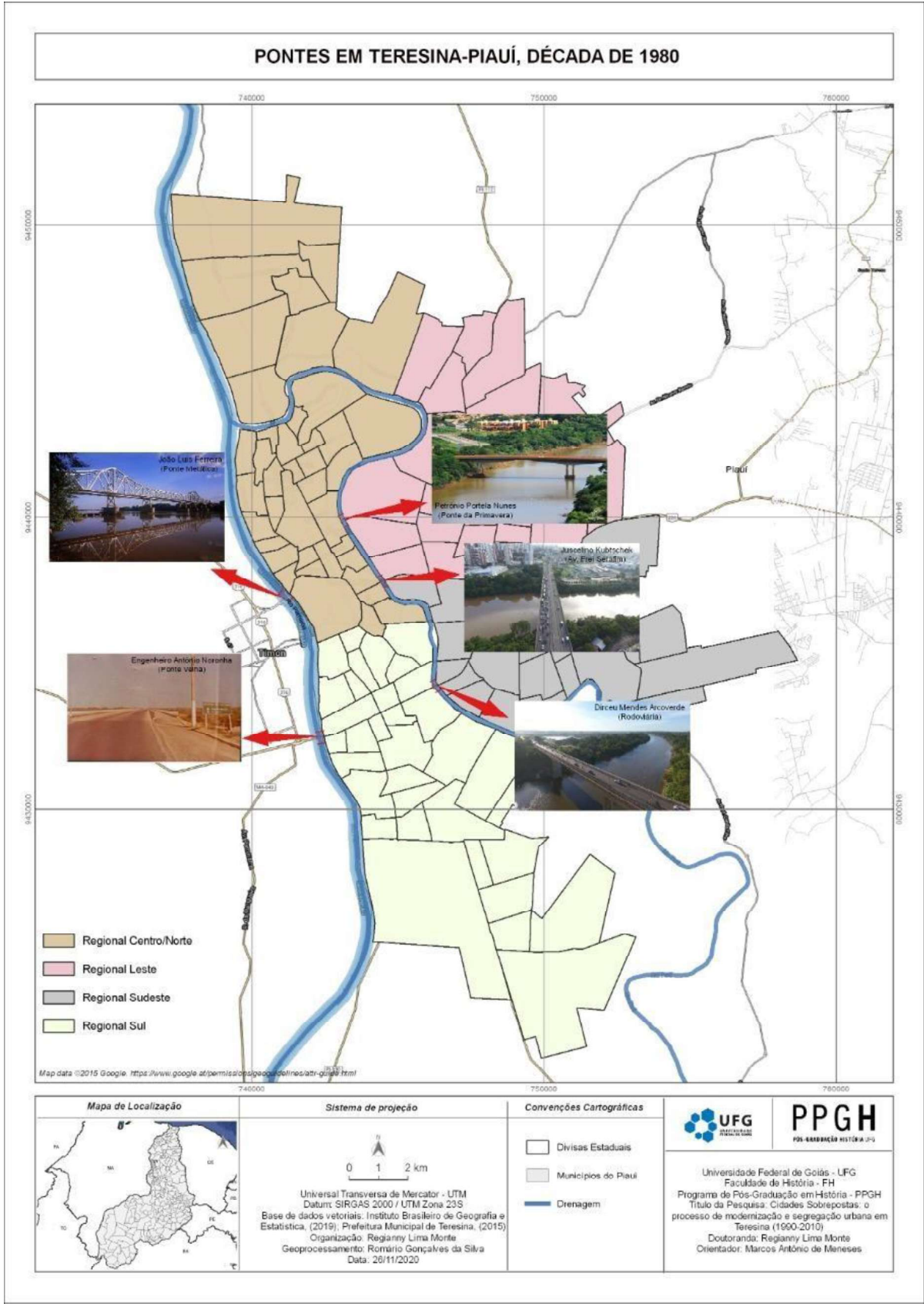
2. 3 Mobilidade Urbana: construção, ampliação e prolongamento de pontes, avenidas e viadutos; modernização e gerenciamento do transporte coletivo.

Encravada entre rios Parnaíba e Poti, Teresina teve seu perímetro urbano inicial demarcado por essa condição hidrográfica. O processo de expansão, sobretudo, para as zonas norte, leste e sudeste, acabou gerando inúmeros problemas ligados à mobilidade urbana da capital, que necessitava cada vez mais de pontes para interligar essas diversas zonas ao Centro da cidade. Intervenções pontuais e sem um planejamento estratégico para a melhoria do tráfego na cidade foram sendo implantadas ao longo dos anos de 1980 e meados de 1990, como asfaltamento de ruas e avenidas, construção de pequenos elevados, além da edificação de pontes.

Até início dos anos de 1990, a capital do estado só contava com três pontes sobre o rio Poti: a Ponte Juscelino Kubitschek interligando o Centro às zonas Leste e Sudeste através das avenidas Frei Serafim e João XXIII, finalizada em 1959, a mais importante via de acesso da cidade; a Ponte Dirceu Mendes Arcoverde, construída em 1977, situada na BR-343, interligando as zonas sul e sudeste e a Ponte Petrônio Portela, conhecida como ponte da

⁵⁴⁹ OLIVEIRA. Eliézer Cardoso de. *Imagens e mudança cultural em Goiânia*. (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999. p. 154 e 155.

Primavera, inaugurada em 1979 interligando as zonas norte e leste através das avenidas Petrônio Portela e a Universitária. Apesar do intenso crescimento espacial que ocorreu em Teresina, apenas depois de 13 anos, durante os anos de 1990, outras duas pontes foram construídas sobre o rio Poti, mesmo sem fazerem parte de um planejamento estruturado de mobilidade, essas pontes eram almejadas pela população já há um bom tempo.



A ponte Antônio Mariano Castelo Branco, sobre o rio Poti, no bairro Poti Velho, foi inaugurada em 20 de dezembro de 1991, interligando a Zona Norte ao centro de Teresina, fez parte dessa conjuntura de obras isoladas. Com 210 metros de extensão e 12,5 de largura, o que possibilita duas vias de tráfego em sentidos contrários, além de dispor de ciclovia e faixa de passeio para pedestres. A obra foi levada à frente pela Parente Construtora, com recursos oriundos da parceria entre o governo do estado e a prefeitura de Teresina. “Prometida a mais de cem anos a obra ficou pronta em cem dias. A rapidez com que a obra foi construída é consequência da avançada tecnologia, com a utilização de estruturas metálicas associadas a blocos de concreto.”⁵⁵⁰

As pontes são consideradas ícones da modernização do espaço urbano, modificam o tecido urbano, impactam diretamente na vida de seus moradores, interligam áreas, antes separadas por rios, lagos, córregos, trazem mobilidade e aceleram o crescimento urbano das cidades. A obra trazia não só uma maior mobilidade urbana, uma vez que, anteriormente, a população utilizava uma draga para a travessia do rio Poti, como também permitia o crescimento dessa zona para além dos limites do rio Poti. Como de fato, possibilitou a ocupação da região denominada de Santa Maria da Codipi, ampliando a zona norte para além dos limites do rio Poti.

A segunda ponte a ser construída na década de 1990 foi a ponte Wall Ferraz, a terceira sobre o rio Poti, interligava o centro da cidade à zona leste, por meio da avenida Higino Cunha, nos bairros Ilhotas ao São João. Construída em 1996, possuíam alguns pontos na avenida que provocavam lentidão no trânsito, um deles causado por um proprietário que se recusou em sair para ceder espaço para a avenida, o que obrigava os usuários a fazer uma curva para desviar do imóvel.⁵⁵¹ Dez anos depois, em 2004, o caso foi resolvido judicialmente. A loja de material de construção foi removida, tornando a avenida retilínea e o trânsito passou a ocorrer com maior celeridade. Nesse período, a estimativa era de que passasse sobre a ponte cerca de quinze mil veículos por dia.⁵⁵²

Observamos que a implantação desses aparelhamentos urbanísticos, como pontes e avenidas, apesar de trazerem benefícios, como a melhoria da mobilidade urbana, enfrenta resistência por parte de moradores, que não veem com bons olhos as mudanças e até mesmo se

⁵⁵⁰ CIDADE recebe hoje ponte do Poti Velho. *Diário do Povo*. Teresina, ano V, n. 1.235. p. 09, 20 dez 1991.

⁵⁵¹ No período da construção da Ponte Wall Ferraz, conforme um periódico local, havia 33 imóveis que impediam a Higino Cunha de seguir adiante. “Então a prefeitura de Teresina entrou em acordo com os donos de 32 imóveis da área e os indenizou. Todos foram demolidos, mas um deles, o Globo das Ferragens, não aceitou o valor oferecido pela prefeitura como indenização.” PROBLEMA é resolvido após brigas judiciais. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.001, p. 09, 1º abr 2004.

⁵⁵² OBRA na Higino Cunha vai desafogar tráfego. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.001, p. 09, 1º abr 2004.

sentem prejudicadas com elas. Em geral, as reclamações recaem pelo baixo valor pago de indenizações aos imóveis dos desapropriados e também as relações de apego com o local, laços de vizinhança. O aumento do tráfego de veículo, com intensificação da poluição tanto atmosférica, como sonora também é visto por alguns moradores como um problema, aliados à intensificação da velocidade dos veículos que por vezes provocam acidentes envolvendo veículos e pedestre. De modo que as ações de intervenção que envolvem o tráfego de veículos como a construção de pontes, viadutos e abertura e prolongamentos de ruas e avenidas devem passar por um planejamento minucioso e detalhado de todos os impactos causados nesses locais.

Apenas com a implantação da Agenda 2015, que estabelecia um conjunto de ações para melhorar a qualidade de vida do teresinense, inclusive, no setor de trânsito e transporte, foi implantada uma série de medidas seguindo um planejamento integrado para um melhor escoamento do tráfego na capital. Foram localizados vários pontos de obstrução do trânsito, dessa forma foram propostas que as vias estruturais fossem interligadas para agilizar a circulação de veículos, além da construção de novas pontes sobre o rio Poti e de viadutos que cortam a linha férrea, permitindo assim uma maior fluidez ao tráfego.⁵⁵³ A finalidade é facilitar a circulação de veículos entre as zonas leste, norte e sul.

Com uma extensão de 363 metros, a nova ponte sobre o rio Poti, interligando a Avenida Alameda Parnaíba, na zona norte, à Avenida Dom Severino, na zona leste, era uma velha reivindicação da população teresinense. Essa ponte além de ser mais uma alternativa interligando essas zonas, também tinha por finalidade desafogar o trânsito da Avenida Frei Serafim, no Centro e a Avenida João XXIII, no bairro São Cristovam, uma vez que era uma alternativa a mais de acesso da zona leste para o centro da cidade. A obra foi projetada para as comemorações do sesquicentenário da capital, ocorrido em 2002. Entretanto, nessa data sequer havia saído do papel. A ponte constava nos projetos da Agenda Teresina 2015 como importante via de escoamento da cidade.

Orçada em R\$ 3,5 milhões e com um prazo de construção de três anos, a ponte possuía um projeto com tecnologia estaiada, ou seja, erguida tendo como base uma coluna na qual dava sustentação a cabos de aço que possibilitava que a ponte ficasse suspensa.⁵⁵⁴ A geometria dos 21 pares de estais puxados até o vão principal e dos 14 pares de estais puxados até o vão de retaguarda é de semi-harpa. A ponte era composta por 6 vias de rolamento, divididas em dois

⁵⁵³ SISTEMA viário facilitará fluidez do tráfego. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.809. p. 12, 16 ago 2002.

⁵⁵⁴ OBRAS da ponte do Poti começam em 60 dias. *Diário do Povo*. Teresina, ano XV, n. 6.148. p. 09, 1º ago 2003.

sentidos, e um passeio para pedestre e ainda contava com uma iluminação especial, em um sistema rotativo com dezesseis cores. “Além de questões técnicas, essa configuração também foi escolhida para contribuir para a beleza da obra.”⁵⁵⁵ Esse tipo de estrutura foi muito utilizado nas principais cidades do país, como São Paulo e Recife, mas o diferencial dava-se pela originalidade da sua edificação, única no país em formato de estaios a contar com um mirante, e pela tecnologia inovadora utilizada em sua construção, chegando a ter seu projeto premiado.⁵⁵⁶

Sua construção, apesar de imponente e um marco na engenharia do setor na cidade, esteve envolta em muitas polêmicas.⁵⁵⁷ Uma delas foi o remanejamento de pessoas que tiveram seus imóveis atingidos pelo alargamento e pela construção das alças de acesso à ponte. Um desses exemplos foi a remoção de cerca de cinquenta famílias da Avenida Alameda Parnaíba, no bairro Cabral.⁵⁵⁸ Esses moradores relutaram em sair do local por não quererem sair do bairro, no qual já tinham laços construídos e temiam serem transferidos para um bairro distante. A solução encontrada foi uma permuta feita entre a prefeitura e o Exército Brasileiro de um terreno no bairro Marquês de Paranaguá, situado nas proximidades do bairro Cabral.⁵⁵⁹ Mas, para o término da obra da ponte foi necessária a retirada de um total de 157 residências, 131 na zona norte e 26 na zona leste.⁵⁶⁰ Outra polêmica foi no que diz respeito aos custos finais da obra. As reclamações em torno dos altos valores com uma ponte só, enquanto a cidade ainda necessitava de outras pontes.⁵⁶¹ A obra finalmente ficou pronta em 30 de março de 2010. Os custos de sua construção chegaram a R\$ 87,7 milhões⁵⁶², ou seja, vinte quatro vezes a mais do valor que foi orçada inicialmente.

⁵⁵⁵ A ESTRUTURA da Ponte Estaiada. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.553. p.11, 30 mar 2010.

⁵⁵⁶ Ponte Mestre João Isidoro França foi vencedora do 8º Prêmio Talento Engenharia Estrutural destinado às obras de engenharia mais criativa no Brasil nas categorias: Pequeno Porte, Obras Especiais, Edificações e Infraestrutura. A premiação é feita anualmente pela Associação Brasileira de Engenharia e Consultoria Estrutural – ABECE e a Gerdau. O objetivo do concurso é divulgar no meio técnico os trabalhos de engenharia de estruturas realizadas nos últimos cinco anos, que se destacavam quanto à concepção estrutural, processos construtivos, uso adequados de materiais, originalidade, monumentalidade e implantação no ambiente. A Ponte Estaiada venceu na categoria Infraestrutura. PONTE Estaiada recebe prêmio de engenharia. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.769. p.05, 30 out 2010.

⁵⁵⁷ Em 2002, as obras da ponte foram paralisadas, só sendo retomadas quatro anos depois. O Tribunal de Contas da União embargou a obra para fazer uma auditoria com suspeita de superfaturamento. Outra paralisação ocorreu por dois anos em decorrência de contingenciamento de recursos, além de paralisações de operários por conta do atraso no pagamento de salários, já no último ano.

⁵⁵⁸ 48 CASAS serão desapropriadas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XV, n. 6.148. p. 09, 1º ago 2003.

⁵⁵⁹ PREFEITURA vai transferir 48 famílias da Alameda Parnaíba. *O Dia*. Teresina, ano LIII, n. 14.138, p. 09, 16 set 2004.

⁵⁶⁰ CAIXA tem até o fim do mês para avaliar casas a serem desapropriadas. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.925, p. 03, 23 jul 2009.

⁵⁶¹ TÉCNICOS sugerem mais sete pontes sobre o rio Poti. *O Diário do Povo*. Teresina, ano XVI, n. 6.207. p. 05, 29 set 2003.

⁵⁶² Assim distribuídos: R\$ 42,894 milhões da União, R\$ 20 milhões do Governo do Estado do Piauí e R\$ 24,876 milhões da Prefeitura Municipal de Teresina. ROCHA, Pollyana. Um novo caminho para atravessar Teresina: a ponte Estaiada Mestre João Isidoro França é um projeto grandioso que consumiu R\$ 87 milhões e esforços do

O Projeto da nova ponte sobre o rio Poti era arrojado e moderno. Não tinha por finalidade apenas o escoamento de veículos. Buscava-se mais com essa obra. O objetivo era torná-la também um novo ponto turístico da cidade. Seguindo a proposta da valorização de áreas verdes e orlas, no caso em questão a ribeirinha, o projeto da nova ponte contava com um complexo cultural em seu entorno, aproveitando a vasta área verde do Parque Poti ali situado. Completando a concepção da obra estava dois elevadores panorâmicos, permitindo a visualização de todo o percurso até o mirante situado no topo da ponte. Esse ficava a 98 metros de altura, com cerca de 300 m², feito de ferro e aço, com cortinas de vidro que permitia a visão da cidade de Teresina em 360°. Possuía, ainda, um rol de entrada, que servia para exposições de artes, estacionamento e quiosques de venda de alimentos e artesanatos. O projeto era do arquiteto Carlos Campelo. O complexo foi inaugurado em 28 de fevereiro de 2011.

A construção do complexo turístico Ponte Estaiada estava concatenada com os novos parâmetros de urbanismo, em conexão à proposta de construir elementos na cidade que valorizasse o turismo, ou seja, dotando-a também de subsídios que favorecesse à fomentação do consumo nesse setor na cidade. Outros elementos de construções típicas da pós-modernidade era a preocupação de não agressão ao meio ambiente, uma vez que a ponte não possuía colunas de concreto fíncados no rio Poti e a busca por referências locais que aprofundasse as relações de identidade da população local com aquele novo elemento urbanístico. Seguindo esse viés, a ponte foi batizada como Ponte Estaiada Mestre João Isidoro França, em homenagem ao primeiro mestre de obras da capital.

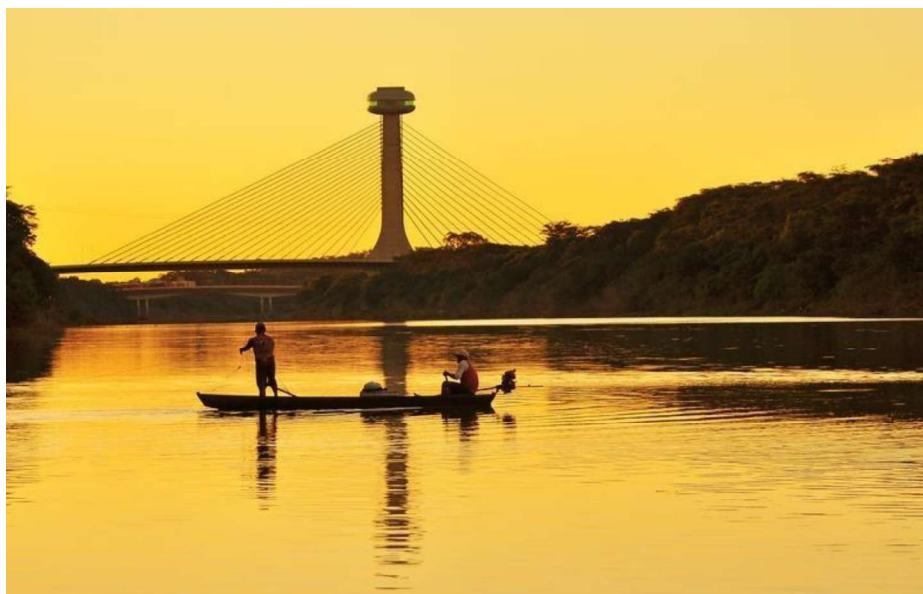


Foto 13: Pescador no Rio Poti e ao fundo a Ponte Mestre João Isidoro França
Fonte: Acervo pessoal de Juscelino Reis

Buscava-se com essa construção, não só abrir um novo caminho interligando Teresina, mas, encravar, em sua paisagem, um ícone desses novos tempos. A ponte estaiada aparece na imagem de forma suspensa sobre o rio, contrastando com a outra ponte ao fundo, a Petrônio Portela, mais modesta, construída em um outro estilo, com colunas fincados no rio, pesada. Por outro lado, a imagem também retrata a figura do pescador, uma referência da identidade local. O fotógrafo brinca com o interlocutor, que busca a imagem da nova ponte, com seus aros de aço parecendo flutuar sobre o rio e os seus jogos de luzes, e encontra retratados na imagem pescadores em sua atividade cotidiana. Ao trazer esses contrastes, a imagem não retrata o choque entre os elementos ali retratados: as pontes, o rio e os pescadores. Pelo contrário, o que existe é uma composição bastante harmônica entre o pescador que joga sua rede sobre o rio e a ponte que estende suas teias de aço sobre ele, ambos cumprindo as funções que lhe foram conferidas. A harmonização também contrastante vem de um terceiro elemento que aparece na imagem apenas como pano de fundo, o crepúsculo teresinense, representado pela cor inconfundível em ocre, que complementa a paisagem com um tom nostálgico, contrária ao jogo de luzes esfuziantes do complexo à noite. Evidenciando que o novo e o antigo podem dividir a mesma paisagem.

Em relação ao tráfego, a nova ponte proporcionou uma redução nos congestionamentos na Ponte Juscelino Kubistchek, uma vez que uma parte significativa dos veículos que trafegavam no sentido zona leste – centro passaram a utilizar a nova ponte. Para um melhor escoamento do trânsito no local, algumas alterações tiveram que ser feitas no bairro Marquês, pra dar maior fluidez ao fluxo de veículos, como a implantação de novos semáforos que funcionam de forma sincronizada, o fechamento de retornos, a abertura de uma via cortando a praça do Marquês e a construção de uma baia de espera para que trafegasse no sentido leste-centro.⁵⁶³ A estimativa feita era que cinquenta por cento dos veículos passassem a utilizar a nova ponte e o tempo de percurso entre a zona leste e o centro utilizando a Ponte Juscelino Kubistchek fosse reduzida pela metade.⁵⁶⁴ Entretanto, de acordo com dados levantados pela STRANS, quase um ano após a inauguração, a ponte continuava subutilizada pelos teresinenses. Um total de 24 mil veículos trafegavam diariamente, representando apenas 12,63 % dos veículos que cruzavam as seis pontes de Teresina, enquanto sua capacidade era de 80 mil veículos por dia.⁵⁶⁵

⁵⁶³ ENTENDA como funciona o trânsito a partir de agora. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.156, p. 05, 30 mar 2010.

⁵⁶⁴ MOTORISTA vão do Centro à zona leste na metade do tempo. *O Dia*, Teresina, ano LIX, n. 16.167, p. 09, 19 abr 2010.

⁵⁶⁵ PONTE Estaiada ainda é pouco utilizada. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.831. p. 04, 31 dez 2010.

Apesar do crescimento urbano ser geograficamente limitado a oeste, por conta do rio Parnaíba que divide a capital do estado do Piauí com a cidade de Timon, no estado do Maranhão. Na realidade, devido à proximidade entre as cidades e o intenso fluxos de pessoas entre ambas, as vias de acesso entre elas tornam-se importantes para o trânsito da capital do Piauí. Duas pontes ligavam as duas cidades: a ponte rodoferroviária João Luís Ferreira, também denominada de Ponte Metálica, inaugurada, ainda, em 1938, tornou-se cartão postal de Teresina, e a Ponte Engenheiro Antônio Noronha, que recebeu a acunha de Ponte Nova, em oposição à outra já existente, construída em 1972, com recursos oriundos do “Milagre Econômico Brasileiro”, durante a Ditadura Militar, está situada na BR-343 e é um importante entreposto rodoviário, por estar próxima ao posto fiscal da Receita Federal. A espera pela construção de uma nova ponte sobre o rio Parnaíba durou anos, até a construção da Ponte Presidente José Sarney, denominada pelos populares por Ponte da Amizade, entregue em 1997, porém só concluída em definitivo em 2002, a terceira sobre o rio Parnaíba que interligam as duas cidades e a primeira a interligar as duas áreas centrais das cidades.

Em decorrência do aumento do fluxo de veículo naquele trecho, algumas mudanças foram necessárias na Avenida Maranhão. A primeira mudança de tráfego do centro da cidade, que estava sendo estudado toda uma reestruturação, foi a ocorrida naquele trecho. Por se tratar de uma avenida relativamente estreita e sem possibilidades de alargamento, uma das medidas adotadas foi a proibição de estacionamento de veículos na avenida, fechamento de retornos e implantação de sinalização eletrônica e implantação de faixas exclusivas.⁵⁶⁶ Com a inauguração da Ponte da Amizade, a Avenida Maranhão mais do que triplicou o número de veículos, que era de quatro mil veículos e passou a quinze mil.⁵⁶⁷

Apesar de todas essas intervenções no que tange ao melhoramento do tráfego na capital, os congestionamentos, ainda, persistiam e faziam parte do cotidiano da cidade. A cada mês, 1.100 novos automóveis passam a circular pelas ruas e avenidas de Teresina. A previsão é de que, ao término do ano de 2010, o número de veículos ultrapasse 300 mil. Um novo estudo apontou a necessidade de mais pontes sobre o rio Poti, um total de oito. A proposta era duplicar as pontes já existentes de maior fluxo como a Juscelino Kubitscheck, a Petrônio Portela e a Wall Ferraz, além da construção de mais 4 pontes: uma interligando a Avenida Gil Martins, na zona sul, ao Bairro Itararé, na zona sudeste; outra interligando os Bairros Mocambinho, zona

⁵⁶⁶ OBRAS vão melhorar trânsito na Maranhão. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.517. p. 05, 16 maio 2002.

⁵⁶⁷ INAUGURAÇÃO da nova ponte muda o trânsito na Maranhão. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.734. p. 03. 22 jun 2002.

norte, e Pedra Mole, zona leste, mais uma interligando os bairros São Paulo, na zona sudeste, ao Bela Vista, na zonas Sul e mais outra interligando o bairro Água Mineral, na zona norte, ao Campus Ministro Petrônio Portela da Universidade Federal do Piauí, na zona leste.⁵⁶⁸

Essas obras extrapolaram nosso recorte temporal, quando chegaram a serem concluídas, com exceção da edificação da terceira pista da Ponte Petrônio Portela, que foi utilizada a mudança de sentido de acordo com o horário do fluxo do trânsito por se tratar de apenas três pistas, a obra custou R\$ 1,2 milhões e foi entregue em março de 2010.⁵⁶⁹ Assim como a terceira pista no sentido Centro-Leste da Ponte Juscelino Kubistchek, uma vez que a ponte só possuía duas faixas nesse sentido e três no sentido contrário. Era uma solução simples sem a necessidade de construir novas estruturas, uma vez que foi utilizada uma das passagens de pedestre para a construção da terceira pista. Essa obra custou R\$ 4,7 milhões. Ambas foram feitas em parceria entre a Prefeitura de Teresina e o Governo do Estado.⁵⁷⁰

Das oito pontes, apenas as duas últimas ainda não saíram do papel. As demais foram entregues à sociedade teresinense. Essas obras estavam orçadas em R\$ 18 milhões, e estavam sob a vigência do governo do estado.⁵⁷¹ A ampliação da Ponte Wall Ferraz foi entregue em novembro de 2016, com três pistas de rolamento em cada sentido, um incremento de quatro pistas, uma vez que a ponte só contava com uma pista em cada sentido. A Ponte Juscelino Kubistchek passou por mais uma ampliação. Desta vez, foi construída a ponte do meio ligando às duas pontes, que eram denominadas carinhosamente de Ponte dos Noivos, acunha dada pela proximidade do bairro Noivos e também por estarem paralelas e não unidas, como as demais. De modo que houve um acréscimo de mais quatro pistas de rolamento às já seis existentes, totalizando dez pistas ao todo, ficando quatro no sentido bairro-centro e seis no sentido centro-bairro. Teve as obras de ampliação inauguradas em 14 de agosto de 2017.

A construção da ponte interligando o bairro Mocambinho ao Pedra Mole vinha solucionar um problema de escoamento de veículos da região da Santa Maria da Codipe que era composto de vários residenciais populares, com cerca de cem mil habitantes, que possuíam como única saída a Avenida Presidente Kennedy. Com a nova ponte, reduzia-se o percurso para o centro da cidade em dez quilômetros e os usuários diminuía o tempo utilizado por eles, além

⁵⁶⁸ AVENIDAS de Teresina precisam de 8 pontes. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXIII, n. 8.477. p. 11. 07 fev 2010.

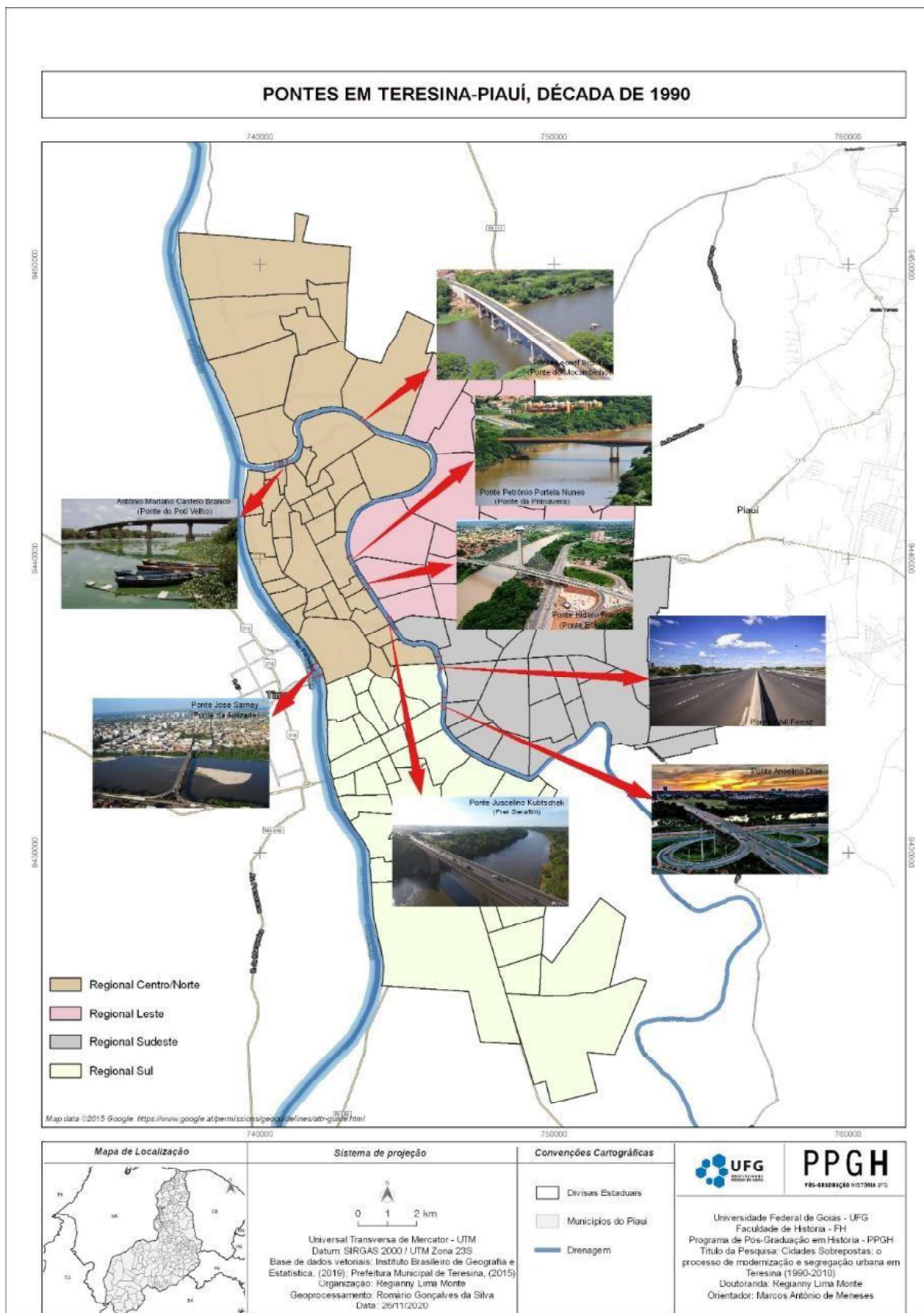
⁵⁶⁹ PEDROSA, Albert. Três pistas: Ponte da Primavera terá sentidos reversíveis em 2010. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.980, p. 01, 17 set 2009.

⁵⁷⁰ PORTELA, Cícero. Juscelino Kubistchek: ampliação da ponte será concluída em um ano. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 16.002, p. 07, 09 out 2009.

⁵⁷¹ MEIRELES, Flávio. Autorizada abertura de licitação para a duplicação das pontes. *O Dia*. Teresina, ano LVIII, n. 15.932, p. 03, 31 jul 2009.

de aliviar o trânsito da Avenida Presidente Kennedy. A Ponte recebeu a denominação de Leonel Brizola e foi inaugurada em 21 de novembro de 2011. Erguida em concreto armado, trazia duas inovações na sua construção: uma, por ter utilizado terra armada em suas cabeceiras, uma tecnologia que viabiliza o uso de areia, uma matéria prima abundante, e outra, por adotar a iluminação gerada a partir da energia solar, uma fonte renovável e abundante em nossa região, portanto, ecologicamente correta. O empreendimento é resultado de investimentos do tesouro estadual que custou pouco mais de R\$ 20 milhões.

Já a construção da ponte interligando as avenidas Gil Martins, zona Sul à Avenida Principal do bairro Itararé, foi inaugurada em 07 de setembro de 2016, dois anos após o início das obras, que custaram R\$ 72 milhões. A ponte leva a denominação do ex-vereador e ex-presidente da Associação dos Moradores do Itararé, Anselmo Dias (PCdoB), que faleceu em maio de 2014. A ponte foi projetada para facilitar a saída de veículos de uma das regiões mais populosas de Teresina, encurtando a chegada ao Centro e a pontos de interesses como o Hospital de Urgência de Teresina – HUT, o estádio Albertão, pela avenida Gil Martins e aos shoppings Teresina, Riverside Walk e Rio Poti, com o prolongamento da avenida Cajuína, em 1,8 km, inaugurada em 07 de junho de 2018. O trecho recebeu a denominação de Padre Humberto. A nova via conta com três pistas de rolamento em cada sentido, de onze metros cada, uma ciclovia e um calçadão de seis metros de largura em toda a sua extensão.



Com a expansão da cidade em quase todas as direções, foi necessária a intervenção buscando interligar e ampliar o acesso dos moradores por meio da ampliação e duplicação de avenidas ao logo do perímetro urbano. A expansão da zona leste da capital, para além dos já ocupados bairros de Fátima, Ininga e Jockey foi impulsionada pelo surgimento de condomínios horizontais afastados, como o Mansão dos Morros e Aldebaran Ville, situado no bairro Socopo. Os demais bairros desse entorno, como Morros, também passaram a receber condomínios residenciais. Com a finalidade de atender a essa nova demanda, foram colocadas em prática as obras de prolongamento e duplicação da avenida Presidente Kennedy em 3.400 metros, principal via de acesso aos novos condomínios que foram ali instalados. A via é uma das mais importantes de Teresina, além de ligar vários bairros também é parte da Rodovia PI-112, que liga a capital ao município de União, que compõem a Grande Teresina.⁵⁷² O projeto posto em prática por meio de uma parceria entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Teresina e estava alçado em R\$ 5,4 milhões.⁵⁷³

Os trechos das BRs que cortavam o perímetro urbano da capital necessitavam de intervenções, como a BR-316, que dava acesso aos bairros da zona sul, para melhor atender ao fluxo de veículos urbanos que tinham que competir com caminhões de carga. Os moradores reclamam, sobretudo, de acidentes envolvendo pedestres e ciclistas, pelo fato do trecho não contar com ciclovias e divisões de faixas por velocidade dos veículos, além da falta de passarelas para pedestres. O projeto, ainda, pretendia proporcionar à Teresina, um tratamento paisagístico nas vias de acesso na entrada da cidade, o que conforme alguns moradores causavam uma péssima impressão aos visitantes.⁵⁷⁴

A Avenida Raul Lopes, localizada na zona leste de Teresina, teve um importante trecho de prolongamento, entre o Shopping Riverside, na Avenida Jóquei Clube e o Setor Esportivo do campus Petrônio Portela Nunes da Universidade Federal do Piauí. Um projeto definido desde 1988, que tinha por finalidade dar fluidez ao trânsito constantemente congestionado da Avenida Nossa Senhora de Fátima, oferecendo, deste modo, um novo acesso à universidade, custou aos

⁵⁷² PMT inicia o asfaltamento da Avenida do Presidente Kennedy. *Diário do Povo*. Ano XX, n. 7.367 p. 09, 22 dez 2006.

⁵⁷³ A parte estrutural, de terraplanagem, construção de galerias e abertura da via sob responsabilidade do Executivo estadual e obras de acabamento como a pavimentação asfáltica, canteiros e a iluminação por conta do Executivo municipal. OBRAS na Kennedy tem ritmo lento. *Diário do Povo*. Ano XX, n. 7.295, p. 04, 10 out 2006.

⁵⁷⁴ URBANIZAÇÃO da Rodovia BR-316 é reivindicada. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 920. p. 08, 24 nov 1990.

cofres públicos municipais um pouco mais de dois milhões de reais.⁵⁷⁵ Também foi entregue uma pista de *cooper* construída ao longo da avenida na margem direita do rio Poti.

Com objetivo de melhorar o tráfego no entorno dos shoppings, foi feita a ampliação e duplicação das avenidas Ininga e Arêa Leão. As obras dessas vias trouxeram melhorias para o tráfego, facilitando o acesso à Avenida Frei Serafim, interligando com a Avenida João XXIII, por meio da construção de uma rotatória. Além da implantação de obras de saneamento, com a construção de uma galeria, propunha uma revitalização desse trecho e otimizar o aspecto urbanístico dessa área.⁵⁷⁶ Para o Secretário Executivo da SDU Leste, Vicente da Silva Moreira, “essas obras vão resolver o grande problema de fluxo de veículos na região próxima aos shoppings. Nessa área, haverá um bom sistema de drenagem das águas o que facilitará o tráfego de automóveis nessa região nos dias de chuva.”⁵⁷⁷

Outras duas avenidas também tiveram seus trechos prolongados com a finalidade de interligar vias de tráfego intenso. A avenida Joaquim Nelson, no Conjunto Habitacional Itararé, na zona sudeste da capital, à BR 343, na zona leste, desafogou o trânsito dessa zona da cidade, que praticamente tinha como corredor de saída apenas a avenida principal do bairro. A construção dessa avenida é um dos exemplos de redirecionamento de crescimento urbano, uma vez que passou a ter um fluxo mais intenso de veículos por essa via, teve uma valorização intensa. Parte do comércio varejista composto por empreendimento de maior porte, formado por farmácias, material de construção, supermercado e restaurantes migraram para a nova avenida. O que resultou em uma verdadeira transformação da região que era considerada até pouco tempo como eminentemente residencial, chegando até mesmo a superar o forte comércio da avenida principal do bairro. A segunda trata-se da Avenida Cajuína, entre a Potycabana e a Ponte Wall Ferraz, no bairro São João, na zona leste, deu fluidez ao tráfego que dava acesso aos shoppings da cidade.

Também nesse trecho, outra avenida de grande envergadura foi construída. Um novo acesso interligando a zona sudeste com o centro da capital por meio da Ponte Wall Ferraz. A nova via de tráfego ficou conhecida por Avenida Ferroviária, por margear a linha férrea em quase todo seu percurso. A proposta inicial era um trecho compreendido entre a ponte e a entrada da comunidade rural da Usina Santana, beneficiando bairros que compunham o Grande Dirceu. Entretanto, em decorrência dos custos com a obra, ela teve seu trecho reduzido pela

⁵⁷⁵ MONTURIL, Marcos. Prolongamento da Raul Lopes começa pelo campus da UFPI. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIII, n. 4.856. p. 07, 11 jan 2000.

⁵⁷⁶ PREFEITURA antecipa conclusão de obra. *Diário do Povo*. Ano XX, n. 7.300, p. 03, 15 out 2006.

⁵⁷⁷ OBRAS da Avenida Ininga só serão finalizadas em janeiro. *Diário do Povo*. Ano XX, n. 7.353, p. 05, 07 dez 2006.

metade, sendo interligada à rotatória da BR-343, no bairro Recanto das Palmeiras. A avenida possui 1.995 metros de extensão, composta de quatro faixas de 3,500 metros, sendo nos dois sentidos e separadas por um canteiro, além de contar ainda com uma ciclovia.⁵⁷⁸ As obras ficaram em torno de R\$ 4 milhões e entregues para a população apenas em 2010. Por conta dos ipês amarelos que foram plantados no canteiro central da avenida, ela ficou popularmente denominada de Avenida dos Ipês.

O prolongamento de uma outra via de acesso das zonas sul e sudeste à zona norte foi inaugurado em 31 de maio de 2008. Trata-se do prolongamento da Avenida Marechal Castelo Branco, em 700 metros, no trecho próximo à ponte Petrônio Portela até à Avenida Duque de Caxias. A via possuía 35 metros de largura, distribuídas em seis pistas de rolamento, três em cada sentido, com canteiro central, passeio público e ciclovia. No encontro das vias, foi feita uma rotatória para controlar o fluxo de veículos nesse trecho. O novo logradouro tinha por finalidade melhorar o tráfego nas avenidas adjacentes Duque de Caxias e Petrônio Portela que davam acesso à região do Grande Mocambinho e tornar o trânsito mais rápido para o Aeroporto de Teresina, ambos situados na zona norte da cidade.⁵⁷⁹

Com o objetivo de aproveitar ainda mais esse novo corredor viário da cidade, outro prolongamento foi realizado. Trata-se da Avenida Barão de Castelo Branco que faz ligação com a Marechal Castelo Branco. A avenida foi prolongada em aproximadamente em 800 metros, no trecho entre os cruzamentos da Avenida Gil Martins e da BR- 343, interligando à Avenida Getúlio Vargas no bairro Morada Nova. A nova via de tráfego passava ao lado da Cidade Detran, passando pelas vilas Jerusalém e Costa Rica no bairro Três Andares. O principal objetivo do prolongamento dessa avenida era oferecer uma nova alternativa de tráfego aos veículos que fazem o percurso Norte-Sul, evitando os constantes engarrafamentos presentes no cruzamento da BR-343 com a Avenida Miguel Rosa, no bairro Tabuleta, assim como em todo o percurso da Avenida Miguel Rosa. Dessa forma, abre-se uma outra opção de deslocamento da zona Sul para a zona Norte, sem necessariamente passar pelo Centro e vice-versa, reduzindo o trânsito na avenida Miguel Rosa. Também amplia as opções de ligação entre bairros da zona Sudeste e Norte.⁵⁸⁰

⁵⁷⁸ CARVALHO, Martha. Prefeitura autoriza início das obras da avenida Ferroviária. *O Dia*. Teresina, ano LV, n. 15.090. p. 04, 29 mar 2007.

⁵⁷⁹ PROLONGAMENTO da Marechal é inaugurado hoje à noite. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXI, n. 7.886. p. 01, 31 maio 2008.

⁵⁸⁰ OBRA na Barão de Castelo Branco provoca transtorno ao trânsito. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.209. p. 03, 19 abr 2009.

Um exemplo foi a construção do viaduto sobre a linha férrea, interligando a rua David Caldas, no sentido Centro-Zona Norte e vice-versa⁵⁸¹ e o viaduto na rua Olavo Bilac nas proximidades do cruzamento com a Avenida Miguel Rosa, tornando mão única no sentido bairro-centro e tornando o já existente viaduto na rua São Pedro também em sentido único, centro-bairro.⁵⁸² O espaço urbano, dessa forma, foi sofrendo alterações consubstanciais para acomodar essa nova leva de pessoas e veículos que a cidade recebera ao longo dessas duas décadas. Essas intervenções eram vistas de forma positiva por parte da imprensa escrita da capital.

A Prefeitura Municipal de Teresina tem investido em obras que ampliam a acessibilidade da população a variados pontos da cidade sem deixar de valorizar as belezas da capital. Considerando o acelerado crescimento urbano da cidade, ações de ampliação do tráfego e da estrutura urbana têm sido desenvolvidas com a intenção de proporcionar conforto e agilidade à vida dos teresinenses.⁵⁸³

As intervenções realizadas no sentido de melhorar a mobilidade urbana em Teresina com abertura de avenidas e pontes fazendo a interligação das zonas para o Centro da cidade e entre as demais zonas entre si trouxeram melhorias para o tráfego de veículos. Entretanto, a prioridade foi dada para o escoamento de veículos particulares. Enquanto que os transportes públicos permaneceram sem modificações significativas. Em um tempo relativamente curto, essas novas vias já não davam maior resolutividade ao trânsito da capital, pois, com a ineficiência dos transportes públicos de massa, a opção por um veículo particular era cada vez maior. Como em qualquer grande centro urbano, a mobilidade urbana só tornaria eficiente se envolvesse os transportes públicos e assim incentivar os usuários a adotarem outras alternativas de locomoção na cidade.

O processo de espacialização da capital do estado do Piauí direcionado pela implantação de Conjuntos Habitacionais, implantados principalmente nas décadas de 1970 e 1980, situados em áreas distantes do centro da cidade, em média 8 a 15 quilômetros, ocasionou sérios problemas de mobilidade urbana, que iriam desafiar as administrações posteriores. Os principais problemas estavam relacionados à precariedade das vias de acesso a essas áreas, em geral extremamente populosas, e à ineficiência do transporte público de massa, resumido a

⁵⁸¹ IGLÉSIAS, Diego. Viaduto facilitará trânsito na zona norte. *O Dia*. Teresina, ano LV, n. 14.893, p. 09, 10 set 2006.

⁵⁸² ALVES, Katiúscia. Viaduto vai desafogar o trânsito no Centro de Teresina. *O Dia*. Teresina, ano LVII, n. 15.630, p. 05, 23 set 2008.

⁵⁸³ PMT investe em melhorias urbanísticas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.471. p. 05, 08 abr 2007.

ônibus em péssimo estado de conservação e em quantidade insuficiente para atender à população. Os usuários chegavam a passar horas à espera do transporte público que não raramente estava lotado e ainda quebrava durante o percurso.

Em meados da década de 1990, é colocado em prática um sistema alternativo de transporte público, um trem de superfície. O novo sistema de transporte de massa, chamado de pré-metrô, foi idealizado pelo engenheiro e então governador Alberto Tavares Silva ainda quando este ocupava o cargo de presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos – EBTU, em 1976. Desde de então, a ideia de contar com um trem metropolitano passou a povoar o imaginário da população teresinense, que ansiava pela novidade. Após três anos do início de sua construção, a linha férrea foi inaugurada em 19 de novembro de 1990 e oferecia condução alternativa do centro de Teresina para região sudeste, denominada de Grande Dirceu, a zona mais populosa da capital, contemplando um percurso de 15 quilômetros, que seriam percorridos em 16 minutos. O sistema utilizava trens húngaros, cada composição possuía duas locomotivas, com capacidade para levar até 550 passageiros. A proposta inicial era interligar a linha do bairro Matinha à zona Sul, no bairro Parque Piauí. Mas devido aos custos, esse projeto nunca chegou a se realizar em sua plenitude.⁵⁸⁴

Apesar de ser um sistema de transporte mais rápido, confortável e seguro, o percurso do pré-metrô ficou limitado porque foi aproveitada a linha da rede ferroviária, por causa dos custos, de modo que dos 15 quilômetros de percurso, 11 foram aproveitadas, sendo construídas apenas 4 quilômetros. Por outro lado, o sistema eliminou trechos de conflitos entre o transporte ferroviário e o transporte urbano, que causavam constantes acidentes entre automóveis e trens, o principal deles situado na intercessão das avenidas Frei Serafim com a Miguel Rosa, que passou a contar com um túnel de 50 metros. Foram construídos ainda oito viadutos rodoviários e três ferroviários, além de três estações de integração e sete paradas.⁵⁸⁵

A nova alternativa de transporte público, por ser restrita apenas a uma zona da cidade, não chegou a solucionar os principais problemas de mobilidade urbana da capital, além de serem abordados inúmeras intercorrências posteriormente a sua implantação. Uma delas estava ligada a própria manutenção e custeio de seu funcionamento, os valores arrecadados eram

⁵⁸⁴ Em 18 de setembro de 2009, foi inaugurado o prolongamento da linha férrea do pré-metrô de Teresina. A nova estação estava integrada a Estação da Matinha, situada na Avenida Maranhão, interligada ao Shopping da Cidade, próximo à praça Marechal Deodoro da Fonseca, popularmente denominada de praça da Bandeira. A estação recebeu o nome do Engenheiro Alberto Tavares Silva, seu idealizador, que não chegou a ver a obra concluída, tendo falecido cerca de seis meses antes de sua inauguração. Após muitas polêmicas em torno de sua construção, sendo uma delas a derrubada das tradicionais carnaúbas do canteiro central da Avenida Maranhão para ceder espaço para a implantação das pilastras de sustentação dos trilhos e outra a demora na conclusão da obra.

⁵⁸⁵ TAVARES, Zózimo. *100 fatos do Piauí no século 20*. Teresina: Halley, 2000. p. 41.

ínfimos, necessitando o governo do estado subsidiar as despesas com pessoal e manutenção. Por outro lado, a distância das estações afastava os usuários que davam preferência ao ônibus coletivo, mesmo com a tarifa de ônibus mais cara.⁵⁸⁶

Resultado mais do interesse do seu idealista do que de um planejamento estruturado da viabilidade do metrô de superfície implantado em Teresina, esse meio de transporte não chegou a ser uma alternativa viável para o transporte público. Segundo recomendações técnicas de transportes urbanos, era necessária a utilização do transporte por pelo menos 40 mil passageiros por hora para justificar economicamente a implantação de um metrô.⁵⁸⁷ Situação bem diferente da realidade. No período, em que o metrô funcionou de forma experimental e gratuita chegou a atingir uma média de dez mil passageiros, depois reduzindo este número para oito mil quando passou a ser pago. Após pouco mais de uma década de funcionamento, o metrô só chegava a transportar cinco mil passageiros por dia. O que representava apenas 1,6% dos usuários de transporte público da capital segundo o Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros Urbanos de Teresina, uma vez que cerca de 110 mil pessoas utilizavam o ônibus coletivo para se deslocar em Teresina diariamente.⁵⁸⁸

Entretanto, uma das dificuldades enfrentadas pelos usuários estava na conservação dos trens que constantemente sofriam panes e obrigava os passageiros a seguir o restante do percurso a pé ou circulava com equipamentos de segurança quebrados, como trafegar com portas abertas, não possuir extintores de incêndios, por exemplo.⁵⁸⁹ Outro problema era a distância em que se encontrava a parada final do centro comercial de Teresina, cerca de um quilômetro, o que acabou por desestimular o seu uso, além de só atender uma das zonas da cidade.

Outra alternativa, de menor custo e impacto foi a criação das linhas de ônibus expresso. Eram ônibus coletivos com paradas reduzidas e estratégicas que buscavam reduzir em até vinte minutos o tempo de percurso entre bairros e o centro comercial da cidade para onde se dirigia boa parte dos passageiros. As duas primeiras linhas de ônibus expresso na linha Redonda-Centro, passando pelo bairro Itararé, na zona sudeste e a linha Mocambinho-Centro, na zona norte. Com isso, os usuários chegavam mais rápido ao centro, não perdendo o horário de entrada no trabalho e nas escolas, uma vez que os estudantes também usufruíam do novo modelo. “A

⁵⁸⁶ METRÔ fica sem renda e pode parar os trens. *O Dia*. Teresina, ano XLI, n. 9.842. p. 07, 22 fev 1992.

⁵⁸⁷ METRÔ sonho ou pesadelo: mas hoje socialmente necessário. *O Dia*. Teresina, ano XL, n. 9.626. p. 01, 07 jun 1991.

⁵⁸⁸ METRÔ deficitário: trem transporta só 1,6% dos passageiros. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.598. p. 01. 18 abr 2002.

⁵⁸⁹ RISCO de morte: Pré-metrô não dá segurança para usuários. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.720. p. 01. 19 maio 2002.

intenção era melhorar o atendimento aos usuários de transporte coletivo que moravam nos bairros mais afastados do Centro.”⁵⁹⁰

Entretanto, todas essas medidas paliativas não chegaram a trazer impacto na problemática da mobilidade urbana, principalmente no transporte coletivo. Porém, o Plano Diretor de Transportes e Mobilidade Urbana de Teresina só foi apresentada à comunidade em 2008. O documento apresentava um diagnóstico local, tanto socioeconômico de Teresina, como das características da mobilidade da população, baseada na Pesquisa Origem-Destino de 2007. Em seguida, uma análise sobre o sistema viário de circulação, o transporte coletivo e o transporte não motorizado, além de oferecendo diretrizes a serem adotadas como propostas alternativas para o transporte, individual, coletivo e cicloviário.⁵⁹¹

Há muito tempo, vinha discutindo-se na cidade a implantação de um sistema de integração do transporte público. A instalação de terminais de integração de ônibus coletivos era uma das propostas contidas no Plano Municipal de Transporte. A experiência já era posta em prática em outras capitais de estados vizinhos, como em São Luís, no Maranhão e Fortaleza, no Ceará. Por esse sistema, o usuário poderia pegar dois ou mais ônibus coletivos com a mesma passagem. Dessa maneira, acreditava-se, que, além de reduzir os custos para os passageiros, essa medida poderia proporcionar mais opções de deslocamento para o usuário, reduzindo o tempo de espera e do próprio itinerário. Uma das primeiras mudanças realizadas no processo de instalação desse novo sistema de integração foi a implantação da bilhetagem eletrônica, em substituição aos antigos vales transporte de papel.⁵⁹²

⁵⁹⁰ LINHAS de ônibus não é novidade. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3.066, p.04, 23 jun 1997.

⁵⁹¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. *Plano Diretor de Transportes e Mobilidade Urbana de Teresina*. Teresina: PMT, 2008. Disponível em: <<http://semplan.35.193.186.134.xip.io/wp-content/uploads/sites/39/2017/03/PLANO-DIRETOR-DE-TRANSPORTE-E-MOBILIDADE-URBANA-DE-TERESINA.pdf>> Acessado em 22 set. 2019.

⁵⁹² TERMINAIS integrados chegam no fim do ano. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXII, n. 8.209. p. 04. 19 abr 2009.

3 “TERESINA: CIDADE FUTURO”: novas espacialidades e sociabilidades com a inserção dos *shoppings center* e condomínios fechados (1990-2010)

As cidades brasileiras têm passado por intensas transformações nas duas últimas décadas, no que diz respeito não só ao seu espaço físico, como também às maneiras de apropriação e consumo deles. Mudanças que estão diretamente ligadas ao processo de globalização vigente, que vem alterando profundamente o viver citadino. Essas modificações configuram-se no novo modo de urbanização que busca seguir os padrões de modernização homogênea ditadas pelo capitalismo financeiro, tornando as cidades globais⁵⁹³ em centros de consumo de produtos tecnológicos e modernos.

Essas modificações vêm deixando suas intervenções nos espaços urbanos, marcados agora pela segregação entre os participantes/consumidores e àqueles que estão à margem desse processo. A cidade de Teresina passa a vivenciar tais problemas de forma mais intensa no período histórico que se constitui objeto dessa pesquisa, ou seja, das décadas de 1990 e de 2000. Essas mudanças de mentalidades globais são sentidas também na escala geográfica local, manifestando-se nas transformações econômicas e sociais que vêm ocorrendo nas últimas décadas, fazendo-se necessário e urgente um estudo sobre essa temática, tendo em vista a reduzida produção de trabalhos sobre o assunto em pauta no contexto da realidade local.

As cidades passaram a experimentar a era do consumo de tecnologia de ponta, mas, com tempo de duração surpreendentemente, curto, uma fase marcada pelo descarte, pela substituição constante de produtos. Mas essas mudanças também são sentidas no nível das relações sociais, marcados agora pelo individualismo, pela completa indiferença com os demais membros que habitam a urbe. Há, também, o medo onipresente do outro e de tudo que lhe é estranho a sua realidade. Uma vez que eles tendem a restringir e redefinir a esfera pública, são intervenções que privilegiam a segurança privada, uma vez que frequentar espaços públicos e abertos tornou-se inseguro, perigoso. Os habitantes da cidade buscam agora isolamento, segurança privada, intimidade, tendo na segregação espacial um instrumento de constituição de uma nova cultura urbanística. O autor nomeia esses espaços como sendo “espaços públicos, mas não civis”, sendo os *shoppings centers* e condomínios fechados os mais evidentes dessa mudança.⁵⁹⁴

As incongruências desse processo de consumo acelerado e frenético terão nas economias dependentes, como nos de países em desenvolvimento os contrastes mais acentuados e visíveis,

⁵⁹³ Entende-se como cidades globais aquelas que estão inseridas nas redes mundiais do capitalismo contemporâneo, nos seus sistemas financeiros e tecnológicos.

⁵⁹⁴ BAUMAN, 2001, p. 122.

pois na medida em que essa sociedade moderna adere aos imperativos do mais novo e mais recente, no simples descarte e troca constante pelo mais evoluído, de tecnologia mais avançada, esbarra num colapso estrutural de uma sociedade extremamente desigual. Excluídos desse mundo de consumo, mas que desejam, aspiram fazer parte dele, os pobres e marginalizados da cidade são as vítimas que mais sente de forma negativa as mudanças provocação pelo processo de globalização, no qual a cidadania foi, em grande parte, substituída pelo consumo. Essas pessoas encontram-se, portanto, excluídas duplamente, perderam o status de cidadão portadores de direitos e não possuem recursos financeiros para participarem plenamente do mundo do consumo.⁵⁹⁵

É seguindo esse viés que pretendemos analisar as mudanças ocorridas no tecido urbano da cidade e como elas interferiram nos hábitos, nos costumes e nas formas de se relacionar dos habitantes de Teresina, provocadas por uma política normatizadora dos espaços da cidade e das práticas de seus habitantes. Portanto, procuraremos avaliar as transformações ocorridas nas *performances* dos moradores, ou seja, em suas formas de agir, gestos, atitudes, sentimentos e até na maneira de apreender a realidade com a inserção de novos aparelhamentos urbanos como os *shoppings centers* e condomínios fechados na capital. Por outro lado, laçamos mão também dos mais variados registros sobre os impactos dessas mudanças provocadas na cidade e interpretadas por jornalistas, cronistas, poetas e pichadores que deixaram impressos no papel ou nas paredes suas mais diversas impressões sobre a cidade de Teresina.

3.1 A inserção dos *shoppings centers* na cidade: novas espacialidades e sociabilidades

Em 2015, a cidade de Teresina passa a contar com mais um shopping center. O Shopping Rio Poty é o terceiro empreendimento dessa envergadura na capital do estado do Piauí, ao lado Riverside Walk e do Teresina Shopping. A implantação desse recente empreendimento segue o crescimento do mercado consumidor por esse tipo de setor empresarial. Na tentativa de inserir-se nesse mercado já dominado pelos outros empreendimentos citados, o Shopping Rio Poty resolve apostar em uma arrojada e audaciosa opção de lazer para o seu primeiro período natalino e de férias de verão, em parceria com a *Happy Times*, colocou à disposição dos consumidores uma pista de gelo, com 200 m², na principal praça de eventos no novo empreendimento comercial da cidade no dia 14 de novembro de 2015.

⁵⁹⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.



Foto14: Pista de gelo na praça de eventos do Shopping Rio Poty em 02 dez. 2015
Fonte: Acervo pessoal de Regianny Lima Monte

Na terra conhecida pela presença de um sol causticante e de altas temperaturas, ultrapassando a marca de 40° C, quase que diariamente, no período denominado de B-R-O-BRÓ, compreendendo os meses de setembro, outubro e novembro, estava disponível para seus moradores uma pista de gelo, na qual podiam patinar tranquilamente como se estivesse em um país do hemisfério norte em pleno inverno. Muito mais do que atrair os consumidores, a atração carregava consigo um poder simbólico, trazendo algo inovador e que impactasse no imaginário da população, o que essa nova praça comercial era capaz de oferecer e, dessa forma, diferenciarse das já existentes. Funcionava no sentido de gerar a expectativa de que naquele espaço era possível realizar sonhos inimagináveis, como patinar no gelo em Teresina.

O surgimento desses novos centros comerciais segue as dinâmicas impostas pelo capitalismo na busca de um desenvolvimento econômico baseado em uma intensificação da divisão mundial do trabalho e de uma rede mais complexa e especializadas de fluxos e intercâmbios comerciais desenvolvida entre o final do século XIX e meados do século XX. Essas mudanças foram experimentadas mais intensamente nos Estados Unidos e geraram, entre outros aspectos, uma revolução organizacional, com o surgimento de corporações comerciais integradas e burocraticamente administradas. Aliados, ainda, de um caráter cosmopolita de consumo, centrados na necessidade de eliminar um regime de concorrência irrestrita entre as unidades comerciais.⁵⁹⁶

No Brasil, a implantação dessas novas praças comerciais está ligada diretamente à inserção do capital estrangeiro que possibilitou investimentos voltados para a acumulação de

⁵⁹⁶ ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.

recursos que passaram a determinar uma nova dinâmica na economia local. Essa nova conjuntura permitiu a modernização do capitalismo brasileiro responsável por inserir o país na economia global, acarretando o desenvolvimento não só de novos produtos e tecnologias, como também de novas formas espaciais no espaço/cenário de nossas cidades. O primeiro shopping center inaugurado no Brasil foi o Shopping Iguatemi, localizado na cidade de São Paulo, em 1966.⁵⁹⁷

Silvana Maria Pintaudi ressalta que o surgimento dos shoppings centers no Brasil também está articulado à intensa urbanização da economia e da população ocorrida a partir da década de 1960, concentrando-se, sobretudo, na região Sudeste. Porém, conforme a autora, na década de 1980, a expansão desse novo modelo comercial e seus equipamentos ocorre com certa expressividade, o que não significou uma desconcentração territorial desses equipamentos na rede urbana nacional, uma vez que dos 20 entre os 38 shoppings center do Brasil estavam situados nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro nesse período⁵⁹⁸.

A instalação dos shoppings centers em Teresina segue os imperativos desse novo processo de modernização com um certo atraso em relação às demais regiões do país, uma vez que só são implantados na segunda metade da década de 1990, sem, contudo, deixar a desejar em infraestrutura a outros centros, respeitadas as devidas proporções. São centros comerciais dotados do que há de mais moderno no setor: lojas de departamentos, supermercados, praças de alimentação, cinemas, praças de eventos, salas de convenções, bancos, estacionamentos privados etc. Esses novos espaços de lazer e consumo foram sendo incorporados aos hábitos dos teresinenses, ao mesmo tempo em que se apresentam, contraditoriamente, como espaços de segregação social.

O Shopping Riverside Walk foi o primeiro a ser inaugurado, em 12 de dezembro de 1996, pelo Grupo Meio Norte. Está situado na área mais nobre de Teresina, à margem do Rio Poti, na avenida Raul Lopes, na Zona Leste. Com projeto arquitetônico assinado pelo escritório de Nasser Hissa Arquitetos Associados de Fortaleza, o shopping foi construído com o conceito de “open aberto”, um dos únicos no Brasil com esse tipo de projeto. O objetivo era possibilitar aos seus clientes uma circulação por amplos corredores abertos com sete praças temáticas, com inspiração nos estilos mediterrâneos, japonês e caribenho, cercadas por espelhos d'água e belos

⁵⁹⁷ MELO, João Manoel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lília Mortiz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁵⁹⁸ PINTAUDI, Silvana Maria. Os Shopping-Centers brasileiros e o processo de valorização do espaço urbano. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 65, 1987.

jardins com cascatas, esculturas e passarelas. Para o gerente geral do novo empreendimento, Antônio Silveira,

O conceito do Riverside Walk é de um shopping regional, que visa mudar as características deste tipo de empreendimento quanto ao tratamento ao cliente. Por isso, nós criamos uma série de praças temáticas com arquiteturas diferenciadas. Nós temos muito verde, muita planta. Não queremos que nosso cliente entre em um caixote de pressão mercadológica.⁵⁹⁹

Além disso, os seus clientes têm à disposição 250 lojas, contando ainda com praça de alimentação climatizada, parque de diversões, restaurantes, boliche, três salas de cinema e estacionamento. Construído em uma área 35 mil metros quadrados, com investimentos em torno de US\$ 15 milhões, o shopping propunha atender uma clientela de cerca de 500 mil pessoas por mês, principalmente de Teresina e do interior do Piauí e Maranhão. A previsão de faturamento dos lojistas era de R\$ 30 milhões mensais. Portanto, sendo o primeiro empreendimento dessa envergadura a ser inaugurado na capital.



Foto 15: Vista aérea do Shopping Riverside Walk em 2012
Fonte: Acervo de pessoal de Juscelino Reis

Na imagem, é possível situar geograficamente o primeiro *shopping* de Teresina. Localizado estrategicamente na zona leste, no bairro Jóquei, parte central e esquerda da imagem e bem próximo ao bairro Ilhotas, à direita da imagem, no Centro, ou seja, próximo das áreas mais ricas da cidade, onde as intervenções urbanísticas foram mais intensas nas últimas décadas, como o processo de verticalização da cidade, com a edificação de edifícios de apartamentos de alto padrão. Situado na Avenida Raul Lopes, na margem direita do rio Poti, do qual foi retirada a referência para sua nomenclatura “Shopping Riverside Walk”, expressão em

⁵⁹⁹ RIBEIRO, Efrém. Consumo: Riverside abre 50 lojas. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.375. p. 09, 10 dez 1996.

inglês que pode ser traduzido literalmente como “andar em área ribeirinha”, ou mais simplificada, “andar pela beira-rio”. Ao fundo da imagem, temos, ainda, o Teresina Shopping.

O Teresina Shopping foi inaugurado em 27 de abril de 1997, um empreendimento do Grupo Claudino, com 191 lojas distribuídas nos segmentos de perfumaria, moda adulto e infantil, serviços e farmácia, possuindo três mil vagas de estacionamento. Dispunha também, à época, do Espaço Saúde, onde se encontravam várias clínicas e consultórios médicos, hoje desativados. Fechando o “mix”, duas âncoras, onde se situam as praças de alimentação e de eventos, além de cinco salas de cinema. O projeto arquitetônico era de André Sá, que foi posto em prática pela Construtora Sucesso, de propriedade do mesmo grupo empresarial. No discurso de inauguração da nova praça comercial, o presidente e fundador do Grupo, João Claudino, expôs a trajetória da construção do novo shopping e o que ele significava para o comércio e para a cidade de Teresina e região.

Neste momento, em que entregamos o Teresina Shopping, empreendimento que abre as portas do futuro para esta cidade. Aqui implantamos muitos empreendimentos, [...] mas reconhecemos que nenhum deles traz tantos significados como este. Porque ele é como um diamante: é uma obra para sempre, para o futuro de nossos filhos e netos. Hoje, com a chamada globalização, as fábricas mudam de endereço, os negócios não precisam nem mesmo de sede, podendo funcionar na internet, produtos de uma marca podem ser produzidos em qualquer país. Já um *shopping center*, pelo contrário, não se arranca de um lugar. E porque construímos um empreendimento para vida toda, [...] resolvemos reverenciar nossa cidade, entregando-lhes um shopping center com padrões internacionais. Esse empreendimento traz uma homenagem especial para nossa cidade, revelada no nome Teresina Shopping.⁶⁰⁰

Nesse discurso, é possível inferir que seu orador está antenado com as mudanças provocadas pelo processo de globalização em curso. Analisa de forma plácida a volatilidade do mercado financeiro, no qual empresas não precisam necessariamente de sedes fixas para funcionarem, em um mundo em que o capital industrial e suas relações comerciais rígidas e estáveis não são necessários. Nesse mercado, em que as cifras mundiais são flutuantes e instáveis, para o proprietário da nova praça comercial da capital, a implantação do estabelecimento comercial na capital é um sinal de estabilidade, quando na realidade, ele é não só um elemento dessa globalização, como funciona também como um ícone dessa nova maneira de comercializar produtos, serviços e entretenimento. E apesar de enunciado como “uma obra

⁶⁰⁰ DISCURSO de João Claudino. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.509. p. 11. 28 abr 1997.

pra sempre”, o empreendimento para manter-se nesse mundo globalizado, no qual há uma supervalorização do recente, do novo, do tecnológico, do atualizado e sempre ligado às novas exigências do mercado, o Teresina Shopping teve de passar por constantes modificações para seguir com o estigma de moderno. Já em 2010, com a probabilidade da chegada de mais duas praças comerciais: Jardins Shopping e Shopping Rio Poti, o Teresina Shopping iniciou um processo de reforma e ampliação dos seus espaços, que foi dividida em duas etapas, e reconfigurou completamente seus espaços⁶⁰¹, como é possível verificar por meio da fachada, preservando apenas a logomarca em formato de flor.



Foto 16: Teresina Shopping em 1997
Fonte: Portal 180° Graus, Teresina, 04 nov. 1997



Foto 17: Teresina Shopping em 2014
Fonte: R/A Propaganda

A chegada dessa nova praça de consumo gerou uma intensa expectativa nos diversos setores da sociedade teresinense e piauiense. A maioria dos depoimentos relacionava a implantação do shopping como uma melhoria para cidade, inserindo-a em um comércio mundial, mas sempre associado a um futuro promissor: “acreditamos no futuro de Teresina. Essa cidade está em pleno crescimento e o shopping será o marco que vai dividir o antes e o depois desse desenvolvimento. O potencial do estado e de Teresina apenas está começando a ser explorado”, afirmava Edson Neves, um dos comerciantes que levaram seu empreendimento para o novo shopping.⁶⁰² Uma outra empresária, Jeannette Bucar, avalia que:

Uma loja no shopping é referência. Você é mais vista, o ambiente agradável, há conforto e segurança. Quem vai a um shopping passear, encontra todo um mix tão bem planejado, que coloca a sua disposição uma variedade tão grande de produtos que acaba comprando alguma coisa. Isto sem levar em conta o

⁶⁰¹ Na primeira etapa da reforma, entregue em 2013, foi contemplada com a ampliação que mais do que duplicou o espaço inicial do shopping, com a ampliação do espaço existente e a colocação de um segundo piso, passando a oferecer mais de 100 lojas satélites, três âncoras e uma megaloja. Na segunda etapa inaugurada em 2016, estava um edifício de estacionamentos que ampliava de três mil para cinco mil o número de vagas de estacionamento, além de uma passarela que ligava a um estacionamento alternativo ao lado da praça comercial. A reforma e ampliação chegaram a cifras de R\$ 500 milhões.

⁶⁰² TERESINA Shopping já é sucesso como maior empreendimento comercial da cidade. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.452. p. 09. 1º mar 1997.

progresso que um shopping representa para uma cidade, tanto do ponto de vista econômico como de mudança de mentalidade. Sem dúvidas é o futuro, é a modernidade que felizmente chega ao comércio local em boa hora.⁶⁰³

A imprensa local expressava as inúmeras vantagens trazidas pela implantação da nova praça comercial. Um dos diferenciais entre o Teresina Shopping e o Shopping Riverside estava na oferta de um espaço totalmente climatizado, um diferencial essencial uma vez que Teresina é uma das capitais mais quentes do país.

Numa cidade como Teresina, de clima muito quente – o ano todo e a qualquer hora, o ar-condicionado não é um luxo: é necessidade; é respeito ao cliente. É por isso que o Teresina Shopping oferece um verdadeiro clima de montanha, com temperatura constante de 25º graus em suas instalações: corredores de circulação, praças, lojas, cinema, parque e Espaço Saúde. O sistema de ar-condicionado central do Teresina Shopping é o mais moderno existe no mundo, com baixo consumo de energia para que esse benefício não represente nenhum ônus para o cliente.⁶⁰⁴

Os benefícios propagandeados com a chegada de mais uma praça comercial, sendo o Teresina Shopping um projeto de maior envergadura do que o Shopping Riverside Walk, também estavam ligados à área social, por este oferecer um novo leque na geração de emprego e renda para capital e conseqüentemente para o estado.

São muitos os benefícios. Vamos começar pela área social falado de geração de empregos. São cerca de 1.200 novas oportunidades de trabalho que se abrem num mercado carente como o nosso. [...] Além disso, o Teresina Shopping vai trazer novas lojas e aumentar a oferta de produtos, marcas e serviços. Sem falar na segurança e no conforto, nas novas formas de lazer.⁶⁰⁵

A inserção dos centros de consumos, como os shopping centers nos principais centros urbanos, tem por finalidade principal vender essa nova forma de vivência, voltada, sobretudo, para o consumo e marcada pela segregação social. As novas elites globais estão inseridas em um comércio dinâmico e volátil de consumo e de descarte de produtos produzidos em escala mundial, com acesso disponível em qualquer parte do mundo. O depoimento do Secretário de Fazenda do Estado do Piauí, Paulo de Tarso de Moraes Sousa, à imprensa local, no dia da inauguração do Teresina Shopping expressa essa sensação: “essa obra é a prova da

⁶⁰³ TERESINA Shopping já é uma realidade, que você pode aproveitar a partir de abril. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.465. p 01. 14 mar 1997.

⁶⁰⁴ O TERESINA Shopping terá ar-condicionado. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.489, p. 09 abr 1997.

⁶⁰⁵ QUAIS os benefícios que o Teresina Shopping vai proporcionar à cidade. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.489, p. 08 abr 1997.

competência, do arrojo. Quando entro nessas lojas penso que estou em Tóquio, em Paris ou em Nova York”.⁶⁰⁶

A implantação dos shoppings center em Teresina transformou substancialmente não apenas as formas de consumo da cidade, mas integrou a capital a esse novo sistema de interatividade, com a presença de lojas de grifes, multinacionais de serviço rápido de alimentação, salas de cinemas. Tudo isso modificou completamente as formas de consumo e lazer, forjando novas vivências e sociabilidades para uma determinada classe social, uma vez que era um empreendimento privado e voltado para o consumo.

O Teresina Shopping abre às 10 da manhã e só fecha às 10 da noite. Nesse imenso período, você pode fazer compras, lanchar, paquerar, passear, fazer o cabelo, pagar contas, fazer mais contas; aprender inglês; encontrar uma pessoa especial, comprar flores para ela, ir ao cinema, apaixonar-se ao sair dançando pelos corredores. Essa é só uma pequena ideia do que você pode fazer – todo dia, o dia todo! – no Teresina Shopping, seu novo endereço para as compras, lazer e saúde em Teresina.⁶⁰⁷

Conforme Anthony Giddens, uma das consequências da modernidade para sociedade nas últimas décadas é a separação entre tempo e espaço. Anteriormente, as relações sociais eram realizadas em espaços que possuíam uma intermediação com o tempo, dito de outra maneira, dependiam diretamente da passagem do tempo para se estabelecer. Um exemplo clássico era a jornada de trabalhadores do campo, seguida pela passagem natural do tempo, guiado pelos astros, como o Sol, demarcada, portanto, entre o nascer e o pôr do Sol. Com a inserção da modernidade, essa concepção de tempo é rompida, os instrumentos reguladores do tempo como o relógio mecânico, são inseridas outras maneiras de medir o tempo, assim como a jornada de trabalho e o tempo destinado ao consumo.⁶⁰⁸

Os horários de funcionamento dos shoppings centers levam em consideração essa percepção. Ao estender o seu horário para o turno da noite oferecem um horário fora do convencional para os clientes, que, após uma jornada de trabalho, ainda podem recorrer aos espaços de lazer e compra desses novos centros comerciais, uma vez que o comércio tradicional situado em regiões como o centro da cidade encerra suas atividades diárias às 18 horas, estando dependente das condições espaciais onde se situa. Esses novos empreendimentos, em sua grande maioria, constituem-se em espaços fechados, com iluminação artificial, levando o

⁶⁰⁶ SILVA, Edmilson. Shopping: movimento supera expectativa. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.509. p. 01 . 28 abr 1997.

⁶⁰⁷ ANÚNCIO PUBLICITÁRIO: Tudo o que você precisa saber sobre o Teresina Shopping – “Eu posso passar o dia no Teresina Shopping?”. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.482. p.07 1º abr 1997.

⁶⁰⁸ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

consumidor a perder a noção do tempo em que estão nesses estabelecimentos. O tempo, dessa forma, liberta-se de qualquer amarra tradicional, assim como o espaço que também se torna independentemente de qualquer lugar, tendo em vista, a sua autonomia na oferta de serviços ao consumidor.

A nova praça comercial abriu também um novo leque de lazer na cidade. Durante o período de férias, o Teresina Shopping ofereceu aos clientes, em seu primeiro ano de funcionamento, uma “praia virtual” que possibilitasse a prática de esportes. A proposta ousada sustenta-se na tentativa de surpreender o visitante e suprir a carência de espaços para prática de esportes geralmente realizados na areia da praia, já que Teresina é a única capital do Nordeste a estar situada no interior, distante das regiões litorâneas. Segundo o gerente de operações do shopping, Francisco Alex, o objetivo era “proporcionar uma alternativa de férias saudáveis e divertidas da cidade”.⁶⁰⁹

Outras atividades ligadas às artes e à cultura também foram realizadas no Teresina Shopping, como exposições de artes, lançamento de livros e de coleções de moda além de diversas apresentações culturais de música e de dança. Eventos culturais como o “Artes de Março”, que conta com grandes atrações nacionais e locais oferecendo ao público shows musicais, exposições e recitais que compõem uma dessas atrações certas no calendário cultural da cidade, desde sua fundação. A instauração de programação de novas atividades culturais, artísticas e esportiva nos shoppings centers não tinha como o objetivo apenas atrair novos consumidores, também funcionava como uma forma de ampliar a incorporação desse objeto no cotidiano das cidades e, dessa maneira, criar novas sociabilidades também pode ser percebida nessas estratégias adotadas pelos administradores dessas praças comerciais.

Principalmente o Teresina Shopping transformou o cenário socioeconômico e cultural de toda uma região, não apenas pela questão de o tamanho do espaço físico ser maior do que o do Shopping Riverside, mas pelas outras formas de lazer ali fomentadas. Desde então, a cidade de Teresina vem crescendo, tornando-se geradora de tendências e centro de excelência em diversas áreas. O shopping teve uma grande influência nesse resultado, devido à sua visão cosmopolita e de apoio permanente à arte, à cultura, ao esporte e às manifestações culturais de toda ordem.

Havia uma preocupação por parte dos investidores dessa nova praça de consumo em relação à prosperidade dos negócios, uma vez que as lojas varejistas estavam concentradas no centro da cidade. Nesse sentido, o Grupo Claudino, proprietários do Teresina Shopping, fez um

⁶⁰⁹ REVOADA abre verão do Teresina Shopping. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.579. p. 13. 19 jul 1997.

Encontro de Comunicação e Promoção, no qual houve palestras sobre publicidade e apresentação da imagem das lojas do shopping com renomados publicitários de nível nacional, como Pedro Galvão, que destacou o poder da propaganda para a representatividade do shopping enquanto casa comercial e para o aumento das vendas. Segundo o publicitário, “o mais importante para manter o sucesso de um empreendimento é dividir os custos da produção em propaganda”. Outro problema que deveria ser suprimido por meio da publicidade era convencer a população das vantagens das novas praças de mercados tendo em vista que “existiam dois shoppings sendo construídos em locais onde as pessoas não tinham o hábito de frequentar”.⁶¹⁰

Essa tática de planejamento adotada pelos gerenciadores dos shoppings em Teresina estava relacionada a uma prática adotada pelo comércio mundial, surgida nos Estados Unidos, denominada de economia de aglomeração, que consiste em concentrar as atividades econômicas no mesmo espaço com o intuito de minimizar os custos e maximizar os lucros. Dentre elas, estão o próprio espaço físico, amplo, seguro, confortável que possibilite a integração com lojas comerciais, áreas de lazer e outros serviços como estabelecimentos bancários. Dessa forma, essa prática permite o rateio entre muitos locatários de pequeno porte das atividades de propaganda e marketing, trazendo benefícios a todos os locatários.⁶¹¹

A busca pela modernidade, segurança, comodidade e lazer são símbolos dessas novas praças comerciais, como é evidenciado na fala do diretor de marketing do Teresina Shopping, Fernando Oliveira: “há uma procura grande pela modernidade, e modernidade significa qualidade, nós do Teresina Shopping estamos sempre voltados para o que há de melhor, para o futuro”. O bem-estar estava no fato de que “você pode deixar seu carro no estacionamento e enquanto vai ao médico ou faz compras, pode deixar seu filho se divertindo num parque. Tudo na maior segurança e conforto”.⁶¹² O sistema de segurança era reforçado por um sistema de monitoramento de câmeras operados por controle remoto.⁶¹³

Esse tipo de comércio quebrou as fronteiras territoriais, aproximou os consumidores e homogeneizou o mercado. Um centro de consumo idealizado por especialistas que buscaram dar resolutividade a cada mínimo problema, racionalmente planejados. Os *shoppings* não são espaços que apenas vendem mercadorias. Eles também vendem um estilo de vida, no qual o controle e a responsabilidade são entregues aos especialistas, que oferecem um ambiente

⁶¹⁰ TERESINA Shopping: palestra com os lojistas. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.426. p. 03, 1º fev 1997.

⁶¹¹ COHEN, Yehoshua S. *Diffusion of an Innovation in an Urban System: The Spread of Planned Regional Shopping Centers in the United States 1949 -1968*. Chicago: The University of Chicago - Department of Geography. 1972.

⁶¹² TERESINA Shopping comemora aniversário. *O Dia*. Teresina, ano XLVII, n. 11.868. p. 01, 27 abr 1998.

⁶¹³ CONSUMIDORES elogia a segurança. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.509. p. 07, 28 abr 1997.

perfeito, racionalizado e seguro, só possível dentro dessas fortalezas controladas por vigilância eletrônica, portanto, fora da realidade caótica do mundo real.

Os *shoppings* são também uma mensagem. É a mensagem do colapso total do glorioso sonho da ordem perfeita e global, controlada pela razão. [...] Os *shoppings* são a grotesca reencarnação do drama iluminista. [...] A utopia dos sábios afastou-se do mundo real [...]. Vigias eletrônicos, alarmes contra roubo e entradas e saídas estreitas que se fecham sozinhas separam essa utopia miniaturizada do resto do mundo, abandonado a sua confusão aparentemente inexplicável. Prodígios de harmonia e perfeição são agora oferecidos como entretenimento para os passeios de domingo e o desfrute da família. Ninguém supõe que sejam reais. A maioria concorda, porém, que são melhores que a realidade. E todo mundo sabe que a realidade jamais será como eles.⁶¹⁴

Dessa forma, os *shoppings centers* são a mais representativa expressão dos espaços típicos da pós-modernidade, ou seja, locais nos quais, o importante não é a efetiva segurança e bem estar social, mas por outro lado é oferecido um espaço forjado que passe a sensação de segurança e local agradável para família, que pode fugir do caos urbano, da ruína das relações sociais e do colapso da segurança nas cidades. Mais do que um centro de compras, esses estabelecimentos são um espaço de encenação da vida controlada e ordenada que a modernidade não conseguiu oferecer, são uma tentativa de forjar uma imagem homogênea e uniforme, só possível em um espaço fortemente vigiado e controlado.

3.2 Os condomínios fechados e busca por segurança e distinção social

A inserção da capital do estado do Piauí nos novos parâmetros de consumo não se restringia apenas ao sistema comercial, com a inserção dos *shoppings centers*. A transformação estava também nas formas de morar, com a inserção dos condomínios de luxo em formato de edifícios de apartamentos e de casas residenciais que passaram a se multiplicar pela cidade. Os condomínios fechados configuram-se como as mais recentes e modernas versões residenciais dos novos empreendimentos urbanos voltados para o setor habitacional. São espaços privatizados, fechados e monitorados, não se resumem apenas ao aspecto residencial, ampliam-se para função de consumo e lazer.

Os precursores desse tipo de espaços residenciais remetem-se ainda ao século XIX, quando surgem nos Estados Unidos, com a privatização das ruas em São Luís, Missouri e a criação de subúrbios fechados em Tuxedo Park, em New York. Mas, é na segunda metade do

⁶¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 238 e 239.

século XX, que esse tipo de empreendimento toma espaço nos centros urbanos norte-americanos, com a denominação de *gated community*. Guénola Capron ressalta:

A *gated community* é um produto imobiliário, estandarizado, planejado, fechado, que se difundiu, espalhando-se rapidamente, no mundo inteiro. Ela promete alegria de viver e segurança às classes médias e altas. Barreiras, guaritas, muros, estendem-se sobre dezenas, na verdade, centenas de metros povoam atualmente as paisagens das cidades americanas. É difícil penetrar nestas *gated communitys* sem se identificar e sem conhecer alguém do seu interior.⁶¹⁵

Os pontos principais a serem levados em conta na implantação desse tipo de empreendimento urbano resumem-se em três fatores principais: primeiro diz respeito à segurança oferecida aos seus moradores, uma vez que este conta com uma série de aparatos como muros, vigilância vinte quatro horas, oferecendo uma proteção aos perigos urbanos; em segundo, é uma forma de vivência com melhor qualidade, com destaque para o oferecimento de espaços de lazer, com grandes áreas destinadas à prática de esportes, e, em muitos casos, uma oferta de vida ao ar livre, com a presença de áreas verdes e, finalmente, esses espaços também se apresentam como uma questão de distinção social, de *status*, uma vez que o acesso está restrito a uma pequena parcela da população, detentora de recursos para a aquisição desse tipo de empreendimento. A possibilidade de uma vida entre iguais leva a uma ideia de viver em comunidade.

O surgimento desse tipo de empreendimento no Brasil, por sua vez, resguarda algumas diferenciações dos originários dos Estados Unidos. Para Elvino Silva Filho, os loteamentos fechados estão mais ligados à questão da segurança, e, em muitos casos, se restringe apenas a ela. Outros aspectos como busca por qualidade de vida, só surgem bem depois, principalmente com o crescimento urbano e os problemas gerados por ele, como trânsito, poluição, escassez de áreas de lazer ou falta de áreas verdes.⁶¹⁶ Neste aspecto, surgem primeiro os condomínios fechados de apartamentos, com o intuito de trazer segurança para os seus moradores, depois passam a apresentar áreas de lazer associados à segurança e posteriormente surgem os condomínios fechados horizontais, que estendem outras vantagens na busca de qualidade de vida, como as citadas anteriormente.

Temos, portanto, dois tipos de condomínios fechados que compõem esse tipo de empreendimento imobiliário nas cidades atualmente. Primeiro, os condomínios verticais,

⁶¹⁵ CAPRON, Guénola. *Quand la ville se ferme: quartiers résidentiels sécurisés*. Paris: Bréal, 2006. p. 12.

⁶¹⁶ SILVA FILHO, Elvino. Loteamento fechado e condomínio deitado. *Revista de Direito Imobiliário*. São Paulo: IRIB, n. 14, jul-dez. 1984.

constituídos por apartamentos, que podem ou não oferecer uma área de lazer e situam-se dentro dos centros urbanos, em áreas valorizadas das cidades, próximos de centros de consumo, como shoppings, supermercados e outros empreendimentos de lazer. Em seguida, temos os loteamentos e condomínios horizontais que são aqueles que não necessariamente estão dentro dos centros urbanos, são compostos por residências térreas ou duplex, possuem grandes áreas de lazer, com extensas áreas verdes e lojas de conveniência dentro dos seus espaços, por conta de sua autonomia, podem situar-se praticamente em qualquer lugar, sendo preferencialmente distantes dos grandes centros urbanos, tanto por uma questão espacial, como pela fuga de problemas como poluição e pela afastamento da agitação da cidade grande.

Alguns estudiosos vêm dedicando-se a essa temática. O estudo realizado pela antropóloga Teresa Pires do Rio Caldeira, “Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo”, é um dos precursores ao oferecer uma análise profunda dos padrões de segregação espacial da vida moderna da cidade de São Paulo e sua relação com o aumento da violência, da criminalidade e da sensação de insegurança dos seus habitantes. A autora ainda põe em xeque os obstáculos para a consolidação da democracia no Brasil e dos múltiplos impasses que a sociedade civil enfrenta na luta por seus direitos.⁶¹⁷

Segundo Caldeira, os condomínios fechados são verdadeiros “enclaves urbanos” que apresentam características semelhantes. São propriedades privadas dentro do espaço urbano, entretanto, são criados para o uso coletivo restrito apenas aos seus proprietários, dirigem-se preferencialmente, para as classes mais altas devido ao alto valor do terreno ou da casa pronta; estão fisicamente demarcados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos; possuem infraestrutura básica, serviços, portaria, sistema de vigilância e segurança, impondo regras internas de inclusão e exclusão que devem ser rigorosamente seguidas por seus moradores; e apresentam grande flexibilidade no que diz respeito à localização, uma vez que independem de serviços urbanísticos da cidade, são autônomos.⁶¹⁸

O surgimento desses enclaves urbanos que têm como marcas fundamentais a presença de muros, verdadeiras fortificações nos remetem à analogia com as cidades medievais marcadas pelas muralhas edificadas também com o mesmo objetivo, ou seja, proteger os habitantes. No caso das cidades medievais, contra os ataques dos povos tidos como “bárbaros”. Entretanto, as semelhanças se encerram apenas no item da busca pela segurança, uma vez que, na cidade medieval, não havia barreiras espaciais rigidamente definidas. A vida urbana ainda era marcada

⁶¹⁷ CAUDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo: Editora EDUSP, 2000.

⁶¹⁸ CALDEIRA, 2000.

pela heterogeneidade, tanto em relação ao acesso aos espaços urbanos como nas relações de trabalho que eram disseminadas nas mais diversas partes da cidade.⁶¹⁹

Essa ideia de segregação espacial surge com o advento das indústrias no século XVIII, com a separação das zonas industriais e a criação de bairros afastados dos centros urbanos e próximo das fábricas destinados aos operários. Diferentes, portanto, dos muros medievais, os enclaves atuais buscam não só proteção, segurança, como vimos, eles também estão relacionados a uma questão de distinção social. Para Bauman

Em lugar de defender a cidade e todos os seus habitantes de um inimigo externo, servem para dividir e manter separados seus habitantes: para defender uns dos outros, ou seja, daqueles a quem se atribuiu o *status* de adversário. [...] A intenção desses espaços vedados é claramente dividir, segregar, excluir, e não de criar pontes, convivências agradáveis e locais de encontro, facilitar as comunicações e reunir os habitantes da cidade.⁶²⁰

Essas mudanças visíveis nessa nova fase do capitalismo atingiram principalmente os centros urbanos. Por diversas razões, essas áreas são o epicentro das transformações em curso, seja por serem centros das decisões políticas e econômicas de uma determinada região, ou ainda, por ser lócus atrativo das novas atividades humanas entendidas como pós-modernas. Desse modo, por fazer parte desse sistema global, essas transformações no viver urbano vivenciadas, sobretudo, no final do século XX, atingiu indiscriminadamente os centros urbanos. Atingindo, não apenas as grandes cidades, as metrópoles, mas estendendo-se também as cidades de médio porte. Entretanto, devemos resguardar as devidas distinções entre elas. Ao tomar as cidades médias como um foco de análise, entendemos que elas possuem um universo de significações que é próprio a essas cidades, não as entendemos como um mero subnível daquilo que ocorre nas metrópoles.

De acordo com o IBGE, são consideradas metrópoles, ou seja, grandes cidades, aquelas que ultrapassaram um milhão de habitantes. As cidades médias são entendidas como centros urbanos com uma população entre 100 mil e 300 mil habitantes. Já as cidades de pequeno porte são aquelas com população inferior a 100 mil habitantes. Contudo, esses dados são vagos pois buscam uma classificação levando em consideração apenas aspectos quantitativos demográficos. Outros aspectos como as atividades econômicas, a diversificação de bens e serviços ofertados para sua população, incluindo empresas e serviços de alto padrão e

⁶¹⁹ LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reinaldo Carmelo Correia de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

⁶²⁰ Bauman, 2009, p. 42.

sofisticação são mais significativos para essa classificação. Nelas estão presentes centros educacionais de nível superior, centros de pesquisas, laboratórios e clínicas especializadas, além dos meios de comunicação de massa. Geralmente, esta categoria de cidade tem influência sobre o seu estado ou uma determinada região.⁶²¹

Entendemos, portanto, que a capital do estado do Piauí está inserida nessa classificação de cidades médias, mesmo possuindo 814.230 mil habitantes⁶²², conforme dados do último Censo Demográfico, em 2010, do IBGE, uma vez que oferece as características acima citadas. Teresina está inserida no processo de globalização que outras cidades brasileiras também passaram nas últimas décadas, como a questão do aumento populacional, processos de modernização e segregação urbana acompanhando, reservadas as distinções entre elas, os demais centros urbanos de porte médio. Um aspecto desse processo é a inserção da verticalização urbana, com o surgimento dos prédios de condomínios.

Nas décadas de 1960 e 1970, ocorreu o primeiro processo de verticalização da cidade. Entretanto, a estratégia dos agentes imobiliários estava voltada para a construção de edifícios públicos e comerciais, com a finalidade de oferecer salas para escritórios e consultórios situados no centro da cidade. Os prédios do Ministério da Fazenda e o Palácio do Comércio são dois desses exemplos. O primeiro construído na década de 1960, com sete andares, situado na Praça Marechal Deodoro da Fonseca. O segundo, construído em 1976, com seis pavimentos, situado na rua Rui Barbosa, é um dos prédios comerciais pioneiros da cidade. É de se destacar também o Prédio onde funciona o Luxor Hotel, antigo Hotel Piauí, que passou por uma reformulação completa na década de 1970, com seis andares, também situado na Praça Marechal Deodoro da Fonseca.⁶²³ Porém, um dos primeiros edifícios da capital, onde funcionou a sede do antigo Instituto Nacional de Previdência Social – INPS, situado na esquina da praça João Luís Ferreira, é da década de 1940, com um projeto arrojado para o período, surpreendeu a todos pela arquitetura, sendo um marco para a história urbana da capital.⁶²⁴ O prédio possuía sete andares e hoje encontra-se abandonado após sua interdição.

⁶²¹ ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

⁶²² IBGE, Censo Demográfico 2010.

⁶²³ É de relevância ressaltar que os prédios do Ministério da Fazenda e do Luxor Hotel estão situados no Paço da Praça Marechal Deodoro da Fonseca, portanto, no marco histórico de fundação da cidade, localizados no lado esquerdo e direito da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, respectivamente. Segundo o arquiteto Ricardo Gaioso Castelo Branco Barbosa, Teresina não recebeu os merecidos cuidados em relação ao seu conjunto arquitetônico do século XIX, pois foram demolidos dois edifícios oitocentistas: o prédio do antigo Fórum, onde está situado o Luxor Hotel e o prédio do Antigo Tesouro Provincial, dando espaço para a construção do prédio do Ministério da Fazenda. RETRATOS do Centro. *Diário do Povo*. Ano XIV, n. 5.388, p.06, 13 jul 2001.

⁶²⁴ TERESINA começou a “subir” na década de 60. *Diário do Povo*. Ano XVIII, n. 6.885, p. 11, 21 ago 2005.

Já o processo de verticalização residencial ocorreu em meados da década de 1980, vale ressaltar a construção dos condomínios de apartamentos Da Costa e Silva e o Mário Faustino, em 1984, pela Construtora Mafrense, situados na Avenida Marechal Castelo Branco, no bairro Ilhotas, como os primeiros empreendimentos desse nível de habitação na capital do Piauí. Na matéria a seguir, há uma descrição de como essa área tornou-se propensa a esse tipo de empreendimento ao passo em que se tornara uma das regiões mais valorizadas da cidade.

Desde que foi construída no início da década de 80 que a Avenida Marechal Castelo Branco se tornou um dos lugares mais especulados de Teresina pelo setor imobiliário. Ali já foram construídos prédios modernos e as construtoras não param. A cada dia novos edifícios são feitos. [...] Após a construção da avenida surgiu um hotel cinco estrelas, edifícios residenciais, restaurantes e uma mini favela. A especulação dessa via é devido ao fato de estar localizada às margens do rio Poti, onde há alguns anos só existia mato e árvores. Hoje ela está eternamente em obras cuja maioria é destinada para a classe média alta. A área de lazer deve ser concluída em dois anos, onde os moradores daquele trecho terão quadras poliesportivas, restaurantes e outros. A avenida também será toda urbanizada para proporcionar um clima agradável aos moradores.⁶²⁵

Durante a década de 1990, houve uma consolidação dos condomínios verticais em Teresina, tendo como ponto de partida às margens da Avenida Marechal Castelo Branco. Mais especificamente após o ano de 1995, como reflexo da estabilização da economia determinada pelo Plano Real. A partir de então, observou-se um acelerado processo de verticalização, que modificou, consideravelmente, no reduzido período de cinco anos, a paisagem urbanística da cidade, com a construção de edifícios que apresentam uma arquitetura moderna com um design arrojado, dotado de um sistema de segurança com o intuito de atrair o capital específico da alta classe social. A particularidade que se observa é que a verticalização de Teresina se caracteriza pela construção de apartamentos para moradia, enquanto nos grandes centros urbanos de vários países, a verificação atende mais aos escritórios, pois as pessoas preferem morar longe do perímetro urbano.⁶²⁶

As principais áreas de expansão principalmente nas zonas Centro e Leste. Os primeiros bairros a serem densamente povoados por esse tipo de construção foram: Centro (Avenida Frei Serafim, sobretudo) e Ilhotas (Zona Centro), Jóquei Clube, Horto Florestal, Ininga, Planalto, São João e São Cristóvão (Zona Leste). O centro histórico de Teresina não chegou a passar por essa mudança, uma vez que o Plano Estrutural de Teresina – PET, 1988, não permite a

⁶²⁵ CRESCE especulação na avenida Castelo Branco. *Diário do Povo*. Ano III, n. 875, p. 09, 30 ago 1990.

⁶²⁶ BRITO, Jean Carlos de. A evolução da verticalização de Teresina. *Diário do Povo*. Ano XVIII, n. 6.885, p. 09, 21 ago 2005.

construção de edifício na área central que ultrapasse quatro andares. Os casos isolados que existem foram anterior a essa regulamentação.⁶²⁷

O processo de verticalização ocorreu devido à ação dos agentes produtores imobiliários e fundiários do espaço urbano que estruturam uma nova organização espacial com a valorização desses espaços, ao lado do poder público que também interveio dando suporte na área de infraestrutura urbana. Segundo Antônio Cardoso Façanha, é “através das ações do capital financeiro, ou seja, da relação intrínseca entre os capitais imobiliários, financeiros, fundiários e produtivos realizadores de estratégias mútuas.”⁶²⁸ Se por um lado o capital financeiro dita as regras de intervenção no espaço urbano, selecionando e delimitando as áreas onde serão inseridos os empreendimentos, por outro, o aparelho estatal, dar subsídio para essas mudanças, por meio da instalação de serviços urbanísticos que funcionam no sentido de valorizar ainda mais, esses espaços.



Foto 18: Vista aérea do Bairro Ilhotas – Zona Central em 2011

Fonte: Acervo pessoal de Juscelino Reis

Essa imagem é muito representativa sobre o processo de urbanização adotado na capital. A opção pelo processo de verticalização aliado à busca por bem estar proporcionado pelas proximidades de elementos da natureza local, como o rio Poti e toda a sua orla, que ainda preservava traços de uma vegetação ribeirinha, espaço amplamente utilizado para a prática de atividades físicas ao ar livre, primeira área a ser valorizada por esse tipo de intervenção

⁶²⁷ TERESINA. *II Plano Estrutural de Teresina - PET*. Prefeitura Municipal de Teresina, 1988.

⁶²⁸ FAÇANHA, Antônio Cardoso. *A Evolução Urbana de Teresina: Agentes, Processos e Formas Espaciais da Cidade*. 1998. 233f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

urbanística. A ponte Juscelino Kubistchek dava acesso aos dois shoppings da cidade por meio de suas alças, bem como a um dos mais importantes parques da cidade, o Potycabana, situado na margem direita do rio Poti, que, conforme retratado no lado esquerdo da imagem encontrava-se em reforma. Ao escolher esse ângulo, o fotógrafo quis evidenciar o processo de verticalização da área e revelar que Teresina já oferecia esse tipo de urbanismo, que fez ser motivo de chacota em meados da década de 1990, por ser ainda insipiente esse tipo de construção.

Diversas construtoras e imobiliárias começaram a surgir na cidade, voltada para esse novo segmento de moradia. As propagandas de condomínios fechados passaram a ser cada vez mais frequentes na imprensa local. Empreendimentos que ofereciam conforto, segurança, área de lazer e restaurantes, lojas de conveniência, sala de convenções. As propagandas, além de venderem a imagem do produto, também pretendiam mexer com o imaginário do consumidor colocando-se em uma posição de status ao adquirir o imóvel. “Os novos top da Mafrense são a opção certa para quem quer qualidade e boa vida. Mostre que você nasceu para ser um felizardo. Escolha um ótimo endereço e viva com maior estilo, mas pague com inteligência. Conte com as top vantagens que só a Mafrense oferece. [...] Você ainda pode fazer parte do clube dos felizardos”.⁶²⁹, os clientes poderiam fazer um financiamento direto HABFÁCIL. Esse outro anúncio publicitário destacava o local como um espaço de sociabilidades modernas e diferenciadas.

A Avenida Marechal Castelo Branco é, sem dúvidas, o *point* de Teresina. Aqui moram as figuras mais notáveis da cidade. É aqui onde fica o melhor hotel, com os ambientes mais sofisticados. Hábitos novos de compra lhe esperam, é só atravessar a ponte e você está dentro dos grandes *shoppings*. É aqui onde você faz o *footing* mais badalado da cidade, andando, pedalando ou correndo no *cooper* matinal. E é aqui onde fica o Edifício *Rembrandt*. Venha logo!⁶³⁰

As propagandas mostravam inúmeros vantagens e facilidades para a aquisição de um imóvel de alto padrão, mas estavam voltadas para uma determinada classe que poderia recorrer aos autofinanciamentos tendo em vista que, nesse momento, as políticas habitacionais de alto padrão eram cada vez mais escassas. Esse sistema de autofinanciamento era feito diretamente entre os donos das construtoras e os compradores, mediados por imobiliárias que, em muitos casos, eram de propriedade dos mesmos grupos das construtoras. De modo que o financiamento era feito direto com a construtora mediante contrato, no qual ficavam estabelecidos as cláusulas com valores e normas de compra e venda.

⁶²⁹ ACREDITE! É fácil morar na Zona Leste. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.731. p. 05. 06 dez 1997.

⁶³⁰ ESTÁ na moda morar aqui. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.5547. p. 03 . 05 jun 1997.

A indústria da construção civil mostrou que o empresariado piauiense descobriu uma nova forma de trabalhar. A construção civil vinha atrelada à Caixa Econômica Federal, com obras financiadas pelo governo. Como não tinha mais isso, os nossos empresários tiveram a inteligência e capacidade de tocar o setor da construção civil de maneira eficaz. E aí está a resposta: Teresina se verticalizando e o setor teve um desempenho excelente. Isso se deu com a descoberta de segmentos da população com alto poder aquisitivo, [...] com dinheiro suficiente para altos investimentos que eram praticamente desconhecidos até pelos economistas e pesquisadores. O sinal da existência do segmento com dinheiro novo no mercado só aparecia no consumo de roupas e acessórios de marcas caras.⁶³¹

É notório que a construção civil na capital do Piauí, voltada para a edificação de condomínios residenciais verticalizados de alto padrão, foi impulsionada por uma população de alto poder aquisitivo que não necessitava recorrer a financiamentos bancários. Esses empreendimentos contribuíram sobremaneira para o processo de segregação social visível na ocupação e parcelamento do solo urbano na capital. Sendo as Zonas Centro e Leste a região da cidade com maior expansão desse tipo de habitação, que oferecia conforto, bem-estar e segurança para aqueles que podiam pagar altas cifras pelo empreendimento. Para uma gerente comercial de uma construtora local, Isolda Sousa, especialista no mercado de alto padrão, “o mercado para apartamento de luxo em Teresina caracteriza-se pela regularidade. É um consumidor que está sempre presente, mas nunca há um *boom* de vendas.” Outra vantagem desse tipo de comprador, segundo ela, “é o fato dele não dar muita importância para as condições de pagamento. Setenta por cento das vendas são feitas até 75 meses.”⁶³²

A exclusividade e boa localização eram os pré-requisitos para a aquisição de um imóvel de alto padrão. Isso devido as características próprias do público que investe nesse tipo de imóvel. Além do espaço generoso oferecido, apartamentos entre duzentos e trezentos metros quadrados ou até mais⁶³³, acabamento refinado, privacidade possibilitada por poucos vizinhos por andar. Outro atributo sempre em alta junto ao consumidor desse tipo de empreendimento era a possibilidade de mudar a planta do apartamento. A presença de várias vagas de garagens era outro atrativo extremamente necessários para esses moradores, alguns chegavam a oferecer até quatro vagas por apartamento. A presença de várias suítes finaliza a lista de condicionamentos para apartamentos deste setor, com o diferencial do espaço concedido a elas

⁶³¹ CRIATIVIDADE leva a verticalização. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.414, p. 06. 20 jan 1997.

⁶³² VENDAS vagarosas, mas constantes. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p.07, 13 jul. 2001.

⁶³³ Entre eles estavam: Djalma Veloso, com apartamentos de 303 m², Gran Ville, de 322 m², Gran Mond, de 310, Le Corbisier, de 334 m², entre outros. ALTO padrão vive de exclusividade. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p.07, 13 jul. 2001.

no imóvel, muitos oferecem também a suíte máster, com amplo espaço e divisórias que permite a instalação de closet e de banheira de hidromassagem.

Mesmo dentro dos empreendimentos de alto padrão, ainda existiam outras formas de diferenciação e exclusividade que eram as coberturas dos edifícios. Com aproximadamente seiscentos a setecentos metros quadrados, contavam com uma ou até duas piscinas e cinco vagas de garagem. Custavam em média mais que o dobro de um apartamento no mesmo prédio. Estava entre os empreendimentos de maior valorização no mercado. “Morar no topo dos edifícios é privilégio para poucos. Com área em média sessenta por cento maior do que os outros apartamentos, as coberturas já custam o dobro nos lançamentos dos prédios luxuosos. Com o tempo de uso, as de alto padrão têm supervalorização mais rápida.”⁶³⁴

A localização dos imóveis desse estilo é uma característica primordial a ser levada em conta. Não apenas estar situada em baixos nobres e zonas valorizadas da cidade. Avenidas muito movimentadas passaram a ser evitadas pelas construtoras como uma exigência do consumidor de alto padrão, que, além de todos os itens acima citados, queriam tranquilidade e distância do barulho e poluição causados pelo intenso fluxo de veículos em vias de tráfego intenso. Ou no último caso, mesmo que situados nessas avenidas ficasse mantida uma certa distância da via, estando à frente a área de lazer, estacionamentos e etc.

Diferenciação e sofisticação não ficavam limitados apenas aos critérios abordados anteriormente. No jogo de marketing, estava a nomenclatura dos edifícios de luxo. Os tradicionais nomes de personalidades internacionais ligados ao mundo intelectual, artistas, escritores e pintores da cena nacional e até local, sempre ligados à grandiosidade de suas obras, assim como nomes de lugares, em uma tentativa clara de valorizar o empreendimento. Para o publicitário Júlio Santana, “as construtoras procuram dar aos seus empreendimentos nomes de personalidades e lugares conhecidos na tentativa de transmitir uma certa ‘aura’ ao empreendimento que facilite a criação de um link para se pensar a comunicação.” Exemplifica o publicitário: “quando você fala que está construindo um empreendimento chamado Beverly Hills, pode remeter as pessoas a sentirem-se verdadeiras estrelas de Hollywood. Quando vendo um Paul Cezanne, posso associar que entregarei uma verdadeira obra de arte.”⁶³⁵

Os estrangeirismos também buscavam conferir uma certa sofisticação aos empreendimentos. Estes buscavam agregar valor ao empreendimento, seguindo conceitos de sofisticação. Uma estratégia não utilizada somente em Teresina, mas presente em todo o país,

⁶³⁴ MORAR nas alturas custa mais caro: coberturas valorizam mais que apartamentos comuns no mesmo prédio. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p.08, 13 jul. 2001.

⁶³⁵ MERCADO usa estrangeirismo. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p.07, 13 jul. 2001.

e de certa maneira faz parte da cultura brasileira a relação entre nomes estrangeiros serem ligados à ideia de requinte e diferenciação, uma herança ainda do período imperial e que perpassou ao longo dos anos até os dias atuais. Nomes em francês eram os preferidos, seja de expressões, lugares ou de personalidades, como Le Corbisier, Champs Elissée.

O teresinense descobriu o prazer em morar em apartamento. [...] A tendência de verticalização da cidade, em especial nas áreas da Ilhotas e do Jockey, mudou a paisagem de Teresina. A estimativa é que nos próximos dois anos a cidade tenha o dobro de edifícios que tem hoje. [...] A cada dia, nas áreas mais nobres da cidade, surgem novos edifícios, chamando a atenção pela modernidade da arquitetura, a beleza do acabamento ou simplesmente pelos nomes exóticos. São condomínios que sugerem o lugar ideal para morar. Pode ser o sonho americano de Beverly Hills, ou a companhia de gente importante como Monzar, Strauss ou o brasileiríssimo Vinícius de Moraes, ou ainda a pompa de um River Play ou Rhodes.⁶³⁶

Durante a década de 1990, Teresina vivenciou a consolidação do processo de verticalização, tanto por uma questão de aceitação dessa nova maneira de morar como pelo crescente mercado de condomínios de apartamentos, chegando a dobrar a cada dois anos o número de empreendimentos na cidade. Esse aumento foi resultado de um conjunto de fatores, dentre eles, o imaginário do consumidor, o fetiche criado em torno de morar em apartamento, com a venda da imagem de modernidade, *status* e segurança. De modo que as construtoras fizeram altos investimentos nesse setor, as imobiliárias apostaram no marketing e no Sistema Financeiro da Habitação – SFH, que tinha como base o autofinanciamento, com parcelas entre 50 e 70 meses, sem a mediação de bancos para financiamentos. O resultado foi o acréscimo de 59 prédios durante a década de 1990, variando de três a vinte e quatro pavimentos, sendo que sete possuíam dezessete andares e já edifícios com vinte um, vinte e três e vinte e nove andares tiveram uma unidade cada.

Teresina chega ao novo milênio nas alturas. Com aumento tanto do número de unidades, contando com 138 edifícios de apartamentos, como de pavimentos. A maioria dos prédios erguidos até 2001 contavam com treze andares. Mas havia um de doze, um de catorze, três de quinze pavimentos e mais três de dezesseis, vinte e vinte e nove.⁶³⁷ Destes edifícios, 38 unidades pertenciam às construtoras Mafrense e Poti, sendo igual a produção de ambas. A Petra vem em segundo lugar com 13 edifícios. As empresas Moana, Social e Engeplan, Jurema e Jet, Habifácil

⁶³⁶ BEZERRA, Lúcia. Apartamentos atraem teresinense: o mercado imobiliário vive um boom e, dentro de dois anos, a cidade terá o dobro de apartamentos que possui hoje. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 10.797, p.09, 03 maio 1995.

⁶³⁷ VERTICALIZAÇÃO se supera em décadas. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p. 15, 13 jul 2001.

e GB construíram 10, 9, 8 e 7 unidades. As obras de outras construtoras ficaram assim distribuídas: MC e Elo Engenharia fizeram 4, Boa Vista, Coesa, Sucesso e Jolle, 3, Soferro, Piauí e Projeção Engenharia, 2, Etapa, Melo Martins e Parente, um edifício cada.⁶³⁸

Para a geógrafa Bastira Araújo da Silva, o processo de verticalização nas zonas Centro e Leste de Teresina possui característica de alto status, apresentando um padrão elitista, ocupados por grupos que apresentam uma certa homogeneidade social e econômica. Diferente da classe mais pobre que foi morar em condomínios populares como Tancredo Neves, Morada Nova, Emílio Falcão ou nos mais recentes Verde Te Quero Verde, Alô Teresina, Solar dos Rios. Esses como foram construídos por programas habitacionais, não dispunham de elevadores, de área de lazer e outros aparelhamentos presentes nos condomínios de alto padrão. A autora elenca os fatores responsáveis pela concentração de edifícios em alguns bairros das zonas leste e centro: a valorização dos terrenos, localização privilegiada, próximo ao Centro e a vias de acesso aos diversos bairros, as amenidades decorrentes da proximidade do Rio Poti, serviços de shoppings centers e de uma boa infraestrutura, aliados à segurança, ao modismo e à comodidade.⁶³⁹

O processo de verticalização, conforme aponta o arquiteto Ricardo Dias, foi incentivada pelo I Plano Estrutural de Teresina, que incentivou a verticalização nas áreas onde havia infraestrutura preparada para esses tipos de imóveis.⁶⁴⁰ A exemplo do sistema de esgoto sanitário que foi fundamental para o crescimento vertical de Teresina. Para o arquiteto Adriano Melo, “O Projeto Sanear veio ao encontro dos interesses das construtoras. Os empreendedores já sabiam disso e para começar as obras foi só um passo.”⁶⁴¹ Já na visão de outro arquiteto, Adriano Melo, deu-se por uma questão econômica também. Argumenta:

em um prédio de 20 andares (dois apartamentos por andar) com 40 unidades de 40m² constrói-se apartamentos na mesma área que caberiam apenas duas casas. Para atender a 40 unidades teríamos que adquirir o mesmo número de terrenos e seriam maiores os gastos com abastecimento de água, energia e esgotos. Em um único local você tem tudo isso. Economiza-se limpeza, lixo, transporte. É benéfico para todo mundo.⁶⁴²

⁶³⁸ VIANA, Bastira Araújo da Silva. A verticalização de Teresina: sonho de muitos e realidade de poucos. 2003. 134 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Geografia) – Universidade Federal do Piauí, 2003.

⁶³⁹ SEGREGAÇÃO de alto status. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p. 13, 13 jul 2001.

⁶⁴⁰ IMÓVEIS privilegiam área privada em detrimento da social. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p. 15, 13 jul 2001.

⁶⁴¹ SANEAR foi bom para as construtoras. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p.08, 13 jul 2001.

⁶⁴² SEGREGAÇÃO de alto status. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p. 13, 13 jul 2001.

Pelas condições de compra dos apartamentos, notamos que esses empreendimentos estavam restritos a uma parcela seleta da população de Teresina. Essas pessoas, como já abordamos, buscavam o que havia de melhor no mercado imobiliário. Os empreendimentos foram ficando cada vez mais sofisticados para atender essa demanda crescente. Um exemplo disso foi o lançamento do Condomínio Beverly Hills, situado na Avenida Marechal Castelo Branco, distribuído em três torres totalizando 72 apartamentos e o primeiro de Teresina a contar com uma área de lazer no formato de clube.

São três torres e um condomínio que ocupam juntos uma área total de treze mil metros quadrados. Com um padrão sofisticado que permite até banheiras com hidromassagens e uma segurança que mantém vigias diuturnamente. Os privilegiados que comprarem terão à disposição áreas de lazer com clubes, piscinas para crianças e para adultos, salão de festas (um em cada torre), playground, quadras poliesportivas, salão de jogos, salas de ginásticas e saunas. O sistema de segurança contra incêndio permite até portas especiais ‘corta-fogo’ e câmaras de exaustão.⁶⁴³

Porém, a expansão de prédios de condomínio não ficou restrito apenas ao alto padrão. No final da década de 2000, o mercado imobiliário de Teresina, nesse setor, passou por um intenso crescimento impulsionado pela chegada de novas construtoras e as facilidades nas formas de financiamento.

Há cinco anos atrás, as construtoras erguiam os prédios e elas mesmas financiavam os apartamentos. Com a chegada de construtoras de outros estados e até de outros países como Portugal e Espanha, que já fazem investimentos na cidade, os bancos se interessaram em criar linhas de crédito para o financiamento de imóveis. Atualmente é possível comprar um apartamento e pagá-lo em até 240 meses. [...] em uma dessas empresas a meta é construir 200 apartamentos todos os anos, com investimento na ordem de R\$ 10 a 15 milhões.⁶⁴⁴

O mercado nordestino encontrava-se aquecido pela recuperação da economia e a capital do Piauí estava inserida nesse contexto. A maioria dessas construções atendem às exigências de um público que compõe a classe média, com renda de até oito mil reais. Sendo a zona leste da cidade a área de preferência para esse tipo de investimento, por deter uma infraestrutura considerada boa, que inclui comércio, restaurantes, shoppings e colégios, por exemplo. Com a finalidade de atender a esse público, as construtoras passaram a inovar e apostar em um novo

⁶⁴³ CONDOMÍNIO mais sofisticado de Teresina está concluído. *Diário do Povo*. Teresina, ano v, n. 1.254. p. 03, 24 jan 1992.

⁶⁴⁴ NOGUEIRA, Juliana. Verticalização de Teresina aponta um forte crescimento. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.534. p. 11, 10 jun 2007.

conceito de moradia, que priorize os pequenos apartamentos de até oitenta metros quadrados, porém bem distribuídos, com material de boa qualidade e áreas de lazer como atrativos.

Com o processo de verticalização vigente na cidade, chegou a influenciar outro setor imobiliário, voltado para a rede de hotelaria de alto padrão. O Metropolitan Hotel é um exemplo. Um empreendimento da construtora Mafrense, localizado na Avenida Frei Serafim, a principal da cidade, situado no Centro, possui 124 apartamentos, distribuídos em doze andares, contendo quinze pisos no total, uma vez que possui dois subsolos para garagens e o térreo onde fica a recepção, com 6.800m² de construção. O hotel enquadra-se na linha dos prédios inteligentes, por contar com vários aparelhamentos tecnológicos de última geração. Todos os apartamentos são providos de pontos de internet e cofres controlados eletronicamente. As portas são abertas com cartões magnéticos. As luzes acendem automaticamente ao abrir as portas. O ar quente das centrais de ar condicionados são aproveitados no aquecimento dos chuveiros elétricos.

O acabamento do hotel é de primeira linha, com boa parte dos materiais ali utilizados foram importados da Itália. A fachada era imponente com espelhos e mármore de carrara também presente na recepção. Para o engenheiro responsável pela obra, Fernando Fortes, “o Metropolitan Hotel é a síntese da sofisticação e modernidade arquitetônica em Teresina, no Nordeste e no Brasil.”⁶⁴⁵ O hotel, apesar de ter sido bem recebido por parte da população da capital, que se ressentia em não possuir estabelecimentos como esse de alto padrão para os visitantes. Dessa forma, o empreendimento vinha cobrir essa lacuna. Por outro lado, houve moradores que foram contrários ao empreendimento, sobretudo pela localização, situado próximo de prédios tradicionais como a Igreja São Benedito, o Convento São Bento, o Colégio Sagrado Coração de Jesus e a sede episcopal. Na pesquisa realizada pelos arquitetos Martha Rossielle Guerra Viana e Moisés Pires de Sousa sobre a percepção da formação ambiental da Avenida Frei Serafim a partir do ponto de vista dos seus usuários, chegaram à conclusão que

As construções mais recentes, citadas pelos usuários como, por exemplo, o Metropolitan Hotel, o edifício da Casa Pintos e o edifício da Delegacia Regional do Trabalho, estão inseridos em seu imaginário como sinônimo de modernidade da cidade de Teresina. Porém, alguns usuários percebem tais edifícios como que situados fora do contexto do cenário urbano da avenida, são peças isoladas inseridas no local sem integração com o acervo arquitetônico situado ao longo da avenida.⁶⁴⁶

⁶⁴⁵ METROPOLITAN sintetiza a sofisticação arquitetônica. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p. 15, 13 jul 2001.

⁶⁴⁶ VIANA, Martha Rossielle Guerra; SOUSA, Moisés Pires de. A imagem da Avenida Frei Serafim. In: INSTITUTO CAMILO FILHO. *História da Arte e da Arquitetura no Piauí*. Teresina: Instituto Camilo Filho, 2005.

A busca incessante por segurança também estava no centro das decisões dos moradores conforme aponta a matéria de jornal: “Muitos moradores desses edifícios têm casas em outros bairros da cidade, mas optaram por morar em apartamentos por uma questão de segurança.”⁶⁴⁷ Sitiados com altos muros e contando com a presença de guaritas, com porteiros que limitam a entrada, ou até mesmo a presença de seguranças armados, os condôminos ainda recorriam a empresas de segurança e de vigilância, que também dispunhas de câmaras de segurança e de sistemas de monitoramento 24 horas por dia.

O Ilhotas vive entre muros, são muros altos guardados por vigilantes. Com os grandes espaços que dispõem constroem as quadras esportivas, as piscinas para os seus filhos não ganhem a rua. O contato com o mundo exterior só acontece quando os carros esperam que as garagens sejam abertas. [...] Para um bairro elegante, os detalhes condenam o Ilhotas. As belas casas e condomínios de apartamentos ostentam sacos de lixo no alto de seus muros. Esperam até duas semanas para que os caminhões da coleta de lixo os retirem. O cheiro forte de lixo desperta a atenção de quem passa pela rua Mato Grosso. [...] Os moradores do condomínio resolveram a questão do lixo dos seus apartamentos, despejaram em um terreno baldio em frente ao prédio do condomínio. Só tem uma desvantagem. Um terreno baldio com lixo não é uma vista para se contemplar em uma manhã de sol.⁶⁴⁸

Mesmo com os muros altos e a presença de guaritas com vigilância humana e eletrônica especializada, os moradores não conseguem livrar-se completamente dos problemas urbanos. A insegurança é apenas um deles. Ruas quase desertas e mal iluminadas impediam que o transeunte circule livremente, sem o risco de sofrerem intercorrências desagradáveis. Outras dificuldades giram em torno da falta de saneamento básico e da intensa presença de espaços vazios. Com a ineficiência da coleta de lixo que gerava sujeira e mal cheiro em terrenos baldios que acabavam por funcionar como verdadeiros lixões a céu aberto próximo aos condomínios.

Outro problema relacionado à presença de prédios, situados em sua maioria, na orla do Rio Poti diz respeito a uma questão ambiental ainda mais grave. Trata-se dos esgotos que carregavam os dejetos e águas servidas desses empreendimentos que eram despejados no rio sem tratamento adequado, gerando um problema ao meio ambiente de proporções gravíssimas, exigindo do poder público uma intervenção imediata e enérgica como destaca uma matéria de um periódico local.

⁶⁴⁷ FAMÍLIAS buscam segurança morando em apartamentos. *Diário do Povo*. Teresina, ano V, n. 1.341. p. 09, 1/2 maio 1992.

⁶⁴⁸ ILHOTAS: onde o luxo convive com o lixo nas ruas e calçadas. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.234. p.02, 1º fev 1990.

A Secretaria Estadual de Meio Ambiente e de Recursos Hídricos está fiscalizando para saber o destino dos dejetos dos edifícios residenciais, localizados na Avenida Marechal Castelo Branco, à margem do Rio Poti. A Semar resolveu fazer esse trabalho por causa do alto índice de poluição do rio, no trecho entre [os bairros] Ilhotas zona Sul e Primavera, Norte. A situação se agravou depois da construção dos edifícios de apartamentos. Um dos objetivos é orientar os proprietários dos prédios a elaborar um projeto de esgotamento sanitário – o que é obrigatório por lei – antes de despejar dejetos no rio. E para evitar que o problema se agrave, está sendo exigido dos construtores e donos dos prédios localizados as margens do rio que entreguem o projeto de esgotamento a Semar.⁶⁴⁹

A matéria evidencia um grave problema relacionado à presença de prédios de apartamentos residenciais e o aumento da poluição do rio Poti, assim como a negligência com as leis ambientais, como o abordado, o projeto de esgotamento sanitário deve ser apresentado anteriormente a construção dos prédios. Havendo uma inversão, uma vez que apenas após a construção de algumas unidades é que o poder público veio tomar providências. Isso reforça que o crescimento urbano de Teresina, mesmo em áreas nobres, dava-se de forma desordenada e sem a devida fiscalização.

O desrespeito às leis é retroativo à própria construção dos prédios situados na orla do rio Poti. O Ministério Público Federal impetrou uma ação contra a ocupação irregular das margens dos rios Parnaíba e Poti. Segundo o órgão, os registros de imóveis que se situarem a cem metros da margem do rio não possuem validade, por se tratar de uma área de preservação ambiental e de domínio da União. Alguns proprietários de condomínios de apartamentos situados na Avenida Marechal Castelo Branco que se encaixassem nesse critério teriam problemas com os registros dos imóveis. Uma das possibilidades era a exigência da derrubada dos imóveis em situação irregular, medida menos apropriada, a outra era a cobrança do laudêmio, imposto cobrado quando se ocupa terreno foreiro, por parte da União aos proprietários dos apartamentos nestas condições.⁶⁵⁰

Muitos estudos do urbano buscam solucionar esses problemas, tais pesquisas dizem respeito a como as cidades podem ser espaços seguros e aprazível para a convivência urbana. Uma linha segue os modelos de espaços segregados, com a instalação de aparelhamentos de segurança e a presença de muros como forma de superar tais problemas. A antropóloga Jane Jacobs defende exatamente o contrário. Ela afirma que os muros retiram as pessoas dos espaços

⁶⁴⁹ EDIFÍCIOS jogam os dejetos no rio Poti. *Diário do Povo*. Teresina, ano VIII, n. 2.922, p.02, 18 jan 1997.

⁶⁵⁰ COELHO, Luciano. Prédios da Avenida Marechal Castelo Branco estão ilegais. *Diário do Povo*. Teresina, ano XX, n. 7.544. p. 11, 20 jun 2007.

públicos, local privilegiado de convivência mútua. Uma defensora ferrenha da vida nas ruas, ela afirma que, ao ocuparem esses espaços, as pessoas tornam-se guardiãs deles, vigiando e combatendo atitudes antissociais, são promotores mais eficazes de segurança dos que os demais aparelhamentos utilizados. Essa ocupação do espaço urbano deve ser potencializada por um desenho urbano adequado, que estimule a diversidade de atividades, garantindo movimentação nos mais diversos horários seja do dia ou da noite.⁶⁵¹

Apesar do intenso crescimento dessa nova forma de ocupar o solo urbano por meio de condomínios fechados de apartamentos e uma considerável aceitação por parte da parcela da população teresinense que tinha condições financeiras de acessar esses empreendimentos, havia aqueles não muito afeitos à novidade ou até mesmo contrários a essa expansão. Para um periódico local, “morar em apartamento é a nova alternativa do teresinense. Este hábito surpreendeu, pois a cidade oferece muitas áreas verdes, onde pode-se refazer do calor. Mas o mutuário dá preferência por conta da segurança.”⁶⁵² Para o arquiteto e urbanista Gerson Castelo Branco, esse crescimento em ritmo acelerado é “um verdadeiro absurdo, a verticalização de uma cidade que tem espaços horizontais à vontade e talvez o metro quadrado mais barato do país.”⁶⁵³ O excesso de áreas livres, inclusive em zonas valorizadas da cidade, e a presença de áreas verdes, tornava para essas pessoas, desnecessária a implantação de condomínios de apartamentos na capital. Revelando a escolha tratar-se de uma necessidade construída pelos detentores do capital que seguiam os novos parâmetros de urbanismo dos grandes centros, e menos uma necessidade real.

A vida urbana passava por modificações significativas. O medo gerado pela sensação de insegurança levou os moradores das classes mais abastadas a buscar nos enclaves urbanos uma solução mais segura de moradia para a família, sobretudo com espaços de lazer seguros para as crianças. Conforme o relato do síndico do condomínio Vila Tropical, Paulo Lustosa, “as crianças que moram em condomínios fechados têm maior oportunidade de viver num ambiente saudável, seguro e de integração com outras crianças porque a maioria deles tem um espaço reservado ao lazer, com quadras de esportes e piscina.” Já a moradora do Residencial Tatiana, Maria de Jesus Soares, afirma sentir-se incomodada e afirma que “a liberdade das crianças nos condomínios fechados também precisa ser vigiada. [...] disse a moradora

⁶⁵¹ JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

⁶⁵² CONDOMÍNIO fechados atraem teresinense. *Diário do Povo*. Teresina, ano III, n. 1.034. p. 09, 19 abr 1991.

⁶⁵³ TERESINA beneficiada por dois rios poderia estimular a criatividade urbanística. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.445. p. 13, 19 out 1990.

mostrando o desejo de mudar-se para uma casa mais espaçosa.”⁶⁵⁴ Mas, para além de trazer novas configurações espaciais, elas também reconfiguram vivências e hábitos dos seus moradores, que buscam, no isolamento dos muros, a proteção contra a violência da cidade.

Teresina ainda não é uma capital cosmopolita, mas apresenta desníveis sociais gritantes que chegam ao auge em determinadas zonas. Na sua maioria famílias que já ocuparam bangalôs na zona leste, mas que deixaram os espaços e arborizados quintais e a conhecida vizinhança, optando pelo modernismo da panorâmica visão dos shoppings, da Potycabana e do Parque Ambiental Poti II. Mas também da poluição do rio Poti. [...] A clausura claustrofóbica, nos vazios dos corredores ou nos elevadores, sem a intercomunicabilidade entre os condôminos, apesar do nivelamento cultural e socioeconômico, gera a incompreensão bem próxima do ódio. Afinal, morar nessa contraditória selva de concreto, furta a amistosidade, mas sacia o orgulho. Mas convenhamos essa caríssima vaidade é também uma imposição do mundo moderno e materialista. Nos condomínios de luxo quase sempre inexitem a solidariedade e a política da boa vizinhança. [...] nesse clima cheio de conforto e de fartura também imperam a tensão e a desconfiança. A desconfiança com o próximo que está no olho mágico das portas, nos interfonos, nas guaritas das portarias e até nos sofisticados sistemas de alarmes e de circuitos internos de televisão.⁶⁵⁵

Na visão desse jornalista, o processo de verticalização trouxe por um lado segurança e distinção social, mas, por outro deixou de legado o isolamento e o distanciamento das relações sociais de vizinhança. Observamos que, nesse novo modelo, o viver em comunidade recebe uma sentença de morte, principalmente quando associado aos novos espaços ocupados pelas elites dominantes. Utilizamos aqui o termo “comunidade” como espaço de convivência mútua, de relações de reciprocidades e de autoajuda, de confiança e de liberdade, de reconhecimento de uma identidade marcada por interesses em comum a um determinado grupo. Essa nova sociedade, pelo contrário, apresenta-se marcada pelo distanciamento, indiferença e desengajamento. Nela as pessoas vivem isoladas em pequenos “burgos” cercados, intensamente guardados e vigiados eletronicamente.⁶⁵⁶ Outro jornalista também deixou suas impressões sobre essa nova Teresina que ora desenha-se.

As cidades estão se tornando lugares acima da compreensão dos seus cidadãos. Quanto mais elas se tornarem indecifráveis mais os cidadãos tendem a se retirar da vida em comunidade para se isolar em um mundo privado e limitado. A vida comunitária é muito pobre nas áreas de verticalização. [...]

⁶⁵⁴ CRIANÇAS melhoram integração nos prédios. *O Dia*. Teresina, ano XLV, n. 11.134. p.09, Cad. 2 - Cidade, 13 abr. 1997.

⁶⁵⁵ HOLANDA, Montgomery. Verticalização tira espírito humanitário. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 3.050, p.04, 01 jun 1997.

⁶⁵⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Uma cidade não é uma entidade autônoma e impessoal. Uma cidade como Teresina deveria ter lugares mágicos, onde fosse possível viver na fantasia e escapar da mundanidade do dia-a-dia de viver e trabalhar, uma espécie de teatro, no qual as pessoas pudessem mostrar-se e ver outras. Em Teresina são encontrados locais de cunho comercial sem inspiração ou qualidade.⁶⁵⁷

À procura desse sentido de comunidade era mais presente nos loteamentos fechados e condomínios horizontais, uma vez que estes ofereciam uma maior área de convivência entre iguais. O primeiro loteamento e condomínio horizontal de Teresina surgiram na década de 1990, Mansão dos Morros, em 1991, localizado no Bairro dos Morros, e Jardins de Fátima, no Bairro de Fátima, em 1997, respectivamente. Apenas na década seguinte, os empreendimentos desse ramo voltam a configurar dentro do espaço urbano da cidade, com o Village Residence (renomeado posteriormente para Village Horizonte), em 2000, Tropical Parque I e II, em 2002, o primeiro feito por uma incorporadora do seguimento, a Tropical Construtora, voltando a consolidar-se apenas a partir de 2008.⁶⁵⁸ Até o ano de 2010, período final do nosso recorte temporal, a capital contava com 31 desses empreendimentos, sendo 7 em formatos de loteamentos e 24 constituídos de casas térreas ou duplex. Sendo a grande maioria concentrados na Zona Leste da cidade, com 25 unidades, sendo 6 loteamentos e 19 de casas.⁶⁵⁹

É importante ressaltar que Teresina já passara por uma experiência de construção de cidade-jardim ainda na década de 1940. Em uma área situada na região leste da cidade, afastada cerca de dez quilômetros do Centro, à época fora do perímetro urbano da capital. A região era de topografia acidentada, com presença de minérios e de lençóis freáticos rasos, que favorecia a ocorrência de fontes naturais de água mineral, densamente arborizada, com estoques de terrenos de grande porte extensivo, sendo a unidade mínima de venda de um hectare. Um empreendimento da Sociedade Construtora Poti Ltda. - SOCOPO, projetado pelo engenheiro piauiense Elói do Egito Coêlho, tinha por finalidade oferecer um local aprazível, com temperaturas mais amenas e presença de áreas verdes apresentando-se como uma alternativa às altas temperaturas das regiões centrais, o estresse e o barulho da capital.⁶⁶⁰

⁶⁵⁷ ALÉM do fato. *Diário do Povo*. Teresina, Ano XIV, n. 5.388, p.07, 13 jul 2001.

⁶⁵⁸ NOGUEIRA Rochelle Hermenegilda Nunes; NASCIMENTO, Isabela de Araújo Nascimento e LOPES, Wilza Gomes Reis. *O surgimento e evolução dos condomínios horizontais em Teresina, Piauí*. Relatório de Pesquisa do Projeto de Iniciação Científica PIBIC-UFPI. PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG, Coordenadoria Geral de Pesquisa – CGP PDF.

⁶⁵⁹ SILVA, Guilhermina Castro e *et al.* Presença de condomínios horizontais e loteamentos fechados nas cidades contemporâneas: expansão e transformações do espaço urbano de Teresina, Piauí. *Geosul*, Florianópolis, vol. 30, n. 59, jan./jun. 2015. p. 167-187.

⁶⁶⁰ BRAZ E SILVA, Ângela Martins Napoleão. *Entre rios: a modernização e o crescimento da cidade de Teresina (1889- 1940)*. 2011. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

O empreendimento fracassara devido à baixa procura, não possuindo nicho para esse setor no período. Com o crescimento espacial da cidade, essa região passou a ser incorporada ao perímetro urbano, guardando as características com as quais foi criada: o bairro teve sua nomenclatura herdada da antiga construtora e os lotes permaneceram espaçosos. Essa última característica acabou por proporcionar a construção de condomínios e loteamentos fechados de alto padrão posteriormente, por contar com estoques de terrenos necessários para os novos empreendimentos habitacionais implantados em meados do século XXI, a exemplo encontra-se o *Aldebaran Ville* situado nessa região.

Num quadro de arrefecimento das relações comunitárias, o pequeno grupo dos “burgos” busca reconstruir os elos perdidos do que seria viver em comunidade. Dessa forma, surgem os condomínios de luxo fechados, que oferecem uma vida mais próxima da natureza, com conforto, segurança e liberdade, distante das mazelas sociais, protegida dentro dessa redoma fortificada. Mas, ao contrário do que se propagandeiam, esses espaços guardam significativas distâncias em relação àquilo que sócio-antropologicamente podem ser qualificadas como comunidades humanas.

Tratando do fenômeno de implantação de empreendimentos residenciais fechados em Cotia, região metropolitana de São Paulo, Ana Fani Alessandri Carlos analisou a reprodução do espaço urbano provocado pela implementação de vários espaços residenciais fechados, tendo como estudo de caso o empreendimento Granja Viana, iniciado na década de 1950 e que teve sua consolidação nos anos de 1970. A autora revela por meio de suas pesquisas que o condomínio Granja Viana guardava em sua proposta inicial uma vida em comunidade, mas que a mesma desaparece com a chegada de novos moradores oriundos da cidade de São Paulo.

O comportamento geral é o de desconhecimento entre os moradores, fruto da mudança de perfil de seus habitantes. As pessoas que se mudaram pra Granja atualmente, constroem mansões com imensos muros ao redor, põem grades nas janelas, fecham-se em si próprias. [...] O muro é o símbolo que representa o afastamento entre as pessoas; é o bloqueio da comunicação. [...] O muro marca a passagem de uma vida até certo ponto comunitária à individual.⁶⁶¹

A vida pública moderna passou por alterações significativas com a inserção dos espaços públicos, mas não civis, de que nos fala Bauman, evidenciados por shoppings centers e condomínios fechados. Reinaldo Lindolfo Lohn, ao estudar as formas de segregação urbana e espaço público em Florianópolis - SC, afirma que, “é o caso da constituição de espaços urbanos

⁶⁶¹ CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP-SP, 2008. p. 164 e 165.

que tende a restringir e redefinir a esfera pública, privilegiando a segurança privada e a intimidade e tendo na segregação espacial um instrumento de constituição de uma nova cultura política, com aspectos de incivilidade e agressão”.⁶⁶²

A modernização das estruturas urbanas de Teresina também encontrava outros entraves, não ocorria em sua plenitude porque os aparelhamentos de infraestrutura funcionavam de uma maneira deficitária. Dessa forma, o processo de verticalização da cidade enfrentava uma série de problemas das mais variadas ordens. Fazia-se necessário uma atualização do Código de Edificações do Município, uma vez que o que estava em vigor havia sido elaborado, em 1978, quando Teresina ainda não vivenciava o processo de verticalização, estando obsoleto. Não possuía itens específicos para a prevenção de incêndio em prédios muito altos, como por exemplo, escadas de incêndio.⁶⁶³ Sobre esse assunto, as deficiências também do Corpo de Bombeiros da capital eram incomensuráveis, como alertou o presidente do Sindicato das Indústrias da Construção Civil no Piauí, o engenheiro Francisco Reinaldo Rebelo Sampaio:

Teresina vem atravessando, ao longo dos últimos anos, uma fase de crescimento onde os edifícios residenciais e comerciais concedem um aspecto de desenvolvimento à cidade, além de contribuir para a geração de empregos, ocupando um expressivo contingente de mão-de-obra não qualificada, ajudando a diminuir os níveis de pobreza. Entretanto, é preciso pensar na segurança da cidade e, para isso, se faz urgente o reaparelhamento do nosso Corpo de Bombeiro.⁶⁶⁴

As reclamações fundamentavam-se em um relatório minucioso realizado pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil no Piauí em parceria com o próprio Corpo de Bombeiro. “O Corpo de Bombeiro funciona precariamente, tem apenas 248 homens, apenas 26% do efetivo previsto. Conta com só quatro viaturas de combate a incêndios e três de salvamento. O problema maior é os edifícios, só tendo equipamentos para atender até o quarto andar.”⁶⁶⁵ O documento apontava as deficiências do órgão, estando entre elas a inexistência de equipamentos específicos de combate a incêndios em edifícios, como, por exemplo, plataformas para incêndios aparelhadas com escadaria e mangueiras adequadas, além de aparelhamento como roupas antichamas e a implantação de maior quantidade de hidrantes na cidade.

⁶⁶² LOHN, Reinaldo Lindolfo. Segregação urbana e espaço público: o caso de Florianópolis (SC) – 1960-2005. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. MONTE, Regianny Lima (Org.). *Cidade e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2009. p.247.

⁶⁶³ CRESCIMENTO vertical de Teresina não tem garantias de segurança. *O Dia*. Teresina, ano XL, n. 9.649. p.09, Cad. 2 - Cidade, 04 jul 1991.

⁶⁶⁴ O DIA, 1997, p.09.

⁶⁶⁵ BOMBEIROS preparam códigos contra incêndios. *Diário do Povo*. Teresina, ano X, n. 2.982, p. 09, 22 mar 1997.

A tendência por edificações em orlas seja elas marítimas ou fluviais, como no caso de Teresina, na busca de temperaturas mais amenas e presença de elementos da natureza que trouxesse equilíbrio e leveza aos elementos pesados do concreto no qual eram edificados, os condomínios também enfrentavam outro tipo de problema. O processo de verticalização criava uma barreira artificial que impedia a circulação de ventos, sobretudo, no centro de Teresina, uma vez que os prédios de condomínios foram construídos nos bairros Ilhotas e Cabral. Geógrafos e ambientalistas chamavam a atenção em seus estudos e análises sobre o clima na capital e o aumento das temperaturas verificadas, principalmente, no centro da capital.

O piloto aposentado Roberto Meneses publicou um livro de fotografias aéreas de Teresina intitulado “Teresina vista do céu”.⁶⁶⁶ A publicação contava com quarenta imagens que procuravam captar as transformações urbanísticas que a cidade passara nos últimos anos. A finalidade do livro, conforme o autor era “fazer com que os habitantes refletissem a respeito do crescimento de Teresina.”⁶⁶⁷ É evidenciado, portanto, o processo de verticalização, com a implantação de prédios residenciais nas zonas Centro e Leste, e espacialização, com crescimento do número de bairros residenciais implantado na cidade. O autor constata, ainda, que o verde está sumindo no centro da capital, onde antigas residências contavam com árvores frondosas em seus quintais, que foram sendo cimentados. O aterramento das lagoas ciliares na zona Norte e próximo ao Parque Zoobotânico e áreas de grande desmatamento também foram verificadas. Em contraponto, Meneses observa que as avenidas estão mais arborizadas.

Sobre o processo de verticalização, o fotógrafo aborda as mudanças ocorridas nas paisagens naturais, a exemplo da orla do rio Poty, anteriormente, utilizada para banhos e lazer nos fins de semana, passando a densa ocupação com prédios de condomínios de apartamentos residenciais e a inserção de shoppings modificando completamente a paisagem natural desse local da cidade. A imagem a seguir traz um demonstrativo disso. Para o autor, as construções assumem um aspecto opressor sobre o rio, como um tipo de limite ou barreira. O processo de crescimento urbano, por vezes encurrala os encantos naturais da cidade, como é o caso desse trecho do rio Poti.

Outro problema abordado sobre o processo de verticalização da cidade trata-se da convivência de espaços modernos com ambientes sem infraestrutura, como as favelas e vilas. Aspecto presente no bairro Ilhotas em Teresina, no qual os primeiros habitantes disputam espaços com suntuosos condomínios de luxo. A valorização dessa área e o progresso repentino

⁶⁶⁶ MENESES, Roberto. *Teresina vista do céu*. Teresina: Funcor, 2005.

⁶⁶⁷ A BELEZA da cidade verde vista do céu. *Diário do Povo*. Teresina, ano XXVIII, n. 6.772, p. 11, 28 abr 2005.

desse bairro é uma consequência de investimentos tanto do poder público como de empresas privadas nas proximidades do rio Poti. A exemplo da construção do Parque Potycabana, dos dois shoppings center, áreas de lazer e comércio interligadas por largas avenidas e pontes como a Juscelino Kubitschek e a Ponte Wall Ferraz, aliados ainda à proximidade do centro de Teresina. Apesar desse processo de valorização dessa área, ainda é visível na paisagem do bairro a convivência com residências simples de antigos pescadores.

Teresina está apresentando muitos contrastes urbanos. No bairro Ilhotas por exemplo existem muitos edifícios, contrastando com centenas de pequenos casebres e mesmo assim a área é uma das mais valorizadas. Apesar da tentativa das construtoras de conseguirem imóveis de antigos moradores do Ilhotas, a maioria ainda resiste entre imponentes condomínios. É que o prazer de morar na área mais nobre da cidade fascina a todos, principalmente que chegou primeiro e acompanha todo o processo de mudança. Mantendo bares, hospedarias, velhos mercados e até roçados. Os velhos moradores sentem-se à vontade com os novos vizinhos. Mas os donos de origem e os novos habitantes não se visitam. A pavimentação cobrada na periferia da cidade deixou de ser problema para as pessoas simples devido a influência de muitos moradores dos apartamentos, alguns deles renomados políticos. Apesar das conquistas esse bairro ainda tem muitos problemas nos mais diversos setores. Uma linha de ônibus, passando por dentro da comunidade, é a maior reivindicação das famílias mais carentes e pioneira da área. Elas também querem posto de saúde e escolas públicas de qualidade.⁶⁶⁸

Essa área, por se tratar de um local bem centralizado, próximo à área ribeirinha passou por um processo de valorização influenciada ainda pela implantação de aparelhamentos como o Parque Potycabana, visto no segundo capítulo deste trabalho, e pelas inserções dos shoppings center nas proximidades contribuíram enormemente para o processo de gentrificação que ocorreu no bairro Ilhotas.

Apesar desse processo de valorização dessa área, ainda é visível na paisagem do bairro a convivência com residências simples de antigos pescadores, que resistiam aos intensos processos de mudanças ali vigentes. Essa região, apesar de muito próxima do centro histórico que também é o centro comercial e administrativo da cidade, está situada ao lado de tradicionais bairros tidos como populares, como o bairro Piçarra, composto de uma população majoritariamente de menor poder aquisitivo, formada por pequenos comerciantes e vendedores de frutas e produtos artesanais. De modo que, essa região apresentava um contraste na paisagem urbana, como é possível verificar na imagem a seguir:

⁶⁶⁸ ODIA, 1997, p. 9.

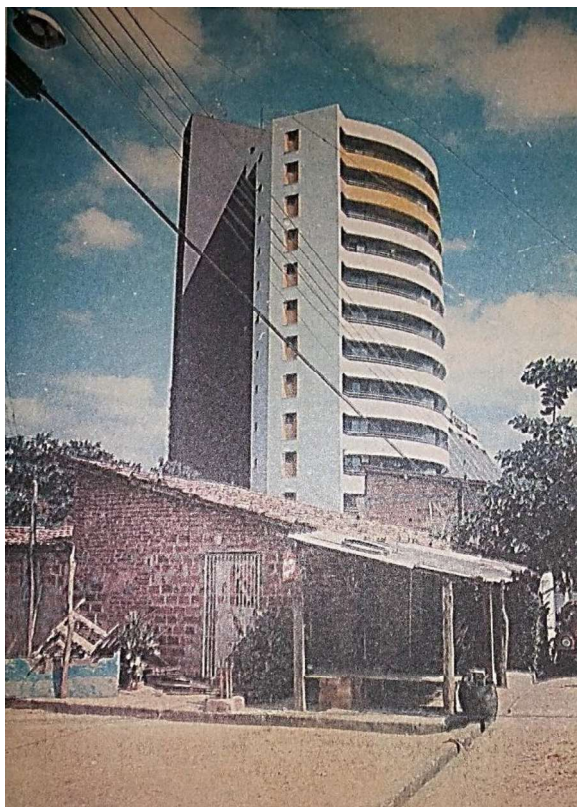


Foto 19: Vista do Bairro Ilhotas
Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 15 set. 2016, p.03

A apropriação dos espaços dá-se de forma diferenciada nesse bairro. Se por um lado, a chegada de novos moradores e a conseqüente valorização da área trouxe alguns benefícios como a pavimentação das ruas, para servir às necessidades dos residentes dos condomínios de luxo, como uma forma de escoamento dos seus automóveis, por outro, elementos essenciais aos moradores mais carentes como transporte público e atendimentos básicos de saúde e educação continuam na pauta das reivindicações. Notamos que a convivência entre esses moradores não se dá de forma harmônica. Se por um lado a chegada de elementos urbanísticos e a própria valorização da área é bem vista pelos velhos moradores, por outro a resistência desse incomoda os novos moradores, que os vêem como um empecilho ao projeto de instalar ali uma área nobre da cidade.

Por outro lado, problemas mais graves encontravam-se instalado na margem esquerda do rio Poti, ao lado da Av. Marechal Castelo Branco. Cerca de 40 famílias instalaram-se nesse local acerca de vinte e cinco anos atrás. A área é de responsabilidade da Capitania dos Portos, por se tratar de uma área ribeirinha. Os casebres ocuparam parte da margem do rio, construídos de taipa e cobertos de palha, formado por no máximo dois cômodos, sem qualquer aparelhamento de saneamento básico ou banheiros. Os moradores usavam o rio tanto para o banho e para fazerem suas necessidades fisiológicas, como forma de tirar a sobrevivência dali, seja por meio da pesca, do lavado de roupas, ou ainda,

cultivando feijão, mandioca, milho, melancia, banana e hortaliças, seja para o próprio consumo ou para vender.⁶⁶⁹



Dezenas de casebres se espremem entre a urbanizada avenida Marechal Castelo Branco e o rio Poti

Foto 20: Contraste na Av. Marechal Castelo Branco em 1991

Fonte: Jornal *O Dia*, Teresina, 22/23 set 1991, p. 01

A imagem é reveladora quanto ao contraste existente em Teresina em relação ao crescimento desordenado pela qual a cidade passou nas últimas décadas. Se por um lado os arranha-céus ampliavam os horizontes dos seus moradores que acreditavam estarem vivenciando a maneira mais moderna e sofisticada de residirem na cidade, também estavam sob suas vistas as ambiguidades desse processo, retratado na vista panorâmica entre a avenida urbanizada e as belezas naturais do rio Poti, quebrando a harmonia paisagista daquela área. Já por outro campo de visão, estavam os moradores daquela favela, espremidos entre a avenida e o rio. Com elementos da modernidade, asfalto, energia elétrica, grandes condomínios de luxo, como o Beverly Hills, visível na parte direita da imagem, tão perto de suas vistas e tão distantes de suas realidades. Sabiam que eram mal vistos e indesejados pelos vizinhos abonados.

Por se tratar de uma área de valorização em ascensão da cidade, o poder público não demorou a tomar providências no sentido de extirpar da paisagem urbana daquele local os casebres. Uma vez que a área ocupada ficava em frente ao Prédio da Assembleia Legislativa, do Centro de Convenções, da Associação Comercial do Piauí e do Condomínio Beverly Hills. A medida foi tomada pela Empresa Teresinense de Desenvolvimento Urbano – ETURB que lançou um projeto de urbanização da área, compreendida entre os bairros Ilhotas e Primavera,

⁶⁶⁹ URBANIZAÇÃO tira favelados da margem do rio Poti. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9.482, p. 07, 08,09 e 10 dez 1990.

seguindo o leito da Av. Marechal Castelo Branco. A área de preservação ambiental passava a contar com um calçadão, com pistas de *cooper* e ciclovias, campo de futebol, quadras esportivas, restaurantes, lanchonetes, *playground*, arborização e jardinagem. A ideia era tornar a área aprazível e que servisse ao lazer dos moradores dos condomínios situados nas proximidades.⁶⁷⁰

É interessante notar que mesmo com o intenso processo de modernização pela qual a capital vem passando nos últimos anos muitos elementos do passado ligados à vida rural continuam a existir lado a lado nos dias atuais, bem mais do que uma sobrevivência, mas como uma persistência. Passado e presente, rural e urbano, antigo e moderno entrelaçados na feitura do espaço urbano. Essa relação diacrônica traz marcas espaciais para a cidade, muitas vezes inusitadas surpreendendo e/ou incomodando o observador mais arguto, como a presença de um sítio e suas instalações rústicas, com cavalos e bois pastando tranquilamente, ao lado da Ponte Wall Ferraz, que liga o Centro-Sul à Zona Leste, área nobre da cidade. Compondo uma imagem ao mesmo tempo bucólica e burlesca, uma vez que traz ao fundo a visão dos arranha céus e do Teresina Shopping, os ícones da modernidade urbana atuais.

Nessa mesma região, em uma área próxima ao Parque Poticabana, e onde ao lado do Shopping Riverside, é possível ver uma roça sendo cultivada por um morador das proximidades como é destacada na matéria veiculada no Jornal O Dia, em 08 de abril de 1996.



Foto 21: Roça no perímetro urbano de Teresina

Fonte: Jornal *O Dia*. Teresina, 08 abr. 1996, p.01.

⁶⁷⁰ RIO Poti ficará mais belo com urbanização. *O Dia*. Teresina, ano XXXIX, n. 9. 475, p. 09, 30 nov 1990.

Na maioria dos casos a permanência de dessas práticas rurais no tecido urbano está ligada, como no caso anterior à busca pela sobrevivência, como o plantio de alimentos faz parte de sua experiência de vida, acabam por perpetuar essa prática nos locais que habitam independentes de serem rurais ou não. Sobre esse tipo de contraste presente na paisagem da cidade, Luiz Felipe Falcão afirma que pode ser interpretado “como uma cicatriz rural no tecido urbano”⁶⁷¹, como uma marca que teima em persistir, evidenciando como as rápidas transformações não são implementadas em sua plenitude.

Outro exemplo desse contraste urbano era visível em um bairro próximo, situado na zona leste da cidade, onde o problema se repetia. No bairro Noivos, uma área de crescente valorização após a implantação do Teresina Shopping, os moradores de classe média do condomínio de luxo Villa Lobos, um prédio de quinze andares, conviviam lado a lado com a pobreza da Vila do Céu.



Foto 22: Contraste urbano no bairro Noivos
Fonte: Jornal *Diário do Povo*, Teresina, 13 jul 2001, p. 06

Um jornalista de um periódico local registrou em imagem e palavras mais essa incongruência do processo de verticalização em Teresina. “Os moradores do Vila-Lobos veem das alturas a miséria da superfície, insuportável para eles, uma vizinhança como essa. Uma vala de esgoto corta a vila.” Apesar de estarem teoricamente usufruindo de um elemento da modernidade, especialmente ligado à habitação, como um edifício de apartamentos, os

⁶⁷¹ FALCÃO, Luiz Felipe. Rugas e dobras: marcas do passado na cidade contemporânea. In NASCIMENTO, Francisco Alcides (org.). *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*. Teresina: EDUFPI, 2010.

proprietários não estavam livres dos casebres que ajudavam a compor a fisionomia do bairro e outros aspectos desagradáveis a eles como o mau cheiro e a proliferação de insetos no local. O periodista relata que na impossibilidade de uma resolução do problema, outras medidas estavam sendo tomadas. “Como os ricos não conseguiram expulsar as famílias pobres da área, a Prefeitura acabou semi-urbanizando-a.”⁶⁷²

Dessa forma, o velho e o novo, o tradicional e o moderno, o atrasado e o desenvolvido buscam espaço na cidade, compondo sua paisagem em um diálogo permanente entre o presente e o passado, mas com vistas quase sempre para o futuro, como no slogan da Prefeitura Municipal de Teresina: “Teresina cidade futuro”. Observamos que a inserção desses elementos que configuram uma cidade pós-moderna, com elementos urbano como os *shopping centers* e os condomínios fechados, centrada em um capitalismo global, que traz consigo as marcas da inovação, do novo, mas também carrega consigo as marcas das incongruências desse processo que é ao mesmo tempo moderno e segregador dentro dos espaços urbanos atuais típicos de uma sociedade marcada pela desigualdade social.

3.4 Medo urbano: sentimento de insegurança e relações de alteridade

A nova ordem mundial que se instalou nas cidades, agora globais, trouxe transformações significativas na maneira de ocupar o espaço urbano e conseqüentemente nas formas de vivências de seus habitantes. A implantação de *shoppings centers*, em uma sociedade marcada cada vez mais pelo consumo acelerado e exacerbado de mercadorias e serviços, e condomínios fechados reestruturaram as relações do cidadão com a cidade. As novas formas espaciais instalaram um novo padrão do convívio social, pautado na valorização dos espaços privados, fechados e controlados, considerados “seguros” em detrimento dos espaços públicos, tidos agora como perigosos e inseguros. Essa nova configuração tem contribuído para a formação de uma sociedade mais fechada, individualista, isolada por muros altos e fortemente vigiada por câmeras e outros aparatos de segurança. Para Ana Fani Alessadri Carlos,

Uma ‘nova urbanidade’, onde as pessoas já não mais se falam, não se olham, não interagem pessoalmente, se gesta. Fazer parte de um mundo globalizado de horizontes cada vez mais amplos, realiza-se com a perda da humanidade. Mediado pela tecnologia – que cria a sensação de comunicação –, as relações sociais apontam, na realidade, a supremacia da não comunicação numa sociedade do *‘help yourself’*. [...] Essa nova urbanidade é marcada pela

⁶⁷² AGENTES produtores e financiamentos. *Diário do Povo*. Teresina, ano XIV, n. 5.388, p. 06, 13 jul 2001.

dissolução de relações sociais que ligavam os homens entre si, bem como por uma vida familiar esfacelada. Nessa condição, o sujeito consumidor se depara com a cisão presente na metrópole, o espaço em fragmentos encolhendo as possibilidades do entrelaçamento das ações capazes de permitir a renovação dos eventos cotidianos que marcam a vida, dando-lhes sentido, é substituída pelos objetos de realização pessoal.⁶⁷³

Para Zygmunt Bauman, estamos passando por um processo de modernização diferente da vivenciada no século XVIII, inaugurada com a Revolução Industrial e pela Revolução Francesa, que buscava estruturas sólidas, sustentadas em um capitalismo comercial, contrária ao modelo atual centrado na fluidez das relações comerciais do mercado financeiro. Esse novo modelo de capitalismo moderno traz um sentimento de insegurança quanto à posição social, incertezas sobre a sobrevivência no futuro, dirigido pela urgência de substituir a tradição pelo novo. Essa modernização transforma os espaços, e as referências espaciais se perdem na dinâmica do tempo, os homens perdem seus elos, sua base identitária e a substância de suas histórias.⁶⁷⁴ Assim,

[...] a angústia vem com mais frequência: a angústia de viver a mobilidade dos lugares acelera ainda mais a mobilidade do nosso ser, já tão assustadora por si mesma. Pois como não perder a fé na vida, quando se percebe que é ilusória a única fixidez dos lugares, dos objetos ali situados? A mobilidade dos lugares rouba nosso último recurso.⁶⁷⁵

Esses novos tempos marcavam sobremaneira a vida dos cidadãos. A medida em que a cidade crescia, sua população aumentava, seu espaço urbano ia adquirindo ares de cidade grande, mesmo não tendo o *status* de metrópole, uma vez que sua população ainda não atingiu um milhão de habitantes, seus moradores também iam adquirindo hábitos diferentes. A indiferença com outro, as pessoas não se reconheciam mais, os laços identitários que os mantinham aos poucos iam perdendo seu significado. Eram um ambiente em que estranhos se encontravam, mas não se relacionavam, não afirmavam identidades, compartilhavam dos mesmos espaços, mas não das mesmas memórias. A indiferença e a impessoalidade são características do viver urbano nos últimos tempos em Teresina. Isso faz lembrar de Cloé, uma das cidades descritas por Ítalo Calvino em *Cidades Invisíveis*, na qual “as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. [...] ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um

⁶⁷³ CARLOS, Ana Fani Alessadri. A reprodução do espaço urbano como condição da acumulação: cotidiano, privação e insurgência. In: FERREIRA, Álvaro; RUA, João e MATTOS, Célia. (Org.). *O espaço e a metropolização: cotidiano e ação*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017, p. 59 e 60.

⁶⁷⁴ BAUMAN, 2001.

⁶⁷⁵ POULET, George. *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.11.

segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam”.⁶⁷⁶ Para Richard Sennett a cidade moderna é “um assentamento humano no qual estranhos irão provavelmente se encontrar”, mas que, não necessariamente, vão interagir.⁶⁷⁷

Marc Augé afirma que estamos vivendo uma “supermodernidade”. Nesta, estão presentes três figuras de excessos resultada das transformações aceleradas que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea. Ele considera a superabundância factual a primeira delas, está ligada diretamente ao excesso de presentismo, ou seja, uma infinidade de acontecimentos corriqueiros que faz com que tenhamos dificuldade de distanciamento dos fatos e possamos abstrair sobre eles. A segunda figura de excesso está ligada ao espaço. Com o processo de globalização, houve o encurtamento das distâncias físicas, ocupamos vários espaços em um tempo extremamente reduzido, ou até mesmo por meio da ampliação dos meios de comunicação, por meio dos quais acessamos uma infinidade de realidades espaciais com apenas um click. E por último, temos a figura do ego, do individualismo.⁶⁷⁸ Nunca uma sociedade e seus aparatos organizacionais focou tanto na questão da individualidade, nem mesmo no Renascimento Humanista chegou-se perto do que vivenciamos nos dias atuais.

Essa tríplice aceleração da supermodernidade encontra nos “não lugares” o espaço essencial para encenação dessa nova realidade. Os “não lugares” são espaços, considerados pelo autor, como não antropológicos, locais marcados principalmente pela transitoriedade, pela individualidade solitária, pelo passageiro, pelo transitório e pela efemeridade. São eles: aeroportos, estações, rodovias, supermercados, nos quais o planejamento de sua arquitetura é voltado para a praticidade, não há espaços para a convivência, pois seus usuários têm pressa, não podem perder nenhum minuto do seu precioso tempo. O diálogo torna-se quase desnecessário, reduzido apenas ao “bom dia”, “boa noite”, painéis de instruções fazem esse trabalho, de forma direta e imperativa, não apenas dão identificação aos espaços, mas comandos para prosseguir sem perder tempo, “vire à direita”, “siga em frente” ou até mesmo substituídos por símbolos indicando locais de alimentação, abastecimento, sanitários. A expressão em letras garrafais “WELCOME” indica que você chegou ao seu destino.

É com uma imagem de si mesmo que ele se acha defrontado em definitivo, mas uma estranhíssima imagem, na verdade. O único rosto que se esboça, a única voz que toma corpo, no diálogo silencioso que ele prossegue com a passagem-texto que se dirige a ele como aos outros, são os seus – rostos e voz

⁶⁷⁶ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.51.

⁶⁷⁷ SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.58.

⁶⁷⁸ AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

de uma solidão ainda mais desconcertante porque evoca milhões de outras. O passageiro dos não-lugares só reencontra sua identidade no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa registradora. Esperando, obedece ao mesmo código que os outros, registra as mesmas mensagens, responde às mesmas solicitações. O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular e nem relação, mas sim solidão e similitude.⁶⁷⁹

Não apenas a individualidade é requerida nessa nova configuração social, mas a “invisibilidade”, a impessoalidade também passa a ser imperativos dos novos tempos. As redes de sistemas de automação, com identificação por meio de digitais, íris ou códigos pessoais permitem acessos sem que necessariamente a identidade do indivíduo seja requerida. Ele acessa espaços, realiza compras sem ser importunado, apenas segue os comandos da máquina: “insira seu cartão”, “insira sua senha”, “transação aceita com sucesso”. Essas facilidades da vida pós-moderna dão a sensação de liberdade, de resolutividade que podem gerar uma sensação de alívio momentânea, mas, por outro lado, tornam o indivíduo cada vez mais isolado e fechado em seu próprio mundo. Esse sistema, por sua vez, não é de livre acesso. Ele tem regras bem definidas. Apenas os possuidores desses códigos têm acesso a esse mundo.

Por outro lado, aquelas pessoas excluídas precisam, o tempo todo, provar quem são e, principalmente, comprovar suas intenções para serem aceitos nesses espaços. Uma simples compra a prazo em uma loja de departamento pode não ter a mesma facilidade daquela feita mediante um cartão de crédito. Mesmo já em desuso, mas por conta de tentar inserir no mercado de compras essas pessoas que estão excluídas dos meios digitais de compra, fazem uma série de exigências para a liberação de uma linha de crédito. Dentre os requisitos, estão a identificação por documentação oficial com foto, comprovante de renda e de residência, referências de que o comprador é um bom pagador que pode ser comprovada por terceiros ou até mesmo com a apresentação de outros carnês de compras quitados. Sobre essas pessoas recaem todo o tipo de desconfiança, porque não fazem parte do mundo do cidadão tido como “convencional”.

O desconhecido é assustador em todos os sentidos. Anteriormente em uma modernidade braudeliana, segundo Walter Benjamim, o outro, apesar de desconhecido, não era tão temido como nas sociedades atuais. Ele utilizava-se das multidões para tonar-se invisível, por ser possível misturar-se a ela e assim manter sua identidade no anonimato, mas de certa forma ainda com mecanismos mais seguros de controle social.⁶⁸⁰ Diferentemente, a modernidade,

⁶⁷⁹ AUGÉ, 1994, p. 95.

⁶⁸⁰ BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: _____.

caracterizada por Bauman, como líquida, fluida, na qual estamos entregue à paranoia de que os estranhos são nossos principais inimigos, de que eles podem ocupar qualquer lugar e, como não temos certezas de suas intenções, estamos sempre alertas para o pior, nos sentimos ameaçados, inseguros, atemorizados. Nenhum sistema de segurança nos livrará dessa sensação criada pelo medo do desconhecido.

O medo nos estimula a ter uma ação defensiva. [...] O perigo resiste no estolho do medo, naquilo que ele pode se transformar de forma mais perversa, qual seja, o encarceramento dos seres. A geográfização de um urbano pautado nos muros altos e vigiados pela técnica-ciência e informação e guaritas privadas, criando sempre um espírito defensivo nos mesmos, no contexto da qual uma sociedade na qual a proximidade, tangibilidade e credibilidade, que deveriam ser pautadas no diálogo com o outro ser diferente, na tolerância entre os estranhos, agora pesa mais as ameaças genuínas ou supostas de que ele presumidamente emana.⁶⁸¹

A socióloga Sophie Body-Gendrot utilizou-se de uma experiência de vinte e cinco anos em atividades desempenhadas em diversas cidades nomeadas por ela como mundiais, a saber: Nova York, Londres, Paris, Mumbai, Joanesburgo e São Paulo, para analisar a conjuntura que se encontram cada uma delas frente aos desafios trazidos pelo processo de globalização, no que tange aos processos que geram medo e insegurança na cidade nas últimas décadas. Conforme a autora, o medo e a insegurança sempre rondaram as cidades em diversos períodos, seja ele ligados a invasões externas, a doenças contagiosas, a revoltas, etc. Entretanto, as novas configurações das cidades marcadas por eventos recentes, tendências sociais e políticas intensificaram a sensação de insegurança com o foco em ansiedades diversas direcionadas aos espaços cívicos da cidade. A autora aponta eventos como o 11 de Setembro como ponto basilar na esfera do medo que corrói as cidades nos dias atuais.⁶⁸²

O terrorismo ultrapassou as fronteiras do país mais “seguro” do mundo, caindo por terra a ideia de defesa conferida pela esfera pública. Os demais ataques que se sucederam na Europa, como em Madri e em Paris, confirmaram a certeza da não proteção, o inimigo poderia estar do nosso lado, as ideias terroristas poderiam ser disseminadas a partir de qualquer lugar, por meio da rede mundial de computadores. As bases do estado-nação contemporâneo foram abaladas para sempre e isso teve reflexo no mundo todo. Body-Gendrot, por outro lado, não deixa de

⁶⁸¹ SÁ, Alcindo José de. Medo urbano: a difusão dos aparatos de segurança nas periferias da região metropolitana do Recife e os seus reflexos nas morfologias infra-urbanas. In: _____ e CRUZ, Luciana Maria da. “*Medo urbano*” e suas novas formas geográficas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011, p. 162 e 163.

⁶⁸² BODY-GENDROT, Sophie. *Globalização, medo e insegurança: os desafios de cidades dos hemisférios Norte e Sul*. São Paulo: Edusp, 2018.

evidenciar as especificidades históricas e geográficas de cada uma das cidades estudadas por ela. Se em Nova York e nas demais grandes cidades dos EUA, o terrorismo passou a assombrar seus habitantes, assim como nos grandes centros europeus de cultura ocidental. Cada cidade vivenciava ainda problemas pontuais específicos. No caso europeu, as preocupações giravam em torno dos migrantes refugiados, das ex-colônias africanas. Já para cidades em desenvolvimento como Joanesburgo e São Paulo, a violência gerada pelo narcotráfico figurava com principal fonte do medo e da insegurança vivenciada pelos moradores desses centros.⁶⁸³

É plausível pensar que o medo generalizado nas cidades passou a direcionar não só a arquitetura dos espaços urbanos, na qual a residência deixou de ser apenas um local de abrigo e de morada para ser também de proteção e de aprisionamento, assim como passou a direcionar as ações dos indivíduos.

Os estranhos também fornecem um esconderijo conveniente – acessível – para o medo inato do desconhecido, do incerto e do imprevisível. Ao mantermos os estranhos afastados de nossas casas e ruas, o fantasma apavorante da incerteza, ainda que por um breve instante, é exorcizando; o monstro aterrorizante da insegurança é morto em efígie. No entanto, apesar desses exorcismos, a nova vida líquida-moderna continua teimosamente errática e caprichosa, portanto, insegura; o alívio tende a ter vida curta, e as esperanças vinculadas mesmo às medidas mais duras são frustradas no próprio momento em que surgem.⁶⁸⁴

O público em todas as suas esferas perdeu espaço para o privado. A questão da segurança é uma delas. Os mecanismos utilizados pelo Estado não foram capazes de solucionar o problema da violência nas cidades, sequer conseguiram controlar os índices de criminalidade, enquanto que a população encontra-se cada vez mais amedrontada e insegura, o que contribui diretamente para o medo generalizado que se instalou nos centros urbanos. Diante da ineficácia da segurança pública, a população recorre cada vez mais aos aparatos de segurança privada. Nessa nova dinâmica social, influenciada pelo liberalismo econômico, contribui para o enfraquecimento da cidadania, ainda muito incipiente e frágil tendo em vista as intensas desigualdades socioespaciais existentes no Brasil.

Dessa forma, práticas de convívio coletivo, que envolvem sociabilidade, empatia e solidariedade, como encontros casuais comuns em calçadas e praças, conversas entre vizinhos e até mesmo a participação em grupos de convivência, associações, agremiações ou coletivos

⁶⁸³ BODY-GENDROT, 2018.

⁶⁸⁴ BAUMA, Zygmunt. *Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 80.

tornam-se cada vez mais escasso. O “imaginário do medo”, seja do outro, do desconhecido, da violência, que assolou as cidades contemporâneas nas três últimas décadas, afastou os cidadãos dos espaços públicos, criou seletividades, lugares estigmatizados com a pecha de “perigosos” passam a serem evitados. Ruas, calçadas, praças e parques deixaram de ser espaços de convivência e sociabilidades, e passaram a ser ambientes tangenciáveis, ou seja, de mera passagem.

[Teresina] ainda não é uma grande cidade, mas, infelizmente, já padece de todas as mazelas que infernizam as metrópoles brasileiras. Trânsito caótico, engarrafamento, poluição sonora e visual e, principalmente, estresse e medo. [...] A cadeira na calçada deu lugar às cercas elétricas; a pracinha do bairro foi trocada pela praça de alimentação dos *shoppings* em nome de uma suposta ‘segurança’. A cidade em uma velocidade desconcertante vai perdendo aquele ar provinciano que lhe conferia faceirice e graça. A volúpia da novidade parece ter-se apossado dela com reflexos negativos.⁶⁸⁵

A constatação que chegou o professor Cineas das Chagas Santos⁶⁸⁶, ávido praticante da cena intelectual piauiense e teresinense, e avesso ao processo de modificação e descaracterização não só do espaço físico de Teresina, como das alterações nas formas de convivência e sociabilidades que a cidade vem passando nas últimas décadas. Teresina mesmo não sendo, ainda, uma metrópole, carrega consigo todas os problemas urbanos, denominados por ele de “mazelas”, inerentes aos grandes centros urbanos. O principal deles é o medo e a insegurança que levam os teresinenses a uma vida urbana cada vez mais presa em espaços fechados, com residências com muros e cercas elétricas, que impedem um convívio entre vizinhos e a opção por shoppings centers, onde supostamente as pessoas se sentiam mais seguras, o que obriga os cidadãos a assumir uma nova postura condicionada pelos novos espaços.

O jornalista Efrém Ribeiro traz dados do próspero mercado de companhias de seguros e de empresas de venda de equipamento de vigilância e de proteção ao patrimônio que chegaram

⁶⁸⁵ SANTOS, Cineas. Cambalhotas para ninguém. In: *Teresina para amadores*. Teresina: Cidade Verde, 2015, p.29.

⁶⁸⁶ Nasceu em Campo Formoso, município de [Caracol](#), no sul do Piauí, em 20 de setembro de 1948. Migrou para Teresina em 1965, onde vive e desenvolve diversos trabalhos de agente cultural, atuando em várias áreas no cenário artístico-cultural local. Poeta, cronista, intelectual, professor, agente cultural, advogado, editor e livreiro. Integra o Conselho Estadual de Cultura e foi presidente da Fundação Municipal de Cultura de Teresina – Monsenhor Chaves. Foi um dos idealizadores e organizador do SaLiPi - *Salão do Livro do Piauí*, evento que anualmente reúne livreiros, editoras e público leitor em torno a diversas atividades culturais, palestras, debates, oficinas e exposições. Também é proprietário da *Oficina da Palavra*, espaço cultural teresinense, e coordenador do grupo A Cara Alegre Do Piauí, projeto de interiorização da cultura – música, literatura e artes plásticas. Além de autor da letra do Hino do município de Teresina, em parceria com o músico Erisvaldo Borges, que compôs a melodia. NETO, Adrião. *Literatura Piauiense Para Estudantes*. Teresina: “Edições Geração 70”, 2003. LIMA, Luiz Romero. *Literatura Piauiense*. Teresina: Gráfica Ibiapina, 2000.

a faturar, apenas no ano de 1996, cerca de 45 milhões de reais. O faturamento desse setor é quase três vezes o valor do orçamento estadual para Secretaria de Segurança Pública nesse mesmo período, que era em torno de 17 milhões. Além de ser um mercado em franca ascensão e extremamente lucrativo uma vez que passa a privatizar a segurança, vendendo a imagem de uma vivência protegida, longe dos perigos da vida urbana, o jornalista também revela que “o medo está mudando o estilo de vida de Teresina. As pessoas aumentaram a altura de seus muros, acabando com as relações mais estreitas com a vizinhança, estão deixando o vidro dos carros fechados”.⁶⁸⁷

Para além de apenas uma sensação, o medo urbano era resultado de fatos reais. Dados estatísticos sobre a violência urbana na capital do Piauí revelam um aumento considerável principalmente na última década. Se por um lado a década de 1990 houve uma certa estagnação e até mesmo uma redução nos índices de homicídio na cidade, em alguns anos, inversamente proporcional aos números nacionais, por outro, isso não se verificou nas décadas seguintes. Pelo contrário, enquanto os índices nacionais mantiveram-se estagnados, Teresina teve seus números com aumentos significativos a cada ano. Como revela os dados da tabela a seguir:

⁶⁸⁷ RIBEIRO, Efrém. Insegurança: seguradoras faturam alto. *O Dia*. Teresina, ano XLVI, n. 11.526. p.08, Cad. 2, 15 maio 1997.

Tabela 04: Taxa de homicídio a cada 100 mil habitantes

ANO	BRASIL	PIAUI	TERESINA*	INTERIOR*
1990	22,2	4,5	12,0	0,9
1991	20,8	4,4	11,8	0,7
1992	19,1	3,7	8,8	1,1
1993	20,2	4,6	9,0	2,3
1994	21,2	3,8	8,0	1,7
1995	23,8	4,4	10,8	1,2
1996	24,8	4,7	12,0	0,9
1997	25,4	5,7	12,8	1,9
1998	25,9	5,2	13,7	0,6
1999	26,2	4,8	11,3	1,2
2000	26,7	8,2	18,2	1,7
2001	27,8	9,7	18,0	4,8
2002	28,5	10,9	21,5	4,5
2003	28,9	10,8	22,1	4,0
2004	27,0	11,8	20,6	6,5
2005	25,8	12,8	23,9	5,8
2006	26,3	14,4	27,5	5,9
2007	25,2	13,2	23,2	6,7
2008	26,4	12,4	22,2	6,0
2009	27,0	12,8	22,1	6,7
2010	26,2	13,7	24,8	6,4

*Capital e região metropolitana, exceto Timon-MA

** Demais municípios do estado do Piauí.

Fonte: WAISELFIST, Júlio Jacobo. *Mapa da Violência 2012: novos padrões da violência homicida no Brasil*. Piauí -Consolidação dos dados homicidas no Brasil por unidade federada. Instituto SANGARI. Disponível em

< https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_pi.pdf >. Acessado em 16 de janeiro de 2020.

Mesmo levando em considerações variantes, como por exemplo, o aumento da região metropolitana de Teresina durante as duas décadas em análise, os dados ainda são assustadores quanto ao aumento da violência na capital. No ano de 2000, dos 234 homicídios ocorridos no estado do Piauí, 67,9% foram registrados em Teresina. Em vinte anos, período abarcado por essa pesquisa, ou seja, entre 1990 a 2010, a cidade teve seu percentual de homicídio duplicado saltando de 12,0% para 24,8%. Esses dados tornam-se mais alarmantes levando-se em conta que a taxa de homicídios por 100 mil habitantes aceitável pela ONU que é de 10%.

Esses dados alarmantes foram responsáveis pela tomada de decisão do poder público em realizar pesquisas mais detalhadas sobre o assunto. Uma delas foi realizada referente aos anos de 2014 e 2015, que teve como principal fazer uma análise estatística dos Crimes Violentos Letais Intencionais – CVLI⁶⁸⁸ em Teresina, revela que a violência se manteve crescente. A pesquisa revelou que Teresina atingiu, em 2015, a taxa de 42,5 % de homicídios por 100 mil

⁶⁸⁸ Trata-se de uma categoria que engloba crimes de homicídio doloso, latrocínio e lesão corporal seguida de morte. Foi criado com a finalidade de facilitar a identificação e a quantificação da violência letal intencional.

habitantes, ocupando a posição de 12^a capital mais violenta do país, o que representa 56,25% a mais da taxa nacional que é de 27,25%, ultrapassando capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, que já apareceram a frente no rank de violência urbana. As principais vítimas são do sexo masculino (92,92%), pardos e negros (80,1%), na faixa etária dos 15 aos 29 anos (59,4%), residem na zona urbana (95,5%), sendo as zonas da cidade de maior ocorrência a Norte (28,9%) e a Sul (22,6%), coincidentemente as duas zonas que concentram o maior número de vilas e favelas da cidade.⁶⁸⁹

Em 2018, a taxa de homicídio por habitante chegou a atingir 48%. O que revela que o aumento da violência é real e continuou crescente. Isso é um dos fatores que influenciam diretamente na sensação de insegurança sentida pela maioria dos moradores da cidade, entretanto, existem fatores socioespaciais que também contribuem para a sensação de medo na cidade. Como, por exemplo, falta de policiamento ostensivo, irresolutividade de crimes, descrédito da população na segurança pública, muitas pessoas sequer chegavam a registrar boletim de ocorrência quando eram assaltadas, locais mal iluminados, isolados e de pouca movimentação, proximidades de favelas e/ou locais de venda de drogas.

Conforme Luciana Maria da Cruz, ao estudar as “morfologias urbanas do medo” e seus aparatos de segurança em bairros nobres de Recife-PE, a questão da insegurança também está ligada à “cultura do medo”. Essa por sua vez é alimentada por várias situações. A seletividade espacial é uma delas, uma vez que um local, seja uma praça, uma rua ou até mesmo uma favela ou bairro recebe a pecha de perigoso, esse espaço passa a ser evitado pela maioria dos usuários. A falta de movimentação torna aquele local ainda mais suscetível à ocorrência de delitos. Por outro lado, a ação da mídia, por meio de programas que expõem situações de violência, como furtos, assaltos e latrocínios, de forma espetacularizada contribui para a cultura do medo e para a estigmatização de alguns espaços já marginalizados como o espaço de vilas e favelas, passando a impressão para os telespectadores de que todos os residentes dessas áreas são criminosos, o que não condiz, evidentemente, com a realidade da maioria das comunidades. Por fim, a autora, ainda, coloca os boatos sobre violência como uma forma de intensificar a sensação de insegurança e medo nas cidades.⁶⁹⁰

⁶⁸⁹ AGUIAR, João Marcelo Brasileiro de. *Análise Estatística dos Crimes Violentos Letais Intencionais em Teresina nos anos de 2014 e 2015*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Pós-Graduação em Estatística da UFPI. SData. Disponível em: <http://www.pc.pi.gov.br/download/201805/PC23_70adef5cc1.pdf>. Acessado em 16 de janeiro de 2020.

⁶⁹⁰ CRUZ, Luciana Maria da. Morfologias urbanas do medo: a materialização da (in)segurança em bairros nobres do Recife. In: SÁ, Alcino José de; _____. *“Medo urbano” e suas novas formas geográficas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

Em Teresina, encontramos todos esses elementos descritos pela autora. Apesar de não estar dentre as metrópoles agitadas e com altos índices de violência como outras capitais do Nordeste como Recife, Fortaleza e Salvador, a sensação de insegurança vivenciada pelos moradores é resultado do aumento real da violência, do descrédito na segurança pública em solucionar ocorrências criminosas, assim como alguns elementos da cultura do medo que se instalou na cidade. As residências, até mesmo nas periferias da cidade, encontram-se fechadas em muros. Ruas e calçadas ficaram esvaziadas e sem o olhar vigilante da população. Programas de televisão caracterizado como “policiais” ganharam maior espaço na mídia local. Com apelo popular, escancaram diariamente notícias sobre violência na cidade, a exemplo do “Ronda do Povão”, “Patrulha”, “Balanço Geral Piauí”, “Cidade Alerta Piauí”. Aliado a isso, estava a circulação de boatos sobre casos de violência ocorridos na cidade passados de boca em boca, ou mais recentemente pela internet por meio das redes sociais. Tudo isso contribuía fortemente para a incorporação da sensação de insegurança vivenciada na cidade e na mudança de comportamento da população.

Os teresinenses vêm fazendo um esforço extraordinário para *livrar* Teresina do seu *jeito provinciano de ser*. Querem-na ‘moderna’: *livres* de quintais, de vendedores de frutas, de pipas no céu azul. Nada de cadeira na calçada, de bodega na esquina, de picolé caseiro, de banhos no Parnaíba... O que essa brava gente insiste em não ver é que o ‘progresso’, feito de concreto, de asfalto, de ruas entupidas de automóveis, de supermercados e shoppings, cobra um preço muito alto. A conta – o medo e o desassossego – será rateada entre todos nós.⁶⁹¹

Quanto maior for a sensação de insegurança, mais as pessoas recorrem aos aparatos de segurança privada. As elites e parte da classe média que possuem o poder aquisitivo necessário para adquirir sistemas de proteção por meio de aparatos diversos implantaram uma verdadeira transformação nas habitações tradicionais e na maneira de habitar esses espaços. Muros cada vez mais altos, com cercas eletrificadas e concertinas, espaços com grades, câmeras de vídeo, sensores de presença de movimento acompanhados por vigilância 24h, entre outras medidas de segurança modificaram não apenas os espaços de habitação, como também implantaram uma verdadeira transformação na forma de habitar esses locais, fragmentando os espaços, tornando-os em territórios fortemente controlados e enclausurados, funcionando como instrumento de opressão, minado a coesão socioespacial.

⁶⁹¹ SANTOS, Cineas. A crueza dos contrastes In: *Teresina para amadores*. Teresina: Cidade Verde, 2015, p.69.

O medo, tal como a água, foi transformado em mercadoria de consumo e submetido à lógica e as regras do mercado. Além disso, o medo tem sido uma mercadoria política, uma moeda usada na condução do jogo do poder. O volume e a intensidade do medo nas sociedades humanas não refletem mais a gravidade objetiva ou a iminência de ameaça; são, em vez disso, subprodutos da totalidade das ofertas de mercado e da magnitude da promoção (ou propaganda) comercial.⁶⁹²

O medo é um sentimento inerente à condição humana. A maneira como ele é sentido e tratado pelas pessoas em uma dada sociedade revela os múltiplos significados que assume em cada contexto. Nas sociedades líquidas modernas o medo assumiu uma conotação de mercadoria de consumo, diante das incomensuráveis cifras que movimenta no mercado financeiro. Não só ela, mas tornou-se uma mercadoria política, usada por políticos mal intencionados que se utilizam da “venda” de uma proposta de segurança para se inserir na cena política, na maioria das vezes com propostas simplistas e nada eficazes, como o aumento da posse de arma, quando na verdade, a questão da segurança pública é algo bem mais complexo, de resolutividade lenta por meio de projetos estruturantes e integrados a vários setores da sociedade. Enquanto, o problema não é encarado de forma mais contundente, o medo e a insegurança continuam a moldar as relações sociais e a maneira como ocupam os espaços da cidade.

Matérias de jornais em Teresina enfatizam as mudanças nos hábitos e costumes dos teresinenses, provocadas, principalmente, pelo aumento da insegurança e do isolamento das famílias que se fecham cada vez mais em seus enclaves.

A cada dia que passa fica mais raro presenciar um bate-papo entre vizinhos em Teresina. Muros altos, campainha, interfone e garagem eletrônica são alguns dos meios que estão a serviço das pessoas, mas que têm dificultado o processo de comunicação entre elas. Quando se trata de teresinenses que moram em apartamento, aí a situação fica mais gritante, ou melhor, mais silenciosa. É difícil encontrar quem sabe o nome e a profissão do seu vizinho. Apesar de Teresina ser uma capital com características ainda provincianas, ela absorve todos os estilos típicos de uma cidade de crescimento acelerado.⁶⁹³

Teresina passou por um intenso processo de urbanização, no qual elementos característicos da pós-modernidade foram incorporados ao cotidiano da cidade. Esse novo modelo urbanístico centrado no medo e na insegurança levaram as pessoas a se isolarem em

⁶⁹² BAUMAN, Zigmunt; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.125.

⁶⁹³ MUROS altos afastam amizade de vizinhos. *O Dia*. Teresina, ano XLIV, n. 10.855. p.09, Cad. Cidade, 04 jun 1995.

suas residências, a ponto de perderem o sentido de comunidade e forjarem o medo onipresente do outro, ou de tudo que lhe é estranho. Para Bauman, “esforços para manter à distância o ‘outro’, o diferente, o estranho e o estrangeiro, e a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo, não são a única resposta concebível à incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais.”⁶⁹⁴

Jacques Le Goff afirma que “a cidade contemporânea, apesar de grandes transformações, está mais próxima da cidade medieval do que esta última da cidade antiga”⁶⁹⁵, acrescenta ele, “a cidade da Idade Média é um espaço fechado. A muralha a define. [...] Ela é guarnecida de torres, torres das igrejas, das casas dos ricos e da muralha que a cerca. Lugar de cobiça a cidade aspira à segurança. Seus habitantes fecham suas casas à chave, cuidadosamente.”⁶⁹⁶ Pois, acredita o autor que a busca por proteção em espaços fechados, como muralhas fortificadas, que durante a Idade Média ocorria, sobretudo, por medo de invasores externos, está relacionada diretamente às cidades dos dias atuais, nas quais também buscam por muros, a proteção contra o estranho, o outro, o desigual ou o desconhecido.

Teresina, como as demais cidades globais, vem cedendo espaço para essa nova maneira de habitar a cidade.

Quintais e chácaras dão lugar para edifícios de nomes sofisticados ou condomínios fechados que usam como chamariz o anzol da ‘segurança’. O que se vende não é um produto, mas uma ideia, uma grife, uma expectativa que não se cumpre. ‘Morar bem’, segundo o conceito dos espertos, é enjaular-se num apartamento com ar condicionado em cada um dos cômodos, circuito interno de televisão, porteiro eletrônico e toda a parafernália que engorda o faturamento da indústria do medo. Compreensivamente, todas as praças de Teresina estão às moscas, exceto as dos *shoppings* onde existe ar refrigerado e ‘segurança’. O Teresinense já não consegue viver ao ar livre e, a cada dia, vai-se tornando refém do ‘clima artificial’ e do medo.⁶⁹⁷

A insegurança gera uma série de medos. Vulnerabilidade nas relações, sejam elas de trabalho, amorosas, sociais. As densas redes de vínculos sociais, com marcas significativas de solidariedade proporcionadas pelos espaços comuns de convivência, onde sua existência não é apenas individual, mas coletiva. A pessoa, antes conhecida e reconhecida como o filho, o vizinho, o amigo de alguém, passa a ser o indivíduo, aquele que tem o dever individual de cuidar de se próprio e de fazer por si mesmo. Está nessa nova configuração de sociedade a

⁶⁹⁴ BAUMAN, 2001, p. 126.

⁶⁹⁵ LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reinaldo Carmelo Correia de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 25.

⁶⁹⁶ LE GOFF, 1998, p. 71.

⁶⁹⁷ SANTOS, Cineas. Presente de grego. In: *Teresina para amadores*. Teresina: Cidade Verde, 2015, p. 84.

fragilidade e a vulnerabilidade em que se encontra esse indivíduo, desprovido de amparo das redes de proteção que os antigos vínculos os forneciam.

Para Tadeu Alencar Arrais, “pode-se dizer que a rotina do risco define a ecologia das cidades contemporâneas. [...] Risco de atropelamento, risco de latrocínio. Risco de solidão diante da multidão. Risco de fome diante de uma sociedade urbana que se vangloria da abundância.”⁶⁹⁸ É uma sociedade cada vez mais individualista e solitária, que vive atemorizada, sempre com medo. Medo de ser assaltado, de ficar pra trás nos negócios e na vida social, medo de ficar desempregado e de ficar só. Para Bauman,

Quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos – escassos e claramente inadequados. A corrosão e a dissolução dos laços comunitários nos transformaram, sem pedir nossa aprovação, em indivíduos *de jure* (de direito); mas circunstâncias opressivas e persistentes dificultam que alcancemos o status implícito de indivíduos *de facto* (de fato).⁶⁹⁹ [grifo do autor].

Nesse celoma de construção do medo, que aos poucos foi instalando-se nos centros urbanos, localizamos em Teresina, mas especificamente nos muros da cidade, frases pichadas que levam à reflexão sobre as mudanças vivenciadas na cidade que atingem diretamente o comportamento social de seus moradores, como na imagem a seguir.



Foto 23: Pichação em muro residencial no bairro Fátima
Fonte: Acervo pessoal de Regianny Lima Monte

Na imagem, vemos uma residência de padrão médio, murada e com a presença de cerca elétrica, situada na rua Marcos Parente, no cruzamento com a rua Cel. Costa Araújo, no bairro

⁶⁹⁸ ARRAIS, Tadeu Alencar. *Seis modos de ver a cidade*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2017. p. 46.

⁶⁹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 21.

de Fátima, zona leste da cidade, e, ao fundo, é possível verificar um edifício com apartamentos também de padrão médio. Mas o que nos chama a atenção é a pichação inscrita no muro da residência, uma frase formada por apenas três palavras: “MURO É MEDO”. Os elementos presentes na imagem são signos de uma nova urbanidade que se forjava na capital do estado do Piauí. Como vimos ao longo desse capítulo, as residências passaram a funcionar como verdadeiras fortalezas com a presença de muros e elementos de segurança, como, no exemplo, a cerca eletrificada.

A frase simples e direta revelava não apenas uma constatação da nova realidade em que a cidade estava inserida: onde há muros há pessoas com medo. Mas além disso, a frase revelava, ainda, que, mesmo com a presença de muros, o medo, seja do outro, do desconhecido, da violência urbana é persistente e inevitável, pois o muro que foi edificado provavelmente pelo medo causado pela insegurança. A figura do muro assume, aqui, um papel dual, o muro, edificado para tornar a residência mais segura, revela por outro lado, que onde há muros, não é possível ter a sensação de segurança de que nos falava Jane Jacobs⁷⁰⁰, possibilitada pela presença humana e seu olhar vigilante. É nítida a mudança de comportamento advinda dessas novas estruturas urbanas que levaram os cidadãos a se fecharem em muros, ou seja, onde há elementos dessa natureza é porque os laços tradicionais de sociabilidades que existiam entre os moradores deixaram de existir e o muro é o sinal cabal disso.

As pichações são práticas juvenis urbanas transgressoras, pois questionam a ordem social vigente, realizada em sua maioria por jovens de periferia, diante do processo de modernização excludente com o crescimento desordenado das cidades. Por meio de suas práticas noturnas pelas ruas, avenidas, pontes, viadutos, passarelas da cidade, ao imprimirem registros em muros, fachadas de prédios, de estabelecimentos comerciais e residenciais ou de órgãos públicos, portões e marquises, esses jovens expressam de forma simbólica a maneira como percebem e reagem frente ao mundo posto a eles, marcado por mazelas sociais, típicas de uma sociedade capitalista desigual.

Conforme John Wedson dos Santos Silva, a pichação em Teresina se deu na década de 1980 como “canal de comunicação para se posicionarem ante as mazelas da vida cidadina”, sendo a primeira formação de caráter mais político e engajado nas lutas e injustiças sociais. As pichações eram voltadas para crítica ao sistema, com frases de impacto, geralmente anônimas ou com assinaturas apenas de grupos, como *Obcenus*, 3R (Ratos de Rua e Rampa). Perduraram até meados dos anos de 1990, suas influências, ainda, são presentes nas pichações que se

⁷⁰⁰ JACOBS, 2011.

seguiram nas décadas seguintes. Sendo a mais emblemática delas “Viver de aparência nesta puta decadência”, tornou-se icônica nos anos de 1990, como uma crítica severa aos novos padrões de urbanidade segregacionistas e excludentes, tão evidentes em uma cidade que pagava o preço de um processo de urbanização acelerado e desigual.⁷⁰¹

Silva também dá visibilidade em seu trabalho à chegada do xarpi⁷⁰² na capital e a formação dos grupos que atuaram e suas caracterizações. Oriundo da cidade de São Paulo, na qual possui características próprias, como traços geometricamente retilíneos, letras maiúsculas em formato alterado e pontiagudo, estilizadas de forma separada e reta compõem um alfabeto mais inteligível, já o xarpi de Teresina apresenta outras características, que o aproxima mais de outros centros como Fortaleza e Rio de Janeiro. Ele é resultado de um traçado ininterrupto, unindo as letras em um diagrama só, tendo também, como traço distinto local, o uso de setas longas nos xarpes.

A prática do xarpi desafia a ordem estabelecida, questiona a estética tradicional e tem como marca principal buscar visibilidade por meio da saída do anonimato, mediante a busca por locais de maior dificuldade de acesso e que possuam uma boa visibilidade, objetivando alcançar o público, o tocando de forma transgressora, uma vez que o xarpi, ou apenas picho, para os leigos, ainda causa repulsa e divide opiniões. Para alguns, trata-se de um ato de vandalismo, que causa poluição visual e até mesmo visto como ação criminal, já que a Constituição Federal, na Lei dos Crimes Ambientais, prevê punição para o ato através do Artigo 6º da Lei Federal 12.408 de 25 de maio de 2011, que altera o artigo 65 da Lei 9.605/98, no qual estabelece que quem for pego em flagrante cometendo pichação está sujeito à detenção de três meses a um ano de prisão, mais multa, além de proibir a comercialização de tinta do tipo aerossol a menores de dezoito anos.⁷⁰³

Na primeira imagem, temos uma dessas práticas, de autoria de Kasa – RS, situada em um letreiro do Teresina Shopping, demonstrando a audácia, a altura como um próprio desafio, evidencia a busca de visibilidade, por escolher um letreiro de um dos centros comerciais de maior movimentação e a saída do anonimato, já que deixou sua inscrição identitária marcada com spray. A subjetividade era alcançada ainda pelos termos impressos na propaganda “Você

⁷⁰¹ SILVA, John Wedson dos Santos. Pichando a cidade: juventude, resistência e cultura em Teresina-Piauí. Teresina: EDUFPI, 2017. p. 54.

⁷⁰² Xarpi é o termo utilizado, para designar a prática de pichar – sílabas invertidas só que escritas com x – de grupos de pichadores, que a partir dos anos de 1990 se utilizavam de uma escrita própria e estilizada para imprimir na cidade sua própria marca e identidade. Sobre o assunto ver SILVA, 2017.

⁷⁰³ BRASIL. Lei Federal 12.408 de 25 de maio de 2011. Constituição Federal do Brasil. Dispõe sobre as Leis de Crime Ambiental. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 26 maio 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/Lei/L12408.htm>.

pode”, a frase que funcionava como *marketing* comercial do *shopping center* foi apropriada pelo autor do xarpi, à sua maneira, dando um novo significado à mensagem original do letreiro.



Foto 24: Xarpi no topo da torre propaganda do Teresina Shopping – autoria: Maurício *Pokemon*
Fonte: *Kasa-RS*



Foto 25: Pichação no Portal do Parque Nova Potycabana
Fonte: Portal *O Dia.com*, Teresina, 05 jun.2013.

Na segunda imagem, temos uma pichação no portal do mais novo parque da cidade, Nova Potycabana, apenas dois meses após sua inauguração. A inscrição feita em alfabeto estilizado significaria “Fama-GL”, teve muita repercussão na imprensa local, trazendo à tona uma série de polêmicas. Uma parte significativa da imprensa local divulgou as imagens da pichação levando a uma comoção acompanhada por uma revolta em torno do ocorrido, como a depredação de um espaço de lazer público recém-inaugurado, que ficara em reforma por quatro anos. Para o Coordenador Estadual da Juventude, Plínio Dumont, sobre o ocorrido, declarou que “[pichação] não é arte, e não vemos com bons olhos. É pejorativo e não transmite nenhuma mensagem.”⁷⁰⁴ Por outro lado, em uma análise não maniqueísta, temos a interpretação do grafiteiro Hudson Melo, que entende que por trás há outras possíveis interpretações. Para ele, “A Potycabana é a joia, né? As pessoas vão para lá para serem bonitas, fazer caminhada. Acho

⁷⁰⁴ FAMA na Potycabana. In: *Revista Revestrés: literatura, arte, cultura e algo mais*. n. 9, jul./ago. 2013. p. 45.

que foi necessário esse picho. Foi um grito contra tudo que vem acontecendo na política, no estado, no mundo.”⁷⁰⁵

A pichação possui características e elementos formativos diversos, seja em torno de grupos, como vimos até o momento, seja como ação individual, como é o caso que passaremos a analisar a partir de agora. Trata-se dos “atalhos” do Granizo.⁷⁰⁶



Foto 26: Picho “Atalho para o vazio”
Fonte: Revista Revestrés, Teresina, 2013



Foto 27: Picho “Atalho para a Liberdade”
Fonte: Portal meionorte.com, Teresina, 2013

Esses desenhos bem simples em formatos de portas, sem muitas pretensões estéticas, sempre acompanhados de frases iniciadas com a expressão “atalho para ...”. As portas são representadas sempre fechadas, com frases sugestivas com mensagens reflexivas sobre a existência humana na atualidade, temas como liberdade, solidão, desapego, de cunho intimista e existencial são retratadas pelo autor. As mensagens não são feitas aleatoriamente, seguem uma metafísica dos espaços contidos, como, por exemplo, no “atalho para vida”, inscrita, contraditoriamente, no muro do Cemitério São Judas Tadeu, no bairro São João. A antonímia “atalho para a morte” foi inscrita em um muro próxima ao Palácio de Karnak, sede do Executivo estadual.

Segundo ele, em uma entrevista concedida à revista cultural Revestrés, de circulação local, são mais de vinte espalhados por muros da cidade, em bairros periféricos como a Vila Irmã Dulce, Itararé, Pedra Mole e no Centro, onde está situado a maioria deles. Acreditamos que a escolha dos locais pelo autor tenha relação direta não só em transmitir a mensagem, mas

⁷⁰⁵ FAMA na Potycabana. In: *Revista Revestrés: literatura, arte, cultura e algo mais*. n. 9, jul./ago. 2013. p. 45.

⁷⁰⁶ O autor prefere o anonimato e por esse motivo não assina os desenhos e utiliza o codinome de Granizo. Ele possui 35 anos e atualmente é designer. Estudou Artes Visuais na Universidade Federal do Piauí e participou de inúmeras experiências ligadas ao mundo *underground*, como teatro de rua, participou de uma banda de rock, pintura nua, dentre outras. MISTURÊBA: pegue um atalho In: *Revista Revestrés: literatura, arte, cultura e algo mais*. n. 9, jul./ago. 2013. p. 80.

de afetar o interlocutor, por isso a preferência pela periferia, levando as pessoas dessas localidades a questionarem sua realidade, sua condição ou a si mesmo sobre a realidade em que estão inseridos e pelo Centro por possuir maior visibilidade e alcançabilidade do público.

Os atalhos começaram timidamente em 2010. São frutos de reflexões sobre essa distância entre as pessoas e a própria cidade. A intenção era criar esse diálogo estranho entre as pessoas, onde além de transformar muros, ruas e avenidas, transformam os próprios sujeitos da ação. Quando estou lá cara a cara com o muro, costumo sentir que os títulos dos atalhos não são criados exatamente por mim. Mas apenas revelados e descobertos nos muros, eles estão aí provocando reflexões lúdicas, irônicas, políticas e estéticas, sobre o que sentimos, como agimos e quais nossos anseios individuais e coletivos na cidade. [...] Posso resumir que, para mim, tanto o significado como o objetivo dos atalhos se encontram em uma palavra: transformação.⁷⁰⁷

Dar voz aos próprios autores das pichações em Teresina nos aproxima um pouco mais da maneira como veem a cidade, a traduzem e expressam suas impressões frente ao processo de homogeneização em que o espaço urbano das cidades globais vem passando. É sobre essas transformações que estão ocorrendo nesse espaço que os pichadores estão se posicionando. Eles buscam, a seu modo, questionar essa realidade que foi imposta aos moradores da urbe sem pedir sua autorização, que passou a disciplinar espaços e comportamentos na busca de uma cidade pós-moderna, conectada com os novos tempos e experiências ditadas por um urbanismo uniformizador, excludente e segregado. Seus riscos pela cidade expressam uma opinião, imprimem uma identidade, traz fama e notoriedade para pessoas desprezadas e oprimidas pelo sistema.⁷⁰⁸

Álvaro Ferreira interpreta esse tipo de ação pelas ruas das cidades como um sinal de insurgência contra o sistema, a sociedade e a política adotada nas cidades globais nas últimas décadas. No seu entendimento,

O caráter fugaz dessas práticas, que apresentam grande diversidade, não significa que não possam ser impactantes, até porque constituem, de alguma maneira, outra espacialidade. Assim, as intervenções daqueles ligados às artes de rua têm a potencialidade de alterar os usos das formas espaciais, de desorganizar a anterior forma concebida, de se apropriar do espaço (ainda que momentaneamente). É exatamente a partir dessa percepção que acreditamos

⁷⁰⁷ Entrevista de Granizo concedida à Revista *Revestrés* em 2013, que trouxe um dossiê sobre a temática intitulado: “Riscos urbanos: vandalismo, arte, protesto? *Revestrés* ouvi histórias e opiniões sobre as pichações. Quem são os jovens que rabiscam o muro das cidades, e o que eles tem a dizer”. *MISTURÊBA*: pegue um atalho In: *Revista Revestrés*: literatura, arte, cultura e algo mais. n. 9, jul/ago. 2013. p. 81.

⁷⁰⁸ Agradeço a amiga Gislane Cristiane Machado Torres pelo *insight* referente aos “atalhos” de Granizo.

que tais intervenções abram caminho para a tessitura de outras relações sociais, podendo abranger diferentemente as tramas do espaço.⁷⁰⁹

Os espaços da cidade são apropriados de maneiras diversas por seus moradores. Em uma sociedade cada vez mais marcada pelo controle, disciplinamento e vigilância constantes dos espaços urbanos tendo, em nome da busca por segurança, como objetivo também assegurar a segregação desses lugares, garantindo que as pessoas tidas como malquista por parte dessa sociedade sejam mantidas mais distante possível deles. A prática do xarpi é vista como uma afronta a ordem vigente. Mas, para o Estado e os aparatos legais, como vimos, essa prática não se trata de uma manifestação contestatória de uma dada realidade, é entendido como vandalismo e delinquência que deve ser prontamente refutada e punida. O pichador paulista, Djan Ivson, afirma existir

uma grande contradição e hipocrisia nessa lei sobre o crime ambiental. O que degrada mesmo o meio ambiente são os prédios, os esgotos a céu, a poluição. Nossa pichação não entope bueiros, não atrapalha a luz do sol e é de longe bem menos opressiva do que a depredação imobiliária que acontece diariamente em nossas cidades. [...] não tem outra manifestação urbana que ocupe tanto a cidade como a pichação. [...] O picho continua sendo odiado pela sociedade, e esse é o papel dele. A pichação não veio para agradar, mais sim questionar e incomodar.⁷¹⁰

Independentemente da característica ou classificação, pichação, picho, xarpi, do seu traçado ou significado, essas práticas urbanas são antes de tudo uma prática subversiva, de negação da ordem estabelecida. É a maneira que encontraram para participar, mesmo que de forma clandestina, dessa cidade, dos seus espaços. A efemeridade de suas inscrições está ligada diretamente aos tempos fluidos de que nos falamos Bauman. Os rabiscos produzidos com a tinta em spray, em movimentos rápidos e precisos na calada da noite, em ambientes de intensa circulação de pessoas, buscam a visibilidade negada a essas pessoas consideradas das subclasses. É a notoriedade e a saída do anonimato, mesmo que de forma momentânea, que esses personagens buscam. São seus “quinze minutos de fama”, que podem ser prolongados por dias ou semanas, mas que têm como certeza o encontro com a tinta, em sua maioria branca, preferência para os muros da capital piauiense, o fenecimento dos seus inscritos. Os muros da cidade funcionam como palimpsestos, nos quais as inscrições apagadas por camadas generosas

⁷⁰⁹ FERREIRA, Álvaro. Produção alienadora das cidades e sinais de insurgências. _____; RUA, João e MATTOS, Célia. (Org.). *O espaço e a metropolização: cotidiano e ação*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. p. 116.

⁷¹⁰ Libertem a bienal In: *Revista Revestrés: literatura, arte, cultura e algo mais*. n. 9, jul/ago. 2013. p. 49.

de tinta, ao mesmo tempo funcionam como formação de uma nova tela para esses interventores indesejados da cidade. Seus inscritos estão, dessa forma, carregados de incertezas e inseguranças, como a fugacidade de suas próprias existências.

Todo esse percurso pelas novas configurações espaciais e sociais que a cidade contemporânea apresenta aos seus habitantes/consumidores permite-nos inferir que essa experiência criou um fosso entre os moradores dos centros urbanos, que vêm perdendo gradativamente o sentimento de participação coletiva, do viver em comunidade. Essa é uma das mais significativas mudanças da vida urbana contemporânea. Entendemos também que

A segregação das novas elites globais; seu afastamento dos compromissos que tinham com o *populus* do local no passado; a distância crescente entre os espaços onde vivem os separatistas e o espaço onde habitam os que foram deixados para trás; estas são provavelmente as mais significativas das tendências sociais, culturais e políticas associadas à passagem da fase sólida para a fase líquida da modernidade.⁷¹¹

3.5 (Des)encantos com o processo de modernização de Teresina: lembranças do passado, sentidos do presente.

Na leitura que Michel de Certeau faz da cidade de Nova York a partir da visão que tem do 110º andar do, hoje extinto, que em seu lugar foi feito um memorial símbolo de uma das maiores tragédias norte-americanas, World Trade Center, à época um dos prédios mais altos do mundo, símbolo de poder e grandeza dos centros urbanos da cultura ocidental capitalista, é possível ter uma visão panorâmica da metrópole. Mais do que isso, é possível contemplar a cidade, permite ler o urbano por um “olhar divino”, uma verdadeira exaltação, distante do nervosismo das ruas e do tráfego nova-iorquino. Mas para o autor, a visão não está completa, é necessário despencar às ruas caóticas por onde circulam uma multidão apressada para se acessar o que ele denominou de “praticantes ordinários da cidade”. É por meio de suas ações e registros que

o ‘texto’ urbano que inscreve sem poder lê-lo” [...]. As redes dessas escrituras avançando e entrelaçando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra.⁷¹²

⁷¹¹ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: 2009. p. 28.

⁷¹² CERTEAU, Michel de. Práticas de espaços – Caminhadas pela cidade. In: _____. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 171.

De modo que essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações”, uma outra espacialidade, diferente daquela imposta pela geografia e geometria urbana. Trata-se de uma experiência antropológica, poética e mítica do urbano. Certeau propõe visualizar “uma cidade transumante, ou metafórica” a insurgir-se sobre uma cidade planejada e visível. Essa leitura só é possível por conta das características que essa cidade possui, ou seja, das contradições e contrastes que oferece. Ela se modifica em texturologia onde extremos da ambição e da degradação, oposições de raças e estilos digladiam-se constantemente compondo o espaço urbano da metrópole pós-moderna.

Acessar o urbano é muito mais complexo que localizar cartas cartográficas, fazer análises geográficas ou ler escalas geométricas. É adentra-se em uma espacialidade humana. Semelhante às disposições das camadas geológicas, justapostas minunciosamente ao longo de milênios, que ajudam a contar a história da Terra, sua composição, estrutura, propriedades físicas, os processos que lhe dão forma, as cidades também se sobrepõem em um determinado tempo e espaço. Por analogia, cada camada guarda uma cidade que fora sobreposta, uma sobre a outra, assim como as inúmeras histórias vivenciadas por seus habitantes. Os estudos culturais do urbano propõem uma arqueologia das cidades, sendo a forma de acessá-las pelo historiador, diferente do arqueólogo ou do geólogo: não é escavando-a, e sim buscando seus vestígios na memória dos seus moradores, podendo ser ela em registros escritos ou orais.

Teresina está inserida no processo de globalização que outras cidades brasileiras também passaram nas últimas décadas, como a questão do aumento populacional, processos de modernização e segregação urbanas acompanhando, reservadas as distinções entre elas, os demais centros urbanos de porte médio.⁷¹³ Com uma população de 814.230 mil habitantes, conforme dados do último Censo Demográfico, em 2010, do IBGE, Teresina ainda não é uma metrópole, porém, ensaia participar dessa nova classificação por meio da introdução de aparelhamentos urbanos que vêm modificando consideravelmente não apenas sua paisagem como também a forma de vivências de seus moradores. Um aspecto desse processo, como

⁷¹³ De acordo com o IBGE, são consideradas metrópoles, ou seja, grandes cidades, aquelas que ultrapassaram um milhão de habitantes. As cidades médias são entendidas como centros urbanos com uma população entre 100 mil e 300 mil habitantes. Já as cidades de pequeno porte são aquelas com população inferior a 100 mil habitantes. Contudo, esses dados são vagos pois buscam uma classificação levando em consideração apenas aspectos quantitativos demográficos. Outros aspectos como as atividades econômicas, a diversificação de bens e serviços ofertados para sua população, incluindo empresas e serviços de alto padrão e sofisticação são mais significativos para essa classificação. Nelas estão presentes centros educacionais de nível superior, centros de pesquisas, laboratórios e clínicas especializadas, além dos meios de comunicação de massa. Geralmente, esta categoria de cidade tem influência sobre o seu estado ou uma determinada região. ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

vimos, é a inserção de novas praças comerciais como os *shoppings centers*, reconfigurando não apenas o comércio local, como também forjando novas sociabilidades. Outro aspecto está ligado à verticalização urbana que a cidade vem passando, com o surgimento dos prédios de condomínios.

Teresina é marcada pela mudança, pela busca do novo, do moderno, da modernização. Idealizada e construída para sediar a nova capital do Piauí, carrega consigo esse estigma. Por outro lado, convive com traços de ruralidades, perceptíveis na permanência de algumas práticas ao longo dos tempos. Práticas essas ligadas a estruturas identitárias do próprio estado, como a agricultura e a pecuária. De modo que encontramos estruturas de repetições que perduraram ao longo dos anos de forma ritualizada, enriquecendo culturalmente gerações, que assimilaram e repassaram certas práticas.

Essas mudanças pelas quais a cidade passa constantemente estão ligadas diretamente a dois conceitos inaugurados no século XVIII, com a nova era que mudariam para sempre as concepções sobre a história e o tempo histórico: o de modernidade e de modernização. Ambos carregam consigo a estigma do “novo”, do “moderno”, do “atual”. Reinhart Koselleck informa que esses conceitos são marcados por uma carga semântica que não podem ser utilizados ou compreendidos sem uma articulação linguística entre os extratos de uma experiência histórica. Nesse sentido, entendemos que essa expressão leva a uma interpretação que o tempo atual se opõe ao tempo passado, e por outro lado, “o novo pode indicar uma reivindicação qualitativa, de ser novo no sentido inteiramente diferente, ou até mesmo melhor do que o tempo anterior. Então o novo tempo indica novas experiências que jamais haviam sido experimentadas dessa maneira”.⁷¹⁴

Entretanto, para uma análise consistente do sentido dessas mudanças para uma sociedade, é necessário recorrer a multiplicidades dos tempos históricos em que essas mudanças e os agentes sociais nelas envolvidos estão inseridos. Nessa perspectiva, Krzysztof Pomian, na cronosofia que faz sobre o tempo, revela ser necessário para isso uma arqueologia histórica do tempo, na qual é necessário reconstituir os diversos extratos de tempo ali presente, não colocando-os de forma diacrônica, mas inter-relacionando-os, de modo que as diversas perspectivas de tempo, seja ele natural, psicológico ou histórico sejam levadas em consideração.⁷¹⁵ É, portanto, na interação dessa polissemia de tempos que é possível

⁷¹⁴ KOSELLEK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p.274.

⁷¹⁵ POMIAN, Krzysztof. *El orden del tempo*. Madrid: Júcar Universidad, 1990.

compreender os agentes históricos e suas experiências vivenciadas em seu tempo, mas sempre partindo das ansiedades do presente para compreender o passado.

Segundo Koselleck, para compreender as ações humanas historicamente, é necessário situá-las no tempo. Para isso, o autor lança mão da análise da assimetria dos tempos: passado, presente e futuro por meio de categorias meta-históricas compreendidas entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativas. Dito de outra maneira, a relação construída entre passado e futuro que são mediadas pelo presente. Aos olhos do historiador essas categorias necessitam de análise da composição de suas estruturas. Apesar de se relacionarem, não são conceitos simétricos complementares, possuem formas de ser diferentes. Passado e futuro jamais chegam a coincidir, porém não há expectativa sem experiência e não há experiência que não gere expectativa.⁷¹⁶

Dessa forma, as experiências presentes são palco para a criação de expectativas, só podemos construí-las a partir de experiências do presente. Entretanto, a história revela, na maioria das vezes, que essas expectativas produzidas pela experiência presente, portanto limitada aos nossos anseios e desejos, ou ainda, por medo e insegurança, nem sempre se concretizaram. Mas foram importantes enquanto mecanismos para pensar o futuro, mesmo sabendo que ele pode realizar-se de outra forma. As expectativas mesmo não cumpridas como foram elaboradas levam a mudanças de concepções e comportamentos, da mesma forma que as experiências históricas podem ajudar a compreender os resultados que possamos atingir. Estão fora da nossa realidade imaginada, atingível, mas de alguma forma influenciam na chegada dos resultados.

Raymond Williams, no estudo que faz da inter-relação entre campo e cidade, desde os séculos XVI e XVII, e as intensas transformações provocadas com o processo de industrialização posto em prática na Inglaterra a partir do século XVIII, sobretudo em nas mudanças ocorridas em Londres, tem como suporte a produção literária na análise e compreensão do fato de como o capitalismo agrário altamente desenvolvido operou no sentido de substituir um campesinato tradicional. As marcas dessa relação ficaram registrada na nova literatura urbana dos séculos XIX e XX. A partir dessa análise, o autor chega ao foco central de uma crise subjacente:

É significativo que a imagem comum do campo seja agora uma imagem do passado, e a imagem comum da cidade, uma imagem do futuro. Se as isolarmos deste modo, fica faltando o presente. A ideia do campo tende a tradição, aos costumes humanos e naturais. A ideia de cidade tende ao

⁷¹⁶ KOSELLECK, 2006.

progresso, à modernização, ao desenvolvimento. Assim, num presente vivenciado enquanto tensão, usamos o contraste entre campo e cidade para ratificar uma divisão e um conflito de impulsos ainda não resolvidos, que talvez fosse melhor encarar em seus próprios termos.⁷¹⁷

A relação que Williams fez de Londres, durante a modernidade, lembra dos incômodos provocados pelas rápidas mudanças ocorridas em Teresina, entre o final do século XX e o início do século XXI, especialmente, na tentativa de apagar seu passado agrário e torná-la em uma cidade pós-moderna, presente no slogan da administração municipal (2001-2004) “Teresina: cidade futuro”, sendo o presente palco dessa fronteira entre o passado agrário e o futuro moderno. Assim como o autor inglês, tomamos a literatura, sobretudo, o gênero das crônicas, para analisar como esses conflitos foram registrados pelos literatos da cidade, observadores argutos e críticos de sua realidade.

A cidade moderna avulta diante de seus habitantes um pandemônio de textos, com luminosos letreiros de lojas, outdoors, anúncios, placas de rua, sinais de trânsito, relógios, manchetes de jornal, propagandas, folhetos, avisos, informações de toda espécie; assim ela é reproduzida nas crônicas. O cronista captura algumas dessas linguagens, narra cidades que, dependendo de nossa capacidade de leitura, induzem o leitor na construção de outras tantas cidades.⁷¹⁸

Nesse sentido, a cidade é revelada pelo olhar arguido do cronista que ler a cidade, a interpreta e transmite para o papel suas impressões sobre o vivido no cotidiano da cidade. Buscam analisar as representações sociais construídas nesses espaços, aborda as mais variadas visões sobre a cidade, os significados do passado e das mudanças implantadas no presente, adentra no imaginário coletivo, introjetando-se na subjetividade dos seus habitantes, revelando o que muitas vezes não é possível acessar por meio de outras fontes. São registros significativos do universo urbano geralmente não relevado em outros documentos. Como ponto de partida, tomamos a descrição autobiográfica de Geraldo Almeida Borges.

Estou de volta a minha rua. A Campos Sales não é mais a mesma, virou avenida. Está coberta de piche. Os terrenos baldios deram lugar a residências bem construídas, com plantas assinadas por engenheiros, com garagens, terraços e, às vezes, jardins. Já não passam carroças puxadas a burro. E sim ônibus atropetados de gente e carros de passeio correndo e buzinando. A avenida ficou repleta de cafés, bares, restaurantes, pizzarias, escritórios,

⁷¹⁷ WILLIAMS, Reymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2001, p. 483 e 484.

⁷¹⁸ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidades das letras. In: MATOS, Izilda Santos de. et al. *Cidades: representações, experiências e memória*. São Paulo: Olho d'Água, 2017.

consultórios. As casas familiares estão desaparecendo, a maioria de seus habitantes já morreram, e seus descendentes se mudaram para o Jóquei Clube, uma nova cidade do outro lado do rio Poty.⁷¹⁹

O processo de modernização avassaladora pela qual passava a cidade chegava a incomodar alguns de seus moradores, o escritor e poeta Hindenburgo Dobal lançou um olhar recriminador sobre a cidade, a descreve com um tom irônico e sutil em “Grandeza e glória nos letreiros de Teresina”, publicado em 1997. Na crônica, a cidade é apresentada como uma aldeia decadente. Como coloca o escritor: “o curso do tempo não fez dela uma cidade grande, embora não lhe faltem os indicadores de grandeza das cidades [...]. O tempo, o aumento da população e o desenvolvimento do comércio há muito sufocaram o que nela havia de aldeia”.⁷²⁰ O problema central abordado pelo poeta diz respeito à necessidade de analisar esta “aldeia” que deixou de sê-la formalmente, mas que ainda carrega consigo traços indesejáveis desta mudança: prédios em ruínas, espaços subtraídos de sua função social. A ironia é extraída do confronto entre a ideia e a sua materialização, quase sempre uma indigesta contradição.

Uma arquitetura corrompida desfigura o centro da cidade, onde antigas residências familiares remendadas, mal adaptadas como lojas, principalmente pequenas lojas dos bairros proclamam uma grandeza que só existe na fantasia dos proprietários, chegando mesmo a casos de megalomania explícitas. A cidade não tem mais açougues. Todos são frigoríficos, por menores que sejam e tenham ou não aparelho de refrigeração. Todas as farmácias se transformaram em drogarias; as padarias são confeitarias ou panificadoras.⁷²¹

H. Dobal foca em um aspecto curioso dessa cidade que enseja ares de metrópole: a “megalomania explícita” estampada nos letreiros que nomeiam, enfeitam e poluem a cidade como: “Depósito Terrestre”, referindo-se a um depósito de areia e barro destinado à construção civil, ou improbidades ainda piores como “supermercadinho” para descrever uma venda de pequeno porte, “Drogalúcia” para uma farmácia, dando uma impressão de que Lúcia é uma droga, ou ainda, impiedosos como “Abatedouro N. S. de Fátima”. Para Dobal, é indiscutível, “nos letreiros de Teresina estão concentradas as audácias de uma cidade tímida”. Assim como a “grandeza e a glória” escancarada nos letreiros com palavras como “Rei, Príncipe, Duques e outros títulos menores de hierarquia real” ou “Universal, Mundial, Palácio”.⁷²² Mas, como a

⁷¹⁹ BORGES, Geraldo Almeida. *Província submersa: crônicas teresinenses (século XX), personagens, mitos e movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2011. p. 21.

⁷²⁰ DOBAL, Hindenburgo. Grandeza e glória nos letreiros de Teresina. In: *Prosa reunida*. 2 ed. Teresina: Plug, 2007. p.147.

⁷²¹ DOBAL a, 2007, p. 148.

⁷²² DOBAL a, 2007, p.149.

escritora Marleide Lins afirma: “mesmo pobre, viver em Teresina é sina nobre”.⁷²³ Esse mesmo incômodo já tinha sido verificado pelas jornalistas observadoras perspicazes do cotidiano da cidade, Siljane Alves e Samaria Andrade, ainda em 1992.

O comércio de Teresina tem uma vocação para a megalomania. Um turista desavisado que percorre as ruas da cidade pode até se convencer de que o comércio feito aqui está na lista dos maiores do país, tamanha é a quantidade de ‘ãos’ e de adjetivos majestosos estampados nos letreiros das lojas. Reis, barões, palácios, supers, hipers, bigs, lojões e mundos, revelam a tendência do comércio local para usar a propaganda do exagero como alternativa de destaque na concorrência. Nem sempre o volume sugerido pelo nome corresponde a dimensão da atividade.⁷²⁴

Assim como penetra no imaginário urbano, em suas fantasias e revela uma cidade aspirante a uma modernidade inatingível e que, pela simplicidade de suas estruturas físicas e comerciais ao contrastar com a grandeza de seus letreiros, ganha tons burlesco e caricatos. Ao passo que apresenta a decadência da cidade, não apenas nos aspectos físicos de suas estruturas urbanísticas em ruínas, desprezadas e modificadas em nome de um “progresso”, de um “novo”, que não consegue se instaurar, não se concretiza, trazendo uma sutil mistura de antigo, velho, decaído, com uma imagem de novo, não algo “moderno”, “grandioso”, e sim algo que mesmo tendo acabado de nascer carrega a poeira da eterna inconcretude, como se já nascesse velho.

Para Marshall Berman,

O modernismo do subdesenvolvimento é forçado a se constituir de fantasias e sonhos de modernidade, a se nutrir de uma intimidade e luta contra miragens e fantasmas. Para ser verdadeiro para com a vida da qual emerge, é forçado a ser estridente, grosseiro e insipiente. Ele se dobra sobre si mesmo e se lança a tentativas extravagantes de tomar para si toda a carga da história. Ele se chicoteia em frenesis de auto-ironia.⁷²⁵

Dobal, assumidamente avesso a essa ideia de “progresso” pela via da imposição, já havia deixado registrado sua impressão sobre a cidade de Teresina, em o *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina*, escrito em 1952, quando da comemoração do primeiro centenário da cidade.

⁷²³ LINS, Marleide. Viver Teresina. In: MARANHÃO, Salgado (Org.). *Teresina: um olhar poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009. p. 89.

⁷²⁴ ALVES, Siljane; ANDRADE, Samária. Mania de grandeza no comércio da capital. *O Dia*. Teresina, ano XXI, n. 9.913. p.09, 21 maio 1992.

⁷²⁵ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 220.

Essa cidade ardente, poucos homens a trazem na lembrança ou no coração. É uma cidade simples, tranquila. Aqui não há nem becos nem ladeiras, mistérios nem tradições. Cem anos não deixam acumular muita coisa na vida de uma cidade que já nasceu velha e que sempre teve o ar de uma aldeia grande [...]. Um ar que se transforma aos poucos com o correr do tempo e esta transformação indecisa mais o progresso ajudam na descaracterizar a cidade.⁷²⁶

De há muito o autor já observa as incongruências do processo de modernização que Teresina passara. A descaracterização de sua arquitetura, a imposição de mudanças de seus espaços leva o autor ao não reconhecimento da sua cidade, como ficou evidente em seu livro “Um homem em particular”, publicado em 1985.

Hoje vivo em uma cidade sem ruas e não me sinto mais ligado à cidade nenhuma. A passagem do tempo tornou-se irreal a minha própria cidade. Voltei lá depois de muitos anos. Reconheci algumas casas e os rios, que aparentemente eram os mesmos. Mas no todo era uma cidade descaracterizada, invadidas por estranhos. O burgo sonolento e amável se descaracterizou, mas continua intacto em um lugar acessível da memória.⁷²⁷

A cidade cantada pelo poeta, a quem possuía profundo afeto, desaparecera, fora substituída. Nessa nova cidade, não identificava mais seus espaços, seus habitantes, a sua velha Teresina só existia em sua memória, lembranças ainda vivas de um passado presente que relutava em permanecer, não enquanto espacialidade palpável, acessível pelo transeunte comum, aquele que caminha por ruas reais. Mas aquela acessível apenas em suas reminiscências. “Agora volto lá frequentemente em sonhos. Isto é bem claro: não é uma cidade desaparecida que volta para mim. Sou eu que volto para uma cidade que foi sendo rapidamente substituída e encontro ruas onde todos desertaram”. O escritor H. Dobal faz um percurso solitário pelas ruas da cidade existente apenas em sua memória.

Volto àquela cidade e tudo me é de novo familiar. Ando sozinho pelas ruas vazias, na claridade insuportável de uma tarde de outubro. O Sol, porém, não tem fogo, não queima nada. Meus passos não ressoam no silêncio. Atravesso um monte de folhas secas que não crepitam. Nada ressoa, nada se move, não há vento nas árvores. [...] O silêncio é impenetrável. Perdeu-se todo rumor de vida. Até as antigas tempestades de trovões, que sacudiam a cidade, morrem agora sem descer do azul. Vejo-me, sou um adulto incompleto, continuo a crescer dentro dessa cidade morta, que não me abandona.⁷²⁸

⁷²⁶ DOBAL, Hindemburgo b. Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina. In: *Prosa reunida*. 2 ed. Teresina: Plug, 2007. p. 11.

⁷²⁷ DOBAL, Hindemburgo c. Um homem particular. In: *Prosa reunida*. 2 ed. Teresina: Plug, 2007. p. 107.

⁷²⁸ DOBAL c, 2007, p.107 e 108.

As sensações invocadas pela memória, por mais que se aproximem, jamais serão as mesmas vividas no momento da experiência. A angústia do autor é percebida na melancolia com a qual fala de sua cidade, que, mesmo não existindo mais, estando morta, não o abandona, persiste em atormentá-lo. A cidade parece povoar os sonhos de nossos poetas, como uma forma de visitar sua cidade sobreposta pelo tempo. Geraldo Almeida Borges, na crônica, “Procurando uma velha estação”, descreve sua experiência imaginária pelas ruas da antiga cidade:

Estou dentro de um trem fantasma ao lado de uma janela, e que se dirige para a estação Teresina. Tudo se passa rapidamente. Venho de volta de outro mundo. Quando desço na estação não encontro viva alma me esperando. [...] Começo a andar para sair da estação, que tem telhado alto e janelas góticas. Mas para onde vou? Meus pais estão mortos. Nossa casa já não existe mais, desmoronou. Foi passada nos cobres numa partilha entre os herdeiros. Nesse caso vou me refugiar em uma pensão. [...] Agora estou dentro do taxi. No espelho que vai rapidamente clareando eu me vejo correndo na rua Campos Sales, atrás de uma bola de meia, jogando peteca, empinando papagaio, pegando passarinho. De repente a adolescência, a descoberta do corpo feminino, os dezoito anos, o Exército, [...] A volta a vida civil, as viagens pelo mundo, os desencontros, as cartas esquecidas, sem respostas, os endereços perdidos, a terra natal. Eram detalhes se desenhando nas bolhas d’água do para-brisa.⁷²⁹

O cronista continua a descrever seu diálogo com o taxista e pede para deixá-lo em uma pensão nas proximidades do rio Parnaíba e o taxista informa que os melhores hotéis estão situados às margens do rio Poti, mas Geraldo Almeida preferia as pensões modestas do Centro da cidade, para onde finalmente foi levado. Chegando à pensão, não foi recebido pela proprietária, que desconfiada perguntou pelas malas e ele informou que havia esquecido no trem e a senhora disse: “conte a sua história direito. Em Teresina não tem mais trem”. A senhora desaparece. “A chuva parou de repente. Desanuviando a neblina. Notei que a cidade estava cheia de arranha-céu e asfalto, e se escancarava luminosa como uma dama da noite nos enfeites de Natal”. O cronista passa a vagar pelas ruas da cidade, sem destino. “Aí acordei e vi que tudo não passara de um sonho em busca de uma cidade perdida. E que eu jamais teria a esperança de redescobri-la, a não ser descendo às ruínas de seus antepassados”.⁷³⁰

Na perspectiva de tempo histórico, o passado possui um lugar de destaque. Os historiadores lidam com o que passou, com a experiência humana vivida. A única forma de acessar esse passado, ou melhor, parte dele, é por meio das fontes históricas, ou seja, pelos

⁷²⁹ BORGES, 2011, p. 124 e 125.

⁷³⁰ BORGES, 2011, p.126.

restos desse passado deixados pela experiência de homens e mulheres no tempo. São esses vestígios que chegam ao historiador e são tratados por ele. Entretanto, essa análise carece de cuidados, pois, nos dizeres de Reis, “o passado é uma consolidação do ser no tempo, é duração realizada”, ou seja, ao acessar o passado, não estamos fazendo de forma pura, neutra, pelo contrário, acessamos uma representação dele, a maneira pela qual aqueles atores sociais experienciaram uma determinada vivência.⁷³¹

Paul Ricoeur lança mão da fenomenologia, para acessar o tempo vivido a partir do tempo crônico, passando pelo tempo linguístico, referido ao discurso, de modo a tocar todas as relações temporais entre passado, presente e futuro. “Com efeito, a relação direta do eu ao tu e ao nós é desde o começo temporalmente estruturada: somos orientados como agentes e pacientes da ação, para o passado rememorado, para o presente vivido e para o futuro antecipado da conduta do outro”.⁷³² Nesse sentido, toda vivência humana deve ser situada no tempo, de modo a localizar aquilo que o autor denominou de reinos contemporâneos, predecessores e sucessores e dessa forma encontrar não só a relação existente entre eles, mas acessar o significado dessa experiência humana. O autor reconhece a aporia entre o tempo físico e o psicológico. Pensar essa relação é trazer à tona o tempo histórico, que é evidenciado mediante a narrativa.

Portanto, compreendemos que só é possível uma apreciação da concepção de espaço e de tempo dos autores aqui analisados sobre a cidade de Teresina e suas transformações quando os situamos em um tempo histórico, localizamos aquela experiência em um determinado presente, que não obrigatoriamente é o nosso, e a análise que eles fazem do seu presente tem relação direta tanto com o passado, as memórias afetivas ligadas a ele, como com o futuro, a qual possuem aversão, por não conhecê-lo ou reconhecê-lo, ou ainda, não fazerem parte do seu campo de expectativas. Koselleck situa o tempo histórico entre aquilo que ele denominou de espaço de experiência e horizonte de expectativas, referindo-se à perspectiva de tempo presente está intimamente ligada a essa relação entre as experiências passadas e as ansiedades em relação ao por vir, que podem ter um caráter negativo ou positivo, dependendo das perspectivas de cada um que também está situada no tempo.⁷³³

⁷³¹ REIS, José Carlos. O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e nos *Analles*: uma articulação possível. In: _____. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 182.

⁷³² RICOEUR, Paul. Entre o tempo vivido e o tempo universal: o tempo histórico. In: _____. *Tempo e narrativa – Tomo III*. Campinas: Papirus, 1997. p. 193.

⁷³³ KOSELLECK, 2006.

O advento da modernidade trouxe uma aceleração da perspectiva da passagem do tempo, introduzindo ritmos mais intensos, modificando dessa forma a simultaneidade das durações entre o vivido e o sentido. Nessa perspectiva de modernidade, acelerada e fluida, uma modernidade líquida nos dizeres de Zygmunt Bauman, está-se impossibilitando a manutenção das formas por muito tempo. As próprias organizações sociais encontram impossibilitadas, nessa nova conjuntura, de atuarem em um presente no sentido de fazerem projeções seguras e a longo prazo para o futuro.⁷³⁴ É fundamental, para a permanência da ideia de organização social, relações estabelecidas com o passado, com o tempo e, portanto, com a memória e a história. Entretanto, como afirma Frederick Jameson, “o modo como o qual todo o nosso sistema contemporâneo começou, pouco a pouco, a perder a capacidade de reter seu próprio passado, começou a viver em um presente perpétuo e em mudança perpétua”.⁷³⁵ Mostrando, dessa forma, uma incapacidade e até mesmo uma impossibilidade de lidar com o novo, que muda a cada instante.

Essa aceleração das mudanças em um ritmo frenético não é acompanhada por todos, como fica evidente nos textos dos literatos aqui em análise, como é perceptível no texto a seguir:

Definição

Teresina:
ausência
de uma presença ...
presença
da mesma ausência ...
só memória na memória
sempre viva.
só saudade ... só distância
só vontade.
... e um ardor medonho no peito⁷³⁶

Ao definir Teresina como uma “ausência de uma presença”, estaria o autor Torquato Neto, ilustre representante teresinense, de renome nacional, ao participar do movimento denominado de Tropicália, ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros, referindo-se a dificuldade que a cidade tem em reter seu passado, uma vez que estaria em um eterno presente? Uma cidade jovem o suficiente para renegar o passado, com olhos voltados para o por vir, pouco deixaram marcas, a não ser dobras e rugas que relutam em aparecer na memória

⁷³⁴ BAUMAN, 2001.

⁷³⁵ JAMESON, Frederick. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.44.

⁷³⁶ ARAÚJO NETO, Torquato Pereira de. Definição. In: MARANHÃO, Salgado (Org.). *Teresina: um olhar poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009. p. 09.

daqueles que estão distantes. O poema acima foi escrito em 23 de agosto de 1962, no Rio de Janeiro. Seria uma homenagem pela passagem do centésimo décimo aniversário da cidade, comemorada em 16 de agosto daquele ano? Não sabemos.

Em “Estratos do tempo”, Koselleck refere-se aos fundamentos decisivos da modernidade que fizeram substituir o tempo linear por um tempo estratificado, rompendo alternativa entre sincronia e diacronia. A memória coletiva está sujeita a quebras que produzem esquecimentos, de modo que todo ganho de experiência corresponde também a uma perda. A narrativa histórica sempre precisa reformular a história passada, uma vez que previsão e realização quase nunca coincidem.⁷³⁷

Outros autores também deixaram registrado suas impressões sobre as mudanças que a cidade passara nos últimos anos.

Ex-Teresina

Teresina,
A minha,
Essa não há mais.

A minha
Era uma cidade sem cais
Pois essa atual veio depois
Do desaparecimento da Palha de Arroz

A Teresina
Dos Cajueiros
Do Barroão
Da Maria Tijubina
Essa não mais se mostra à retina

A da Estrada Nova
Da Baixa do Chicão
A da usina
Não há mais tal Teresina

A da vitamina do Mundico
Do pastel do Gaúcho
E do Bar Carnaúba
Do programa do Al Lebre
Da crônica do Carlos Said
Das aulas de A. Tito Filho
Das agências da Saraiva
Do Teatro de Santana e Silva
Das raparigas do Corso

De tudo que já foi
Resta a cajuína

⁷³⁷ KOSELLEK, Reinhart. *Estratos do Tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2014.

E uma nova Teresina
 Que nunca termina
 E que constantemente nos ensina
 A ter seu amor como sina.⁷³⁸

A Teresina de Climério Ferreira não existe mais, por esse motivo na avaliação do poeta, ela é hoje “ex-Teresina”, ou seja, deixou de ser a sua Teresina, cidade pequena de bairros periféricos como o “Palha de Arroz”, o “Cajueiro”, o “Barroco”, hoje urbanizados e compondo o Centro da cidade; de tipos populares simples como a “Maria Tijubina”, o “Mundico”, o “Gaúcho”; de célebres personalidades da vida intelectual da cidade como Carlos Said, da crônica esportiva e do professor, jornalista e cronista Arimatéia Tito Filho ou ainda das famosas raparigas do Corso. Para este poeta tudo se modificou, se perdeu, não existe mais, foi apagado pelo tempo, essa Teresina foi sobreposta por outra (s). Sendo a única coisa que resta da sua velha Teresina é a típica bebida local, cajuína, e uma cidade que “nunca termina”, que se renova constantemente gerando nos corações de seus amantes, moradores, poetas, cronistas ou até mesmo visitantes o amor por ela “como sina”.

Mas, há quem a veja como de forma harmoniosa, conciliadora do velho e do novo, da antiga e da moderna Teresina.

Teresina

Há quem te queira apenas Capital,
 cheia de prédios, moderna, vertical.
 Mas te queremos também horizontal,
 cidade calma, arejada, tradicional.

Mas quem te queira só central,
 nervosa, agitada – comercial.
 Mas nós te amamos também periférica,
 de gente pobre, alegre, simples: natural.

Falar mal do teu calor é puro engano
 dos que não conheceu teu calor humano

Os que só veem em ti o moderno e o novo
 não percebem que a cidade é o povo
 e que és mais que cidade – és a síntese
 de um Estado que olha pro futuro
 sem jamais esquecer o seu passado.

Claro que queremos grande, moderna, progressista,
 mas te queremos eternamente ingênua e pura,
 amiga, sentimental, sempre menina,

⁷³⁸ FERREIRA, Climério. Ex-Teresina. In: MARANHÃO, Salgado (Org.). *Teresina: um olhar poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009, p. 45 e 46.

ternura antiga, flor mimosa – Teresina.⁷³⁹

Na visão do poeta Paulo José Cunha, é possível uma convivência harmoniosa com as mudanças da cidade, pois a cidade “grande”, “agitada”, “moderna”, “progressista”, “cheia de prédios” é desejada por parte de seus moradores, uma vez que também sejam preservadas suas características de cidade pequena, acolhedora, descrita de forma metafórica como cidade “ingênua e pura, amiga, sentimental, sempre menina”. Ou seja, que essa cidade do presente consiga conciliar os progressos do futuro, valorizando suas características do passado. Nesse sentido, outro poeta, Laerte Magalhães, defende o ensejo de ter a cidade moderna, mas sem perder suas características, como a ligação que possui com os rios:

Teresina

A cidade é pequenina,
mas o sonho é imenso,
feito o rio mais extenso
que nos banha e nos fascina.

Ao dobrar de cada esquina,
sob o céu que nos socorre,
cada rua nos percorre
para o bairro a que se destina.

Barcos que sob pontes,
conduzem também destinos
homens, iguais a meninos,
são afluentes e fontes.

Nas veias correm também
veios de luz, raios vivos,
os rios passando altivos
são rios de querer bem.

No bulício da quermesse,
o calor que desatina,
o coração de Teresina
é o sol que nos aquece.⁷⁴⁰

Apesar das inúmeras intervenções urbanísticas que a cidade vem passando ao longo dos anos, há elementos inerentes à cidade, que perduram através dos tempos e das mudanças. São os elementos naturais como os rios e o clima quente, característicos da cidade, que permanecem

⁷³⁹ CUNHA, Paulo José. Teresina. In: MARANHÃO, Salgado (org.). *Teresina: um olhar poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009. p. 97 e 98.

⁷⁴⁰ MAGALHÃES, Laerte. Teresina. In: MARANHÃO, Salgado (Org.). *Teresina: um olhar poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009. p.85 e 86.

no imaginário dos poetas e são próprios da cidade, apesar das reconfigurações que a vêm passando ao longo dos tempos, esses são elementos de permanências, marcas identitárias que ela carrega ao longo dos tempos.

O que liga os diversos poetas e escritores é a crítica que fazem sobre o processo de modernização da cidade, mais do que isso, o incômodo provocado por essas mudanças, vistas em sua grande maioria de forma negativa, incompleta e por esse motivo traz a grosseria de uma concretude destoante e falha ao propósito que se coloca. Essa é uma característica marcante da pós-modernidade, a desvalorização do presente, mediante as incertezas que o futuro oferece, levando a uma sobrevalorização dos aspectos do passado, sempre fazendo uma avaliação positiva sobre ele e repulsiva sobre as mudanças sentidas no presente. Experimenta-se uma cidade com o tecido urbano difuso, marcado pela indiferença e isolamento individual. A cidade pós-moderna não se deixa ser lida com os parâmetros tradicionais do observado do passado, com dimensões fragmentadas, experiências socioespaciais generalizadas e automatizadas pelos ditames do novo viver citadino unificado por normatizações que não dão espaços para experiências individualizadas e sentimentais, que geram uma sensação de insegurança e incertezas nesses novos espaços e o retorno nostálgico às experiências do passado tornam-se reconfortantes diante da realidade dos centros urbanos.

Esse sentimento de perda não se limitava apenas aos costumes e a modificação da arquitetura da cidade, com a inserção de elementos da pós-modernidade. Mas estava ligado também a elementos da natureza que ora compunha a cidade e que também se encontrava em transformação, como o verde característico da cidade. “À medida que o progresso se instala, em um curso natural das cidades, a sociedade arcar com a contrapartida. Teresina já experimenta disso. A antes denominada ‘menina’ e ‘cidade verde’, hoje já não faz jus a tais títulos.” É a constatação feita pela jornalista Katiúscia Alves, que afirma que a cidade “perdeu o ar ‘pueril’ para se render ao crescimento, e, até o ‘verde que te quero verde’ já mudou de capital: foi para João Pessoa, na Paraíba, onde hoje há mais de sete quilômetros de floresta.”⁷⁴¹

O escritor e crítico literário Angel Rama, ao analisar o processo de formação das cidades latino-americanas, afirma que essas cidades são marcadas desde sua origem por uma existência dual: uma que corresponde à ordem física e outra à ordem dos signos, que tem sua atuação no nível simbólico. A primeira por ser materialidade é mais vulnerável e está constantemente “submetida aos vaivéns da construção e da destruição, da instauração e da renovação, e, sobretudo, aos impulsos da invenção circunstancial de indivíduos e grupos segundo seu

⁷⁴¹ ALVES, Katiúscia. Alargamento da avenida Frei Serafim causa polêmica. *O Dia*, Teresina, ano LV, n. 14.974, p. 09, 21 dez 2006.

momento e situação.”⁷⁴² Já a segunda, desfrutaria de uma certa inalterabilidade, era o que ela significava, portanto poderia existir antes mesmo de ser edificada, quando ainda não passava de uma projeção, imaginação de seus fundadores e construtores, os demais signos que iriam marcar o imaginário em torno dessa cidade ficariam por conta do transcurso do tempo histórico que se encarregaria de caracterizá-la com seus espaços, tipos populares, fatos cotidianos, constituindo uma configuração sensível dessa paisagem urbana.

As cidades modernas estariam fadadas à eterna modificação dos seus espaços, em uma busca contínua pelo novo, o atual, e sobrepunham-se uma sobre a outra, como a Nova York na descrição de Michel de Certeau, que, nas palavras do autor, era uma cidade que “nunca soube a arte de envelhecer curtindo todos os passados. Seu presente se inventa, de hora em hora, no ato de lançar o que adquiriu e de desafiar o futuro. Cidade feita de lugares paroxísticos em relevos monumentais”.⁷⁴³ Sofreria Teresina da mesma síndrome? Estaria condenada à busca de um eterno futuro, reinventando cotidianamente seu presente e por esse motivo não conseguiria apreender seu passado na história? Ou mais ainda, estava conectada ao futuro, sempre à procura de prognósticos, gerados por um horizonte de expectativas?

Mas, diferente de Nova York, uma metrópole moderna e cosmopolita, Teresina renovava-se, sem, contudo, experienciar uma modernização completa, plena, como colocou H. Dobal, a busca pelo “progresso” ajudava a descaracterizá-la. A cidade vivia de antagonismos, dos quais o passado e o presente digladiavam-se, o urbano e o rural eram obrigados a conviverem, nem sempre de forma harmônica. Nessa cidade de contrastes, os seus atores sociais estão inseridos, vivenciam o urbano e suas transformações, sejam elas intensas, rápidas, ou aquelas que mudaram mais lentamente. E os escritores, são esses leitores especializados da *urbe*, que, com seu olhar atento e preciso, traduzem em tinta e papel os diversos sentidos que se é dado a essas mudanças. Eles tomam a cidade como metáfora, para expressar seus sentimentos e experiências. Como nas “cidades invisíveis” de Ítalo Calvino, “o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo que se deve pensar, faz você repetir o discurso, e quando você acredita está visitando Tâmara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes”.⁷⁴⁴

⁷⁴² RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 32.

⁷⁴³ CERTEAU, 1994, p. 169.

⁷⁴⁴ CALVINO, 2008, p. 18.

Considerações Finais

Este trabalho teve como direcionamento central o processo de modernização e segregação urbanas que ocorreram no espaço urbano de Teresina nas décadas de 1990 a 2010. Partimos do pressuposto de que a capital do estado do Piauí sempre esteve envolta, ao longo de sua história, com um discurso progressista que a colocava como responsável direta pela busca pelo tão almejado desenvolvimento do Estado, voltado para o processo de modernização dos principais aparelhos urbanísticos da cidade. Desde o ato que resultou na própria fundação da cidade, em 1862, quando da transferência da isolada e atrasada Oieras para a nova capital Teresina, foi imputada a responsabilidade de alavancar o desenvolvimento econômico e social do estado por meio da construção da nova capital. Entretanto, a cidade sempre esbarrou em uma série de entraves ao seu projeto modernizador e o ideário de torná-la em uma referência de cidade moderna e desenvolvida.

Os primeiros sinais da impossibilidade de alcançar tal objetivo já era revelado nos primeiros anos após sua fundação. Os principais prédios públicos encontravam-se em péssimo estado de conservação em decorrência do frágil material de que foram construídos, da total inexistência de aparelhamentos urbanísticos e sanitários necessários a uma capital mesmo após mais de cinquenta anos de sua fundação. A presença de elementos como burros carregando água pelas ruas mal iluminadas e empoeiradas da capital eram responsáveis pelo péssimo aspecto que a cidade provocava nos visitantes e até mesmo para os próprios moradores da cidade. A capital apresentava a uma série de práticas urbanas ligadas ao mundo rural, como o hábito de fazer roça e a criação de animais em pleno perímetro urbano. Mas, nada era mais emblemática do que a presença desconcertante de casas de taipa cobertas de palha na composição da paisagem urbana de Teresina.

Fizemos um percurso histórico pelos inúmeros discursos e ações postas em práticas por seus administradores que estavam voltados para implementação de planos e estratégias de desenvolvimento do estado do Piauí e a consequente modernização de sua capital Teresina. Retrocedemos às décadas de 1950 e primeira metade de 1960, quando foram tomadas as primeiras medidas efetivas no sentido de retirar o estado da situação de atraso que se encontrava diante dos demais estados da federação, com a criação de órgãos como a Comissão de Desenvolvimento do Estado –CODESE, e a implantação de autarquias estaduais responsáveis pela criação de empresas de economia mista nas áreas de infraestrutura, saneamento e agroindústria.

Com a implantação do regime militar em 1964, há um redirecionamento na maneira de governar país. Mas, é na década de 1970, que os discursos em torno de desenvolver o estado do Piauí e, assim, poder proporcionar um processo de modernização para capital Teresina são adotados de uma maneira mais contundente, ao fazerem parte de um projeto nacional de integração e desenvolvimento do país por meio de intervenções direta nos estados e nas cidades consideradas estratégicas, como grandes centros urbanos e capitais. Planos e estratégias são adotados com o intuito de retirar o estado do Piauí da posição incômoda de atraso econômico em que se encontrava, gerando uma expectativa em torno de uma possível mudança. Uma série de reformas foram realizadas na cidade que mudaram a feição urbanística da capital, modernizando seu traçado por meio da remodelagem nos principais logradouros públicos como praças e avenidas, além de instalar ícones urbanísticos como a construção de um estádio de futebol. Entretanto, o que se observou não foi a chegada do progresso e sim da modernização provocada pela série de reformas implementadas de forma isolada. Esse também foi um período em que a cidade recebeu muitos migrantes, praticamente dobrando sua população a cada década, cresceu desproporcionalmente à oferta de empregos, arrastando essa leva de pessoas que não tinham renda suficiente a comporem alguns pontos de favelização na cidade.

Essa é uma característica comum nos processos de modernização de economias dependentes, como no Brasil, na qual, segundo colocou Marshal Berman, a modernidade não chega a ser alcançada em sua plenitude, ela é sentida mais como uma “fantasia” do que uma realidade de fato. As incongruências desse processo aparecem exatamente no processo de segregação urbana que acompanha os projetos de modernização das cidades. Em Teresina, não ocorreu de forma diferente, a modernização de alguns espaços da cidade não ocorreu para uso e benefícios de todos, pelo contrário, muitos projetos para serem postos em prática tinham por finalidade afastar os setores mais pobres da cidade para regiões periféricas. Essa situação apenas irá se agravar mais ainda nas décadas de 1980 e 1990.

Fizemos um diagnóstico da cidade de Teresina em meados da década de 1990, dando visibilidades aos mais variados problemas urbanos enfrentados pelos moradores da cidade. O que foi revelado foi uma cidade que cresceu de forma intensa e desordenada, durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, agravada ainda pelo aumento da pobreza de uma parte significativa de seus moradores. Os reflexos negativos desse processo eram visíveis no centro da capital, quando há um aumento de vendedores ambulantes, moradores de rua e de sem-teto ocupando os mais variados espaços públicos da cidade como praças, leito de ruas e pontes, prédios públicos e privados abandonados, entre outros espaços. Por outro lado, a cidade também estava imersa em uma série de problemas urbanos, típicos dos grandes centros, como violência,

aumento da criminalidade, poluição, problemas de mobilidade urbana e desemprego, vistos como os principais empecilhos para que a capital do estado se tornasse uma cidade desenvolvida.

Fizemos uma análise mais precisa do problema habitacional que assola a capital do estado. Identificamos que com o fim dos programas de grande envergadura voltados para habitação popular do governo federal no final da década de 1980, intensificou o problema habitacional em Teresina, e as intervenções tanto estaduais quanto municipais não foram suficientes para cobrir a demanda desse setor. Aliados a isso, observamos que a cidade apresentou alguns dados de melhoria da renda, porém, esta encontrava-se concentrada na mão de uma pequena parcela da população, que ao contrário das décadas anteriores teve seu crescimento populacional estagnado, porém, a leva de pessoas cada vez mais empobrecida na cidade gerou um fenômeno novo ainda não vivenciado na cidade: o processo intenso de ocupações de áreas urbanas de forma irregular. Esse veio a ser o maior desafio que as autoridades locais enfrentaram ao longo da década de 1990. Focalizamos nosso olhar para o caso específico da Vila Irmã Dulce e seu processo de criação e luta para inserção dessa população desprovida de acesso à habitação convencional no espaço urbano da cidade.

Nossa análise recaiu também ao novo modelo urbanístico que os administradores de Teresina tentaram adotar, seguindo os ditames de intervenções urbanísticas adotadas nas demais cidades globais. Essas intervenções estavam ligadas diretamente ao novo contexto mundial denominado por alguns estudiosos de pós-modernidade. Para Zygmunt Bauman, estaríamos vivendo uma nova fase do capitalismo, distante das estruturas pesadas e seguras da modernidade industrial, estaríamos vivendo uma modernidade líquida. Essa nova fase era marcada pela fluidez, pela volatilidade, pela mudança permanente.

Os centros urbanos não ficariam à parte dessas modificações, pelo contrário, estavam no centro delas. As cidades foram, historicamente, o lócus preferencial para implementação das ações humanas ditadas pelo pensamento vigente em cada época. A cidade moderna passou por inúmeras intervenções para sediar as indústrias e seus aparelhamentos, em uma busca desenfreada pelo progresso e pelo desenvolvimento ocorrida em uma escala mundial. Acreditava-se que com o conhecimento técnico as cidades seriam transformadas em espaços racionalizados e modernos. Mas, o que ocorreu de fato foi a geração de uma série de problemas, como a poluição do meio ambiente, intensificação de problemas urbanos, com moradias inadequadas, falta de mobilidade urbana, aumento da violência e etc., e uma conseqüente piora das condições gerais de vida de sua população dos centros urbanos.

Da mesma forma, as cidades na atualidade refletem as intervenções ditada pelas necessidades da nova fase em que estamos vivendo, a pós-industrial. Nessa nova fase, busca-se a resolutividade para os problemas criados nas cidades modernas, que ainda desafiam as administrações atuais, mas procuram outros caminhos para atingir seus objetivos. Se por um lado o processo de industrialização deixou um rastro de problemas ambientais como a poluição de mananciais hídricos e praticamente dizimou a flora local, os projetos de intervenção urbanísticos adotados nas cidades pós-modernas buscam recuperar essa relação homem com a natureza, ou pelo menos com alguns elementos dela. Áreas degradadas e poluídas passam por um processo de requalificação mediante a montagem de uma infraestrutura urbanística que vem atender a essa nova necessidade. O que vemos não é uma tentativa de recuperação dos aspectos ambientais *in natura*, mas trazer alguns desses elementos para vida urbana mediante a elaboração de projetos de intervenções que busque forjar a sensação de recuperação de uma vida mais integrada com os elementos da natureza, como áreas ribeirinhas e verdes.

Nesse sentido, os administradores das cidades pós-modernas passam a montar planos de intervenção urbanísticas que objetivavam atingir o que se convencionou denominar de “desenvolvimento sustentável”. Outro viés dessas intervenções estava mais ligado às questões socioculturais, mas que também não deixava de estar ligado aos novos tempos. Trata-se dos espaços projetados com a finalidade de revalorizar a cultura local, que evidenciasse traços de identidades de um povo que foi deixado de lado com o processo de modernização desses centros urbanos que tinham exatamente a finalidade de extinguir traços do passado que lhe ligassem ao tradicional, o antigo, o velho. Dessa forma, buscava-se identificar quais aspectos culturais uma determinada área possuía para ser ressaltado no processo de intervenção. Teresina por ter uma relação histórica com os rios e lagoas que circunscreviam a cidade, essa população ribeirinha e suas práticas tradicionais ligadas à pesca, à produção ceramista e às atividades de lazer, são evidenciadas nessas novas intervenções.

De modo que, as intervenções urbanísticas postas em prática em Teresina, seguiram esses ditames. Uma série de parques foram instalados na cidade com a finalidade de encravar na paisagem urbana locais mais aprazíveis, arborizados, dotados de infraestrutura, que possibilitasse a prática de atividades físicas aos seus frequentadores, mas que também servisse como valorização dos espaços urbanos em uma perspectiva do mercado imobiliário, voltado para uma venda mercadológica e turística. As classes mais abastadas buscaram instalar nas margens do rio Poti, área que estava passando por um intenso processo de verticalização e, portanto, de valorização urbana, uma vez que a orla do rio Parnaíba encontrava pontos de estagnação por fazer divisa com o estado do Maranhão na margem esquerda do rio, e o centro

histórico situar-se ao lado direito. A Zona norte da cidade foi foco dessas intervenções por tratar-se de uma área histórica, ligada à fundação da própria cidade, ribeirinha e de forte identidade local. Nessa área, foram criados parques ambientais, como o Encontro dos Rios, o Pólo Cerâmico do Poti, além da implementação do Programa Lagoas do Norte.

Áreas tradicionais de ocupação passavam por sérios problemas urbanos, como o Centro Histórico de Teresina. Nesse novo modelo de intervenções, a revitalização desses espaços da cidade estava no centro das decisões dos urbanistas e administradores. Acreditava-se que com a remodelagem de alguns aspectos urbanísticos do centro da cidade, em especial dos logradouros públicos, com a reforma de praças, ruas e avenidas, juntamente com o disciplinamento do uso e ocupação dos demais logradouros públicos o remanejamento dos vendedores ambulantes para um local específico, o Shopping da Cidade, essas áreas seriam revalorizadas também reassumindo a importância que tiveram no passado. O que se observou foi que isso não chegou a ocorrer de fato, mostrando que os espaços urbanos possuem uma dinâmica muito complexa, que apesar das intervenções terem trazido melhorias substanciais, sobretudo, no aspecto físico da cidade, elas não foram suficientes para trazer a vitalidade dessa área, aos moldes que era realizada no passado.

A cidade também enfrentava problemas de outra ordem, como a questão da infraestrutura e de mobilidade urbana. Essas também foram foco de intervenções urbanísticas, em especial com a abertura de novas pontes, e ampliação das vias das já existentes, sendo que esta era uma condição geográfica da cidade. A ponte Isidoro França (Ponte Estaiada) serviu a dois propósitos: o de melhorar o escoamento do tráfego e do de criar ícones na paisagem urbana, típica das intervenções pós-modernas, no sentido de oferecer mais um ponto turístico à cidade. Também, no quesito mobilidade urbana, temos ainda a abertura, a duplicação e a ampliação de vias de tráfego em pontos estratégicos da cidade, além da polêmica ampliação da linha de metrô na capital. Essa discussão acirrou os embates entre os defensores de uma modernização a todo custo na cidade e os defensores da manutenção e preservação urbanística histórica.

Esses projetos de requalificação e de revitalização de áreas urbanas acarretaram em um processo de gentrificação, com a construção de novas centralidades urbanas, que foram intensificadas e direcionadas com a implantação de novas praças comerciais, como os *shopping centers*, e novas maneiras de habitar a cidade, como os condomínios fechados. Essas novas maneiras de consumo e de apropriação dos espaços da cidade trouxeram mudanças consideráveis às formas de vivência e sociabilidades dos habitantes da cidade pós-moderna. Essa sociedade passa a ser mais individualista, marcada também pela progressiva indiferença com os demais membros da urbe. O sentimento de participação extremamente necessário na

questão da cidadania é compensado pelo consumo desses novos espaços, onde se procuram mais conforto, segurança e distinção social. Por outro lado, como vivemos em uma sociedade marcada pela segregação social, poucos tem acesso a essas novas formas de ocupação urbanísticas. Estes perderam duplamente, porque perderam os espaços públicos, locus fundamental para a participação coletiva, busca pelo bem estar comum e não tem acesso à cidade do consumo.

Essa nova forma de habitar e de consumir a cidade encontra também outros desafios. Um deles estava ligado diretamente ao processo de segregação urbana, buscava-se com a inserção desses novos aparelhamentos urbanísticos uma aproximação de Teresina com os demais centros urbanos globais, mas a presença de favelas convivendo lado a lado com os ícones desses novos tempos, como os shoppings centers e os condomínio fechados, davam a cidade um aspecto desagradável para os interessados em vender uma imagem de cidade pós-moderna antenas com os novos tempos. Outro problema estava relacionado com a sensação de insegurança e de medo que marcava profundamente a condição pós-moderna dos novos tempos. Para acessar, esses sentimentos contamos com um olhar diferenciado, os cronistas e pichadores que observavam a transformações que estavam ocorrendo à sua volta e traduziam-na em discursos diversos sobre esses novos tempos.

Observamos que as intervenções postas em prática em Teresina nestas duas décadas em análise estavam alinhadas às realizadas nos demais centros urbanos, que reservadas às suas proporcionalidades, foram responsáveis pela inserção da cidade nos parâmetros internacionais das cidades globais e por esse motivo passou a vivenciar problemas gerados por essa nova maneira de estar no espaço urbano típico da pós-modernidade. Esses problemas perpassam à questão da desigualdade social e muitos outros desafios que a atual sociedade passa ao aderir a essas novas formas de habitar a cidade. Vimos que a produção desses espaços não se dá sem embates, uma vez que é marcado por interesses diversos. Enquanto, os mais abastados buscam livrar-se da participação social, seja pelo isolamento e individualismo, por outro lado, temos os excluídos dos bens matérias do capital que buscam, ao seu modo, participar da cidade, seja pela reivindicação por moradia, por um transporte público de qualidade ou rebelando-se e deixando sua marca pelos muros da cidade.

Referências bibliográficas e fontes

ABREU, Irlane Gonçalves de. *O crescimento da zona leste de Teresina: um caso de segregação?* Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *Corpos de rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. Gentrificação In: *Enciclopédia de Antropologia*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Disponível em: < <http://ea.fflch.usp.br/>>. Acessado em 01/10/2020.

ALVES, Glória. Transformações e resistências nos centros urbanos. In: CARLOS, Ana Fani Alessandre. (org.). *Crise Urbana*. São Paulo: Contexto, 2015.

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Trad. Clóves Marques. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

ARANTES, Otilia. *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: Edusp, 1998.

ARGAN, Giulio Carlos. Urbanismo, espaço e ambiente. In: _____. *A história da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ARRAIS, Tadeu Alencar. *Seis modos de ver a cidade*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2017.

ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL 2013. Evolução do desenvolvimento humano dos municípios brasileiros. Fundação João Pinheiros – Instituto de Pesquisas Econômicas aplicadas, 2013. In: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/data/rawData/idhm-do-brasil.pdf>>. Acessado em: 13 de outubro de 2019.

ATTÍLIO, Lucas Assis. Trabalho e consumo no século XXI. In: *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*. Vitória da Conquista. vol. 15, n.25, ano 15, p.178-201.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMA, Zygmunt. *Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: _____. *Obras Escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. 3.
- BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BENEVIDES, Marinina Gruska. *Direito à cidade: administração pública, justiça social, consciência ecológica e desenvolvimento sustentável*. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BODY-GENDROT, Sofhie. *Globalização, medo e insegurança: os desafios de cidades dos hemisférios Norte e Sul*. São Paulo: Edusp, 2018.
- BORGES, Geraldo Almeida. *Província submersa: crônicas teresinenses (século XX), personagens, mitos e movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2011.
- BRANCO, Maria Isabel Vieira. As atuais intervenções urbanas e seus impactos na gestão da cidade de Paulínia (SP): o caso das megaobras. In: BORTOLOZZI, Arlêude (Org.). *Cidades reivindicadas: territórios das lutas urbanas, das utopias e do prazer*. São Paulo: Olho d'Água. 2011.
- BRASIL. Lei Federal 12.408 de 25 de maio de 2011. Constituição Federal do Brasil. Dispõe sobre as Leis de Crime Ambiental. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 26 maio 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/Lei/L12408.htm>.
- BURGOS, Marcelo Baumann. Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (org.). *Um século de favela*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CAMILO FILHO, José. Gayoso e Almendra - biografia. Teresina: EDUFPI, 2003.
- CAMPELO, Aci. *Theatro 4 de Setembro, 120 anos: história e imagens de um símbolo cultural*. Teresina: s/ed., 2015.
- CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônica*. Vol. 5. São Paulo: Ática, 2003

CAPRON, Guénola. *Quand la ville se firme: quartiers résidentiels sécuritisés*. Paris: Bréal, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP-SP, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessadri. A reprodução do espaço urbano como condição da acumulação: cotidiano, privação e insurgência. In: FERREIRA, Álvaro; RUA, João e MATTOS, Célia. (Org.). *O espaço e a metropolização: cotidiano e ação*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

CASTRO, Fabiana Rodrigues de Almeida. *Piauí: (des)emprego e mercado de trabalho (1990-2010)*. Teresina: EDUFIPI, 2016.

CASTRO, José Olímpio Leite de. *Wall Ferraz: a trajetória do mito*. Teresina: Gráfica Aliança, 2009.

CAUDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora EDUSP, 2000.

CERTEAU, Michel de. Práticas de espaços – Caminhadas pela cidade. In: _____. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Dielf, 2002.

CHAVES, Monsenhor. Teresina – subsídios para história do Piauí. In: *Obra Completa*. 2ª ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

_____. Como nasceu Teresina. In: *Obra Completa*. 2ª ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

COHEN, Yehoshua S. *Diffusion of an Innovation in an Urban System: The Spread of Planned Regional Shopping Centers in the United States 1949 -1968*. Chicago: The University of Chicago - Department of Geography. 1972.

COSTA, Ana Maria Nicolaci da. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade In: *Psicologia, ciência e profissão*. Brasília, v.24, n.1, 2004.

CRUZ, Luciana Maria da. Morfologias urbanas do medo: a materialização da (in)segurança em bairros nobres do Recife. In: SÁ, Alcino José de; _____. *“Medo urbano” e suas novas formas geográficas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOBAL, Hindemburgo. Grandeza e glória nos letrados de Teresina. In: *Prosa reunida*. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.

_____. Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina. In: *Prosa reunida*. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.

_____. Um homem particular. In: *Prosa reunida*. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FAÇANHA, Antônio Cardoso. *A Evolução Urbana de Teresina: Agentes, Processos e Formas Espaciais da Cidade*. 1998. 233f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

FAÇANHA, Antônio Cardoso. A evolução urbana de Teresina: passado, presente e ... In: *Carta CEPRO*. Teresina, v.22, n.01, jan/jun 2003. p. 59-69.

FAÇANHA, Antônio Cardoso. *Desmistificando a geografia: espaço, tempo e imagens*. Teresina: EDUFPI, 2004

FALCÃO, Luiz Felipe. Rugas e dobras: marcas do passado na cidade contemporânea. In NASCIMENTO, Francisco Alcides (org.). *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*. Teresina: EDUFPI, 2010.

FERNANDES, Ana. Consenso sobre a cidade? In: BRESCIANI, Maria Stella. (Org.) *As palavras da cidade*. Porto Alegre: 2001.

FERREIRA, Álvaro. RUA, João e MATTOS, Célia. (Org.). Apresentação In: *O espaço e a metropolização: cotidiano e ação*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

FERREIRA, Álvaro. Produção alienadora das cidades e sinais de insurgências. In: _____; RUA, João e MATTOS, Célia. (Org.). *O espaço e a metropolização: cotidiano e ação*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

FERREIRA, Álvaro. *A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço*. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. O progresso chega ao “Fim do Mundo”. In: *“Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”*: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo: HUCITEC, 1998.

FIRME, Denise Penna; SANTOS, Alexandre e BARATTA, Tereza Cristina. *Estudo de caso: projeto vila-bairro: Teresina-Piauí – versão condensada*. Rio de Janeiro: IBAM, 2002.

FONTENELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Tavares Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.

FORTES, Antônio Cezar Cruz. Medições do Nível de Desenvolvimento – PIB, IDH e IDF. In: *Carta CEPRO*. Teresina, v.22, n.01, jan/jun 2003. p. 23-36.

FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 16. ed. São Paulo: Global, 2006.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estatística e Informações. Déficit Habitacional no Brasil 2013: resultados preliminares. Belo Horizonte, 2015. In: < FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estatística e Informações. Déficit Habitacional no Brasil 2013: resultados preliminares. Belo Horizonte, 2015. Acessado em 16 de outubro de 2019.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony GIDDENS. A vida em uma sociedade Pós-Tradiciona. In: BECK, Ulrich.; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (orgs). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

GONÇALVES NETO, Vítor. *Fogo*. Teresina: Corisco, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. Agência de Desenvolvimento Habitacional do Estado do Piauí – Histórico. In: <<http://www.adh.pi.gov.br/historico.php>>. Acessado em: 15 de outubro de 2019.

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. Agência de Desenvolvimento Habitacional do Estado do Piauí – Notícias: Governo entrega últimas casas do Jacinta Andrade na segunda-feira. In: <<http://www.adh.pi.gov.br/noticia.php>>. Acessado em: 15 de outubro de 2019.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

IANNI, Otavio. *Estado e Planejamento na Economia do Brasil (1930-1970)*. Col. Retratos do Brasil, v. 83, São Paulo: Civilização Brasileira, 1971.

IBIAPINA, Fontes. *Palha de Arroz*. 5 ed. Teresina: Oficina da Palavra, 2007.

IGLÉSIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e Chapadões*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades – Teresina – Panorama – Território e Ambiente, 2010. In: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/teresina/panorama>> Acessado em 13 de outubro de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades – Teresina – Pesquisa – Frota de veículos, 2010, In: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/teresina/pesquisa/22/28120>>. Acessado em 31 de outubro de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, Censo Demográfico 2010, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -IBGE. Censo Demográfico de 2000. Déficit Habitacional no Brasil, 2000, 2001.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA.- IPEIA. CARVALHO, Sandro Sacchet de. O consumo das famílias no brasil entre 2000 e 2013: uma análise estrutural a

partir de dados do sistema de contas nacionais e da pesquisa de orçamentos familiares. 2209 – Texto para discussão. IPEIA: Brasília, 2016.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KOSELLEK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reinaldo Carmelo Correia de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno In: *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Antônia Jesuíta de. *As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina: Halley, 2003.

_____. *Favela COHEB: uma história de luta por habitação popular*. 2.ed. Teresina: EDUFPI; Recife: Bagaço, 2010.

LIMA, Luiz Romero. *Literatura Piauiense*. Teresina: Gráfica Ibiapina, 2000.

LIMA, Rosa Maria Cortês de. *A cidade autoconstruída*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografia: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; Luca, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 44 e 45.

LINS, Marleide. Viver Teresina. In: MARANHÃO, Salgado (Org.). *Teresina: um olhar poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Segregação urbana e espaço público: o caso de Florianópolis (SC) – 1960-2005. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. MONTE, Regianny Lima (Org.). *Cidade e Memória*. Teresina: EDUFPI, 2009.

MAIOLINO, Ana Lúcia Gonsalves. *Espaço urbano: conflitos e subjetividade*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Os Primórdios da Imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória) In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

MARTINS, Agenor de Sousa et al. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. Da cidade moderna à megalópole pós-moderna: novos lugares, novas práticas espaciais e textuais. In: *Olho d'água*. São José do Rio Preto, v. 3, p. 11-28, 2011.

MEDEIROS, Antônio José Medeiros. *Movimentos sociais e participação política*. Teresina: CEPAC, 1996.

MELO, João Manoel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lília Mortiz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MENDES, Luís. Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado. In: *Cad. Metrop.* São Paulo, v.13, p. 473-495, jul-dez 2011.

MENESES, Roberto. *Teresina vista do céu*. Teresina: Funcor, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica – FUNDEB – Apresentação. In: <<http://portal.mec.gov.br/fundeb>>. Acessado em 25 de setembro de 2019.

MONTE, Regianny Lima. *Teresina sob os anos de chumbo: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – UFPI, Teresina, 2007.

MONTE, Regianny Lima. *Vidas incertas: o processo de modernização e segregação urbana de Teresina na década de 1970*. Teresina: Instituto Federal do Piauí-Campus Teresina Zona Sul, 2017.

MORAES, Adolfo Martins de. Algumas singularidades do planejamento do estado do Piauí. In: *Carta CEPRO*, Teresina, Fundação CEPRO, v. 22, n. 01, jan/jun 2003.

MORAIS, Luciana Patrícia de. Cultura alimentar e patrimônio: ressignificações do cotidiano. In: BORGES, Maria Eliza Linhares. (Org.). *Campo e cidade na modernidade brasileira: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina 1937-1945*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, vol.27, n.53, jan-jun., 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Imprensa e imagens: a construção de representações do Piauí e de Teresina através de jornais diários da década de 1970. *CLIO – Revista de Pesquisa Histórica*. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, v.28, n.1, 2010.

[NASCIMENTO, Francisco Alcides do.](#) Teresina: modernização, pobreza e ressentimentos (1950-1970). In: Raimundo Nonato Lima. (org.). *As cidades de Clio: abordagens históricas sobre o urbano*. Teresina: EDUFPI, 2014, v. 01, p. 263-275.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidades das letras. In: MATOS, Izilda Santos de. et al. *Cidades: representações, experiências e memória*. São Paulo: Olho d'Água, 2017.

NETO, Adrião. *Literatura Piauiense Para Estudantes*. Teresina: “Edições Geração 70”, 2003.

NOGUEIRA Rochelle Hermenegilda Nunes; NASCIMENTO, Isabela de Araújo Nascimento e LOPES, Wilza Gomes Reis. *O surgimento e evolução dos condomínios horizontais em Teresina, Piauí*. Relatório de Pesquisa do Projeto de Iniciação Científica PIBIC-UFPI. PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG, Coordenadoria Geral de Pesquisa – CGP PDF.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, 1993.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *Imagens e mudança cultural em Goiânia*. (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

OLIVEIRA, Maria Cristina. *Política de Habitação Popular no Brasil: passado e presente*. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 2000.

PAULA, Caco de. Política Urbana In: LAMOUNIER, Bolívar e FIGUEREDO, Rubens. *A Era FHC: um balanço*. São Paulo: Cultura, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, campos e fontes: uma aventura da História. In: *História e História Cultural*. 2.ed. São Paulo: Autêntica, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*. vol. 27, n.53, jun.2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidades urbanas. *Revista Mosaico*, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun., 2008.

PIAUI, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 1972*. Teresina, 1972.

PIAUI, Governador 1971-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa em 1974*. Teresina, 1974.

PINTAUDI, Silvana Maria. Os Shopping-Centers brasileiros e o processo de valorização do espaço urbano. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 65, 1987.

PROENÇA FILHO, Domício. Teresina. In: MARANHÃO, Salgado (Org.). *Teresina: um olhar poético*. Teresina: Gráfica do Povo, 2009.

POCHMANN, Márcio. Políticas públicas e situação social na primeira década do século XXI. In: SADER, Emir (org.). *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.

POULET, George. *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

QUEIROZ, Teresinha. *Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: APeCH/UFPI, 1993.

OLIVEIRA, Francisco de. Ditadura Militar e Crescimento Econômico: a redundância autoritária In: *O Golpe e a Ditadura Militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Org. REIS, Daniel Aarão e et. al. Bauru: EDUSC, 2004.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, Joel da Silva. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Laécio Barros Dias e Regianny Lima Monte*. Teresina, dez. 2006.

ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.

RODRIGUES NETO, Edmundo Ximenes. *Governo municipal e movimentos sociais na gestão da moradia em Teresina: um exame das experiências das Vilas Alto da Ressurreição e Irmã Dulce*. 2005. 155f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Políticas Públicas do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

RUAS DO BRASIL. Lista de ruas Vila Irmã Dulce, Teresina. In: <https://ruas-brasil.openalfa.com/vila-irmã-dulce_teresina>. Acessado em 13 de outubro de 2019.

SÁ, Alcindo José de. Medo urbano: a difusão dos aparatos de segurança nas periferias da região metropolitana do Recife e os seus reflexos nas morfologias infra-urbanas. In: _____. e CRUZ, Luciana Maria da. *“Medo urbano” e suas novas formas geográficas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do Prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. Dissertação de Mestrado – UFPI. 2006. Teresina.

SANTOS, Cineas. *Teresina para amadores*. Teresina: Cidade Verde, 2015.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

SERPA, Ângelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Ângela Napoleão Braz. *Entre rios: a modernização e o crescimento urbano de Teresina (1889-1940)*. Tese – Doutorado em Arquitetura e Urbanismo: Universidade Federal da Bahia, 2011.

SILVA, Fernando Nunes da. Mobilidade urbana: os desafios do futuro. In: *Cadernos Metrópole*. São Paulo. Vol.15, n.30, 2010

SILVA, Guilhermina Castro e *et al.* Presença de condomínios horizontais e loteamentos fechados nas cidades contemporâneas: expansão e transformações do espaço urbano de Teresina, Piauí. *Geosul*, Florianópolis, vol. 30, n. 59, jan./jun. 2015. p. 167-187.

SILVA, John Wedson dos Santos. Pichando a cidade: juventude, resistência e cultura em Teresina-Piauí. Teresina: EDUFPI, 2017.

SILVA, Karina Viana da. *A Vila, o Padre e a Cidade: a Vila da Paz e suas histórias na luta por moradia (Teresina, 1986- 1990)*. 2019. 175f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

SILVA, Valério de Araújo; MACHADO, Cíntia Bartz. *Centro Administrativo do Piauí: relação do edifício moderno com a capital contemporânea*. Documento em PDF. Disponível em: <https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/073-1.pdf>. Acessado em 07 de janeiro de 2021.

SILVA FILHO, Elvino. Loteamento fechado e condomínio deitado. *Revista de Direito Imobiliário*. São Paulo: IRIB, n. 14, jul-dez. 1984.

TAVARES, Zózimo. *100 fatos do Piauí no século 20*. Teresina: Halley, 2000.

TEXEIRA, Francisco Tomaz. *Alberto Silva: mito e político – o que eu vi, ouvi e aprendi*. Teresina: Halley, 2010.

TERESINA. *II Plano Estrutural de Teresina - PET*. Prefeitura Municipal de Teresina, 1988.

TERESINA. *Censo das Vilas e Favelas - Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT – 1991*.

TERESINA. *Censo das Vilas e Favelas - Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT – 1996*.

TERESINA. *Censo das Vilas e Favelas - Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência Social/PMT – 1999*.

TERESINA. Prefeito Silvio Mendes. Acervo Digital. Disponível em: <http://200.23.153.37/acervodigital/autor/prefeito-silvio-mendes>. Acessado em 08 de janeiro de 2021.

TERESINA. *Projeto Vila-Bairro: cada ação vale a transformação / projeto multisetorial integrado – Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação de Teresina - SEMPLAN*. Teresina. 2001.

TERESINA. *Plano Estrutural de Teresina – Agenda 2015*. Teresina, 2002.

TERESINA. *Plano Diretor de Transporte e Mobilidade Urbana de Teresina*. Prefeitura Municipal de Teresina, 2008.

TERESINA. *Teresina Agenda 2015: a cidade que queremos. Diagnósticos e cenários – Diagnósticos e cenários: habitação*. Teresina, 2002. Disponível em <http://www.teresina.pi.gov.br/portalpmt/orgao/SEMPPLAN/doc/20080924-160-599-D.pdf> Acessado em 14 fev. 2017.

TERESINA. *Lei Complementar n. 3.561 – Parcelamento do solo urbano do Município de Teresina e dá outras providências*. Teresina, 20 de outubro de 2006.

TITO FILHO, Arimatéia. *Teresina Meu Amor*. Teresina: COMEPI, 1973.

VANIN, Fábio Scopel. *Direito e política urbana: gestão municipal para a sustentabilidade*. Caxias do Sul: EducS, 2015.

VATTIMO, Gianterésio. *O Fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

VIANA, Martha Rossielle Guerra; SOUSA, Moisés Pires de. A imagem da Avenida Frei Serafim. In: INSTITUTO CAMILO FILHO. *História da Arte e da Arquitetura no Piauí*. Teresina: Instituto Camilo Filho, 2005.

VIEIRA, Ângela Oliveira; FAÇANHA, Antônio Cardoso. Ocupação Vila Irmã Dulce: uma experiência na luta urbana de Teresina (PI). *XI Encontro Nacional da ANPEGE – a diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação*. Presidente Dutra, 2005. Acessado em 31 jan. 2017.

<<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/8/236.pdf>>

WILLIAMS, Reymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

Pesquisa hemerográfica:

Diários:

Jornal *O Dia* (1970-1979), (1990-2010)

Jornal *O Estado* (1970-1979)

Jornal *Diário do Povo* (1990-2010)

Semanários:

Jornal *Correio do Povo* (1975)

Jornal *A Hora* (1974)

APÊNDICE 1:

UNIDADES HABITACIONAIS CONSTRUÍDAS PELA COHAB-PI – 1966/1990

CONJUNTO	Nº DE UNIDADES	FONTE DE FINANCIAMENTO	ANO DE CONCLUSÃO
Tabuleta	118	BNH	1966
São Raimundo	49	BNH	1966
Primavera I	187	BNH	1966
Monte Castelo	302	BNH	1996
Parque Piauí	2294	BNH	1968
Cristo Rei	92	BNH	1975
São Pedro I	66	BNH	1976
Bela Vista I	912	BNH	1976
Stand de Tiro	40	BNH	1977
Ampliação do Parque Piauí	500	BNH	1977
União	80	BNH	1977
Dirceu Arcoverde I	3040	BNH	1977
Saci	2034	BNH	1979
Primavera II	100	BNH	1979
São Pedro II	109	BNH	1979
D. E. R.	70	BNH	1979
Itaperu	164	BNH	1980
Dirceu Arcoverde II	4254	BNH	1980
União II	100	BNH	1981
Bela Vista II	683	BNH	1981
João Emílio Falcão	996	BNH	1982
Cíntia Portela	176	BNH	1982
Promorar	4696	BNH	1982
Catarina	120	BNH	1983
Mocambinho	3031	BNH	1983
São Joaquim	824	BNH	1984
Boa Esperança I	150	BNH	1984
Mocambinho II	976	BNH	1984
Tancredo Neves	756	BNH	1985
Nazária	15	Sec. Agricultura	1985
Boa Esperança II	104	BNH	1985
Polícia Militar	85	BNH	1985
Novo Horizonte	300	BNH	1986
Mocambinho III	1132	BNH	1986
Renascença I	900	BNH	1986
Morada Nova I	984	BNH	1987
Renascença II - 1ª etapa	500	BNH	1988
Angelim II	264	BNH	1988
Renascença II – 2ª etapa	450	BNH	1989
Santa Fé	533	CEF	1989
Renascença II – 3ª etapa	500	BNH	1990
Morada Nova II	564	BNH	1990
Morada Nova III	624	BNH	1990
Total	34.594		

